This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

600093434T

COLLECÇÃO DE INÉDITOS

PUBLICADOS

PELA

Sociedade Propagadora

DOS

Conhecimentos Uteis.

2.°

REFLEXÕES

SOBRE

A

LINGUA PORTUGUEZA,

ESCRIPTAS

POR

FRANCISCO JOSÉ FREIRE,

PUBLICADAS COM ALGUMAS ANNOTAÇÕES

PELA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

PARTE PRIMEIRA.

Trata do valor das palavras e correcção da Grammatica

LISBOA.

Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.
Rua Nova do Carmo N.° 39—D.

1842.

303. e. 96.

PREFAÇÃO DA PRESENTE EDIÇÃO.

Entendimento e linguagem são dous irmãos gemeos, e gemeos unidos em um só corpo por orgãos communs, e por tal disposição, que a nutrição e vida de um alimenta sempre, e vivifica o outro; assim como as enfermidades de cada um delles passam logo, e se communicam a ambos.

A historia da civilisação de um povo não é mais do que a historia do seu progresso intellectual; e nesta historia é a da linguagem uma parte integrante, ou para melhor dizer, essencial.

Seguindo as differentes phases da cultura intellectual do povo portuguez, pode a sua lingua considerar-se como tendo já passado por tres idades bem distinctas. — A primeira comprehende desde a origem della, desde a primeira combinação de seus elementos, até formar um systema completo, unido, e distincto de outro qualquer, ainda que derivado da mesma raiz. Estende-se desde os tempos anteriores á fundação da monarchia até aos fins do seculo 15.º e pode chamar-se *idade ante-classica*. — A 2.ª comprehende o periodo em que o systema da linguagem começou a desbastar-se, e a pulir-se, até se tornar elegante, flexivel, e apta para todos os generos de escrever, isto é, para exprimir com propriedade e energia as mais delicadas concepções do entendimento. Corre desde os principios do 16.º seculo até ao primeiro quartel do 17.º E' a *idade Classica*. — A 3.ª abraça a epocha, em que a lingua degenerou daquella pureza e elegancia da idade anterior, ou por nella se admittirem sem dis-

cernimento vozes estranhas, ou por se applicar a exprimir pensamentos intrincados, mal definidos, e dedusidos contra as regras da recta rasão. — A estas tres idades poderão talvez os que depois de nós vierem accrescentar uma quarta, que não sei se diga deverão chamar *idade da restauração*, e cujos principios devem ser contados, quando muito, dos fins do seculo 18.º

A idade ante-classica apesar de mais antiga, ou talvez por isso mesmo, é de todas a menos estudada, e menos conhecida. Mui judiciosamente o advertiu um illustre erudito de nossos dias » quando escreveu (*). — « Reparo, e com toda a justiça, que » certos ensaios da nossa literatura passem por alto os seculos XII, » XIII, e XIV, e que satisfeitos de reduzirèm a poucas palavras toda a historia literaria daquelles tempos, saltem ao seculo XV, que se julga propriamente aquelle donde se lançaram » os fundamentos da nossa reputação literaria. Não obstante a » escacez de monumentos daquelles primeiros seculos da nossa » monarchia era conveniente que os exploradores da nossa antiga » literatura não se contentassem de ler Fr. Bernardo de Brito, « e Manuel de Faria e Sousa, mas que, adiantando-se um pouco mais, examinassem os codices daquella idade, onde por ventura achariam linguagem mais corrente, que a de Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara, e Fr. Bernardo de Alcobaça. » — Uma forte rasão porem, neste mesmo reparo apontada, desculpa o silencio dos nossos criticos ácerca de algumas epochas desta primeira idade. Os monumentos, porque ella se pode estudar e conhecer jazeram pela maior parte escondidos e ignorados, até que as recentes indagações historicas e philologicas os teem ido a pouco e pouco desenterrando do pó dos archivos, cartorios, e bibliotheeas. — Entre todos sobresahe o chamado *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, publicado em Paris á custa de Sir Carlos Stuart em 1823; e os *Ineditos de Alcobaça*, dados á luz em 1828 pelo illustre Auctor já citado, filho, e ornamento do mesmo mosteiro.

(*) O Dr. Fr. Fortunato de S. Boaventura. *Memoria sobre a Litteratura Hebraica entre os Portuguezes Catholicos*, no tom. 9.º das da Acad. R. das Sciencias de Lisboa. 1825.

A idade quinhentista, ou Classica é a mais conhecida; sobre ella se teem occupado todos os criticos da lingua, e a ella se referem as *Reflexões* contendas no presente volume.

Passado o primeiro quartel do seculo de seiscentos, começou entre nós a degenerar o bom gosto literario; e a naturalidade e madureza do estilo dos quinhentistas a serem substituidas pelos conceitos estudados, metaphoras atrevidas, e despropositadas antitheses, equivocos, e trocadilhos. — Ahi estão os discursos academicos, e evangelicos, as narrações historicas, as silvas, os romances, os labyrinthos, os acrosticos, e todos os escriptos, mórmente dos principios do seculo 18.º, que aonde quer que se abrirem darão manifestos documentos daquelle genero de escrever. — Já Jacintho Freire, e Vieira, Classicos puritanos na linguagem, se acham tocados da epidemia devastadora do bom gosto do estilo.

Quaes foram porem as causas da degeneração da pureza, e sobrio uso da linguagem entre nós? grave questão é esta; e tão grave, que nem pode ser tratada de passagem, nem para trata-la como merece, nos julgâmos preparados com bastante cabedal de sciencia. Só diremos que a linguagem degenerou á proporção que a philosophia foi saindo do trilho da rasão. Procurai as causas da introducção e predominio das arguicias escholasticas, e subtilezas peripateticas; e ahi achareis as de todos os vicios, que inquinaram a formosura da linguagem portugueza por tanto tempo, quanto foi o que durou aquelle vicioso methodo de discorrer. — Não curâmos de fallar dos males produzidos na pureza da lingua pela torrente de miseraveis traducções, com que algum tempo foi moda insultar a respeitavel memoria de Barros, de Sousa, e de Lucena. Esta moda ainda não passou de todo, mas com ajuda do Senhor vai-se limitando a alguns ignorados borradores de papel.

Mas tornando á degeneração, que poderemos dizer philosophica, da linguagem; é certo que quando o seculo 18.º se approximava ao meio de sua carreira, ou porque o exemplo de estranhos nos viesse despertar de nosso lethargo, ou porque o espirito humano de si mesmo cobra novos brios para levantar-se,

quando se sente abatido, começaram alguns zelosos da honra e prosperidade nacional a clamar contra tão intoleravel abuso do divino dom da palavra, que por natural consequencia reflectia os seus tristes resultados sobre o proprio pensamento. O *Verdadeiro Methodo de Estudar* foi o mais alto brado destes clamores; foi como o toque de rebate, ao qual acudiram dous bandos oppostos a travar de parte a parte uma bem renhida e diuturna batalha, que só se deu por acabada aos desapiedados golpes do Marquez do Pombal.

Nesta porfiosa batalha entrou com não pequeno contingente a favor da causa da reforma das letras, e plantação do bom gôsto, o nosso Francisco José Freire, mais conhecido pelo nome arcadico de Candido Lusitano. — De sua vida apenas sabemos o pouco que nos deixou em memoria o Abbade Barbosa na sua *Bibl. Lus.* Nasceu em Lisboa a 3 de Janeiro de 1719; estudou humanidades no Collegio de Santo Antão, e philosophia nos Padres Theatinos. Foi gentil-homem do primeiro Patriarcha D. Thomaz de Almeida, de cujo serviço passou para a Congregação do Oratorio de S. Philippe Neri no anno de 1751, e não no de 1752, como o Abbade Barbosa affirma, salvo se se refere ao anno da profissão, e não ao da entrada. Este pequeno erro nos é rectificado pelo preprio Freire no seu *Mundano enganado e desenganado*, quando declara que o escrevera no anno de 1751, sendo noviço na Congregação. Falleceu, se nos não falha a memoria, no anno de 1773.

Se é pouco o que de sua vida sabemos, muito é o que nos deixou escripto. Aos 20 annos de idade saíu a publico com a sua primeira obra. E' o poema latino *Plausus Tagi*, que apesar de não ter todo aquelle merecimento, que seus censores, ou antes panegyristas, apregoam, é com tudo documento de grande applicação, e progressos em tão curta idade. — Pouco depois (em 1741) publicou a *Vida do Padre Bartholomeu do Quental*, traduzida do latim; e no anno de 1742 deu á luz a primeira composição na lingua materna, *Elogio de D. Francisco Xavier Mascarenhas*, no qual logo mostrou quanto se afastava do estilo ôco, e retumbante de seus contemporaneos para outro mais fluente e natural. — Successivamente foi apparecendo com outros opusculos, como

adiante se pode ver no catalogo de seus escriptos; e entre elles fizeram grande bulha a *Carta Apologetica*, e o *Vieira Defendido*, nos quaes negava que fosse auctor da *Arte de Furtar* o Padre Antonio Vieira. Aqui defendeu elle uma boa causa, postoque nem sempre com mui solidas e convincentes rasões; e concluiu que a *Arte de Furtar* era obra posterior a Vieira, no que não podemos concordar, e antes a reputamos de mais antiga data. — Depois de varias poesias latinas, e elogios portuguezes publicou em 1745 a primeira sua obra didactica, o *Secretario Portuguez*, obra, que no seu genero ainda não perdeu a estima, que o publico lhe tem confirmado em successivas edições; honra não vulgarmente concedida a escriptos portuguezes.

A sua *Arte Poetica*, publicada em 1748, foi tambem a primeira que saíu na lingua materna. Ao *Verdadeiro Methodo de Estudar* confessa o Auctor dever o fervor e estudo, com que continuou na empresa desta composição, que já d'antes intentára, mas que por outros estudos abandonára. Daqui se colhe já que nesta *Arte* condemna os vicios, que então grassavam na literatura patria. — E' verdade que o auctor, com outros mestres do seu tempo, estava com toda a sinceridade de seu coração convencido que a escrupulosa observancia das regras classicas, que então se tratava de ressuscitar, era por si só bastante para formar poetas, oradores e escriptores de consummado gosto em todos os ramos das bellas letras, e que nas regras havia um condão capaz de suprir o proprio engenho. Hoje para qualquer principiante é doutrina corrente que as regras não criam o genio; mas ao mesmo tempo bom é não esquecer que com ellas se lhe podem corrigir os erros, e embargar o passo a seus extravios. — Sobre este thema continuem comtudo a disputar *Classicos e Romanticos*, se ainda entre elles continuam disputas; que nós tornâmos a nosso proposito.

Depois da publicação da sua *Arte Poetica* aproveitou o Auctor nova occasião para roborar suas doutrinas, traduzindo, e illustrando a de Horacio, que todavia só saíu á luz em 1784, annos depois do seu fallecimento. A este intento de melhorar os estudos das bellas letras se encaminhavam quasi todas as suas

composições; e d'entre as impressas são ainda dignas de especial menção o *Diccionario Poetico*, que saiu em 1765, e as *Reflexões sobre a Lingua Portugueza*, que agora saem pela primeira vez, e sobre cujo merecimento apenas traremos á lembrança que a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis não duvidou faze-las imprimir á sua custa, e na sua officina.

Quem correr o catalogo das outras obras, ainda ineditas, do Auctor das *Reflexões*, facilmente verá quanto nelle avultam as traducções em verso portuguez das obras dos poetas Classicos da antiguidade, assim gregos como latinos. — Na opinião de julgador competente (*) não são estas obras as que mais falta fazem á nossa literatura; porque ainda que natural e corrente, é seu estilo prosaico e diffuso. — O fim do auctor com tudo neste aspero trabalho das traducções dos poetas era facilitar o conhecimento delles, e melhorar com bons exemplos o estudo das bellas letras. Se no seu tempo gosou de maior fama, do que hoje julgamos que merece, sejamos-lhe apesar de tudo gratos por algum, e não pequeno serviço, que assim mesmo fez ás patrias letras com suas obras didacticas e criticas. — O seguinte catalogo de suas obras, o mais completo, que podémos ordenar, dá mui sobeja prova dos seus bons desejos, e incansavel actividade.

OBRAS IMPRESSAS.

Plausus Togi, quo Excellentissimorum, et Reverendissimorum D.D. Didaci de Almeyda Portugal, et D. Francisci de Almeyda Mascarenhas, Sanctæ Ecclesiæ Occidentalis Principum triumphum, et possessionem loci in ipsa Sancta Ecclesia celebravit, poeticè descriptus à Francisco Josepho Freire Ulyssiponensi. Ulyssipone occidentali. Excudebat Antonius Isidorus da Fonseca, Ducis Cadavalensis typographus. Anno Domini 1729. Superiorum permissu. — 38 pag. em 4.º

Consta de 712 versos heroicos.

(*) O Sr. A. F. de Castilho no *Prologo* da sua traducção das *Methamorphoses de Ovidio*, a pag. XXVI.

Vida do Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, Fundador da Congregação do Oratorio nos reinos de Portugal, escrita na lingua latina pelo P. Joseph Catalano, e exposta no idioma portuguez. — Lisboa, por Antonio Isidoro da Fonseca. 1741. 8.º

Epigrammatum Centuria. — Ulyssipone, Apud Antonium Isidorum da Fonseca. 1742. 8.º

Elogio de D. Francisco Xavier Mascarenhas, Cavalheiro Professo da Ordem de Christo, Coronel, que foy de hum dos Regimentos de Marinha, e Commandante da Esquadra, que em o anno de 1740 foi para o Estado da India, com patente de Sargento Mór de Batalha. Escrito e dedicado á Ill.ma e Ex.ma Sr.a Condeça de S. Tiago por Francisco José Freire. Lisboa. Na officina de Antonio Isidoro da Fonseca. 1742. 4.º de 126 pag.

Relação verdadeira do formidavel terremoto, que padeceo a Cidade de Lisboa em 16 de Janeiro de 1742. Lisboa, por Antonio Isidoro da Fonseca. 1742. 4.º
Saíu com o nome de Fernando José Freire.

Augustissimæ Dominæ D.D. Mariæ Theresiæ Wolburg, Hungariæ, et Bohemiæ Reginæ, Piæ, Felicis, Invictæ, vera Effigies celebratur. Ulyssipone, Typis Antonii Isidori à Fonseca. 1743. 4.º
Consta de trinta Epigrammas.

Carta Apologetica, em que se mostra que não é Author do Livro intitulado *Arte de Furtar* o insigne P. Antonio Vieyra, da Companhia de Jesus, escrita por huma zeloso da illustre memoria deste grande escritor. Lisboa, na Regia Officina Sylviana. 1744. 4.º 25 pag.
Saíu anonyma.

Contra esta *Carta Apologetica* se publicou:

Dissertação Apologetica e Dialogistica, que mostra ser o Author do Livro *Arte de Furtar* digno desvelo do engenho illustre do P. Antonio Vieyra, em resposta de huma *Carta* escrita por hum ignorado zeloso da memoria do dito Padre. Offerecida ao Illmo Sr. D. Rodrigo de Noronha: composta aquella entre dous curiosos genios, residentes ambos na Corte de Madrid. Lisboa. Na nova Officina Sylviana. 1746 [e não 1747, como diz Barbosa]. 4.º 26 pag.

Tambem saíu anonyma, mas é obra do P. Fr. Francisco Xavier dos Serafins Pitarra, Religioso Franciscano de Xabregas. Defendeu mal uma má causa, começando pela infelicidade de commetter erros grammaticaes logo no titulo da obra.

Contra ella redarguiu Freire com o

Vieira defendido, Dialogo Apologetico, em que se mostra que não he o verdadeiro Author do Livro intitulado *Arte de Furtar* o P. Antonio Vieyra, da Companhia de Jesus; respondendo-se ás razões de huma nova *Dissertação*, em que impugnando os fundamentos da *Carta Apologetica*, se pertende mostrar, que a dita *Arte* he obra do mesmo Padre: escrito por hum zeloso da memoria illustre deste insigne Escritor, e offerecido ao Senhor Joseph Felix Rebello, Fidalgo da Caza de Sua Magestade, Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Escrivão do Conselho da Fazenda, &c., por Francisco Luiz Ameno. Lisboa. Na Regia Officina Sylviana. 1746. 4.º 67 paginas.

Tambem anonymo. — Por não ser aqui logar proprio, reservamos para outro tratar novamente esta questão, curiosa na litteratura portugueza; e fundados assim em boa auctoridade, como na critica da obra, mostrar que a *Arte de Furtar* se póde com segurança attribuir ao celebre jurisconsulto Thomé Pinheiro da Veiga.

Elogio Latino de estylo lapidar, com *dous Epigrammas*, em applauso do P. Mestre Fr. João de Nossa Senhora, Religioso Menor da Provincia dos Algarves, e seu Chronista. Fol. Não tem anno da impressão.

In laudem Domini Joannis Rodrigues Chaves, Sacrorum Annalium Chronologicorum volumen primum in lucem edentis Elegia.
Consta de 60 distichos.

Excellentissimus, ac Reverendissimus D.D. Josephus Dantas Barboza, Archiepiscopus Lacedæmoniensis, Eminentissimi D.D. Thomæ Cardinalis Patriarchæ Coadjutor in Sacrosancta Basilica Patriarchali consecratur Epigramma.
Consta de 6 distichos.

Eminentissimo, ac Reverendissimo Principi D.D. Jacobo ex Comitibus Oddi, et Lusitaniæ Regnis, ac dominiis Legato Apostolico, nunc sacro Purpuratorum Patrum numero adscripto, Epigramma.
Consta de 5 distichos.

Traducção Latina, que consta de 7 Distichos, do Soneto composto pelo Dezembargador Luiz Borges de Carvalho, á morte do Excellentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, que principia

O' dura pedra, ó Conde da Ericeira.

Saíu esta traducção no *Obsequio Funebre*, e particular á saudosa memoria do dito Conde. Lisboa, por José da Sylva da Natividade. 1744. 4.º

Elogio de Joze de Souza, Academico Anonymo de Lisboa. Lisboa, por Antonio Isidoro da Fonseca. 1745. 4.º

Elogio do M. R. P. Mestre Fr. Caetano de S. José, Carmelita Descalço. Lisboa. Na Regia Officina Sylviana. 1746. 4.º

Elogio do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Francisco de Almeyda Mascarenhas, Principal da Santa Igreja de Lisboa. Lisboa, por Ignacio Rodrigues. 1746. 4.º

Este *Elogio* foi traduzido em castelhano, e saíu em Madrid 1746. 4.º

Segundo Elogio na morte do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Francisco de Almeyda &c. Lisboa. Na Officina Sylviana. 1746. 4.º

É lapidar.

O Secretario Portuguez compendiosamente instruido no modo de escrever Cartas por meyo de huma instrucção preliminar, regras de Secretaria, formulario de tratamentos, e hum grande numero de Cartas com todas as especies, que tem mais uso. Lisboa, por Antonio Isidoro da Fonseca. 1746. 4.º — 1759, 1786, 1801 &c.

Illustrissimo et Excellentissimo Domino Duci de Soto mayor ab Augustissimo Hispaniarum Rege Ferdinando VI ad Augustissimum Portugaliæ Regem Joannem Vlegato extraordinario misso plaudit Lysia.

É um poema de 70 distichos. Não tem logar da impressão, mas saíu no anno de 1747. 4.º

Methodo breve e facil para estudar a Historia Portugueza, formada em humas Taboas Chronologicas Historicas dos Reis, Rainhas, e Principes de Portugal, filhos illegitimos, Duques, Duquezas de Bragança, e seus filhos. Lisboa, por Francisco Luiz Ameno. 1748. 4.º

Arte poetica, ou regras da verdadeira poesia em geral, e de todas as suas especies principaes, tratadas com juizo critico.

— Lisboa, por Francisco Luiz Ameno. 1748. 4.º — e 1758. É a primeira que saíu em portuguez.

Elogio do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Francisco Paulo de Portugal e Castro, segundo Marquez de Valença, Mordomo mór da Rainha N. S. Lisboa, por Francisco Luiz Ameno. 1749. 4.º

Illustração Critica a huma Carta, que hum Fidalgo de Hespanha escreveo a outro de Lisboa ácerca de certos Elogios Lapidares. Trata-se tambem em summa do livro intitulado *Verdadeiro Methodo de estudar*, e largamente sobre o bom gosto na eloquencia. Lisboa. Na Officina de Miguel Rodrigues. 1751. 4.º de 80 pag.

Vida do Infante D. Henrique. — Lisboa, na Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno. 1758. 4.º grande.

Maximas sobre a Arte Oratoria. — Lisboa 1759. 8.º

Athalia, Tragedia de Monsieur Racine, traduzida, illustrada, e offerecida á Serenissima Senhora D. Marianna, Infanta de Portugal, por Candido Lusitano. — Lisboa, na Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno. 1762. 8.º
Mencionada na *Bibl. Lusit.*, ainda inedita.

Diccionario Poetico. — Lisboa. Na Officina de Ameno. 1765. 2 vol. 8.º

Arte Poetica de Quinto Horacio Flacco em huma Epistola aos Pisões, traduzida por Candido Lusitano. — Lisboa. 1784. 4.º

Reflexões sobre a Lingua Portugueza.

É o presente volume, cujo original existe na Bibliotheca Publica Eborense, e é o codice $\frac{\text{CXIII}}{2-1}$

OBRAS INEDITAS.

Lucio Papirio — Opera, traduzida do italiano. Representada no anno de 1737.
Mencionada na *Bibliotheca Lusitana*.

De Bem para Melhor. = Comedia traduzida do italiano. Representada no dito anno de 1737.
Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Scandenberg. — Opera igualmente traduzida, e representada no dito anno.
Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Lyra Pastoritia. — Eclogæ sex. — 8.º
Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Lucubrationes poeticæ, sive Poemata, et Elegiæ Sacræ et prophanæ. 4.º
Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Theatro Genealogico da Illustrissima Caza de Almeida — É uma Arvore genealogica de nonos avós do Conde de Lavradio D. Antonio de Almeyda. Fol. grande.
Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Memorias Historicas de Lisboa, nas quaes se escrevem os Elogios dos Reys, Princepes, e Cardeaes, Arcebispos, Bispos, Varões Doutos, Capitães illustres, que nacerão nesta Cidade.
Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Reflexões ao Psalmo = *Miserere mei Deus* = traduzidas do italiano em portuguez. 8.º
Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Homilias do Papa Clemente XI., traduzidas de latim em portuguez. 5.º

Mencionadas na *Bibl. Lusit.*, que declara estarem promptas para a impressão.

Excellentissimo, ac Reverendissimo D.D. Caetano Ursino de Cavalleriis, Archiepiscopo Tarsensi, et in Lusitanicis Regnis Nuntio Apostolico, Poema Panegyricum.

Consta de 700 versos heroicos.

Começa — Ille ego, qui Pindi nunquam penetrare recessus
Ausus &c.

Acaba — Semper honore meo, semper celebrare cantu.

Mencionado na *Bibl. Lusit.*

Panegyrico das gloriosas acções da Vida do Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarcha 1.º de Lisboa. 4.º

Mencionado na *Bibl. Lusit.*, que declara conservar-se na Livraria do mesmo Patriarcha.

Reflexões sobre a Poesia Bucolica e Satyrica. 2 tom. 8.º grande.

Mencionada na *Bibl. Lusit.*

Maximas sobre a Eloquencia Oratoria, extrahidas das Obras dos antigos Rhetoricos, e largamente illustradas. 4.º grande.

Mencionada na *Bibl. Lusit.*; e provavelmente é a mesma obra, que se imprimiu com o titulo de *Maximas sobre a Arte Oratoria*.

Discursos Poeticos, em que illustro alguns lugares da minha Arte Poetica. 4.º grande.

Mencionada na *Bibl. Lusit.* — Será o mesmo que as *Cartas Poeticas?*

A Eloquencia Christã, composta em francez pelo Padre Gisbert, da Companhia de Jesus. 4.º grande.

Mencionada na *Bibl. Lusit.*, e parece ser differente da que adiante vai com o mesmo titulo.

Bom Gosto Litterario, dirigido á Mocidade Portugueza no estudo das Sciencias e Artes. 4.º grande.

Mencionada na *Bibl. Lusit.*

O Mundano enganado e desenganado. Obra de Candido Lusitano. Escrita no seu Noviciado em a Congregação do Oratorio de Lisboa. 1751. 2 Tomos 4.º — 173 — 161 folhas.

Mencionado na *Bibl. Lusit.*; e o original se conserva na Bibl. Publ. Ebor. Codices $\frac{\text{CXIII}}{1-11}$ d., e $\frac{\text{CXIII}}{1-12}$ d.

Edipo, — Tragedia de Sophocles. Exposta na lingua portugueza por Candido Lusitano. 1760.

Com. — Oh Thebanos, oh meus queridos Filhos,
Recente geração do antigo Cadmo. —
Ac. — Da carreira da vida á meta extrema. —

Edipo, — Tragedia de Seneca. Traduzida por Candido Lusitano. 1769.

Com. — Afugentada a noute, o dubio dia
Já torna, e triste nasce envolto em nuvens. —
Ac. — Outras guias não quer minha cegueira. —

Estas duas Tragedias estão juntas em um volume de 4.º, de 108 folhas, — original da letra do A. — É o Cod. $\frac{\text{CXIII}}{1-1}$ d. na Biblioth. Publ. Ebor.

Medea. Tragedia de Euripedes. Exposta na Lingua portugueza, por Candido Lusitano. 1769.

Com. — Provera ao Ceo, que de Argo a Náo famosa
As Sympleyadas ondas Cyaneas —

Ac. — Mas ás cousas, que nós não esperamos,
Dão fim estranho nesta Acção o vemos. —

Medea. Tragedia de Seneca. Traduzida por Candido Lusitano. 1769.

Com. — A vós Deozes nupciaes, a ti, Lucina,
Deidade tutellar do Sacro Leito. —
Ac. — Vay, e por essa etherea redondeza
Mostra bem claro em ti, que não ha Deozes. —

Andam tambem juntas em um só volume: 4.º de 96 folhas. — Original. — Cod. $\frac{\text{CXIII}}{1-2}$ d. na mesma Bibl.

Hecuba, e Phenicias. Tragedias de Euripedes. Parafraseadas por Candido Lusitano.

A *Hecuba* começa:

— Dos Manes os horrificos lugares,
E o reino, onde afastado dos celestes —
Ac. — De asperos Senhores;
Que duro he servir! —

A *Phenicias* começa:

— O' Sol que por estradas luminosas
Rapido corres entre bellos Astros —
Ac. — Minha vida acompanha
Com honra e gloria. —

Ambas em um Volume. 4.º — Original. — Cod. $\frac{\text{CXIII}}{1-3}$ d. na mesma Bibl.

Hercules Furioso, e Iphigenia em Aulides. Tragedias de Euripedes, parafraseadas por Candido Lusitano.

A *Hercules* começa:

— Que mortal ha, que Amphitriam Argivo
Filho de Alceo, a quem Perseo gerou —

Ac. — Mas por nós, que perdemos taes Amigos
Os mais fieis, valentes, generosos. —

A *Iphigenia* começa:
— Velho, vem cá depressa —
Ac. — Ostentando preciosos
Teneros despojos. —

Ambas em um volume. 4.º Original. Cod. $\frac{\text{CXIII}}{1-4}$ d. na mesma Bibl.

Merope. Tragedia do Marquez Scipião Maffei, exposta na lingua portugueza por Candido Lusitano. 1751.

Traz no principio um — Discurso sobre a presente Tragedia, dirigido ao Ill.mo Sr. Duarte de Sousa Coutinho, Cavaleiro da insigne Ordem Militar de Malta. — Datado de Lisboa 1(de Dezembro de 1751.

Com. — Merope, do teu peito em fim expulsa
Essa tão longa dor, odio, e suspeita. —

Tem illustrações do traductor. — 1 vol. fol. Original retocado por letra do traductor. — Cod. $\frac{\text{CXIII}}{2-5}$ na mesma Bibl. — Desta obra faz menção a *Bibl. Lusit.*

Iphigenia em Tauris. Tragedia de Euripedes, traduzida em portuguez.

Está incompleta. Original — Cod. $\frac{\text{CXIII}}{2-10}$ na dita Bibl.

As Transformações de Publio Ovidio Nasam. Traduzidas pó Candido Lusitano. 1770 e 1771. 4 vol. em 4.º Originaes.

Com. — Em novos corpos as mudadas formas
Cantar desejo: vós, ó Divindades —

O traductor intentava accrescentar *illustrações*, que nã

chegou a compôr. São os Codd. $\frac{\text{CXIII}}{1-5}$ d. até $\frac{\text{CXIII}}{1-8}$ d. na mesma Bibl.

Cartas de Publio Ovidio Nasam, escritas do Ponto Euxino. Traduzidas por Candido Lusitano. 1 vol. 4.º Original.

Com. — Nasam, que já não he da cruel Tomos
Recente habitador te envia, ó Bruto —

Cod. $\frac{\text{CXIII}}{1-9}$ d. na mesma Bibl.

Elegias Tristes de Publio Ovidio Nasam. Em cinco Livros. Traduzidas, e criticamente illustradas por Candido Lusitano. 1769. 1 vol. fol. grande. Original.

Com. — Livro [não to embaraço] hirás a Roma,
Roma, ay de mim, que ao teu senhor se veda —

Cod. $\frac{\text{CXIII}}{2-2}$ d. na mesma Bibl.

Satyras, e Epistolas de Q. Horacio Flacco. Traduzidas, e illustradas por Candido Lusitano. 1765. 1 vol. fol. gr. Orig.

Com. — Donde virá, Mecenas, que contente
Ninguem vive do estado que professa —

Cod. $\frac{\text{CXIII}}{2-3}$ na mesma Bibl.

Eneida de Virgilio, traduzida em portuguez por Candido Lusit.

Desta obra faz menção Bento José de Sousa Farinha no *Summario da Bibl. Lusit.*, e existe autographa na Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa, como declara o Secretario José Maria Dantas Pereira no *Discurso* do 1.º de Julho de 1824.

Paraphrases de Candido Lusitano sobre alguns Canticos e Sal-

Vida da B. Juliana Corneliense. Por Francisco José Freire.

Com. — Para gloria da Santidade, e estimulo á imitação, daremos a ler em succinta escriptura a vida da B. Juliana Corneliense. —

1 vol. fol. Borrão original. Cod. $\frac{\text{CXIII}}{2-6}$ na mesma Bibl.

J. H. da Cunha Rivara.

N. B. O Sr. Rivara, por sua erudição bem conhecido, auctor do presente prologo e de mui preciosas bases para as notas, (por exemplo, a breve dissertação sobre o que devemos entender por AA. classicos) teve a bondade de vigiar pela exacção da copia do Ms. — Tambem é de justiça mencionar neste logar que ao zelo pela litteratura patria, de que é animado o Sr. Alves do Rio Junior, somos devedores (quando serviu de Administrador Geral do Districto d'Evora) da permissão para sahir á luz o presente inedito.

Os EE.

INTRODUCÇÃO

AO

ESCRIPTOR PRINCIPIANTE.

Muito ha que para o nosso particular uso escrevemos as presentes *Reflexões*, extrahindo a doutrina dellas da lição de todos os Auctores que geralmente são tidos por Classicos na Lingua Portugueza. Nunca tivemos animo de dar a público este trabalho; porém estimulado do mesmo zelo, com que temos publicado algumas obras; só em obsequio da Mocidade Portugueza, mudámos de opinião, persuadindo-nos de que este livro lhe dará não leve soccorro para escrever com propriedade, e pureza, visto não haver até aqui em Portuguez um unico tratado, que instrua theoricamente aos Escriptores principiantes a usarem da nossa linguagem com a correcção, e energia que lhe é devida.

A ordem, que seguiremos, será dividir estas *Reflexões* em tres partes: na primeira trataremos de diversos pontos pertencentes ao valor das palavras, e á correcção da Grammatica; na segunda discorreremos em materias tocantes á Pronunciação; na terceira trataremos da nossa linguagem antiga, e illustraremos com mais copiosa doutrina muitas das Reflexões das duas partes antecedentes; satisfazendo assim a uns reparos, que nos fizeram depois de composta a primeira e segunda parte.

Começaremos esta obra dando uma breve idéa dos Auctores, que são mais, ou menos Classicos na nossa linguagem, e depois de estabelecermos a sua auctoridade, passaremos a mostrar que esta não é tão forte,

que o uso constante, e prudente a não abata ; para o que daremos a ler um catalogo de vozes antiquadas desde João de Barros até o P. Antonio Vieira, não obstante terem a seu favor não só a estes, mas a muitos Mestres insignes.

Depois produziremos outros muitos *vocabulos*, dos quaes usando frequentemente o commum dos Escriptores, não lhes podémos atéqui descubrir exemplos seguros, que satisfaçam á critica rigorosa. Por esta occasião, para mostrarmos o como os criticos firmam muitas vezes os pés com pouca segurança, defenderemos com exemplos de boa nota a outras muitas *Vozes*, que os rigoristas da lingua não tem por legitimas Portuguezas.

Passaremos a dar outro Catalogo de palavras, tiradas das linguas, Latina, Italiana, e Franceza, e introduzidas na nossa por Escriptores de inferior nota ; por cuja razão não deverá usar dellas quem quizer escrever com propriedade, e pureza, e só se lhe concederá licença, quando por falta de vozes naturaes, e decentes, não se poder explicar com precisão, clareza, e energia.

Proseguiremos discorrendo sobre a nossa *Syntaxe figurada*, e suas liberdades, que lhe augmentam a graça, e elegancia contra o parecer dos ignorantes. Por ultimo recommendaremos como precisissima circumstancia a propriedade, e pureza na *locução* ; para o que apontaremos alguns exemplos de Vieira, que provem claramente esta propriedade, e pureza ; e remataremos com um Vocabulario, que mostre a rigorosa significação de muitos termos, que erradamente se tem por Synonymos.

Na segunda parte, todo nos occuparemos só no que pertence á *Pronunciação*. Mostraremos o quanto esta corre viciada em alguns Nomes com o ignorante uso do povo. Passaremos depois a reflectir sobre diversos termos

que ou só tem singular, ou plural, para que o Escriptor pouco culto não commetta o erro vulgar de dar aos ditos Nomes o número, que elles não tem. Esta Reflexão chamará por outra, em que tambem mostraremos o Genero verdadeiro, a que pertencem diversas vozes, que em varios livros se acham, já masculinas, já femininas. Discorreremos igualmente sobre a genuina terminação de alguns *Superlativos*, que não seguem a regra commum de acabarem em *issimo*; e fallaremos tambem sobre a pura pronunciação, e uso de alguns *Adverbios*, e *Interjeições*, em que se commettem bastantes erros.

Não nos esqueceremos de fallar dos *Diminutivos*, cuja pronunciação corre frequentemente viciada, e tambem de alguns *Participios*, que a cada passo pronunciam com erro até aquelles, que presumem não ser povo. Igualmente nos lembraremos de apontar a legitima pronunciação de diversas palavras, e os Nomes proprios, a que muitos erradamente dão a penultima syllaba já breve, já longa, ou lhes alteram as lettras, resultando desta mistura um modo de fallar vicioso.

Reflectiremos, como materia muito importante, sobre os erros, que se commettem na *Conjugação* de diversos verbos, fazendo-se anomalos, ou defectivos. Trataremos por ultimo das Figuras pertencentes á Dicção, para satisfazermos a alguns reparos, que nos farão sobre a Reflexão antecedente, tocante á conjugação dos Verbos. Remataremos esta segunda parte com um longo Vocabulario de palavras, em cuja pronunciação verdadeira não acertarão muitos Escriptores, nem ainda hoje acerta grande parte daquelles que não querem ser contados no número do vulgo ignorante. A terceira parte servirá [como já dissemos] de commentario ás duas.

Bem estamos persuadidos que não desempenhare-

mos o assumpto; porém sempre a nossa ousadia servirá de despertar engenhos com mais forças para este peso, dando á Mocidade Portugueza reflexões mais judiciosas, e eruditas em um argumento tão importante, qual é o de fallar e escrever com propriedade, pureza, e correcção. Entretanto tu, Leitor:

Da veniam scriptis, quorum non gloria nobis,
Caussa, sed utilitas, officiumque fuit.

REFLEXÕES

SOBRE

A

LINGUA PORTUGUEZA.

REFLEXÃO 1.ª

Sobre a auctoridade dos Auctores Classicos da Lingua Portugueza.

E' doutrina certa entre os antigos Grammaticos, e Rhetoricos, assim Gregos, como Latinos, que a principalissima qualidade, que deve ter qualquer Escriptor, é a pureza da linguagem, em que escreve. Sem propriedade no fallar perde muito qualquer obra litteraria daquelle solido merecimento que depende não do juizo do povo ignorante, mas da sentença da critica judiciosa. Esta propriedade consiste em usar daquelles vocabulos, daquellas frases, e idiotismos, que constituem o distinctivo, e indole legitima do idioma, em que se escreve. Para se conseguir esta necessaria perfeição não ha senão seguir os vestigios dos Auctores Classicos, que tem cada uma das linguas cultas.

Muitos ha, que ou ignorando, ou despresando a grande auctoridade destes textos, não reconhecem ou-

tro mestre, senão ao uso corrente. Não se póde negar que em pontos de propriedade, e pureza de linguagem é o uso um arbitro soberano nos idiomas vivos, porque sem elle se contaminaria o fallar puro e correcto com vozes já fastidiosas, e decrepitas. Mas que uso é este, ao qual se deve cegamente obedecer? Não é o que reina no vulgo ignorante, nem ainda o que favorecem os homens lettrados, pouco escrupulosos das propriedades da sua lingua; é só o que floreceu, e florece entre aquelles, que mais se distinguiram na pureza do fallar proprio, genuino, e natural de sua nação.

Assim como não se deve aprender de todos os homens o verdadeiro modo de viver, porque delles se contrahiriam costumes, parte vís, e parte viciosos, mas só daquelles, que são mais perfeitos, e distinctos no juizo, na probidade da vida, e na pratica do mundo; assim igualmente no fallar não se deve seguir o uso do povo idiota, inimigo declarado das linguas mais cultas, mas só o daquelles, que á força de observação, e de estudo fallaram sempre com escrupulosa propriedade, e pureza.

Contrahindo esta geral doutrina, que todas as nações polidas cultivam, e fomentam, digo a respeito da Linguagem Portugueza que infallivelmente vão errados todos os que não caminham pelos vestigios daquelles Auctores, que pelo seu justissimo merecimento logram entre os sabios o titulo de *Classicos*. A experiencia assaz mostra todos os dias a verdade desta proposição, ouvindo-se, e lendo-se livros de Portuguez tão barbaro, que são o alvo do despreso, ou da indignação dos criticos zelosos. Mostremos pois ao Escriptor principiante, quaes sejam estes *Classicos* pelo commum consenso dos que mais cultivam a pura Linguagem Portugueza. Sai-

bam aos que devem escolher por guias, para não errarem o caminho, nem cahirem em despenhadeiros.

Antes do felicissimo reinado d'El-Rei D. Manuel quem chamasse inculta, e barbara á Lingua Portugueza, não lhe erraria o nome. Contentaram-se os seus primitivos Escriptores de fallar uma linguagem pouco soccorrida da correcção da Grammatica, e de todas aquellas qualidades, que ensina a Arte de *bem fallar*. Os melhores, que escreviam em prosa, eram aquelles, de cujo estilo secco, cançado, e confuso temos tantas provas, quantas são as Chronicas dos nossos Reis antigos. Os mais distinctos no verso são os que lemos no Cancioneiro de Resende, Poetas todos, que não conheceram o polimento da Arte.

Se por aquelles tempos não apparecêra o insigne *João de Barros*, não teriamos obra, que pela linguagem merecesse ser lida com approveitamento, e gosto. Empenhou-se este illustre homem em dar regras seguras á Lingua, e em pratica-las nas suas obras, escrevendo-as com termos tão proprios, e puros, que mereceu ser chamado o *fundador* da pureza, e elegancia da sua Lingua, com tanta justiça, quantos foram os merecimentos para tambem o appellidarem na Historia o *Livio Portuguez*. Na verdade que quem lêr por este Classico admirará nelle uma tal abundancia de termos, cheios de propriedade, e energia, e uma tal affluencia de expressões genuinas, nascendo tudo de um estylo claro, e correcto, que jámais se animará a negar-lhe o justo titulo de *primeiro Mestre* da Linguagem Portugueza. Por isso o nosso Antonio Luiz no seu Tratado de *Pudore*, que lhe dedicou, disse delle com justiça *Tuoque ex ore* (*quod de Nestore scripsit Homerus*) *mille dulcior profluit oratio*. Por isso igualmente Nicoláo An-

tonio na sua *Bibliot. Hisp.* chamou ao puro e eloquente estylo deste illustre Historiador *luculenta oratio, Livianae aemula* &c. Esta mesma justiça lhe fazem infinitos Escriptores naturaes, e estranhos, cujas auctoridades não queremos transcrever, porque são superfluas para provar a summa auctoridade, que tem João de Barros na Lingua Portugueza, onde o uso dos seculos seguintes lhe não antiquou ou palavras, ou pronunciações.

Fr. Bernardo de Brito, que lançou os alicerces á grande Obra *da Monarquia Lusitana*, entra igualmente na honrada classe de João de Barros, porque lhe seguia os passos, escrevendo em estylo puro, e correcto. Obrigado desta justiça é que o nosso famoso antiquario Manoel Severim de Faria disse nas *Noticias de Portugal* pag. 284 que elle *na linguagem e juizo póde servir de modelo* &c. Do mesmo parecer é Caramuel no seu *Philip. Prud.* pag. 118, dizendo: » *Est hercule de Rhetorica optime meritus, cujus perenne studium, ac felicem diligentiam vulgata opera testatam faciunt.* Os seus continuadores Fr. Antonio, e Fr. Francisco Brandão tem penna ingenua, indagadora, e verdadeira, mas falta daquella propriedade, e pureza, que sobresahe em seu antecessor. Os outros Chronistas, que continuaram esta grande Obra, ainda na linguagem tem entre os Criticos menos merecimento que os dois Brandões, especialmente Fr. Rafael de Jesus, que morreu sem saber o como devia fallar a sua Lingua um correcto Escriptor Portuguez.

Fr. Luiz de Sousa, grande esplendor da sua Religião, a nenhum outro Classico cede em pontos de pureza de linguagem, e energia d'expressões. Damos razão á critica, que affirma, que este Historiador tirou toda a esperança de ser imitado naquelle puro, vario, e na-

turalissimo estylo, com que escreveu a Chronica dominicana, e a vida do grande arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Um destes criticos é Nicolau Antonio na sua *Bibliot. Hisp.* dizendo delle *« Mira ac exquisita lusitani sermonis facundia*, &c. Ainda foi mais expressivo, pela honrada comparação, D. Fr. Manuel de Mello na sua carta ao doutor Themudo, onde diz *« Podiamos crer animava nelle a alma do famoso João de Barros*, &c. Mas para que é transcrever mais elogios a este insigne historiador, onde está o do grande Vieira? Confessa elle na censura da 3.ª Parte, que o estylo de Fr. Luiz de Sousa é *claro com brevidade, discreto sem affectação, copioso sem redundancia, e tão corrente, facil, e notavel, que enriquecendo a memoria, e affeiçoando a vontade, não cança o entendimento.... Dizendo o commum com singularidade, o similhante sem repetição, o sabido, e vulgar com novidade, e mostrando as cousas* [*como faz a luz*] *cada uma como é, e todas com lustre. A linguagem tanto nas palavras, como na phrase, é puramente da lingua, em que professou escrever, sem mistura, ou corrupção de vocabulos estrangeiros. A propriedade, com que falla em todas as materias, é como de quem a aprendeu na eschola dos olhos*, &c.

A *D. Fr. Marcos de Lisboa* dão os criticos a auctoridade de classico, porque escreveu a Chronica da Ordem dos Menores com aquella pureza de linguagem, que era vulgar nos sabios da sua idade. Posto que não chega a possuir aquelle [digamos assim] *atticismo* da lingua portugueza, que se admira nos classicos acima apontados, merece comtudo o elogio, que lhe fez D. Francisco Manuel na Carta 1.ª da Centuria 4.ª, chamando-lhe *muito eloquente.*

Do *P. Antonio Vieira* diremos pouco, porque occu-

pariamos todo este livro, se fosse necessario provar, que é o classico mais auctorisado da lingua portugueza; mas ninguem ha entre nós, que o não confesse, nem entre os estranhos, que o não saiba. Se não me cega a paixão, ou não me enganam os testemunhos de sabios infinitos, nem antes, nem depois deste singular orador tivemos penna do mesmo aparo. Possuiu elle em gráu sublime todas as delicadezas, propriedades, e energia da sua lingua; e por isso é que ainda ninguem duvidou usar de vocabulo, phrase, e expressão achada em seus escriptos, ou se atreveu a censura-las, achando-as em alheios, exceptuando uma, ou outra palavra, que o uso inteiramente deu por antiquada; injuria, a que estão sujeitos os classicos mais distinctos das linguas vivas. Seguir sempre em tudo e por tudo o fallar de Vieira, é uma segurissima regra de conseguir não só a pureza, mas o louvor de ter todo o conhecimento das subtilezas do idioma portuguez; porque nenhum outro classico temos, que escrevesse tanto, e sobre tão diversas materias. Discipulos deste grande mestre foram diversos oradores, especialmente Antonio de Sá, e D. Luiz da Ascenção, imitando-o na pureza do estilo, e correcção da grammatica, porem a cada um delles se póde applicar com verdade: *sequiturque patrem non passibus æquis.*

Jacintho Freire de Andrada tem por sua puristima locução um logar distincto entre os classicos da nossa lingua. Na vida, que escreveu do grande D. João de Castro nos deixou um perfeito modelo da força, gravidade, e energia da legitima linguagem portugueza. Deixando um, ou outro defeito, como verbi gratia dizer: *a altura da elevação do polo*, descuidos, que se devem attribuir á indispensavel fraqueza do entendimento humano, no demais guardou exactissimo respeito ás ve-

neraveis cãas, e ancianidade da nossa genuina linguagem.

A vida do Conde das Galveas, escripta por seu sobrinho *Julio de Mello e Castro* é um arremedo do que nos deixou Jacintho Freire. Tem polimento, e pureza de phrase, mas commummente revestida de tanta pompa de palavras, que quem lèr a este escriptor logo o hade julgar por poeta; porque conceitua a cada passo como homem arrebatado de enthusiasmo; porem isto mais pertence ao *estylo*, do qual não é o nosso assumpto fallarmos, do que á simples *locução*, que é todo o argumento desta obra. Por isso tambem não demos o nosso juizo sobre o merecimento dos classicos até aqui apontados em materia de estylo; nem o daremos nos que se seguirem, reservando este assumpto pára occasião diversa.

Fr. Domingos Teixeira, na vida do nosso famoso Condestavel, melhor se soube revestir da indole, e caracter da locução de Jacintho Freire. A's vezes é délle um imitador servil, mais na estudada symetria das palavras, que na elevação e energia dos pensamentos; posto que tem muitos nobres, e sempre ditos com pureza e propriedade de linguagem correcta. Deixou-nos o mesmo auctor escripta *a vida de Gomes Freire de Andrada*; mas é edificio de architectura mesquinha, e de ornatos menos graves.

Duarte Ribeiro de Macedo é auctor com distincção benemerito da sua lingua. Escreveu pouco; mas o que delle temos foi o que bastou para os criticos lhe darem logar entre os classicos da primeira nota. Entre todos os seus escriptos em nenhum brilha tanto a simplicidade nobre e pura da nossa linguagem como na vida da princeza Theodora. Bastava só este livro para de jus-

tiça o constituir mestre: tanta é a propriedade e pureza, que nelle admiram até os mais difficultosos de contentar.

Os juristas tem a justa vaidade de darem em *Manuel Rodrigues Leitão* mais um Classico, que hombrea com os da primeira auctoridade. O seu *Tratado Analitico* não é menos thesouro da pureza e abundancia do nosso idioma que da jurisprudencia; mas especialmente a longa dedicatoria é uma daquellas obras, em que a critica mais severa passa para sincera e admirada panegyrista.

A *Francisco Rodrigues Lobo* não se lhe póde negar logar nesta classe, porque possuiu perfeitamente a lingua e a praticou com distincção, posto que na *Côrte na Aldêa* com mais especialidade do que nas outras obras. No seu poema do *Condestabre* é onde se lhe acha menos pureza e energia de linguagem.

Estes são os principaes textos, cujas pisadas seguem os escrupulosos para escreverem com propriedade e pureza. Muito perdeu a nossa lingua em não deixarem obras alguns sabios do seculo decimo-sexto, como um *D. Aleixo de Menezes*, um *D. Jeronymo Osorio*, e outros, de cujas cartas e papeis politicos argumentamos o summo gráu de perfeição com que fallaram a sua lingua. Grande serviço faria a esta quem delles fizesse e publicasse uma collecção. Os criticos formam segunda classe de auctores benemeritos da nossa linguagem, mas de merecimento inferior aos antecedentes, já porque foram menos correctos, já porque usaram de termos que na sua idade se tinham por archaismos.

Contam entre estes a *Manuel Severim de Faria*. Nós, que delle temos lição, achamos em suas obras bastante pureza no fallar, mas diversas vezes affecta sem motivo antiguidade de linguagem, usando de vocabulos

de Barros, e outros, que no seu tempo já não estavam em uso.

D. Francisco Manuel de Mello ainda affectou mais os archaismos, e por isso tem sido censurado por muitos. Com tudo é auctor, pelo qual se deve estudar, porque é um daquelles em que se acham vocabulos exquisitos, proprios da lingua; e neste ponto, como os outros classicos raras vezes usaram [ou talvez nunca] de similhantes vozes, faz este escriptor a mesma auctoridade que fariam os primeiros mestres. Os seus dialogos, os seus versos e cartas servirão muito nesta materia ao leitor pouco instruido nas delicadezas da nossa linguagem familiar.

O P. João de Lucena justamente merecia occupar logar na classe dos mestres da primeira nota; porque escreveu a *Vida de S. Francisco Xavier* com tal propriedade, energia, e pureza de lingua, que os muitos elogios, com que os sabios honram a sua memoria, ainda não são os que bastam para quem tanto honrou com a sua pura locução aquella Linguagem Portugueza que a critica só reconhece por genuina. Temos observado que esta injustamente o censura de usar de diversos termos destituidos de classica auctoridade; porque de todos os de que o arguem, lhe achámos exemplos seguros, e de todos usou depois Vieira, como facilmente mostrariamos, se fosse o nosso assumpto fazer aqui a apologia do P. Lucena.

O *P. Francisco de Sousa* no seu *Oriente Conquistado* é mui benemerito do Idioma Portuguez. Temos lido e observado a locução deste escriptor, e raro é o vocabulo, ou phrase, que não sejam proprios da lingua, ou já no seu tempo naturalisados pelo uso constante. Porem como lhe falta aquelle atticismo, ou pri-

mor de linguagem que se encontra nos primeiros mestres, não concordam os criticos em lhe dar na pureza da locução aquelle distincto logar, em que o poem mais pela elegancia que gravidade do seu estylo, que muitas vezes descahe em jocoso.

Fr. Antonio das Chagas foi um daquelles auctores que mais souberam os mysterios da lingua portugueza. Bastará ler qualquer de suas obras para se ver que usára della com propriedade, como quem medíra á sua vastidão. Nas *Cartas Espirituaes* acham-lhe os criticos mais cultura e pureza do que nos outros livros, especialmente no uso de termos e phrases familiares, se bem que muitas, ou inventou, ou tirou do castelhano, sem as achar defendidas por escriptores de classica auctoridade. Ainda assim se o seu estylo não fôra tão florido, inconstante, e muitas vezes poetico, crêmos que teria facilitado aos *rigoristas* a lhe darem logar mais distincto entre os textos portuguezes.

O *Veneravel P. Bartholomeu do Quental* fallou com grande propriedade, não admittindo jámais em seus escriptos vozes ou expressões roubadas a outras linguas. Por commum consenso dos criticos é purissimo o seu portuguez, particularmente nos *Sermões*, que até em elegancia e gravidade de estylo se devem imitar. Diz um critico moderno que já nas suas *Meditações* lhe não acha tanta pureza de linguagem; quereria talvez dizer tanta nobreza. Mas assim convinha á gente popular para quem escrevia. O em que todos os cultos concordam com toda a justiça é em que este apostolico orador fallava com escrupulosa pureza de locução, quando como prégador da capella real orava diante dos reis e primeiras personagens da côrte.

O *P. Manuel Bernardes*, filho do instituto e do

espirito do veneravel P. Quental, injustamente não hombrêa com os classicos do seculo passado, sendo um acerrimo imitador de Vieira; mas tempo virá em que critica mais recta lhe dê logar merecido, quando este auctor já não passar por moderno. Para esta distincção bastará observar bem qualquer das suas obras, exceptuando a das *Florestas*, na qual se não conhece tanto a lima da purissima locução e [digamos assim] o verniz da elegancia, que só tem por legitima a linguagem portugueza. As suas *Meditações sobre os Novissimos do Homem* immortalisám a sua penna, ennobrecem a lingua, e honram a Congregação do Oratorio, da qual foi exemplarissimo filho.

O conde da Ericeira, *D. Luiz de Menezes*, teve clareza, gravidade de locução, mas não concordam os rigoristas em lhe conceder no seu *Portugal Restaurado* perfeita e constante pureza de lingua. Nos termos porem, que são facultativos, e pertencentes á milicia, ninguem ha que o não tenha por texto, pois que nesta materia já perderam a auctoridade os nossos antigos. No tempo em que este auctor escreveu floreceram outros assaz benemeritos da lingua nacional, que publicaram purissimos escriptos politicos sobre a justa acclamação do Sr. rei D. João 4.º: porem não fazemos delles distincta memoria, porque ainda não são contados no catalogo dos classicos.

Estes são os principaes auctores, que na prosa formam o catalogo dos textos da lingua, ou da primeira, ou da segunda classe. Outros criticos ha, que estendam mais este numero, talvez guiados pela paixão que teni ás obras de algum particular escriptor. Nós tambem o estendemos, pondo nelle aquelles auctores, que escreveram com linguagem correcta de diversas sciencias e ar-

tes; porque seguindo o exemplo de todas as nações cultas devem nellas ser contados por Classicos.

Taes são *Filippe Nunes* na Arte da Pintura, e Poesia » na da Musica *Antonio Fernandes*, e *Manoel Nunes da Silva* » na da Grammatica *Fernão de Oliveira* » na Nautica *Luiz Serrão Pimentel*, e *Manoel Pimentel* » na Militar *João de Medeiros Corrêa*, e *Luiz Mendes de Vasconcellos* » na da Artilharia *Lazaro de-la-Isla* » na da Caça da alta volateria *Diogo Fernandes Ferreira* » na da Cavallaria *Antonio Galvão de Andrade*, e *Antonio Pereira Rego* » na Architectura Militar *Luiz Serrão Pimentel* » na Arithmetica *Leandro de Figueira*, e *Manoel de Figueiredo* » na Arte de Brazão *Antonio de Villas-boas Sampayo*, e outros, cujas obras correm m.s » Em cousas pertencentes ao trafico camponez, e á cultura dos campos &c. *Leonel da Costa*. Na Sciencia Astronomica é texto *André de Avellar*, e *Pedro Nunes* » na Geografica *Gaspar Barreiros*, e *Fr. Pedro de Poyares*, e o *Martyrologio* em Portuguez para a verdadeira pronunciação dos nomes de muitas terras » na Medica *Affonso de Miranda*, *Francisco Morato Roma*, e *Fr. Manoel de Azevedo* » na Juridica *Manoel Alvares Pegas*, e outros do seculo passado, que publicaram diversas Allegações. De quasi todas estas Artes, e Sciencias ha outros Auctores modernos; mas por isso mesmo que o são, ainda não os contam os rigoristas no numero dos Classicos, não o desmerecendo pela propriedade, e pureza, com que escreveram. A mesma sorte estão padecendo [em quanto não vier outra idade] diversos Oradores, Historiadores, e Poetas assaz benemeritos da Lingua Portugueza, Alumnos de varias Academias, e especialmente da Real da Historia destes Reinos.

Corre um erro commummente recebido de muitos, e

vem a ser, que os Poetas por conta das liberdades da sua linguagem não podem fazer em prosa auctoridade segura em pontos de pureza de locução. Demoremo-nos mais, do que é nosso costume, nesta materia, mostrando a equivocação, que ha nella. Os Poetas sim usam de vozes estranhas, que não são permittidas aos que escrevem em prosa; porém nem sempre se valem desta liberdade, nem a devem pôr em prática em qualquer especie de Poesia. Aristoteles só a concede aos Epicos, dizendo » *Verba externa Poetis Epicis sunt accomodata: gravitatem namque hoc, et magniloquentiam in se continent, et audaciam.*

Criticos ha, que ainda passam a mais, affirmando que não só são licitos na Epopea os vocabulos estrangeiros, mas tambem vozes fingidas, que em nenhum idioma se encontram. Assim o prova o doutissimo Apologista de Annibal Caro contra Luiz Castelvetro na pag. 25 confirmando-o com exemplos não só de Epicos gregos, e latinos, mas modernos de diversas Nações. Nesta doutrina parece-nos, que ha não pouco excesso, porque não sabemos de que modo se póde usar na Epopea de palavras, não extrahidas de algum idioma, mas totalmente novas para todos, porque se ellas nunca foram ouvidas, tambem não seram entendidas, o que é grave defeito.

O nosso parecer é, que o Epico sim se póde valer de vocabulos estranhos, mas devem ser tirados de idioma, que não seja tão desconhecido que os sabios não tenham deste uma geral noticia. Porém esta liberdade não deve ser excessiva, mas moderada, á maneira de Virgilio, que da lingua sabina tirou a palavra *Cupentus*, da Persica *Gaza*, da Macedonica *Phalanx*, da Gallica *Uri*, da Punica *Magalia* &c. Com esta limitação

póde o Epico usar de vozes estranhas ou por necessidade, ou meramente para fazer mais sublime, e magestosa a linguagem poetica, que é nelle indispensavel. Esta licença porém não é concedida ás outras especies de Poema, exceptuando na Lyrica as Odes Pindaricas.

Por onde concluimos que se nestes vocabulos estranhos não fazem para a prosa auctoridade os exemplos dos Poetas Epicos, certamente a fazem naquellas palavras, que tambem tem uso na prosa, e estas ninguem duvída que são em muito maior número do que as estrangeiras. Por exemplo, quando eu duvido se se póde usar, ou não, em um Panegyrico das palavras *Calamita*, *Affanado*, *Iman*, *Inperar*, *Soporozo*, &c., e não sabendo, que as usou Vieira em diversos Sermões, as acho em Camões, Gabriel Pereira, Bacellar, e outros; tenho nestes Poetas exemplos seguros para usar dellas, dando-as por legitimas Portuguezas, porque verdadeiramente estes vocabulos não são os que em rigor constituem a linguagem poetica, como bem sabem os intelligentes. Quanto mais que o buscar os exemplos dos Classicos não é só para a pureza e propriedade das palavras, mas tambem para a segurança nas regras da Grammatica; e todos sabem, que estas no verso são as mesmas, que na prosa, exceptuando alguma collocação de vozes, que por virtude da Syntaxe figurada é privativa para os Poetas.

Assentando pois nestes principios concluamos que ainda para a prosa são textos classicos os bons Poetas em pontos de pureza de vocabulos, e correcção de Grammatica. Assim o praticam todas as nações cultas, que tem publicado Vocabularios da sua lingua, allegando uelles frequentemente com os exemplos dos seus melhores Poetas. Só quem combina a locução de Gil Vicen-

te e a de todos os Poetas, que formam o Cancioneiro de Resende; é que sabe avaliar bem o quanto deve a Lingua Portugueza áquelles sublimes espiritos, que entre nós cultivaram; ou [dizendo melhor] fundaram a Poesia no Seculo decimo sexto. Estes comparados com os Poetas, que lhe precederam, tem o mesmo merecimento que Horacio, Virgilio, Ovidio, Catullo, Terencio, e outros a respeito de Ennio, Nevio, Andronico, Pacuvio &c.

Tal foi *Luis de Camões*, honra immortal, não só da Poesia, mas da Linguagem Portugueza, porque assim na sua Epopea, como em todas as demais obras poeticas praticou uma admiravel clareza, propriedade, elegancia, e energia de Lingua. Quem lê a Camões, quasi que lhe parece estar lendo um Poeta da idade presente pelo que diz respeito á pureza, e correcção da nossa Grammatica. Não foram assim os famosos *Diogo Bernardes*, *Antonio Ferreira*, *Bernardim Ribeiro*, *Jeronymo de Corte Real*, e outros daquelle Seculo; porque na sua locução ás vezes aspera, e inculta facilmente declaram a idade, em que nasceram, sendo de Camões mais fieis imitadores na elegancia da Poesia que nas da linguagem.

Fr. Bernardo de Brito nos poucos versos, que nos deixou, conserva o mesmo logar de Classico que lhe adquiriram as suas obras em prosa. Mostrou, que nascêra tanto para a Poesia, como para a Historia; e porque os criticos rigoristas na pureza da Lingua acham em seus versos o mesmo polimento, propriedade, e força de locução Portugueza, que admiram nos seus escriptos em prosa, por isso em qualquer das suas obras o reconhecem nesta materia por mestre, e texto da primeira classe.

Dão o mesmo logar a *Gabriel Pereira de Castro*, e

com justiça, porque é benemerito da nossa linguagem. No seu Poema *a Ulyssea*, onde o não attrahiram as liberdades poeticas, para conservar a grandeza Epica, é quasi sempre puro, e proprio, ou na Grammatica, ou nas vozes; mas nunca como o foi Camões em qualquer de suas obras. Póde ser que este juizo pareça a muitos excessivo; mas será em quanto não observarem a sua Epopea com a exacta reflexão, que ella merece; não digo pelo que toca ás regras Epicas [porque não é este o nosso assumpto] mas pelo que respeita á genuina pureza da Lingua, em que ás vezes faltou, como em seu logar mostraremos.

Antonio Barbosa Bacellar é um dos primeiros Poetas, que tem o nosso Parnasso, ou se attenda a todas as qualidades poeticas, ou á purissima locução. Poucos são os versos, que possuimos de tão sublime engenho; mas esses poucos são os que sobram para os rigoristas assentarem entre si que quem se defender com o exemplo deste Poeta em materias pertencentes á Lingua produz em sua defensa um texto da primeira classe. Lêa as suas obras com reflexão judiciosa quem duvidar da justiça desta sentença.

Antonio da Fonceca Soares, segundo alguns Criticos, tem tal merecimento em seus versos, no que toca ás especialidades da locução, que querem se lhe deva dar logar entre os Classicos. A verdade é, que não haverá palavra expressiva, frase, e modo de fallar legitimamente Portuguez, que não se achem neste Poeta, especialmente naquellas obras, em que usou do estylo temperado, ou do simples.

A estes Poetas se seguem outros, que formam segunda classe, porque não se acha nelles a mesma propriedade de linguagem que nos antecedentes. Taes são

Balthasar Estaço nas suas *Rimas* ; *Francisco de Sá de Menezes* na sua *Malaca Conquistada*; *Antonio de Sousa de Macedo* na sua *Ulyssipo* ; *Manoel de Galhegos* na sua *Gigantomachia*, e no seu *Templo da Memoria*; e outros que não apontamos ; visto não serem de grave auctoridade entre os bons cultores da nossa Lingua. As Academias dos *Singulares* , dos *Generosos* , e dos *Anonymos* tiveram alguns Alumnos tão cuidadosos da pureza de linguagem , que tempo virá, em que com elles se auctorise, quando se formar um Diccionario Portuguez, cujos vocabulos se vejam sempre auctorisados com exemplos classicos para segurança dos Escriptores pouco instruidos na Lingua materna. O P. Bluteau , a quem muito seguimos nesta obra , não foi neste ponto escrupuloso, como devêra , em todos os termos que trás no seu Vocabulario, allegando a cada passo, já com AA. Classicos , já com outros da infima nota ; mas sempre será um Escriptor de immortal fama entre os Portuguezes, por lhes dar um Diccionario, que elles não tinham, e de que tanto necessitavam. E' gloria, que sempre acompanhará a sabia religião Theatina fundada nesta Corte.

REFLEXÃO 2.ª

Sobre o uso de algumas vozes antiquadas.

Na Reflexão antecedente mostrámos, qual era a grande auctoridade dos nossos Auctores Classicos, e o como estamos obrigados a caminhar pelos seus vestigios, para irmos seguros na pureza, e correcção da Linguagem. Porém como o uso recebido pelos sabios, que se seguiram a estes mestres, tem maior auctoridade, do que elles, porque esta é a differença das Linguas vivas ás mortas, faremos agora memoria de algumas vozes, que tendo sido usadas pelos melhores Classicos, estão hoje inteiramente antiquadas.

Não espere aqui o leitor um Catalogo prolixo de nomes, que já despresára por antiquados o insigne João de Barros, quando em seus admiraveis escriptos deo polimento, e cultura á nossa Linguagem, porque de taes vozes trataram já Duarte Nunes de Leão, Bento Pereira, e com especialidade o P. Bluteau em um especial Catalogo, que anda no tomo segundo do Supplemento no seu Vocabulario.

Trataremos sómente de algumas daquellas palavras, que desde Barros até Vieira floreceram reinantes, e vieram a murchar na idade presente, sem mais fundamento, que a opposição do uso, arbitro muitas vezes imprudente em taes materias. As que não vão no Catalogo, que se segue, busquem-se no que vai no fim da segunda parte, no caso que o antiquado consista mais na pronunciação, do que meramente na palavra.

Agrura [de montes] por impureza é de Barros na Decad. 1.ª pag. 49. col. 1.ª

Alpargata é termo, de que varias vezes usou Vieira nos seus Sermões; e por não produzirmos mais exemplos, bastará o do tom. 4.º pag. 194, aonde diz » As *alpargatas* semeadas de todo o genero de pedrarias &c.

Anojo: chamavam os bons antigos ao animal de um anno. Seria bom que se usasse desta palavra, porque não temos outra, que signifique o mesmo. Ainda hoje chamam os vaqueiros *anojos* aos bezerros de um anno.

Arenga, por discurso serio, era antigamente palavra usadissima. Hoje significa discurso desordenado e confuso.

Arrear, por *enfeitar*, é de Vieira no sermão das exequias de D. Maria de Atayde, pag. 143. *Arrea-se* a morte das esperanças, que &c.

Atavio por *enfeite* tambem é antiquado.

Cohirmão valia entre os antigos o mesmo, que entre nós *primo coirmão*; mas hoje é antiquado dizer-se *cohirmão* sem mais outra alguma palavra.

Companha por *companhia* é de Fr. Luiz de Sousa, de Camões no cant. 3. est. 49, e de Barros Decad. 1.ª pag. 63; mas creio que do P. Fr. Luiz de Sousa para diante não se usou mais esta palavra.

Córrego significava o mesmo, que hoje *regueiro*. Usavam-no os classicos com o exemplo de Barros na Decad. 1.ª pag. 165.

Delonga por *dilação* era mui usado em outra idade: usou deste termo Damião de Goes na sua chronica pag. 11, e Sá de Miranda em diversos logares das suas poesias.

Derradeiro era palavra communissima entre os es-

criptores do seculo decimo-sexto, e setimo, assim na prosa como no verso. Hoje está quasi antiquada, especialmente em poesia, porque se tem por voz plebea.

Desaso por negligencia ou descuido. Acha-se em Leonel da Costa nas Georgicas de Virgilio pag. 52, e no tom. 7 da Monarch. Lusit. pag. 584.

Desdar por *desatar* teve algum dia em seu favor os melhores exemplos, e até ao tempo de Vieira não estava antiquado.

Desmacer acha-se em Vieira na *Palavra de Deus Empenhada*, pag. 168. Hoje não vemos usado este verbo.

Despeado por maltratado dos pés, disse João de Barros na Decad. 4 pag. 150, e foi seguido de muitos.

Desquerido por não amado tem presentemente raro uso, não obstante ser de Vieira no tom. 2 pag. 179. Se se viu *desquerida* e despresada, &c. E' termo, que não deve antiquar-se, porque faz falta na lingua.

Desviver por acabar de viver é verbo, do qual hoje ninguem quererá usar se der ouvidos aos escrupulosos. Pois tem a seu favor, não só a Vieira, mas a outros auctores de igual auctoridade.

Desvanco por *desvanecimento* se acha na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, seguindo seu auctor a Duarte Nunes de Leão. No livrinho *Christaes d'alma* ainda se acha este nome.

Digão por *dominio* se encontra em diversos escriptores, especialmente na Vida da rainha santa Isabel, pag. 66, onde diz: «Dilatando as suas armas, e as digões do reino, &c.»

Dissidente por *discorde* era termo mui vulgar até o tempo de D. Francisco Manuel, que usou delle nas suas cartas, pag. 311. Injustamente é hoje antiquada

voz tão expressiva, derivada da latina, da qual a nossa lingua é com vaidade filha legitima.

Doestar e *doesto* por *injuriar* e *injuria* tem em seu favor todos os bons exemplos antigos, especialmente o de Barros, que na Decad. 3.ª pag. 221 disse: «Defendia-se com as mãos e *doestos* da lingua, &c.» Ainda o seguiu o auctor da Monarch. Lusit. tom. 6.º pag. 18. «Era castigado quem o *doestava*, &c.»

Embair por *enganar* é de Brito no tom. 1.º da Monarch. Lusit. pag. 88. «Costumam *embair* os ouvintes de suas mentiras, &c.»

Embestegar por metter-se em logar embaraçado, é de Barros na Decad. 2.ª pag. 81 onde diz: «*Embestegar* em logares sem sahida, &c.»

Emboras por *parabens* foi termo usadissimo pelos nossos classicos. Ainda Jacintho Freire usou delle no liv. 2.º n.º 172. «Muitos principes, que lhe davam *emboras* da victoria, &c.» Sem rasão se antiquou esta palavra, e louvâmos muito ao moderno escriptor do Panegyrico á Casa de Marialva por usar della muitas vezes; porem não nos resolvemos a fazer o mesmo, por não nos expormos á critica dos que não admittem palavras que não sejam correntes.

Emprenhidão por *prenhez* é de Brito no tom. 1.º da Monarch. Lusit. pag. 62. «Amores tão secretos, que os veio a publicar a *emprenhidão* da moça, &c.»

Emfarado por *enfastiado* da repetição de uma mesma cousa, anda no livro *Ethiopia Oriental*, pag. 39.

Escarcéu significando ondas grandes que fazem os mares cavados, foi termo muito usado até o tempo de Vieira. Hoje só significa uma admiração mui encarecida, e é voz popular.

Escudar por cubrir-se com o escudo, usou não só

João de Barros e Fr. Bernardo de Brito, mas o P. Vieira no tom. 2.º pag. 19. « Havendo pois o principe de se escusar, ou *escudar* com os seus conselhos, &c. » Os amantes da lingua sentem que se não use deste verbo, porque ajuda a empobrece-la a falta delle.

Esgares por acenos, e movimentos feitos com a cara, ou com os olhos, usou-se constantemente até o tempo de Francisco Rodrigues Lobo, em cujas obras diversas vezes se acha. Veja-se a sua *Corte na Aldea* pag. 112.

Esmechar a cabeça por fazer nella uma ferida, é verbo, de que usou Lobo na Corte na Aldea pag. 113, imitando aos antigos classicos.

Esmolar por *dar esmolas* tem a seu favor os melhores textos da lingua: hoje se se usa é só por pedir esmola.

Esparcelado por mar que tem bancos de pedra, era constantemente usado até a idade de Vieira, que no tom. 2.º pag. 343 disse: « Com estes mares tão *esparcelados*, e cheios de baixos, &c. » Este termo, pela falta que faz, devia tornar a florecer; se bem que entre alguns ainda não é antiquado.

Esquivar, verbo mui necessario, e que injustamente se antiquou, porque não só significava impedir o accesso e familiaridade que uma pessoa podia ter com outra, mas tambem valia o mesmo que *evitar* e *afastar-se*. Ficando-nos *esquivo* e *esquivança* não sei porque perdemos o verbo.

Estugar por *apressar* é entre outros de D. Francisco Manuel na *Carta de Guia* pag. 89. « *Estuga* o passo, e segue até alcança-lo, &c. E' verbo que, por expressivo, deveria conservar-se, porque *estugar* vale o mesmo que *instigar* ou *picar*; e posto que se diga *picou* o passo, em vez de apressou, não é phrase que se admitta em composição grave.

Fallecer por *faltar* é de João de Barros na Decad. 1.ª pag. 38, dizendo: « Não lhe *fallecerião* uns poucos de páus, &c. » Imitou-o D. Francisco Manuel na Carta de Guia pag. 158, onde disse: « Não *fallece* quem diga, &c. » Hoje só significa faltar por occasião de morte.

Feitiça por cousa *fingida* é termo usado por todos os classicos até o tempo de D. Francisco Manuel, que disse nas suas cartas « *bulha feitiça*, e nos seus *Relogios fallantes* « *discurso feitiço*, &c. »

Feitura por *creatura* querem alguns que se vá antiquando, não obstante ser dos melhores classicos, e com especialidade de Vieira em diversos logares, como sabem os que delle teem lição. Não ha rasão para que este termo se não conserve, imitando ao marquez de Valença, D. Francisco de Portugal, auctor moderno de pura linguagem, que muitas vezes usou delle nas suas obras.

Feros por *ameaças* dá-se hoje por antiquado, apesar da grande auctoridade de Jacintho Freire, que na pag. 85 disse: « A esta carta composta de *feros* e lisonjas, &c. »

Gray ou *grega*, de que usou Barros na Decad. 1.ª pag. 178, dizendo: « Ter congregado a sua *grege*. » é hoje inteiramente antiquado; mas com prejuizo da lingua, por lhe faltar uma palavra, com a qual em sentido rigoroso denotavam os nossos bons antigos o *gado miudo*.

Galardoar por *premiar* quasi que já ninguem diz, quando com frequencia usaram delle os puros escriptores do seculo passado, e á sua imitação deveriam fazer o mesmo os do presente.

Genitura por *geração*, de que muitas vezes usou João de Barros, já na idade de Fr. Luiz de Sousa se não dizia. Veja-se na Decad. 3.ª a pag. 130.

Gentalha já ninguem quer dizer em discurso grave, imaginando que é voz plebea, assim como *canalha*; porem sem fundamento, porque usou della não menos que Jacintho Freire na pag. 261.

Governalho por *leme* já ninguem diz, sendo aliás mui usada no tempo de Damião de Goes, que a traz na chronica d'elrei D. Manuel, pag. 30. Não se sente a sua falta, posto que venha da voz latina *Gubernaculum.*

Hoste por um *arraial*, e *hostes* por *inimigos*, são termos que a cada passo se acham nos classicos do seculo decimo-sexto, e injustamente antiquados, especialmente conservando *hostilidades.*

Imigo por *inimigo*, *imizade* por *inimizade* são syncopes que já se não soffrem nem em poesia: o mesmo digo de *esprito*; se bem que alguns ainda o supportarão em alguma epopea: de *Mór* não sendo em officio da casa real, ou da republica; e de *Grão* não se ajuntando a algum grande titulo ou dignidade, como verbi gratia: *Grão Senhor*, *Grão Prior*, *Grão Duque*, &c.

Ladear por ir ao *lado:* usaram deste verbo os nossos antigos, e ainda contentou ao auctor do tom. 7.º da Monarch. Lusit., usando delle na pag. 187. Injustamente se antiquou, e bom seria resuscita-lo com a auctoridade de Horacio na sua Poetica.

Látego por *açoute* de correias era termo frequente nos classicos antigos; mas muito ha que está antiquado.

Lasso por *cançado* é já hoje palavra desusada na prosa; não sei a rasão; sei que é de Jacintho Freire na pag. 152. «Estando os nossos com as forças já *lassas*, &c. Ao presente serve para denotar cousa que não está muito apertada.

Lide por *peleja* ha muito que se antiquou, e já não

era palavra usada quando se compoz o tom. 5.º da Monarch. Lusit., que a traz na pag. 182.

Longor por *comprimento* é de João de Barros na Decad. 2.ª pag. 119. Acha-se tambem na *Arte de Navegar*, e em outros auctores do seculo decimo-sexto.

Louçania por *gala* e *aceio* foi palavra usadissima até ao fim do seculo passado. Os classicos mais antigos, como Barros e outros, diziam *louçainha*, pronunciação de que ainda usou D. Francisco Manuel na *Carta de Guia de Casados* pag. 44.

Manceba do homem casado tinha entre os antigos classicos o nome de *comborça*. Sem rasão alguma se antiquou esta palavra, não ficando outra em seu logar; pois *concubina* propriamente é a manceba do homem solteiro.

Mescabar por *desestimar* é de Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres pag. 167, onde diz: «Se o podia deslustrar e *mescabar*, &c.» Os classicos que se lhe seguiram disseram *menoscabar*; porem tanto uma e outra palavra, como a de *menoscabo*, estão antiquadas.

Miramento por olhar com attenção, acha-se em muitos livros que entre nós fazem auctoridade, e ainda Vieira usou deste termo no tom. 2.º pag. 49, dizendo: «Com tal *miramento* e attenção á grandeza e magestade, &c.»

Mutra por *sinete* era termo vulgar no tempo de Fernão Mendes Pinto, que assim o traz nas pag. 96 e 177.

Nadivel, rio que se póde passar a nado, palavra tão propria como injustamente antiquada. Usou-a Barros na Decad. 1.ª pag. 169, onde diz: «Em logar de agua *nadivel*, &c.»

Pátrisar por conformar-se com os estylos da patria é de Barros no prologo á Decad. 1.ª

Poento por cousa cuberta de *pó*, termo que a cada passo se acha nos livros do bom seculo, já se não usa. Vieira dizia *empoado*, e ainda hoje é seguido.

Pompear por luzir e ostentar com pompa, usaram-no todos os antigos, especialmente Fr. Heytor Pinto, tom. 2.º dos Dialog. pag. 57.

Posteriores por vindouros é de Barros na Decad. 4.ª pag. 16, dizendo: « Para exemplo aos *posteriores*, &c. »

Prêa por *preza* com o seu verbo *prêar* se acha em Barros na Decada 1.ª pag. 59: hoje é voz plebea.

Precintado por *cingido* diziam os classicos antigos, e ainda Vieira os seguiu, dizendo no seu *Xavier Dormindo*, pag. 100: « Era um catre *precintado* de cordas de cairo, &c. » Com a auctoridade dos mesmos classicos o usou tambem D. Rodrigo da Cunha na *Historia dos Bispos de Lisboa*, dizendo: « Um caixão de madeira *precintado* de faxas de prata, &c. »

Privado e *privança* por *valído* e *valimento* já os modernos criticos não admittem, mas sem rasão; porque são termos summamente expressivos, segundo a sua etymologia, e por taes usou delles muitas vezes o grande Vieira.

Queixume foi palavra polidissima até o fim do seculo decimo-setimo: hoje já não é admittida nem ainda em Poesia, com sentimento daquelles que respeitam [como dizia Jacintho Freire no seu prologo] as veneraveis cãas e ancianidade madura da nossa linguagem antiga.

Realeza, termo antigo, e muito expressivo, que sem fundamento se antiquou, não ficando outro em seu lo-

gar, que exprimisse a força da sua significação. Porem com os muitos exemplos de Vieira ainda ha quem o não dá por antiquado, visto ser necessario e expressivo. Vide tom. 7.º pag. 520.

Referta por *contenda*, porfia, ou repugnancia, é de Barros na Decad. 2.ª pag. 84: «Sem *referta* pagou o que era obrigado.»

Remoela por *acinte* e *pirraça*, é de Brito no tom. 1.º da Monarch. Lusit., pag. 375. «Fazendo-lhe em seus olhos uma *remoela* tão affrontosa, &c.»

Replenado e *repleno* em logar de *cheio*, serão hoje estranhados pelos criticos severos, como termos antigos, que já perderam a sua auctoridade. Porem não percebo a rasão por que se hãode antiquar, admittindo nós *terraplenado* e *terrapleno*, e sendo tão necessario o uso das sobreditas vozes, para exprimirmos com uma só palavra composta uma cousa cheia do que quer que seja; á maneira de João de Barros, que assim o usou na Decada 3.ª pag. 233.

Sáfaro por homem rustico, e mal morigerado, foi usado por todos os classicos até o tempo do P. Vieira. Acha-se em Fr. Luiz de Sousa, na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 121 col. 3.ª, e na Vida de S. Francisco Xavier, de Lucena, pag. 269 col. 1.ª

Sahimento por *pompa funebre*, se dizia no seculo decimo-sexto, e o usou Damião de Goes na chron. de elrei D. Manuel, pag. 9 col. 4.ª

Sobrecenho, termo de muita energia, de que usaram os nossos antigos, applicando-o a pessoa agastada, que arrugava a testa, e carregava as sobrancelhas. Brito, Monarch. Lusit., tom. 1.º pag. 353. «Ouviu a embaixada dos nossos com grande *sobrecenho*, fingindo-se gravadissimo, &c.»

Timoneiro chamavam os nossos bons antigos ao que governava o leme de qualquer embarcação: hoje não quer a critica soffrer já este termo, e despresa soberba a auctoridade de Vieira, que no tom. 10 pag. 242 disse: « Perguntou ao *timoneiro* do bergantim, &c. »

Poderamos fazer crescer este catalogo com outras muitas vozes, usadas pelos nossos antigos, e já hoje abolidas; porem como o nosso fim não foi fazer memoria de todos os antigos termos, pertencentes ou á linguagem da plebe, ou á das sciencias e artes, mas só dar uma leve noticia daquellas palavras que se teem presentemente por antiquadas nos discursos graves, nas obras serias, e nas conversações polidas, damos fim a esta reflexão.

REFLEXÃO 3.ª

Sobre algumas palavras, das quaes frequentemente se usa, e os criticos não admittem, por não acharem dellas exemplos seguros. Mostra-se em algumas o erro destes criticos.

Parece a muitos supersticioso o cuidado com que alguns Escriptores trabalham por escrever com pureza o seu idioma, usando só daquelles termos que teem aos Classicos por defensores. Porem erram nesta parte [como em tudo o mais] estes ignorantes, parecendo-lhes que qualquer palavra, uma vez que se ache em algum auctor, para logo é portugueza, e se póde usar della sem o minimo escrupulo.

Não fallariam assim se soubessem que todas as nações cultas teem os seus textos da lingua, e que sem imitar a estes na correcção e pureza da linguagem, não se atreve a escrever aquelle que pertende as estimações da critica severa. Esta não soffre em portuguez alguns termos frequentemente usados, mas sem exemplo de auctor seguro. Faremos menção não de todos, porque não escrevemos vocabulario; mas só de alguns que teem mais uso nos discursos graves, e nas conversações polidas.

Actor de theatro: não lhe achamos exemplo seguro: *representante* é o termo genuino.

Attendivel em nenhum classico até aqui o achamos; e não obstante ser palavra tão vulgar, nem o mesmo Bluteau a traz no seu vocabulario.

Attestação, e *attestar* na significação de *testificar*, não tem exemplo, que faça auctoridade. Não basta o do *Crysol purificativo* nas pag. 337 e 343. Os antigos sim usaram deste nome, e verbo, mas em sentido totalmente diverso, que se póde ver em Bluteau &c.

Benemerencia se acha em varios livros modernos; mas ainda não lhe podemos descobrir exemplo, que livre da censura aos que usam deste termo.

Defidente [por não ter fé] não é termo seguro, acha-se no livro *Eschola das Verdades* pag. 65, mas em auctor classico certamente se não encontrará.

Depredar por *assolar*, e *saquear* foi usado por Fr. Jacintho de Deus no seu *Vergel de plantas*, pag. 18 e 42, porem é de pouco peso a auctoridade deste escriptor.

Desadorar por *indignar-se* é verbo frequentissimo ainda entre aquelles, que se prezam de não ser povo. Não lhe achamos exemplo algum, nem ao menos de inferior classe.

Deterior na significação de *peior* só o achamos no panegyrico do marquez de Marialva, pag. 10; porem este exemplo é daquelles que despresam os criticos puritanos da lingua.

Empallidecer é verbo bastantemente vulgar, mas destituido de auctoridade, e até aqui o melhor exemplo, que delle achamos, é o de Barreto na sua *orthographia*.

Emprego por *occupação*, *cargo*, ou *officio*, é palavra que ainda não soffrem os adoradores dos nossos primeiros classicos. A verdade é que estes pela maior parte usaram de tal termo só na significação de *compra*. A que presentemente lhe dão, já se acha na *Côrte na aldêa* pag. 200; no *Portugal Restaurado* tom. 1.° pag. 3; em Chagas nas *Cartas Espirituaes* tom. 2.° pag. 137, e no *Numero Vocal*, pag 447. Estes exemplos apoiados pelo uso constante dos presentes, fazem com que seja excessivo o escrupulo dos criticos modernos, muito mais achando-se já na famosa *Historia de S. Domingos*, e em alguns sermões do insigne P. Vieira.

Energico, termo, de que vulgarmente se usa, para exprimir cousa que tem energia, não se lhe acha a seu favor algum exemplo seguro em prosa.

Escolho por *penhasco*, ou rocha no mar, é mais para o verso, do que para a prosa; e nem ainda em Poesia lhe achámos até aqui melhor exemplo que o da *Malaca Conquistada*, liv. 12 est. ultima.

Estilar na significação de cousa, que é *estylo*, e *costume* fazer-se, não sei que tenha exemplos seguros; sei sim que os escriptores puritanos não usam presentemente de tal verbo; porem bom seria, que delle usassem.

Farragem por *mistura*, de que usou muito o auc-

tor da *Polyanthea Medic.* pag. 323, e de que se valem alguns modernos, mantenedores dos termos alatinados, não tem muito uso entre os que escrevem com pureza. Só um exemplo achamos em Vieira no tomo 9.º pag. 386 col. 2.ª

Illaquear só o poderá usar quem tiver por auctor de boa classe ao que escreveu a Vida de S. João da Cruz, porque traz este verbo na pag. 58.

Immune, de que usam sem escrupulo diversos escriptores modernos, não tem exemplos seguros, como tem *Immunidade*.

Inacção é hoje termo, que anda na boca de todos, e por isso inteiramente admittido na lingua, posto que delle não achasse Bluteau algum bom exemplo.

Inauguração, e *Inaugurar* acham-se diversas vezes nas *Florestas do P. Bernardes*, e até aqui é onde os temos achado; porem para muitos ainda não basta a auctoridade deste purissimo escriptor, sendo na obra das *Florestas*, porque não tem nella tanta pureza de linguagem, como nas outras, especialmente nas *Meditações dos Novissimos*, &c.

Indefesso se lê muitas vezes no *Agiologio Lusitano*: *Incançavel* é o que achamos em Vieira.

Indizivel e *dizivel*, termos, que a cada passo se ouvem, por mais que lhe temos procurado exemplo seguro, ainda o não podémos descubrir.

Irredusivel é palavra, que só achamos na *Guerra Brasilica*, pag. 367, que val o mesmo que dizer a não temos por legitimada.

Lapida, por pedra que tem alguma inscripção, é palavra bastantemente usada; mas não sei que tenha melhor exemplo que o da Monarch. Lusit. tom. 6.º pag. 113, o qual entre os criticos é de classe inferior.

Lhano apenas se soffre em estylo familiar; em qualquer outro é reprovado, porque não se lhe acha auctoridade segura.

Mencionado, e *Mencionar* foram termos admittidos nas conferencias eruditas, feitas em casa do Conde da Ericeira; porem alguns escrupulosos ainda duvidam usar delles, porque os não acham nos escriptores mais puros.

Necedade em logar de *fatuidade* não sei que tenha exemplo mais classico que o do P. Bernardes nas suas obras. Ao menos Bluteau não aponta deste termo castelhano auctoridade mais segura em portuguez; e se alguma se descobrir hade ser rara: pelo menos nós ainda a não encontramos.

Nimiedade é palavra, que não admittem os criticos, porque dizem que é destituida de exemplos de bom seculo.

Prendas por qualidades e dotes pessoaes, antes de Vieira não sei que fosse usada por Auctor Classico. Os bons antigos quando usavam do dito termo, era para significar os mutuos presentes dos esposos; e ainda hoje neste sentido dizemos com toda a propriedade *Prendas*.

Proficuo não lhe achamos em seu favor auctoridade classica. Usou desta palavra o Auctor da *Vida do Principe Palatino* pag. 173.

Progenie tem raríssimo exemplo seguro em prosa, se dermos credito a um critico moderno. Nós com Bluteau descobrimos um na *Corte na Aldêa* pag. 213, onde se diz » *A Venturosa progenie* que creara &c.

Projecto tem a seu favor mais o uso constante de alguns cultos deste seculo do que bons exemplos dos Classicos, os quaes diziam *Idéa*, e só em Poetas antigos de inferior classe se achará *Projecto* na significação de

lançado fóra. Conheci Auctores tão escrupulosos, q nunca quizeram usar desta palavra, não obstante te- admittido a classe das pessoas polidas.

Promiscuo só a achamos em Escriptores de baix anctoridade, como é em materias de pureza da Lingu o P. Fernandes na *Alma Instruida* tom. 2. pag. 362.

Propugnaculo é termo hoje muito usado em discur- so grave, mas não lhe temos achado melhor defensor que o Auctor da Vida da Rainha Santa Isabel pag. 225.

Prostibulo, casa de mulheres prostitutas, querem os criticos, que com o exemplo de Vieira, e de outros se use de *Lupanar*; mas parece-nos demasiado o escru- pulo.

Protervo, que parece só tem uso no verso, foi usa- do por Fr. Luiz de Sousa na Parte 2.ª da sua Historia: pag. 50. Havia outros *protervos*, e duros &c.

Radiante, e *Radiar* não se admitte em prosa: no verso tem exemplos Classicos em Camões no Canto 6. est. 9., e no Canto 10. est. 81. Seguio-o Gabriel Perei- ra na Ulissea, Canto 1.º est. 21.

Receptivel: ainda o não achámos em Auctores, que tivessem authoridade superior á de Lacerda na Vida de Santa Joanna, e á do P. Fernandes na Alma Instruida.

Regimen: achamos-lhe muitos exemplos, mas ne- nhum Classico. Usou-se delle na Vida da Rainha Santa Isabel pag. 239.

Resentimento é termo de pouca antiguidade na Lin- gua, e por isso os escrupulosos na pureza della ainda o não querem admittir.

Rutilante, e *Rutilar*, que se lê em alguns moder- nos Sermões, e Elogios, não tem em prosa bons Aucto- res, que os defendam. Nos Epicos não lhes faltam exem- los.

Significado por *doente* ou mudado de parecer, é vocabulo, de que só usam os que não sabem que cousa seja pureza de linguagem.

Terno por compassivo não lhe achámos ainda exemplo seguro. Os Classicos diziam *tenro*, e guardavam *terno* para exprimir o número de tres. Porém o uso parece que tem adoptado este termo na significação de piedoso.

Vulnerar por *ferir* dizem os que presumem de cultos, e talvez que não achem desta palavra maior auctoridade que a da *Cart. Pastoral do Porto* na pág. 56.

Porém se a estas palavras não acham os criticos exemplos seguros, não é a sua sentença tão infallivel, que não se possa achar uma, ou outra auctoridade nas vastas obras de tantos Classicos: porque tambem os mesmos criticos poem no Catalogo dos termos, que não são Portuguezes, a muitos que certamente tem exemplos seguros. Apontaremos alguns para instrucção dos principiantes no exercicio de compor.

Abisso por *abismo* é de Camões: Canç. 2.ª est. 7.ª

Acuradamente por *perfeitamente* é de Vieira no tom. 5.º pag. 151. col. 2.ª

Advocado por *chamado*, é de Vieira no tom. 2.º pag. 212. » Todos estão *Advocados* a esta casa das mercês &c. »

Asserto, e *Assertivamente*, de que os escrupulosos não querem usar, por serem termos modernamente alatinados, tem exemplos classicos, e antigos. O primeiro na vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres pag. 75. col. 3.ª O segundo na Mon. Lusit. tom. 2.º pag. 62.

Avaricia por *avareza* é não menos que de Barros Decad. 3.ª pag. 262, onde diz *avaricia* dos Magistrados &c.

Conspecto por *presença* é do P. Vieira no tom. 3.º pag. 484. onde diz » Acceso ao vosso *conspecto* divino &c.

Demeritos por *desmerecimento* é de Fr. Luiz de Sousa na P. 2.ª da sua Historia pag. 171. col. 3.ª Parecendo-lhe que por seus *demeritos* não seria ouvida &c.

Desidia por *perguiça* acha-se em Vieira no tom. 4.º pag. 466., dizendo: Quando o Principe a quem toca ter as redeas do governo, por *desidia*, e negligencia as larga &c.

Diversorio por *estallagem* é do mesmo Classico no tom. 8.º pag. 175., onde fallando da casa de Abrahão, como hospedaria commum a todos os peregrinos, lhe chama *diversorio* universal &c.

Eculeo, especie de cavallete, em que atormentavam os antigos Martyres, é do mesmo Auctor no tom. 4.º pag. 153. Outros estirados, e desconjunctados no eculeo &c.

Emprego. Vide pag. 34.

Evento por *Successo*, é de Fr. Bernardo de Brito em diversos logares, ao qual seguio D. Francisco Manoel nas Epanaforas pag. 450. Começou o governo de Flandes com alguns felices eventos &c.

Exinanir acha-se diversas vezes em Vieira. Veja-se o tom. 7.º pag. 238., e foi seguido pelos nossos Oradores de mais pura linguagem, como é o P. Antonio de Sá, e outros.

Fano, pequeno Templo do Gentilismo, foi usado por Vieira no tom. 8.º pag. 462. Levantou ElRei Jeroboam um Templo, ou *Fano*, em que collocou dois bezerros de ouro &c.

Farragem é de Vieira no tom. 9.º pag. 386., onde diz *farragem* de Heregias &c.

Flexuoso por cousa que não está directa, ou que vai dando voltas, acha-se em Francisco Rodrigues Lobo na Corte na Aldêa pag. 330.

Gusano é de João de Barros na Decada 1.ª pag. 43. imitado por Fr. Antonio das Chagas no 2.º tom. das Cartas pag. 256.

Imbecilidade tem em seu favor a Fr. Luiz de Sousa na vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 5, seguindo a Barros, que na Decada 4.ª pag. 329, disse: » gente fraca e *imbele* &c.

Infenso por *contrario* e inimigo é de Vieira tom. 4.º pag. 132. Daquella sempre *infensa*, e venenosa Metropoli &c.

Inflado é palavra tão Portugueza, que usou della Barros na Decada 3.ª pag. 226. Não *inflado* nem imperioso &c.

Insaturavel por *insaciavel* é de Vieira tom. 7.º pag. 272.

Intemerato: usou-o Vieira no tom. 2.º pag. 12. E' uma inteireza perfeita, incorrupta, *intemerata* &c.

Lenho por *nau* intendem muitos que é só permittido em Poesia; mas usou-o Vieira no tom. 4.º pag. 499, onde diz: As venturosas prôas de seus primeiros *lenhos* &c.

Licenciar por *despedir*, que muitos tem por verbo italiano novamente introduzido, é entre nós tão antigo, que se lê na Chronica d'ElRei D. João 1.º pag. 276. Achamo-lo diversas vezes nas Obras de Duarte Ribeiro de Macedo, Escriptor de purissima linguagem, e não menos em Vieira tom. 7.º pag. 430.

Manes, deidades infernaes do Gentilismo, tem a auctoridade de Vieira no tom. 9.º pag. 161. Donde se vê, que não é termo só privativo da Poesia, como alguns imaginam.

Messe por *sementeira* é do mesmo Classico em diversos logares, assim dos seus Sermões, como das suas Cartas.

Meta por *balisa*, que se tem commummente por palavra destituida de bons exemplos, já a usou João de Barros, e varias vezes o seguio Vieira, e Duarte Ribeiro de Macedo.

Muladar, que não se tem por termo legitimo Portuguez, é de Vieira dizendo: E Job tão bom no seu muladar &c.

Nefario por *infame* é de Fr. Bernardo de Brito no tom. 1.º da Monarq. Lusit. pag. 36, dizendo: Tendo por crime *nefario* viver contra a vontade d'El-Rei &c. *Nefario* sacrilegio. Hist. de S. Domingos. P. 2.ª pag. 40. col. 3.ª

Pavonaço por côr roixa, tem muitos por palavra inventada por Vieira no tom. 1.º pag. 114. Os que assim decidem, ignoram, que já antes a trouxera Duarte Nunes de Leão na Origem da Lingua Portugueza pag. 87, onde faz um catalogo das palavras que tirámos dos italianos.

Pavonear é verbo que se censurou em um moderno Elogio, na significação de *desvanecer*; mas foi a critica sem fundamento, porque mais de uma vez o usou nas suas obras o insigne Fr. Luiz de Sousa. Veja-se a Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres na pag. 161, onde diz: Se vos reverdes, e *pavoneardes* nella &c.

Prelibação; por gosto anticipadamente provado, e cujo uso duvidam muitos, é de Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres pag. 106, dizendo: Uma *prelibação* da gloria &c.

Prendas: Vide pag. 36.

Previo, que alguns não querem admittir, é de Viei-

ra no tom. 10. pag. 173, dizendo: Uma *previa*, é formosa representação &c.

Proditor por *traidor*, termo sempre sujeito á censura por estranho á nossa Lingua, acha-se em Vieira no tom. 4.º pag. 527. Se eu assim o fizesse, seria ser *proditor* das mesmas ovelhas &c.

Prolação de palavras, em vez de *pronunciação*, foi do uso de João de Barros na Decada 3.ª pag. 25, onde diz: Por terem duas letras no seu Alphabeto, que querem imitar na sua *prolação* &c.

Prono, palavra que parece modernamente extrahida dos vocabularios Latinos, achamo-la em Barros na Decada 4.ª pag. 516. Como os homens naturalmente são *pronos* ao mal &c. Com exemplo tão auctorisado bem podia reviver este termo para riqueza da Lingua.

Protervo. Vide pag. 37.

Racimo por cacho, é de Vieira no tom. 6.º pag. 481. Dois *racimos* de uvas.

Rapacidade por inclinação a tomar o alheio, é de Vieira tom. 9.º pag. 329. O avarento com a sua *rapacidade* apanha &c.

Recamar e *Recamo*, por *bordar* e *bordadura*, em cujo uso duvidam os escrupulosos, são palavras de Vieira no tom. 3.º pag. 420, e no tom. 4.º pag. 194. As roupas *recamadas* de ouro &c. Alli arruga, acolá *recama* &c. It. tom. 2. pag. 16. Era um lavor, e *recamo* de ouro &c.

Recensear tem em seu favor a João de Barros contra a critica dos que não tem a este verbo por legitimo Portuguez. Veja-se a Decada 4.ª pag. 384, onde diz: Ao feitor, e outros officiaes passados *recensearam* as contas, &c.

Recente, injustamente se tem por palavra Latina, que ainda não está naturalisada. Usou della Vieira no tom. 4.º pag. 372. vendo que já andava na Chronica d'El-Rei D. João 1.º pag. 298.

Reciprocar é de Vieira no tom. 5.º pag. 466, dizendo: Se a paixão, e compaixão *reciprocam* de tal sorte as penas &c.

Segure por uma especie de *machado*, que levavam os Lictores diante dos Supremos Ministros da Justiça Romana, de nenhum modo quer admittir a critica na prosa portugueza. Admittio-a Vieira no tom. 5.º pag. 228, dizendo: Levarem diante de si as varas, e a *segure* &c.

Simultaneo, disse Vieira no tom. 3.º pag. 262. Não fallam os Concilios de Collecção *simultanea*, mas successiva &c.

Soga por *corda* acha-se em Vieira no tom. 12. pag. 372. E vinha com a *soga* na garganta &c.

Sonoroso, que muitos tem só por voz poetica, acha-se diversas vezes em Fr. Luiz de Sousa. Uma grande voz clara, e *sonorosa*, tom. 2.º pag. 26.

Subitaneo em logar de *repentino*, usou-o Barros na Decad. 2.ª pag. 193, onde diz: por morte *subitanea* &c. Foi seguido por outros muitos sem o escrupulo, que hoje affectam alguns modernos, que toda a palavra Latina aportuguezada resolutamente dão por impropria.

Trifauce é epitheto que se acha em Vieira no tom. 6.º pag. 29, onde diz: Propriamente *trifauce*, porque por tres bocas, e tres linguas &c.

Trisulco, sendo termo poetico, acha-se tambem em Vieira no tom. 7.º pag. 485. Por isso chamado trino, ou *trisulco* &c.

Vacar por *occupar* é verbo que nem em Poesia se

quer admittir. Em prosa usou delle Vieira no tom. 4.º pag. 283, dizendo: *Vacando* só a Deus, e a si &c.

Victoriar por dar *victoria*, é do mesmo Classico no tom. 3.º pag. 255. Applaudidos, e *victoriados* de todo o theatro &c.

Poderamos produzir outros muitos exemplos, que fizessem copiosissimo este catalogo; porém como o nosso assumpto não é escrever Vocabulario exacto de palavras duvidosas, ou seguras da Lingua, mas só fazer reflexões sobre algumas, suppra esta nossa falta o Leitor pouco instruido descobrindo outros muitos termos legitimamente portuguezes na lição de nossos Classicos.

REFLEXÃO 4.ª

Sobre alguns nomes latinos introduzidos na Lingua Portugueza por Escriptores de inferior classe, aos quaes não se deve seguir.

Por occasião da Reflexão antecedente nos persuadiram alguns que para soccorro do Escriptor principiante quizessemos apontar mais alguns termos derivados do latim, que introduziram no Portuguez Auctores pouco benemeritos da nossa Lingua. Como acima fizemos menção de varias palavras latinas, que entre nós tem exemplos seguros, pareceu-nos justo abraçar a idéa, para que tambem saibam os pouco instruidos as vozes de que devem fugir, se quizerem escrever com pureza. As que não vão no catalogo seguinte, é porque pertencem mais propria-

mente á pronunciação, e assim busquem-se no Vocabulario, com que daremos fim á segunda parte deste Livro.

Absoluto por todos os numeros, isto é cabalmente perfeito, não é frase portugueza; posto que o parecesse ao Auctor da *Alma Instruida* tom. 2.º pag. 32.

Aculeo pelo ferrão da abelha, soffre-se nos Poetas, mas não nos que escrevem em prosa. Acha-se diversas vezes no livro *Valoroso Lucideno*.

Acume de engenho trás Nunes na sua Arte Poetica, em vez de agudeza de engenho. Na prosa não querem os criticos admittir este termo.

Acuminado por cousa *aguçada*, achamo-lo em certo Escriptor moderno, imitando a Fr. Jacintho de Deus no seu *Vergel de Plantas*.

Agilitar por fazer agil, acha-se no livro, Fabula dos Planetas pag. 65.

Aperção por *Abertura*: disse puerilmente o Auctor do Vergel de Plantas pag. 82. Pela *aperção* de livro &c.

Bipartido por cousa dividida em duas partes, só no verso tem bom uso com o exemplo dos nossos Poetas Classicos, e na prosa não se deve seguir a alguns que a usaram.

Bipede por cousa de dois pés, só no verso se admitte. Temo-lo achado em alguns discursos, tratando-se de monstros, e nesta accepção póde ser permittido.

Calamo por instrumento pastoril, tem exemplo em Faria na *Fonte Aganippe*; por penna de escrever usou-o o Auctor do *Valoroso Lucideno*. Tão atrevido é este termo na prosa, como no verso.

Confecto por acabado: usou-o o Auctor do Vergel de Plantas pag. 32, dizendo: *Confecto* quasi de idade decrepita &c.

Conterraneo por *paisano* é do mesmo Auctor acima allegado, famoso introductor de vozes Latinas, onde o não obrigava a necessidade, pag. 121.

Dealbado se acha em alguns Sermonarios, dizendo: sepulchros *dealbados* em vez de branqueados. Certo moderno usou deste termo em uma Oração Academica.

Deforme é palavra ascetica, da qual alguns usam com o exemplo de Fr. Antonio das Chagas. Este Auctor é respeitado em materias de pureza da Lingua, mas per si só não faz nella exemplo classico, que iguale o de Vieira, Jacintho Freire, e algum outro da sua mesma idade, segundo já mostrámos.

Derelicto por *desamparado*, acha-se no Vergel de Plantas, pag. 198. Muito deveria a Lingua Portugueza ao seu Auctor, se os escrupulosos o imitassem, porque ninguem tivemos, que mais do que elle, usasse de termos alatinados.

Divicias: admitte-se na Epopea com o exemplo de Camões no Canto 7.º Estan. 8.ª Em especie de Poesia menos sublime não terá a approvação da critica.

Divo por *santo*, póde dizer-se em Poema Epico, porque tem em seu favor a Camões no Canto 10. Est. 82. Aqui só verdadeiros, gloriosos *Divos* estão &c.

Efferado por *embravecido*, acha-se no tom. 4.º da Monarc. Lusit. pag. 22. Quando *efferados* se precipitão a fazer mal &c.

Eliminado por lançado fóra da porta anda na Carta Pastoral do Porto pag. 55. Devem ser da Igreja eliminados &c.

Espelunca só em Poema se admitte, e usam deste termo o Auctor da Insulana no Liv. 4.º Est. 102. Entrando em fim pela *espelunca* escura &c.

Exarado por cousa *esculpida* só a achámos no *Ver-*

gal de Plantas, e com este livro allegou o P. Bluteau, ao fazer menção desta desnecessaria palavra, para a qual temos não só *esculpido*, mas *gravado*, *aberto* &c.

Exacerar se acha igualmente no mesmo livro pag. 375. sem a minima necessidade, porque nos sobejam verbos legitimos da Lingua, que significam o mesmo.

Exidio por *destruição*, admitte-se na *Ulyssea* Cant. 8. Est. 4. por ser Epopea; não na Vida da Princeza D. Joanna, pag. 176.

Exhumação, acção de desenterrar um cadaver: usa-se deste termo no Livro da *Rainha Santa Isabel*, pag. 104.

Exter por *subsistir*, diz um critico moderno, que só o achára nos Commentarios da Guerra do Alemtejo, pag. 6., livro mais observante da verdade da Historia, que da pureza da Linguagem; mas nós achamo-lo em Vieira no tom. 2.º pag. 270.

Exterrecer por *causar terror*, anda no Poema a S.ª João Evangelista pag. 146 Est. 26. E' Auctor de levissima auctoridade.

Facultoso em logar de *rico* e opulento, é uma daquellas muitas palavras desnecessarias, que em cada pagina se encontram na Vida da Princeza D. Joanna. Veja-se a pag. 42.

Famulento por *faminto*, é liberdade só reservada não para qualquer especie de Poesia, mas para a Epopea, ou quando muito para a Lyrica em suas sublimes Canções com o exemplo de Camões na Canção 2.ª Est. 5.ª, que disse: Imaginando como, e *famulento* &c.

Fascinador, *Fascinante*, e *Fascinar*, são termos de que usou o Auctor do livro *Correcção de Abusos* em diversos logares: ainda os não achámos em Escriptor de mais auctoridade, mas poderá ser que se encontrem.

Fastigio por grande altura acha-se no livro *Dominio*

sobre a fortuna, escripto por Antonio de Sousa de Macedo, na pag. 61.

Fedo por *torpe*, e *sordido*, acha-se não só em verso, onde o uso é mais tolerante, mas em prosa de Escriptores presumidos de cultos. O P. Bluteau allega neste Vocabulo com a Luz da Medicina, pag. 342.

Fedifrago por *quebrantador* de pactos e leis, se lê no tom. 5.º da Monar. Lusit. pag. 140. Fr. Bernardo de Brito, fundador desta Historia, não a havia de usar.

Feminidade por fraqueza feminil não agrada aos que tem linguagem correcta; nem para elles basta o exemplo da Brachyolog. de Principes, pag. 251.

Feracissimo por *fertilissimo*, que traz Bluteau como Vocabulo Portuguez, não tem em prosa exemplo, que não seja de Auctor inferior.

Fido por *fiel*, só na Poesia não é digno da censura de uma critica prudente.

Finitimo por *confinante* não tem exemplo seguro. Acha-se nos Cercos de Malaca, pag. 2.

Flagicio por acção infame se animou a dizer o Auctor da *Fabula dos Planetas* na pag. 62, e *Flagicioso* o P. Fernandes na *Alma Instruida*, tom. 2.º pag. 231.

Flamancia por cousa que faz lavareda se acha na Vida de S. João da Cruz, pag. 183.

Flavo por *louro* admitte-se em verso com o exemplo de bons Poetas, mas não em prosa com a auctoridade do Auctor da vida do Irmão Pedro de Basto, pag. 423.

Fragor por *estampido* do raio é termo de que só nos Poetas se acharão bons exemplos, e máos na prosa. Usou-se delle na Cart. Pastor. do Porto, pag. 68.

Genito por *gerado* não tem a seu favor, senão o *Vergel de Plantas*, na pag. 42, ou outro Auctor simi-

lhante qne teve por leve circumstancia a pureza da linguagem.

Gleba por *torrão*, não sei que o usasse algum Poeta dos mais atrevidos nas liberdades poeticas, e usou-o o Auctor da Luz da Medicina na pag. 177.

Gymnasios por Aulas, não só se acha na Insulana de Manoel Thomaz Liv. 10. Est. 55, mas até na Arte Militar pag. 56, cujo Auctor não se devia valer das licenças que se toleram nos Poetas.

Hausto por *góle*, disse o P. Fernandes no tom. 2 da Alma Instruida pag. 370. Não sei que nenhum outro seguisse tão pueril innovação.

Hodierno por cousa de hoje, usou-o Landim na vida de S. João de Deus, pag. 15. Poeta bem pouco judicioso nestas liberdades.

Ignavia e *Ignavo*, não lhes achamos em prosa exemplo, que os defenda: no verso tem em seu favor a Camões.

Ignobil encontra-se em livros, cuja auctoridade não faz peso. *Ignobilidade* ainda é mais destituida de patronos; porem no verso ambos podem ter uso.

Immaculidade acha-se no tom. 6 da Monarq. Lusit. pag. 399; e só pelo uso deste vocabulo se vê que não deve ter peso a auctoridade deste continuador.

Immaturo só em Poesia se tolera com o exemplo de Camões, na Elegia 10, est. 3, e por isso tem desculpa o Auctor da *Insulana* de usar deste termo no Liv. 3, est. 4.

Implume se atreveram alguns a chamar em prosa ao passaro, que ainda não tem pennas, sendo termo só admittido no verso com a auctoridade de Camões na Eclog. 6, est. 23.

Incapillato por *calvo*, achamo-lo no Poema da *Ma-*

laca Conquistada Liv. 5.º, est. 21, mas não foi por decencia poetica, que se usou desta palavra; porque depois de se dizer *calva*, desnecessariamente se accrescentou *Incapillata*.

Incola por *habitador*, só pertence á linguagem dos poetas, dando-lhes exemplo o nosso grande Epico no cant. 3.º est. 21, onde diz «E nelle então os *incolas* primeiros. &c.

Incolume, e *Incolumidade* achamo-los no Vergel de Plantas, pag. 324, livro, que com mais propriedade se deveria chamar sementeira de vocabulos latinos puerilmente aportuguezados.

Incude por *bigorna*, digam-o embora os poetas com o exemplo da Ulyssea no cant. 10 est. 13. onde se lê «Na *incude* sonora hiam batendo, &c.

Indebito por *cousa* não devida, disse Queiroz na Vida do Irmão Pedro de Basto, pag. 564, mas não é auctor escrupuloso na pureza da lingua.

Indiminuto por cousa, que não tem diminuição, sómente o achamos no continuador da Monarq. Lusit. tom. 7 pag. 546.

Inerme por *desarmado* tem bom uso em Poesia, porque tem a seu favor a Camões no cant. 3.º est. 111, e a outros, que o seguiram. Na prosa não lhe achamos melhor exemplo que o de Varella no *Num. Vocal*, pag. 472.

Ingenito é palavra, de que usa Bluteau no Prologo ao Leitor Estrangeiro. Quem lêr as diversas Prefacções, que traz no principio do vocabulario, encontrará outras muitas vezes, em cujo uso não pareceu fautor da pureza da lingua, a qual honrava.

Ingente: hoje nem em Poesia [salvo se for Epica] se quer soffrer. Acha-se em Camões, mas na Epopea,

cant. 7 est. 62. Em Odes Pindaricas não é reprehensivel o uso, porque pede a mesma magnificencia de vozes estranhas, que competem ao Poeta Epico.

Inimicicia por *inimisade* se animaram alguns a usar na prosa ; nem no verso se quer hoje tolerar, não obstante o exemplo de Camões no cant. 8 est. 8, mas temos isto por injuria ao principe da nossa Poesia, cujos vestigios [diz Faria, seu comentador] não só se devem seguir, mas adorar na linguagem poetica.

Inupta por *solteira* acha-se no livro *Céu aberto na terra* pag. 199. Não sabemos, que o seu polido auctor, para assim o dizer, tivesse algum classico, que o defendesse.

Insidia por *cilada* , de que usou Camões no cant. 9 est. 39 não lhe achamos em prosa exemplo até naquelles escriptores de leve auctoridade, que disseram, *Insidiar*, *Insidiador*, *Insidioso*.

Instaurar em vez de *restaurar* , não tem exemplo, que deva seguir-se em prosa : no verso é mais toleravel o seu uso.

Intonso : pertence sem censura á linguagem dos poetas; os que nella não escrevem, não o podem dizer, sem se sujeitarem ao justo reparo da critica.

Invio por caminho, que não é trilhado, ou por terra, que não dá caminho, acha-se em Godinho na sua Viagem da India, pag. 134.

Invitar por *convidar* , anda na 3.ª Parte dos *Triumphos Evangelicos*, pag. 111. Depois de Vieira, e da sua eschola é mui vulgar não se achar em sermonarios pureza, e correcção de linguagem, quando elles deviam ser os seguros depositos destes preciosos bens.

Inusitado [por desusado] soffre-se em Poesia, porque se acha em Camões no cant. 2 est. 107, mas não

se tolera no P. Bluteau, usando delle no Prologo fallando com o Leitor Estrangeiro.

Jugular por *degolar*, disse sem alguma necessidade o Auctor da Vida de S. João da Cruz pag. 43.

Lactar por dar leite a uma criança, se acha na Cart. Pastoral do Porto, pag. 126. Encontramos igualmente este verbo em alguns sermonarios modernos.

Lavacro por *banho*, ou lavagem, só em Poesia o poderão soffrer os escrupulosos. Anda na *Vida de S. João Evangelista*, escripta por Nuno Barreto Fuzeiro.

Locusta [por gafanhoto] disse Varella no seu Num. vocal, pag. 157. Este Auctor não é, como outros, costumado a usar de taes liberdades.

Longevo [por idoso] não é reparado em verso, porque o usou Camões na Ecloga 6 est. 19, porem em prosa não se tolera.

Longinquo [por mui remoto] se lê no Valoroso Lucideno, dizendo, *longinquas* terras. Este escriptor é pouco benemerito do seu Idioma. Se usasse deste vocabulo nos muitos versos, que no dito livro misturou com a prosa, seria desculpavel a sua liberdade com o exemplo de Camões, que no cant. 2 est. 54 disse «Até o *longinquo* china.

Lucubração [por estudiosa vigia] encontra-se em bastantes livros, creio, que imitando ao P. Telles, que na sua Ethiopia pag. 2 não duvidou usar desta palavra.

Ludo Olympico [por *jogo*] disse Gaspar de Barreiros na sua Corographia, pag. 13. He para desculpar, porque geralmente é escriptor correcto, e poderá ser que se fiasse em algum exemplo classico, que nós ignoramos.

Lutulento [por cheio de lodo] anda no Crysol Purificativo, pag. 691. Este livro é uma abundante semen-

teira de joio de vozes Latinas sem necessidade aportuguezadas, como claramente mostraremos no fim da 2.ª Parte.

Limpha soffre-se nos poetas, e admite-se nos medicos, insignes fautores de vocabulos estranhos, ainda quando a necessidade os não obriga.

Mesmeidade [por identidade] se lê na Brachylog. de Principes, pag. 262. Seu auctor por querer nesta palavra ser nimiamente portuguez, deixou de o ser.

Modio [por alqueire] se resolveu a dizer o Auctor da Vida da Princeza D. Joana pag. 47, traduzindo as palavras do evangelho. *Nemo accendit lucernam, et ponit eam sub modio.* Desculpa-mo-lo por não querer usar de um termo, que não conserva gravidade no estylo. No Vergel de Plantas pag. 44 achou-se usada a mesma palavra.

Mole [por corpo de desmedida grandeza] como montros, gigantes &c., ainda lhes não achámos em prosa exemplo classico. Usou deste vocabulo o P. Fernandes no tom. 2.º da Alma Instruida pag. 309, tomando-o no sentido figurado.

Multiplice não lhe achamos exemplos seguros, mas póde ser voz facultativa; e de facto tem uso em discursos filosoficos.

Murmur por estrondo, anda no Poema da *Destruição de Hespanha*, Liv. 4.º Est. 25.

Obliterar, anda puerilmente usada na pag. 5. da *Primazia Monarq.*

Obumbrar concede-se aos Poetas com a auctoridade de Camões no Canto 6.º Est. 37. mas em prosa, como ha pouco o lêmos em um Discurso Academico, é objecto de censura.

Odor por *cheiro*: achamo-lo em diversos Auctores,

que julgam ter a Lingua Portugueza acção a toda a palavra Castelhana, ou Italiana.

Omnimodo se diz vulgarmente no estylo forense; mas a não ser nelle, só o achámos em Marinho nas Antiguidades de Lisboa, parte 1.ª pag. 241, e no Auctor do Vergel de Plantas pag. 370.

Opimo arrogaram a si alguns Poetas, e entre outros o achámos no Poema da *Insulana*, e no da Malaca Conquistada.

Pabulo por *Pasto*, disse sem alguma necessidade o P. Fernandes no tom. 1.º pag. 409 da Alma Instruida. Nos Poetas de inferior nota são muitos os exemplos.

Paramo por planicie, ou campo deserto usam os presumidos de cultos, mas com mais frequencia em verso do que em prosa.

Pauperrimo soffrem os criticos em Poesia, mas não nas *Noticias do Brasil*, onde se acha na pag. 122. Temos observado que os superlativos acabados em *errimo*, como asperrimo, celeberrimo, integerrimo, *saluberrimo*, tem na prosa raro exemplo, que faça auctoridade classica. O commum é achar-se com terminação em *issimo* á maneira dos outros superlativos, v. g. *pobrissimo*, *asperissimo*, *celebradissimo*, &c. *Integerrimo*, e *saluberrimo* com a mesma terminação é de que ainda não lêmos exemplo.

Philaucia em logar de *amor proprio*, não póde ter dúvida em Poesia, usando Camões desta voz grega no Cant. 9.º Est. 27. Em prosa não se póde usar com segurança, so se fôr trazida como palavra facultativa da Ethica, ou se escrever com os caracteres gregos, para se mostrar que não se adopta. Assim o praticou Cicero com este mesmo termo no Livro 1.º ad *Atticum*.

Plaustro por carro descuberto, é uma das muitas

vozes que tem a nossa linguagem Poetica. Usaram-na diversos Poetas, como Sá de Menezes, Manoel Thomás, e Gabriel Pereira no Cant. 2.º Est. 52. Que tinha bom logar na linguagem da prosa, ainda o não achámos, porque de nada valeria os muitos exemplos que se encontram no vicioso estylo das Novellas de Mattheus Ribeiro.

Popina por *taverna* anda na Poesia da Destruição de Hespanha, Liv. 4.º Est. 135.

Poto por bebida se acha na Brachylog. de Principes, pag. 296. Não tem melhor exemplo.

Prematuro, que no verso apenas se tolera, acha-se no Vergel de Plantas, pag. 35, e não foi uma só vez que seu Auctor usou de tal vocabulo.

Presagiar, póde ser que tenha exemplo classico, porém ainda o não encontrámos, como o descobrimos a *presagio*, e a *presago* em Vieira, Duarte Ribeiro de Macedo, e outros.

Primevo, quem o usou, só se póde defender com o exemplo do Auctor da Alma Instruida no tom. 2.º pag. 421, ou de outros Escriptores de igual nota.

Primordio por *principio*, dizem commummente os que no seu fallar affectam ser cultos; mas nós ainda não descubrimos este vocabulo latino em Auctor Portuguez, que faça auctoridade, nem Bluteau aponta melhor que o do Livro *Grandezas de Lisboa* na 1.ª Parte pag. 39.

Pristino por cousa muito antiga, se lê na pag. 365. do Vergel de Plantas, livro tantas vezes citado, e que ainda citaremos, porque nenhum outro nos soccorre tanto de vozes latinas puerilmente aportuguezadas.

Probo por *bom*, não tem exemplos tão graves co-

mo *probidade*. Acha-se na Vida da Rainha Santa Isabel pag. 139.

Proceridade por *altura*, anda na Alma Instruida tom. 2.º pag. 354. Pareceo bem este Vocabulo a certo Academico moderno em um Discurso que corre manuscripto.

Pròcero por *grande* e elevado, não teve dúvida a escrever o Auctor das Noticias do Brasil pag. 242, mas qualquer Escriptor nosso, que for escrupuloso na pureza da lingua, terá duvida em não o seguir.

Procrastinar por dilatar de dia em dia, acha-se na vida da Princeza D. Joanna, pag. 15, e em diversos logares das *Novellas* de Mattheus Ribeiro.

Procreação, e *Procrear*, não tem [segundo Bluteau] melhores exemplos que o de Marinho nas *Grandezas de Lisboa* pag. 2, e o de Barreto na *Pratic. entre Heracl. Democ.* pag. 20.

Profugo usurpou aos Poetas o Auctor da vida de S. João da Cruz pag. 229. Em varios Sermões modernos se achará tambem o uso deste Vocabulo, chamando v. g. *profugo* a Cain depois da maldição de Deus.

Progymnasma, é de Manoel Severim de Faria no Prologo ao Leitor, dando este nome aos seus *Discursos Varios*. Os criticos hão de querer que em logar delle dissesse *Preambulo*. Mas em fim tomada esta voz simplesmente como Grega, e não como já adoptada na lingua, póde admittir-se, muito mais se se escrever com caracteres diversos.

Propinar por *beber á saude*, de que apenas usaria um Poeta atrevido nas liberdades da sua linguagem, usou-o o Author do Vergel de Plantas na pag. 228.

Protervia, e *Protervo*, poderá ter exemplos seguros, porém ainda os não achámos. Da primeira palavra se

usou no *Castrioto Lusitano* pag. 18; da segunda na Cart. Pastoral do Porto, pag. 249. Nos Poetas não são raros os exemplos.

Prudenciar não se póde dizer, em quanto se não achar um Auctor de maior auctoridade que a que tem o que escreveo os *Successos Militares do Alemtejo*. Veja-se a pag. 89.

Pudibundo deo Camões este epiteto á rosa no Cant. 4.º Est. 75, e com este exemplo soffrerá a critica o uso desta palavra em uma Epopea, mas não nas outras especies inferiores de Poesia.

Quadrupedante [por *quadrupede*] é um dos infinitos Vocabulos Latinos que com excessiva liberdade poetica foi aportuguezando o Auctor da *Insulana*.

Recesso tomado pelo logar mais remoto de algum Reino, ou Provincia, achamo-lo na Corografia de Avellar pag. 43. Barros sim usou desta palavra na Decad. 3.ª pag. 102, mas como termo astronomico, dizendo: Com o accesso, ou *recesso* do sol &c.

Redivivo encontra-se em diversos livros, escriptos neste seculo; mas taes, que não são para imitar seus exemplos. Nos Poetas é mais toleravel o uso.

Remitir em vez de *repugnar* poderá ter em seu favor auctoridade segura; mas a que podemos até aqui descobrir, não é a que deve contentar, por ser do Auctor da vida da Rainha Santa Isabel pag. 17. *Renitencia* tem exemplos um pouco melhores, e se a memoria nos não engana, usou delle Vieira.

Renuir em vez de *Recusar*, e *Regeitar*, encontramo-lo naquelles livros, cuja linguagem despresam os criticos; nem Bluteau os descobriu bons para defender a introducção deste verbo.

Repercutir em vez de *reverberar* ou *reflectir* é vo-

cabulo que se permitte no verso, e em discursos phisicos; em outras obras ainda o não encontramos auctorisado com bons exemplos.

Semita por caminho, ou vereda, disse o Poeta Auctor do *Ramalhete Juvenil*, Lyra 1.ª pag. 62.

Soberanizar por *engrandecer*, disse o Auctor dos Cercos de Malaca na pag. 21, e seguio-o Mattheus Ribeiro nas suas Novellas.

Stridor se acha na vida de S. João da Cruz, pag. 53. Não se tolera senão em Poesia Epica, ou Lyrica, quando se usa do estilo Pindarico.

Stultiloquio não sei que se ache em Auctores de boa classe. Aonde o encontrámos foi na Carta Pastoral do Porto, pag. 48, que tambem usa de *Vaniloquio* na pag. 38.

Suggesto por logar á maneira de pulpito, ou palanque, de que usaram os antigos Romanos, se acha na Cart. Pastor. do Porto pag. 95. Deste vocabulo se vê claramente o quanto o Prelado, que a compoz, era facil em se valer sem alguma necessidade de vozes Latinas. Podendo dizer pulpito, ou cadeira, disse *Suggesto*.

Temulento por *embriagado*, disse o Auctor da vida da Rainha Santa Isabel, pag. 168. Só em verso o soffrerá a critica rigorosa.

Tenebrosidade se acha em um grande numero de livros modernos, supponho que por acharem seus Auctores esta palavra na *Guerra do Alemtejo* pag. 149, obra mui pouco correcta na linguagem.

Tentorio por *Tenda militar*, é do tom. 2.º pag. 714. do Agiologio Lusitano, a cujo Auctor devem mais as Antiguidades Ecclesiasticas de Portugal, do que a lingua em que as escreveo.

Tepor por qualidade media entre quente e frio, to-

lera-se nos livros de Medicina, mas não em outros, como o da *Guerra do Alemtejo* que usou deste vocabulo na pag. 148.

Terso por limpo, e polido, tem em Poesia muitos exemplos: na prosa se algum tiver de Auctor Classico será raro: Bluteau não lho aponta.

Tonitruoso por sujeito a trovões, não sei em que Escriptor de auctoridade o acharia, quem escreveo o livro *Lenitivos da dor* &c. usando desta palavra na pag. 66.

Tribulo por *abrolhos*, se lê na vida de S. João da Cruz na pag. 8., e creio que com este exemplo se animaram não poucos Prégadores a trazer esta palavra nos seus Sermonarios, e quanto mais estes são modernos tanto mais a achamos.

Tripudio por *alegria*, não teve dúvida em dizer o Auctor da vida da Rainha Santa Isabel na pag. 343, se escrevesse em verso não seria tão censurado.

Trivio por logar que se reparte em tres caminhos, ou aonde vão dar tres estradas, se acha no Num. Vocal pag. 331.

Truculencia, e *Truculento*, não tem os mais seguros exemplos. A primeira palavra se acha na Cart. Pastor. do Porto pag. 157. A segunda no Num. Vocal pag. 144. Em Poesia são menos reparaveis.

Vate em prosa não se admitte, e estranha a critica que um Auctor como Varella, que não é muito barbaro na linguagem, usasse deste termo no Num. Vocal pag. 381, applicando-o ao Baptista.

Vectação por andar a cavallo, ou em carruagem, é de Severim de Faria nos seus Discursos pag. 146 v.º Seria necessario Auctor mais Classico, para se poder usar seguramente deste termo.

Venerabundo, usou-o o P. Fernandes no tom. 2.º

da Alma Instruida pag. 180. Temos observado, que estes participios acabados em *undo* como *furibundo*, *pudibundo* &c. tem entre nós mais uso no verso que na prosa, como verá quem lêr os nossos Classicos.

Vociferar por *gritar*, achamo-lo na *Guerra do Brasil* pag. 145, e em alguns modernos, que escrevendo em prosa, imitam sem pejo a linguagem dos Poetas, gente livre, e ousada na adopção das palavras.

Se nos quizessemos valer do Vocabulario dos Medicos, dos Juristas, dos Poetas, e de outras classes de sciencias e artes, fariamos mais copioso este Catalogo em termos latinos aportuguezados, dos quaes todo o bom Escriptor deve fugir, sempre que o não obrigar uma necessidade extrema, como já mostrámos em uma das Reflexões antecedentes.

REFLEXÃO 5.ª

Sobre alguns Vocabulos Francezes, e Italianos, novamente introduzidos na Lingua Portugueza.

Assim como nas idades passadas era mui vulgar nos Escriptores de linguagem impura valerem-se dos vocabulos latinos, e accommoda-los á pronunciação Portugueza; assim hoje é mui commum na mesma classe de Auctores, servirem-se de vozes francezas e italianas, pretendendo naturalisa-las em Portugal. Destas creio que o numero é já infinito, espalhadas por todas as sciencias, artes, e officios mechanicos; porém com especialidade

na Filosofia Experimental, na Arte Militar, na Arquitectura Civil &c. Dizem que a falta de termos proprios obrigára a introduzir tantas palavras novas : se assim foi, procedeo-se com razão, porque obrigando a necessidade , devem-se buscar vozes para se exprimirem as cousas. Porém os amantes da pura linguagem Portugueza queixam-se de se introduzirem termos novos , meramente por moda, e não por precisão, pois que a nossa lingua tinha muitos, e bons, com que se explicava antes que se mendigassem outros ás estranhas para se exprimir o mesmo.

Que necessidade havia [dizem os puritanos da lingua] de se dizer *abandonar* tendo desamparar ? *affares* tendo negocios ; *Bellas Letras* havendo Letras Humanas , e Boas Artes : *Bellezas* da Eloquencia , havendo rasgos , de que sempre usou Vieira : *Bom Gosto*, havendo já discernimento, e juizo?

Porque se havia de introduzir *Cadete* por filho, que não é primogenito: *Criterio* por Arte Critica: *Canoculo* por oculo de vêr ao longe: *Charlatão* por palrador ignorante: *Chichisbéu* por galan, ou amante: *Delicadeza* de engenho por subtileza: *Dessert* por aparato de sobremeza: *Díscolo* por extravagante, e mal procedido: *Passagem* por logar, ou passo de algum bom Auctor : *Retalhos* de eloquencia por pedaços de eloquencia?

Que precisão tinhamos de *Garante*, e *Garantia* por fiador , e affiançar : de *Imagens* por logares , e passos eloquentes, ou da fantasia, ou do juizo: de *Interessante* por importante : de *Prejuizo* por antecipação de juizo, ou juizo antecipado: de *Projectar* por dar idéas, e arbitrios: de *Responsavel* por obrigado a responder: de *Susceptivel* por cousa capaz de receber outra: de *Viajar* por correr terras: de *Manobra* por mareação &c.?

Não só destas palavras, mas de outras muitas que agora nos não occorrem, mas lembram bem aos queixosos dellas, se lamentam os fieis conservadores da pura Linguagem Portugueza; porém outros criticos não acham para tanta queixa bastante fundamento. Dizem, que com esta liberdade é que se enriquecem de vocabulos as linguas vivas, e que só nas mortas, como a Grega, e Latina, é que o uso não póde exercitar o seu absoluto dominio.

Que não se tem enriquecido ha menos de um seculo a Lingua Ingleza com a introducção de infinitos termos, já inventados, já pedidos a outros idiomas, em que o Portuguez tem igualmente seu logar? E por fim ha hoje lingua viva que não tenha naturalizado inumeraveis vocabulos estrangeiros, sem exceptuar ainda a Castelhana, e Italiana, não obstante a sua copiosissima abundancia?

Assim fallam os defensores das vozes novas, e nós para dizermos o que sentimos entre estes indulgentes, e aquelles escrupulosos, dizemos que uns, e outros tem razão. Os escrupulosos, porque é certo, que havendo para exprimir qualquer cousa termo nacional, e usado pelos Auctores, que são textos, não se deve adoptar um novo; porque de outro modo nunca se verificaria que um Escriptor é de linguagem mais pura do que outro, e seria vão o nome de Classico, que se dá áquelles Auctores que o mereceram.

Porém estes escrupulosos peccão muitas vezes por excesso, sentenceando por vozes novas, e introduzidas pela moda, que reina na presente Litteratura do nosso seculo, a algumas que tem já muitos annos, e tambem seculos de antiguidade. Por exemplo: estranha-se por novamente adoptada a palavra *Reproche*, e já Duarte Nu-

nes de Leão faz della memoria contando-a por uma daquellas que fomos buscar aos francezes. Veja-se a este Auctor na sua Origem da Lingua Portugueza, pag. 81. Tem igualmente por nova a palavra *Policia*, e é não menos que de João de Barros na Decada 3.ª pag. 87, onde diz: *Nisto se mostra a grandeza, e policia daquelle Principe* &c. Que não dizem elles tambem contra a palavra *Pedante*, quando Duarte Nunes de Leão na sua Orthographia já traz *Pedantesco*? Não podem ultimamente soffrer, que se use do Italiano *Affanar*, e *Affano*, havendo em Portuguez *Affligido*, *angustiado*, *Affligir-se*, e *angustiar-se*, quando Vieira, insigne texto da Lingua, disse, como sabem os eruditos, *Affanado*, e *Affano*. Podemos fazer menção de outros vocabulos, a que os escrupulosos erradamente chamam novos, e como taes os reprovam; mas não sejamos prolixos, e passemos a defender os Escriptores indulgentes.

Tem estes razão em procurarem, á maneira das outras Nações, e vivamente protegerem a introducção de vocabulos expressivos, e precisos, quando não podemos exprimir uma cousa, senão por longa, e tediosa circumlocução. Se para nós expressarmos a força do verbo francez *Supplantar*, nos é preciso usar do rodeio de dizer: usar de força ou artificio para tirar a alguem o cargo, ou fortuna que possue; não será bom que admittamos este verbo, e digamos *Supplantar*? Não é mais expressivo e breve dizer *Criterio* do que Arte critica, *Insignificante*, do que cousa que nada significa? Não é mais succinto usar de uma só palavra, qual é *Responsavel*, e *Susceptivel*, do que occupar diversas vozes, dizendo: obrigado a responder, e capaz de receber? Se podemos com um só vocabulo exprimir o filho segundo, terceiro &c. de uma familia, porque se não ha de dizer Cadete?

Porém quando a nossa língua tem termos proprios, que exprimem o mesmo que os outros novamente introduzidos, em tal caso é com razão reprehensivel a novidade, porque se oppoem áquella pureza de fallar de que em todas as outras Nações se faz especial apreço. Porque havemos dizer *Abandonar* se temos *Desamparar*; *Resurce* se temos *Remedio*; *Discolo* se temos *Malprocedido*; *Affares* se temos *Negocio* &c. &c. Porque diremos *Intriga*, *Intrigante*, e *Intrigador* por enredo, enredar, e enredador, ou por maquina, maquinar, e maquinador? Porque havemos dizer *Caracter* por distinctivo; *Conducta* por procedimento, governo, prudencia &c.?

Eis-aqui o como nos parece que devem concordar os dois partidos, ambos excessivos, um porque nada permitte, ainda havendo precisão, outro porque tudo concede, ainda sem haver necessidade. Este nosso juizo é fundado sobre o mesmo parecer qne deram os Academicos da Crusca para se introduzirem ou não no seu famoso vocabulario vozes estrangeiras. Foi seguida esta prudente resolução por Monsieur de Furetiere, e pelos sabios das Reaes Academias Castelhana, e Franceza, quando emprenderam os seus Diccionarios.

Aqui tinha bom logar para instrucção do Escriptor principiante fazermos memoria de alguns modos de fallar novamente introduzidos, os quaes a Lingua Portugueza tem por fazenda de contrabando, introduzindo-a sujeitos nimiamente amantes dos idiomas francez, e italiano. Destes taes modos de fallar se valem a cada passo nas conversações e cartas, e [o que mais é] nos escriptos impressos. Dizem v. g. *Isto não é que uma insolencia*, ou *isto não é que um favor*, em vez de dizerem como bons Portuguezes *isto não é senão uma insolencia*, *isto não é senão um favor*. Dizem igualmente:

esta acção faz o objecto do publico assombro, em logar de dizerem á Portugueza, *é o objecto* &c. Do mesmo modo escrevem *fazer as delicias do povo*, em vez de escreverem *ser as delicias do povo*. Destes modos de fallar estrangeiros, e aportuguezados temos feito um largo catalogo, o qual seria bem util, que copiasssemos neste capitulo em beneficio da mocidade, sempre amante de novidades; porém temos justos motivos para o recolher na gaveta, receando prudentemente fazer-mo-nos odiosos a não poucos Escriptores modernos. Quanto mais que nós não pertendemos neste livro fazer um Tratado exacto, e completo de tudo o que póde ser Reflexão sobre a linguagem Portugueza. Em assumpto, em que nada havia escripto, contente-se o Leitor com este pouco. Se este nosso tal qual trabalho for bem recebido do público, e tiver a fortuna de vêr nova edição, como os animos estarão então mais dispostos, acrescentaremos novas Reflexões, que por ora fariam grande ruido.

REFLEXÃO 6.ª

Sobre a Syntaxe figurada, e Idiotismos da Lingua Portugueza.

Como escrevemos para Escriptores principiantes, ou pouco versados na sua linguagem, não será cousa inutil discorrermos alguma cousa sobre a Syntaxe figurada, isto é, sobre as *faltas*, *superfluidades*, *alterações*, e *propriedades*, que tem a nossa Lingua, quando se aparta da Syntaxe regular. Primeiramente, ha nella umas fal-

tas de palavras, que lhe augmentam a graça, e energia: Quando D. Francisco Manuel disse: *Recebendo a de V. Senhoria quizera ter forças, e não molestia, vagar, e não embaraços para responder como a obrigação o pede* &c., fallou este Auctor com especial elegancia da Syntaxe figurada, por encobrir na dita oração algumas palavras, as quaes não deviam faltar, segundo as regras da Syntaxe regular. Conforme estas havia de dizer, *Recebendo a Carta de V. Senhoria, quizera ter forças, e não quizera ter molestia, quizera ter vagar, e não quizera ter embaraços* &c. Por onde o ommittir a palavra *carta*, e o verbo *quizera* por tres vezes é o que consiste a elegancia da dita oração, pelo que diz respeito á Syntaxe.

Ha outra falta que não dá á nossa lingua menos graça que a antecedente. A cada passo altera ella a regra geral, de que todo o verbo no modo finito pede antes de si nominativo. E assim é nella frequentissima a ellipse de dizer: *Sempre leio os melhores Auctores Portuguezes*, em vez de dizer: *Eu sempre leio* &c. Faço esta reflexão para me tornar contra um numero infinito de modernos, que presando-se mais de francezes, que de Portuguezes, affectam não usar desta figura, e sempre dizem á franceza: *Eu vejo, eu pasmo, eu me confundo* &c. em occasiões em que não pede, antes o reprova, a energia, e indole da nossa linguagem. Os que cultivam a sua pureza, e propriedade nativa, bem percebem o que nós censuramos.

Temos igualmente observado nos nossos melhores Classicos, que por especial elegancia tiravam muitas vezes os articulos a diversos nomes. Não ha cousa tão frequente em Jacintho Freire, e em outros muitos, que o seguiram, como o dizerem, *meu zelo, minha lealdade, suas noções, seus progressos*, e não o *meu zelo, a minha*

lealdade &c. Vejo hoje pouco observada esta elegancia, sendo tantos, e da primeira auctoridade os classicos que a praticaram.

Porém assim como estas *faltas*, e outras que omitto, costumam augmentar a graça nativa da nossa Lingua, assim a *superfluidade* de palavras lhe causa seu deslustre. Conte-me o Leitor [se póde] o número das vezes que tem ouvido em discursos graves adjectivos superfluos, que dizem o mesmo que o seu substantivo, v. g. *lacrimoso chôro*, *fluidas ondas*, *estreito carreiro*, *ondas maritimas*, e outros similhantes epithetos, que achámos em um Sermonario moderno. E' na verdade insigne o seu Auctor nestas elegancias. Nelle se acha tambem, que Jeremias já *antes* havia profetizado a ruina de Jerusalem &c., que a dextra mão *direita* de Deus pesa igualmente a Justiça, e a Misericordia &c., banhava a *humida* chuva ao *desacompanhado* solitario &c., se vos derem uma bofetada na *face*, beijai a mão que vo-la deu &c.,— infinitos outros exemplos acharia o Leitor, se me fôra licito declarar o titulo do livro.

Persuadem-se alguns, governando-se pelas regras geraes da Syntaxe, que é erro na nossa Lingua, não concordar uma palavra com outra, com a qual devia concordar; porém enganam-se, porque ignoram que esta falta de concordancia é um modo de fallar figurado, que, á maneira dos Latinos, faz a oração mais elegante. Por exemplo, é melhor dizer: *Depois da victoria o resto do exercito inimigo parte fugiram, envergonhados de sua fraqueza, parte morreram, por serem incuraveis as feridas*; do que dizer: *parte fugio, e parte morreo*; porque na palavra *parte* se incluem muitos soldados. Por virtude da mesma figura Syllepse é mais elegante dizer: *estava o campo coberto de valorosa gente*, e todos

apostados a vencer, do que concordar dizendo, *e toda apostada a vencer*. Não concorda em genero, e numero com o substantivo *Gente*, mas com o significado homens, que se subentendem. Em qualquer outro nome de multidão, como *povo*, *plebe*, *turba* &c., tem seu logar este modo de fallar figurado. Por virtude delle dizemos tambem: *El-Rei com a Corte se divertem na caça*, devendo dizer-se, segundo a Syntaxe regular, se *diverte*, porque *Corte* está em ablativo com a proposição *com*.

Porém assim como a nossa Lingua admitte á imitação da Latina estas liberdades da Syntaxe figurada, assim não soffre outras, que são frequentes entre os Latinos. Para ella raro é o Hyperbaton, que deva admittir-se na prosa, porque não tolera, como supporta a lingua italiana, palavras na oração fóra do logar que lhes é devido. Não é proprio da sua indole dizer-se: *João se armou para a vida tirar ao inimigo seu*; mas sim: *Armou-se João para tirar a vida ao seu inimigo*. Pelo contrario na Poesia é esta alteração elegancia, dizendo-se: *Estas que já cantei rimas sonoras*, e não *estas rimas somas sonoras que cantei* &c. Advertimos por ultimo, que havendo no Latim diversas castas de Hyperbaton, em Portuguez só ha tres, que são: *Anastrophe*, *Parenthese*, e *Synchese*; qualquer outra que nella se admitta, é erro crasso, e sem exemplo na prosa.

Mas passemos já aos idiotismos, que são proprios da nossa Lingua, e não seguem as regras da Grammatica Latina, posto que concordem com a de outras Linguas vivas. Não trataremos dos diversos idiotismos que temos na conjugação de alguns verbos, porque sobre ser materia cançada, e fastidiosa, poucos são os erros em que neste ponto cahem os ignorantes. Commummente

conjugam bem ; posto que não saibam que na tal conjugação ha já particular propriedade da Lingua.

Ha porem alguns idiotismos, que devemos explicar aos que nascendo em Portugal, não sabem Portuguez, pois tem por erros crassos certos modos de fallar, que são propriedades nativas da Linguagem Portugueza. Por exemplo : sabem que na Lingua Latina duas negações affirmam, e persuadem-se erradamente que no Portuguez é o mesmo, tendo difficuldade a dizer: *Eu não sei nada*; *Eu não vi ninguem* &c. Quem duvída a fallar assim mostra claramente que nenhum estudo tem dos nossos Classicos antigos, e modernos; pois que estes jámais admittiram que em Portuguez affirmassem duas negações, como no Latim affirmam, porque só nelle dizer : *Eu não sei nada*, val o mesmo que dizer: *eu sei alguma cousa.*

Na concordancia do verbo com o seu nominativo temos tambem um particular idiotismo no verbo *Haver:* porque nas terceiras pessoas do numero singular não concorda em numero com o seu nominativo. Os ignorantes, e tambem muitos dos que presumem não o ser, governando-se pelas regulares conjugações de outros verbos, tem por erro crassissimo ouvirem dizer: *Houve homens que nunca haviam de ter nascido*, em logar de *houveram homens* &c. *Havia muitas iguarias no banquete*, em vez de *haviam muitas iguarias* &c. Porém estes presumidos são os que erram, porque com todos os Classicos da nossa lingua se prova, que o estar este verbo no singular , e o seu nominativo *Homens*, ou *iguarias* no plural, é um idiotismo, e Grammatica irregular muito propria da nossa linguagem.

Por virtude do mesmo idiotismo temos outros muitos modos de conjugar verbos , de que não poderiamos usar, a seguirmos as regras da Syntaxe regular. Dize-

mos v. g. *Aborreço a affectação* em vez de *Aborreço-me a affectação*: *Esqueceu-me o negocio*, em logar de *Esqueceme do negocio*: *Lembro-me eu*, por *Lembra-me a mim*: *Enfastiou-me o comer*, em vez de *Enfastiei-me do comer*, e outros muitos modos que o uso ensina, quero dizer, o uso daquelles que cuidam em fallar com pureza, e correcção, seguindo sempre os vestigios dos Classicos, de cuja auctoridade só os ignorantes duvidam.

REFLEXÃO 7.ª

Em que recommendando-se o fallar com toda a propriedade se offerece um Catalogo de termos proprios, cujo legitimo uso frequentemente se perverte.

Depois de termos discorrido nas Reflexões antecedentes sobre diversos pontos, que conduzem para a observancia da pureza da nossa lingua, justamente seriamos arguidos, senão fizessemos uma Reflexão separada sobre o valor, e propriedade de muitos termos Portuguezes, a qual anda pervertida pelos Escriptores ignorantes, persuadidos de que são synonimas palavras, que muitas vezes na significação são entre si contrarias, e oppostas.

Na verdade de que serviria termos fallado sobre vozes justa ou injustamente antiquadas, sobre vocabulos que pertencem mais a outros idiomas do que ao nosso, e sobre algumas propriedades da Syntaxe figurada da nossa Grammatica, se deixassemos em silencio o tratar

de muitos verbos, e nomes; cuja propriedade é só estudo daquelles poucos que trabalham por fallar com pureza?

Póde um Escriptor não introduzir nas suas obras vocabulos latinos, italianos, e francezes; póde praticar as propriedades, ou idiotismos da sua lingua, e não se valer de termos, que o uso já deo por antiquados, e ainda assim dizer-se delle sem mentira, nem offensa, que não falla com propriedade; porque transtorna o uso legitimo, e genuino dos verbos, e nomes, valendo-se delles, quando nem a sua significação o pede, nem o seu conceito lhes corresponde.

Esta propriedade, que raras vezes se vê praticada, é a que deo a um João de Barros, a um Fr. Bernardo de Brito, a um Fr. Luiz de Sousa, a um Jacintho Freire, e especialmente a um Vieira a distincta honra de *Mestres* da Lingua Portugueza. Quanto mais se lêr a este illustre Classico, mais se admirará, que é singular entre todos na escrupulosa propriedade, e energia, com que usa das palavras para exprimir os seus conceitos. Ora demos desta verdade alguns exemplos, afim de que por elles o Escriptor principiante tome affecto a este grande Classico, e o não largue da mão; para conseguir, como elle, o explicar-se sempre com os termos mais proprios, e cheios de energia. Não seremos diffusos, porque fariamos crescer esta obra mais do que pede o estylo que seguimos, se dessemos liberdade á penna em transcrever todos os exemplos que offerecem os livros deste insigne Mestre.

Observe-se no liv. 3.º num. 218 a propriedade de vozes, e a viveza de expressões, com que usa de diversas Hyperboles. — « O Leão, para quem toda a Libia era pouca campanha; a Aguia para quem todo o ar era

pouca esfera; o Touro, que não cabia na praça; o Tígre, que não cabia no bosque; o Elefante, que não cabia em si mesmo &c. » — Veja-se no tom. 2.° os termos propriissimos de que usou para se exprimir. — « Cantelhes aos homens o Rouxinol, mas na sua gaiola; digalhes ditos o papagaio, mas na sua cadêa; vá com elles á caça o açor, mas nas suas piozes; faça-lhes bufunarias o bugio, mas no seu cepo &c. » — Observem-se os verbos que applicou metaforicamente no tom. 14. a diversas paixões do animo — « Arde o odio, morde-se a inveja, escuma a ira, raiva a desesperação, grita furiosa a dôr, e desafoga-se, sem nunca desafogar-se, a vingança &c.

E que proprios são os termos incisos, com que usando da figura *correlação*, descreve no tom. 4.° os enfeites de Judith! — « Manda vir cheiros, joias, galas, espelhos: veste, compoem, enriquece, esmalta, os cabellos, a garganta, o peito, as mãos &c. » — Não são menos proprias as vozes de que usa na Ethopea, que se lê no tom. 1.° pag. 326. — « Vêdes aquelle mancebo macilento e pensativo, que roto, e quasi despido, com uma corneta pendurada do hombro, arrimado sobre um cajado, está guardando um rebanho vil de gado mais asqueroso? » — Porém ainda temos por mais viva a pintura, que nos deixou no tom. 1.°, na qual a propriedade das palavras vence toda a viveza das mais solidas cores. — « Vedes aquelle homem robusto, e agigantado, que com aspecto ferozmente triste, tosquiados os cabellos, cavados os olhos, e correndo sangue, atado dentro em um carcere a duas fortes cadêas anda moendo em uma atafona? &c. » — Foi este Orador verdadeiramente maravilhoso nestas pinturas. Eu não sei se é melhor que a antecedente, esta, que se lê no tom. 7.° num. 390.

— « Vereis a um destes [falla de um homem opprimido de profunda tristeza] quando ainda se conta no numero dos vivos, descorado, palido, macilento, mirrado: as faces sumidas, os olhos encovados, as sobrancelhas cahidas, a cabeça derrubada para a terra, a estatura toda do corpo encurvada, acanhada, diminuida &c. »

Porém cessem todas as pinturas deste Rafael dos Oradores, á vista da que se admira no tom. 5.º num. 448. Eu copio parte della, para vêr o Leitor que na propriedade, e energia dos termos, é em que consiste a sua horrorosa viveza. — « Inclinará Deus os céus, e avizinhar-se-ha mais á terra para castigar seus moradores. Debaixo dos pés trará um remoinho de nuvens negras, escuras, e caliginosas: das ventas lhe sahirão fumos espessos de ira, de indignação, de furor: da boca, como de fornalha ardente, exhalará um volcão de fogo tragador, que tudo accenda em brazas, e converta em carvões. Atroará os ouvidos attonitos com os brados medonhos da sua voz, que são os trovões: cegará a vista com o fuzilar dos relampagos alternadamente accesos, abrindo-se, e tornando-se a cerrar o Ceo temerosamente fendido: disparará finalmente as suas setas, que são os raios, e coriscos: abalar-se-hão os montes, retumbarão os valles, affundar-se-hão até os abysmos os mares, descubrir-se-ha o centro da terra, e apparecerão revoltos os fundamentos do mundo &c. »

Emparelha no seu genero com esta *Prosopopea* aquella vivissima *Descripção*, que anda no tom. 11. num. 185. — » Vistes o que cada dia acontece nos povos, e cidades principalmente grandes, levantar-se entre homens sediciosos uma briga, ou arruido subito, que na campanha se podéra chamar batalha? Todos puxam pelas armas, e são armas tudo o que demais perto se offe-

rece ás mãos. Chovem os golpes, voam as pedras; uns ferem, outros cahem; todos correm, e acodem sem saber a quem, ou contra quem, ou a causa; uns incitados do odio, e da ira; outros sem ira, nem odio; tudo é grita, tudo desordem, tudo confusão &c. »

Porém se nos exemplos antecedentes avulta a força, e viveza da nossa Lingua, outros muitos se admiram neste illustre Orador, nos quaes não reluz menos a propriedade, e energia. Falla elle da formação de uma imagem humana, e diz assim no tom. 3.º num. 581: — « Ondea-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afia-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o pescoço, estende-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos: aqui desprega, alli arruga, acolá recama, e fica um homem perfeito, e talvez um santo &c. » — Agora nos occorre outro exemplo, em que igualmente a cada clausula do periodo corresponde seu verbo proprio. — « Ha se de arar a terra, ha se de semear, e gradar o trigo, ha de rega-lo o Ceo, ha de amadurece-lo o sol, hão de colhe-lo segando os segadores; posto em paveas na eira, depois de calcado e limpo, ha de ser moido, depois amaçado e levedado, e depois finalmente cosido, até que se possa comer &c. » — Baste de exemplos, porque quando não, iremos insensivelmente copiando todos os Sermões deste grande Orador, pois que não ha pagina que não nos soccorra com ampla materia. Só advertimos que se lêa no tom. 9.º Sermão 9.º, porque nelle se admira em alto gráo o propriissimo uso da nossa Lingua.

Este é o principal Mestre que deve imitar o Escriptor principiante, desejoso de saber e praticar todos os primores da sua Lingua; mas sempre é preciso advertir-lhe que Vieira com a suprema auctoridade de Mestre

usou de alguns termos plebeos, e fez algumas descripções, que o principiante não deve imitar, porque aquellas liberdades, que não desdizem na boca de um velho, na de um moço são justamente censuradas.

Vieira commummente sim é escrupuloso observante do decoro Oratorio, fugindo de textos plebeos, que costumam abater a oração, por isso em vez de *Lameiro*, *manturo* &c., disse *muladar*, *esterquilinio*, *cloaca*, e *sentina*, e foi seguido sempre pelo P. Bernardes, especialmente nas suas *Meditações sobre os Novissimos do Homem*. Por isso em logar de *bebado* usou de *embriagado*, ou de *umbriado*, ou se valeo de alguma engenhosa circumlocução, qual é a do tom. 13. pag. 170, onde disse decorosamente: — « A's outras nações volta-lhe Bacho o juizo com o licor, a que deo o nome &c. » — E no tom. 12. num. 919., disse com igual decoro: — « Diz mais o Profeta, que esta luz resplandecente levava nas mãos, o que os touros trazem na cabeça. » — No tom. 7.º num. 75., é igualmente admiravel a modestia com que se explicou, quando disse: — « Aos Portuguezes as fontes são as que nos matam a sede, e não as vides &c. » — Por ultimo admire-se, e imite-se o decoroso enfaze, com que exprimio, no tom. 3.º num. 423., cousas, que explicadas por seus nomes proprios offenderiam a gravidade do estylo Oratorio. — « Deixo [diz elle] aos que sobem aos postos pelos cabellos, e não com as forças de Sansão, senão com as forças de Dálila. Deixo aos que com tal voz conhecida de Jacob levam a benção de Esaú, e não com as luvas calçadas, senão dadas, ou promettidas. Deixo os que sendo mais leprosos que Naaman Syro se alimparam da lepra, e não com as aguas do Jordão, senão com as do Rio da Prata. »

Porém não obstante a sua escrupulosa observancia

do decoro Oratorio, usou com a liberdade de velho alguns termos, que ao Escriptor destituido de credito não devem servir de exemplo. Será reprehensivel, se disser como Vieira: — « Atassalhar, abocanhar, agatanhar, peçonhento, movito, alporcas, rameloso, chacota, aranzel, golodice, e outros vocabulos plebeos, que não escaparam á critica atrevida. Aquella sua famosa Descripção, que anda no tom. 7.º num. 158, não é tambem para imitar, quem não estiver, como elle, no mesmo gráo de auctoridade. — « Considerai-me uma cara, [diz elle] que não mereça nome de rosto, nem ainda de monstro, disformissimamente macilenta, seca, e escaveirada: a côr verdenegra, as queixadas sumidas, a testa enrugada, os olhos sem pestanas nem sobrancelhas, e em logar de meninas, com duas grossas bellidas; calva, remelosa, desnarigada; a boca torta, os beiços azues, os dentes enfrestados amarellos, e podres; a garganta corcomida de alporcas, em logar de barba um lobinho, que lhe chegue até os peitos, e no meio delle um cancro fervendo em bichos, manando podridão, e materia; não só asqueroso, e medonho á vista, mas horrendo, pestilente, e insupportavel ao cheiro &c. » — Quem não for um Vieira, não se metta a ser tão fiel Retratista, antes siga as doutrinas de Quintiliano, que em similhantes imitações dos homens grandes dá prudentissimos conselhos. Mas já é tempo de apresentarmos ao Leitor o vocabulario, que no principio desta Reflexão lhe promettemos sobre a propriedade, valor, e energia de alguns termos, que tem mais uso em graves conversações, e discursos. Se para a Lingua Latina são utilissimos os muitos Auctores que escreveram de *Differentiis Verborum*, persuadi-mo-nos que tambem o catalogo seguinte não será inutil para os pouco introduzidos na lingua ma-

terna. Já estamos antevendo que muitas das differenças que apontamos terão alguns por desnecessarias, e superfluas, visto serem triviaes, e sabidas; mas é porque não advertem, que são frequentissimos os exemplos dos que não as praticam em seus escriptos, o que nos sería facil a provar, senão temessemos fazermo-nos odiosos. Advertimos por ultimo, que não é nossa tenção provarmos, que seja erro o uso metaforico de um grande numero de vocabulos, que trazemos neste catalogo, mas só sim pretendemos ensinar aos principiantes a sua rigorosa significação. Por exemplo não condemnamos a palavra *Abundancia* na significação de grande quantidade de qualquer cousa solida, posto que rigorosamente se deva applicar a materias liquidas. Sirva este exemplo para os demais vocabulos, que se acharem em nossos Classicos no sentido metaforico &c.

Abastado, *rico*, e *opulento*: em rigoroso sentido não é o mesmo. *Abastado* é aquelle que tem o que lhe é bastante para viver. *Rico* é o que tem para viver com grandeza. *Opulento* é o poderoso por suas riquezas.

Abdicação não é o mesmo que *renunciação*, porque é largar a dignidade que possue, sem a renunciar a terceira pessoa. *Abdicam-se* reinos. *Renunciam-se* beneficios, disse Vieira.

Abnegação não é voluntaria privação dos bens, ou dignidades, mas da propria vontade, appetites, e gostos da vida.

Aborrecer não é synonimo proprio de *desgostar*. Abor-

reço a Pedro por desgosto de Pedro. *Aborrecer* é ter aversão com tedio, e horror.

Aborto, não lhe compete o verbo *parir* como lhe deo certo moderno, mas *lançar*. Propriamente é desde os tres mezes até sete. Sendo causado por força, e antes destes mezes diz-se *aborso* com o exemplo de Vieira, e outros.

Abstemio, não significa o que se abstem de comidas, mas de *bebidas*, especialmente de *vinho*.

Absurdo como adjectivo, v. g. *cousas absurdas*, não se acha nos bons classicos, e só usam de tal os Escriptores de inferior nota.

Abundancia, e *affluencia*, rigorosamente fallando, é de aguas: *copia* para o demais.

Abusão, e *abuso* não significam o mesmo, como entendem os ignorantes. *Abusão* val o mesmo que *superstição*; e *abuso* só significa máo uso de alguma cousa. Nem obsta achar-se em Barros abusão por abuso, porque se dá por antiquado o exemplo.

Acatamento é mais que *respeito*, porque val o mesmo que *veneração profunda*. A's vezes significa presença de Pessoa Divina, ou de grandes Principes.

Accumular é para cousas que possam fazer *cumulo*, ou montão. Metaforicamente é que se diz: accumular cuidados, delictos &c.

Acenos, e *acções* differem, em que *acenos* são signaes que se dão com a cabeça, olhos, e mãos, sem concorrencia da voz: *acções* são gestos acompanhados de palavras, e feitos com diversas partes do corpo. *Acenos* servem para chamar, dar consentimento, requestar &c. *Acções* servem para exprimir tudo. Metaforicamente *accno* se póde tomar por qualquer leve indicio da vontade.

Achaquoso é mais que *doente*, e *enfermo*; porque

achaque é o mal que sobrevem a uma grave doença, ou que nasce de má disposição de temperamento, e é habitual, e quasi natural do corpo.

Acorrer, e *acodir* differem, porque *acorrer* é acodir com acceleração e pressa.

Acossar é propriamente perseguir o touro no corro: tambem se applica ás outras feras nos matos. Metaforicamente se diz *acossado* da fortuna, dos trabalhos, dos inimigos &c.

Acrisolar, proprio do ouro que se apura no crisol. [Metaf.] *Acrisolar* a virtude, a amisade, o amor &c.

Acre, cousa de sabor pungente, e picante na lingua: *acro* ferro de má qualidade, e que facilmente se abre. *Acri* rio na Provincia de Calabria.

Actor aquelle que representa no theatro. Auctor, o que dá principio a alguma cousa, como Auctor de livros, de engenhos, de pleitos, de crimes &c.

Ademanes são em rigor as acções que se fazem só com as mãos, para exprimir os movimentos da vontade, v. g. ajuntão-se as palmas e os dedos em signal de pedir; cerra-se o punho para ameaçar; alarga-se o braço, e mostra-se a palma para fazer parar alguem; encosta-se o braço, e abre-se a mão para pedir &c.

Adejar, proprio das aves, quando batem as azas. E' muito usado de Vieira.

Admirativo, cousa que denota, ou inculca admirações: *admiravel*, cousa digna de se admirar. Não será Sermão *admiravel*, mas *admirativo*, disse Vieira no tom. 1.º pag. 463.

Admoestar é advertir alguma cousa com brandura, *reprehender* com severidade; *increpar* com aspereza. O bispo Jeronymo Osorio em uma carta a EL-Rei D. Sebastião diz: admoestei-o primeiro, depois o reprehendi

como pai, e depois o increpei, como juiz, de sua contumacia &c.

Adolescencia é propriamente aquella idade que corre depois da puericia, até que se acaba de crescer. Segundo Vossio nos homens é até os 25 annos, nas mulheres até os 21.

Adoração, é acto de religião com as demonstrações mais honorificas, como genuflexão, prostração &c. *Veneração* é respeito profundo: vem do verbo *vereor*, assim como *adoratio* vem do *ad os oratio*, isto é *manum ad os movere*, levar as mãos juntas até a boca em signal de submissão, e súpplica.

Adormecer é começar a dormir. *Adormentar* é causar somno. O vinho *adormenta*, e faz *adormecer* ao embriagado, disse Vieira.

Affavel e *benigno* rigorosamente tem differença: *affavel* é o que sem perder o seu decoro, trata cortezmente com todos: *benigno* é o que com modo suave faz beneficios. Differe este do *bom*, porque póde o homem valer como bom, e não o fazer com doçura, como faz o benigno.

Affecto é mais do que *inclinação*, porque pede movimento e inclinação forte do animo, o que não requer a inclinação.

Affeiçoado é menos que *amigo*, porque *affeição* é benevolencia com propensão natural: *amizade* é um forte, e reciproco amor, fundado em boa razão, e em virtude.

Agonia é mais que *afflicção*; porque não só significa o conflicto da vida com a morte, mas um fortissimo combate de paixões que poem o coração em mortaes apertos.

Agouro é rigorosamente adivinhar pelo canto das

aves, assim como *auspicio* pelo vôo das mesmas : *aruspicina* pelas entranhas dos animaes : *sortilegio* por sortes : *nigromancia* pelos cadaveres : *pyromancia* pelo fogo : *aromancia* pelo ar : *hydromancia* pelas aguas : *chyromancia* pelas linhas da mão : *metoposcopia* pelas feições do rosto : e *geamancia* por pontos feitos na terra.

Agricultar é propriamente fabricar as terras : *cultivar* é para jardins de plantas, flores &c. Sempre assim o achamos observado por Vieira, Fr. Luiz de Sousa, e Jacintho Freire.

Ajoujo, voz propria para cães de caça, quando prendem um a outro.

Ajuntamento de homens em jornada é *rancho* ; em conversação *roda* ; em Sermões, e Discursos Academicos *auditorio* ; em espectaculos publicos *concurso* : ajuntamento de pedras é *montão* ; de peixes *cardume* ; de cavalgaduras *récua* ; de camelos *cafila* ; de cães *matilha* ; de cavallos *tropel* ; de lobos *alcatéa* ; de porcos *vara* ; de passaros *bando* ; de ovelhas *rebanho* ; de cabras *fato* ; ajuntamento de cavallaria é *troço* ; de arcabuzeiros *manga* ; de forçados da galé *chusma* ; de sabios *congresso* ; de prelados *concilio* ; de hereges *conciliabulo* ; de judeos *sinagoga* ; de feiticeiras *conventiculo* ; de negociantes *praça* ; de ministros, ou theologos *junta* ; de cardeaes em Roma *congregação*, e se o papa os convoca *consistorio* ; de ministros politicos em Allemanha *dieta* ; de commerciantes em Londres *bolça* : ajuntamento de juizes em Hespanha é *concelho* ; em França, e Inglaterra *parlamento* ; em Roma *curia*, *congregação*, e *rota* ; entre os antigos Romanos *senado* ; entre os Athenienses *areopago* &c. &c.

Alacridade não é o mesmo que *alegria*. Esta é um suave movimento da alma, com que se dilata o coração na consideração de um bem effectivo, ou imaginario,

palavra Jacintho Freire, quando disse no liv. 4.º num. 59. Reprehendeo asperamente sua *animosidade* &c.

Annaes: é historia segundo a serie dos annos; *fastos* significam o mesmo. Outros querem que *annaes* seja a historia daquelles annos, que não cabe na idade do historiador; e *historia* aquelles successos que elle presenceou, ou podia presencear. *Ephemerides* ou *diario*, é a narração de successos por *dias*. *Chronica* differe de *annaes*, porque estes só descrevem as acções annuaes de uma só Nação, e chronica comprehende as de outros povos. *Memorias* são noticias escriptas sem aquella ordem, methodo, e estylo que pede a historia.

Aparentar differe muito de *aparentar-se*. O primeiro significa ser parente de alguem; o segundo fazer-se parente, como bem adverte o Auctor da Corte da Aldea.

Appetecer, é desejo vehemente de alguma cousa com mais curiosidade, do que necessidade, ou razão. *Desejar*, é querer uma cousa, mas com moderação, segundo as circumstancias do logar, e do tempo. Este é o primeiro gráo do movimento da alma, que nos impelle a querer alguma cousa: *appetecer* é o segundo: *suspirar*, ou *anhelar* o terceiro.

Aquatico é o que nasce ou vive na agua, como os peixes. *Aqueo* é cousa que consta de agua. Humor *aqueo*, partes *aqueas* totalmente apartadas dos corpos, dizem os Medicos.

Aristarcho, chamam muitos ao censor satyrico, injusto, e imprudente, dando-lhe o mesmo caracter que teve *Zoilo*. E' erro crasso, porque Aristarcho foi um censor tão judicioso, e prudente, qual o descreve Horacio na sua Poetica; Zoilo é que foi um satyrico cheio de paixão, e de imprudencia.

Armada é do exercito naval. Parecia escusada esta advertencia, mas não é, porque temos achado em algumas modernas traducções do Francez, e do Italiano, chamar-se armadas aos exercitos de terra, porque nas ditas linguas acharam *armèe*, e *armate*.

Aroma, *perfume*, e *fragrancia* não são propriamente synonimos. *Aroma* é o cheiro de drogas, cuja fragrancia persevera muitos annos, e para cheirarem não é necessario queima-las; como v. g. o ambar, o almiscar, a canella &c. *Fragrancia* querem muitos, que só se deva applicar ao suave cheiro das flores. Perfume é todo o cheiro, que provêm de fumo de aromas; v. g. do incenso, alfazema &c.

Aspecto por *semblante*, muitas mais vezes se acha applicado a homem que a mulher, e tambem com raridade lhe dão os Classicos os epithetos de bello, gentil, alegre, e outros, que mais convem a rosto. Diz-se commummente *aspecto* melancolico, feroz, carregado, severo, grave, venerando, e outros epithetos proprios de quem ameaça, ou atemorisa, ou se faz respeitar.

Assanhar proprio para cão, gato, e alguns outros animaes que não tiverem verbo diverso, como o de *acossar*, que tem o touro, e o leão; o de *esporear* que pertence ás bestas de cavalgadura; o de *aguilhoar* proprio de boi &c. &c.

Assassino não é simples matador, que enfurecido tira a alguem a vida; mas aquelle que a sangue frio mata por dinheiro.

Assestar proprio para peça de artilharia, assim como *apontar* para seta, espingarda &c.

Assombro segundo Agostinho Barbosa no seu Diccionario, é terror grande, que faz romper em desordenadas acções, e tregeitos; e por isso este Auctor faz *as-*

sombrado synonimo de *endemoninhado*. Não estamos por esta explicação: chamamos *assombrado* ao que de terror muda o semblante, e *pasmado* ao que perde o uso dos sentidos. Por methafora, *assombro* é uma admiração que enleva os sentidos, e val o mesmo que *pasmo*, e *espanto*.

Asylo é só proprio de templo, ou de logar sagrado: *couto* é para logar de pessoas privilegiadas.

Atrocidade não é simples *crueldade*, e *tyrannia*; mas tyrannia, e crueldade excessiva. *Atroz* commummente diz-se mais das cousas, que das pessoas.

Avareza, e *ambição* tem muitos por uma mesma cousa. Em rigor *avareza* é o demasiado amor das riquezas. *Ambição* é o desejo desordenado de honras não merecidas. Em muitos logares observa Vieira esta differença.

Aversão é menos que *odio*, e mais que *aborrecimento*, se dermos credito a alguns, que em latim escreveram sobre a differença das palavras. A *aversão* com o tempo perde-se, o *aborrecimento* com facilidade se desvanece; porem o *odio* difficilmente se extingue. E' sentença de Aristoteles no 2.º da Rhetorica.

Avistar é propriamente descobrir os objectos ao longe, postoque tambem se use por *ver-se* uma pessoa com outra.

Austero o que declina para *intractavel*; *severo* o que declina para *cruel*, e por isso vem de *sævus*.

Azenha differe de *moinho*, em que este tem rodizio, e aquella roda por fora, com que móe. Tambem o moinho anda, ou com vento, ou com agua de rio, e azenha com agua de ribeiro, que cahindo na roda lhe dá impulso.

Bastardo é o filho que não nasceu de legitimo matrimonio: porem em rigoroso sentido chama-se *natural* ao nascido de solteiro, e solteira: *espurio* ao que não

tem pai certo : *adulterino* ao nascido de mãi adultera : *incestuoso* ao nascido de incesto : *sacrilego* [segundo alguns] ao que tem pai sacerdote, ou mãi religiosa; mas este já fica incluido no *incestuoso*. Outras denominações se podem buscar nos Juristas.

Batalhão, e *esquadrão* não são synonimos, como entendeu certo moderno. O primeiro é corpo de cavallaria, o segundo de infanteria. Por onde não podemos dizer, como dizem os francezes, batalhão de infanteria.

Baxeza é menos que *vileza*. Corre a mesma differença que ha entre homem de *baixa*, e de *vil condição*.

Bejo differe rigorosamente de *osculo* : o primeiro é signal de amor, mas pudico: o segundo é demonstração de amisade, e de religião, osculando as cousas sagradas. Mas esta rigorosa differença, nem os mesmos latinos sempre a observaram, e só o *suavium* [bejo libidinoso] não confundiam com *basium*, e *osculum*.

Belleza propriamente é a graça, o atractivo, o garbo, a lindeza, e a bizarria do rosto, e corpo humano: corresponde no latim a *venustas* porque estas eram as especiaes qualidades de *Venus*. Tanto se applica ás pessoas, como ás cousas : *belleza* das artes, dos edificios, dos trages &c.: *formosura* é a perfeita proporção, que per si, e entre si, tem não só as feições do rosto, mas as outras partes do corpo humano, guardando uma exacta symetria e perfeição. Tal foi Helena entre os Gregos, e Dido segundo o delicado retrato de Virgilio em duas palavras *forma pulcherrima*. De maneira que a formosura verdadeira comprehende em si a viveza, e donaire, a gentileza, e a galhardia da belleza, mas esta não abrange toda a perfeição da formosura. A belleza attrahe, a formosura arrebata : a belleza é uma imagem da

creatura perfeita : a formosura é uma idéa do Creador Supremo &c.

Bellico , e *bellicoso* não é o mesmo: o primeiro é cousa de guerra; o segundo homem inclinado á guerra; e por isso não se diz com propriedade *bellicosas* bandeiras, mas *bellicas* , nem *bellico* Imperio , mas *bellicoso*. *Belligero* é o que se póde applicar a *bellico*, e a *bellicoso*. Nações *belligeras*, ou *belligerantes* ; *belligero* estandarte &c. Em Poema é que não valem sempre estas regras.

Benevolencia é aquella especie de amor, ou de amizade com a qual extremamos a alguem, para lhe fazermos bem. *Benignidade* é brandura de animo, e inclinação a fazer bem, v. g. Pedro tem *benignidade* , mas a meu respeito ainda não tem *benevolencia*.

Bens moveis em rigoroso sentido são aquelles bens que de si não tem movimento , como joias , baixelas, alfaias &c. *Bens moventes*, são os que per si mesmos se movem, como animaes, escravos &c.

Bicho não se deve applicar aos quadrupedes , mas aos insectos, que se criam ou na terra, ou nos corpos, ou nas arvores, ou nos fructos. Dir-se-ha mal *bicho* do mato, ou do bosque, por fera.

Boninas não são todas as flores , mas das mais pequenas, delicadas, e mimosas , que com um leve mimosear logo perdem a galla, e belleza.

Brandir verbo proprio para *lança* , quando a movem para atirar.

Braveza acho em Vieira na accepção de fereza , e *bravosidade* na de arrogancia. Tom. 3.° pag. 79.

Brincos por adorno das orelhas , não é tão proprio como *arrecadas* , palavra de que ainda hoje usa toda a côrte. *Brinco* é joia do peito.

Cabellos quando incultos, *grenha*, quando compridos, nos homens *gadelhas*, nas mulheres *madeixas*; quando brancos *cans*. Nos cavallos são *crina*, nos leões *juba*, ou *coma* em linguagem poetica.

Caça, se é de veados, chama-se caça de *veação*; se é de feras *montaria*, se é de aves *volateria*. Assim o achamos sempre em Fr. Luiz de Sousa: veja-se o tom. 2.º pag. 256 v.º Para outras differenças lêam-se os classicos que escreveram sobre esta materia.

Cadêa: do religioso diz-se *carcere*, para o ecclesiastico *aljube*, para o soldado *calabouço*, para o ladrão *enxovia*, para o fidalgo *torre*, para os forçados *galé*, para as feras *serralho* &c. E' distincção do P. Bluteau.

Camponez o que vive no campo, *montanhez* no monte, *serrano* na *serra*, *aldeão* na *aldêa*, *selvagem* nos *bosques*, *hermitão* no *ermo*, *solitario* no *deserto* sem companhia, *anacoreta* junto com outros.

Candura é branco mais puro e sobido, que *alvura*. *Candida neve*, *alabastro* &c.

Cantoria, *cantores*, ou *cantadeira*, de que usa Barros na Decad. 2.ª pag. 149. col. 2.ª não são synonimos: a primeira é a mulher que canta algumas vezes, e a segunda é a que tem officio de cantar, a que hoje chamão *cantarina*.

Caricias propriamente são aquellas demonstrações alegres de affecto, que mostram as mãis aos filhos, e os filhos ás mãis.

Caridade em rigor é com os *pobres* e necessitados. *Compaixão* é que póde ser com os *brutos*.

Carpir é propriamente *chorar* arranhando a carne. Assim o achamos sempre nos classicos, e muitas vezes em Vieira.

Catadupa estrondo horroroso que faz o Nilo, despe-

nhando-se de uma altissima rocha; é voz propria porque as quédas estrondosas de outras aguas despenhadas chamam-se *cataractas*.

Catadura, aspecto feroz e irado. E' termo antigo, e por muito expressivo o usa frequentemente Vieira.

Cavallo, se tem côr tirante a vermelho, é *alazão*; se tem as mãos e pés brancos *quatralvo*; se é russo *cardão*; se todo negro *murselo*; se não é bem negro *andrino*; se é castanho muito claro *bayo*; se é de côr misturada de branco e castanho *rosilho*. Os outros nomes que lhe dá a Arte de Cavallaria, facilmente se percebem, porque são de cores conhecidas, como *melado*, *malhado*, *branco*, *castanho*, *prateado*, *remendado* &c. &c. *Poldro* é cavallo que não tem idade de servir; *potro* o que já póde começar a trabalhar; *sendeiro* o que não presta, nem pela figura, nem pelo trabalho; *faca* o que é pequeno de corpo; *rocim* o que é de serviço, e não de picaria; *frisão* o que vem de Hollanda para servir em carroagem; egoa *maninha* é a que nunca pare, nem concebe; *garrana* é a de corpo pequeno, e de serviço de campo.

Cenotaphio é um sepulchro honorifico, em que não jaz corpo; e nisto differe de *mausoleu*.

Charlatão é o vadio que anda de cidade em cidade vendendo e encarecendo com grandes palavras triaga, drogas medicinaes, unguentos &c.

Chocarreiro, e *gracioso* são aquelles com quem todos zombam, e elles de todos fazem zombaria, dizendo graças, e ditos agudos, que provocam a riso. Vem do verbo latino *jocari*. *Bobo* é propriamente o gracioso da comedia, e deriva-se de *boi* por ser como o boi tardo, e estolido. *Louco*, e *doudo* é o mesmo, isto é, aquelle que perdeo o juizo, e ficou com lucidos intervallos. *Tolo*,

e *parvo* val o mesmo ; isto é, homem simples, que na idade competente não tem discurso. Ou de uns, ou de outros, dos que vão apontados, se compoem aquella classe de gente chamada geralmente *sevandijas*, que tem os principes, e grandes senhores em seus palacios para os divertirem.

Cicioso é aquelle que pronuncia as palavras como se tiveram muitos *ss*. *Gago* é o que pronuncia com falta de letras. *Balbuciente* é propriamente o menino que começando a fallar pronuncía as palavras imperfeitas. *Tatáro* é o que troca letras diversas em *T*, ou [segundo outros] o que é *tardo* na pronunciação.

Cimitarra [segundo Varella no Numero Vocal pag. 556] é proprio de Turcos, ou Persas. *Alfange* de Mouros. *Cimitarra* tem a folha larga, e do meio para a ponta vai voltando á maneira de fouce: *Alfange* tem a folha direita.

Cioso se diz propriamente daquelle, cujo ciume procede do amar, e não da emulação, ou do nimio desejo de alguma cousa. Por metaphora é que póde admittir mais alguma liberdade.

Cipo em termos proprios é uma pequena columna, ou marco, em que se gravava alguma inscripção, para perpetuar nas sepulturas a memoria de alguma cousa. Tambem é termo proprio para synonimo de *tronco* de familia. Com a primeira significação o achamos sempre no livro *Antiguidades de Lisboa*. Com a segunda na *Nobiliarchia Portugueza*.

Circo posto que João de Barros na Decad. 3.ª pag. 128. o traga por *circulo*, a sua propria significação é denotar as diversas praças circulares que teve Roma, para a pomposa representação de seus jogos, chamados por esta razão *circenses*.

Civil, e não *civico* se diz em geral a tudo o que pertence a cidadão. *Civico* é só para *coroa* de carvalho, ou azinheira, com a qual os Romanos coroavam aquelle que salvara a vida a algum cidadão.

Civilidade, e *civil* em outro tempo foi entre nós o contradictorio de *civilitas*, e *civilis* latino; isto é, significou *rusticidade*, e *grossaria* por virtude da figura antifrase. Veja-se a Chronica d'EL-Rei D. João 1.º pag. 19., e não menos a João de Barros, Decad. 3.ª pag. 217., ao qual ainda seguio D. Francisco de Portugal no seu livro *Pris.*, e *soltur.* pag. 32.

Clarão não é o mesmo que *claridade* em geral, porque é uma grande luz, da qual se não vê principio que a produza, mas só os extremos, ou os reflexos.

Clareza por *claridade* da luz não é proprio. Diz-se clareza da vista, do discurso, da nobreza.

Claudicar posto que em rigor seja o mesmo que *coxear*, não admitte Vieira senão no sentido metaforico: *claudicar* na amisade, no amor &c.

Clemente em sentido rigoroso não é [como alguns imaginam] o mesmo que *placido*. Homem que a ninguem offende é *clemente*: homem affavel para todos é *placido*. Clemente é proprio do animo; placido do rosto. Esta differença, que é de bons Auctores, não a temos pela mais segura. *Clemente* [quanto a nós] é o que tempera o rigor do castigo, sem faltar ao zelo da justiça. *Placido* é o homem facil em se applacar, ou em applacar aos outros por meio da affabilidade das palavras, e do semblante.

Cobiça; raras vezes se toma por desejo de possuir cousa boa, por isso so os seus communs epithetos são *insaciavel*, *desordenada*, *vãa cousa*, *desenfreada* &c.

Colgadura, o brinco que se dá por occasião de an-

nos. Vem do Castelhano *colgar*, suspender; porque era costume antigo lançar um cordão de ouro ao pescoço de quem fazia annos, ou pelo menos uma fita.

Colloquio, dialogo com outro: *soliloquio* fallar comsigo mesmo; frequentemente os ignorantes o tomam por uma mesma cousa.

Collyrio: é remedio pertencente á molestia de olhos. Em sentido não rigoroso se tomou por medicamento de outros males.

Colonia terra povoada de novo. Tambem se toma propriamente por gente mandada a fazer nova povoação.

Colosso é rigorosamente um corpo tão alto, que em certo modo perturba a vista, não podendo os olhos vê-lo todo de uma vez. Por isso os antigos chamaram colosso á grande estatua do sol em Rhodes, e ao desmedido retrato de Nero em um panno de cento e vinte pés de alto.

Combate de duas pessoas é *desafio*: de duas, ou de mais *briga*: de dois exercitos *batalha*: de parte do exercito *choque*: de mar por espectaculo de divertimento *naumaquia*: de lutadores *luta*: os combatentes nos antigos jogos Gregos, ou Romanos chamavam-se *athletas*: se os jogos eram de punhadas, o seu nome era *pugiles*: se de armas de ferro *gladiadores*: se se valiam das forças de mãos e pés, chamavam-se *pancracios* &c.

Comicios, termo proprio para explicar o ajuntamento do povo Romano na eleição dos Magistrados, ou approvação das Leis. Achamos usada esta palavra em alguns livros, especialmente nas *Antiguidades de Lisboa*, pag. 217.

Comitre nome proprio de guarda, que manda, e castiga os forçados, e remeiros de uma galé. Já o usou João de Barros na Decad. 2.ª pag. 46.

Commentarios é propriamente a Relação Historica de alguma cousa, escripta em estylo simples.

Commodato, termo proprio forense de cousa que se empresta, e se ha-de restituir na mesma especie, como v. g. uma joia, um cavallo &c. *Mutuo* pelo contrario é o emprestimo de cousa que não se restitue na mesma especie, como dinheiro, vinho &c. Vieira usou destas duas palavras no tom. 8.° pag. 181.

Companheiro: na milicia é *camarada*: no negocio *socio*: no estudo *condiscipulo*: no Ministerio Politico *collega*: na herança *co-herdeiro*: de casa e mesa *comensal*: nos jogos *parceiro*: no matrimonio *consorte* &c. &c.

Compilação querem muitos que não seja o mesmo que *collecção*, dizendo ser *compilação* um agregado de obras de diversos Auctores sobre uma materia, e *collecção* o agregado de varias cousas que se tem lido, e notado v. g. *collecção* de ditos, e sentenças &c., e *compilação* de leis, e concilios &c.

Complacencia não é synonimo de qualquer gosto e prazer; mas é gosto com vaidade, fundada na boa opinião que cada um tem de si. Não nos oppomos a esta distincção dos Grammaticos, se acaso fallam da complacencia que cada um tem para comsigo mesmo, e não para com os outros, porque essa então val o mesmo que *obsequio*, donde vem *comprazer com alguem*, isto é, fazer-lhe o gosto e vontade.

Concavo, cousa que parece cavada em redondo pela parte interior, e *convexo* a parte exterior desta mesma cousa. A superficie externa de um globo é *convexa*; o seu ambito exterior é *concavo*. Na lingua latina muitas vezes se confunde esta distincção, e com o exemplo de Virgilio, quando disse: *Tædit cœli convexa tueri*, e alguns Auctores Portuguezes erradamente tambem a tem

confundido. Os exemplos latinos nesta materia não os defendem da censura.

Concepção é a actual representação de uma cousa á faculdade intellectiva, ou o acto de conceber mentalmente alguma cousa. *Conceição* é dar principio á formação do feto. Posto que em rigor uma e outra cousa seja o mesmo, com tudo Vieira nunca disse: *Conceição* de idéas, e *concepção* da creatura no ventre materno, como diziam os outros classicos mais antigos.

Conjectura differe de *suspeita* em que esta se funda em razões tenues, que facilmente se falsificam, e aquella em argumentos mais fortes e verosimeis. Conjectura é indicio de cousa occulta, que busca a verdade por signaes, e razões: suspeita é tenue duvida de alguma cousa incognita.

Conjuração, e *conspiração* tem differença em rigoroso sentido; porque conjuração é uma união de varias pessoas juramentadas para a morte de um Principe, ou para a ruina de um Estado. Conspiração é isto mesmo, mas sem juramento, e só com mutuo consenso. Tambem se toma em bom sentido; conjuração nunca.

Conscripto, nome do antigo Senador Romano, ou mais propriamente do Senador feito de novo.

Consolador é para pessoa: *consolatorio* para cousa: homem *consolador*; carta *consolatoria*, e não *consoladora*.

Consorte, querem alguns criticos, que pertença mais rigorosamente á mulher casada, do que a seu marido; porque dizem, que ella como sugeita ao homem, é a que participa da sorte delle. Aînda não achamos os fundamentos para esta distincção, patrocinando-a Auctor classico Portuguez.

Consternação não se deve tomar por synonimo de

qualquer pena, afflicção, e trabalho; porque é um extremo desalento, e medo, qual o que succede haver nas calamidades publicas, ruinas, e estragos.

Consular é aquelle que foi Consul, e não o que de presente o é. Nesta equivocação cahio certo Traductor moderno, chamando Consulares a Romanos, que actualmente eram Consules. Dignidade, Ordem, Magistrado *Consular* &c. póde-se dizer.

Contentamento, e *contento*: diz-se, estou com grande *contentamento* da tua chegada, da tua resolução, das tuas fortunas, &c. E estou com um creado a *contento*, sou homem de bom *contento*, levo esta fazenda a *contento* &c. Nos bons classicos ainda não achámos confundida esta differença.

Continencia não é o mesmo que *pudicicia* em sentido rigoroso. Continencia é a virtude, com a qual nos abstemos, não só de qualquer gosto illicito, mas ainda licito. Pudicicia é a virtude que se oppoem á lascivia.

Continuo se diz de cousa perenne que dura sem interrupção. *Continuado* se diz daquella união e connexão de uma cousa com outra. Febre *continua*, e planicie *continuada*; moto *continuo*; e linha *continuada*, dizem os Filosofos &c. *Continue fit, quod assidue*; *continuate, quod sine intermissione*, diziam os Latinos.

Contrariedade em opiniões é *dissenção*; na fortuna são *revezes*: entre emulos é *opposição*: entre adversos *inimisade*, e *odio*: no genio *antipatia*: em fazer alguma cousa *repugnancia*: nas palavras *contradicção*.

Contumelia é mais que simples *injuria*; porque é affronta grande com despreso do respeito, e dignidade do affrontado. Por isso dizia Pacuvio: Facilmente soffre uma *injuria* se nella não ha *contumelia*. Tambem

é frequente em Cicero dizer: « Offendeo não só com *injurias*, mas com *contumelias*.

Convencido: em Juizo é *convicto:* em Argumento *colhido*. D. Francisco Manuel disse nas suas cartas: « *Colhido* estais por minhas razões, senão *convicto* no tribunal do Amor. »

Contrariedade em opiniões é *dissensão:* na fortuna são *revezes:* entre emulos é *opposição*. entre adversos *inimizade* e *odio:* no genio *antipatia:* em fazer alguma cousa *repugnancia*: nas palavras *contradicção*.

Conventiculo, pouca gente junta, que maquína alguma cousa contra o bem dos particulares, ou da Republica. Tambem significa ajuntamento de feiticeiras.

Corça, especie de cabra brava, que tem alguma semelhança com o veado: o seu macho é *corço*; assim como o da *cerva* é *veado*.

Corôa Real: insignia do Rei: tambem se diz *diadema*; porem rigorosamente fallando diadema é aquella antiga banda, ou faxa branca, com que os Reis cingiam a cabeça. Corôa de flores é *capella:* de louro *laurel*, ou *laurea:* nos escudos das familias *coronel*. Os antigos Romanos coroavam os seus soldados com diversas corôas. A *triumfal* no principio era de louro, e depois foi de ouro: a *obsidional* era de grama, e se dava ao Cabo, que livrava a Cidade de algum assedio: a *civica* era de carvalho ou azinheira, e a dava o cidadão libertado ao cidadão libertador: a *mural* era de ouro, e a dava o general ao que primeiro escalava os muros do inimigo: a *castrense* tambem era de ouro com as insignias do vallo ou estacada, e era para o primeiro que rompia o arraial do inimigo: a *naval* era igualmente de ouro, guarnecida de esporões [illegible]ios, e se dava ao que primeiro saltava nas [illegible]migas: a *oval* era de mur-

ta, e usavam della os triunfadores nos pequenos triunfos: a *oleaginea* era de oliveira, e se dava áquelles que sem se terem achado nas batalhas, conseguiam as glorias do triunfo. Todas estas differenças convêm saber, para se escrever com propriedade.

Corrente de ferro é propriamente prisão pela cintura, pescoço &c. *Grilhão* é prisão de pés: *algema* de mãos

Cortezia aos principes é *genuflexão*: na milicia é *continencia*: nas mulheres *mizura*.

Covarde não é *timido* ou *fraco*, mas demasiadamente timido e fraco. Homem mais covarde que timido se acha muitas vezes em Vieira, para exprimir aquelle, que nas circunstancias de perigo toma para si a segurança, e cede aos outros a honra.

Crime é mais que *delicto*; porque em significação rigorosa *crime* é aquelle mal capital contra as leis divinas ou humanas, com o qual se offende gravemente a Deos e á republica, como v. g. são mortes, falsidades, adulterios &c. *Delicto* é a culpa, cujo damno diz respeito ao particular e não ao publico, v. g. a injuria, o furto &c. Por isso não se chamarão com vigorosa propriedade *delictos* aos crimes de Lesa-Magestade Divina, ou humana, e outros, em que a Justiça como offendida immediatamente se interessa. Outros querem que *crime* seja culpa de commissão, e *delicto* de ommissão.

Criminoso: do sobredito se tira, que este nome é mais grave que o de *delinquente*, e que, fallando em rigor, se não devem confundir, assim como os latinos não confundiam *noxa*, *scelus*, *flagitium* &c.

Crise: nunca usaremos desta palavra por sinonimo de *critica*, como alguns usaram, mas sim como termo de medicina, para denotar a subita mudança de uma doença, ou para bem, ou para mal do enfermo.

Crocitar é voz propria do corvo, segundo a Arte da Caça, pag. 81.

Crueldade se diz mais propriamente dos homens: *fereza* dos homens e das feras.

Cultura de terras é *fabrico*: de vinhas *adubio*, ou *amanho*.

Curiosidade em rigor não é o mesmo que *estudiosidade*; antes é um desordenado desejo de vêr, ou de saber cousas novas, ou que não são uteis, nem necessarias: o seu opposto é *negligencia*. Só em sentido figurado é que curiosidade não é vicio.

Dador e *doador* não é o mesmo em Portuguez, como é no latim *dator*. *Doador* é o que faz doação de alguma cousa, e é termo forense. *Doador* é simplesmente o que dá qualquer cousa. Deus *dador* de todos os bons &c. diziam os nossos melhores classicos.

Damno é propriamente *perda* das cousas que possuiamos: *detrimento* é padecer *diminuição* nas mesmas cousas.

Decotar: termo proprio para as arvores, quando lhes cortam os ramos. Na Arte da Caça, pag. 75, tambem se applica este verbo ao tirar as pennas ás aves.

Decrecimento e *decremento* tomado por *diminuição*, tem sua diversa applicação, se estivermos pelo parecer de alguns criticos. Querem que *decremento* sirva só para a lua, pois que só para ella é propria a palavra *incremento*, e dizem que *decrecimento* é para a diminuição de tudo o mais.

Decumano val o mesmo que *decimo*. Vieira descrevendo uma tormenta no tom. 5. pag. 326 diz: «Quando veio a onda decima, ou *decumana* &c.» Aponto este exemplo, para mostrar tambem contra alguns escrupulosos modernos, que esta palavra é portugueza.

Dedicação em rigor não é o mesmo que consagra-

ção; porque *consagrar* é fazer sagrado um logar que antes era profano; e *dedicar* é offerecer a Deos o mesmo logar já consagrado. Para o intento da Igreja *dedicação* vale o mesmo que *sagração*.

Defraudar não é *tirar* simplesmente a alguem alguma cousa, mas tirar-lha com fraude, injustiça e engano.

Degolar não é propriamente o mesmo que *descabeçar*. Este verbo significa separar a cabeça do corpo, como se acha em Jacinto Freire, pag. 395. *Degolar* significa matar com golpe na garganta, mas sem apartar do corpo a cabeça, como diz Bluteau com os demais vocabulistas.

Delubro, palavra usada dos poetas, e pelo nosso traductor das Georgicas de Virgilio, não é o mesmo que *templo*. Os romanos deram o nome de *delubro* ao templo pequeno, ou a uma parte do templo, como se colhe do logar de Varrão, que diz: «O capitolio de um templo, que debaixo do mesmo telhado inclue tres delubros, um a Jupiter, outro a Minerva, outro a Juno.»

Demasia val o mesmo que *excesso*, e menos que *superfluidade*.

Democracia é o governo politico, no qual a eleição dos magistrados depende dos votos do povo. *Aristocracia* é o que depende dos votos dos nobres. *Monarquia* é o governo opposto a estes dois, porque nelle é um só o que manda, e não o povo ou a nobreza. Governo *democratico* foi o de Roma e Athenas: *aristocratico* é hoje o de Veneza &c.

Demonio, quando tenta para a soberba, deve-se dizer com rigorosa propriedade *Lucifer*: quando incita á luxuria *Asmodeo*: quando inspira impaciencia *Satanaz*: quando persuade a gula *Belzebub* &c.

Denodado: o mesmo que *atrevido*, *intrepido* e *resoluto*. Votos *denodados* entre os nossos antigos eram aquelles que se faziam com demasiada audacia, e fantastico atrevimento. Vieira usou muitas vezes deste nome. Veja-se o tom. 4. pag. 164.

Denso: querem alguns, com a autoridade de Varrão, que seja nome mais proprio para *bosque* e *mato*, no qual as arvores estejam tão juntas, como os dentes em um pente, e que por isso se diz *denso*: *compacto* querem que sirva para a densidade dos metaes: *espesso* para a das nuvens: *crasso* para a das materias liquidas.

Depravação é mais do que *corrupção*. Não só se corrompem, mas se *depravam* os costumes com a ambição das riquezas, dizia Cicero no 2. *de Offic*. *Depravado* é o perverso; *corrupto* o vicioso.

Deprecar é rogar com preces; *orar* com veneração e humildade.

Derivar, como vem de *rivus*, é verbo que, rigorosamente fallando, só pertence aos ribeiros, regatos, ou canos, que levam uma corrente do logar do seu nascimento para outro diverso, e diz-se com toda a propriedade « Aguas *derivadas* do rio » &c.

Derrogar é abolir uma lei em parte: *abrogar* é de todo aboli-la.

Desacato é muito mais que *despreso*; porque é tratar com injuria a cousa digna de toda a veneração. *Desacata-se* a Deus e aos principes. *Despresa-se* o inferior e o pobre &c.

Desaffeição querem muitos que não seja o mesmo que *desaffecto*, dizendo que póde haver *desaffecto* a uma pessoa, e ainda assim conservar-lhe alguma *affeição*, porque affecto é amor mais fino que affeição. Não approvamos esta differença, e só dizemos que *desaffeição* é

mais portuguez que *desaffecto*, posto que signifiquem o mesmo:

Desaforado é aquelle insolente e petulante, que sem vergonha alguma despreza todos os foros da honra, da rasão e da decencia. Na sua rigorosa significação é termo dos juristas, com o qual denotam aquelle que aggrava a justiça, desprezando os foros e leis do reino.

Desalmado é aquelle que chegou ao ultimo ponto da depravação de costumes, vivendo como se não tivera alma de que dar conta a Deos. E' nome muito expressivo, e mui antigo na Lingua.

Desalojar é propriamente termo militar, e significa levantar o arraial. Por figura é que se toma em outros sentidos.

Desamor não é extincção, mas diminuição de amor, posto que algumas vezes se tome por *falta* delle. Ao que não ama como d'antes, chama Vieira *desamorado* no tom. 2. pag. 394.

Desar propriamente é vicio da natureza: *defeito* vicio da arte. Outros querem, porem com pouco fundamento, que *desar* seja uma falta leve no corpo, e *defeito* uma grave.

Desarcado querem muitos que não se diga daquelle a quem falta a justa proporção das partes do corpo, ou é de desairosa figura; mas sim do que é demasiadamente grande, ainda que seja proporcionado. Como quer que seja só se admitte no estilo jocoso ou familiar.

Desatentado é aquelle que não repara no que faz. *Desattento* é o descortez, que não considera no que faz e no que diz.

Desatino não é qualquer acção má e vulgar, mas aquella que para se faser é preciso estar louco, ou [dizendo melhor] cego sem *tino*.

Desauthorisado não é [como entendeu Bluteau] homem que tem pouco respeito, mas aquelle que tem perdido o da propria authoridade.

Desbotado: cousa que tem perdido a côr; mas não se diz *rosto desbotado*, mas descórado; porque desbotado é só para cousa inanimada, na qual ha alguma côr de artificio.

Desbarate e *desbarato* não é o mesmo. O primeiro vale o mesmo que desproposito e disparate: segundo é sinonimo de destroço e rota do exercito.

Descahir diz-se da fortuna, do conceito, da esperança, dos bens, do valimento &c. Quando descahir é da observancia religiosa diz-se *relaxação*: quando é em frase nautica vale o mesmo que perder o navio o *rumo* e *derrota*, que levava: quando se applica á idade é começar a *envelhecer* &c.

Descarado não é rigorosamente o simples atrevido, e desavergonhado, mas sim aquelle, que por suas vís acções não devia ter cara para apparecer. E' termo mui expressivo da Lingua, e tirado do latim.

Descarnar não é simplesmente tirar carne, mas apartar a carne dos ossos.

Desembuchar é termo proprio das aves de rapina, quando, depois de cevadas na carne de algum animal morto, a tornam a lançar do bucho. D'aqui é que o vulgo tirou a fraze «Quero *desembuchar-me*,» isto é, dizer o que tenho reprimido no interior.

Desenhar não é rigorosamente o mesmo que *debuxar*. *Desenho* é a idea que o pintor fórma no pensamento, para depois a delinear, riscar, debuxar e pintar. Porem com o exemplo de Vieira no tom. 1. pag. 391 pode-se usar de *desenho* para significar as justas medidas, proporções e fórmas exteriores, que devem ter os objectos que se fazem á imitação da natureza.

Desenvoltura póde-se tomar em bom e em mau sentido, e não sempre em mau, como pertende o Author do Antidoto da Lingua Portugueza. Diz-se homem com *desenvoltura*, isto é, com agilidade, desembaraço e despejo. Applicado este termo a mulher, entendo que não se achará exemplo senão na significação de *immodestia*.

Desinçar é propriamente extinguir *insectos*, que incommodam a gente. No sentido figurado usou deste verbo João de Barros na Decad. 4. pag. 533, fallando dos mouros de Cananor.

Deslindar é propriamente mostrar e declarar os limites de uma fazenda do campo por alguns sinaes, como pedras, valados &c., para que não se confunda com outros predios. Por metafora é que se diz *deslindar* uma difficuldade, um negocio &c.

Deslumbramento é a muita luz que offende a vista, e quasi faz cegar, como succede ao que fixa os olhos na luz do sol. Veja-se a Vieira no tom. 7 pag. 146. Em sentido figurado se toma por cegueira do juizo.

Desmaiar em rigor é só proprio das flores, porque é um verbo metaforico, tirado do mez de *Maio*, em que a maior parte das flores ou murcham, ou perdem muito da sua viveza.

Desmantelar se diz propriamente por synonimo de *derrubar* os muros de uma cidade. Em outro qualquer sentido usa-se por metafora.

Desolar não é o mesmo que simples *arruinar*, mas destruir edificios, igualando-os com o chão. *Assolar* é o mesmo.

Despejo diz D. Francisco Manuel na sua Carta de Guia de Casados pag. 86, que, rigorosamente fallando, vale o mesmo que *descompostura*, e que assim como *pejo* é cousa boa, *despejo* é cousa ruim. Em mulher

assim é, em homem é muitas vezes *desembaraço de animo*.

Destacamento palavra de pouca antiguidade na lingua, mas necessaria, porque não remediavam bem *troço*, e *partida*. *Destacamento* é separação de uma parte do exercito a reforçar outra para um ataque, ou outra qualquer facção. A's partes de um exercito chamam-se *troços*, e não *destacamentos*: *partida* é aquelle troço que se avança, e é menor que *Destacamento*.

Desterro é propriamente lançar fóra a alguem da terra, onde habita. *Exterminio* lança-lo fóra dos termos, e limites do Reino, onde vive. *Desnaturalisação* tirar-lhe os direitos, e privilegios de patricio.

Destroçado [termo militar] não se diz do exercito de todo perdido, mas do que perdeo parte da sua gente, por que vem do verbo *Destroçar*, que val o mesmo, que é reduzir um madeiro a troços. Por isso se diz com propriedade náu *destroçada* aquella, que perde o leme, os mastros, as enxarcias, as velas, e vai dar á costa.

Destruição diz-se propriamente de edificios, é o contrario de *construcção*.

Detestar, segundo um grande numero de criticos, não é em rigorosa significação o mesmo que *abominar*. *Detestar* é testemunhar a iniquidade de uma cousa, estranhando-a como execranda. *Abominar* é reprovar uma cousa, como máo agouro: e assim diz-se com toda a propriedade. «*Detesto* pactos diabolicos, e *abomino* palavras *supersticiosas*, por que *detestar* é tãobem mais proprio para factos, e *abominar* para palavras. O primeiro verbo é mais forte, que o segundo.

Devorar é engulir de uma vez, e não levar a pedaços o que se come. Por isso Vieira tom. 2 pag. 327 chamou *devorar* ao engolir povos inteiros.

Dignidade Ecclesiastica: a primeira entre os Catholicos Romanos é *Papa*, entre os Abexins *Abuna*; entre os Turcos *Muphtí*; entre os Persas *Califa*; entre os Tartaros *Grão Lama*; entre os Bramanes *Cobritím*.

Dilecção é mais do que *amor*; corresponde no latim a *charitas*. E' tratamento, que dão os Reis aos Principes inferiores.

Diligencia, como vem de *diligo*, é propriamente aquelle extremoso cuidado, que pomos em servir aos que amamos.

Dimanar, em rigorosa significação applica-se a cousas liquidas, que corram, v. g., os rios *dimanam* do mar, &c.

Disconveniencia: usarão os nossos melhores Classicos desta palavra, para significarem contrariedade de pareceres, como nome, que vem do verbo *desconvir*. Hoje serve para denotar falta de interesse, e conveniencia nos negocios.

Discreto como se deriva do verbo *descernir*, não é propriamente homem eloquente, engenhoso, e agudo, mas sabio, e prudente, que sabe distinguir uma cousa de outra, formando juizo dellas, e dando a cada uma o seu lugar. O mesmo dizemos da palavra *Discrição*.

Discursar, e *discorrer* em sentido rigoroso não é o mesmo. Discorrer é andar por diversas terras, e mares. Discursar é usar da potencia discursiva examinando, e ponderando as rasões, que ha *pro e contra* em alguma cousa.

Disfarçado é em rigor o mesmo, que *mascarado*, isto é, vestido de *farça:* metaforicamente é que se toma por *dissimulado*, ou *fingido*.

Dispendio no sentido natural é *gasto*, *despeza*, e *custo*; no figurado é *damno*, e *perigo*.

Displicencia é menos que *desgosto*, e o mesmo que *desagrado*, e *desprazer*.

Divisa, *Empreza*, e *Emblema* tem entre si differença. *Divisa* em rigor eram aquelles signaes, de que usavam os antigos cavalheiros para se distinguirem do commum da gente. Qualquer cousa era *divisa*, como uma cifra, e uma, ou muitas letras iniciaes v. g. S. P. Q. R. dos antigos Romanos. Entrou depois o engenho a descobrir nova invenção de divisas figuradas com sua letra, ou mote tirado de algum bom poeta, ou engenhosamente inventado, e chamaram *empreza* a estas divisas, por que usavam dellas, ou nas costas, ou nos escudos os cavalheiros, que iam a alguma illustre empreza. Desta engenhosa representação da empreza naceo a Arte do *Emblema*, que differe em muitas cousas da *empreza*; já por que admitte muitas figuras, e a empreza apenas duas; já porque não exclue corpos humanos, e a empreza sim; já finalmente por que o seu objecto são documentos moraes, e o da empreza é alguma cousa heroica, ou particular de alguma familia. Outras muitas são as differenças destes tres nomes; mas bastam estas para não se equivocar um com outro, especialmente *empreza* com *emblema*; porque são mais diversos na substancia, do que *divisa* o é de *empreza*.

Doença, *enfermidade*, e *achaque*, posto que a cada passo se equivoquem, tem entre os criticos differença: não sei se acertam nella. Dizem que *doença* é só para o corpo, e que corresponde ao *Ægrotatio* dos latinos. *Enfermidade* para o corpo, e para o espirito, que val o mesmo, que *Ægritudo*: *achaque* é mal habitual, ou do corpo, ou da alma, que quasi nunca se cura, o que pelo contrario succede á *enfermidade*, e *doença*. Nós o que podemos dizer é, que Vieira em muitos lugares chama

achaque á melancolia, enfermidade á *tristeza*, á *doença* e a diversos males do corpo, o que parece próva bem a apontada differença. Mas o certo é que nesta materia até nos primeiros Classicos se acham equivocados estes nomes. O mesmo Cicero, que especulativamente distingue, na pratica muitas vezes os confunde.

Dolo, e *fraude* tem differença. *Dolo* é grave maquinação para enganar alguem. *Fraude* é uma leve cavilação, e engano. Alguns querem [mas sem fundamento] que dolo seja engano por obra, e fraude por palavras. Outros pertendem, que fraude se possa tomar em bom, ou em máu sentido, e dolo sempre em máu; mas tambem isto não é certo, nem entre os Auctores latinos, nem entre os Portuguezes Juristas, que distinguem dous generos de *dolo*, máu, e bom, como quando o medico engana ao doente para lhe fazer bem, porém neste caso querem os criticos, que se deva usar de *fraude*, e que *dolo* bom só tem lugar nos justos estratagemas da milicia.

Domar, e *domesticar* não é o mesmo, fallando-se de féra: doma-la é subjuga-la, e vence-la. Domestical-la é faze-la mansa, abrandando-lhe a natural fereza; donde se segue que *domesticar* é mais que *domar*.

Domicilio, é habitação certa, fixa, e permanente. *Casa* é aquella, em que se vive por algum tempo, ou como propria, ou como alheia, e daqui vem chamar-se com propriedade *casa de campo* áquella, em que por algum tempo se assiste fóra da côrte. De maneira que todo o domicilio é casa, mas nem toda a casa é domicilio.

Donativo é propriamente a offerta, que se faz á Igreja. *Dadiva* é presente de superior para inferior. *Presente* de igual para igual. *Mimo* de amigo para amigo, ou de amante para amante. *Congiario* dadivas dos principes

ao seu povo. Achamos esta palavra em alguns Auctores portuguezes, tratando da Historia Romana. Todas estas distincções, que são dos antigos grammaticos, não tem tal certeza, que muitas vezes se não achem confundidas nos melhores Classicos.

Donzella em rigor não é o mesmo que *solteira*, nem significa *virgem* em termos rigorosos; e se Camões chamou donzella a D. Ignez de Castro, foi por que no seu tempo ainda tinham este nome as damas no paço, como bem próva Faria no seu Commentario. [Vide *Virgem*].

Dor não se diz rigorosamente fallando da afflicção do espirito, mas do corpo; posto que a alma seja a que sinta. Dores do espirito são algumas paixões do animo v. g. as afflicções, as angustias, &c. das quaes o corpo sente os effeitos. Alguns se oppoem a esta distincção [se bem que patrocinada por graves Auctores] e indistinctamente chamam *dores* aos sentimentos da alma, e do corpo.

Douto, não é o mesmo, que *erudito*. O que sabe as sciencias, e artes com perfeição, capaz de as ensinar, é propriamente *douto*: o que tem dellas muita instrucção é *erudito*, que val o mesmo que *minime rudis*. Por onde douto é tanto mais que erudito, quanto a *doutrina* é superior á erudição, se fallarmos em rigoroso sentido. Esta distincção, que é dos antigos Classicos, tanto não val hoje entre muitos modernos, que tem *erudito* por superior a *douto*, dizendo, que nem todo o douto é erudito, mas que todo o erudito é propria, e solidamente douto.

Ebriedade, e *embriaguez* [palavras, que se acham em Auctores nossos de boa nota] tem sua differença. *Embriaguez* é a daquelle grande bebedor, que frequentemente perde de todo o juizo, por não guardar medida no vi-

nho, que bebe. *Ebriedade* é daquelle que, não sendo costumado, se toldou com o vinho. Esta é cazualidade, aquella é vicio; uma procede de costume, outra de causa. Esta distincção é de Faria nos Commentarios a Camões.

Eça propriamente é o tumulo honorifico em memoria de defunto, cujo cadaver não está presente nas exequias: estando exposto é *tarima*.

Edificio em sentido rigoroso são obras grandes de pedrarias, como palacios, templos, &c.: ás casas de toda uma cidade, e não a cada uma de per si, podemos chamar *edificios*, porque o todo faz grandeza, posto que as partes mostrem pobresa.

Effigie: pertende Pontano, que esta palavra se não deve applicar, [rigorosamente fallando] a obra de pintor, abridor, ou escultor, mas sim de oleiro, por que se deriva de *figulus*; e que assim um retrato feito em barro é que será propriamente *effigie*. Não concordamos com Pontano, por que esta voz não vem de *figulus*, mas do verbo *Effingo*. Val o mesmo que *retrato*, mas differe de *imagem*, em que toda a effigie é imagem, porém nem toda a imagem é effigie, toda a vez, que não for, ou pintada, ou esculpida, &c.

Egregio é aquelle, que por suas excellencias se distingue entre a multidão de outros, *quasi ex toto grege electus*. E' verbo metaforico tirado de *rebanho*. Deste modo egregios são os illustres em sangue, os famosos na milicia, os distinctos nas sciencias, e os perfeitos em qualquer arte liberal; mas sobre tudo os que por santidade se distinguem no rebanho da igreja, porque nelles se verifica mais a metafora. *Egregio* martyr, disse muitas vezes com toda a propriedade o grande Vieira.

Eiva é a falha, ou racha, que tem os copos de vidro, ou qualquer outro corpo da mesma materia.

Elegancia, a não ser por força de metafora, não se póde applicar, se não a cousas, em que possa haver *escolha*, por que é nome que vem do verbo *Eligere*, e assim diz-se com toda a propriedade, *elegancia* nas palavras, nas frases, nos vestidos, nos adornos &c.; tomando-se por escolha no fallar, e no vestir, &c.

Elemental não é o mesmo que *elementar*, como muitos imaginam, usando indistinctamente de qualquer destas palavras. *Elemental* é para qualquer dos quatro elementos, e no plural é *elementaes*. Pelo contrario *elementar* se diz dos principios, ou elementos de qualquer arte, ou sciencia, e no plural é *elementares*.

Elogio não é precisamente tudo o que se diz, ou se escreve em louvor de alguem, como muitos imaginam; mas uma breve composição laudatoria, e só na sua brevidade differe de panegirico. E' quasi synonimo de *encomio*, e só tem a differença de que *elogio* é breve panegirico dito em particular, e *encomio* breve panegirico dito em lugar publico, como templo, ou praça, e rua, á maneira dos gregos, e latinos.

Eloquente não é em rigor o mesmo que *facundo*. Quem persuade uma cousa a juizos medianos com termos promptos, claros, e agudos é *facundo*. Quem sabe ornar o que quer persuadir com modos maravilhosos, e magnificos, fazendo-se senhor da vontade dos sabios que o ouvem, é *eloquente*.

Embeleco é propriamente engano da vista, quando se não vê bem ao objecto, ou os olhos se alucinam, vendo uma cousa por outra.

Embotado termo proprio para todo o ferro de corte, quando tem o fio revolto, ou pouco fino. Espada *embotada*, e lança *embotada* disse Severim nos seus discursos, Pag. 104.

Embraçar, verbo proprio para escudo, quando se mette no braço. Lembra-me a propriedade com que D. Francisco Manuel usou de varios termos louvando a um grande cavalleiro. « *Embraçava* o escudo, e com elle, ou *empunhando* a espada, e esgrimindo, ou *brandindo* a lança, e *arremeçando-a*, ou *apontando* a seta, e *despedindo-a*, nenhum outro cavalleiro o igualava. »

Embrião é só depois que a creatura tem passado dous mezes de concebida: antes delles nunca os medicos chamam embrião.

Emerito, palavra, de que usa Brito na Mon. Lusit. tom. 1 pag. 184, significa rigorosamente o soldado aposentado. E' tirado do latim *miles emeritus*.

Eminencia: tratamento proprio dos cardeaes, dos tres eleitores ecclesiasticos, e do Grão Mestre de Malta.

Empalado: homem espetado em um páo, desde a via posterior até o alto da cabeça. E' tormento, com que os turcos matam aos christãos: usou-o Vieira.

Empavezar termo proprio para galés, e navios, val o mesmo que cobrir-lhes os bordos com panos, para os soldados não serem vistos do inimigo no acto da peleja. Vem este verbo de *pavezes*, antigos escudos, que cobriam todo o corpo do soldado.

Emporio é propriamente praça mercantil de grande concurso de homens negociantes em todas as mercadorias.

Emprego, ainda não encontrámos esta palavra em Auctores de primeira classe, significando officio, cargo, e occupação. Barros na Decad. 2 pag. 134, e outros Classicos de igual auctoridade sempre usaram deste nome para significar a acção de empregar o dinheiro comprando, ou a mesma compra, em que se empregou o dinheiro. Na Escola de Vieira já se acham alguns exemplos, mas raros.

Emulação differe de *imitação*, em que nesta não se envolve inveja, e naquella sim, estimulando a este vicio o maior merecimento, que se vê em outros, especialmente se são da mesma profissão.

Encamisada é propriamente termo militar, e significa o assalto, que se dá ás escuras, vestindo os soldados as camizas, ou outros pannos de linho, sobre as fardas para se distinguirem dos contrarios na escuridade. Hoje este estratagema não é usado, como era na antiga milicia.

Encampar termo proprio, que significa *rescindir* um contracto. E' palavra já usada por João de Barros, na Decad. 4 pag. 469.

Encouto é a pena pecuniaria, que paga o que quebra qualquer lei delRei.

Encyclopedia val o mesmo que sciencia universal, ou circulo, em que se comprehendem todas as sciencias encadeadas umas nas outras; por que vem das palavras gregas *Cyclos*, que é circulo, e *Pedi*, que significa grilhão. Donde se vê o indesculpavel pleonasmo, em que cahio aquelle italiano, que intitulou a um livro seu *Catena Encyclopedica*. Por conta delle puz aqui esta palavra, para que não succeda a outro caír neste erro.

Engraçado differe muito de *gracioso:* este é termo proprio de chocarreiro; e aquelle de homem cortezão: *engraçado* é o que engenhosamente liga a galantaria com a sizudeza: *gracioso* é o que sem reflexão, nem economia, diz toda a graciosidade, que lhe lembra. Esta distincção é de Francisco Rõiz Lobo na sua Côrte na Aldêa pag. 194.

Enorme não é cousa excessivamente feia, mas desproporcionadamente grande; isto é, fóra da *norma*, ou regra devida. Em sentido figurado é que se diz, *enorme* crime, lezão *enorme*, &c.

Enredado é propriamente cousa mettida em rede,

da qual se não pode livrar; assim como *embaraçado* é o que está preso com baraço, que não póde desatar: *enleiado* o que está bem atado, que não se póde desprender, &c. Todos estes termos são metaforicos, tomados por confusão, e oppressão.

Ensalmo: oração supersticiosa para curar enfermidades, ou para outros effeitos. Vem este nome de *salmo*, por que de ordinario se compoem esta oração de alguns versos do Salterio.

Entretecer não é simples *tecer*, como muitos imaginam, mas misturar na tecedura fios de differente materia, v. g. de ouro, prata, seda, &c. E' palavra usadissima por Vieira, e outros Classicos. Dirá mal quem o fizer synonimo de tecer, como muitos tem feito.

Entulhar é para covas, fossos e qualquer outra cavidade. *Entupir* é para canos, vias, e cousas semelhantes, por onde corre cousa liquida.

Ephemero termo de que usou Vieira no tom. 4 pag. 442, e significa cousa, que dura um só dia. Comummente não se applica senão a flores.

Epicedio propriamente não é qualquer composição em prosa, ou verso, feita á morte de alguem, mas sim aquella Oração, ou Poema recitado, presente o corpo do defunto, antes de o darem á sepultura.

Epinicio: canto em applauso de alguma victoria. Usou-o Vieira no tom. 6 pag. 485. Um moderno tomou ignorantemente este termo por applauso a umas melhorias.

Episodio: cousa, que não é propriamente do argumento da Historia, ou da Poesia, mas que nelle se introduz para ornato, tendo aliás lugar proprio.

Escavaçar, e *escavar*, que muitos confundem, tem differença. *Escavacar* é para madeira, que é a que só dá cavacos: *escavar* é para a terra abrindo-se nella covas,

ou para outra qualquer materia, em que se possa abrir cavidade.

Escola comummente no singular é casa, onde se ensinam meninos a lêr, escrever, e contar, &c. No plural são collegios, universidades, onde se estudam as sciencias. Dividem-se estas escolas em *classes*, que são para os estudos de humanidades, e em *aulas*, onde se ensinam as faculdades maiores. Aos logares publicos, onde se ensinão as sciencias mathematicas, tambem chamamos *aulas*. Na universidade de Coimbra chamam *geraes* ás casas, onde se ensina um e outro direito, a medicina &c.

Escolho [voz pouco usada] é rocha no mar, e não rochedo, penha, ou penhasco da terra. Deriva-se do latim *scopulus*, que é penedo entre as ondas.

Escoria é termo proprio para metaes, e é a parte mais grosseira, e crassa, que se separa delles, quando se refinam no fogo. A escoria de alguns tem seus nomes particulares, como a do ferro, e estanho, que se chama *escumalho*; a do ouro *fezes*; a dos licores *borra* no estilo jocoso, &c.

Escudo é o broquel redondo, e de cobre, de que usavam os que traziam lança. Distinguia-se de *rodella*, de *adarga*, e de *pavez*. A *rodella* era escudo redondo e grande, de couro crú, e mui forte: a *adarga* escudo mais pequeno, e de figura oval: *pavez* escudo comprido, que cobria o corpo do soldado. Quem quizer saber distincções ainda mais miudas, veja os nossos escriptores, que trataram da antiga milicia. Delles tiramos estas differenças.

Escudo de armas. O *ovado* é só para os ecclesiasticos; em *lizonja* só para as infantas antes de casarem; e os das outras figuras, que prescreve a armeria, esses pertencem aos principes, titulos, e mais pessoas, que podem usar de armas.

Escutar querem muitos que não seja o mesmo que *ouvir*; assim como em latim *audire* differe de *inaudire*. Dizem que *escutar* é ouvir o que se diz em segredo, ou o que se está fallando, não se suppondo presente o que escuta. *Ouvir* é dar attenção ao que se diz em qualquer pratica ou discurso. Outros criticos não estão por estas distincções, e por terem observado aos nossos bons Classicos, dizem que entre elles *escutar* é synonimo de *ouvir*.

Esmerar e *esmero* pertencem em rigor áquellas obras que ficam perfeitas, e com o ultimo polimento, por beneficio do *esmeril*. Em sentido figurado se applicam a toda a cousa, que se faz com perfeição, e artificioso primor.

Espada é de folha comprida, de dous gumes: de quatro quinas é *estoque*: de folha estreita e comprida *florete*: de larga e curta *catana*: de estreita e curta *espadim*: de córte undoso *colubrina*.

Especiosidade póstoque commummente significa formosura e gentileza, a sua rigorosa significação é de cousa que tem boa àpparencia. *Especiosidade* de pintura, de pretexto &c.

Espectaculo não é simplesmente a vista de qualquer objecto, mas de uma cousa que commove o animo, causando nelle effeitos de admiração ou para lastima e louvor, ou para alegria e prazer, v. g. espectaculo de uma tragedia, ou de festas publicas &c.

Espectador é propriamente o que assiste a um espectaculo; assim como auditorio e ouvinte o que assiste ao sermão, e ás funcções em que o *ouvir* é o objecto principal, assim como o *vêr* é o particular objecto do espectaculo.

Espinha e *espinho*. Por conta destas duas palavras ha grandes controversias entre os críticos. Uns dizem que *espinha* é para peixe, e para um certo tumor que nasce

na cara, e que *espinho* são aquelles picos agudos que teem alguns arbustos. Outros pertendem que espinhas sejam aquelles subtilissimos picos que teem algumas hervas, como v. g. a ortiga; e que espinhos sejam os mesmos picos mais grossos, quaes os do espinheiro e arvores de espinho. Quanto a nós uns e outros teimam e erram, porque nos nossos melhores Classicos se acha muitas vezes *espinha* e *espinho* significando os picos da çarça, da roseira &c. Veja-se a Vieira entre outros muitos logares no tom. 9. pag. 132. Verdade é que nesta accepção espinho tem mais uso, e que ainda o não achámos applicado a peixe.

Espolio, como derivado de *spolium*, posto que na sua rigorosa significação signifique os bens que tinha na prisão o sentenceado á morte, hoje denotamos com esta palavra os bens que deixa qualquer defunto. Differe de *despojo*, porque este nome se dá aos bens que na guerra se tiram ao inimigo vivo ou morto.

Esposos em sentido rigoroso não são o mesmo que cazados, mas sim apalavrados para cazarem. A poesia é que começou a confundir estas significações, e depois a prosa a imitou.

Estadista: excellente nome de que usavam os nossos bons antigos, não por synonimo de *Politico*, mas para denotar o homem versado em materias de Estado. *Politico* entre elles era o que praticava policia e urbanidade cortezaã. Bom seria que hoje os imitassemos nesta differença, porque é bem conforme á etymologia dos dous nomes, que já no tempo de Vieira corriam alterados.

Estampido é estrondo de arma de fogo quando se dispara: *ruido*, estrondo de cousa que cahe. Estampido querem alguns que tambem sirva para o estrondo que fazem as arvores, quando as quebra a violencia da tormenta.

Estandarte em rigorosa significação não se deve chamar a qualquer bandeira militar, mas á Imperial ou Real, que levavam os soberanos no exercito, quando iam á guerra. Hoje porem na nossa milicia *estandarte* é o que leva o alferes da cavallaria; *bandeira* o da infantaria.

Estatua em rigorosos termos facultativos divide-se em *iconica*, *heroica* e *colossal*. A iconica é a estatua de alguma pessoa ao natural, e segundo a sua natural estatura. A heroica é aquella em que se representa algum heroe, e deve ter dobrada altura da natural. A colossal é aquella que figura alguma das primeiras divindades do gentilismo, e deve ter tres alturas da estatua iconica. Observo com Plinio o Historiador, que os romanos ás imagens de metal chamavam *estatuas*, e ás de marmore *simulacro*. São muitos os auctores onde se acha esta differença.

Estrada caminho publico e largo: *atalho* caminho mais breve: *rodeio* caminho mais longo, feito á roda: *ladeira* e *calçada* caminho ingreme, em que se sóbe muito: *torcicollo* caminho obliquo de espaço a espaço: *carreiro* caminho estreito, por onde só póde passar um carro.

Estratagema é propriamente *ardil* da guerra: da cortezia *lanço*: de namorados *fineza*: e em qualquer outra cousa *astucia*.

Estrondo é todo o soído forte, violento e confuso, que offende os ouvidos: de raio diz-se *estrepito*: de muita gente *rumor*: do mar *ronco*: do vento *zunido*: de artilharia e cousas, que ao quebrar-se fizeram um só estrondo, *estampido*: de cousas que se despenham *ruido*: de cavallos *tropel*: de rios *murmurio*: de fontes *sussurro* &c.

Estulticia é tanto maior que *loucura*, quanto *estólido* é mais que *louco*. Veja-se a Vieira no tom. 1. pag. 100.

Evidencia não é simples certeza, mas manifestação de alguma cousa clara aos olhos do corpo ou do espirito.

Evo: duração não successiva, como os seculos, mas toda juntamente existente, a qual teve principio, e não ha de ter fim. Nisto differe de *eternidade*, porque esta não teve principio, nem ha de ter fim.

Exemplar, posto que muitas vezes se confunda com *exemplo*, não é rigorosamente o mesmo. *Exemplar* é aquillo a cuja imitação se obra, ou se exprime, ou se produz alguma cousa: *exemplo* é a cousa proposta ou para se seguir, ou para se evitar.

Exhalar é propriamente para vapôr, fumo e cheiros. Por metafora é que se applica a outras cousas.

Exhaurir é em rigor para cousas liquidas, que se esgotam. Em sentido figurado é que se apropria a cousas solidas, e se diz: « *Exhausto* de dinheiro, de gente &c.

Expectação não é o mesmo que *esperança*. Expectação é de cousa certa, esperança de incerta: expectação é de cousa proxima, esperança de cousa remota: expectação designa tempo, esperança não: em fim, expectação é de cousa assim boa como má: esperança sempre é de cousa boa.

Extremado e *extremoso* equivocam muitos, não obstante ser clara a sua differença. *Extremado* val o mesmo que perfeito. « Extremada obra, formosura, virtude &c. » *Extremoso* é o mesmo que excessivo e empenhado com grande desvelo. « Extremoso amante, amigo, cuidado &c. »

Faceto [segundo Faria nos Commentarios a Camões] é o que diz galanterias polidas: *chocarreiro* o que diz graças plebeas.

Fadiga é mais que *trabalho*, e val o mesmo que *lida*, isto é, um trabalho que não só cança o corpo,

mas o espirito. Convêm-lhe a mesma differença que faziam os latinos entre *sollicitudo* e *labor*.

Faisca, rigorosamente fallando, não se deve equivocar com *scintilla*. Esta é uma particula ignea, não separada ou desatada do corpo luminoso, v. g. a *scintillação* das estrellas. *Faisca* é particula ignea, separada inteiramente do corpo luminoso, v. g. o fogo que sahe da pederneira ferida pelo fuzil, ou o que lança a braza quando espirra.

Fallacia é engano por palavras. Não sendo por ellas já rigorosamente se não deve usar de *Fallacia*. Por isso se diz com propriedade «*fallacias* da logica, da rhetorica &c.

Fallecer no tempo de João de Barros até o de D. Francisco Manuel significava faltar; e assim diziam estes auctores, *falleceo* o tempo por *faltou* o tempo. Hoje significa acabar a vida, e [segundo alguns] em socego, não admittindo que se diga «*falleceo* na guerra, em peleja &c.

Fama e *rumor* tem esta differença. *Fama* é uma opinião e consenso commum em crer alguma cousa, da qual é testemunha quasi um povo inteiro. *Rumor* é uma noticia dispersa entre alguns, sem auctor certo, á qual a malignidade deu principio, e a credulidade augmento. Esta differença é mais seguida do que a outra que diz, que fama é simplesmente a noticia espalhada entre muitos, e rumor entre poucos.

Faminto não é o mesmo que *esfaimado*, como muitos erradamente entendem. *Faminto* é o que simplesmente tem fome: *esfaimado* é padecer fome por muito tempo, ou nunca se poder fartar. Veja-se a Vieira no tom. 5. pag. 423.

Fanatico não é simplesmente qualquer *louco*, mas

visionario, que se suppõe arrebatado de furor divino, como é o que affecta revelações do ceu, deixando-se levar dos enganos do Demonio.

Fatalidade não é simplesmente qualquer infortunio, mas successo não previsto, acompanhado de grande desgraça, que se faz digna de especial sentimento.

Fender não é o mesmo que *cortar*. Quando se corta madeira pelo fio ao comprido é *fender*, e contra o fio ao largo é *cortar*.

Festejo e *festim* tem significações diversas, se bem que vulgarmente se equivocam. *Festejo* é bom acolhimento: *festim* entre os nossos antigos era banquete; hoje é festa de baile, musica &c. Por onde não fallaram com propriedade aquelles onde achamos «Houve um grande *festejo*» em logar de um grande *festim*, palavra de que usou Jacinto Freire na pag. 30.

Fidalgo de Solar, nome que se dá em Portugal e Hespanha ao homem de antiga nobreza: em Inglaterra é *lord*: em Veneza *nobre-homem*: nas demais partes de Italia *cavalheiro*: no Perú era *inca*: em Polonia *palatino* &c.

Firma querem alguns que diffira de *assinado*, dizendo, que *firma* é mais proprio para os papeis publicos e de importancia, em que quem se assigna faz *firme* o contheudo nelles. *Assinado* é só para escriptos particulares, que nada importam. Não approvamos esta differença, porque o assinado de cada um em todo o papel sempre é *firma*, que affirma o que se deixa escripto.

Fitar e *fixar* são verbos com que propriamente se exprime a acção de olhar com vista immovel; porem neste sentido *fitar* tem exemplos mais classicos, como sabem os que tem lição de Vieira, e outros semelhantes. *Fixar* é mais proprio para passos &c. Sobre estes dous

verbos veja-se Vieira no tom. 1. pag. 380, e no tom. 9. pag. 15.

Florecente e *florente* variam na applicação. *Florecente* é no sentido natural, vara *florecente*, como disse Vieira. *Florente* é no sentido figurado; exercito *florente*, como disse Brito no tom. 2. da Mon. Lusit. pag. 318.

Folia não é qualquer dança, mas aquella em que se fazem movimentos extravagantes para cauzar rizo, e que é acompanhada do ruido de varios instrumentos, e composta de diversos dançantes, gente do povo.

Fornecido e *fornido*, posto que sejam o mesmo, tem differença na applicação. Diz-se, imitando a Vieira no seu *Xavier dormindo*, pag. 205, galeotas *fornecidas*; e diz-se, seguindo a Brito no tom. 1. da Mon. Lusit., pag. 126, corpo bem *fornido* de membros.

Fortaleza, *força* e *fortidão*: segundo muitos tem differença. Querem que em rigor *fortaleza* seja força do espirito; *força* robustez do corpo; e *fortidão* força de cousa inanimada, que não se póde rasgar ou romper. Concordamos com esta differença, por ser fundada em bons exemplos.

Fraudulencia: engano occulto com dolo e subtileza, e nisto se distingue das outras castas de engano.

Frieza: commummente não achamos esta palavra servindo no sentido natural de synonimo a *frialdade*, mas quasi sempre no metaforico, valendo o mesmo que *frouxidão* e *tibieza*.

Fugitivo e *foragido*. O primeiro applica-se com mais propriedade a cousa que passa depressa, como se fugíra: rio, idade, esperança *fugitiva*. O segundo applica-se mais propriamente a pessoa, isto é, ao que anda voluntariamente desterrado sem ter parte certa.

Fundear e *fundir* não é o mesmo, posto que em

muitos livros se veem equivocados estes verbos, tomando *fundir* por ir ao fundo do mar, e *fundear* por derreter metaes. *Fundir* pois é fazer liquido algum metal, e *fundear* é mergulhar este no fundo da agua. Se se diz, fundiu-se a terra, é no sentido metaforico de se dissolver um corpo tão solido, como se dissolvem os metaes.

Furioso, *frenetico* e *insano* tem em rigor grande differença. *Furioso* é aquelle louco, que se arremessa e agita de maneira, que não póde socegar nem no corpo, nem no espirito. *Frenetico* é o que está em um continuo delirio com febre, e por ella se differença do *maniaco*, *melancolico* e *delirante*, porque qualquer destes males vem muitas vezes sem febre. *Insano* é o que não está em seu perfeito juizo, e é um dos generos de loucura, que pertence á demencia.

Furtar e *roubar*: o primeiro é tomar alguma cousa ao particular contra sua justa vontade: o segundo é toma-la ao publico.

Fustigar differe de *açoutar*, no instrumento, porque é *açoutar* com varas; em sentido amplo val o mesmo que castigar.

Gabador [segundo muitos] differe de *louvador*, porque se é de si proprio suppõe jactancia, e se é de outrem suppõe lisonja. Querem que no *gabar* entre de ordinario engano, por vir do italiano *gabbare*, que val o mesmo que *enganar*, cousa que não admitte o *louvar*, porque presupõe singeleza.

Gadelhudo querem muitos que em sentido rigoroso seja o que tem muito cabello comprido e liso, e não simplesmente o que tem muito cabello, como quer que fôr, porque esta palavra vem de gadelha, que propriamente são uns poucos de cabellos compridos, juntos entre si, e apartados dos outros.

Gado, se é grosso, diz-se *armento*, palavra de que usaram os nossos poetas: se meudo, diziam os nossos antigos *grei* ou *grege*, palavra injustamente antiquada.

Galero não se usa no portuguez, senão pelo chapeu com que os antigos pintaram a Mercurio.

Generoso não é propriamente synonimo de *liberal*, mas sim de illustre em fidalguia e nobreza de animo. São muitos os exemplos dos nossos melhores auctores, que assim o provam. E porque o illustre e amigo de gloriosa honra deve ser liberal, daqui procedeu chamar-se *generoso* ao que pratica liberalidades, ou tambem porque se faz illustre no animo o que é liberal.

Granito equivocam muitos com *granizo*, quando *granito* é o mesmo que *grãosinho*, e *granizo* o mesmo que *saraiva* ou *pedra*. *Granito* de uvas &c. Chuveiro de *granizos*. [Vide Alarco.]

Gratificar differe de *agradecer* em sentido rigoroso; porque *gratificar* é recompensar, pelo modo que se póde, a boa obra que se recebeu de alguem. *Agradecer* é simplesmente render graças por mercê recebida. Assim o achamos em João de Barros na Decad. 1.ª pag. 85, e em Jacinto Freire pag. 45.

Grato por *agradecido* não sei que o dissesse algum Classico portuguez, nem nesta accepção traz Bluteau tal palavra. O que achamos nos bons auctores é *grato* por cousa ou pessoa bem acceita, bem recebida, e agradavel a alguem. Principe *grato*, viagem *grata*, memoria *grata*, diz Jacinto Freire em diversos logares.

Gravame é peso do espirito, assim como *peso* é para o corpo, e *carga* para animaes &c. Este gravame explica-se por vexação, oppressão, injustiça &c.

Graveza e *gravidade* no seu natural sentido tem bons exemplos; porem são mais e melhores os que trazem *gra-*

veza [e não *gravidade* de doença, de peccados &c., e *gravidade* [e não *graveza*] da pedra, do ar, do aspecto, das palavras &c.

Gremio, posto que frequentemente valha o mesmo, que *seio*, a sua verdadeira significação é *regaço*, que é parte inferior ao seio.

Grilhão em preso é para pés: *algema* para mãos: *corrente* para pés, mãos e pescoço &c.

Gualteira, carapuça de pastor, que tem uma só aba. Usou-o Vieira no tom. 1. pag. 307.

Honestidade em rigorosa significação não é o mesmo que *pudicicia*. *Honestidade* é a decencia e virtude, com que procedem os bons em qualquer das suas acções. *Pudicicia* é continencia do appetite libidinoso.

Hostilidade não é simples estrago, mas estrago do inimigo na guerra; por onde errou um moderno escriptor que chamou hostilidades aos estragos que fez um terremoto.

Jactancia querem muitos que não seja synonimo de mera *vaidade*, mas uma vangloria acompanhada de ambição, soberba e desprezo alheio.

Jactura propriamente não é qualquer perda, mas a que se sente por bens perdidos, arrojados ao mar por naufragio ou outros motivos. E' palavra que tem mais uso no estilo forense.

Idades. *Infancia* é desde os 4 annos até os 7. *Puericia* desde os 7 até os 14. *Adolescencia* dos 14 até os 22. *Juventude* dos 22 até os 41. *Virilidade* dos 41 até os 56. *Velhice* dos 56 até os 61. *Decrepita* idade é a extrema velhice. Este calculo é de Duarte Nunes de Leão na sua Orthographia, e parece-nos demasiadamente miudo.

Jerarquia, como significa *principado sagrado*, não se póde applicar senão ás classes ou córos dos anjos, e

á do pontifice romano com os seus cardeaes, bispos &c., que juntos formam a jerarquia da igreja.

Ignavia, palavra que achamos em diversos auctores portuguezes, que não são da ultima classe, não é o mesmo que *preguiça* e *inercia*. Ser *ignavo* é ser tardo em completar um negocio; *preguiçoso* é ser remisso em o começar: *inerte* é ser inhabil em o conseguir. Por onde a *ignavia* nada acaba, a *preguiça* nada obra, a *inercia* nada consegue.

Ignominia differe de *infamia*, e de deshonra de menor peso, porque se póde dar, sem que resulte infamia, pois que só é privação de bom nome, e *infamia* a total privação delle. Esta provêm de delictos enormes, e passa aos descendentes, o que não succede com a ignominia, pena que não passa da pessoa.

Ignorante não é propriamente o mesmo que *nescio*. Quem ignora alguma cousa, ou por negligencia propria, ou por erro alheio, é *ignorante*; quem nada sabe por impericia é *nescio*. Esta differença é de muitos grammaticos antigos, mas não agrada a alguns modernos.

Imagem e *retrato*: querem muitos criticos escrupulosos que se não diga *imagem* d'el-rei, mas *retrato*; nem *retrato* de um santo, mas *imagem*, porque teimam que entre nós esta palavra só se deve applicar á figura representativa de algum bemaventurado.

Immenso se diz propriamente da cousa que não tem medida, ou tem vastissima extensão, que não se póde medir. *Immensos* ceus, mares, legoas &c. Por figura é que se applica a cousa excessiva; *immensas* virtudes, riquezas, esmolas &c., porque em termo proprio deve-se dizer *innumeraveis*.

Immolação, *victima*, *hostia* e *holocausto* não são rigorosos synonimos. *Immolação*, segundo S. Isidoro, é

simplesmente offerta de cousas que se hão de matar: *victima* é sacrificio de animaes grandes, como touros &c., e feito depois de alcançada alguma victoria. *Hostia* é sacrificio em acção de graças pela fugida dos inimigos, segundo Ovidio: « *Hostibus amotis, hostia nomen habet.* Donde se vê a propriedade com que se chama *hostia immaculata* ao Verbo Divino, quando se sacrificou na cruz, afugentando do mundo aos infernaes inimigos. *Holocausto* é o sacrificio que o fogo consome. *Sacrificio* é termo geral, que abrange qualquer das sobreditas differenças.

Impiedade não é propriamente *crueldade* e *tyrannia*, mas acção sacrilega de falta de respeito ás cousas sagradas.

Importuno é o contrario de *opportuno*, e só no sentido figurado é que se toma por homem pezado, e que falla ou obra cousas fóra de tempo.

Imprecação e *imprecar* querem muitos que sempre se deva tomar em má significação, á maneira dos latinos, entre os quaes significava *praga* e *praguejar*. Porem erram os que são deste parecer, porque entre nós estas palavras tambem significam desejar bem a alguem, e pedi-lo a Deus com instancia. Neste sentido usou Brito de *imprecação* no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 171. col. 3., e Vieira no tom. 4 pag. 400 usou de *imprecar*.

Improviso a cada passo se equivoca com *repentino*, porque póde uma cousa vir *repentina*, e não ser *improvisa*, esperando-se antes de vir. A morte do justo póde ser repentina, mas nunca é improvisa, porque sempre a estava prevendo a vida virtuosa.

Inconcusso [isto é que se não póde abalar] diz-se só de cousas, e especialmente no sentido metaforico. Verdade *inconcussa*, *inconcussa* fidelidade, disse D. Francisco Manuel nas Epanaforas pag. 91. Se o que não se pó-

de abalar é pessoa, então, em logar de inconcusso, usase de *immovel*, *firme*, *invencivel* &c.

Inconsumptivel, palavra que se acha no livro, Pratica entre Heracl. e Democrit. pag. 23, não é synonima de *incombustivel*, porque *inconsumptivel* é cousa que se não póde consumir por qualquer modo que seja; e *incombustivel* é cousa que não consome o fogo. A çarça *incombustivel* é de bons auctores.

Incontinencia é vicio que em sentido rigoroso diz respeito á virtude da *temperança*, mais que á da *castidade*, isto é, diz-se mais propriamente *incontinencia* no comer e beber, que na guarda de castos costumes. *Pudicicia* é que se oppõe á lascivia.

Indigencia, *pobreza*, *penuria* e *inopia* não sáo synonimos. *Indagencia* é necessidade de alguma cousa: *pobreza* é tenuidade de posses para sustentar a vida: *penuria* é falta de comestivel para sustento: *inopia* é total falta não só de bens, mas de ajuda e socorro, e equival a mendiguez no juizo de alguns grammaticos. As palavras *indigencia* e *inopia* não tem a seu favor os melhores exemplos em prosa. No verso alguns poetas usaram dellas, seguindo a Camões no Cant. 5. est. 6., e em diversos logares das obras lyricas.

Indiligente, palavra usada por Francisco Rodrigues Lobo, na Corte na Aldeia, pag. 93., postoque signifique o mesmo que *negligente*, é bem que se use della para quando por decencia não quizermos escandalisar com a aspera palavra de *negligente*, assim como por não se dizer *ignorante*, voz que escandalisa, se diz *indouto*.

Indulgencia não se tomando por graça, que concede a Igreja ao peccador arrependido, não é o mesmo que simples *mercê* e *favor*, como muitos o entendem, mas sim *facilidade* em perdoar ou dissimular culpas, dando-

se demasiada liberdade a alguem. *Indulgencia* do juiz, do pai &c., isto é, *frouxidão* em castigar o reo e o filho.

Inedia tomam muitos por synonimo ou de *dieta* e *jejum*, ou por total abstinencia de comer e beber. Uns e outros não fallam com rigorosa propriedade, porque *inedia* é uma voluntaria ou forçosa abstinencia só de tudo o que é comer, porque vem de *in* e *edo*.

Inexoravel só se diz propriamente daquelle que não se abranda a rogos: donde se vê, que póde uma pessoa ser cruel, e não ser *inexoravel*, se faltar quem lhe rogue.

Inestimavel não é pessoa ou cousa que se deva estimar, mas sim que não tem preço, e que não póde ser assaz estimada. Por onde errou um moderno, que disse «ideas *inestimaveis*» por indignas de approvação.

Infiel e *perfido* tem sua differença. O primeiro é o que não tem qualidades para se fiar delle, ou que não professa ser fiel aos outros. O segundo é o que de facto quebranta a fidelidade devida. Veja-se a Francisco Rodrigues Lobo na sua *Corte na Aldeia*.

Inhibição e *inhibir* sim vale o mesmo que *prohibição* e *prohibir*, mas propriamente é só no estilo forense: em qualquer outro não lhe achamos bons exemplos.

Insolente é em rigor o que faz acções, ou diz palavras *insolitas*, isto é, que não se devem praticar nem dizer. Nesta accepção rigorosa o traz Duarte Nunes de Leão na Origem da Ling. Port. pag. 115. Hoje val o mesmo que *desaforado*, *petulante* e *soberbo*.

Instructor e *instruidor* querem muitos que tenham differença. Dizem que *Instructor* é aquelle que ordena e dispõe alguma obra, lembrando-se de ter dito Barros na Decad. 2. pag. 91. «*Magestade* e *instructura* da obra.» *Instruidor* é o que instrue e ensina a alguem. Nós hoje a este chamamos *instructor*, e ao outro *constructor*..

Investigar propriamente é buscar pelos vestigios: *indagar* é buscar pelo rasto no matto. *Investiga* qualquer homem; *indaga* o caçador. *Esquadrinhar* é examinar com exacta medida, como se fosse á esquadria. *Especular* é ver, e escrutinar de lugar alto.

Iracundo, e *irado* não é o mesmo. *Iracundo* é o homem por natureza propenso á ira: *irado* é aquelle, que de repente se escandeceu offendido; de maneira que *ira* não é vicio habitual, se por inveterada não degenera em *odio*. O irado pode não ser iracundo, e o iracundo pode algumas vezes não ser irado.

Irmão absolutamente é um termo relativo entre dous filhos do mesmo pai, e da mesma mãi. Se é meio irmão por parte do pai diz-se *irmão* consanguineo; se por parte da mãi *irmão uterino*. O mais velho chama-se *primogenito*, os demais são *cadetes*, palavra moderna, que nos veio de França, mas que está já naturalisada.

Istrião, palavra de que usou Vieira no tom. 4 pag. 253 não é simples actor, ou representante, mas um bobo, que representa mascarado no theatro, tomando diversas figuras: *mimo* é aquelle, que com gestos, e acções acompanhados de palavras representa ao vivo os costumes, e ditos dos homens, mas sem mascara, e nisto se differença do *istrião*. *Pantomimo* é o que sem o soccorro das vozes, e só ajudado de vivissimas acções representa o caracter de qualquer individuo.

Jucundo, e *grato* tem em sentido rigoroso esta differença: jucundo é cousa suave ao espirito; grato é cousa bem acceita. Tudo o que é *jucundo* é *grato*, mas nem tudo o que é *grato* é *jucundo*. Ao enfermo é grata a medicina, mas não é jucundo o remedio. Pelo contrario as saborosas iguarias, e os finos licores, são gratos, e jucundos.

Ladino val o mesmo que *destro*, e *esperto*; mas não
›plica rigorosamente senão a negros, que percebem
o que se lhes diz, e encomenda; ou a estrangeiros,
tomaram depressa a lingua, e tem espertesa para se
nodarem aos costumes da terra.

Ladrão, se é famoso, e antigo no officio, diz-se *ca-*
›; se é matador, *assassino*; se é de estrada *salteador*;
› furtos miudos *ratoneiro*; se de thesouro, ou dinhei-
ublico *roubador*; se do mar *corsario*, ou *pirata*; se
ompanhia de outros *bandoleiro*, &c.

Ladroeira não é *furto*, como muitos entendem, mas
o logar, onde se recolhem os ladrões. Veja-se a Bar-
a Decad. 2 pag. 115, e com elle a todos os outros
icos, que jámais usaram de *ladroeira* por synoni-
le *ladroice*, como hoje comummente se usa.

Lago não é o mesmo que *lagôa*. Ao *lago* nunca fal-
gua, porque nasce nelle, e á *lagôa* sim, secando-se
stio. De maneira que as aguas dos lagos são ordina-
ente as das fontes dos montes, que se estagnam nos
es; e as das lagôas são procedidas comummente das
as do inverno.

Lamentar é sentir alguma cousa com lagrimas, ge-
os, e gritos. Erram os que o tem por synonimo de
o *chorar*, e sentir.

Lamina não serve só para metaes; tambem se ap-
a para marmores com o exemplo de Vieira, que no
. 4 disse. «Com *laminas* da mesma pedra» isto é,
folhas.

Latir não é no cão o mesmo, que simples *ladrar*;
é outra casta de voz mais fina, de que elle usa,
ndo segue a caça, ou vendo-a, ou conhecendo pelo
, que lhe vai adiante.

Lauto, palavra, de que usa o P. Telles na sua Ethio-

pia Alta pag. 287, não val o mesmo, absolutamente fallando, que *esplendido*, e *magnifico*, mas é termo, que serve só para denotar grandeza, e magnificencia na mesa, quando abunda de diversas, e custosas iguarias; e por isso se diz *lauto* banquete, &c. e não *lauta* festa, &c.

Leveza, e *leviandade*, não a confundiam os nossos bons Auctores. Usavam de *leveza* no sentido literal, pelo contrario da *gravidade*, e era o mesmo que *levidão*. Leveza no sentido metaforico era *leviandade*, e chamavam levianas ás pessoas de leve juizo.

Liberto não é rigorosamente synonimo de *livre*; e não se deve dizer *liberto* de cuidados, de cargos, de filhos, &c. mas sim *livre*; por que *liberto* é em rigor o escravo forro, e acha-se na Ordenação do reino com este significado. Bem disse o Auctor do livro *Dominio sobre a fortuna* chamando na pag. 202 aos homens *libertos* de Deus.

Lyceo: erram aquelles, que na presa usam esta palavra, comó synonimo de academia, em que se cultiva a poesia. *Liceo* era a aula de filosofia, que Aristoteles tinha em Athenas.

Lisongear, e *adular*, querem os bons criticos, que tenha entre nós a mesma differença, que tinha entre os romanos *assentari*, *adulari*. Dizem pois, que *lisongear* é dar louvores não merecidos com encarecido fingimento para captar a graça de alguem. *Adular* é o mesmo, mas com modos servís, acompanhados de gestos, que demonstrem afagos; porque *adulator* na lingua latina vem propriamente do cão afagueiro quando faz festa a alguem. Por onde competindo á lisonja o epitheto de *vil*, ainda este é mais proprio da adulação.

Logradouro não é propriamente o logar, que tem vista espaçosa, e diversa, segundo a significação commum

tendo-se por synonimo de *mirante*, ou *miradouro*, mas sim um campo publico, onde qualquer pode mandar pastar o seu gado; ou o chão, que alguem para sua maior commodidade tem adiante das suas casas. Neste sentido é que se diz: casas com seu *logradouro*.

Longanimidade, palavra, de que usou Vieira no tom. 3 pag. 133, e depois delle outros muitos; não é qualquer firmeza, e constancia de animo, mas aquella, que é um dos sete dons do Espirito Santo, com a qual igualmente se recebe o bem, e o mal. Differe nisto de *paciencia*, por que esta só tem relação com o mal, ao qual constantemente se acomoda.

Malevolencia confundem muitos com *odio*, mas propriamente só significa *má vontade* a alguem com alguma causa, porque sem ella é *antipathia*.

Malfeitor em significação rigorosa é qualquer culpado em algum crime, e não o Auctor de graves delictos, porque a este tal pertence propriamente o nome de *facinoroso*; porém é mui usado fazerem synonimos a estes dous nomes.

Manceba de homem solteiro é *concubina*; de casado davam-lhe os nossos antigos o nome de *comborça*; de portas a dentro *amiga*, segundo Bluteau nas frazes portuguezas.

Mangra é o damnoso humor, e orvalho da nevoa, que não deixa medrar os fructos da terra. Por metafora é que se applica á gente desgraçada, e tambem á ociosa, a quem não luz o trabalho.

Maquina erradamente tomam muitos por uma grande, e sumptuosa fabrica, quando no sentido literal não significa outra cousa, senão engenho mecanico, composto de diversas peças, com que obra a arte extraordinarios effeitos; e no sentido figurado significa empreza grande, difficultosa, &c.

Masmorra, palavra arabica, é propriamente uma prisão subterranea, em que os mouros de Barbaria recolhem de noute os escravos: de sorte que não é cadêa para castigo, mas casa para guarda.

Matrona; é termo, que não se deve applicar [fallando em sentido rigoroso] a mulher donzella, mas só á que é casada, ou que pelo menos em algum tempo o foi.

Melancolia differe de *tristeza*, em que esta é enfermidade do animo, e aquella do corpo, quando se exalta o humor melancolico: uma é paixão do espirito, outra é natural doença. Porem a cada passo se acha nos Classicos o uso destas palavras como synonimas.

Melodia diz Bluteau, que differe de *harmonia* em ser um certo primor, suavidade, e brandura de voz no canto, a qual precisamente se não dá sempre na *harmonia*.

Mendigo é o publico pedinte que nada tem para se alimentar. *Pobre* é o que tem pouco para poder viver. Aos que nada tem de seu, mas pedem em segredo, que têm muitos, que não se devam chamar *mendigos*, por que não pedem claramente de porta em porta.

Meretriz não é mulher tão escandalosa como *prostituta*. Segundo os romanos *meretriz* era a que só de noute entregava com cautella o seu corpo; e *prostituta* a que com escandalo o expunha de dia, e noute. A' mulher, que só admitte um, não se deve [segundo o Direito] chamar *meretriz*, mas de *falta*.

Milagre, *prodigio*, e *portento* não são rigorosamente a mesma cousa. *Milagre* é obra admiravel da mão divina, superior a toda a faculdade creada, e contra o concurso ordinario das cousas. *Prodigio* é o effeito de cousa maravilhosa, que já se havia predicto. *Portento* é sinal extraordinario, e por vezes observado, que prediz cousa *muito notavel*. *Monstro* é cousa contra a ordem natural.

Misero differe de *miseravel*, segundo alguns criticos. Quem justamente é castigado pela justiça [dizem elles] é misero, mas não miseravel: quem injustamente padece, é miseravel. De maneira que todo o miseravel é misero, mas nem todo o misero é miseravel.

Moderação em termo rigoroso é comedimento, e temperança no obrar. *Modestia* é compostura da pessoa em todo o seu exterior. Porem facilmente se acham bons exemplos, que fazem synonimas a estas duas palavras.

Mofa não é simples escarneo, mas escarneo acompanhado de alguns trejeitos despresadores, e palavras de ironia, mostrando-se dó affectado de quem se escarnece. De maneira que escarnecer de alguem sem acções injuriosamente ridiculas, e satiricas, diz Perotto, que não é *mofar*.

Momento não é segundo a accepção commua um brevissimo espaço de tempo, mas um indivisivel de tempo assim como é entre os mathematicos o ponto a respeito da linha.

Montante é espada, que excede na grandeza a altura do homem, e se joga com duas mãos. Desta palavra usou Vieira, tradusindo o texto de S. Paulo. «*Penetrabilior omni gladio ancipiti*. Tom. 10 pag. 363.

Montear é caçar caça monteza. Usou-o Vieira no tom. 8 pag. 308. Deste verbo vem a montaria.

Mortificação por desgosto, dissabor, e pena tem poucos exemplos bons em Auctores historicos, politicos, &c. Porem tomada por voluntario castigo do corpo, tem a seu favor a auctoridade dos nossos melhores classicos.

Mortorio é propriamente vinha perdida, ou mato pequeno, que já foi plantado. Daqui vem a metafora de se dizer de uma cousa, de que já se não faz caso, e de um negocio, que não vai avante, *está em mortorio*: é

erro dizer-se em *mortuorio*, por que esta palavra val o mesmo que estar triste, e callado, como se está em occasião de morte.

Motejar differe de *mofar*. *Motejar* é dizer palavras picantes, e *mofar* é especialmente fazer gestos para escarnecer.

Motim é o mesmo, que *tumulto*, mas não o mesmo, que *levantamento*, e *sedição*. Motim é alteração *repentina* do povo, ou soldados mal contentes de alguma cousa. Levantamento é rebellião *premeditada*: *sedição* é perturbação entre *nobres*, e *plebeus*, misturados, e contrarios a alguma cousa.

Mouco não é o mesmo que *surdo*. Este é o que nada ouve, aquelle o que ouve mal. Um tem privação total deste sentido; outro defeito nelle.

Nascer; na ordem da natureza diz-se propriamente do homem, e dos animaes. Das flores o seu nascer é *brotar*; das folhas *abrir*; das arvores, e fontes *rebentar*; dos enxertos *abrolhar*; das perolas *congelar*; do dia *romper* da luz *apontar*; da aurora *amanhecer*; do sol *raiar*, &c. Com estes exemplos vá o leitor, observando outros muitos verbos, que equivalem a nascer, para os applicar com propriedade ás cousas, a que pertencem.

Noticia, *nova*, e *novidade*, posto que valham commummente por synonimos, tem differença. *Noticia* é cousa, que vem ao nosso conhecimento: *nova* é qualquer successo novo, que se participa, e divulga: *novidade* é qualidade de cousa moderna, contraria ao uso antigo. A *noticias* [dizia D. Francisco Manuel] que vos posso mandar por *novas* da côrte, é haver *novidades* em tudo.

Obelisco não é o mesmo que *pyramide*, como muitos entendem, fazendo-os synonimos. *Obelisco* é uma só pedra, e essa delgada em comparação da pyramide, que

é mais larga na base, de menor altura, e de diversas pedras. Os italianos aos obeliscos chamam *agulhas* em razão da sua delgadeza.

Oblação, offerta a Deos de cousas inanimadas: *holocausto*, de cousas vivas, que hade consumir o fogo.

Obscuridade em sentido rigoroso são aquelles actos, acções, e palavras deshonestas, que se faziam na comedia antiga: de sorte que fallará com toda a propriedade quem disser as *obscuridades* do theatro, por que da *scena* é que veio mais este synonimo de *deshonestidade*.

Olhos, segundo a diversa côr, ou movimento, assim tem diversos nomes. Aos que não olham rectamente, chamam-se *vesgos*: aos que não tem movimento gracioso, e scintillante, *pasmados*: aos de vista aguda *linces*: aos que tem ar modesto, *azcvieiros*: aos que tem as meninas brancas, *gazeos*: e aos namoradores, *pombinhos*, segundo os nossos antigos poetas. Veja-se a Francisco Rodrigues Lobo na sua Primavera, part. 3 pag. 83. Hoje damos este nome aos que na côr sanguinea, e na figura redonda e pequena, se parecem com os do pombo.

Onça não é, como muitos imaginam, a femea do *tigre*, mas animal [posto que semelhante] de especie diversa. Alguns querem, que o seu macho seja o *leopardo*.

Orar é pedir com veneração: *rogar* é deprecar com rogos: *supplicar* é pedir com humildade.

Ornato de mulher são *enfeites*, a que em outro tempo chamavam *atavios*: de homem era algum dia *adereço*: de mesa *aparamento*: de casa *alfayas*: de igreja *armação*: de altar *ornamentos*: de cavallo *jaezes*, &c.

Ouro purificado de todas as fezes diz-se de *vinte e quatro*: ao que traz algum outro metal da mina, como latão, ferro, &c. chama-se *acro*: antes de ir ao fogo é *bruto*, ou *virgem*.

Paixões do animo: quasi que cada uma tem seu verbo proprio. O medo *comprime* o coração: a inveja o *roe:* a angustia o *desalenta:* a soberba nos *incha:* a ira nos *accende:* o furor nos *precipita:* a esperança nos *inquieta*, &c.

Palafrem, de que usou ainda o Auctor da Ulissea no cant. 7 est. 19, não é synonimo de qualquer cavallo, mas significa só cavallo manso, ricamente ajaezado para o uso de princezas, e damas.

Parafraste é o que traduz algum livro sentido por sentido: *metafraste* o que traduz palavra por palavra.

Pathetico entendem muitos que é epitheto, que só se deve applicar aos effeitos da dor, e compaixão, porém em rigor não é assim, porque *pathetico* é tudo aquillo, que é proprio para excitar nos animos qualquer paixão, e affecto, ou seja de amor, ou de odio, de alegria, ou de pena, &c.

Patibulo, e *cadafalso* não se devem equivocar como synonimos: o primeiro pertence só para criminosos plebeus: o segundo para nobres. Os enforcados vão ao patibulo, os degolados ao cadafalso. Temos um Auctor moderno, que não esteve por este rigor de linguagem.

Patrono segundo a nossa ordenação é o senhor do seu liberto, ou escravo forro: nos pleitos é *advogado.*

Pavilhão: usam alguns modernos desta palavra na significação de bandeira de náu de guerra, mas erradamente, porque em portuguez significa tenda de campo, ou certa armação do leito, ou cobertura do sacrario. Em qualquer destas accepções tem bons exemplos; na de bandeira ainda nenhum achamos.

Pavor, *temor*, *medo*, e *susto* tudo tem sua differença, se consultarmos os antigos grammaticos. Segundo elles *pavor* é medo pueril: *temor* medo de mal proximo,

e iminente: *medo* perturbação do animo reflectindo no futuro: e *susto* repentina consternação do espirito.

Paz: diz-se propriamente, quando os principes, ou pessoas publicas poem termo ás suas discordias: *concordia* é entre pessoas particulares, ou de cousas domesticas: *composição* é entre partes offendidas. «Com a caridade [dizia Diogo de Paiva de Andrade em um discurso manuscripto, que vimos] pacificam-se os imperios, *compoem-se* os litigantes, *concordam* os desavindos, congressam-se os inimigos, &c.»

Pendor erradamente o tomam muitos por synonimo de *peso*, quando elle em rigor só significa *declividade*, e em sentido metaforico *propensão*. Neste sentido se achará em graves Auctores, e na primeira significação o usou Vieira tom. 2 pag. 65 dizendo: «Nenhum *pendor* fazem á balança.»

Permittir: erradamente se usa a cada passo deste verbo por synonimo de *dispor*, e *ordenar*, quando a sua genuina significação é não impedir alguma cousa illicita. *Permitte* Deos o peccado: *dispoem*, e ordena as prosperidades, &c.

Plebe rigorosamente não é o mesmo que *povo*, postoque muitas vezes se confundam estes dous termos: *plebe* é o mesmo que *vulgo*, isto é, a multidão vil, e pobre da gente de qualquer cidade, ou povoação numerosa. *Povo* comprehende as pessoas nobres e civís.

Plectro em rigor não é instrumento musico, mas sim o arco, ou cousa semelhante, com que se ferem as cordas de algum instrumento. Daqui veio a pueril metafora de chamar Fernão Corrêa de Lacerda plectro ao badalo do sino. Veja-se a sua carta pastoral na pag. 69.

Poema não é só a epopea. A tragedia, a comedia, a tragicomedia, &c. tambem são poemas; mas com esta

differença, que a epopea é poema *epico*, e a tragedia, eomedia e tragicomedia poema *dramatico*.

Ponderar e *pesar*, sendo o mesmo na significação, o uso é diverso. *Ponderar* só serve no sentido metaforico, isto é, tomar o peso a cousas, que de si o não tem, v. g., ponderar razões, palavras, negocios &c. *Pesar* é para o sentido literal, v. g., pesar o ouro, o ar, os metaes &c. Tambem se usa no sentido figurado.

Potestade, postoque se ache em alguns auctores, significando *poder*, não são estes da primeira nota. Nos Classicos acha-se esta palavra significando espiritos celestes, e algumas vezes grandes potentados da terra.

Prantear não é simplesmente *chorar* a desgraça propria ou alheia, mas chora-la com gritos, gemidos e percussoens no corpo, como v. g. bater nas faces, no peito &c., como faz o povo por demonstração de grande sentimento.

Pratear não é o mesmo que *argentear*; o primeiro significa cobrir ou guarnecer alguma cousa com prata solida, e o segundo cobrir com pães de prata reduzida a folhas, que depois se burnem.

Praia é só proprio do mar: *margem* dos rios. Esta differença a cada passo confundem os escriptores pouco correctos.

Preambulo é discurso que precede a alguma narração; porem no sermão diz-se *Exordio*: na comedia *Lôa*: nos livros *prologo*.

Prenda por penhor amoroso tem muitos exemplos; por boas partes, dotes e qualidades, dizem que nenhum, que seja Classico, como se resolveu nas conferencias eruditas do conde da Ericeira; porem eu acho em Vieira no tom. 3. pag. 94, «mulher dotada daquellas *prendas*, que estimam e idolatram os que não são santos.» No tom. 4. pag. 89. «Graças e *prendas* pessoaes»: e na pag.

146 disse: « Todas as senhoras do mundo são *prendadas.*» No tom. 6. pag. 232: « Com tantas *prendas* juntas » &c. Donde se vê que resolveram inadvertidamente aquelles sabios academicos. Veidade é que não achámos esta palavra em outro algum Classico anterior a Vieira.

Prerogativa é propriamente a distincção em votar primeiro que os outros em alguma cousa, porque traz a sua origem de um tribuno romano chamado *Prerogativo*, que tinha o privilegio de dar o seu voto primeiro que os outros na eleição dos magistrados. Donde *prerogativa* só cahe bem onde ha *precedencia.*

Prestigio, palavra de que usou Vieira no tom. 6. é propriamente aquella artificiosa apparencia e illusão, com que alguns homens enganam a outros em jogos e habilidades de mãos. Daqui vem chamarem-se prestigios ás obras diabolicas que fazem os feiticeiros, mostrando na apparencia que transformam uma substancia em outra.

Primicias não são só os primeiros fructos que dá a terra em cada anno, e se offerecem a Deus, mas os principaes e mais escolhidos. Differem *primicias* de decimas em que estas tem quantidade taxada, e aquellas não, exceptuando se eram de animaes, porque na lei antiga se dava de duzentos um.

Primor não é qualquer perfeição, mas a mais apurada, onde se póde chegar. Por isso diz com razão Duarte Nunes na Origem da Lingua Portugueza, pag. 124, que esta é uma daquellas especiaes palavras que temos, que não se podem explicar bem em outras linguas.

Principios: na grammatica são *rudimentos*: na geometria *Elementos*: na musica *preludio*, isto é, *afinação*: do dia *crepusculo*: da batalha *escaramuça*: da missa *introito* &c. Vide *preambulo.*

Prioreza: titulo da prelada de qualquer convento, que não é monacal ou abbadia; porem entre as carmelitas descalças é priora.

Privilegio, segundo toda a sua força latina, não é o mesmo que *graça* feita a um privado particular, e não ao publico. Vem do latim *privatus*, que val o mesmo que *valído*, singular e particular. Hoje porem a palavra *privilegio* significa qualquer graça que o superior concede ao inferior.

Propinquidade e *propinquo*, posto que seja o mesmo que *proximidade* e *proximo*, comtudo os nossos Classicos usavam de proximidade e proximo no sentido moral, ou em termos facultativos, v. g., caritativa *proximidade* com todos, occasião *proxima*, materia *proxima* &c. E guardavam *propinquidade* e *propinquo* para outras accepções, dizendo v. g. [como disse Vieira no tom. 2. pag. 87.] *Propinquidade* do sangue: ruina *propinqua*, como se acha em Brito no tom. 2. da Mon. Lusit. pag. 8. &c.: materia *propinqua* a ouro, como se lê na Corte na Aldeia, pag. 144. &c. Porem esta observação não é tão segura, que não se ache nos mesmos ou em outros auctores usadas as sobreditas palavras como synonimas.

Prosapia não é simplesmente o mesmo que *geração*, mas geração antiga e nobre; por isso se diz com propriedade a *prosapia* dos reis, e não *geração*. Assim o vemos praticado por Duarte Ribeiro de Macedo no seu Juizo Historico pag. 25., e por outros Classicos de igual auctoridade.

Quilate é só para *ouro*, e algumas pedrarias preciosas, como *diamante* e *rubim*. As *perolas* tambem se pesam a quilate.

Quindennio é espaço de quinze annos: *triennio* de tres: *quatrennio* de quatro: *quinquennio* de cinco: *se-*

xennio de seis: *decennio* de dez &c. De todas estas palavras ha exemplo em portuguez, postoque nem todas são classicas.

Raça é propriamente geração de animaes, assim como *casta* é de homens. Quando *raça* se applica a gente, é sempre em mau sentido. *Raça* de mouro, judeu &c.

Rancor entendem muitos que é menos que *odio*, mas enganam-se, porque é propriamente *odio* inveterado e occulto no coração, até se offerecer occasião de vingança. Deriva-se de *ranço*, no que bem denota ser odio antigo.

Rapina não é synonimo de *furto*, porque é tirar com violencia o alheio, e furto é tira-lo com destreza, ou sem violencia sensivel. Demais, *rapina* é roubo publico, e *furto* é particular.

Raridade e *rareza*, postoque em rigor signifiquem o mesmo, e tanto se diga rareza como raridade de ouro &c., com tudo temos observado nos auctores classicos, que commummente usam de *raridade* para explicarem cousa quasi singular; e *rareza* para exprimirem cousa delgada, pouco espessa ou transparente. *Raridade* do juizo, do engenho &c. *Rareza* de panno, rede &c. O vulgo diz *raleza* e *ralo*.

Rebéldia querem muitos que seja mais proprio para as paixões que se rebellam contra a rasão, e *rebellião* para o levantamento de um ou muitos vassallos contra o seu legitimo senhor.

Reclamação e *reclamo* passam por synonimos entre os ignorantes. *Reclamação* é termo forense, que vem do verbo *reclamar*; e *reclamo* é instrumento de caçador para chamar algumas aves.

Reliquia no singular só se usa no sentido sagrado, significando alguma parte do corpo de um santo, ou cou-

sa que fôra do seu uso, quando mortal e viador. No plural significa o restante de qualquer cousa, desbaratada do poder ou do tempo. Commummente val o mesmo que *sobejos* e *residuos*; sendo que muitos pretendem que *sobejo* seja para cousas comestiveis, *residuo* para bens, e *resto* para dinheiro. Nos auctores não acho fundamentos para estas differenças.

Reminiscencia, palavra que se acha em diversos auctores, não é o mesmo que *memoria*. Esta é de especies sempre conservadas, e aquella de especies já quasi apagadas. Por outro modo, *memoria* é uma continuada reminiscencia, e a *reminiscencia* uma memoria interrupta, que se renova. Por isso um filosofo lhe chamou *memoria resuscitada*.

Reo propriamente não quer dizer *culpado*, como imaginam os ignorantes, mas sim homem demandado por quem é *auctor*. Póde ser reo, e ser innocente: a prova da culpa é que o faz culpado.

Repudio em sentido rigoroso não póde ser entre christãos synonimo genuino do *divorcio* ou *desquite*, porque o prohibe a lei que professamos. *Repudio* propriamente é solução do vinculo do matrimonio, de maneira que a mulher repudiada podia tornar a casar. *Divorcio* ou *desquite* é solução em quanto ao leito. Os antigos jurisconsultos faziam differença entre *repudio* e *divorcio*, dizendo que este se verificava em mulher *casada*, e aquelle em *desposada*.

Requestar, assentam comsigo alguns criticos, que é verbo que só tem uso em sentido amatorio; mas enganam-se, porque Barros na Decad. 4. pag. 514, e Lobo, na Corte na Aldea, Dialog. 3. pag. 60, usaram delle no sentido de desejar possuir uma praça e mercadorias.

Resplendor em sentido literal é aquella luz clara, que provêm de corpos, que tem luz viva e não reflexa: por onde *resplendecer* não é o mesmo que *luzir*.

Rez val o mesmo que animal quadrupede, mas animal que serve de mantimento ordinario ao homem, e anda em rebanho. Por onde animaes que ordinariamente não servem de alimento, como javalis, veados &c. não são propriamente *rezes*, e muito menos as feras. Por isso estranham os criticos a Godinho na sua Viagem da India chamar muitas vezes *rezes* a elefantes e rhinocerontes mortos.

Ribaldaria, de que usa Brito no tom. 1.º da Mon. Lusit. pag. 353, sendo palavra tomada aos italianos, não significa como entre elles *vileza*, *ladroice* e *desaforo*, mas só *falta de fé* nas palavras, ou *infidelidade* e *traição*.

Rifão, palavra derivada do castelhano, val o mesmo que *adagio* e *proverbio*, isto é, sentença que anda na boca de todos, assim como *proloquio* só na boca dos sabios, significando sentença dita por algum dos antigos Filosofos. Esta differença é de Faria nos Commentarios a Camões, mas quanto a nós, destituida de solido fundamento. Outros com igual razão querem que *adagio* seja rifão antigo; *proverbio* dito sentencioso e serio; *proloquio* sentença dos filosofos; *axioma* dos juristas; *aforismo* dos medicos &c. Nós seguindo diverso parecer, dizemos com os bons auctores, que são synonimas todas estas palavras, acrescentando só que *rifão* é termo plebeu, que já se não sofre em grave discurso, e que *adagio* tambem tem alguma baixeza em estilo que não fôr familiar.

Riso, se é fingido, acrescenta-se-lhe *sardonico*; se é leve, diz-se *sorriso*; se descompassado, inventaram al-

guns chamar-lhe *caquinada*, imitando aos latinos. Bluteau traz *riso jonico* por afeminado, e *megarico* por intempestivo; mas estas denominações só tem logar na lingua latina: della só tomámos o *sardonico*.

Rispido vem de *hispidus*, e significa propriamente cousa coberta de pelo, que ao tacto não é macio, nem brando. Por isso metaforicamente se chama *rispido* ao que tem genio aspero, e os nossos bons Auctores a qualquer cousa desagradavel chamavam *rispida*. Fr. Luiz de Sousa na vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 261, chama a uma má musica popular, e *rispida*.

Rival, palavra nova, e com razão introdusida, que significa *amante emulo* de outro, que pretende, e lhe disputa o logro da mesma a quem ama. Donde se vê, que emulo de qualquer outra cousa, se não póde propriamente chamar *rival*. Deveriamos tambem ter *rivalidade* mas ainda a não vemos introduzida.

Rosto não é o mesmo que *semblante*. O primeiro applica-se ao que trata com afabilidade. O segundo ao que falla com auctoridade, Vieira tom. 2 pag. 152. O que hontem era amor, hoje é auctoridade; o que hontem era *rosto*, hoje é *semblante*.

Roubar diz mais do que *furtar*, assim na quantidade, como no modo; porque *roubar* é tirar por violencia a alguem a sua fazenda, e *furtar* é tirar o alheio em segredo: *roubar* são furtos grandes, e *furtos ladroices* pequenas.

Salteador chamam os ignorantes ao que salta muito, devendo pronunciar *saltador*; pois que *salteador* é só o ladrão de estradas. Este erro achamos diversas vezes em certo sermão moderno contra os bailes, o qual corre impresso.

Samarra é propriamente vestido de pelles, de que

usam os pastores. Veja-se a Vieira no tom. 7 pag. 116. *Samarrão* diziam os nossos escritores mais antigos. Hoje tambem se dá este nome áquella affrontosa insignia, que levam os judeus relaxados á justiça secular.

Santissimo sem algum substantivo, e por antonomasia, é entre nós o Santissimo Sacramento do altar, e não o costumamos apropriar ao summo pontifice, como fazem os italianos, mas sempre lhe ajuntamos algum substantivo, como *santissimo padre*, *papa*, &c. Faço esta advertencia, porque não vejo praticado o estilo portuguez em algumas traducções de bullas, e papeis da Curia Romana.

Sapiencia não é em rigor o mesmo que *sciencia*. Esta é conhecimento de cousas materiaes, e humanas; aquella de cousas intellectuaes e divinas. Por isso propriamente disse Barros na Decad. 3. *Sapiencia*, dom do divino espirito, &c.

Saudade não é em rigor um extremo sentimento de algum bem *perdido*, mas *ausente* com desejos de o lograr. Por isso nos livros asceticos se diz com propriedade *saudades* do ceo, por que é bem, que está distante, e que desejamos lograr. Em sentido mais amplo é que se chama *saudade* á pena, que provem da perda de um bem por causa da morte.

Segredo não é o mesmo que *arcano*, o qual significa não segredo ordinario, mas segredo de Deus, ou de principes, como se colhe de Vieira tom. 1.º 696, e 4.º 230.

Sevicia crueldade extraordinaria, e só propria de feras. Por isso disse Vieira no tom. 2 pag. 330. «Comerem-se os animaes uns aos outros é voracidade, e *sevicia*, &c.

Silencioso, segundo a doutrina de alguns, tem dif-

ferença de *taciturno*. Quem está calado por alguns motivos, é *silencioso*. Quem por naturesa, e genio diz poucas palavras, ou facilmente se calla, é *taciturno*.

Sitio não é o mesmo que *bloqueo*, como muitos imaginam, pois indifferentemente usam de qualquer destes termos. *Bloquear* é sitiar ao largo, ou tomar com gente de guerra todas as vias, que vão ter a uma praça.

Soberano: na Russia *cezar*: na Transilvania *vaivoda*: de Valaquia *hospodar*: na Turquia *grão senhor*: na Persia *sophi*: na Tartaria *kan*: em Argel *bey*: outros muitos nomes de soberanos da Asia se poderão ver nas nossas historias orientaes.

Sobrenatural, e *preternatural*, que frequentemente confundem muitos, tem grande differença. *Sobrenatural* é aquillo, que é superior a toda a força da natureza; e *preternatural* é o que excede á commum ordem da natureza no seu obrar.

Sobrenome não é, como muitos entendem, o mesmo que *appellido*. O senhor, que se poem por cortesia antes de algum nome, é que é propriamente sobrenome, como bem disse Vieira no tom. 7 pag. 34 « lhe acrescenta sobrenome de senhor » &c.

Sobrevir é rigorosamente [como diz Vieira] vir sobre ter já vindo; mas tambem significa entre nós vir inopinadamente, e de repente.

Sobriedade propriamente é moderação só no beber, e com especialidade vinho. Em sentido figurado é que se toma por moderação em qualquer outra cousa.

Soccorro, *auxilio*, *subsidio*, e *presidio* tem entre si rigorosa differença. *Soccorro* é ajuda em qualquer necessidade, e aperto: *auxilio* é soccorro, que vem sem ser esperado: *subsidio* é reforço de milicias para ajudarem as outras em caso de apertada necessidade: *presidio* é soc-

corro para conservar o ganhado, defendendo-o de qualquer invasão dos inimigos, que o perderam.

Soledade no uso do seculo passado era o mesmo que *solidão*; presentemente tem differença, porque *solidão* é mero retiro, e *soledade* retiro, em que se sente a ausencia de algum bem, sem ter nelle companhia. De maneira que toda a soledade é retiro da alma, ainda que haja companhia; mas nem toda a solidão é soledade, por que se pode buscar por diversos motivos o retiro das creaturas. Ao que nós hoje chamamos soledade, chamavam os nossos antigos saudades, e assim diziam a Virgem das saudades por Nossa Senhora da *Soledade*.

Solitario: vide *Campones*.

Subornar, querem muitos, que seja induzir alguem com palavras artificiosas, e laudatorias: *peitar* induzir com donativos. Um e outro verbo tem seu uso mais proprio no estilo forense.

Sulcar propriamente não pertence ao mar, mas á terra, abrindo-a com o arado: em sentido figurado é que se applica ás ondas, porque nellas fazem as quilhas um como rego, e sulco.

Sumptuoso; esta palavra commumente a vemos applicada com grande impropriedade, significando o mesmo que *grande*, &c. Propriamente é aquella cousa, em que se fez magnifico dispendio. Muratori na sua *Perfeita poesia italiana*, fallando das grandes ideas poeticas, muitas vezes lhes chama *sumptuosas*, mas foi censurado por Salvini, mostrando-lhe a impropriedade deste epitheto.

Superfluo em rigor é cousa liquida, que tresborda do lugar, em que está, v. g. o licor, que não cabe no vaso, e se derrama; o rio, que engrossando a corrente, espraia pelos campos, &c. Neste sentido disse Plinio no seu panegirico. « *Flumina campis superflua.*

Supplicio não se diz propriamente do castigo particular, que dá o pai ao filho, o senhor ao servo, &c. mas da pena corporal, que a justiça dá publicamente aos criminosos: a rasão é por que *supplicium* em *latum* val o mesmo que *sacrificio* para a expiação de alguma culpa, e o ser castigado pela justiça é em certo modo ser sacrificado em satisfação do crime commettido.

Sussurro é brando *murmurio*. Sussurra a fonte, e murmura a despenhada corrente, &c.» disse Bacellar, poeta de purissima linguagem. Tambem propriamente se toma por *zunir* como fez Camões na canção 15 est. 5 fallando do zunido das abelhas.

Tanger, e *tocar*, fallando de instrumentos musicos, dizem, que tem differença. *Tanger* é para instrumentos de cordas, que se pulsam com as mãos, como viola, harpa, alaúde, &c. *Tocar* é para instrumentos de teclas, ou de assopro. Os que assim dizem allegam com varios exemplos classicos, mas quanto a nós nada provam, por que Fr. Luiz de Sousa, que no tom. 2 da sua Historia pag. 187 disse orgãos bem *tocados*, em outros muitos logares disse *tangidos*, fallando de instrumentos, ja de uma casta, já de outra. O que nós achamos nos bons Auctores é *tangedor*, e *tanger*, muito mais usados do que *tocador*, e *tocar*.

Temerario não é o mesmo que *audaz*, mas aquelle, que é excessivamente atrevido, e audaz sem juizo. De sorte que *temeridade* é vicio contrario á prudencia, e audacia virtude do animo, quando se toma por *intrepidez*.

Temeroso ora significa cousa, que se faz temer, ora pessoa que tem medo, procedido não de fraqueza, e pusilanimidade, por que então é ser *timido*, mas de respeito, e reverencia. Por isso propriamente o filho é temero-

so do pai, o servo do senhor, o vassallo do rei, o homem de Deus, &c.

Temporaneo, *temporão*, e *temporario* tem significação diversa; *temporaneo*, de que usou Sousa de Macedo no seu *Domin. sobr. a fortuna* pag. 226, é cousa, que passa com o tempo: *temporão* é fructo, que em breve tempo chega á sua perfeita madureza: *temporario*, que se acha em Barros na Decad. 4 pag. 76 é cousa, que dura até certo tempo limitado.

Terremoto se diz só dos tremores, que se sentem na terra: *marimoto* dos que se sentem no mar.

Titulo de nobresa illustre. Em Portugal e Hespanha é *grande*: em França *par*: em Inglaterra *milord*: em Veneza *senador*, e *procurador de S. Marcos*: em outras republicas de Italia *gonfaloneiro*: na China *mandarim*, &c.

Tom equivocam muitos com *som*, quando *tom* não é outra cousa mais que um som, em quanto diz respeito a outro som.

Tornear não só é trabalhar ao torno, mas rodear e cercar alguma cousa. *Tornear a* ilha, disse Barros na Decad. 2. pag. 68. *Tornear* a fortaleza se acha em Jacinto Freire Liv. 2. n.º 145.

Torpeza não é simples *fealdade*, mas fealdade com sordidez. Por isso é censurado o auctor da Insulana, por dizer *torpe* ninfa, como se dissera *torpe* satyro, ou *torpe* velha.

Torrente e *corrente* differem; o primeiro é levada de agua, que pára, e o segundo agua que sempre corre. Diz-se *torrente* das chuvas, e *corrente* dos rios.

Transe sim significa muitas vezes angustia, adversidade e trabalho, como traz Fr. Bernardo de Brito no tom. 2. da Mon. Lusit., pag. 142; mas a sua rigorosa

e genuina significação é aquelle ponto extremo e perigoso a que nos conduz algum caso commummente adverso.

Toura não é como alguns imaginam, synonimo de *vaca* brava, mas sim nome que só serve para denotar *vaca esteril.*

Triunfal e *triunfante* equivocam frequentemente os que não sabem, e dizem carro *triunfante*, e arco *triunfante* &c., devendo dizer *triunfal*, por ser cousa concernente a triunfo. Aquellas cousas porem que se acharam na acção do triunfo, podem-se por figura chamar *triunfantes*, v. g., armas, cavallos, bandeiras triunfantes &c.; mas ao que serve á pompa ou memoria do triunfo, sempre os antigos chamaram *triunfal.*

Triumvirato, magistrado romano de tres homens: *duumvirato* de dous: *quinquivirato* de cinco: *sextumvirato* de seis: *septemvirato* de sete: *decemvirato* de dez &c. Quasi todos estes nomes tem entre nós exemplos de bons auctores, os quaes a cada um dos ditos magistrados chamavam tambem, v. g., *triumviro*, *ducemviro*, *quinqueviro*, *sextumviro*, *septemviro*, *decemviro* &c. Alguns com pronunciação inteiramente latina escreveram *trinmvir*, *duumvir* &c.

Trovar e *trovejar* traz Bluteau por synonimos de fazer trovas, mas isto foi em outros tempos: hoje *trovar* é que é só para trovas, e *trovejar* para trovões.

Turba e *turma*: o primeiro é multidão sem ordem: o segundo multidão ordenada: e por isso a povo confuso se chama *turba*, porque *perturba*; e a soldados em ordem *turma*, isto é, tropa, esquadrão, fileira &c.

Vasação confundem muitos com *vacancia*, sendo aliás termos com significação mui diversa. *Vacação* é suspensão de negocios ou de estudos; e *vacancia* é o ficar alguma dignidade ou Estado sem possuidor. O primeiro é synonimo de *ferias*, o segundo de *vacatura.*

Veracidade, palavra que tem bons exemplos, não é o mesmo que *verdade*, mas sim uma prudente moderação da verdade, observando-se para a dizer o tempo e logar opportuno; e segundo as occasiões assim omitte umas verdades com prudencia, e diz outras com singeleza. Esta cautella não é propriamente o objecto da *verdade*, cujo meio ou ponto é indivisivel.

Verecundia: com razão diz Bluteau que se deve admittir esta palavra na lingua portugueza, porque *vergonha* não faz bem as suas vezes, pois sendo ambas dous affectos da alma, oppostos á indecencia e deshonra, a *verecundia* é um receio da indecencia e deshonra futura, e a *vergonha* uma dôr da indecencia e deshonra presente ou passada.

Veridico e *verdadeiro* tem esta differença: homem verdadeiro é o que falla verdade nùa, sem reserva alguma nem attenção ao tempo e genero de pessoas. Homem *veridico* é o que, para dizer a verdade, repara nas circumstancias da occasião, e tem a prudencia por justa medida do que ha de dizer, e do que deve calar.

Versuto: posto que não achámos exemplo classico a favor desta palavra, comtudo, como se encontra em diversos livros, especialmente no *Numero Vocal*, preciso se faz dizer que não val o mesmo que *fingido* e *manhoso*, como alguns entenderam, mas sim *prudente* com malicia e sagacidade enganosa, sempre usada para o mal. Supposta a necessidade, deveriamos adoptar este termo, e *versucia* seu abstracto.

Viagem em puro portuguez não é o mesmo que *jornada*, esta é caminho que se faz por terra, e aquella por mar, e assim mal se explica quem diz *viagem* a Madrid.

Vigia: tem uso mais proprio applicando-se a *guar-*

da que vela de noute e não de dia. Na milicia é *sentinella*, e tem differença de *espia*, porque esta é disfarçada, e aquella descoberta.

Vinculo: temos observado na lição dos Classicos, que estes quasi sempre usavam deste termo no sentido moral e figurado: *vinculo* conjugal, da amisade, do sangue, do amor &c.

Unido não é o mesmo que *feita uma só cousa ou pessoa com outra*, como muitos entendem. Para significar isto, usou Vieira no tom. 9 pag. 129, de *aúnado*, para exprimir a união sacramental, dizendo: «Com esta união tão unida e tão uma, ficaremos todos, não só unidos, mas *aúnados* com Christo, unidos pela união, e *aúnados* pela unidade &c.»

Uso não se deve applicar propriamente a cousa á qual não compita em rigor o uso. Eu me explico: aquillo que se emprega em cousa para a qual não foi feita, não se usa, fallando em termos proprios. E assim, v. g., um cavallo de nobre raça, se delle se usou para carga, impropriamente se dirá que se usou delle para carregar, porque não era esse o seu natural uso, que devêra ter e para que fôra creado. [Vide Bluteau verb. Uso.]

Vindicação e *vingança*, sendo em rigor o mesmo, acho commummente nos bons auctores *vindicação* applicada á justiça, e *vingança* aos homens em particular. O mesmo digo de *vindicativo* e *vingativo*: ser vingativo é vicio, ser publico *vindicativo* das leis ultrajadas é virtude, e por isso se diz: justiça *vindicativa*, e não *vingativa*.

Virgem, fallando rigorosamente, não é o mesmo que *casta* e *donzella*. Virgem é aquella que nunca consentiu em desejo de cousa venerea licita ou illicita. *Casta* é a que nem obra nem deseja cousa illicita em materia venerea. *Donzella* é a que não tem conhecido varão

ou algum outro agente extrinseco, destruidor da sua virginal inteireza.

Zagal é propriamente o pastor moço, creado do maioral do gado. O mesmo dizemos de *zagala*; e destas palavras usou frequentemente Lobo nos seus tratados pastoris, e com particularidade no *Pastor Peregrino*.

Fim da Primeira Parte.

NOTAS.

Esta obra, a tantos respeitos interessante para o estudo da lingua materna, comprehendendo as tres partes distinctas em que o Auctor trata copiosamente as respectivas materias, sahe muito volumosa, pelo que formará cada parte um tomo; sem que isso prive, a quem o desejar, de as reunir sob uma capa só. — Se nos alargassemos em numero e extensão de annotações muito maior seria o volume: não é esta porem a rasão cabal que nos moveu a ser, quanto possivel, parcos de notas: mas sim o reflectir-mos que illustrar o texto de qualquer escriptor, e ás vezes apontar alguns seus descuidos, não era o mesmo que fazer glossas ou commentarios; nem delles carece o Auctor, porque dedicando-se a escrever para principiantes é claro na exposição, methodico na ordem dos assumptos, escolhendo até para maior facilidade a forma de diccionario nas listas das palavras; alem disto poem quasi sempre diligencia em justificar as suas opiniões e doutrinas com auctoridades que a maioria dos criticos reconhecem e respeitam. Portanto o fim principal das nossas breves annotações é rectificar ou corrigir ideas e juizos que poderiam adoptar-se no meio do seculo passado, epocha em que floresceu o Auctor, mas que os estudos posteriores descubriram erroneas ou mal fundadas.

Á Reflexão 1.ª — *Sobre a auctoridade dos Classicos.*

Ninguem melhor do que o nosso Auctor podia dizer-nos (já que tinha tão opportuna occasião como esta) o que devemos en-

tender por *Auctor classico*. Não sabemos o porque o não fez; nem tão pouco o porque o não fizeram depois delle os Auctores do Diccionario da Academia, quando alli poseram o seu Catalogo dos Auctores e Obras, que tomaram por auctoridades para a composição do mesmo Diccionario. Um trabalho desta natureza, executado por aquelles, a quem mais cabia emprehende-lo, teria poupado muito aos estudiosos da literatura, que ouvem sim a cada passo fallar em *Classicos*, citar os *Classicos*, mas que só á força de muito estudar e revolver livros podem chegar a acertar no que isso seja.

Por sem duvida temos que para tapar uma tão grande lacuna na nossa literatura, é que a Acad. das Sciencias propoz no seu programma para o anno de 1840 o seguinte quesito. — *Determinar o que se deve entender por Auctor Classico, com respeito ao estudo das linguas: fazendo applicação desta doutrina aos escriptores portuguezes, e dando um catalogo dos que merecem este nome.*

E' de crer que d'entre os nossos mais illustres literatos não faltasse quem satisfizesse aos desejos da Academia: mas como o publico não tem ainda conhecimento de taes trabalhos; por isso nos animamos a soltar na presente occasião algumas palavras sobre a materia, fiados em que os estreitos limites de uma nota poderão em certo modo encobrir o acanhamento de nossas forças para tão ardúa empreza.

E começando pela origem e etymologia da palavra *Classicos*, diremos que vem das *classes*, em que os cidadãos romanos estavam distribuidos na proporção de seus cabedaes. — Aulo Gellio no Liv. 7. cap. 13 das suas *Noites Atticas* nos informa que — Classici *dicebantur non omnes qui in* classibus *erant, sed primæ tantum* classis *homines, qui centum et viginti quinque millia æris amplius censi erant.* Infra classem *autem appellabantur, secundæ classis, cæterarumque omnium classium, qui minori summa æris quam supra dixi censebantur.*

Donde se vê que a primitiva significação da palavra *Classico* foi para designar d'entre os cidadãos romanos os da 1.ª *classe*, que era o mesmo que dizer, os homens de mais conta na repu-

blica por seus cabedaes &c. — Daqui por extensão se applicou o mesmo vocabulo para significar os escriptores, que na republica das letras se avantajavam aos outros assim no cabedal da sciencia, como no conhecimento e recto uso da lingua, em que escreviam; e já neste ultimo sentido o toma o mesmo Aulo Gellio, quando no *Liv.* 19. cap. 8, tratando de certas questões grammaticaes diz — *quaerit an* quadrigam *et* arenas *dixerit e coherte illa duntaxat antiquiora, vel oratorum aliquis, vel poetarum, id ut* classicus *adhibuus quo aliquis scriptor, non proletarius.* — E para cabal intelligencia deste logar de Aulo Gellio, lembremo-nos que elle já no Liv. 16 cap. 10 tinha explicado quaes eram os *assiduos* e os *proletarios*, dizendo — Assiduus *in XII tabulis pro locupleti, et facile munus faciente, dictus ab* assibus, *id est* aere dando, *cum id ad tempora reipublicae postularent: aut a muneris pro familiari copia faciendi* assiduitate. — *Proletarii appellati sunt qui vero nullo, aut perquam parvo aere censebantur . . . A munere officio que prolis edendae appellati sunt, quod cum re familiari parva minus possent rempublicam jurare, sobolis tamen gignendae copia civitatem frequentarent &c.*

Lá veem outros, que discordam desta explicação; e dizem que *Classico* vem sim de *classe*, mas de *classe*, tomada na accepção, a que foi levada em razão das *classes*, em que os mestres nas escholas distribuem os discipulos. Para isto teem a abonação de Quintiliano, quando no Liv. 1. cap. 2. *De Oratoria Institutione* tratando da preferencia das escholas publicas sobre a instrucção de portas a dentro, diz — *Non inutilem scio servatum esse a praeceptoribus meis morem, qui cum pueros in classes distribuerant, ordinem dicendi secundum vires ingenii dabant; et ita superiore loco quisque declamabat, ut praevedere profectu videbatur. Ea nobis ingens palmae contentio. Ducere vero classem multo pulcherrimum.* — E assim neste sentido diser *Auctores Classicos*, é o mesmo que dizer, aquelles que, por deverem servir de modello, são por isso com preferencia escolhidos para a instrucção da mocidade nas escholas.

Mas seja destas qualquer que for a opinião, que se adopte, acerca da *etymologia* da palavra *Classicos*, é certo que esta ex-

pressão vem sempre a significar a mesma cousa; isto é, os Auctores mais insignes na pureza da linguagem, na propriedade da frase, e na elegancia do estilo.

É por tanto claro que uma nação não pode dar *Auctores Classicos*, em quanto a sua civilisação for rude, e pouco polida; em quanto a vida social, e o commercio dos homens forem limitados e empécidos; e não tiver chegado a um alto grau de cultura a razão e o entendimento: porque só a par, e de mistura com esta cultura da razão e do entendimento, pode florecer e prosperar a linguagem, e ir ganhando, quanto lhe for possivel, os dotes, de que depende a sua perfeição.

Estes dotes são (como nos ensina um insigne philologo de nossos dias n'uma obra preciosa, que apenas anda nas mãos de alguns curiosos, mas que desejariamos fosse lida e meditada por todos os que se dedicam ao estudo das letras) (*), estes dotes, dizemos, consistem em ser — 1.º clara; 2.º copiosa; 3.º breve; 4.º corrente e fluida; 5.º viva e versatil.

Para que na linguagem se dê a *clareza* cumpre 1.º que ás palavras se liguem sempre por todos noções fixas e bem determinadas; 2.º que se fixe o numero das significações de cada um daquelles vocabulos, que podem ter muitas; 3.º que nella haja a maior regularidade possivel na derivação e composição dos vocabulos, na syntaxe e collocação dos mesmos, e por tanto nas inflexões dos vocabulos declinaveis. — *É copiosa* a linguagem, que não carece do cabedal de vocabulos necessario para os fins sobreditos; e que quando lhe falte possa suppril-o antes do seu porprio fundo que recorrendo ás linguas estranhas. — Será *breve* quando exprima o maior numero de ideias pelo menor numero de vocabulos. — *Corrente ou fluida* quando for de pronuncia tão facil que fatigue o menos possivel o orgão oral de quem falla; e os sons simplices de cada palavra possam ser distinctamente percebidos por quem ouve, depois de distinctamente proferidos

(*) *Noticia Succinta dos Monumentos da Lingua Latina, e dos Subsidios necessarios para o estudo da mesma;* por José Vicente Gomes de Moura, professor da lingua grega no R. Collegio das Artes da Universidade. — Coimbra — Na Real Imprensa da Universidade. — 1823. — 1 vol. 4.º

por quem falla. — *Viva* quando retratar com a maior *viveza* as imagens dos objectos, e com a maior sensibilidade os sentimentos do espirito; *versatil* quando tiver cabedal apto para todos os estilos.

Será pois *Classico* aquelle *Auctor*, que ou concorrer para elevar a sua lingua ao maior gráu de perfeição em cada um destes dotes, ou souber servir-se rectamente della já aperfeiçoada, praticando sem mancha nos seus escriptos (como dissemos) a pureza da linguagem, a propriedade da frase, e a elegancia do estilo. — A *pureza da linguagem*, para não usar de palavras ou estranhas á lingua, ou reprovadas pelo uso razoavel; e evitar assim os barbarismos, archaismos, e solecismos. — A *propriedade da frase* para que cada ideia seja exprimida pela palavra ou frase, que mais propriamente a representa, a fim de que o ouvinte ou leitor possa cabalmente entender o pensamento do *Auctor*. — A *elegancia do estilo* para que as palavras, escolhidas com as condicções das duas regras antecedentes, sejam dispostas por tal ordem e proporção, que indiquem na mente do Auctor as ideias arranjadas segundo as suas mais convenientes e luminosas relações. — É com pouca differença isto mesmo o que o nosso Auctor entende, quando nesta part. a pag. 7., fallando de João de Barros, diz que o leitor — *admirará nelle uma tal abundancia de termos, cheios de propriedade e energia, e uma tal affluencia de expressões genuinas, nascendo tudo de um estilo claro e correcto, que jamais se animará a negar-lhe o justo titulo de primeiro mestre da linguagem portugueza.* —

Porem para chegar a possuir estes dotes de *Auctor Classico* não basta cultivar a razão em abstracto, é preciso juntar-lhe a observação do mundo positivo. — O alemão Sulzer, que no seculo passado escreveu uma *Theoria geral das Bellas Artes*, á qual os Auctores do *Diccion. das Sciencias* foram buscar o que disseram a respeito de *Auctores Classicos*, exprime-se desta maneira — *O espirito d'observação, primeira qualidade d'um* Auctor Classico *não se adquire por meio de estudos abstractos, e não se forma no fundo d'um gabinete. E' no mundo polido, no meio dos negocios, e pela communicação dos homens*, que são dotados des-

te talento, que aquelle espirito se aperfeiçôa. A sociedade, mórmente a que se occupa de grandes objectos, em que todas as faculdades do entendimento teem de entrar em acção, e se desenvolvem com rapidez; em que é preciso n'um volver d'olhos abraçar um grande numero de considerações, e pensar solidamente sem ter tempo de reflectir com methodo; esta sociedade é a verdadeira escbola, em que o espirito adquire a força, a coragem varonil, e a segurança, que formam um Auctor Classico. *Só um genio felix é que pode progredir sem este auxilio, e só a este é que a leitura dos bons Auctores póde valer por tudo o mais.* — Não nos deu novidade o alemão, que já um seculo antes delle tinha escripto e dado á estampa o grande portuguez Vieira, na approvação da 3.ª parte da *Historia de S. Domingos*, que — *A arte de fallar com propriedade em tudo o que abraça uma historia*; *não se estuda nas academias das sciencias, senão na universidade do mundo.*

Não concordam os nossos criticos em quaes sejam nomeadamente os Auctores e Obras, que devam entrar na lista dos Classicos; nem tão pouco nos limites da epocha, em que aquelles Auctores e Obras se devem procurar. — E' verdade que os ultimos tres quarteis do seculo de quinhentos, e o primeiro do de seiscentos, foi a epocha em que a lingua portugueza ostentou em gráu eminente os dotes da perfeita linguagem. E' verdade que antes daquella epocha era mais rude, e menos polida: e que depois della se deteriorou assim na genuinidade dos vocabulos, como na lisura e graças do estilo. Mas nem por isso se segue que os escriptores quinhentistas, só porque o são, devam ser reputados como oraculos privativos da lingua portugueza. — Pelo que nos toca, estamos persuadidos que, seja lá qual for a epocha, em que um Auctor tenha escripto; seja elle de hontem, ou seja dos seculos passados; será com justiça reputado por Classico, isto é, por *mestre pratico* da lingua, todo aquelle, que souber servir-se dos dotes proprios da perfeição della com as condições apontadas da pureza, da propriedade, e da elegancia. — E assim terminaremos estas observações da mesma sorte que Plinio, o moço, começou uma carta a seu amigo Caninio, recommendan-

do-lhe a leitura de um Auctor moderno — *Sum ex iis, qui mirer antiquos; non tamen, ut quidam, temporum nostrorum ingenia despicio. Neque enim quasi lassa, et effœta natura, ut nihil jam laudabile pariat.* — (*)

Nesta mesma *Reflexão* comette o Auctor duas injustiças, bem pode ser que involuntarias; a primeira por omissão, a pag. 7, quando ao accusar o estilo dos antigos chronistas, não exceptua Fernão Lopes, o pae da nossa historia, que em seu dizer, apesar de muito distante da belleza dos bons quinhentistas, tem certa energia e propriedade, e um toque d'elegancia na sua singeleza, que o caracterisam entre os seus contemporaneos e successores. Quanto ao seu merito como historiador está hoje reconhecido, e já tinha dito ha annos um dos nossos melhores criticos, F. Dias Gomes, que Fernão Lopes foi dos que na moderna Europa melhor souberam escrever a historia. — A segunda remissão a pag. 8 é tambem contra outro nosso historiador, Fr. Antonio Brandão, digno de alto apreço por muita e acertada investigação e por seu bom juiso, e que afóra estes dotes não vai mui longe de Brito em propriedade e pureza. Brito escrevia com elegancia, é verdade, mas teve a fortuna de começar a *Monarchia Lusitana*, e ainda que o que escreveu della seja o menos exacto e importante, tal fama cobrou que era mui vulgar ao fallar-se na *Monarquia* citá-lo immediatamente, qualquer que fosse o tomo e lhe não pertencesse; a *Chronica de Cister* era outra admiração do bello estilo de Brito, e daqui nasceu que com mais ou menos razão o preferiram sempre aos seus continuadores. — A injustiça commettida contra Brandão é neste logar mais flagrante, porque ahi mesmo é citada uma passagem de Severim de Faria que elogia Fr. Bernardo, dando-o por modelo de *linguagem e juiso*: quanto á primeira de certo ninguem lhe desfolhará a cerôa, mas quanto a *juiso e critica* tem hoje o louvor de pelo chantre d'Evora grande rebaixa.

(*). Diz que sendo dos que admiravam os antigos, nem por isso desprezava os bons engenhos do tempo delle, nem reputava a natureza tão cançada e exhaurida que já não podesse produzir cousa capaz e digna de louvor.

Á Reflexão 2.ª — *Sobre o uso de voces antiquadas.*

Quando o Auctor escreveu ainda reinava o demasiado escrupulo dos que entendiam que certos vocabulos não se admittiam em discursos graves, ou em versos sobre serios assumptos. O seiscentismo foi o precursor da decadencia da pura linguagem portugueza: os homens que então metrificavam (e havia uma praga delles, nenhum dos quaes passará á posteridade) limitaram-se ao uso de um certo numero de palavras, que empregavam por conta e medida, apouearam as formosuras do idioma, cercearam-lhe as galas, diminuiram-lhe o cabedal; com que Fr. Luiz de Sousa, Barros, Vieira, e outros que verdadeiramente podêmos chamar Classicos, ostentaram riquezas, que hoje vão desenterrando, e descobrindo novamente polidas, os poucos que se esmeram em fallar portuguez livre tanto de archaismos como de innovações desnecessarias, abundante em termos genuinos e expressões facundas e proprias. Nessa epocha de calamidade para a lingua e tambem para o progresso intellectual, as metaphoras violentas suppriam ideas, e meia duzia de palavras sonoras á copia da dicção. Condemnados estão ao desprezo os escriptores da lingua freiratica, e ninguem se lembrará de sacudir-lhes o pó e traça que os róe. — O escriptor imaginoso, fecundo, conhecedor dos segredos da sua linguagem, dispoem desta a seu bel prazer; tem seus toques originaes; agrada, convence e commove, segundo a materia do seu discurso; e as palavras, que em outra boca pareceriam improprias, sahem da sua com a força ou com a graça conveniente; sempre bem parecem onde elle as poz, e não ha quem se lembre de as reprovar por obsoletas ou por triviaes. Esta é a creação do genio, que adapta os materiaes ao edificio que levanta; e nós não tivemos um engenho creador no desgraçado tempo do seiscentismo. Na edificação de um muro não sabem obreiros imperitos ou negligentes escolher as faces e as quinas das pedras, e ajusta-las sem deixar vãos ou escabrosidades; mas se o mestre chega a erguê-lo por sua mão, ao lanço que elle acabou pode deitar-se o nivel, que a obra é perfeita. Assim acontece ao escriptor eximio; de todos os materiaes lança mão,

mas onde elle os colloca é que outros não os saberiam assentar. — A distincção entre palavras prosaicas e metricas não é exacta.

Pelo que respeita a vozes antiquadas algumas ha que o uso dos modernos escriptores tem acreditado, e a propriedade dellas lhes deu cabimento. O bom juizo do nosso Auctor luta com os preconceitos do seu tempo, que tinham desterrado muitos termos expressivos, de cuja supressão se lastima. Veja-se o que diz de — *queixume*, *esquivar*, *dissidente*, *feitura*, *grey*, *sobrecenho*, e outros vocabulos tão necessarios para variar a frase, e que a moda então reputava antiquados: não duvidamos hoje empregallos, e assim outros muitos, em que actualmente ninguem faz reparo; por exemplo: — *derradeiro*, *delonga*, *doestar*, *atavio*, *embair*, *escudar*, *esmolar*. No tempo do seiscentismo de que ainda em vida do Auctor havia resaibo, proscreveram-se palavras com a estulta distincção de termos prosaicos, ou metricos, e além disso chamaram velhas ou plebeas a palavras, sem mais sentença do que a tyrannia da moda, que por então imperou no discurso escripto ou pronunciado, como hoje (e sempre) dicta leis no vestuario e nos moveis. — Palavra verdadeiramente *velha* temos nós que é a que foi substituida por uma ou mais palavras de maior euphonia, graça, e força d'expressão, e por isso não convem resuscita-la, principalmente sendo tão obsoleta que hoje carece de traducção. Palavra plebea chamaremos aos termos chulos da gentalha, que ninguem atina donde vieram, ninguem sabe como se escrevem, e que, o peior de tudo, lembram cousas torpes e obscenas; o signal caracteristico para as distinguir é notar se as pessoas honestas as proferem ou não.

Addus o Auctor outras palavras nesta reflexão, que não cahiram em tanto desuso, como pode do seu dito suspeitar-se; por exemplo, *companha*, é como os pescadores das nossas costas maritimas designam sempre o todo da gente de seus bateis: *corrego* por levada ou jorro de aguas para regas é usadissimo; na linguagem geognostica póde supprir o *thalweg* dos alemães; abrange a sua significação cortes de terreno para escoantes; e se emprega como termo de mineração. *Emboras*, *fallecer* por faltar, *feros* por *ameaças*, *galardoar*, *lida* e *louçania* são ao presente

vocabulos mui acceitos, em que não ha quem faça reparo; *mescabar* ninguem dirá, porem *menoscabar*, assim como *menosprezar*, está em voga.

Parece-nos que o Auctor se engana quando diz que *hoste* nos Classicos significava *arraial*; cremos que designa tropa no combate, e *arraial* o alojamento do exercito na guerra.

Tambem se equivoca em dar por antiquado *lasso* por *cançado*, e mais ainda em dizer que se usa somente na acepção de cousa *frouxa*, mal apertada, porque então se não escreve como o Auctor aponta, mas sim *laxo*, seguindo a etymologia latina.

Timoneiro, auctorisada por Vieira, é palavra que alguns temeriam hoje por gallicismo, do francez *timonier*: venha um vocabulo só que designe o marinheiro de governo, ou *homem do leme!* Os nossos antigos escriptores estão cheios de vocabulos oriundos provavelmente do provençal que soariam hoje como outros tantos gallicismos. D. João de Castro escreveu no Roteiro do Marroxo (sem precisão, é verdade) dias serenos e *jolizes*.

Á Reflexão 3.ª — *Sobre palavras de auctoridade equivoca*, e á 4.ª — *Sobre as vozes alatinadas.*

Estas duas reflexões são de toda a obra aquellas em que nos vemos necessitados a ir d'encontro á maioria das decisões do Auctor; devem porem conservar-se na integra do texto para utilidade de quem algum dia intentar a historia da nossa linguagem; provam ellas de sobejo as ideas falsas e restrictivas que ainda não ha cem annos corriam a respeito do uso de vocabulos, que seria irrisorio condemnar agora. — Por exemplo reprova a palavra — *attestar*, que é termo necessario, para o que veja-se a differença entre este e *certificar* no 2.º tom. do Ensaio de Synonimos pag. 114 pelo Ex.mo Sr. D. Francisco de S. Luis; — poem em duvida *mencionado e mencionar*, quando em outras partes mostra sentimento, e com razão, de não formarmos de muitos nomes os verbos correspondentes. Neste caso temos *menção* que é de Camões; e ao presente o uso do verbo que é geral. Se é classico — *energia* — porque não admitte o adjectivo *energico*? —

Se adopta *immunidade* por lhe achar seguros exemplos, como não quer *immune*, que vem da mesma fonte latina? —

O que mais nos admira nestes capitulos é a contradicção com que por assim dizer se lançam fóra vocabulos que a seu favor tem auctoridades, que o Auctor produz, e não de inferior nota; ao passo que se acceitam outros com iguaes condições, e ás vezes com menos necessidade: v. g. não é rejeitado *evento* por *successo*, porque o disse Brito e D. Francisco Manuel, nem *desidia* por *preguiça*, por ser de Vieira, nem *proditor (traidor)* que é do mesmo orador, nem *protervo*, porque é de Fr. Luis de Sousa, nem *prono (inclinado ou propenso)* que vem em Barros &c. — e quer-se expellir do uso os seguintes — *empallidecer*, que é de Franco Barreto, citado pelo Auctor, e que nos parece tão classico como *emarellecer*, que é de Arraes, e que o Auctor lhe podia contrapor; se bem que entre os dois verbos se dê a differença que vai da côr amarella á côr pallida ou amarello-esbranquiçado, como observa o illustre Auctor do Ensaio sobre os Synonimos. — *Escolho* não só tem a auctoridade da *Malaca Conq.* tem a da *Eneida port.* e as dos melhores escriptores modernos. Em justificar *prendas* com a auctoridade de Vieira mostra irresolução, deveria porem tomar partido contra os excessivamente escrupulosos, como fez a pró da palavra *emprego*. Se *necedade* é voz castelhana, muitas temos dessa lingua; o que nos admira é que o Auctor não visse o uso que della fizeram Barros e Fr. Bernardo de Brito nas frases, que tras Moraes. — *Lhano* não se emprega só no estilo familiar.

Em vozes que immediatamente derivam do latim ainda maior é o absurdo e contradicção: se não refuta algumas que acima apontamos, nem tão pouco *messe*, *nefario*, *conspecto*, *subitaneo*, *previo*, *inflado*, *intemerato*, *exinanir*, *reciprocar*, *vacar* por *occupar* &c. com que fundamento rejeita termos tão convenientes e necessarios, como *exhumação*, *longinquo*, *longevo*, *prematuro*, *ignobil*, *implume*, *probo*, *profugo*, *pudibundo*, *fragor*, e outros muitos, que por ordem alphabetica procurará o leitor? . . . Porque não os achou em escriptores tidos e havidos por Classicos: — e como enriqueceram estes a lingua senão tomando do la-

tim um sem numero de termos? — Porque só apparecem em poetas: — já dissemos quanto era futil este joeirar de palavras; como se não houvesse prosa grave, sublime, e tambem harmoniosa. E demais, quem haverá tão lido e de tão segura memoria que ouse affirmar — *não vem n'um só Classico esta palavra!* — Por exemplo: diz o Auctor. « *Ignobil* encontra-se em livros cuja auctoridade não faz peso. » Só para o verso lhe concede patente: e aqui a temos auctorisada em prosa no Dicion. de Moraes! *Pauperrimo* tambem só em poesia o tolera; e eis o superlativo na prosa de Amador Arraes, e o adverbio *pauperrimamente* na Chronica de Cister por Fr. Bernardo de Brito! *Invio* não é só de Godinho é tambem de Arraes. — « *Fragor* (diz o Auctor) por estampido do raio é termo de que só nos poetas se acharão bons exemplos e máos na prosa. » Mas Duarte Nunes de Leão o disse de uma cataracta, e Fr. Bernardo de Brito o disse do mar; porque se não diré do trovão? — « *Protervia* e *protervo* (vid. a pag. 56 deste volume) poderá ter exemplos seguros, porem ainda os não achámos. » Esqueceu-se o Auctor que na reflexão antecedente, (vid. pag. 37) auctorisára *protervo* com Fr. Luis de Sousa: alem disso as citações de exemplos seguros destas palavras (como as acima) procurem-se no Diccionario de Moraes, obra facil de consultar, e as que por *A* começarem no volumoto 1.º tomo do Dict. a que a Academia deu principio.

Á Reflexão 5.ª — *Sobre gallicismos* &c.

Manifesta-se em todo este capitulo a critica judiciosa e prudente do Auctor: concorda elle sensatamente na admissão de vozes tomadas de alheias linguas, quando a necessidade as reclama; e tem sobeja rasão, porque o contrario seria pertender que uma lingua viva ficasse estacionaria como o latim e o grego antigo; e que os termos concisos e proprios, introduzidos pelo progresso das Sciencias e das Artes, fossem substituidos por circumlocuções inexactas e muitas vezes ridiculas. O Barão de Bielfeld na sua *Erudition universelle* notejou dos termos latinos, para designar, por exemplo, uma peça de artilharia, uma cabelleira

ra, alguns trastes de uso: maior motivo de riso darão hoje os que pertenderem verter á quinhentista a linguagem scientifica, a industrial, e tambem em muita parte a commercial, do tempo em que vivemos. — Adquire o homem gradualmente no decurso de sua vida ideas, e noticias: e uma lingua que é viva, porque a vai fallando um povo, não hade adquirir vocabulos para exprimir e designar ideas novas, e novos objectos, que as precedentes gerações não conheceram? .... Diariamente o progresso intellectual campea sobre o pedantismo puritano. Querer representar uma idea por certa geringonça de palavras é suffocar essa idea, ou faze-la inintelligivel. — Não se entenda por isto que admittimos os gallicismos, italianismos, e anglicismos desnecessarios; e de proposito fazemos enumeração destas tres fontes, superfluas até certo ponto; porque é hoje moda reparar só em gallicismos, alcunhando ás vezes termos que o não são; não se fazendo cargo a critica de outros igualmente reprehensiveis, como *fashionable*, *horse*, &c. que com pouca differença na terminação temos ouvido em conversações, e que se os toleraremos cedo passarão para a linguagem escripta. O nosso Auctor diz bem que ha dois partidos, ambos excessivos, um que nada permitte, havendo precisão, e outro que tudo abraça, ainda sem necessidade. Quizeramos que elle fosse mais diffuso na materia; porem não nos pêza porque já temos bom auxiliador no *Glossario* (*) pelo Ex.mo Sr. Patriarcha eleito: oxalá que o zelo da lingua patria suscite alguem que tenha cabedal e vontade para ampliar este proficuo trabalho litterario; e já que atormentados nos vemos com traducções do francez, tenham os que de futuro as intentarem piloto que os livre da naufragarem.

Quanto a certas palavras que o nosso Padre Freire apresenta como reprehendidas pelos *cultos* do seu tempo, vemos que não ha para o reparo fundamento. *Bellas Lettras*, e *Bellas Artes* devem dizer todos; e porque recusaremos o epitheto de *bello* ás cousas que o são por sua natureza? Era preciso que a lingua

(*) *Glossario das palavras e phrases da lingua franceza, que por descuido, ignorancia ou necessidade, se tem introduzido na locução portugueza &c.* — Primeiramente impresso na Collecção das Memorias da Academia; depois separadamente n'um vol. em 4.°

fosse privada desse adjectivo: como antes lhes chamavam, *Boas-Artes*, não se exprime bem a idea; com effeito ha cousas boas, que não são formosas. Quem duvidará dizer — *bellezas da eloquencia*, sendo *bellezas* um vocabulo que se applica não só ao composto physico, mas tambem abstractamente no sentido metaphysico? Digam embora que se emprega por analogia, ou no sentido metaphorico &c. mas hade usar-se apesar dos perluxos. Pelo que respeita a *bom gosto* não ha que reprovar, porque *discernimento*, e *juizo* não dão o equivalente significado. — *Charlatão* tem a auctoridade de Fr. Luis de Sousa na Historia da Religião Dominicana part. 2. Liv. 3. cap. 7.; e não faltarão mais a quem as procurar. — *Viajar*, não sabemos como possa dar-se, a não ser por *peregrinar*: o uso adoptou ao mesmo sentido *viagem* com esquecimento total de *peregrinação*. — *Manobra*, como termo militar e naval, já não ha quem o desaposse. — *Interessante* crêmos que não é digno de excommunhão: boa mania é ter-mos os verbos, e recusarem-se os participios, fasendo aquelles defectivos á força, porque n'um livro sebento, ou roido da traça, se não encontrou essa *natural descendencia do verbo!* — Apraz-nos muito e muito a opinião do nosso Auctor, que nem sequer se animou a reprehender *susceptivel* e *responsavel*, quando rejeita outras palavras, de que não temos necessidade: pois assim mesmo *susceptivel* tem bom substituto em *capaz*: v. g. *porto capaz de recolher tantos navios.*

Á Reflexão 7.ª — *Sobre synonimos e differenças de palavras &c.*

A materia com que termina esta primeira parte é de summa importancia para quem deseja escrever com acerto e clareza, e que não é possivel conseguir-se sem escrupulosa propriedade de dicção: o conveniente emprego dos vocabulos faz perceptivel a oração; com palavras de sentido mui lato ou ambiguas ficam as ideas confusas. Por isso o nosso Auctor pôz diligencia em dar a este artigo do seu livro maior extensão, e ainda que imperfeito é mui louvavel o seu *trabalho*, porque os criticos anteriores de tal não curaram. — Em nossos dias alcançou a litteratura patria

um subsidio valioso na obra que seu mui digno Auctor modestamente intitulou — *Ensaios sobre alguns Synonimos da Lingua Portugueza.* Este livro em dois tomos (gozando já o primeiro a honra de terceira edição) é indispensavel aos escriptores aprimorados. Na prefação expendem-se razões tão sizudas e dignas de meditação, tão appropriadas á materia do presente volume, que nos pareceu de necessidade estampar aqui alguns extractos.

— ..... Sendo incontestavel que o progresso da razão humana em qualquer ramo das sciencias depende essencialmente da exacta precisão da linguagem, e que um diccionario bem feito do idioma de qualquer nação é o mais certo demonstrador do grau de perfeição, a que tem chegado nessa nação os conhecimentos uteis; claro está que nem aquella precisão se pode alcançar sem serem bem determinadas as differenças, ás vezes quasi imperceptiveis, que ha entre os vocabulos reputados por synonimos; nem este diccionario se poderá jamais dizer bem feito sem que nelle se notem essas differenças. .....

« Temos na verdade muitos e illustres Classicos, que na idade aurea da nossa litteratura escreveram com pureza e elegancia, e até com sufficiente perpicuidade e nos transmittiram em seus escriptos muitas riquezas da linguagem patria: mas não tivemos então, nem temos tido até o presente, abundancia de sabios que escrevessem na lingua portugueza obras scientificas e didacticas, em que lhes fosse necessario determinar e fixar com toda a precisão philosophica o valor e differenças dos vocabulos synonimos, e em que por esse modo nos deixassem os subsidios necessarios para o bom desempenho do nosso assumpto.

« Em todos os tempos parece que a criação ou restauração da litteratura e bellas-artes tem precedido á das sciencias severas e exactas; e esta lei que se observa na historia litteraria das nações sabias, abrangeu tambem ao nosso Portugal.

« Melhorou-se nos reinados dos senhores D. Manuel e D. João 3.º a nossa lingua; cultivou-se com grande esmero a poesia nacional, a eloquencia, a historia, e outros ramos da litteratura; mas as sciencias, que costumâmos chamar maiores, ficaram no mesmo estado, em que então se achavam geralmente

em toda a Europa; e os progressos, que logo depois começaram a fazer em algumas nações cultas, não poderam superar os redobrados obstaculos, que em Portugal se poseram á sua introducção.

« Assim a lingua ganhou muito na abundancia de vocabulos, na regularidade das formas, na harmonia dos sons, e na flexibilidade a todos os estylos; mas mui pouco ou nada adquiria na exacção e precisão philosophica; porque nem a verdadeira arte do pensar era ainda cultivada, ou pelo menos conhecida; nem a sua intima e necessaria ligação com a arte de fallar e escrever era demonstrada, como depois o foi pelos esforços e immortaes trabalhos de Locke e Condillac.

« Os nossos Classicos pois, não conhecendo as incomparaveis vantagens da analyse no estudo das faculdades intellectuaes e de quaesquer outros humanos conhecimentos, nem julgando de absoluta necessidade para a belleza de seus escriptos essa apurada precisão dos vocabulos, em que consiste o principal instrumento da mesma analyse, empregaram as mais das vezes promiscuamente as palavras, que no uso vulgar se tinham por synonymas, e quasi nos não deixaram soccorro algum para bem determinar-mos as suas differenças . . . . »

Já na 4.ª edicção do Diccionario coordenado por Moraes se aproveitou boa parte do trabalho do illustre Auctor do Ensaio, sem que comtudo possa dispensar-se de consultar este tratado o estudante curioso e applicado.

Quanto ao nosso Padre Freire poucas observações faremos.— Parece-nos porem que sendo a maioria de suas distincções acertadas, peccou ou equivocou-se nas seguintes.

Reprovando a opinião do Padre Bento Pereira, auctor da *Prosodia*, cabe n'outra censura, porque *tem para si que animal e bruto é a mesma cousa*. E' sabida a distincção entre o homem e os animaes irracionaes. — Pode ser que o Auctor tivesse em mente as palavras *animália* ou *alimária* e por um lapso de penna as não escrevesse, pondo em vez dellas o vocabulo *animal*.

Batalhão e esquadrão designam hoje o inverso do que pertende o Auctor, e ficaram as suas antigas significações (trocadas

agora quanto ás respectivas armas) sepultadas nas paginas do *Portug. Restaurado.*

De *bens moveis* está corrente a definição, mas não tanto a de *bens moventes* pelos que em estilo forense se dizem *sempventes* (que se movem por si) como gados &c. para distincção dos primeiros; e dos predios rusticos ou urbanos, a que chamâmos *bens de raiz*. *Movente* é um participio do seu verbo, significa *agente que poem em movimento*. Admira-nos que o Auctor admittisse este termo, que tem por auctoridade a *Eschola das Verdades*, que n'outras partes acremente censura; e comtudo esta obra, tradacção do italiano, é reputada classica até pelos Auctores do Diccionario da nossa Academia.

Brandir a lança é menea-la, sopeza-la para acertar o golpe, e não para arremeça-la: só o dardo e outras armas curtas eram as que se despediam com a mão atirando-as contra os adversarios.

Dedicação e sagração não são tão equivalentes vocabulos, como se lê no texto: porque toda a igreja é dedicada ou benzida, isto é preparada com as ceremonias canonicas para a celebração dos officios divinos; mas nem por isso toda a igreja é *sagrada*. *A sagração* é uma nova, mais solemne, e por assim dizer *mais energica dedicação*, e em prova e memoria della se collocam certas cruses de pedra nas paredes e columnas do templo.

Destacamento: dá o Auctor esta palavra nova, mas na accepção em que no seu tempo se usava. Como então, é termo puramente militar; mas agora designa uma fracção, de ordinario pequena, de um corpo arregimentado, que se separa para guarnecer algum ponto determinado, por tempo limitado, e para serviço d'antemão sabido.

Douto: *erudito*: não admittimos esta distincção do Auctor. — *Erudito* chama-se áquelle homem, que se avantaja aos outros no conhecimento dos factos, alcançado por via de uma grande leitura: *douto*, ou melhor *sabio*, ao que se distingue no conhecimento d'algum daquelles systemas dos conhecimentos humanos, que se possa chamar sciencia. — A erudição comprehende tres *principaes ramos*; que são, o conhecimento da histo-

cia, e das lingoas, e a dos livros. E' verdade que os progressos destes ultimos tempos suppõem até um certo ponto o conhecimento das materias, que nos livros se tratam, e o dos Auctores delles, e que tanto faria o homem além de erudito, tambem douto se mostra: mas a erudição consiste principalmente no conhecimento do que os homens instruidos teem julgado destas obras, da especie de utilidade, que se pode tirar da sua leitura, das medidas, que respeitam aos Auctores e aos livros, das differentes edições destes e sua escolha &c.

Neste sentido é que os Auctores da Encyclopedia, no artigo *Erudição* se queixam de que no seu seculo tenha sido tão desprezada a *erudição*, quando a cultura desta era mui conveniente, mesmo para o adiantamento das sciencias, que com tanto ardor eram então estudadas. As queixas da Encyclopedia seriam applicaveis ás circumstancias da França; mas cá entre nós foi o seculo passado, seculo de *erudição*. Bastará nomear entre outros muitos ao Padre João Baptista de Castro, D. Antonio Caetano de Sousa, Diogo Barbosa Machado, Antonio Pereira de Figueiredo, D. Fr. Manoel do Cenáculo &c.

E' porém certo que levará sempre a palma a todos os homens instruidos aquelle, que a uma extensa e bem dirigida *erudição* souber juntar um profundo conhecimento das sciencias.

Embryão, em zoologia, chama-se ao germen do novo animal logo que começam a ser visiveis as formas do corpo e dos membros: em botanica dá-se tambem o mesmo nome ao rudimento da nova planta, quando começa a desenvolver-se da semente.

Encyclopedia não tem a etymologia, que lhe dá o Auctor: attendendo-se bem á composição grega desta palavra achar-se-ha que significa *instrucção em circulo*, servindo para denotar o *circulo* de todas as sciencias e artes: veja-se Quintiliano *de Instit. Orat. Lib.* 1. *cap.* 10. *in princ.* Por isso não incorreu em pleonasmo o auctor italiano, que pelo nosso é censurado.

Ephemeras não são só certas flores, mas tambem umas borboletas que apenas vivem um dia.

Escutar differe de *ouvir*: este é receber meramente as

impressões dos sons; aquelle *applicar o ouvido*, *ouvir com attenção*.

Estrada: são acertadas as distincções que vem sob este titulo; porem não é exacto que *ladeira* e *calçada* seja a mesma cousa postoque em Lisboa chamem exclusivamente *calçadas* ás ruas ingremes. Toda a rua ou estrada, coberta de pedra unida e batida, é *calçada*.

Faisca: não vemos que os auctores a tenham distinguido de *scintilla*, que tambem se usa traduzida, como em hespanhol, *centelha*; estas tres voses significam a mesma cousa.

Fallecer; não está antiquado na accepção de fazer falta acabando: v. g. *falleceu* o dinheiro para as compras.

Furtar e *roubar*: a distincção que faz o Auctor é de Duarte Nunes de Leão que no *Orig. da Ling. Port.* diz: *a acção do ladrão publico chamam roubo; a do ladrão secreto, furto*. Mas é certo que *roubo* designa o *furto* feito com violencia e força.

Gado: o Auctor não especificou os particulares termos com que se designam as diversas qualidades de animaes domesticos, quando se reunem muitas cabeças, ou no pasto, ou no curral, ou no monte; pertenças de um só proprietario ou de muitos, mas encarregadas á vigia de um homem: dizemos propriamente *rebanho* de ovelhas, *fato* de cabras, *vara* de porcos; e ninguem usa dos vocabulos alatinados, *armento* e *grey*. Comtudo ha nisto variações; porque manada, que do latim *mannus* se devia escrever *mannada*, é termo especial para um bando de eguas de criação; mas os campinos das lesiras chamam tambem manada aos touros bravos que guardam, e é muito frequente ouvir dizer manada de porcos. *Rebanho* parece no uso vulgar um termo generico, porque até dizem, rebanho de perús, de galinhas &c. pelo que acharão que no trato familiar e quotidiano se não applica só ás ovelhas. Já se vê o quanto andam confundidos estes termos, porem o escriptor correcto os empregará constantemente na accepção mais propria e que uma vez tiver adoptado.

Granito na nomenclatura geognostica significa uma rocha primitiva, composta de grãosinhos de feldspatho, quartzo e mica.

Jerarchia, tambem hoje se usa, apesar da etymologia, para

designar as differentes graduações na ordem politica e civil, assim da nobreza hereditaria como dos cargos da republica.

Incontinencia: não podemos conformar-mos com a distincção que vem neste logar. A *continencia* é virtude opposta ao apetite libidinoso, segundo lêmos em exemplos de Classicos antigos, e posteriormente no *Ens. sobre Synon.*, pag. 40 e 41. «O celibato christão demanda *continencia* perpetua. A viuvez, que não passa á segundas nupcias deve ser *continente*.» Segue-se que *incontinencia* é propriamente o vicio contrario daquella virtude, postoque tambem o seja á temperança em geral.

Indigencia é necessidade de alguma cousa: esta definição, no ponto que se trata, é um tanto vaga; porque *indigencia* diz mais que pobreza. — Os outros vocabulos estão bem definidos. — Aqui apparece outra vez a mal fundada distincção entre palavras metricas e prosaicas, reprovando-se o uso de *indigencia* e *inopia* nos discursos em prosa: note-se que por essa forma só o verso ficava com a regalia de exprimir com exacção mais duas ideas, visto que o Auctor mostra não serem os dois vocabulos rigorosamente synonymos de *pobreza*, como o não são de *penuria*.

Irmão: neste paragrapho naturalisa o Auctor a palavra *cadete* para indicar os filhos segundos; porem não vemos que fosse adoptada, salvo para significar os mancebos nobres com praça de simples soldado, a que chamam agora *aspirantes*, e que a lei habilita para officiaes: assim mesmo não exprimia distincção entre o primogenito e os outros filhos.

Istrião: deve escrever-se *histrião* para concordar com a etymologia latina.

Lagôa: não é exacto dizer que chamamos *lagôa* ao ajuntamento d'aguas que sécca no verão: a lagôa de Obidos, algumas dos pincaros da Serra d'Estrella nunca ficam enxutas.

Melodia é o thema ou canto principal de uma peça de musica. *Harmonia* é uma serie de diversos sons accordes, que se tiram com a voz ou com os instrumentos para sustentar e fortalecer o canto principal. A melodia sustentada por uma harmonia debil não faz effeito, salvo se está festissimamente caracterisada. A harmonia sem melodia é sempre musica má.

Patibulo: não estamos pela differença aqui apontada pelo Auctor, e recorrendo á etymologia e ao uso de nossos bons Auctores entendemos que *patibulo* é o logar proprio para os condemnados soffrerem o supplicio, mórmente o de pena ultima: *cadafalso* não é propriamente o logar de supplicio, mas sim uma armação de madeira, ou um tablado levantado do chão, destinado para nelle se praticar qualquer acto publico, ás vezes de festa e regosijo, como a coroação de um rei &c. Como porem muitas vezes se executa a pena capital nos réos em semelhantes cadafalsos, ou palanques; dahi veio tomar-se *cadafalso* na accepção de *patibulo*. Mas pelo que dizemos se vê que nem sempre o *cadafalso* é *patibulo*, nem o *patibulo cadafalso*.

Pratear: não podemos ir contra o termo technico de um officio. *Pratear* é cobrir com folha de prata; val o mesmo a voz latinada *argentar* ou *argentear*.

Praia, margem: para se ver que não é exacta a applicação destas palavras no sentido do A., consulte-se *Synonymos*, tom. 1. pag. 193; artigo reproduzido na 4.ª edic. do Dicc. de Moraes, verb. Margem.

Preambulo: define-o bem o A.: mas quanto a *lôa* accrescentaremos que é propriamente *discurso em louvor*; e d'ahi veio chamarem os nossos antigos *lôa* no drama aquelle primeiro discurso ou introducção, em que de ordinario havia louvores: ainda são bem conhecidas as *lôas dos cirios*, que vão ás romarias, como de N. S.ª do Cabo, da Nasareth &c.

Principios: não é força que os da geometria se chamem sempre *elementos*; qualquer destes termos exprime as verdades fundamentaes de qualquer sciencia ou arte. Tambem não é exacto que *crepusculo* denote só o principio do dia; para este é mais proprio *alva* ou *alvor*, e *aurora*: *crepusculo* tanto é principio como fim do dia, pois ha o matutino e o vespertino.

Resto: semblante. — *Resto* tem uma significação mais ampla do que a palavra *cara*, e parece exprimir em geral a parte dianteira da cabeça, que é juntamente a mais saliente, ou a que mais apparece, ou primeiro se adverte, tanto no homem como em outros *objectos*; *assim dizemos* o resto do homem, o resto

do cabo, o rosto da ilha &c. — *Semblante* é a *cara* ou *rosto* do homem, quando nelle apparece o estado da alma, a expressão dos affectos e paixões: ex. — « E no *sembrante do rostro* representava tristeza e vida descontente.» *Franc. de Moraes. Palmeirim, p. 1. cap. 18.*

Sobrenome: desta vez temos o atrevimento de ir contra a auctoridade de Vieira. Outra é nosso entender a differença entre *sobrenome* e *appellido*. E para que possamos bem determina-la convem recordar que quatro são as especies de nomes na gente portugueza. 1.º *Nome* do baptismo, ou *nome* propriamente dito; 2.º *sobrenome*; 3.º *appellido*; 4.º *alcunha*.

O *nome* do baptismo (assim chamado por ser posto ao individuo no acto de receber aquelle sacramento), como *Antonio*, *João*, *Maria*, &c. corresponde ao prenome dos romanos, *Lucius*, *Publius*, *Caius*, &c.

O *sobrenome* é um segundo nome, que ás vezes se accrescenta ao primeiro, como *João Antonio*, *Francisco Joaquim*, *Maria Rosa*, &c. Não tem correspondente latino. Alguns *sobrenomes* são tomados de santos, ou de outros objectos de devoção, assim como *Antonio de S. Raimundo*, *João de Christo*, *Maria da Conceição* &c. Nas ordens religiosas era uso, e em algumas obrigação, trocar os sobrenomes do seculo por estes de devoção. Ha porem muitos individuos, que não usam de sobrenome, e assim vemos nomeados *Antonio Vieira*, *D. Luiz da Cunha*, &c. Pelo contrario ha outros, que usam de dous sobrenomes, posto que mais raras vezes se encontrem. Somente os nossos principes tomam no baptismo uma longa serie de sobrenomes; mas isto é pura ceremonia, porque passado aquelle acto, nunca mais lhes servem para cousa alguma; e nas suas assignaturas é etiqueta assentarem somente o nome proprio.

O *appellido* é um nome commum a toda a familia, e passa por herança de pais a filhos; como *Pereira*, *Menezes*, *Castro* &c. Corresponde ao *nomen*, e em certo modo tambem ao *cognomen* dos romanos, ex. *Cornelius*, *Tullius*. É raro achar entre nós alguem sem *appellido*, e se apparece, é sempre tido por pessoa de pouca conta. Pelo contrario os nobres de toda Hespanha fazem

galla de um grande numero de *appellidos*, para recordarem as familias illustres, de que descendem.

Alcunha é um nome particular a um só individuo, derivado d'alguma circumstancia pessoal, frequentemente de algum vicio ou defeito, e é applicado por allusão injuriosa. São mui communs entre a plebe. Correspondem ao *agnomen* dos romanos.— As *alcunhas* transformam-se muitas vezes em appellidos, quando são adoptadas pelas pessoas, a quem foram applicadas, e passam assim em herança a toda a familia. Muitos appellidos, hoje de distincta nobreza, foram talvez na sua origem injuriosas alcunhas.

Ha entre nós, e nos demais povos de Hespanha, uma especie particular de *sobrenomes*, que são os *patronimicos*, — *Alvares*, *Martins*, *Sanches*, *Gonçalves*, &c. — que significam *filho de Alvaro*, *filho de Martim* ou *Martinho*, *filho de Sancho*, *filho de Gonçallo*, &c. Antigamente eram sempre exactamente applicados nesta significação. Assim o nosso 1.º Rei D. Affonso chamou-se *Henriques*, por ser filho do conde *D. Henrique*. D. Nuno *Alvares* Pereira, chamou-se *Alvares* por ser filho de D. *Alvaro* Gonçalves Pereira; e este era *Gonçalves* por ser filho de D. *Gonçallo* Pereira &c. Ha muito tempo porem que se não observa este rigor, e os *patronimicos* teem passado a ser *appellidos* de familia. — Os nossos latinistas quando vertem em latim estes *sobrenomes patronimicos*, usando de uma elegante syntaxe, poem-nos em genitivo: assim disem de *João Pires*, ou *Peres*, — *Joannes Petri*, — isto é *(filius Petri)*; de *Pedro Annes*, ou *Eannes* — *Petrus Joannis*, — isto é *(filius Joannis)* &c. E aqui se advirta na singular derivação deste *patronimico* — *Annes* ou *Eannes*, que nos vem reflectido em segunda mão do latim, e é uma leve corrupção de *Joannis (filius)*. Em notavel erro pois caem os nossos paleographos, que ignorando a syntaxe destes genitivos *patronimicos* latinos os não sabem verter em portuguez, e se n'um documento encontram, por exemplo, *Joannes Petri* disem *João Pedro* em vez de *João Pires* ou *Peres*; sem reflectirem que naquellas antigas eras não havia estes modernos sobrenomes, mas todos eram *patronimicos*. — Até no nosso mais insigne archeolo-

go, e mestre de diplomatica, João Pedro Ribeiro, que bem sabia tudo isto, achamos destes descuidos. Na sua 3.ª Dissertação Chronologica e Critica do 1.º tomo, — *Joannes Petri de Monteagracio* — verte — *João Pedro de Monteagracio* — em vez de — *João Pires de Monteagraço* — e n'outro logar passa sem mudança para portuguez — *D. Aldara Petri.* —

Seria curioso seguir atravez das differentes phases da civilisação portugueza a successiva mudança assim dos nomes proprios como do accrescentamento dos appellidos. Seria curioso ver como foram caindo em desuso os *Lopos*, e os *Sueiros*, as *Elviras* e as *Urracas* até chegar aos *Augustos* e *Guilhermes*, as *Adelaides* e *Hermelindas*. Tambem o seria ver como á antiga singeleza, com que se nomeavam os maiores homens; — *D. Egas Moniz Coelho, D. Fuas Roupinho, Mem Rodrigues de Vasconcellos* &c. — succedeu a longa serie de appellidos: — D. Francisco de Lemos Faria Pereira Coutinho &c.: — Mas nem é para este logar, nem cabe nos limites d'uma nota, tão longa digresão.

Concluiremos observando que ha em portuguez uns *prenomes* especiaes, differentes dos prenomes latinos; e taes são os dous *Dom* e *Frei*. São tão inseparaveis dos nomes das pessoas, a quem competem, que se alguma vez por ignorancia ou descuido se ommitem, muitas duvidas se movem sobre a identidade das pessoas; e em negocios ponderosos podem dar logar a graves consequencias. — O nosso Manoel de Faria e Sousa na sua *Asia Portugueza*, tom. 3. part. 4. cap. 6. nos deixou disto um memoravel exemplo. E foi o caso que pela morte do Bispo de Cochim, D. Fr. Luiz de Brito, governador da India, no fim de » julho de 1629: «abriendo-se luego la sucession segunda, se » fue a descubrir la poca atencion de algunos ministros que lle» gan a ignorar asta los nombres de las mayores personas de su » tiempo con quien tratan, y a quien consultan en los mayores » cargos. Esto es que alli se hallavan nombrados dos, D. Loren» go de Cuña capitan de la ciudad de Goa, para gobernar lo po» litico, y Nuño Alvarez Pereyra lo militar. Nombre de que en » la India se hallavan, o bien dos personas, o bien ninguna. Por» que para ser Don Nuño Alvares Pereyra, Cavallero bien co-

» nocido y ausente de Goa, faltava el *Don:* y para ser Nuño
» Alvarez Botello, aparecia en vez deste apellido essotro. — Gran
» lastima que en una Secretaria de Estado se cometiesse un des-
» cuido de que pudiera resultar un gran desayre en la India, si
» D. Nuño Alvarez Pereyra no estuviera ausente, porque no
» aviendo de ceder en la pretension al cargo alguno destos dos
» belicosos Cavalleros, por ventura se arriesgara la quietud pu-
» blica, como ya cõ gran peligro entre Pedro Mascareñas, y Lo-
» pe Vaz de Sampayo..... Puso-se en duda qual de los dos
» era nombrado: uno perdia el derecho por la falta del *Don*,
» y otro por el trueque del *apellido*. Haziase mas impossible al
» error en la Secretaria faltar aquel, que trocarse este; a lo
» menos en Portugal adonde el *Don* es *Titulo* de algunas fami-
» lias que no sufre olvido: el trueque era sufrible, porque Nu-
» no Alvarez Botello avia usado del Pereyra largo tiempo, en
» gracia de la memoria de su abuelo Nuño Alvarez Pereira, cuya
» hija D. Isabel Pereyra era madre del Botello, y hermana de
» Pedro Alvarez Pereyra, del Consejo de Estado &c..... Des-
» pues trocó Nuño Alvarez el Pereyra en Botello, quando suc-
» cedió en el mayorazgo de su padre Diego Botello, que avia si-
» do Governador y Capitan General de los Estados del Brasil.
» Mas cómo las cosas que una vez toman assiento jamás le pier-
» den del todo, muchos le llamavan de Pereyra, aunque el se
» uviesse dexado de llamar assi, conque de algun modo es des-
» culpable el yerro de la secretaria, que no lo fuera en la falta
» del *Don*, que como diximos es *Titulo* inseparable de la fami-
» lia de aquel Cavallero.

INDICE.

Prefação da presente edição . . . . . v.
Introducção ao escriptor principiante 1
Reflexão 1.ª — *Sobre a auctoridade dos Auctores Classicos da Lingua Portugueza* 5
Reflexão 2.ª — *Sobre o uso de algumas vozes antiquadas* 22
Reflexão 3.ª — *Sobre algumas palavras, das quaes frequentemente se usa, e os criticos não admittem, por não acharem dellas exemplos seguros. Mostra-se em algumas o erro destes criticos* 32
Reflexão 4.ª — *Sobre alguns nomes latinos introduzidos na Lingua Portugueza por Escriptores de inferior classe, aos quaes não se deve seguir* 44
Reflexão 5.ª — *Sobre alguns Vocabulos Francezes, e Italianos, novamente introduzidos na Lingua Portugueza* 60
Reflexão 6.ª — *Sobre a Syntaxe figurada, e Idiotismos da Lingua Portugueza* 65
Reflexão 7.ª — *Em que recommendando-se o fallar com toda a propriedade se offerece um Catalogo de termos proprios, cujo legitimo uso frequentemente se perverte.* 70
Notas 157

ERRATA.

				Erros.	*Emendas.*
Pag.	23	lin.	1	Agrura por impureza	por aspereza
»	25	»	12	Embestegar	Embetesgar
»	36	»	18	Classieo	Classico
»	50	»	9	*Ineolume*	*Incolume*
»	68	»	9	*diverte*	*diverte*
»	124	»	16	Alarco	Alarte
»	128	»	15	indagencia	indigencia
»	132	»	18	presa	prosa
»	143	»pen.		Reliquía	Reliquia
»	146	»	20	com auctoridade,	com auctoridade. *(O periodo que se segue é a citação de Vieira.)*
»	148	«	8	cezar	czar
»	152	»	18	*ducemviro*	*duumviro*
»	170	»	14	*peregrinação*	*peregrinação ou jornada.*

COLLECÇÃO DE INÉDITOS

PUBLICADOS

PELA

Sociedade Propagadora

dos

Conhecimentos Uteis.

2.º

REFLEXÕES

SOBRE

A

LINGUA PORTUGUEZA,

ESCRIPTAS

POR

FRANCISCO JOSÉ FREIRE,

PUBLICADAS COM ALGUMAS ANNOTAÇÕES

PELA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

PARTE SEGUNDA.

Trata do que pertence á pronunciação.

LISBOA.

Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.
Rua Nova do Carmo N.º 39 — D.

1842.

REFLEXÕES

SOBRE

A

LINGUA PORTUGUEZA.

REFLEXÃO 1.ª

Sobre a verdadeira pronunciação de alguns nomes, que corre viciada pelo povo.

Não ha cousa tão frequente como ouvirem-se infinitas palavras com a pronunciação que não lhes é devida; e o peior é que o erro não é só do vulgo, mas tambem daquelles que, ou por sua educação, ou por seus estudos, deveriam não cahir nelle. A favor destes escrevemos esta Segunda Parte, na qual faremos varias reflexões sobre os erros que correm na pronunciação de diversos *nomes* e *verbos* na lingua portugueza, e daremos fim com um copioso vocabulario de palavras, que se pronunciam erradas, dando-se-lhes diversa terminação da que lhes compete, ou alterando as syllabas de que se compõem, umas vezes por diminuição, outras por excesso.

Um dos erros mais communs que ha na pronunciação é nos accentos das palavras, usando-se do agudo quando só tem logar o circumflexo, e do circumflexo quando

só se deve usar do agudo. Por exemplo; a cada passo se ouve dizer *pôços* em vez de *póços*; *suppôstos* em vez de *suppóstos*; *sequiôsos* por *sequiósos*, *hôrtos* em vez de *hórtos*; *rôgos* em logar de *rógos* &c.

Pelo contrario dão accento agudo onde só compete o circumflexo, e dizem *fórros* em logar de *fôrros*; *sórvos* em vez de *sôrvos*; *chóros* por *chôros*; *trócos* por *trôcos*; *pótros* por *pôtros* &c. Ignoram igualmente que temos muitos nomes que assim no singular como no plural conservam o accento agudo, como v. g. *nósso*, *vósso*, *lógo*, *módo*, *cópo* &c., e assim cada um falla, segundo a defeituosa pronunciação da terra em que nasceu.

Não é do meu fim fazer aqui um catalogo exacto de todas as palavras que erradamente se pronunciam nas provincias, e ainda em diversos bairros de Lisboa, porque são bem sabidas, e até os mesmos que as dizem, se vivem por tempos na côrte, sabem que erram, mas para se não emendarem póde nelles mais o vicioso e inveterado costume que contrahiram com a educação.

Porem nos nomes que terminam em *ão* é que os erros são mais communs, quando se vem obrigados a dar-lhes plural. Por exemplo, dizem no singular, *cidadão*, *villão*, *cortezão* &c., e não sabem se no plural devem dizer *cidadães*, *cidadões*, ou *cidadãos*: *villães*, *villões* ou *villãos*: *cortezães*, *cortezões*, ou *cortezãos*. Como são muitas as palavras com estas terminações, em que os ignorantes se confundem, preciso se faz dar-lhes uma regra certa, para não errarem na pronunciação.

Quando se não souber como se hão de terminar no plural aquelles nomes que entre nós acabam no singular em *ão*, o remedio é recorrer á lingua castelhana, porque se o nome que nós terminamos em *ão*, ella acaba em *an*, havemos no plural dizer *anes*. Dizem por exemplo

os castelhanos *pan*, , *capitan*, *aleman*, *guardian*, *sacristan*, *catalan* &c.; devemos nós pronunciar *pães*, *capitães*, *alemães*, *guardiães*, *sacristães*, *catalães* &c. E esta regra entre nós não tem exceição, toda a vez que a palavra que terminamos no singular em *ão*, os castelhanos a terminarem em *an*, e no plural em *anes*.

Porem se os nomes que nós acabamos em *ão*, na lingua castelhana acabarem em *ano*, então devemos terminar no plural em *ãos*. Dizem v. g. os castelhanos *aldeano*, *villano*, *ciudadano*, *hermano*, *pagano*, *cirujano*, *hortelano*, *anciano*, *cortesano* &c., devemos nós no plural dizer *aldeãos*, *villãos*, *cidadãos*, *irmãos*, *pagãos*, *cirurgiãos*, *hortelãos*, *anciãos*, *cortezãos* &c. Desta regra se exceptuam *escrivão*, *tabellião*, porque não obstante terminarem no portuguez em *ão*, e no castelhano em *ano*, devemos por costume dizer no plural *escrivães*, *tabelliães*.

Finalmente, se na lingua hespanhola acabarem em *on* aquelles nomes, que na portugueza terminam em *ão*, devemos terminar no plural em *ões*. Dizem os castelhanos *sermon*, *coraçon*, *opinion*, *afflicçon* &c.; devemos nós dizer no plural *sermões*, *corações*, *opiniões*, *afflicções* &c., e esta mesma terminação devemos dar aos nomes que são meramente portuguezes, e acabão em *ão*, e no castelhano não terminam em *ano*.

REFLEXÃO 2.ª

Sobre alguns nomes que só tem singular ou plural, segundo os exemplos dos melhores Classicos.

Aquelles que tem lição dos Auctores, que entre nós são textos da Lingua, sabem que elles nunca, ou rarissimas vezes deram singular a alguns nomes, aos quaes o pretendem dar alguns ignorantes modernos. De alguns fez catalogo o primeiro mestre da Lingua, João de Barros, na sua Grammatica Portugueza, como são *andas*, *calças*, *alforjes*, *grelhas*, *farellos*, *semeas*, *papas*, *migas*, *cominhos*, *hervilhas*, *tremóços*, *lentilhas*, *grãos*, *favas* &c.

Observamos tambem neste insigne auctor, que nunca deu singular a *bofes*, *pareas*, *tenazes* e *tesouras*. Em outros Classicos achamos igualmente que rarissima vez deram singular a *delicias*, *caricias*, *divicias*, *visos*, *zelos* [por ciume] *melhoras* &c. Mas se destas palavras se encontrar algum raro exemplo de singular, creio que nenhum se achará de *primicias*, *sevicias* [em estilo forense] *exequias* &c.

Assim como ha nomes aos quaes os Classicos não deram singular, assim tambem ha outros a que não deram plural. E' doutrina commum, que não tem plural os quatro *elementos*, tomados na sua rigorosa significação, nem os nomes de todos os *ventos*, quando se falla de cada um, e menos os das cousas que tem medida e pezo, v. g., *liquidos*, *metaes*, *especiarias* &c. A palavra *vergonha* tambem em uma unica significação tem plural.

Temos igualmente observado nos mais antigos Clas-

sicos, que rarissimas vezes deram plural a *talento* na significação de habilidade e engenho, e não de certa quantia de dinheiro romano; comtudo dos modernos Vieira nos dá alguns exemplos no tom. 3. pag. 339, no 6. pag. 160, e no 7. pag. 504, e são os que bastam para defender de barbarismo a quem o usar. *Sorte* é que não tem plural, tomando-a por boa ou má fortuna; e João de Barros até quer que *gloria*, *fama* e *memoria* não tenham plural em rigor de boa linguagem, porem creio que fallava de *gloria* por bemaventurança eterna, e *memoria* por potencia da alma; porque em outras significações elle mesmo nas suas obras muitas vezes dá plural a estes dous nomes.

REFLEXÃO 3.ª

Sobre nomes que tem genero commum de dous ou duvidoso, ou que, tendo-o certo, não se lhes dá o verdadeiro.

Uma das grandes difficuldades que tem os pouco instruidos na lingua portugueza é atinar com o genero, que tem alguns nomes; por isso umas vezes lho dão masculino, outras feminino. Porem o mais é que até os que estudam em fallar bem, se acham muitas vezes neste ponto perplexos, porque graves auctores dão a um mesmo nome já o genero masculino, já o feminino.

Commummente se faz masculino o nome *personagem*, e os que assim o fazem tem a seu favor, entre outros auctores de credito, a Francisco Rodrigues Lobo em

diversos logares das suas obras. Porem o Padre Vieira no 1. tom. das suas Cartas, pag. 122, lho dá feminino, dizendo: « *Que me abstenha de escrever áquella personagem, a quem escrevi* &c. », no tom. 2. dos Sermões, pag. 217, no 5. pag. 226 e 489: no 7. pag. 222: no 10. pag. 486 e 494 sempre lhe dá o genero feminino.

Uns, com a auctoridade do mesmo Padre Vieira, dizem o *ametisto* e *safiro*; outros seguindo a pronunciação reinante, dizem a *ametista* e a *safira*. *Enthimema*, que quasi todos fazem do genero masculino, fez Manuel Thomaz feminino, dizendo no liv. 7. est. 147 da sua Insulana: « *com gloria singular de alta enthimema*. O mesmo auctor na sobredita Estancia fez tambem feminino a *epifonema*; mas Vieira lhe deu o genero masculino no tom. 9. pag. 71, onde diz: « *Aqui entra em seu logar o celebre epifonema* » &c.

Não ha tambem hoje cousa tão vulgar como fazer masculino o nome *epigrafe*, e Varella, auctor bastantemente culto, o faz feminino, dizendo no seu Num. Vocal. pag. 393: « *Simbolos que dão corpo á epigraphe*. Este nome *commum* sempre entre os melhores Classicos se applicou a ambos os dous generos, e diziam homem *commum*, agua *commum*; hoje porem será pronunciação atrevida não dizer agua *commua*. A palavra *piramide*, que hoje é feminina, fez masculina Lobo na Primavera pag. 189, e outros Auctores. A palavra *sujeito* é igualmente commum de dous, como se acha a cada passo na Historia de Fr. Luiz de Souza. Tambem antigamente, como consta de Duarte Nunes de Leão, pag. 38, *arvore* era do genero masculino, *feitor*, *peccador* e *inventor* commum de dous. Por isso João de Barros, na sua Grammatica, pag. 3. disse: « *Nicostrata, madre de Evandro, foi inventor de 17 letras do Abecedario*. Porem na pag.

3. verso, ainda os termos são mais claros, dizendo: « *Todo o nome que convem a homem e a mulher será commum a dous, como inventor, taful.* Presentemente sem controversia deve-se dizer *inventora.*

O nome *grude* commummente o fazemos masculino; porem Bluteau quer que seja feminino; e segundo o mesmo auctor se deve tambem dizer o *sege* e não a *sege*, o *tribu* e não a *tribu*, a *pilastra* e não o *pilastre*, a *alcorça* e não o *alcorce*, o *escandalo* e não a *escandula*: uns *anecdotos* e não umas *anecdotas*, *asca* [por aversão] e não *asco*. O nome *catastrofe* presentemente fazem alguns feminino, porem são muitos os logares em que Vieira o fez masculino. No mesmo auctor achamos *sincope* masculino, sendo termo da medicina, e feminino sendo figura da Syntaxe. Vide tom. 3. pag. 250, e Brito na Chronica de Cister sempre diz a *scisma* e não o *scisma.*

Já que fallamos em figuras, muitas tem a rhetorica, as quaes uns fazem do genero masculino, outros do feminino, especialmente *hiperbole*, *apostrofe*, *sinedoche*, *perifrase*, *hipotiposc*, *enfase* &c. Em Vieira acha-se quasi sempre o *hiperbole*, o *apostrofe*, e o *enfase*: ás outras figuras dá o genero feminino.

Tambem os nomes *fantasma*, *buraco*, *espia*, *guarda*, *guia*, *vigia*, *lingua*, *infante* &c. fazem muitos communs de dous, dizendo uns os *espias*, outros as *espias*; os *guardas* e as *guardas*; o *guia* e a *guia*; o *lingua* e a *lingua*; o *vigia* e a *vigia*; o *infante* e a *infante*; o *fantasma* e a *fantasma*; o *buraco* e a *buraca*. Temos observado em Vieira, especialmente nas suas Cartas, que quasi sempre faz a estes nomes do genero masculino, dizendo o *espia* do exercito, o *lingua* da terra, o *guia* do certão &c. *Guardas* é que elle faz mais vezes do genero feminino que do masculino; *vigia* e *cabeça* commum de

dous, chamando a Adão umas vezes o *cabeça*, outras a *cabeça* do genero humano. Tambem se acha *regueiro* e *regueira* em livros que tratam da cultura dos campos; *espinho* e *espinha*; *ramo* e *rama* &c. *Syrtes* por bancos de areia fez do genero masculino Chagas no tom. 2. das Obras Espirituaes, pag. 407, e feminino Gabriel Pereira na Ulissea, cant. 1. est. 24. Tambem *torrente* fazem todos hoje do genero feminino, mas Vieira no tom. 9. pag. 16 o faz masculino, e não menos Galhegos no Templo da Memoria L. 2. est. 96.

Por fim os medicos tomaram a liberdade de darem a alguns nomes de enfermidades já o genero masculino, já o feminino; e assim dizem o *sincope* e a *sincope*; o *pleuriz* e a *pleuriz*; o *aneurisma* e a *aneurisma*; o *apostema* e a *apostema* &c. Com a nova introducção de alguns modos de fallar proprios da lingua franceza e não da portugueza, tem muitos alterado os generos de varios nomes, não lhes dando aquelle que elles sempre tiveram, como v. g. dizendo a *moral* e não o *moral* &c.; porem os bons cultores da Lingua não só não seguem, mas abominam estas e outras semelhantes introducções, apoiadas pela moda, que em tudo predomina.

REFLEXÃO 4.ª

Sobre a terminação de alguns superlativos.

Não é pouca a difficuldade que acham os cultos na formação de alguns superlativos, especialmente no de *humilde*, *fragil*, *facil*, e de outros nomes que acabam em *il*. Pretendem alguns criticos que possamos dizer com

o exemplo de Vieira no tom. 5. pag. 184, col. 2. *humilissimo* á maneira dos italianos, ou segundo os hespanhoes, que dizem *humildissimo*. Outros querem que só se deva dizer *humillimo*, imitando aos latinos, e para esta formação trazem o exemplo de Camões, que disse: «*Tornou em baixa e humillima miseria*» &c. A verdade é que Bluteau só traz *humillimo* e não *humilissimo*, e allega unicamente o exemplo de Camões; porem se é segura a regra que elle nos dá no seu Vocabulario na palavra *superlativo*, podendo nós dizer *facillimo* e *facilissimo*: «pela fresta da abobada, pela qual entrou *facilissimamente*,» Chron. de Cister pag. 780; *fragillimo* e *fragilissimo*; porque não poderemos tambem dizer *humillimo* e *humilissimo?* O que é certo é que não valem as auctoridades dos bons latinos, para podermos dizer [como alguns dizem] Muito Reverendissimo Excellentissimo &c.

Maximo é superlativo de grande; *optimo* de bom; *pessimo* de mau; *pauperrimo* de pobre; *celeberrimo* de celebre; *asperrimo* de aspero; *integerrimo* de inteiro; *miserrimo* de misero; porem são muitos os exemplos classicos que a grande dão o superlativo de *grandissimo*; a bom o de *bonissimo*; e a máu o de *malissimo*. Tambem se diz *pobrissimo*, *celebradissimo*, *asperissimo*, *inteirissimo*, como provam bons exemplos. Advertimos por ultimo que ha muitos nomes, aos quaes os nossos melhores auctores nunca deram superlativo, como v. g. *leal*, *enfermo*, *ferido*, e outros, em que facilmente advertirá quem ler por livros de pura linguagem.

Aqui convem advertir aos que cuidam pouco em fallar com pureza que erram quando dizem: «*N... é o mais bom ou o mais mau homem do mundo*,» em vez de dizerem o *melhor ou o peior homem* &c. Do mesmo modo é erro dizer-se: «*Este é o mais grande edificio que tem*

que os criticos tem por erro de pleonasmo dizer-se: *mas porem* e *mas comtudo*. O certo é que nós ainda não lhes achámos exemplos seguros. O mesmo dizemos de *nunca jámais*, que a cada passo se encontra em diversos livros de inferior nota.

Pelo que respeita ás interjeições, querem alguns criticos modernos que a de *Oh* sirva para exprimir dor, e sentimento, e a de *O'* para admiração, applauso, escarneo, detestação e chamamento. Para assim dizerem não sei em que seguros exemplos se fundam. O que acho nos Classicos é servir a interjeição *O* sem *h* tanto para sentir, como para admirar, escarnecer, chamar &c. *Ah* é interjeição não só de sentimento, mas de pedir soccorro, como v. g. *Ah que d'El-Rei*, *Ah que do povo* &c. *Ahi*, não é, como muitos imaginam, interjeição dolorosa, confundindo-a com *Ai*, mas admirativa, que serve para quando nos admirâmos de alguma cousa repentina. *Hui* é interjeição de queixa, ou admiração e zombaria, segundo Barros na sua Grammatica. *Oy* dá-se já por antiquado. Repare bem nestas significações o escriptor principiante, porque é mui frequente confundir umas com outras áquelles que não sabem fallar. Lêa pelos Classicos, observe-os, e imite-os na applicação destas interjeições.

REFLEXÃO 6.ª

Sobre a diversa terminação de alguns nomes diminutivos.

E' cousa mui vulgar errarem na formação dos diminutivos aquelles, que nenhum estudo tem da lingua portugueza. Entendem, que em terminando o nome em *inho*, e *inha*, tem formado o diminutivo; porem enganam-se como mostrará o que vamos a dizer, fundados nas auctoridades dos melhores mestres da lingua.

Ha um grande numero de nomes, que acabando em *o*, perdem a dita lettra para formarem diminutivos, e entra em lugar della um *inho* ou *inha*. Segundo esta regra, de arco se forma *arquinho*, de beiço *beicinho*, de bicho *bichinho*, de bocado *bocadinho*, de bico *biquinho*, de velho *velhinho*, &c.

Esta é a genuina terminação, que sempre deram os bons Auctores aos diminutivos de nomes, que no singular acabam em *o*. Algumas excepções [mas poucas] tem esta regra; por que se acha nos Classicos formado de abano o diminutivo *abanico*, e não *abaninho*; de bolo *bolinholo*, sabem que igualmente se diz *bolinho*; de brocado *brocadilho*, de fosso *fossete*, de rio *riacho*, de tolo *tolete*, de velhaco *velhaquete*, posto que tambem se diga com exemplos menos seguros *tolinho*, e *velhaquinho*.

Os nomes femininos, que no singular terminam em *a*, fazem tambem pelo commum o diminutivo em *inha*, como *caminha*, se bem que Francisco Rodrigues Lobo na sua Côrte na aldea disse *camilha*; *mocinha* [posto que a maior parte dos cultos dissessem *moçazinha*] *jornadinha*, *arquinha*, *rosadinha*, *picadinha*, *barbinha*, *moradinha*,

feridinha, *chaguinha*, e outros muitos nomes que não apontamos por não fazermos de cousas triviaes prolixos catalogos. Bastam estes exemplos para mostrar que aquelles nomes, que acabam em *a*, formam por via de regra o diminutivo em *inha*, exceptuando alguns, que por costume terminam em *zinha*, como *camarazinha*, *codeazinha* e outros, que intimará o uso e lição de bons Auctores.

Os nomes porem, que acabam ou em letra consoante, ou no dithongo em *ão*, formam o diminutivo em *zinho*, ou *zinha* sem perderem letra alguma das que tinham antes de passarem para diminutivos. E assim de homem diz-se *homemzinho*; de pastor *pastorzinho* [e não *pastorinho*, como alguns dizem] de flor *florzinha*, de imagem *imagemzinha*, de mulher *mulherzinha*, e quando se diz *mulherinha*, então não significa menina já crescida, mas mulher de pouco porte.

Pelo que respeita ao dithongo em *ão*, de bordão formamos *bordãozinho*, de cão *cãozinho*, de coração *coraçãozinho*, de ladrão *ladrãozinho*, de consolação *consolaçãozinha*, de lição *liçãozinha*, &c. Exceptua-se grão, que faz *granito*, verão, que faz *veranico*, e outros que ensinará o uso, e a observação nas obras dos bons mestres.

Por ultimo concluiremos, que os nomes que acabam em *e*, formam tambem o diminutivo em *zinho* ou *zinha*, como v. g. de monte *montezinho*, de fonte *fontezinha*, de pobre *pobrezinho*, de parte *partezinha*, de ponte *pontezinha*, ou *ponticula* no uso da architectura militar, segundo achamos no Methodo Lusit. pag. 173. Tambem acabam commummente em *zinho* os substantivos, que terminam em *al*; e assim dizemos *cristalzinho*, *coralzinho*, *cabedalzinho*, *officialzinho*, *memorialzinho*, &c. Ex-

ceptuam-se alguns, que os bons Auctores mais terminaram em *ejo*, do que em *zinho*, como v. g.: *quintalejo*, *animalejo*, *logarejo*, *realejo*, e outros que omittimos, remettendo ao leitor ignorante para o uso dos cultos, e para a lição dos Classicos.

REFLEXÃO. 7.ª

Sobre alguns participios, cuja pronunciação corre viciada.

Em nenhuma cousa talvez erram mais os que fallam, e escrevem sem correção, do que na pronunciação de muitos *participios*. Os Auctores Classicos sim os ensinam a acertar; mas elles, como de toda a erva fazem feixe confundem os escriptores de auctoridade com os de inferior classe; para elles tanto são uns como outros. Daqui vem usarem sem discernimento em um mesmo nome, já de uma pronunciação, já de outra, sem lhes importar qual dellas seja a genuina. Porem destas palavras daremos no fim desta 2.ª Parte um copioso catalogo; e por ora trataremos só de alguns participios, cuja verdadeira pronunciação commummente se erra.

A cada passo contra o uso dos nossos Auctores mais Classicos encontramos em livros, e ouvimos em conversações *absolvido* por absolto; *afflicto* por affligido; *apprehenso* por apprehendido; *prtenso* por pretendido; *erecto* por erigido; *completado* por completo; *involvido* por involto; *oppresso* por opprimido; *redemido* em vez de remido; *resolvido* em lugar de resoluto; *submerso* por sub-

mergido; *sorprendido* por sorpreso; *suscitado* em vez de resuscitado; *volto* por voltado; *asperso* por aspergido; *illudido* por illuso; *encendido* por acceso; *inextinguido*, e *extinguido* por inextincto, e extincto. Dizem tambem *rompido* em lugar de roto; *morrido* em vez de morto; *absorbido* por absorto; *abstracto* por abstraido; *elegido* por eleito; *exhaurido* por exhausto; *enchido* por cheio, e outros muitos, que agora nos não lembram. Quem quizer ver os exemplos que provam a legitimidade destas pronunciações, busque-as no Vocabulario, que daremos no fim desta 2.ª Parte, ou no de Bluteau em seus proprios lugares. Advertimos, que posto que em Vieira se ache alguma vez *afflicto* por *affligido*, não basta um ou outro exemplo, sendo infinitos os em que diz *affligido*, como genuina pronunciação dos Classicos anteriores.

REFLEXÃO. 8.ª

Sobre a pronunciação breve, ou longa de algumas palavras, e nomes proprios.

Deseulpo aquelles, que faltos de bons principios ignoram quando hão de fazer breve, ou longa a syllaba penultima de algumas palavras e nomes proprios; porque não ha um unico livro em portuguez, que os instrua. Não são poucos os que tratam da orthografia, mas nenhum ha, que trate da pronunciação longa, ou breve de muitas palavras. Por isso nesta parte se ouvem commummente infinitos erros, com especialidade naquellas pessoas, que ignoram a lingua latina. Em serviço destas faremos aqui

menção de algumas vozes, cuja pronunciação corre errada, fazendo-se umas vezes breves, e outras longas contra a sua derivação e origem.

Comecemos pelas breves: a *Alcidamo*, nome proprio de um antigo lutador, fiseram longo alguns dos nossos poetas, sendo breve segundo os gregos e latinos. Os mesmos dão tambem erradamente a penultima longa a *Climene*, *Democrates*, *Herodoto*, *Jolo*, *Patroclo*, *Praxiteles*, *Telemaco*, *Timagenes*, *Xenocrates*, *Epheso*, *Numida*, *Proselyto*, *Lachesis*, &c. Quem quizer observar estes erros, tome o trabalho de lêr a *Insulana* de Manuel Thomaz, e a outros poetas da mesma classe.

Com a mesma viciosa liberdade, com que estes fazem longa a penultima syllaba dos sobreditos nomes, fazem tambem breve a de outros, que constantemente a tem longa. Taes são *Abdolomino*, *Archia*, *Arrio*, *Andronico*, *Heraclito*, *Heraclio*, *Iphigenia*, *Copernico*, *Gargano*, *Cleobulo*, *Cardona*, *Nocera*, *Thessalonica*, *Seleucia*, *Samaria*, *Nicomedia*, *Periferia*, *Monomaquia*, *Helena* [posto que seja breve entre os gregos e latinos], *concláve*, *rubríca*, e outros muitos, aos quaes erradamente se dá a penultima breve.

Outros nomes ha, cuja syllaba penultima é entre nós commum, isto é, que se póde fazer breve ou longa, porque tem a seu favor exemplo nos nossos bons poetas. Taes são *académia* ou *academía*; *Agátocles* ou *Agatócles*; *Démocles* ou *Demócles*; *E'dipo* ou *Edípo*; *Péricles* ou *Perícles*; *Sóphocles* ou *Sophócles*; *Cleópatra* ou *Cleopátra*; *polícia* ou *policía* [se bem que os mais cultos sempre a fazem breve] *eucharístia* ou *eucharistía*; *océano* ou *oceano* ainda que são raros os exemplos de *a* breve]; *ímpia* ou *impía*, se bem que só no verso se admitte a penultima longa; *ímpares* [numeros] ou *impáres*; porem do *a*

longo não são muito classicos os exemplos. Quem quizer instrucção mais copiosa de outros muitos nomes, cuja pronunciação breve ou longa for para elle duvidosa, observe os nossos poetas de boa nota, porque só estes, por conta dos consoantes ou dos accentos do verso, é que podem tirar toda a dúvida. Para as palavras que nelles se não encontrarem, recorre-se ás linguas donde as ditas vozes trouxerem a sua origem.

Com o exemplo do Padre Pomey, que no seu diccionario fez um catalogo de nomes proprios, que commummente se tomam no baptismo, não parecerá inutil fazermos nós o mesmo, mas só daquelles nomes, cuja pronunciação anda mui viciada entre o vulgo, e talvez que tambem entre aquelles que se presam de o não ser.

A'gada: os nossos antigos diziam *Agueda*; mas hoje prevalece a pronunciação tirada do latim *Agathà*.

Antonio: os antigos diziam tambem *Antão*; mas hoje é pouco usado, e só se conserva em algumas familias illustres. Em linguagem poetica diz-se *Tionio*.

Apollinar: outros sem exemplo moderno pronunciam *Apollinario*, e um destes é o Padre Bluteau em muitos logares.

Apollonia: o vulgo diz *pollonia*, mas é syncope de que os cultos não usam. Os poetas trocam Apollonia em *Delia*.

Agostinho: dizer hoje *Augustinho* é erro, posto que se ache em alguns antigos Sermonarios.

Balthasar e não *Balthesar*, como hoje diz commummente o povo; e posto que se ache em alguns Classicos esta pronunciação, tem-se já por viciosa.

Barbara e não *Barbora*, como erradamente diz o vulgo, e até se acha em alguns livros antigos.

Bartholomeu é que se deve pronunciar; dizer *Bertolameu* ou *Bartolameu* é erro.

Bautista e não *Baptista* tem a seu favor exemplos da primeira auctoridade, especialmente de Vieira.

Belchior é a pronunciação corrente: *Melchior* é antiquada, sendo aliás a dos nossos escriptores antigos de melhor nota.

Brigida e não *Brizida*, como diziam os antigos, e hoje pronuncia ainda não só o vulgo, mas os que presumem de fallar bem.

Brites: no seculo 16.º tambem se pronunciava *Beatriz*. Hoje seria pronunciação antiquada.

Catharina e não *Catherina*, seguindo aos latinos. Na linguagem poetica é *Corina*.

Cecilia e não *Cezilia*, como costuma pronunciar a plebe, a qual diz tambem *Cizilia*.

Cunegundes, nome entre nós desconhecido, mas usado em Alemanha. Em alguns livros se acha sem fundamento *Cunegunda*.

Costança e não *Constança*, se bem que esta segunda pronunciação tem a seu favor votos de pessoas cultas.

Diniz é entre nós o mesmo que *Dyonisio*. O povo diz commummente *Diniz*, e tem gente polida que o segue, fallando e escrevendo. Em Vieira no tom. 2. pag. 3. acha-se *Dionisio* por Diniz, fallando do rei de Portugal que teve este nome.

Duarte e não *Eduardo*, posto que seja esta a pronunciação em outras linguas. Se quem tiver este nome for portuguez, devemos dizer *Duarte*, se for estrangeiro, *Eduardo*, seguindo a regra que observou o Padre Vieira.

Engracia: o povo diz *Gracia*, e por figura de syntaxe achamos a mesma pronunciação em D. Francisco Ma-

nuel nas suas poesias; mas sendo no estilo jocoso é permittida.

Eufrozina com a penultima longa, postoque no latim seja breve, porque prevaleceu entre nós a dita pronunciação, assim como em *Dorothea*, que tambem na lingua latina tem o *e* breve.

Eulalia é que se deve pronunciar, e não *Eulaia* ou *Olaia*, como dizem os que não sabem.

Federico devemos dizer, e não *Frederico*, imitando a pronunciação das linguas estrangeiras.

Genovefa e não *Genoveva* ou *Genueva*, como dizem ordinariamente os que não sabem fallar.

Gertrudes é a pronunciação genuina: o povo umas vezes diz *Getrudes*, outras *Geltrudes*.

Guilherme é a nossa pronunciação verdadeira de *Guilhelmo*; porem se fallarmos de alguma pessoa estrangeira com este nome, diremos [imitando a Vieira] Guilhelmo e não Guilherme.

Guiomar, antigo nome portuguez, e hoje ainda usado na classe da nobreza: dizer *Guimar* é pronunciação errada.

Iria, particular nome portuguez, e não *Eiria*. Na linguagem dos poetas é *Irene*.

Jorge e não *Jorze*, como diz o vulgo. Talvez pronunciavam melhor os nossos antigos, dizendo *George*.

Leonor, e não *Leanor* ou *Lionor*. Vieira fallando de pessoa estrangeira com este nome diz sempre *Leonora* e *Eleonora*. Veja-se o 1. tom. das suas Cartas.

Magdalena e não *Madanella*, como de ordinario pronuncia a plebe ignorante.

Manço e não *Mancio*, como se dizia em outras idades, assim como *Mecia* e não *Mexia*. Nome derivado de *Manço*.

Natalia é a legitima pronunciação: dizer *Nataria* á maneira do povo é erro.

Onofre e não *Inofre*, como vulgarmente dizem aquelles que presumem de cultos.

Peregrino e não *Perigrino*, *Pelegrino* ou *Pelingrino*, como pronuncia a plebe.

Petronilla e não *Petronilha*, como achamos em alguns livros de auctores que não são de infima classe.

Policarpo e não *Polieárpio*, como diz o vulgo, e se acha em alguns escriptos impressos.

Quiteria é a pronunciação verdadeira; e já Duarte Nunes de Leão dá por erro dizer-se *Guiteria*.

Rosalía com o i longo querem os criticos modernos que se pronuncie, e não com a penultima breve.

Sebastião; já se não póde dizer, imitando aos antigos, *Bastião*, senão em estilo jocoso.

Theodora e não *Theadora*, que se acha em uma obra de Fr. Simão de Santa Catharina, para aproveitar o equivoco de *te adora*.

Theotonio e *Theodosio*: não ha pronunciação errada tão frequente como dizer-se *Theatonio* e *Theadosio*.

Timotheo é como se deve pronunciar; mas são raros os que não dizem *Timothio*.

Truillo é nome raro, mas poucas vezes se pronuncia bem, porque uns dizem *Troillo*, outros *Turillo*. A pronunciação dos cultos é *Turilo*, porque vem de S. Turilo Martyr, ou de S. Turibio Bispo de Astorga. Os que lhe acrescentam o r, seguem a antiga pronunciação.

Vicente e não *Vincente*, como pronunciaram muitos do seculo passado, imitando ainda aos auctores do decimo sexto. Bluteau é um destes, posto que, quando escreveu o seu Vocabulario, já constantemente se pronunciava *Vicente*.

REFLEXÃO 9.ª

Sobre os erros que se commettem na conjugação de alguns verbos.

Não foi leve o damno que fizeram á Lingua Portugueza os seus antigos vocabulistas em não deixarem aos vindouros conjugados os tempos e modos de alguns verbos, já regulares, já anomalos. Contentaram-se com apontar delles só o *infinito*, e nisto deixaram largo campo para erros e disputas.

A fim de evitar estes erros o escriptor principiante, apontaremos nesta Reflexão a genuina pronunciação dos tempos e modos de muitos verbos regulares e irregulares, para que não succeda erra-los, ou nas composições litterarias, ou nas conversações polidas.

O verbo *acariciar* conjuga-se: eu *acaricío*, *acaricías*, *acaricía* &c., e não *acarecéio*, *acarecêas*, *acarecêa*, como dizem os que não sabem.

Açular e não *Assolar*, porque se conjuga: eu *açulo*, *açulas*, *açula*, e não *assollo*, *assolas*, *assola* &c.

Admittir é verbo regular, e não anomalo, como o fazem os ignorantes, dizendo: eu *admitto*, *admettes*, *admette*, devendo dizer: *admitto*, *admittes*, *admitte* &c.

Advertir é anomalo, porque nas pessoas de alguns tempos troca a syllaba *ver* em *vir*, como: eu *advirto*, *advertes*, *adverte*, *advertimos*, *advertis*, *advertem* &c.

Agencear. E' erro dizer: *agencío*, *agencías*, *agencía* &c.; deve-se conjugar *agenceio*, *agenceias*, *agenceia* &c.

Allumiar. Erram os muitos que dizem: *allumeio*, *allumêas*, *allumêa* &c., devendo dizer com Vieira e todos os classicos: *allumio*, *allumias*, *allumia* &c., e se bem que neste Classico muitas vezes se acha *allumêa* &c.

deve-se ter por erro, ou do copista ou do corrector da impressão, como mostra em alguns tomos a fé das erratas.

Arrear. Quer Madureira na sua Ortographia que se conjugue *arrío*, *arrías*, *arría* &c. Mas o uso constante, como pronuncia *arrear* e não *arriar*, tambem conjuga, *arreio*, *arrêas*, *arrêa* &c.

Carpir é verbo irregular e defectivo, porque começa a sua conjugação pelo plural do presente do indicativo: *carpimos*, *carpís*, e falta-lhe a terceira pessoa, e substitue-se dizendo *estão carpindo*. Quem quizer fazer regular a este verbo e aos outros defectivos, ajunte-lhe o verbo auxiliar *estar*.

Competir é verbo irregular, porque se conjuga: eu *compito*, tu *competes*, elle *compete* &c., e não *compito*, *compites*, *compite* &c.

Construir quando significa o mesmo que verter de uma lingua para outra, é verbo irregular, e conjuga-se: *construo*, *constróes*, *constroe* &c. Quando val o mesmo que *edificar* é verbo regular, e conjuga-se: *construo*, *construes*, *construe* &c.

Convir, quando significa ser conveniente, é impessoal, e conjuga-se: *convem-me a mim*, *convem-te a ti*, *convem-lhe a elle* &c., e assim vai seguindo os outros tempos. Quando val o mesmo que fazer convenção, é pessoal, e conjuga-se *convenho*, *convens*, *convem* &c.

Copiar. Erram muitos que dizem *copeio*, *copeias*, *copeia*, devendo conjugar á maneira dos bons auctores *copío*, *copías*, *copía* &c.

Degirir e não *digerir* [como quer Madureira na sua Ortographia] é o que acho em alguns auctores, conjugando *degiro*, *degeres*, *degere* &c. Segundo a pronunciação do sobredito ortographo deveria dizer-se *digero*, observando a conjugação regular.

Despedir: grande controversia ha sobre se se hade dizer *eu me despido* ou *eu me despesso*. Esta pronunciação é do uso reinante, mas a primeira é não menos que de Vieira em mais de um logar das suas obras. Na 5.ª pag. do tom. 1., escrevendo ao principe D. Theodosio, lhe diz: «Eia, meu principe, *despida-se* vossa alteza dos livros» &c. No tom. 2. pag. 343, disse tambem: «Com esta ultima advertencia vos *despido*, ou me *despido* de vós» &c. Seguiu este Classico a Duarte Nunes de Leão na sua Orthographia, o qual fazendo um catalogo de varias pronunciações que se deviam emendar, diz na pag. 70 *despido-me*, e não *despesso-me*. Os rigoristas estão ainda pelos exemplos de Vieira e de outros bons.

Despir, verbo anomalo. *Dispo*, *despes*, *despe* &c. *Despe tu, dispa elle, dispamos nós, despi vós, dispam elles* &c.

Destruir para Vieira era verbo regular, assim como *consumir*, dizendo: *destrues*, *destrue*, *destruem*, *consumes*, *consume*, *consumem*; e não *destroes*, *destroe*, *destroem*, *consomes*, *consome*, *consomem* &c. Veja-se o tom. 10 pag. 22. col. 3. Seguiu nesta pronunciação aos Classicos antigos.

Doêr, verbo neutro, cuja conjugação é: *dóe-me a mim*, *dóe-te a ti*, *dóe-lhe a elle*; ou *a mim me dóe*, *a ti te dóe* &c.; e não *Eu me dôo*, *tu te dóes*, *elle se dóe* &c. porque é entre os bons auctores verbo neutro nesta significação. Em outras é que deixa de o ser, e póde-se conjugar: *eu me dôo* &c.

Dormir, verbo irregular, que se conjuga: *eu durmo*, *tu dormes*, *elle dorme* &c. Segue a mesma conjugação de *fugir*, *engolir*, e outros.

Enxerir e não *inxerir* [como pertende Madureira] é verbo irregular, que se conjuga: *enxiro*, *enxeres*, *enxere* &c.; e não *enxires*, *enxire*, como diz o vulgo.

Ferir: verbo anomalo: *eu firo*, *tu feres*, *elle fere* ; a plebe costuma-o fazer regular, dizendo *fires*, e &c.

Fregir conjuga-se como *ferir*: *eu frijo*, *tu freges*, *frege* &c.; o vulgo pronuncia *friges*, *frige* &c.

Historiar não é verbo anomalo, como muitos imaam, mas regular, e conjuga-se: *historío*, *historías*, *oría*, e não *historeio*, *historêas*, *historêa* &c. Segue nesma conjugação de *gloriar*, *copiar*, *allumiar* &c.

Impedir. Nos nossos melhores auctores acho-o conado: *eu impido*, *tu impides*, *elle impide* &c. Duarte nes na Origem da Lingua Portugueza, pag. 124, diz: dherencia é a que entre nós *impide* fazer-se justiça » : Fundados neste exemplo e em outros de diversos Clas-s, especialmente de Vieira, é que ainda alguns não erem fazer irregular este verbo, dizendo: *impido*, *imles*, *impede* &c., como hoje diz a maior parte dos monos.

Medir, verbo anomalo nas primeiras pessoas do sinlar de todos os modos, porque não se diz á maneira plebe: *eu medo* ou *mido*, mas *eu meço*, *tu medes*, *elmede* &c. No imperativo *mede tu*, *meça elle*, *meçamos* , *medi vós*, *meçam elles* &c.

Negocear e não *negociar*, porque a sua conjugação dadeira é: *eu negoceio*, *tu negocêas*, *elle negocêa* &c., ão *eu negocío*, *tu negocías*, *elle negocía* &c.

Palliar. A seguir o uso hade-se conjugar: *palleio*, *lías*, *pallía* &c.; mas visto escrever-se *palliar* e não *lear*, devia em rigor pronunciar-se *pallío*, *pallías*, *pal-* &c., como alguns escrupulosos da pureza da Lingua stantemente pronunciam.

Penitenciar. Achamos em alguns livros de boa clas-conjugado: *penitencío*, *penitencías*; *penitencía* &c.; po-

rem o uso fez prevalecer *penitencio*, *penitencéas*, *penitencêa* &c.

Perder, verbo irregular: *eu perco*, *tu perdes*, *elle perde* &c.; a plebe diz *perdo*, *perda elle*, *perdam elles*, *que perda eu*, *que perdas tu*, *que perda elle* &c.

Polir. Acho em bons auctores defectivo a este verbo no singular do presente, porque não dizem: *eu pulo*, *tu pules*, *elle pule* &c., mas *eu estou polindo*, *tu estás polindo*, *elle está polindo* &c. No imperfeito e perfeito já todos o conjugam sem o socorro do verbo auxiliar, e dizem: *eu polia*, *eu poli* &c.

Premiar. Em rigor de grammatica deveria dizer-se *premío*, *premías*, *premío* &c., visto pronunciar-se *premiar* e não *premear*; porem o uso quer que se diga: *eu premeio*, *tu premêas*, *elle premêa* &c., e já Vieira alguma vez o disse, se bem que são muitas mais aquellas em que disse *premío*, *premías* &c.

Prover, verbo irregular, que se conjuga: *eu provejo*, *tu provês*, *elle provê* &c. Imperativo: *provê tu*, *proveja elle* &c.

Repetir conjuga-se do mesmo modo que *compito* e *advirto*; e assim diz-se: *eu repito*, *tu repetes*, *elle repete* &c.

Requerer por *pretender* faz na terceira pessoa do indicativo *elle requere*, segundo a pratica constante dos Classicos do seculo 16.º e ainda do 17.º Tomado porem como verbo composto do verbo *querer*, e na significação de querer com repetição e empenho, dizem alguns modernos que se deve então pronunciar *elle requer*. Não sabemos em que bons exemplos se fundem, mas o certo é que o uso presente está a favor destes criticos.

Sentenciar. Seguindo o rigor da grammatica deveriamos conjugar *sentencío*, *sentencías*, *sentencía* &c., e não *sentenceio*, *sentencêas*, *sentencêa* &c., porque é pro-

nunciação mais segura *sentenciar* do que *sentencear*; porem o uso, arbitro supremo nestas materias, fez prevalecer a conjugação de *sentenceio* &c.

Sommar conjuga-se: *sommo*, *sommas*, *somma* &c., e não *summo*, *summas*, *summa*, como pretende Bluteau, visto escrever *summar* e não *sommar*.

Sortir: neste verbo ha uma especial irregularidade que é causa de alguns erros, pronunciando-se em diversas pessoas e linguagens umas vezes *sor*, e outras *sur*. A regra dos ortographos para o acerto é, que quando depois do *t* se seguir *i* se diga *sor*, v. g., *sortimos*, *sortis*, *sortia*, *sortias* &c.; e quando depois do *t* se seguir *a* ou *e*, se pronuncie *sur*; por exemplo, *surta elle*, *surte*, *surtem* &c.

Sumir como o verbo irregular *fugir*, *dormir*, *engolir*, e diz-se: *eu me sumo*, *tu te somes*, *elle se some* &c.

Titubiar e não *titubear*; porque a sua verdadeira conjugação é: *titubío*, *titubías*, *titubía*, e não *titubeio*, *titubêas*, *titubêa* &c.

Valer conjuga-se: *eu valho*, *tu vales*, *elle val*, e não *vale*, como sempre diz Madureira e infinitos outros, que nenhum caso fazem da auctoridade dos nossos Classicos, que concordemente nunca disseram *vale* senão como nome. Veja-se a Vieira em infinitos logares, e por isso não produziremos algum exemplo.

Por ultimo advertimos que em alguns verbos auxiliares se commettem na sua conjugação diversos erros. Dizem os ignorantes *samos* em lugar de *somos*. *Sejais vós* no imperativo em vez de *sede vós*: *heide*, *hasde*, *hade*, *handem*, em logar de *hei*, *has*, *ha*, e *hão*; porque o *de* nunca pertence ao verbo *haver*, mas ao outro que lhe vai adiante, v. g., *hei* de amar, *hão* de fugir &c. Tambem no preterito do verbo *ser* dizem *tu fostes*, devendo

dizer *tu foste*, porque terminando em *s* é só para o plural *vós fostes*. No conjunctivo em logar de pronunciarem *como vós fordes*, dizem *como vós foreis*. Sirva esta advertencia de regra geral para todo o verbo de qualquer natureza que seja, não se confundindo nos preteritos a segunda pessoa do singular com a do plural, nem nos conjunctivos, terminando o seu futuro na segunda pessoa do plural, em *areis*, *ereis*, *ireis*, e *oreis*, devendo-se terminar em *ardes*, *erdes*, *irdes*, e *ardes*, v. g., *amardes* e não *amareis*; *fizerdes* e não *fizereis*; *ouvirdes* e não *ouvireis*; *fordes* e não *foreis* &c.

REFLEXÃO 10.ª

Em que, tratando-se de algumas figuras da dicção, se responde a algumas objecções que se porão á doutrina da Reflexão antecedente.

Contra algumas cousas que deixamos estabelecidas na Reflexão passada, pertencentes ao modo mais correcto de conjugar alguns verbos, se opporão aquelles que na sua pronunciação querem errar, defendendo-se com as liberdades de algumas figuras da dicção. Hão de dizer que por virtude da syncope se póde conjugar: *como vós louvares* ou *louvardes*; *como vós escreveres* ou *escreverdes*; *como vós reflectires* ou *reflectirdes*; e *como vós fores* ou *fordes* &c. A isto respondo, que assim é, que ha esta figura, mas que a não vejo praticada por aquelles que são os textos mais seguros da nossa linguagem, e que se em Vieira se acham alguns exemplos, são poucos a respeito

do numero infinito de vezes em que não usa desta chamada liberdade, de que os Classicos anteriores nunca se valeram.

Sim se valeram della nos tempos de outros verbos, e diziam [especialmente Barros com todos os bons da sua idade] *vós heis de estudar* ou *vós haveis de estudar* &c. Os que se lhe seguiram, como o Padre Vieira e os da sua escola, já raras vezes diziam *heis*, e o commum era pronunciar *haveis*. Até o reinado d'El-Rei D. João 2.º era cousa mui frequente conjugar no futuro o verbo *dizer*, quando se lhe ajuntava algum pronome, por modo diversissimo do que agora se pratica já com o exemplo do insigne João de Barros.. Não pronunciavam aquelles antigos *dir-me-ha*, *dir-te-ha*, *dir-nos-hão*; mas *dizer-me-ha*, *dizer-te-ha*, *dizer-me-hão*. Nesta parte é que não só é louvavel, mas precisa a sincope, para seguirmos aos bons mestres, e não no tirar o *d* nas segundas pessoas do plural do futuro do conjunctivo em qualquer verbo.

Tambem antes de João de Barros se dizia: *elle faze*, *elle dize*, *elle luze*, *quere* &c., como se póde ver em escripturas antigas, e em alguns versos do Cancioneiro de Garcia de Rezende. Mas ha seculos que pela figura apocope se conjuga *elle faz*, *diz*, *liz*, *produz*, *quer* &c.

Outras figuras da dicção ha, que introduziram os nossos Classicos, e que nós ainda hoje conservamos, porque servem de dar variedade, graça e elegancia á Lingua. Por virtude da *subtracção* e *commutação* dizemos, á maneira dos bons mestres, v. g., *estou divertindo-me na minha quinta* ou *em a minha quinta*: *estou no paço* ou *em o paço*: *sirvo nas tropas* ou *em as tropas* &c. De qualquer destes modos são frequentes os exemplos seguros, se bem que hoje [não sei o porque] não vejo tão usada a preposição *em* junta aos articulos *o*, *os*, *a*, *as*, como os articulos *no*, *nos*, *na*, *nas*.

Por licença da figura *commutação* dizemos tambem, imitando aos antigos Classicos: *pelo mar* ou *por mar*; *pela terra* ou *por terra*: porem dizer *por o mar*, ou *por a terra* é erro crasso d'aquelles que hoje até se estranham na plebe. Por esta figura é que tambem se introduziram os verbos irregulares, dos quaes já fizemos menção.

Pela figura *subtracção* se conjugam os verbos em alguns tempos com particular graça e elegancia, subtrahindo-lhes algumas letras, e acrescentando-lhes outras. E assim dizemos: *tu louvalo* e *tu o louvas*: *tu louvastelo* e *tu o louvaste*: *nós louvamolo* e *nós o louvamos*. Esta licença só tem logar quando as pessoas dos verbos acabam em *s*; então é que o subtrahimos, e em logar delle usamos de *l*. Porem quando as pessoas ou palavras do verbo acabam em *r*, como *louvar*, *querer* &c., subtrahe-se esta letra, e entram em seu logar dous *ll*, formando uma conjugação mais elegante, porque é imitar aos bons mestres dizer: *hade louvallo*, *hade querello*, e não *hade o louvar*, *hade o querer* &c.

Por liberdade desta figura é que a palavra *santo*, quando se ajunta aos nomes que começam por letra consoante, perde a letra *t*, e muda o *n* em til, ficando *são*, assim como *São Pedro*, *São João* &c. E' excepção desta regra *Santo Thomaz* e *Santo Thomé*, segundo os exemplos de Vieira no sermão do dito apostolo, escrevendo sempre *santo* e não *são*, e os nomes de santas, ainda que comecem por consoante. Igualmente por esta figura em nomes de dignidades e soberania, em vez de *grande* se diz *grão*; v. g., *grão* mestre de Malta, *grão* prior do Crato, *grão* duque de Toscana, *grão* turco &c.

Por occasião de tratarmos das diversas pronunciações que tem a Lingua portugueza, por causa das figuras da dicção, não deixaremos de dizer alguma cousa sobre a

apostropho ou retroversão, por conta da qual se commetem alguns erros ao pronunciar, quando mais se entende que se evitam. Na palavra *antontem* se persuadem muitos que ha pronunciação errada, devendo-se dizer *antehontem*; mas se a ha, erraram os que entre nós são textos da pronunciação correcta, porque acho nelles *antontem*: dizer *antes d'ontem* é fallar com o exemplo tirado do vulgo. Tem igualmente boas auctoridades a seu favor quem pronunciar e escrever por liberdade da *apostropho*, *atégora*, *atéqui*, *atéli*, em vez de *até agora*, *até aqui*, *até ali* &c. Seguro é tambem pronunciar *n'alguma occasião* em logar de *em alguma occasião*: *n'uma parte* em vez de *em uma parte*: *n'um sitio* em vez de *em um sitio*: *C'o sentido nisto* em logar de *com o sentido nisto*. Verdade é que esta licença tem uso muito mais seguro no verso que na prosa, se bem que nella não faltam bons exemplos, especialmente em nomes proprios de homens como *Gilianes* por *Gil Eannes*; *Pedralvares* por *Pedro Alvares*; *Marianna* por *Maria Anna* &c., ou em nomes de cidades que começam por vogal, e tem antes de si a preposição *de*, como v. g., *d'Evora*, *d'Obidos*, e não *de Evora*, *de Obidos* &c. Em alguns appellidos tambem achamos praticado o mesmo, como *d'Almeida* e não *de Almeida* &c. Nos relativos *estoutro* e *aquelloutro* é que não se achará o exemplo de *este outro*, *aquelle outro*; como diz um moderno academico, persuadindo-se que acerta em não usar da apostropho.

REFLEXÃO 11.ª

Em que se discorre sobre as pronunciações sordidas e obscenas, procedidas da Cacophonia, das quaes muitos advertidamente não querem ainda hoje fazer caso.

Os que em seus escriptos e conversações tem por um reparo pueril a censura das *cacophonias*, ou dizendo melhor *cacephaton*, não sei em que razão se fundam; não póde ser outra senão a falta de doutrina. Não desprezariam aquelles que cuidam em evitar certas obscenidades e sordidezas, procedidas das ultimas letras de umas palavras e das primeiras de outras, se soubessem que os antigos grammaticos, rhetoricos e oradores deixaram muito recommendado o evitar estas viciosas pronunciações. Como os que dellas não fazem caso são homens que só entram no numero da plebe litteraria, ser-nos-ha preciso para os convencer não fallarmos nós, mas sim aquelles cuja auctoridade ninguem ha que não respeite.

Muitas dicções ha [diz Quintiliano no L.º 8.] que em tempos antigos não continham som e sentido escandaloso, ou porque aquelles que as diziam tinham mais innocencia, ou menos escrupulo. Porem depois que o uso moderno as condemnou, por despertarem idea de cousa sordida e obscena, é necessario conformar-se com elle. Assentando nesta doutrina, já Cicero tinha dito a Bruto: = « Cum nobis *non dicitur*, *sed* nobiscum, *quia si ita diceretur*, *obscenius concurrent litteræ*. »

Servio, commentando o verso 197 do L.º 1.º da Eneida, em que se lê *cum navibus*, diz: « *Cacephaton in sermone: quod fit, si* cum *particulam* n *littera sequa-*

tuo. » Seguindo esta doutrina censura neste Epico *cum nomine*, *dorica castra*, *achaica castra*, *cæca caligine* &c; por conta da pronunciação de *cum no* e de *ca ca*. Pelo contrario louva-o no L.º 8.º quando fallando de *Caco* não usou deste nome proprio, mas disse *huic monstro*, para evitar uma sordida pronunciação : « *Bène mutavit in casum, in quo inerat turpis significatio.* » Quem ler pelos antigos grammaticos achará que elles censuram por este principio em Sallustio *ductare exercitus*; em Ovidio *glauca canentia*; em Tibullo *sicca canis* &c.

Passando dos criticos latinos aos italianos, reprehende a Crusca em Tasso o dizer *fu tuto*, *fu tota*, *cogl'amici*, *con noi*, *fiancazo* &c. O cardeal Bembo nas suas *Prosas*, Monsenhor de la Casa no seu *Galateo*, e Panigarola illustrando a Demetrio Falerio, censuram em Ariosto, Dante e Boccacio semelhantes pronunciações, que despertam ideas deshonestas. Muito mais certamente poderiamos dizer nesta materia, porque não nos faltam criticos de diversas nações que para ella nos soccorram com muitos exemplos; porem cremos que bastarão estes para cuidarem os pouco escrupulosos em evitar as pronunciações viciosas.

Estas na Lingua portugueza succedem, ou porque se pronuncia mal, ou porque as ultimas letras de uma palavra, juntas á primeira da que se segue, precisamente fazem uma pronunciação ou sordida ou obscena. V. g.; pronuncia-se culpavelmente mal, quando se não exprime bem a ultima letra do adverbio *porque*, seguindo-se o nome proprio *Abrahão*, *Agar* &c. De maneira que não havendo apostrofe on synalefa, já a pronunciação fica soffrivel. Pelo contrario os cacophonias indispensaveis são aquellas que resultam precisamente de duas vozes, ainda que estas se pronunciem bem, como v. g., *as* jun-

to ao adverbio *não*, ou á particula *no*. Sirvam de exemplo estes dous versos de certo poeta moderno:

» *Has no* dizer tantas graças,
» Que eu *as não* posso contar. »

As outras cacophonias necessarias, que resultam do ajuntamento de outras vozes, e fazem pronunciações obscenas, pede a modestia que as deixemos em silencio; e quem dellas quizer exemplos, busque a Orthographia do Padre Madureira Feijó, e ha-os na pag. 147. Porem cremos que a nenhum leitor serão precisos, porque não ha quem não perceba a torpeza da consonancia no ajuntamento de certas syllabas.

REFLEXÃO 12.ª

Vocabulario de palavras, que correm presentemente com pronunciações diversas.

Promettemos no principio desta Segunda Parte dar a ler um vocabulario de vozes em cuja pronunciação ha muita variedade. Cumprimos a promessa, e nella parece-nos que faremos não leve serviço ao escriptor principiante, porque nesta collecção achará confirmada com exemplos de bons auctores a pronunciação genuina de muitas vozes que correm pronunciadas com bastante diversidade ainda entre os presados de cultos.

Muitas vezes não seguimos seus exemplos, porque o uso, arbitro tyranno das linguas vivas, fez com que

predominassem outras pronunciações. Onde porem o uso se não oppõe claramente á praxe dos sobreditos auctores, seguimo-los com religiosa veneração, e desprezamos os modos viciosos com que hoje muitos pronunciam, sem respeito á auctoridade de tão veneraveis mestres.

Temos observado que jámais se affastaram delles aquelles que nesta idade cuidaram em fallar com pureza a sua Lingua, seguindo-os fielmente na Orthographia, e por conseguinte na pronunciação. Taes foram o eloquente marquez de Valença D. Francisco de Portugal, e seu filho; o conde da Ericeira D. Francisco de Menezes; seu filho o marquez do Louriçal; D. Jeronimo Contador de Argote, clerigo regular theatino; D. José Barboza, do mesmo instituto, e em fim outros muitos, dos quaes alguns ainda vivem, e nos ensinam a não sermos barbaros na lingua materna.

Lisonjeamo-nos de que este nosso trabalho não só será util, mas agradavel ao leitor, porque estando costumado a ler na Orthographia do Padre Madureira muitas sentenças sem provas, achará neste copioso vocabulario sempre bons exemplos que confirmem o que dizemos, assim nas pronunciações que se devem seguir, como nas que se hão de desprezar com os exemplos de outros escriptores de inferior ordem entre os eruditos prudentes.

Advertimos por ultimo, que os auctores a quem seguimos, os citamos segundo as suas primeiras edições, que são as mais correctas, e não as outras que se seguiram. Já se vê que fallamos só daquelles, cujas obras mais de uma vez tem visto a luz publica, como são as de Camões, Vieira, Jacinto Freire, Francisco Rodrigues Lobo, Duarte Ribeiro, Gabriel Pereira &c. &c.

Abendiçoar achamos em diversos logares de Vieira: «*Abendiçoaria* mil vezes o dia em que nasceu,» tom. 9.

pag. 166. Não o temos ainda por antiquado; porem *abençoar* está mais em uso.

Abestruz, e não *avestruz* ou *avetrux*, como erradamente diz o vulgo. Veja-se a Ferreira na sua Caça de Altenaria, pag. 107. cap. 6.

Abetarda é melhor pronunciação do que *betarda*. Veja-se a Arte da Caça.

Abobada ou *aboboda*, e não *boveda*. Jacinto Freire no Liv. 2. da Vida de D. João de Castro n.º 82: « Era o eirado ou *abobada* da igreja » &c. Vieira no tom. 9.: « As *abobadas* do firmamento » &c. Neste auctor achamos tambem *aboboda*.

Abominoso por *abominavel* já se não diz, posto que se ache em Camões no cant. 10. est. 47.

Absolto e não *absolvido*. *Absolto* é pronunciação commum nos Classicos; *absoluto* nos forenses.

Absolução e não *absolvição* diz Vieira no tom. 1. pag. 371: « Pertence a *absolução* ao prelado de toda a diecese » &c.

Abundoso por *abundante* já se não pronuncia. « Habitar os seus campos *abundosos* » achamos no Poema da Destruição de Hespanha, Liv. 3. est. 25. Seu auctor é de inferior nota.

Abusão por *abuso*, posto que seja de Barros, está antiquada. Como nome de uma figura da rhetorica é que se póde ainda dizer.

Açamar um animal e não *açaimar*, achamos nos bons antigos, porque chamavam *açamo* e não *açaimo* ao dito freio ou cabrestinho.

Acanhoar por *canhonear* creio que é pronunciação introduzida depois que tivemos gazeta, porque antes della a não achamos.

Acarear por ganhar com caricias é pronunciação que

tem mais exemplos. Deve-se dizer *acariciar*, e reservar *acarear* para o estilo forense.

Acção [termo forense] e não *aucção*, postoque se ache a cada passo nas Ordenações do Reino. Está inteiramente antiquada, e só no vulgo tem uso.

Accomodamento de filhos e não *accomodação*, disse Vieira no tom. 2. pag. 447. « Nem satisfação de creados, nem *accomodamento* de filhos, nem disposição da casa » &c.

Acesoado por *saxonado* já se não diz, postoque se descubram exemplos em os nossos bons antigos.

Acobardar ou *acovardar*. Seguimos esta segunda pronunciação, por ser de Vieira, Fr. Luiz de Souza, Jacinto Freire e outros, seguindo a Camões, que na Canção 5.ª disse: « Andar meu bem buscando, e de o poder achar *acovardar-me*.

Acordo [termo forense] melhor do que *acordão*. Brachylogia de Principes, pag. 170: « Faça o principe misteriosos seus *acordos* » &c. Este livro em materia de linguagem não é desprezado dos criticos, como o são as outras obras de Fr. Jacinto de Deus.

Acostar: mais seguro do que *encostar*, com os exemplos de Vieira, que são em grande numero.

Acostumar tem melhores exemplos do que *costumar*. Corte na Aldeia pag. 319: « Para homens mal *acostumados* » &c. Observem-se os outros Classicos.

Acquirir e não *adquirir* é de todos os bons textos: Fr. Luiz de Souza e Jacinto Freire, auctores da primeira classe, darão mil exemplos.

Adaga confundem muitos com *adarga*. *Adaga* é uma cousa curta, que em outros tempos se trazia á cinta; *adarga* era uma casta de escudo.

Adem [ave] mais seguro do que *ade*: no plural *adens*. Vejam-se os auctores que escreveram sobre a caça.

Adevinhos e *adevinhadores* tem bons exemplos, mas a primeira pronunciação ha de parecer a muitos antiquada.

Admirante por *admirador* traz D. Francisco Manuel nas suas Cartas: « Porque o officio de *admirante* me roubaram ha dias os discretos » &c. pag. 96. Será hoje arcaismo usar desta pronunciação.

Advertimento por *advertencia* já se não diz, se bem o usou, alem de outros, D. Francisco Manuel nas Cartas, pag. 17.

Afeitar por *enfeitar* já se não usa, tendo aliás em seu favor os melhores Classicos.

Affavel e não *affabil*, como erradamente pertendem alguns, governando-se por se pronunciar *affabilidade*. O mesmo dizemos de *instavel*, *provavel* &c., não obstante dizer-se *instabilidade*, *probabilidade* &c.

Affligido tem mais a seu favor os Classicos do que *afflicto*. Só o ignorará quem delles não tiver lição.

Afiado e *afeado* tem grande differença. Cutello *afiado*: semblante *afeado*.

Afinar vozes, ouro, prata &c. tem melhores exemplos do que *refinar*.

Aformoseutar por *aformosear* não é hoje pronunciação segura.

Afracar por *afrouxar* é de João de Barros em diversos logares das suas Decadas. Hoje dizemos *fraquear*.

Afro por africano nem em poesia o sofremos. « Do *Afro* e asiatico hemispherio, » diz Landim no seu poema a S. João de Deus; mas é auctor sem credito.

Agrodoce. Achamos só *agridulce* em alguns bons auctores, um dos quaes é Fr. Antonio das Chagas, no que toca á propriedade da lingua. No tom. 2. das Obras Espirituaes diz elle na pag. 18: « Ainda que estas novas trazem seus *agridulces*. »

Ajustamento tem melhores exemplos do que *ajuste*, e qual nem Bluteau chega a trazer.

Alardo, mais do que *alarde*, era pronunciação dos nossos Classicos. « Nem eu serei tão atrevido, que faça *alardo* das obrigações » &c., D. Francisco Manuel, cart. pag. 20. O Padre Vieira usou do verbo *alardear* no tom. 6. pag. 296: « O prodigo porque no gastar e *alardear* » &c.

Alcoçar, *alcacer*, *alcazar* e *alcaccre* se acha em bons auctores. Seguimos aos que disseram *alcaçar*.

Alcorça [massa feita de assucar] e não *alcorce*, como diz o vulgo. Galhegos no seu Templo da Memoria Liv. 4. pag. 159: « E alli suave a *alcorça* peregrina » &c.

Alfim por *emfim* é de Vieira em diversos logares: « *Alfim* Deus se tem declarado por nós » &c. Cartas, tom. 1. pag. 189. O Padre Bernardes nas suas obras segue em varias partes este grande Classico.

Algaravia e não *algarvia*, em quanto linguagem embaraçada e confusa. « Não imaginemos que aqui ha mais *algaravias* » &c. Bernardes, Luz e Calor, pag. 249.

Algazara e não *algasarra*, como erradamente pronuncia o vulgo. Veja-se a Vieira, Jacinto Freire e outros, que todos seguiram a Barros.

Algebista: outros dizem *algebrista*: alguns criticos usam desta segunda pronunciação para denotar o professor de algebra, sciencia mathematica; e da primeira para o que concerta ossos deslocados.

Alheação [do entendimento] e não *alienação* achamos nos bons textos. Esta segunda parece que está mais em uso.

Alimaria, posto que se ache em Barros, Camões e outros antigos de igual auctoridade, não se deve hoje dizer, mas *animaria*. *Alimaria* é mais erro crasso do que archaismo.

Aljofar e não *aljofre*, como diz o vulgo. No plural *aljofares* e não *aljofres*.

Almargem e não *á margem* diziam os nossos Classicos, na accepção de cavallo deitado ao campo. Barros na Decad. 4. pag. 277: «Alimarias que seus donos deitaram ao *almargem*. O Diccionario de Barboza, e a Amalthea Onomastica dizem o mesmo, porque *alm̃argem* era um campo pequeno livre e inculto, para o qual lançavam os antigos a pastar as bestas inuteis. Porém *á margem* é o que presentemente se deve pronunciar pela força do uso.

Almazonas por *amazonas* achamos infinitas vezes no Padre Vieira, assim nos sermões como nas cartas, fallando do grande rio da America.

Almirante e não *almeirante*, como diz o povo ignorante.

Almoço e *almorço* ambos tem exemplos que não se devem desprezar; porem o uso presente deu preferencia á primeira pronunciação.

Almotacé mais seguro do que *almotacel*, contra o parecer do Padre Madureira, ao qual fez mais peso a pronunciação do vulgo.

Alpiste, semente que se dá por sustento a alguns passaros: o vulgo diz *alpista*.

Alpondras chamavam os bons auctores ás pedras que servem para se atravessarem os rios: hoje prevalece dizer-se *Poldras*.

Altenaria [especie de caça] e não *altanaria*; assim como correctamente se diz *alteneiro* e não *altaneiro*.

Altibaixos e não *altos e baixos*. Sempre assim o disse o Padre Vieira. «Não lhe faltavam seus *altibaixos* em que poder tropeçar» &c., tom. 9. pag. 111.

Alugucr e não *aluguel*: ao Padre Bento Pereira ora

servia uma pronunciação ora outra. *Aluguer* temo-lo por mais usado.

Alvenel [pedreiro] e não *alvinéo* disse Fr. Luiz de Souza, seguindo a pronunciação dos antigos.

Amargo e *amargoso* querem os criticos que tenha differença. Amargoso applica-se no sentido de gosto, e amargo ao que affligé a alma. «O calix da ausencia era muito mais *amargo* para o seu coração.» Vieira tom. 1. pag. 948.

Amargor e não *amargos*, como erradamente diz o vulgo.

Ambar e não *ambre*, de que erradamente usou Manuel Thomaz na sua Insulana.

Ambreta [flor] e não *ambrieta* continuam em dizer alguns criticos modernos, aos quaes segue Bluteau.

Ameaças e não *ameaços*, inda tem bons exemplos. Hoje parece que prevalece faze-lo do genero masculino, contra o uso mais commum do seculo passado, especialmente do Padre Vieira.

Ametade, melhor que *metade*. Sempre assim o achámos em Vieira.

Ametisto e não *ametista*, achamos usado por Vieira. «O undecimo de jacintho, o duodecimo de *ametisto*» tom. 4. pag. 191.

Ammoniaco [sal] e não *armeniaco* ou *armoniaco*, como diz o vulgo, e seguiu Madureira na sua Orthographia, não reflectindo em que esta palavra se deriva da grega *Ammon*, que quer dizer *arcia*.

Amplitude e não *amplitud*. Assim o achamos em todos os bons. Do mesmo modo se devem pronunciar os nomes que os castelhanos acabam em *ud*. Exceptuam-se os proprios como *Abiud*, *Ehud*, *Catalayud* &c. Em Vieira são muitos os exemplos de *juventude*, *vicissitude*, *longitude*, *plenitude*, *latitude* &c.

Anegaça e não *negaça* ainda dizem muitos cultos, fundados nas auctoridades dos melhores Classicos, um dos quaes é o insigne Barros, que na Decad. 1.ª pag. 65 disse: «Quasi como que o queriam ter por *anegaça*.»

Anemone [flor] e não *anemona* ou *anemóla*, como vulgarmente se pronuncia.

Ante, preposição latina, e *anti*, particula grega, confundem muitos em diversas palavras portuguezas, pronunciando-as já de um modo, já de outro. *Ante* val o mesmo que antes; e assim deve-se dizer *antemanhãa*, *antecamara*, *antecessor* &c.: *anti* quer dizer o mesmo que *contra*; e assim deve-se pronunciar *antichristo*, *anticaristico*, *antipapa* &c.

Antiado e não *enteado* se deve chamar ao filho que tem algum dos dous que entre si celebram matrimonio. Assim o achamos nos textos mais correctos; e com rasão, porque val o mesmo que *antenato*, isto é; nascido antes da celebração daquelle matrimonio.

Antifrazis é de Fr. Luiz de Souza na sua Historia de S. Domingos, part. 1.ª pag. 2. *Antifrasi* é de Camões na Canção 9. est. 1.ª Outros pronunciam *antifraze*, assim como dizem *fraze*. Este modo é hoje o mais usado.

Aperrear e não *aporrear*, como traz erradamente Fr. Simão de Santa Catharina nas suas Orações Academicas, pag. 186. Este verbo parece a muitos que traz a sua analogia do nome castelhano *perro*.

Apertura por *aperto* em pergunta disse Vieira no tom. 1. pag. 778: «Mestre, é licito dar o tributo a Cesar ou não? Notai a *apertura* dos termos» &c.

Apodar confundem muitos com *podar*, quando *apodar* é dizer *apodos*, e *podar* é fazer poda nas vinhas.

Apostema mais seguro do que *postema*, seguindo a

analogia da voz grega *aphistamai*. Assim o achamos nos nossos livros de medicina, escriptos em boa linguagem. Brito no tom. 1. da Monarch Lusit. pag. 42 disse *postema*, mas não foi seguido por Vieira.

Apostrophe e *apostropho* não é o mesmo, como alguns imaginam, confundindo estas duas pronunciações. *Apostrophe* é uma figura da Rhetorica. *Apostropho* é na Orthographia a diminuição de uma vogal, quando se segue outra na dicção seguinte, v. g., *d'Almeida* em logar de se pronunciar *de Almeida*.

Appendice parece melhor do que *appendix*, porque assim o achamos em muitos, e com frequencia nos dous Brandões, continuadores da Monarch. Lusit. Do mesmo modo se deve pronunciar *indice*, *pollice* e *duplice*.

Appetecivel ou *appetivel* e não *appetitivel*, como disse o bispo de Martiria no tom. 3. dos seus Sermões, pag. 248: « E como as cousas deste mundo sejam tão pouco *appetitiveis* » &c. Em outros logares diz o mesmo.

Aprehenso por *aprehendido* apenas se sofre em linguagem poetica: « Mas *aprehenso* nas mãos tudo era vão » achamos no poema da Destruição de Hespanha Liv. 2. est. 82.

Aquatil: sobre o plural deste nome ha diversas pronunciações: uns dizem *aquatis*, e outros *aquatiles*; todos erram, porque só se hade dizer *aquateis*, assim como *faceis*, *volateis*, *uteis* &c.

Arabico e não *arubigo* ou *arabe*, disse sempre Jacinto Freire, porem *arabigo* não é destituido de bons exemplos. *Arabe* tem melhor uso na poesia.

Archiduque. Esta palavra [segundo os melhores criticos] deve-se dizer com pronunciação de *q* e não de *x*, v. g., *arquiduque* e não *arxiduque*. A mesma regra serve para *archipelago*, *architecto*, *architriclino*, *archiman-*

drita, *archivo* &c. Mas entre outros o uso exceptuou *archeiro*, porque se ha de pronunciar como se levára *æ*.

Arenoso melhor do que *arento*, especialmente em poesia.

Argutamente, antes do que *agudamente*, posto que esta segunda pronunciação seja tambem muito usada. Vieira no tom. 8. pag. 244 diz: « Replica *argutamente* o mesmo santo » &c. Camões no cant. 10. est. 5. tambem disse *arguto* e não *agudo*: « Mil práticas alegres se tocavam, Risos doces, subtís e *argutos* ditos » &c.

Armador-mór diziam os nossos Classicos: hoje o uso trocou para *armeiro-mor*, um dos officios da Casa Real.

Arrastar e não *arrastrar* acho nos bons textos. Vieira no tom. 1. pag. 38, fallando dos passos da Escriptura mal trazidos, diz: « Uns vem acarretados, outros vem *arrastados* » &. Brito na Mon. Lusit. diz o mesmo: « Foi mandada *arrastar* pela cidade » &c.

Arredío [o que foge da companhia] e não *erradio*, como diz o vulgo. Vem da palavra antiga *arredo*, que valia o mesmo que *longe*. D. Francisco Manuel na Tuba de Calliope, Sonet. 30: « *Arredo* vá de nós o sestro agouro » &c.

Arrematar [por dar fim] é menos seguido do que *rematar*, que tem a seu favor muitos exemplos Classicos.

Arrumar e *arrimar* facilmente equivocam os que não cuidam na pronunciação correcta e genuina. *Arrimar* é pôr uma cousa a ter mão em outra, para que não cáia. « As eras não sobem sem as *arrimarem* » diz Chagas nas Cartas, pag. 120. *Arrumar* é pôr as cousas em boa ordem: D. Francisco Manuel na Carta de Guia, pag. 79: « A mulher que mais sabe não passa de saber *arrumar* uma arca de roupa branca. » No sentido figurado diz Vieira, tom. 10. pag. 263: « A *arrumação* das

Costas, assim do continente como das ilhas» &c. Jacinto Freire, Liv. 4. n. 110: «*Arrumando* as linhas em taboas differentes com tão miuda geographia» &c.

Arrotear o mato, e não *rotear*, diz Bluteau, seguindo a Francisco Rodrigues Lobo, postoque o não allegue.

Ascoso por *asqueroso* é usado pelos medicos, aos quaes seguiram alguns escriptores de inferior ordem.

Asmatico e não *asmento*: está antiquada esta pronunciação, não sendo em estilo familiar ou jocoso.

Aspectavel [cousa de se ver] e não *espectavel*, como muitos neste sentido erradamente escreveram.

Aspergido: quer Madureira, sem produzir mais exemplo que o seu, que se diga *asperso*, palavra que nem a achamos no Vocabulario do Padre Bluteau; *aspergido* sim.

Aspide e não *aspid* diz Brito na Monarch. tom. 1. pag. 97: «Nem crocodilo, nem *aspide* se viu mais naquella commarca» &c. Em poesia poderá dizer-se *aspid*.

Assegurar: melhor do que *segurar*. São muitos os exemplos de Jacinto Freire, Vieira e outros. Com a mesma coherencia pronunciavam *asseguradores* e não *seguradores*. Vieira no tom. 10. pag. 285 diz: «Os outros *asseguradores* só se obrigam a repôr e inteirar o cabedal perdido» &c.

Assento e não *assentamento*, postoque se ache em todos os Classicos, em qualquer das accepções em que hoje dizemos *assento*. Eu só usára de *assentamento* por synonimo de *moradia* nos livros d'El-Rei, que vencem os fidalgos segundo a sua classe.

Assoprar e *assopro* tem melhores exemplos do que *soprar* e *sopro*.

Assumpção e *ascensão* não é o mesmo: *ascensão* é

subir por virtude propria, e *assumpção* por alheia. Por isso se deve dizer *Ascensão* de Christo, e *Assumpção* de Maria.

Atheo e *atheista*: ambos usados por Vieira, Duarte Ribeiro de Macedo, e outros.

Atulhar melhor do que *entulhar*, na opinião daquelles que preferem a auctoridade de João de Barros á de qualquer outro Classico: «Barcos pequenos *atulhados* de gente» &c., Decad. 2. pag. 8. Mas se preferem, como é justo, tão grande texto, deviam preferir *entulhar*, porque mais vezes usa Barros desta pronunciação, que da de *atulhar*. Na Decad. 1.ª pag. 196 diz elle: «*Entulhar* os paus de madeira entre um e outro, á maneira de taipaes.» E na Decad. 2. pag. 16 diz tambem: «Ficando a cova *entulhada* mais dos corpos delles» &c. Donde tiramos que de uma ou outra pronunciação se póde seguramente usar.

Aureola e *areola*, sendo cousas diversissimas, equivocam frequentemente os ignorantes, tendo pelo mesmo uma ou outra pronunciação. *Aureola*, a que outros chamam tambem *laureola*, é o premio dos bemaventurados no ceu. *Areola* val o mesmo que canteiro de flores no jardim. Vieira tom. 6. pag. 212: «A repartição das *areolas* são os aposentos, os moradores as flores» &c.

Avançar não se deve confundir com *avençar*, como parece que Bluteau quer confundir. *Avançar* é accommeter. Vieira tom. 1. pag. 93: «Envestio e *avançou* a todas ellas intrepidamente» &c. *Avençar* é fazer avença e concerto com alguem sobre alguma cousa, v. g.: *avençou* com o rendeiro em dez alqueires de trigo &c.

Avantagem, posto que tenha bons exemplos, está antiquado. *Vantagem* é já de Vieira e de Francisco Rodrigues Lobo.

Avaro por *avarento* é de bons auctores, porem em poesia tem mais logar.

Avelutado e não *aveludado* se achará nos bons Classicos, seguindo ao grande Barros, que na Decada 1.ª, pag. 52, disse: «A tecedura de setim *avelutado*» &c.; porem hoje devemos por uso dizer *aveludado*.

Avenidas e não *venidas* disse D. Francisco Manuel nas suas Cartas pag. 164: «Tenho ainda isto de soldado, tomar bem as *avenidas*» &c.

Aso e não *auzo*, como vulgarmente se diz [por dar occasião ou motivo]. D. Francisco Manuel nas suas Cartas, pag. 599, diz: «Nem *aso* teve para escrever» &c. Barros, Decad. 1.ª pag. 42: «Tendo a fim que fosse *aso* para elle mandar» &c. *Auzo* é atrevimento e confiança demasiada, mas não a achamos no Padre Bluteau.

Bailar e não *bálhar*, como erradamente pronuncia o vulgo.

Baixios e *baixos*: uma e outra cousa lemos nos melhores auctores. Vieira no tom. 6. pag. 322 traz: «Os *baixios* em que podia topar a arca de Noé» &c.; e Jacinto Freire, no Liv. 1. n. 37, diz: «Para que as naus que vinham por seu esteiro dessem resguardo ao *baixo*.»

Balio e não *bailio*, como diz Cardoso no seu Agiologio Lusitano, tom. 1. pag. 2: «*Bailio* e grão-commendador» &c.

Banido e *bandido*: tudo se póde dizer. Vieira no tom. 4. pag. 477 diz: «*Bandido* sempre leal» &c. A nossa Ordenação tit. 127. §. 10. diz: «O ascendente ou irmão do *banido*, ainda que o encubra, não tem pena alguma.»

Baptismo e *baptizar* se acha sempre em Vieira; mas nesta pronunciação não lhe observamos coherencia, porque sempre diz *Bautista* e não *Baptista*.

Baquetas e não *vaquetas* pronunciaram os Classicos para denotarem os paus com que se toca o tambor. Vem do italiano *bacchette.*

Barbaria e *berberia*: este segundo modo de pronunciar é de João de Barros; o primeiro é de todos os bons que se lhe seguiram. *Barbaria* por *barbaridade* é de Duarte Ribeiro de Macedo em diversos logares.

Barbaria chamam muitos ao logar onde se faz a barba, devendo dizer *barbearia*, deduzindo-o, não do nome *barba*, mas do verbo *barbear.*

Barbarico por *barbaro* usou Faria na sua Fonte de Aganippe Liv. 1.: «Do Goliath *barbarico* e soberbo» &c. Não basta este exemplo, a não ser em poesia.

Baronia em outro tempo era o mesmo que hoje *varonia*; mas presentemente *baronia* é o titulo ou dignidade de barão, e *varonia* a descendencia por *varão.*

Bateria melhor do que *bataria*, se bem que nos Classicos [talvez por erro da impressão] algumas vezes se acha *bataria.* Entre outros lembra-nos o exemplo de Vieira no tom. 9. pag. 311.

Bemgoarda e não *vanguarda* quer Bluteau que se pronuncie; mas não o admitte o uso presente.

Bendado e *bendar* é de alguns auctores; porem *vendado* e *vendar* é o que prevalece.

Bilhafre e não *milhafre* diz Diogo Fernandes, auctor Classico em termos pertencentes á caça: «Já tem succedido algumas vezes trazerem a vender em logar de açores tartaranhas e *bilhafres.*» Art. da Caça, pag. 3. Francisco Rodrigues Lobo segue o mesmo: «não ha proposito que sáia das unhas destes *bilhafres*» &c. Corte na Aldeia Dialog. 3. pag. 61.

Bispal e *arcebispal* por episcopal traz muitas vezes Fr. Luiz de Souza na sua Historia: «Faltava o peixe

na mesa bispal» &c. Part. 2.ª pag. 76. Não é usado, devendo-o ser.

Blazão de armas, e não *brazão*, achamos na Ordenação do Reino Liv. 4. tit. 2. Não será reparavel pronunciar ou de um ou de outro modo; porem os que dizem *blazão* tem com effeito melhores exemplos, e basta o da Ordenação, livro da primeira auctoridade, quando se não oppõe o uso constante.

Boato e não *voato*, como erradamente pronunciam muitos, que não entram na classe do povo. Vieira tom. 3. pag. 288: «Para que todo o letrado christão não tema o *boato* destas opiniões» &c. E no tom. 4. pag, 398 diz tambem: «Minas desvanecidas com tanto *boato*» &c.

Boda nupcial diziam os bons antigos; mas tem prevalecido *voda*. Bluteau ainda a pronuncía com *b*, visto presentemente dizer-se *bodo* ao comer que se distribue em algumas festas publicas do reino.

Bombear é pronunciação que hoje prevalece mais do que *bombardear*, mas uma e outra se póde dizer. *Bombardear* tambem é usado; *esbombardear* não, postoque seja de Camões.

Boneco e não *bonecro*, como erradamente pronuncía o povo.

Bonze [sacerdote do Japão] e não *bonzo* achamos nos bons textos. Um destes é o Oriente Conquistado, obra que não cede em pureza de linguagem ás que temos de maior estimação.

Borborinha e não *borborinho* achamos sempre em Francisco Rodrigues Lobo, auctor que escreveo com muita correcção.

Borjaçote [figo] e não *berjaçote* á maneira do vulgo. Insulan. Liv. 10. est. 95: «Mas os vendimos de maior doçura com *borjaçotes* negros estimados &c.

Borôa e não *brôa*. Fr. Luiz de Souza na sua Historia, Part. 2.ª pag. 134: «O pão de milho a que chamam *borôa*» &c.

Braceagem, termo do *moedeiro*, e não *braçagem*, achamos em algumas leis.

Bramir [voz de algumas feras] melhor do que *bramar*, se bem que em Gabriel Pereira e em outros poetas se acha esta terminação em *ar*.

Brancacenta [côr que tira a branco] não é pronunciação usada: diz-se *esbranquiçada*.

Braveza do mar &c., melhor do que *bravura*, que se acha nos Dialogos de Fr. Heitor Pinto. Gabriel Pereira de Castro, e o Padre Lucena na vida de S. Francisco Xavier dizem *braveza*. Este auctor é de grande peso na materia de que tratamos.

Brindes e não *brinde* no singular. Assim o achamos nos bons escriptores.

Brutesco e não *grutesco*: assim o escreveu sempre Fr. Luiz de Souza.

Bufalo e não *bufaro* dizem os que fallam com cultura.

Cábala, com a segunda syllaba breve e não longa, segundo a pronunciação de alguns.

Camaldulas [contas de rezar] e não *camandolas* é a pronunciação genuina, por serem inventadas e feitas pelos monges Camaldulenses. Nem um só auctor de credito temos achado que lhes chame *Camandolas*.

Cambrai [pano] e não *cambraia*, pronunciação que não se acha em auctores de boa nota.

Cancro [signo celeste] e não *cancer*. «Quiz Deus que o sol andasse dentro dos tropicos de *Cancro* e *Capricornio*» &c. Vieira tom. 1. pag. 265.

Carabina [arma de fogo] e não *clavina* ou *cravina*, porque vem da palavra franceza *carabins* ou *carabiniers*.

Caractéres, com a penultima syllaba longa. E' frequentissimo o errar, fazendo-a breve.

Cardialgia [doença] e não *cardiagia*, como erradamente pretende Madureira, não sabendo ser palavra composta do grego *cardia* que quer dizer *coração*, e de *algima* que significa *dor*.

Cardinalado e *cardinalato*: de uma e outra pronunciação ha bons exemplos; porem a primeira parece mais propria da nossa lingua, pois dizemos *papado*, *pontificado*, *purpurado*, *priorado*, *arcediagado* &c.

Carestia: já por antiquado se não diz *careza*.

Caricioso por *carinhoso* só o temos achado atéqui em alguns livros de inferior nota na linguagem, como é entre outros o Crysol Purificativo, que na pag. 11 diz: «Foram mais *caricisos* com os filhos da velhice» &c.

Carpear [termo de cardador]. Bluteau traz *carmear* no mesmo sentido, mas não produz exemplos. *Carpear* é o usado.

Cavalheramente e não *cavalheirosamente*, que traz Couto na Decad. 7. Liv. 9. pag. 205.

Cavalhero [homem fidalgo] e não *cavalheiro*; assim o achamos nos melhores Classicos.

Cavouco e *cavouqueiro*, e não *cabouco* e *cabouqueiro*, como vulgarmente se diz: «Alguns *cavoucos*, em que no inverno se recolhe alguma agua»: Barros, Decad. 1.ª, pag. 192: «Cincoenta e seis *cavouqueiros*: Souza, Hist. de S. Domingos tom. 1. pag. 344.

Celeusma [vozeria dos marinheiros]. Outros escreveram *Celeuma*, e o fizeram do genero feminino. A primeira pronunciação é a genuina.

Cercador e *cercante* [termo militar] ambos tem bons exemplos.

Cerce [cortar] e não *cercio* acho em varios orthographos, seguidos pelo Padre Bluteau.

Cerefolio [erva] e não *cerfolho*, trazem os nossos livros de medicina, que os criticos receberam por textos nas vozes facultativas.

Certamen disse Vieira no tom. 1. pag. 173: «Já tenho vencido o *certamen*» &c. Mas não será errada pronunciação tirar-lhe o *n*. Bluteau [não sei com que fundamento] faz servir *certamen* para os exercicios do engenho, e *certames* para os combates da vida.

Cevo e não *cebo*, quer Bluteau que se diga, fallando-se da gordura dos animaes; porem tem prevalecido o pronunciar-se *cebo*.

Charel e não *chairel*, como vulgarmente se diz, pronunciaram sempre os que trataram da arte da cavallaria e dos adereços dos cavallos.

Chinas [nação] e não *chins*, porque esta pronunciação, sendo de bons auctores, está hoje antiquada no uso de bons modernos: comtudo não se póde condemnar absolutamente a pronunciação antiga.

Chocarrear, *chocarreiro* e *chocarrice*, e não *chacorrear*, *chacorreiro* e *chacorrice*.

Churma de forcados da galé e não *chusma*, como disse o auctor da Insulana no Liv. 2. est. 87. Veja-se ao Padre Bluteau.

Cipreste [arvore] e não *acipreste*. Já Duarte Nunes condemna esta viciosa pronunciação.

Circuncidar, *circuncidado*, e não *circuncisar*, *circuncisado*.

Cirieiro melhor do que *cereiro*. Os que pronunciam com *e*, deduzem esta palavra de *cera*, e os que usam do *i* deduzem-a de *cirio*; e está pronunciação é a que mais prevalece.

Cirzir e *sirzido* e não *cirgir*, *cirgido*. Vieira tom. 2. pag. 336: «tão *cirzidos* com a pelle» &c.

Cítharedo e não *citharista* chamou Vieira ao tangedor de cíthara: «Entre os *citharedos* e histriões sahia no theatro» &c. De *citharista* não achamos outro exemplo mais que o uso de alguns modernos.

Clareza e *claridade* differem na applicação. Diz-se *clareza* da vista, do discurso, da nobreza &c.: *claridade* da luz e corpos luminosos &c.

Coartada por prova de falsidade que se imputa. *Quartada* é erro.

Cobarde e *covarde*: de um ou outro modo se póde dizer, porque se acham exemplos classicos; porem o segundo é de Vieira em muitos logares. «Inconstantes, *covardes* e efeminados» &c. tom. 10. pag. 144. *Acovardamento* é que já se não diz, não obstante os seus bons exemplos. Diz-se *covardia*.

Codice e não *codex*, como dizem os aferrados á pronunciação latina.

Cognação e *agnação* rigorosamente fallando tem grande differença, e os que bem fallam não costumam confundir estas pronunciações. *Cognação* é parentesco por linha feminina, como mostra Gouvea na sua *Justa acclamação*, pag. 256: *agnação* é paren esco por linha masculina, segundo o mesmo auctor, pag. 257: «Era parenta *agnada* d'El-Rei D. Henrique» &c.

Cogula, *cugula* e *cucula* achamos em diversos auctores. A Mon. Lusit. no tom. 4. pag. 40 diz *cogula*: o Agiologio Lusitano tom. 1. pag. 101 traz *cuguli*: a Benedictina Lusit. part. 1. pag. 60 diz *cucula*. Qualquer destes auctores, como não é classico, tem igual auctoridade. Nós dizemos *cogula*, porque a achamos em Severim, escriptor mais correcto que os sobreditos. Vide o Disc.º 4. pag. 68.

Colorear por cobrir alguma cousa com apparencias, diziam os antigos. Brito, Mon. Lusit. tom. 2. pag. 23: «Com uma *colóreada* mostra de virtude» &c. Ibidem, pag. 65: «*Colorear* melhor a sem-rasão» &c. Hoje prevaleceu o *córar*, e já o Padre Lucena na vida do Santo Xavier, pag. 336 disse: «Por vestir e *córar* a mentira» &c. Em Vieira tom. 5. pag. 239 achamos o mesmo, dizendo: «um novo e não *corado* titulo» &c.

Colubrina [espada] e não *columbrina*, como ignorantemente diz o povo. Por imitar no tortuoso a figura de cobra traz a sua origem da palavra latina *coluber*.

Complice e não *cumplice*. Parecia desnecessaria esta advertencia, por ser mui sabida a pronuncia genuina; mas não quizemos deixa-la em silencio, porque se acha *cumplice* muitas vezes na collecção de varios papeis que ha annos sahiram sobre a falsa doutrina então introduzida de se perguntar na confissão sacramental pelo complice do peccado &c.

Comprimento e *cumprimento* é pronunciação que commummente se confunde; tendo aliás grande differença. *Comprimento* é medida, e *cumprimento* a execução da obrigação. E assim se deve pronunciar rua *comprida*, discurso *comprido* &c., e voto *cumprido*, preceito *cumprido* &c.

Conclave com a segunda longa, posto que em latim seja breve.

Condestable era a pronunciação constante dos nossos antigos; e o Padre Bluteau ainda não quiz admittir a de *condestavel*, senão para explicar aquelle que nos navios e fortalezas tem á sua conta a preparação da artilharia. Como nós pronunciamos *estavel* e não *estable*, não foi para estranhar que mudassemos para *condestável*, cuja pronunciação é hoje a dominante, e a de *condestable* sabe a antiguidade, postoque veneravel.

Conluio e não *conloio* é o que achamos nos que fazem auctoridade.

Consenso e *consentimento*: qualquer destas pronunciações tem bons exemplos.

Consequente tomado por adverbio é menos usado do que *conseguinte*. Por conclusão do enthimema logico tem diversos exemplos de Vieira.

Consiliario não tem a seu favor os bons auctores que tem *conselheiro*.

Constituente e não *constituinte*, como vulgarmente dizem quasi todos.

Consulente disseram os classicos: *consultante* os escriptores de inferior nota.

Contagio e não *contagião*, porque já o não permitte o uso.

Contia [v. g. de dinheiro] e não *quantia* se acha sempre nos melhores Classicos; porem, segundo alguns modernos, parece que deve prevalecer o uso como dominante. Isto não obstante, nós sempre seguiremos aos mestres antigos, como Fr. Luiz de Souza, que sempre disse *contia*. Vide part. 3. pag. 461 &c.

Conversa por *conversação* só se achará em auctores que ou despresaram ou ignoraram a pureza da pronunciação portugueza.

Copista e *copiador*: de uma e outra pronunciação usavam os auctores classicos. Nos primeiros tomos da Monarq. Lusit. diversas vezes se acha *copiadores*, e na Corografia de Barreiros *copista*. Hoje *copiador* serve mais para significar o livro em que os negociantes copiam as cartas que mandam para fora.

Corrigir e não *correger* é o que lemos nos bons textos.

Cossario e não *corsario* contra o parecer do Padre Madureira, que não soube qual era a auctoridade de

Vieira, Jacinto Freire e outros, que sempre escreveram *cossario*. « A pirataria dos *cossarios* estrangeiros, » Vieira tom. 3. pag. 336. « O *cossario* Barba-roxa » &c. Jacinto Freire pag. 5, e em outras muitas partes.

Coudel e *coudelaria*, e não *caudel* e *caudelaria*, posto que venha do nosso antigo nome *caudilho*.

Credibilidade e *credulidade*: tal é a ignorancia de alguns, que equivocam estas pronunciações, entendendo que uma significa o mesmo que a outra. *Credibilidade* é a razão por que uma cousa facilmente se faz crivel. Vieira tom. 1. pag. 170: « A idolatria semeou a *credibilidade* » &c. Pelo contrario *credulidade* é facilidade em crer.

Credor é linguagem mais correcta do que *acredor*; mas esta segunda pronunciação tambem tem bons patronos; e bastava Vieira, que no tom. 6. pag. 259 disse: o que se deve aos legitimos *acredores* » &c.

Crocodilo e não *cocodrilo*; e se em algum bom auctor se achar, é certamente erro da impressão.

Crueldade e não *crudelidade*, como erradamente achamos em alguns livros.

Curvidade e não *curvadura* se diz da inflexão de cousa curva ou revoltada.

Custode [anjo] e não *Custodio*, disse Barros na Decad. 3. pag. 37: « Dous espiritos *custodes* » &c.

Cyclopes e *Cyclopas* achamos em dous classicos. Vieira disse do primeiro modo: « Os ethiopes ou *cyclopes* banhados em suor » &c. tom. 5. pag. 515. Camões disse do segundo: « Em quanto as officinas dos *cyclopas* Vulcano está queimando. » &c. Ode 9. est. 4. A auctoridade de Vieira é a que prevalece.

Damascado, lavor que imita no damasco, e não *adamascado*, diziam os nossos antigos. Fr. Heitor Pin-

to tom. 2. pag. 58. « Toalhas finas *damascadas* &c. Deve-se seguir, por que entre os bons modernos ainda se usa esta pronunciação.

Dearticular e não *articular*, pronunciaram os bons Auctores. O Abecedario Real na pag. 2. diz. « Quando nascem os homens, a letra *a* é a primeira que *dearticulam* &c. » Em Vieira tom. 1. pag. 58 achamos o mesmo. « Eram trovões, que fallavam, e *dearticulavam* as vozes &c. » Ambas as pronunciações são usadas; a primeira por auctoridades, a segunda por uso, sendo que já Macedo no seu *Dominio sobre a Fortuna* pag. 121., e a Brachylogia de Principes, pag. 164. usaram de *articular* e de *articulação*.

Debuxador: tenho-o por mais conforme á indole da lingua, do que *debuxante*, do mesmo modo que hoje dizemos *desenhador* e não *desenhante*.

Decurso (de tempo) tem a seu favor a grande auctoridade de João de Barros, que na Decad. 3. pag. 24. disse. « Aquelles, que por *decurso* de annos jubilavam na guerra &c. Porem *discurso* tem mais exemplos. Brito no tom. 1 da Monarquia, pag. 296. No *discurso* desta guerra &c. Vieira disse o mesmo. « Que podesse mais com elle o *discurso* do tempo, que o *discurso* da razão &c. » A ambos seguio Francisco Rodrigues Lobo, dizendo na Côrte na Aldea, pag. 224, « o *discurso* da idade &c.

Dedal, instrumento de costura, dizem uns, deduzindo-o do portuguez *dedo:* outros *didal* do latim *digitus*. Este modo é hoje mais usado, mas um, e outro tem exemplos.

Defensa e *defesa* confundem muitos, segundo ao vulgo. *Defensa* é para a acção de defender alguma cousa com armas, ou com palavras. Jacinto Freire Liv. 4. n. 5. « Muros de ladrilho, que mais serviam ao adorno, que

á *defensa* &c. *Defesa* é mais proprio nos casos, em que se allega justiça. Por isso desta palavra usa a nossa Ordenação Liv. 5. tit. 1. §. 2. dizendo. « *Defesa* se poderá pôr a todo o tempo pelo reo &c. » Com tudo não duvidamos que contra esta nossa doutrina appareça algum exemplo; porem nós persistimos nella, fiados em bons manuscriptos originaes que temos observado.

Deflorar e *desflorar* tem iguaes exemplos de auctoridade; e *deflorar* tem de mais o uso corrente.

Deformidade e não *disformidade*. Vieira tom. 8. pag. 222. « Circumstancia, que não só parece alheia da razão, senão ainda *deformidade*. » Deve-se seguir esta pronunciação, porque são muitos, e elassicos os exemplos.

Degradar, mais usado do que *degraduar*, de que usou Macedo no Dominio sobre a Fortuna pag. 96. « Se *degradúa* da dignidade de ter o seu Creador por amparo, &c.

Dehoiar por *deleitar* não tem exemplos de boa classe.

Deliramento e não *delirio* diziam os nossos Classicos. Brit. Monar. Lusit. tom. 1. pag. 23. « Mil fabulas, e mil *deliramentos* &c. » Presentemente prevalece *delirio*.

Demerito por *desmerecimento* é de Barros na Decad. 1.ª pag. 20. Outros muitos o seguiram, especialmente Fr. Bernardo de Brito na Chronica de Cister em diversos lugares.

Demostrar tem melhores exemplos do que *demonstrar*. Vieira, tom. 1. pag. 409, diz: « *Demostrativamente* se convence que não se acha » &c. No mesmo tomo pag. 680: « Aquelle *iste* é *demostrativo* » &c. Mas no tomo 2. pag. 447 disse *demonstrar* depois de dizer *demostrar*, quasi tendo por melhor esta segunda pronunciação, pondo-a em primeiro logar.

Demudado por *mudado* diziam frequentemente os nos-

sos auctores mais puros: « Ficando tão seguro e pouco *demudado*, que não fez mostras de fugir » &c. Monarq. Lusit. tom. 1. pag. 156.

Denunciar por *annunciar* foi muito usado em outra idade; hoje não se diz senão no sentido de declarar algum crime á justiça &c.

Departir por *partir* é de Fr. Luiz de Souza na vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 41, onde diz: « Em fim se *departiram* » &c.

Dependurar [com os mais nomes que delle nascem] e não *pendurar* se acha em Barros, Vieira e outros, aos quaes ainda seguem alguns modernos.

Derrubar e não *derribar*. Vieira tom. 1. pag. 797: « Os farizeus vieram tentar, e queriam *derrubar* a Christo » &c. Pereira, Ulyss. cant. 6. est. 65: « Vão *derrubando* os duros segadores » &c.

Descommodar, *descommodo* e *descommodado* mais seguro do que *incommodar*, *incommodo* e *incommodado*, porque na nossa lingua *des* é negativo, e equivalente a *sem*.

Desaire, e *desar* querem muitos, que se não deva confundir. *Desaire* applica-se a cousa, que não tem bom geito, ou graça; e *desar* a infortunio, ou máo successo, mas parece-nos arbitraria esta distincção.

Desaninhar por tirar do ninho, tem melhores exemplos que *desninhar*.

Desapego, e *desapegado*, e não *despego*, e *despegado*, como vulgarmente dizem os que não sabem fallar.

Desaprazer, por desagradar a alguem disse sempre Severim nas Noticias de Portugal, pag. 333. *Desprazer* tenho-o por pronunciação pouco segura.

Descarnar, melhor do que *escarnar*, que se acha em escriptores de pouca auctoridade.

Descender por *descer* não se deve usar, se bem que em poesia o traz Fária e Sousa na Fonte de Aganippe part. 3. Eclog. 6. «Com o pesado fumo la *descendem*. Outros o seguiram mas sem prudencia.

Descontinencia por *incontinencia* disse D. Francisco Manuel na sua Carta de guia de casados, pag. 19 governando-se justamente pela regra, que acima deixamos apontada, de que o negativo *des* é entre nós o mesmo que o *in* entre os latinos. Mas não se deve seguir nesta parte a este Auctor, e devemos dizer *incontinencia* por força do uso.

Desdenhar, e não *desdanhar*, que traz Lobo na Corna Aldêa pag. 97., e outros, posto que de inferior auctoridade. Este verbo vem do nome *desdem*, e deve-se pronunciar *desdenhar*.

Desgarro, e não *desgarre*, como vulgarmente se diz. Seguimos a Galhegos, poeta, que cuidou muito em seguir a pronunciação dos bons textos. «Com brio superior nobre *desgarro* &c.» Templo da Mem. Liv. 1.º est. 60.

Desgraciado e não *desgraçado* disse sempre Vieira; mas o uso presente antiquou de todo esta pronunciação.

Desimaginar e não *desmaginar*, como erradamente diz o vulgo. Brit. Mon. Lusit. tom. 1. pag. 255. «Que se *desimaginassem* desta materia &c.

Deslocar e *desnocar*, não é o mesmo; a primeira pronunciação é propria para explicar o apartamento, que faz algum osso da sua junta, e sitio natural; a segunda só é propria da deslocação da nuca, por isso alguns escrevem *desnucar*.

Desmezurado por *desmedido* usou Fr. Luiz de Souza na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, dizendo na pag. 26. «de tão *desmesurada* grandeza &c.» Hoje prevalece o *desmedido*: se bem que Bluteau pretende, que

esta palavra seja mais propria para homem *descomedido* em suas palavras, e acções.

Desnaturar em vez de *desnaturalizar* achamos na mesma Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 160, onde diz. « Chegam a *desnaturallos* &c. Grande é a auctoridade deste livro, porem maior é a do uso, que só admitte *desnaturalizar*.

Desparzido por *esparzido* trazem muitas vezes Camões e Gabriel Pereira, applicando-o ao cabello espalhado, e solto. Uma e outra pronunciação está antiquada, e só em poesia se soffre.

Despedaçado tem melhores exemplos do que *espedaçado*.

Desperdicio e não *desperdiço*, como erradamente pronuncia o povo ignorante. Brachylog. de Princip. pag. 90. « Premio anticipado ao merito é *desperdicio*.

Despresivel confundem muitos com *despresado*. *Despreivel* é só para pessoa, e cousa. Assim o observamos praticado pelos bons.

Desservir, por deixar de servir, traz D. Rodrigo da Cunha na Historia dos Arcebispos de Braga. Part. 2.ª pag. 187. « Que perdoasse ElRei a todos os que o *desservirain*. » Não o temos por desuzado, se bem que muitos o tem, apesar de diversos exemplos de Vieira, tom. 9. pag. 217.

Dessuadir e não *dispersuadir*, como dizem infinitos, que não se tem por ignorantes.

Destronar por *destronizar* já se não diz, porque se oppoz o uso commum á auctoridade de graves Auctores.

Desvariar e não *desvairar*, por que é pronunciação do vulgo.

Devação e não *devoção*, disse sempre Vieira, Brito, Fr. Luiz de Sousa, D. Francisco Manuel, e outros. Com

tudo o uso tem feito prevalecer *devoção*, e já o lemos no Portugal Restaurado, e em infinitos modernos.

Diecese e não *diocese*, diz com muitos Vieira no tom. 1 pag. 971. «Pertence a absolução ao prelado de toda a *diecese*. Os dous Brandões pronunciaram *diocese*: esta é hoje a pronunciação mais seguida, mas não é talvez a mais segura.

Diffamar parece a muitos melhor do que *infamar*, por ser a pronunciação dos bons antigos; *diffamação*, que se faz por escripto, ou trovas, diz a nossa Ordenação no Liv. 5. tit. 84. §. 1. Em outros logares diz tambem: libelo *diffamatorio*.

Discorde e não *disconcorde*, como escreveram varios Auctores de infima linguagem, escrevendo tambem *disconcordar* por *discordar*, sem advertirem na origem latina.

Discorrer e *discursar*, ambos tem bons exemplos, mas supposto pronunciarmos *discurso*, tenho por melhor o dar *cursar*, e sirva o *discorrer* para denotar aquelle que anda de umas para outras terras. Parece que era deste parecer o nosso Bacellar, quando disse. «Com tanto *discorrer* pouco *discursa*;» fallando de um homem, que tendo corrido muito mundo aprendera pouco. No tom. 4. da Mon. Lusit. pag. 91 achamos *discursar*. «Tem os capitães por obrigação *discursar* nos meios» &c. D. Francisco Manuel segue o mesmo, dizendo. «Que de vezes *discursando* aggravos me entristeço &c.»

Disparate mais seguro do que *desbarate*, que mais significa estrago, do que cousas fóra de proposito.

Dispensação tem melhores exemplos do que *dispensa*. Os Classicos diziam. «*Dispensação* do papa; *dispensação* da lei, *dispensação* dos votos &c. Ainda se devem seguir.

Dissimulação confundem muitos com *simulação*, e

até os mesmos que conhecem bem a differença, equivocam estas pronunciações. Este é vicio, aquella virtude.

Dissimulo por *dissimulação*, de que usou o Auctor dos Cristaes d'alma, pag. 106, nem em poesia o soffrem os criticos.

Distrahimento para muitos val o mesmo que *distracção*; porem para os criticos *distrahimento* só tem bom logar, fallando-se de vida solta, e de liberdade viciosa: *distracção* só significa divertimento, ou desapplicação do pensamento naquellas materias, que nos deveriam occupar.

Dobrez de animo; outros pronunciam *dobreza*, seguindo a opinião dos que querem, que devamos acabar em *eza* aquelles nomes, que em castelhano terminam em *ez*; como v. g. *estranhez*, *altivez*, *redondez*, *delgadez*, *delicadez*, *madurez* &c. Esta regra não é certa, porque posto que digamos *estranheza*, *altiveza*, *redondeza*, *delgadeza*, *delicadeza*, *madureza* &c. não dizemos *pequenheza*, *viuveza*, *prenheza*, *embriagueza*, *solideza* &c. dizendo os Castelhanos *pequeñez*, *viudez*, *prenez*, *embriaguez*, *solidez* &c.

Docissimo por *dulcissimo* disse Vieira, formando-o assim do positivo *doce*, e não do latino *dulcis*, tom. 10. pag. 460. «A nutrição *docissima* de seus peitos &c.

Dom. No plural deste nome quer Alvaro Ferreira de Vera que haja duas distinctas pronunciações, e recommenda que estas se não confundam. Entende este Auctor, que *dom*, pronome de nobreza, faça no plural *dons*, e que na significação de dadiva e beneficio faça no plural *doens*. Tem a seu favor os exemplos de Vieira no tom. 3. pag. 412, no 4. pag. 293, e 294, e no tom. 5. pag. 42, em cujos logares constantemente diz sempre «*Doens* do ceo, da graça» &c.

Dromedario e não, como vulgarmente se pronuncia, *dormidario*, ou *dormedairo*.

Duplice e não *duplex* diz o Agiologio Lusitano, por fugir á terminação em *x*. «Officio *duplice*, fallando da reza dos ecclesiasticos tom. 1. pag. 50.

E'bano é pronunciação mais segura do que *E'vano*. Leonel Costa, bom observador da nossa lingua, diz na sua traducção das Georgicas de Virgilio. «Produz a India só *ébano* negro» &c.

Ecloga melhor do que *egloga*, segundo os nossos bons poetas, e seus expositores, os quaes justamente derivaram esta palavra da grega *eclegein*, e não de *aigon*, como erradamente querem outros.

Edital confundem muitos com *edicto*; sendo *edital* o papel em que está lançada a ordem do principe, e *edicto* a determinação do mesmo soberano.

Effugio por *subterffugio*, só o temos achado atéqui no tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 190.

Eiró, peixe, e não *eiros*, como erradamente se diz.

Elle vai e não *elo vai*, quer Bluteau que se diga, mas não procede coherente, porque tratando do adverbio *eis*, diz. «*Eilo aqui*, *eila aqui*» &c. Assim é que se deve pronunciar.

Elocução oratoria e não *locução*, segundo Bluteau, e Bento Pereira. O Agiologio Lusitano, livro de linguagem pouco correcta, traz. «*Elocução* acommodada á materia» &c. Qualquer das pronunciações não é viciosa.

El-Rei. Pouco ha se tem introdusido pronunciar-se o *Rei*. Não nos podemos accomodar a esta pronunciação, tão estranha á nossa Lingua, em quanto o principe nos seus papeis publicos se assinar *El-Rei*, e estiverem por elle aquelles que melhor fallam. Entre os fautores desta novidade alguns ha que procedem com distincção, cha-

mando *El-Rei* ao principe natural, e o *Rei* ao soberano de todas as outras nações que tem este titulo. Tambem não estamos por esta distincção, e deixamo-la para os adoradores da lingua franceza, e inimigos da nacional. Sempre diremos não só *El-Rei* de Portugal, mas *El-Rei* de Hespanha, França &c., em quanto o uso constante dos sabios não estabelecer o contrario. Não duvidamos que ha occasiões em que se deve pronunciar *o Rei*, mas não é no caso em que estamos.

Emanar e não *dimanar*. « As armas de Portugal dimanam da batalha de Ourique. » Mon. Lusit. tom. 3. pag. 132. Vieira no tom. 1. pag. 403 disse tambem *emanação*, mas não o segue certo auctor vivo, que sempre escreve *dimanar* e *dimanação*.

Emancipar, *emancipado*, e não *mancipar* e *mancipado*, como frequentemente se pronuncia.

Embebecido por *embebido* traz Faria na Fonte de Aganippe, cant. 5. sonet. 36: « Que de todo estão nella *embebecidos* » &c. Não se deve usar.

Embigo e não *umbigo*, como escreveram alguns, por se derivar de *umbilicus*, e dizerem os medicos — veia *umbilical*, arteria *umbilical* &c. O Padre Madureira, cego fautor da orthographia portugueza, sempre encostado á latina, pretende que *umbilico* seja melhor pronunciação. Não obstante a sua sentença, os Classicos disseram *embigo*, e os seguem aquelles que bem fallam.

Emersão e *immersão* querem alguns criticos com Madureira que não seja o mesmo. *Emersão* é cousa que se mette na agua, e della se tira, como v. g. a criança, quando a baptisam. Rigorosamente significa a acção de mergulhar ou metter na agua. « Tres vezes [diz a Carta Pastoral do Porto, pag. 126] se lança a agua benta nas paredes, em significação das tres *emersões* do baptismo »

&c. *Immersão* pelo contrario é o que se mette na agua para ficar nella. Disto não achamos exemplo em portuguez, antes Bluteau na palavra *immersão* a confunde com *emersão*, contradizendo-se com o que diz quando falla de *emersão*. O certo é que a differença sobredita é a mesma que dão os latinos a *emergo* e *immergo*; e me parece bem que tambem no portuguez os sigamos.

Emmascarar melhor do que *mascarar*, porque assim o achamos nos escriptores que temos por seguros; porem a segunda pronunciação não a temos por viciosa.

Emmoldar por *amoldar* disse nos seus Dialogos pag. 43 Fr. Heitor Pinto, auctor benemerito da nossa lingua, onde o uso constante o não tem já por antiquado.

Emmurchecer por *murchar* achamos no poema da Destruição de Hespanha Liv. 5. est. 84; «São flores que *emmurchecem* brevemente» &c. E' pronunciação viciosa, ou [dizendo melhor] verbo barbaro.

Empellicado [nascer *empellicado*] e não *emplicado* ou *implicado*, como diz o vulgo, grande mestre de erros.

Empestar e não *apestar* acho nos auctores seguros. Observe-se Barros, Fr. Bernardo de Brito e Fr. Luiz de Souza.

Empeiorar e não *peiorar* disse D. Rodrigo da Cunha na sua Hist. de Brag., pag. 208: «Do remedio foi peçonha para *empeiorar*. Foi seguido por Fr. Antonio das Chagas nas Obras Espirituaes, tom. 1. pag. 27: «Não só se *empeioram* os maus, mas» &c. Não reprovamos *peiorar* attendendo ao uso.

Emphase: melhor que *emphasis* ou *emphasi*. Os nossos antigos acabavam em is todas as figuras da rhetorica, que em latim terminam nas mesmas letras; e assim diziam no singular: *antiphrasis*, *periphrasis*, *hipotaposis*, *enfilesis*, *protalepsis* &c. Hoje qualquer destas palavras

devemos termina-la no singular em *e*, e no plural em *es*, seguindo aos que melhor pronunciam.

Empigem, menos seguro do que *impigem*, porque vem da voz latina *impetigo*.

Empireo [ceu dos bemaventurados] e não *Empirio* ou *Impirio*.

Emplumado e não *emprumado*, posto que o diga o purissimo Fr. Luis de Souza na sua Hist. part. 2. pag. 244: «Cabeças *emprumadas*» &c. Venceu o uso, que constantemente diz *Emplumado*.

Empossar [tomar posse], e não *apossar*, diz Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 165: «*Empossar-se* do seu patrimonio» &c.

Emprasto e não *emplastro* diziam os nossos bons antigos: hoje parece pronunciação viciosa, porque prevaleceu *emplasto*. Dizer-se *emplastro* é erro.

Emprender e não *emprehender*, por tomar a resolução de fazer alguma cousa.

Empuxar e não *empurrar*: *empuxão* e não *empurrão*.

Encalho e não *encalhe* achamos nos mais correctos auctores de medicina.

Encavalgar a artilharia, e não *cavalgar*, disse sempre Jacinto Freire. Vide o Liv. 2. n. 100. «Chegaram a *encavalgar* algumas peças» &c.

Encender não tem os bons exemplos que tem *accender*.

Encendido [fogo] não o acho em Classico, como se acha *aceso*. *Encendido* é só para denotar côr vermelha ou côr de fogo.

Encruecer e *encruar* tem exemplos nos livros de medicina.

Enfadoso, mais do que *enfadonho*, achamos nos bons textos da Lingua. «O tempo da vida tão *enfadosa*» &c. disse Lobo na Corte na Aldeia pag. 178.

Enfatuar melhor do que *infatuar*, segundo o observamos em Vieira, que talvez foi o inventor desta palavra no tom. 2. pag. 228 e 229.

Enojado e não *anojado*, pronunciação plebea, de que usaram não poucos auctores.

Ensenhorear se acha muitas vezes na Mon. Lusit. *Senhorear* é o usado.

Entendente e *intendente* costumam muitos confundir. *Entendente* é o que percebe bem alguma cousa. « Pessoas *entendentes* » diz Fr. Luiz de Souza no tom. 1. pag. 351. *Intendente* é o que tem a seu cargo cuidar de alguma cousa; v. g., *Intendente* da fazenda real &c.

Entrepresa, melhor do que *interpresa*. Vieira tom. 1. pag. 632: « Resolve El-Rei manda-lo tomar dentro da cidade por uma *entrepresa* » &c. Duarte Ribeiro de Macedo, auctor Classico, no seu Panegirico á Casa de Nemurs, pag. 48, traz *interpresa*, mas creio que foi erro da impressão.

Entretenimento e não *entretimento*, de que usou o auctor dos Cercos de Malaca, pag. 53: « Nestes *entretimentos* de gosto seu » &c. *Entretenimento* é de Jacinto Freire, Vieira, e Duarte Ribeiro, em diversos logares das suas Obras.

Enviesado e não *enviosado*, como diz o povo ignorante, fallando de cousa que não é cortada ao direito.

Enxovalhar e *ensovalhar*: uma e outra pronunciação tem bons exemplos, especialmente a segunda. Os que dizem *enxovalhar* tem a seu favor a D. Francisco de Portugal, que no livro Prís. e Soltur. &c., pag. 20 disse: « Flor que os olhos nunca *enxovalharam* » &c.

Epitéto com o *e* longo e não breve, postoque no latim o tenha. Assim pronunciou Jacinto Freire na Fabula de Polifemo, dizendo na est. 1.ª: « Lascivo este *epi-*

léto me parece» &c. A pronunciar com a penultima breve ficaria o verso errado.

Ermitão melhor do que *hermitão*; assim como não dizemos *ermita*, mas *eremita*, deduzido do latim *eremus*, e não do portuguez *ermo*.

Erradicar em vez de *desarraigar* não é portuguez seguro.

Erriçar melhor do que *arriçar*, porque vem da voz franceza *herisser*. Os que fazem proceder este verbo de *arrigo*, como foi Gabriel Pereira, dizem *arriçar*: «A varia pelle *arriça*, e fogo espira» &c. Ulyssea, cant. 6. est. 74.

Error por *erro* só em poesia epica se soffre, com o exemplo de Camões no cant. 10. est. 122.

Erysipela com a penultima longa, porque vem do grego *erícin*, que significa *attrahir*, e de *pellas* que val o mesmo que *perto*. O vulgo, e com elle muitos que o não são, pronunciam *ersípela*.

Escarnecer e não *escarnicar*, porque é pronunciação da plebe.

Escrupulisar e não *escrupulear*, como traz Bluteau, e é o unico auctor onde o temos achado. No caso que *escrupulear* tenha exemplo seguro, o uso está contra elle.

Escuridade e não *escuridão*. *Obscuridade* tem raros exemplos seguros.

Esfamiado, *esfomeado* e *esfaimado*. De todos estes modos o achamos escripto, mas só temos por genuina a terceira pronunciação, por ser de Vieira, tom. 3. pag. 91: «Aquelle concurso de pretendentes *esfaimados*» &c. Se Madureira Feijó víra este exemplo, não preferíra *esfamiado*.

Esparecer disseram sempre os melhores Classicos, e não *espairecer*, como hoje vulgarmente se diz.

Espertador e não *despertador* achamos nos bons, porque diziam *espertar* e não *despertar*. Vieira no tom. 1. pag. 159: «Sendo tantos os *espertadores* deste desengano» &c. Porem *despertador* é já de Francisco Rodrigues Lobo, auctor recommendavel nas propriedades da Lingua. Esta pronunciação é hoje a mais seguida, mas não são poucos os que ainda seguem a Vieira.

Esplendente em vez de *resplandecente* traz Antonio Ferreira nas suas Poesias, pag. 151: «Não de marmores altos *esplendentes*.» Nem em linguagem poetica quererão alguns criticos admitir esta pronunciação.

Esposorios e não *desposorios* acho em Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 168, e em outros logares; mas já se não deve dizer, porque não quer o uso. *Esposoiros* que trazem algumas das nossas antigas Chronicas, ainda é mais antiquado.

Espumoso e não *escumoso* disseram alguns dos nossos auctores, que melhor fallaram. Jacinto Freire na Fabula de Polifemo e Galatea. «Onde o *espumoso* mar Siciliano» &c. Gabriel Pereira na Ulyssea, cant. 1. est. 89: «De licor cheios *espumoso* e leve» &c. Qualquer destes poetas podia pôr *escumoso*, pois que a differença estava só em uma letra. Na prosa achamos tambem *espumoso*: «é um espirito ou corpo *espumoso*» diz Fernandes na Alma Instruida, tom. 2. pag. 404. «Electuario com mel bem *espumado*» &c. Luz da Medicina, pag. 194, livro que os criticos tem acceitado para as vozes facultativas. De *escumoso* é que ainda não descobrimos exemplo que faça auctoridade. Não obstante isto, *escuma* ou *escumoso* é o que hoje dizemos, porque assim o quiz o uso, senhor despotico nestas materias.

Esquinancia e não *esquinencia* lemos em alguns livros de medicina, aos quaes, seguindo Francisco Rodri-

gues Lobo disse na sua Corte na Aldeia, pag. 111: « Tendo uma *esquinancia*, não usava outro remedio » &c. Comtudo prevaleceu hoje pronunciar *esquinencia*, não obstante ser *esquinancia* pronunciação mais chegada á palavra grega *Synanchi*, donde se deriva.

Estabilicidade e não *estabilidade* disseram alguns, governando-se pela palavra *estabelecimento*; porem *estabilidade* é o que se acha sempre em Vieira e outros semelhantes.

Estalído melhor do que *estalo*. Galheg. Templ. da Memor. Liv. 4. est. 98: « Sôa do açoute o gemino *estalído* » &c. Dizer *estralo* é pronunciar como o vulgo.

Estamago e não *estomago* diziam os Classicos, mas prevaleceu dizer-se *estomago*, e já Brito assim o escreveu na sua Mon. Lusit. tom. 1. pag. 189, dizendo: A quem esta nova não fez bom *estomago* » &c.

Estanco ou *estanque*. Esta segunda pronunciação só a achámos duas vezes na Corte na Aldeia, pag. 142 e 145. Vieira no tom. 10. pag. 221 só usa de *estanque*, para explicar um navio bem cerrado, sem entrada para agua, e capaz de navegar: « Como se o vaso da nau fôra mais bem calafetado e *estanque* » &c. A primeira pronunciação é a dominante.

Estear eu não confundira com *estiar*. Servira-me do primeiro verbo na significação de pôr esteio a alguma cousa para ficar mais firme; v. g., *estear* uma casa, por apontoar ou *espeçar*: se bem que o dito verbo se vai antiquando. Dissera *estiar* por acabar de chover, e ir-se fazendo o ceu sereno, como no tempo do *estio*. Isto mesmo seguem os bons intelligentes da Lingua, a quem consultamos.

Estortor dizem os livros de medicina, e não *extortor*, como vulgarmente se pronuncia, fallando-se da respiração de um moribundo.

Estilar e *estilação* melhor do que *destilar* e *destilação*; assim o achamos nos livros mais correctos de medicina, e até o Padre Vieira no tom. 1. pag. 858 nos ministra um exemplo: « O chorar é o *estilado* da dor » &c. Em Vasconcellos, Notic. de Portug. pag. 231 achamos a mesma pronunciação: « As horas que hão de *estilar-se* no alambique » &c. Estilar por costumar não querem dizer os rigoristas.

Estellicidio e não *estallicido*, como dizem os ignorantes. Observem-se os auctores medicos, que melhor fallaram.

Estorvar e não *estrovar*, como erradamente diz o vulgo.

Estrago e não *destrago*, á maneira da plebe.

Estripar e *extirpar* são pronunciações que os ignorantes a cada passo confundem, dizendo indifferentemente uma por outra. *Estripar* é tirar as tripas fóra. Barros, Decad. 2.ª pag. 46: « *Estripando* o touro uns cães » &c. *Extirpar* é arrancar até ás raizes. Varella, Núm. Vocal, pag. 547: « Se estes não desagradam por *extirparem* os vicios » &c.

Esvaicimento melhor do que *esvaimento*. Chagas, Obras Espirituaes, tom. 2. pag. 460: « Porque me cresceram os *esvaicimentos*. » Outros querem que *esvaicimento* sirva melhor para denotar *desvanecimento*, e pelo contrario *esvaimento* para significar *desmaio*; de maneira que *esvaccido* é o mesmo que vaidoso, e *esvaido* o mesmo que desmaiado. Não faltarão exemplos que comprovem esta distincção. No Prologo da Mon. Lusit. achamos: « Não sou eu tão *esvaccido* que imagine me persegue a inveja » &c. Chagas no tom. 2. das Cartas, pag. 360 diz: « No brilhar *esvaido* luzimento » &c.

Exacção e não *exactidão*, como muitos dizem e escrevem.

Exasperado e *desesperado*: de tudo achamos exemplos, mas sendo antigamente mais usado pronunciar-se *exasperado*, hoje tem prevalecido dizer-se *desesperado*.

Expedição e *expediencia*. O primeiro modo de pronunciar é do uso presente: o segundo, que não temos ainda por antiquado, é de Brito no tom. 1. da Monarch. Lusit. pag. 307: « Tratou seus negocios com gentil *expediencia* » &c. Seguiu-o D. Francisco Manuel nas Epanaph. pag. 185, dizendo: « Os principes se accommodam a menear suas *expediencias* e negocios » &c.

Experto e *esperto* não se devem confundir, antes expressar muito a pronunciação do *ex* e do *es*, porque *esperto* val o mesmo que *experimentado*: Mon. Lusit. tom. 1. pag. 55: « Alguns soldados *expertos* nos passos das montanhas » &c. Corte na Aldeia, pag. 139: « *Experto* nos da mercancia » &c. Pelo contrario *esperto* val o mesmo que *acordado* do somno, ou *vivo* e *engenhoso*. « Tão *esperto* e bem temperado » diz Lobo na Corte na Aldeia, pag. 222.

Expiar e *espiar* tem notavel differença, e não se deve confundir a pronunciação do *ex* com a do *es*; porque *expiar* é reparar o desatino de um crime com acções satisfactorias. Duarte Ribeiro de Macedo, auctor de polidissima linguagem, na vida da imperatriz Theodora, diz na pag. 79: « Passou seis annos em *expiar* a idolatria do imperio » &c. Pelo contrario *espiar* é observar clara ou occultamente o que se passa. « *Espiar* os desenhos do inimigo » &c. dizem as nossas Ordenações militares.

Expulso e *expulsado* ambos tem exemplos seguros, porque se acham em Vieira. De *expulsado*, que é em que póde haver mais duvida, usou elle no tom. 4. pag. 491, dizendo: *Expulsados* das missões do Maranhão &c.

Facto: deve-se exprimir bem o *ct*, para não se equivocar com *fato*, roupa de vestir, ou alfaias de casa. Não ha palavras que, tanto como estas, se confundam a cada passo na pronunciação; por isso não é inutil esta advertencia.

Fadario e não *fadairo*. E' mui commum no vulgo pronunciar erradamente em *airo* as palavras que terminam em *ario*; v. g., *vigairo*, *rosairo*, *salairo*, *relicairo*, *escapulairo*, *lapidairo*, *campanairo*, *armairo*, *sacrairo* &c. Algumas destas palavras assim as pronunciavam os bons Auctores antigos: hoje é erro.

Fagueiro mais seguro do que *afagueiro*, não obstante vir de *afago*. Na Corte na Aldeia pag. 311 lê-se *fragueiro*; porem é erro da impressão, porque mais adiante vem *fagueiro*.

Farçante e *farcista*, o que representa farças theatraes. De *farcista* usou o Padre Lucena na Vida do Santo Xavier, pag. 514. De *farçante* Francisco Rodrigues Lobo na Corte na Aldeia pag. 278. Uma, e outra pronunciação se admitte; porem a primeira parece mais coherente com a de *comediante*, *representante* &c.

Farroma e não *farromba*, como diz a plebe, de cuja classe é esta palavra.

Fartum [doce] e não *farte*, como de ordinario se pronuncia.

Fasces: deve-se pronunciar bem o primeiro *s* para se não confundirem com *faces*, como frequentemente se equivoca. *Fasces* são as insignias dos antigos magistrados romanos; de que usou Brito na Mon. Lusit. tom. I pag. 216. « Levando maior guarda, e mais *fasces*, do que as leis permittiam » &c. *Faces* ou são as do rosto humano, ou a fachada de um edificio, ou a parte dianteira de qualquer cousa relativamente á que lhe está opposta, e não fica á nossa vista &c.

Fastiento e *desfastiento* e não *enfastiento* é *desenfastiento*, se houvermos de seguir ao P. Bluteau, allegando com João de Barros, que na Decad. 1. pag 814 disse *fastiento*.

Fasto [por pompa] melhor do que *fausto*. Vieira nos Annos da Rainha &c. pag. 28 diz. «A Magestade sem ostentação, o senhorio sem *fasto*» &c. *Fausto* propriamente é synonimo de *feliz*. «Dia *fausto*, annos *faustos*, noticias *faustas*» &c.

Fatiar e não *esfatiar*, dizia o insigne Barros, Decad. 2. pag. 11. «Era logo *fatiada*» &c. Hoje o uso não o ha de soffrer.

Fatigar e não *fadigar* é de todos os classicos, os quaes pelo contrario disseram *fadiga* e não *fatiga*.

Febra por *fevera* traz Faria na Fonte de Aganippe, Canç. 19. pag. 36. «Feliz Arabia, donde em fertil copia. — De ouro em *febras* subtiz prolixa fia &c. Talvez assim pronunciaria por sincope; mas a usar da liberdade desta figura, devia escrever *fevra*, por que dizemos *fevera*, e não *febera*.

Felix e *felice*: de tudo ha bons exemplos, contra o parecer do P. Madureira na sua Orthografia. Tambem se pode dizer *felicemente* com a auctoridade de Fr. Luiz de Sousa, e outros classicos, cujos exemplos não transcreveremos, por não sermos prolixos em cousa de pouca controversia.

Felpado por *felpudo* achamos na Fonte de Aganippe tom. 4. pag. 66. «Quando a fera velos mais que outra alguma me recolheo em seus felpados braços» &c. Manoel de Faria foi mais feliz no castelhano, que no portuguez.

Femeal por *feminil* disse D. Francisco Manuel na Carta de Guia de Casados, pag. 66. Não está em uso.

Feridade por *fereza* apenas se permittirá hoje em poesia com o exemplo de Camões, Cant. 3. est. 128. «Poem-me onde se usa toda a *feridade*» &c.

Festival é antiquado: diz-se *festivo*. A terminação em *al* ainda se pode admittir em poesia, como admittia a Academia dos Anonymos. Veja-se a collecção das suas obras metricas.

Filhação e não *filiação*, dizia Fr. Bernardo de Brito, como facilmente verá quem ler a sua Chronica de Cister, e os seus tomos da Monarquia Lusitana. O Arcebispo D. Rodrigo da Cunha também observou a mesma pronunciação, dizendo na Historia dos Bispos de Lisboa, pag. 75. «Faze-lo da *filhação* de Premonstrato» &c. Hoje é mais seguro dizer *filiação*, postoque não temos por antiquada a outra pronunciação.

Filigrana «pertendem muitos, que seja a pronunciação genuina, e não *filhegrana* ou *filhagrana*. Assim o escreveo Bluteau, Madureira, e outros seguindo a Bento Pereira, que se encostou á pronunciação castelhana.

Filosomia posto que se ache em Brito na sua Chronica de Cister, pag. 466, não se deve já usar, e devemos dizer *fysionomia*.

Fineza por delgadeza, e não *finura* como dizem muitos presumidos de cultos. Não sabemos, em que Auctor o acharam.

Flamengo e não *framengo*, postoque assim o pronunciassem por muitos tempos os nossos antigos.

Flandres e *flandes*. Da primeira pronunciação ha muitos exemplos, e ainda a achamos em Severim nos seus Discursos, pag. 2. Napoles, Milão, e *Flandres* &c. Da segunda, que segue Bluteau, temos diversos exemplos em D. Francisco Manuel. «Soccorrer de gente Hes-

panha aos estados de *Flandes:* Epanaph. pag. 488. Estamos mais pela primeira pronunciação.

Flatoso por *Flatulento*, que traz Bluteau, não tem exemplo que se siga. Em poesia poder-se-ha supportar.

Flecha é hoje mais seguro do que *frecha*, se bem que ainda ao presente tem seus defensores.

Fleima e não *fleuma*, parece pronunciação do vulgo; mas quem consultar os classicos, verá, que é a genuina, assim como também *fleimão*, e *fleimatico*. A plebe diz *friema*, e os presados de cultos *flegma*.

Florido com a segunda syllaba breve se applica ao engenho, ao estilo, á idade &c. *Florido* com a segunda longa val tanto como *florecido*, ou que está em flor: arvore *florida*, campos *floridos* &c.

Fluxo e *fluxão* [termos medicos] tem differença. Dizem os da faculdade *fluxo*, v. g. de sangue; e *fluxão* de olhos, de peito &c. *Fluxo*, absolutamente fallando, é abundancia de humores superfluos, que a naturesa descarrega: e *fluxão* é transmissão de humor de uma parte para outra.

Follego [respiração] e não *folgo*. E' de todos os classicos.

Formosear e não *aformosear*, querem os criticos que se diga, e pertendem igualmente que se pronuncie *formoso* e não *fermoso*, posto que assim se pronunciasse no seculo passado. Bluteau é de contrario parecer, e sempre diz *fermosear*, e *formoso*, seguindo os bons antigos.

Formulario e não *formulorio*, disse Vieira no tom. 2. pag. 21., e no 3. pag. 224., e no 10. pag. 410. O contrario dizem frequentemente pessoas, que não são povo, mas não sei com que fundamento.

Fortum e não *fartum*, como ignorantemente diz o vulgo. Seguimos a pronunciação do P. Bluteau, porque

ainda não descobrimos nos classicos esta palavra, que talvez se deriva de *forte*, por significar cheiro desagradavel, que mui fortemente offende o olfato.

Fragosidade e *fragura*: do primeiro modo de pronunciar temos exemplo no Agiologio Lusitano tom. 1. «Rodando pela *fragosidade* da serra &c. Do segundo achamos exemplo no Portug. Restaur. Part. 1. pag. 219. «Fundados nas *fraguras* de suas montanhas» &c. Este historiador tem mais auctoridade entre os criticos sobre a propriedade da lingua.

Fralda e não *falda*, é mais frequente nos classicos. Jacinto Freire na Fabula de Polifemo, est. 1. «Do Lilibeo as *fraldas* emudece, monte com *fraldas*! quem lhe tece o panno?» &c. Camões na Ode 7.ª seguindo a origem italiana disse *falda*, e foi seguido por Manoel de Galhegos. Porem *fralda* é quasi de todos os outros textos, como Brito na Mon. Lusit., Lucena na Vida de Santo Xavier &c. Pode-se seguramente usar de uma, ou outra pronunciação.

Franqueza por *franquia*, postoque se ache em bons Auctores, já não é usada. Muitos tem a *franquia* por palavra moderna, sendo tão antiga, que já della usou Fernão Mendes Pinto na pag. 37.

Franta e não *flauta* disseram os nossos bons poetas, aos quaes seguiu sempre Vieira. «Na tibia, que é uma trombeta *frautada* &c. tom. 5. pag. 190.

Frenezim e não *farnezim*, como viciosamente disse Fr. Simão de Santa Catharina. «Respondi-lhe, tendo dó do *farnezim*, que vos deu &c. Oraç. Academ. pag. 337.

Frescura e *fresquidão* ambos são usados em um mesmo sentido. *Frescura* de campos é de D. Rodrigo da Cunha na Hist. dos Bispos de Braga, pag. 387. *Fresquidão* do rio é de Barreiros na Corograf. pag. 27.

Frialdade [por tibieza] não é tão proprio como *friesa*, segundo Francisco Rodrigues Lobo, que disse no seu Pastor Peregrino «*friesa* no discurso &c.

Froco e *flooo* [cordãosinho tecido de seda &c.] Pertendem muitos, que se deve seguir a segunda pronunciação, porque vem do latim *flocus*, a quem se encostaram os francezes dizendo *floc*, e os castelhanos pronunciando *floco*. Não despresamos esta opinião, em quanto da contraria não acharmos bom exemplo.

Frondente por *frondosa* só em poesia se admitte com o exemplo de Camões, no Cant. 9. est. 57. «Tem com *frondente* coma ennobrecidos» &c.

Fruta e *fruto*: ha nesta pronunciação grande variedade de pareceres. Fr. Luiz de Sousa usou de *fruta*, fallando de pomares, e quintas. Francisco Rodrigues Lobo na sua Primavera diz. «Pereira, que apontava muito *fruto*.» Supposta esta diversidade, com que pronunciaram os bons Auctores, querem os cultos, que se use da palavra *fruto* para explicar as producções annuaes da terra que provem de semeadura, e que assim se diga, o campo deu *fruto* &c. Pelo contrario querem, que se chame *fruta* ao producto comestivel das arvores. Nós o que dizemos é, que observe os bons Auctores, quem não quizer confundir esta pronunciação, porque o sobredito parecer dos criticos tem nos exemplos classicos bastantes contradicções. Se houvessemos de dar a nossa sentença, diriamos, que sendo aliás estas palavras na realidade synonimas, se chamasse sempre *fruto* ás producções do campo; v. g. trigo, legumes &c. e *fruta*, ou tambem *fruto* no que produzem as arvores depois da folha, e da flor.

Frutar e *fruthficar*, vindo da mesma origem tem diversa accepção. *Frutar* serve no sentido metaforico, valendo o mesmo que *render*; v. g. «não *frutou* o negocio

a diligencia » &c. *Frutificar* serve no sentido natural; v. g. *frutificou* o campo, a vinha &c.

Fugaz, e *fugace*. Camões no Cant. 9. est. 63 disse. « Aqui a *fugace* lebre se levanta &c. No Poema da Malaca Conquistada. Liv. 12. est. 22 achamos. « Quasi da alma *fugaz* desamparada » &c. Esta pronunciação é a seguida.

Fuligem e não *ferrugem*, querem muitos, que se deva chamar áquelles partes volateis, e terrestres da lenha, que fázem negro o interior da chaminé, e que *ferrugem* sirva só para explicar a corrupção do ferro, e de outros metaes, causada das partes humidas, e acidas, que nelles se contem. Vieira parece que patrocina a pronunciação de *fuligem*, dizendo no tom. 5. pag. 516. « Entre estes grandes vasos *fuliginosos*, e tisnados » &c. A querer preferir *ferrugem*, podia dizer *ferruginosos*. Porem não obstante estas distincções o uso diz constantemente *ferrugem*, e aboliu *fuligem*.

Fumar por *fumegar* tem exemplos, que bastam para defender a quem usar desta pronunciação, especialmente se for em poesia.

Fumarada por *fumaça* é de Vieira no sentido figurado. « Na cabeça de Michol tantas *fumaradas*, na de David nenhum fumo » &c. tom. 2. pag. 7. Barros na Decad. 3. pag. 48 tambem usou de *fumoso* por desvanecido.

Fundura em logar de *profundeza* disseram tres bons Auctores. Brito, Mon. Lusit. tom. 1. pag. 144. « Uma rotura na terra, a immensa *fundura* da qual » &c. Cunha, Hist. dos Bispos de Lisb. pag. 67. « Pasma a vista, se olha a *fundura*, que se deixa cahir sobre as aguas » &c. Fr. Heytor Pinto, Dialog. pag. 44. « Mettidos n'um abismo, e *fundura* de pensamentos » &c. Apesar destas auctoridades não podemos usar hoje de tal pronunciação.

Furunculo [tumor] o vulgo diz *frunculo*, e *frunicho*.

Gajas e *gages*. Do primeiro modo disse Severim nas suas Noticias de Portugal, pag. 119. « Por este trabalho manda El-Rei, que lhe dem os fidalgos suas *gajas* » &c. Do segundo modo diz o tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 62. « Levaram assentamentos e *gajes* » &c. Esta pronunciação é mais usada.

Galanice [exercicio do galan] era no seculo passado synonimo de *galanteio*. Usou-o Fr. Antonio das Chagas nas Obras Espirituaes. Part. 1. pag. 448. Presentemente não tem uso, e diz-se *galanteio*.

Galante por *gulan* achamos entre outros livros no da Corte na Aldeia, Dialog. 11. pag. 224. « Musico pintacilgo, que fino *galante* da alva » &c. mas tem prevalecido dizer-se *galan*.

Galeria e não *galaria*, como erradamente diz o povo.

Galopear e não *galopar*, se acha nos que escreveram da Arte da Cavallaria; porem como procede, ou do italiano *galoppare*, ou do francez *galoper*, não se deve estranhar a pronunciação de *galopar*.

Gangrena e não *cangrena*, como muitos pronunciam, se acha nos livros de medicina, escriptos por Auctores intelligentes da lingua.

Garabulhas e não *garavunhas*, isto é, má letra, que não se pode ler. Deriva-se da palavra italiana *garbuglio*, que quer dizer *confusão*. Porem contra o parecer de Bluteau parece que será hoje estranhada esta pronunciação, assim como em vez de *sarabulhento*, dizer-se *garabulhento* como disse Godinho na sua Viagem da India, pag. 19. « Trazem contas ao pescoço de certas frutas *garabulhentas* » &c.

Garavato e *gravato* querem alguns, que tenha differença, pronunciando *garavato* ao guncho, em que se

pendura a candêa, e *gravato* a um paosinho seco, equeimado. Os que assim distinguem, allegam para a primeira pronunciação com Francisco Rodrigues Lobo em diversos logares das suas obras; e para a segunda com o P. Fernandes na Alma Instruida, tom. 2. pag. 194, onde diz: « Um coelho, que se espetou em um *gravato* queimado.

Gargarisar e não *gargarejar*, é o que se acha nos bons livros de medicina, derivando-o do grego *gargarizein*, ou do verbo *gargarisare*, de que usa Celso. Como dizemos *gargarejo*, só os muito escrupulosos poderão reparar em se dizer *gargarejar*.

Gasnar, e *grasnar*. A primeira pronunciação é de Diogo Fernandes na sua Arte da Caça: a segunda é de Vieira no tom. 2. pag. 112, e em outros logares. Esta é a que seguimos, contra a opinião de alguns, que ainda se não acommodam com o uso.

Gasnate, [parte do pescoço] e não *gasnête*, como erradamente pronuncia a plebe.

Gatear por *engatinhar-se*, é de Brito na Hist. Brasilica, pag. 449. « *Gateando* pela faxina sobiram » &c. Este Auctor é moderno; mas não despresado dos criticos na pronunciação correcta; com tudo não está adoptado este verbo.

Gasalhado e não *agasalho*; é o que acho em varios logares da Mon. Lusit., na Hist. de S. Domingos, nas Obras de Francisco Rodrigues Lobo, nos Sermões de Vieira, e em outros livros de igual auctoridade. Porem hoje pertendem muitos que seja antiquada esta pronunciação.

Gemini [signo celeste] pareceu a Bluteau, e a Avellar na sua Chronographia pronunciação mais segura do que *geminis*, de que usa Teixeira nas suas Noticias Astrologicas.

Genebra tem melhores exemplos do que *genevra*, se bem que devia prevalecer esta segunda pronunciação, visto em latim dizer-se *genipa*.

Genizero, *genizaro*, *janiçaro*, e *janizaro*: tudo se acha em bons Auctores. *Genizero* é de D. Francisco Manuel nas Epanaphoras; *genizaro* é do Compendio Histor. pag. 4.; *janiçaro* é de João de Barros na Decad. 4. pag. 238.; e *janizaro* é de Jacinto Freire em muitos logares. Siga-se, ou esta pronunciação ou a de Barros.

Gentishomens, plural de *gentilhomem*. Faço esta advertencia ao parecer escusada, porque são infinitos os que dizem *gentilhomens*. Lobo, Corte na Aldea, pag. 298. « Os *gentishomens*, que por curiosidade vem a saber o estilo, e gentilezas de côrtes estranhas, » &c.

Genuflessorio [logar para estar commodamente de joelhos] e não *Genuflectorio*, como vulgarmente se diz.

Gira [linguagem dos vadios] e não *giria*, segundo a errada pronunciação do vulgo. Assim o diz Bluteau, fazendo proceder esta palavra de *gira* voz arabica.

Golelha chamam muitos á *golilha*, em que são prêsos os soldados; mas é erro, por que *golelha* é o mesmo que em latim *isophagus*.

Golotão e não *glotão*; só se fôr em poesia pela liberdade da sincope.

Golotonaria e não *Glotonia*, [segundo Bluteau] traz Leonel da Costa no Commento ás Georgicas de Virgilio pag. 109. « A *glotonia*, e desejo de comer muito » &c.

Gotear melhor do que *gotejar*. Assim o usa Fr. Luiz de Souza em diversas partes da sua Historia. « A agua espalhada cahe *goteando*, e representa semear lagrimas ou derramar aljofres. Part. 2. pag. 55.

Gradulem [cor] costumam dizer os cultos, e não *gradulem*, como pronuncia o vulgo. *Gridelem* seria a pro-

nunciação mais propria, por ser palavra que vem da franceza *gris de lin.*

Gratificio por *gratificação* não se pronuncía, e só se podia achar esta palavra no livro, Ramalhete Juvenil, obra de inferior nota, assim em poesia como em linguagem: « Que importa o *gratificio* para se repetir o beneficio » pag. 81.

Groza em logar de *glosa* é pronunciação de todo antiquada, postoque se ache na Corte na Aldeia, pag. 334: « As vossas razões menos dão logar a *grozas*, que a invejas. » Bluteau não despresa esta pronunciação, e só se oppõe á de *glossa* com dous *ss*, dizendo que não é tão usada. Nós achamo-la em Vieira no tom. 1. pag. 729, onde diz: « A *glossa* interlineal explicou o modo » &c.

Gurupa do cavallo acho em uns auctores, em outros *garupa*. Esta pronunciação é a que tem mais seguros exemplos.

Harmoniaco por *harmonico* traz Antonio de Souza de Macedo na Dedicatoria do seu livro *Dominio sobre a Fortuna*, pag. 2: « Nome sonoro ao ouvido, *harmoniaco* ao espirito » &c. Esta pronunciação tem mais uso em poesia.

Hastea, *hasta* e *haste*: de tudo ha exemplos; porem a favor de *hastea* achamo-los mais classicos, contra Madureira, que na sua Orthographia quer só que se pronuncie *hasta* ou *haste*. Os exemplos em que nos fundamos são de Vieira no tom. 2. pag. 276, e de Manuel de Galhegos no seu Templ. da Memor. Liv. 2. est. 159: « Quebrado o ferro, a *hastea* em partes rota » &c.

Heresia e *heregia* acho nos melhores auctores, não obstante dizermos *herege*. Vieira no tom. 9. pag. 103 defende a primeira pronunciação, dizendo: « A *heresia* é peccado contra a fé » &c. Quem tiver lição deste auctor acilmente achará outros exemplos de *heregia*.

Hirsuto e *hirto* confundem muitos, quando rigorosamente fallando tem differença. *Hirsuto* é cousa erriçada, arrepiada, ou aspera e inculta. Camões no cant. 4. est. 71: «A barba *hirsuta*, intonsa, mas comprida» &c. *Hirto* val o mesmo que teso, e não flexivel. Leonel da Costa, Comment. a Virgil. pag. 10: «Tal é o frio, que os vestidos no corpo se fazem *hirtos*, de modo que mais parece se podem quebrar, que cortar» &c.

Humiliação e *humilhação:* o primeiro modo de pronunciar é entre outros do Padre Lucena na Vida do Santo Xavier: o segundo é de Varella no seu Num. Vocal, pag. 316. Este auctor é de inferior auctoridade entre os criticos da pura pronunciação portugueza. O primeiro é de melhor classe.

Humilimo e não *humilissimo* é que acho em Camões no cant. 4. est. 64: «Tornou em baixa e *humillima* miseria» &c. *Humildissimo* disseram alguns antigos de inferior nota. De *humilissimo* descobri um só exemplo seguro em Vieira no tom. 5. pag. 184: o animo *humilissimo* e modestissimo da virgem» &c.

Humilmente por *humildemente* se pronunciava no seculo passado. Bluteau seguiu o mesmo uso, quasi reprovando o *humildemente*.

Hipocondria e não *hipicondria*, como diz o vulgo ignorante.

Histerico [termo medico] e não *hesterico*, segundo a errada pronunciação commum.

Ictericia e não *tericia* achamos constantemente nos nossos auctores medicos, que recebemos por textos nas palavras da sua faculdade. Para assim pronunciarem lembraram-se da origem grega.

Illuso e não *illudido*, como frequentemente se ouve dizer aos que fallam sem correcção. Vieira, tom. 4. pag.

16: «Não *illusos*, mas illusores» &c. Em outras accepções querem alguns que se possa dizer *illudido*, cuja palavra não traz Bluteau.

Imán, carregando no *a*, e não *Iman* achamos nos melhores Classicos, e ouvimos ainda pronunciar aos mais cultos.

Imbuto não se diz, e só o lemos em um poeta ordinario: «Exercitaste alta caridade, de que era o vosso coração *imbuto*» &c. Landim, Vida de S. João de Deus, pag. 113.

Imigo, sincope de *inimigo*, nem em poesia se póde dizer, por estar inteiramente antiquado, assim como *espríto* por *espirito*, *mor* por *maior* &c.

Imminencia e *eminencia* facilmente confundem muitos, trocando o *e* em *i*, e o *i* em *e*. *Eminencia* é para explicar altura, e *imminencia* perigo que está a vir; v. g., perigo *imminente* de vida no mais *eminente* do monte. No Portugal Restaurado achamos muitas vezes *imminente* por *elevação* e altura; mas se não são erros da impressão, são muito para admirar em tal livro estes descuidos.

Immoto por *immovel* só é permittido em poesia. Camões Eleg. 1.ª: «Com gesto *immoto* e descontente» &c. Barreto, no seu Poema ao Evangelista, com o exemplo de Camões disse tambem: «Ao natural impulso *immota* esteve» &c.

Implicação é melhor do que *implicancia*, porque muitas vezes o usou Vieira: «Como quereis que caia o meu amor uma tão grande *implicação* do vosso?» &c. tom. 1. pag. 212.

Improver por *empobrecer* traz ridiculamente Landim na pag. 108, fallando da santa prodigalidade de S. João de Deus: «Nunca teu exercicio *improver* pude, que quando a outra é vicio, tu virtude» &c.

Impunido e não *impune*. Em poesia admitte-se, se basta o exemplo de Faria na Fonte de Aganippe, onde se acha tambem *impunemente*.

Incessavel por *incessante* é pronunciação á qual ainda não descobrimos bons exemplos. Em quanto as não achamos, o do livro Chrisol Purificativo, pag. 236 não nos serve.

Incomportavel querem os escrupulosos que não se possa dizer, mas só *insupportavel*; porem tem fundamento, porque o usou Lobo na Corte na Aldeia, pag. 171, e o Padre Lucena na Vida do Santo Xavier, pag. 83, imitando ambos a Fr. Bernardo de Brito no tom. 1. da Monarch. Lusit. pag. 35, onde diz: «Carregando-os de trabalhos *incomportaveis*» &c.

Incredivel por *incrivel* não tem exemplos seguros. Achamos um no tom. 3. da Mon. Lusit. pag. 122: «Homem de *incrediveis* forças» &c.

Indecoro por *indecoroso* é de Faria na sua Fonte de Aganippe, tom. 4. eclog. 6: «Offendes *indecoro* as bellas ninfas» &c. Creio que nos prudentes não terá imitadores.

Indesatavel: acha-se no livro Escola das Verdades, pag. 149, onde diz seu auctor: «Necessita-se de uma cadeia *indesatavel*. Não basta este exemplo, dizendo sempre Vieira *indissoluvel*. Veja-se o tom. 5. pag. 261.

Indive melhor do que *index*. De um e outro modo se acha no fim dos livros do Padre Vieira; mas esta variedade só a attribuimos a quem fazia o tal catalogo das cousas notaveis.

Inducção e *induzimento* tem sua differença no uso. *Inducção* é termo da logica e da rhetorica: *induzimento* é a acção de induzir a alguem a fazer alguma cousa.

Inducto por *induzido* só tem exemplo naquelles auctores que nenhum caso fizeram de correcção no fallar.

Ineptidão e *inepto*, e não *inaptidão* e *inapto*. Vieira, tom. 5. pag. 456: «Por mais *inepto* que seja» &c. Item, tom. 8. pag. 495: «Alma para a oração mais pesada, mais *inepta*» &c.

Inesperado e *insperado*: de uma e outra pronunciação achamos exemplos; porem são decisivos os de Vieira, que sempre disse *inesperado*. «Ordenou a Providencia divina *inesperadamente*» &c. Palavra de Deus Empenh. pag. 57.

Inexcrutavel e não *inscrutavel*. Vieira, tom. 3. pag. 163: «O exame *inexcrutavel* com que ali se penetram e se apuram as consciencias» &c.

Inexhausto e não *inexhaurivel*, como frequentemente se ouve dizer. Vieira, tom. 1. pag. 399: «Thesouro *inexhausto*» &c. Lea a este auctor quem quizer mais exemplos.

Inextinguivel e não *inextincto* achamos em Vieira, no seu Xavier dormindo, pag. 337: «Tão *inextinguivel* no soberano exemplar» &c. São muitos os exemplos de outros Classicos.

Infallivelidade e não *infallibilidade* quer Bluteau que se pronuncie; mas o uso tem introduzido o *b* sem rasão, pois que se diz *infallivel*, *infallivelmente* &c.

Infanta chamamos commummente ás filhas dos reis; porem temos *infante* por mais portuguez, por ter sido pronunciação dos nossos melhores Classicos, e não estar ainda abolida pelo uso. «Huma *infanta* deste reino tinha uma criada» &c. Corte na Aldeia pag. 275. Observando nós diversos manuscriptos originaes de bons auctores, achamos sempre o mesmo. Com tudo não duvidamos que se encontrem outros que digam o contrario. O que temos por inteiramente antiquado é *iffante*, como dizia João de Barros, seguido ainda por Bento Pereira.

Infério por *infernal* traz o poema da Destruição de Hespanha, Liv. 1. est. 98: « Assim como nos vãos reinos Cocytos, entre as chammas *inférias* trabalhosas » &c. Em quanto se não achar outro exemplo, nem em poesia admittimos esta pronunciação, porque a auctoridade deste poeta é de leve peso.

Infero e *supero* por *inferior* e *superior*, ou por *alto* e *baixo* acha-se na Corographia de Barreiros, pag. 200, fallando dos dous mares que cingem a Italia; porem não se admitte em proza.

Inficionado é mais seguro do que *infecto*, que só em poesia se admitte. Porem para explicar o defeito de uma geração é melhor dizer sangue *infecto*, do que *inficionado*.

Influencia e não *influição*, postoque se ache em Camões no Cant. 9. est. 86: « Por alta *influição* do immobil fado &c.

Infrequencia e *infrequente* são termos que ainda não achámos em algum Classico portuguez.

Infructuoso é pronunciação mais portugueza do que *infructifero*; porem de uma e outra se acham exemplos, se bem que de *infructifero* são mais frequentes em poesia.

Inhonesto disseram alguns: *deshonesto* é o seguro.

Inhumano e *deshumano*: de qualquer dos modos se póde pronunciar, assim como *inhumanidade* e *deshumanidade*; se bem que esta segunda pronunciação é mais conforme á indole da nossa Lingua, como já em outro logar mostrámos. Com tudo Vieira no tom. 1. pag. 642 disse: « Viviam com esta *inhumanidade* » &c. Não é só este o exemplo que nelle achamos.

Inimizar-se com alguem, e não *inimistar-se*; se bem que Bluteau pretende que se observe a segunda pronunciação.

Inobediencia tem tão bons exemplos como *desobedien-*

cia; mas os escrupulosos modernos fogem da primeira pronunciação.

Instructo por *instruido* tem muitos por palavra mais latina que portugueza; mas ignoram que usou della não só Camões no cant. 5. est. 82, mas Barros na Decad. 2. pag. 228, dizendo: «*Instructo* na doutrina de Arrio» &c. Não sei porque esta palavra se hade ir antiquando.

Insurdecencia em logar de *surdez* ou *surdeza*, dizem alguns auctores; mas como são de inferior nota não se devem seguir.

Inteiriçado e não *interissado* disse Leonel da Costa, illustrando a Bucolica de Virgilio, pag. 107: «Os vestidos se *inteiriçam*» &c. Ainda tem exemplos mais classicos.

Intemperie por *intemperança* de clima ou de humores &c. não tem exemplos seguros em prosa: nós não os achámos.

Intender e *entender* é pronunciação que a cada passo vemos confundida, indo tão notavel differença em se pronunciar com *in* ou com *en*, como sabem os que tem estudo da Lingua portugueza. *Entender* é perceber ou ter intelligencia; mas *intender* val o mesmo que crescer e augmentar, ou fazer mais intenso. Vieira no tom. 3. pag. 370: «Não receeis que a ausencia, como costuma, me haja de esfriar o amor, porque antes o ha de *intender* e accender mais» &c. E no tom. 8. pag. 256 diz tambem: «Assim como o raio do sol, se topa com um corpo opaco, reflecte outra vez para o sol, e se dobra e *intende* mais» &c.

Intrepidez e não *intrepidez* disse Vieira no tom. 7. pag. 10: «Tanto a *intrepidez* dos mortos, como a furia dos matadores» &c. Porem *intrepidez* tambem não é destituida de exemplos, posto que já mostrámos que

em portuguez é muito proprio acabar em *exa* aquelles nomes que os castelhanos terminam em *ex*, [illegible]

Intricado e *intrincado*. Esta segunda pronunciação, que hoje a muitos criticos parece viciosa, é da Malaca Conquistada, Liv. 4. est. 86: «Não ficou fóra na *intrincada* serra» &c. *Intricado* é mais seguro.

Invectiva: convem pronunciar bem o *ct*, para se não confundir com *invétiva* ou *inventiva*, que significa talento para inventar; pois que *invectiva* val o mesmo que reprehensão com palavras asperas e picantes. Desta pronunciação com *ct* diz Madureira, na sua Orthographia, que não achára exemplo algum em portuguez: é que o não procurou no tom. 3. da Mon. Lusit. pag. 90, onde se acha: «Ditos mais proprios de *invectivas*, que de historia» &c.

Inverosimel pronunciam ainda alguns, seguindo a Vieira: *inverosimil* é hoje mais seguido.

Involto por *involvido* acho em Vieira, Cartas, tom. 1. pag. 223: «Por muitas partes nos chega esta mesma queixa *involta* no mesmo receio» &c. Deve-se seguir.

Iroso diziam os bons Auctores do seculo 16.º: hoje prevalece *irado*.

Isentidão por *isenção* se acha em Fr. Heytor Pinto, dizendo nos seus Dialogos: «Parecia que era com *isentidão* sobeja» &c. Está esta pronunciação inteiramente antiquada, sendo aliás de auctor grave.

Jacaré [animal do brasil] e não *jacareo*, como ouço a muitos. A terminação em *e* domina muito em nomes proprios nas linguas americanas.

Jalea [doce] erradamente pronunciam muitos, devendo dizer *gelea*, pois se deriva do verbo latino *gelo*. *Jalea* é uma embarcação da india.

Janella e não *genella*, porque nem de *janua*, apesar

de outra extravagante derivação que lhe dá Faria, commentando a est. 49 do cant. 7. da Lusiada.

Jarretar e não *rajetar*, como erradamente se pronuncia.

Jem e não *Jesus* é o que se encontra sempre em o Padre Vieira. Não aponto logares, porque são infinitos.

Joelho e não *Joolho* ou *giolho*, como se pronunciava em outro tempo.

Jungir por *juntar* não se diz senão fallando em parelha de animaes, como disse Brito no tom. 2. da Mon. Lusit. pag. 22: «*Jungiam* dous ou quatro cavallos» &c.

Juntar tem a seu favor melhores exemplos do que *ajuntar*.

Jurisdicção. *Jurdição* diz a plebe ignorante.

Justicciro e *justiçoso* querem alguns criticos, seguindo a Bluteau, que tenha differença, e que por isso se não deva confundir uma pronunciação com outra. *Justicciro* é o rigoroso na execução das leis: *justiçoso* o recto na execução da justiça. D. Rodrigo da Cunha chamou justiçoso a El-Rei D. Pedro 1.º de Portugal, vulgarmente chamado o *crú*. Hist. dos Bispos de Lisboa, pag. 76.

Labareda e não *lavareda*: Chagas, Cartas Espirituaes, tom. 2. pag. 31: «Em qualquer *labareda* que se levante em vossas entranhas» &c. E' de todos os bons esta pronunciação.

Laberinto e *labirinto*. O primeiro modo de escrever agradou mais a Chagas: Cart. Espirit. pag. 261: «Apesar dos *laberintos* em que me vejo» &c. «Ando tambem com uns *laberintos* de que me não sei sair» &c. Ibidem. Quem pronunciar *labirinto* encosta-se mais ao latim.

Lacra [cor] e não *lacre*, como dizem os ignorantes. Faria, Fonte de Aganippe, Liv. 1. cant. 6. so-

net. 62: « Das bocas e das faces *lacra* pura aprendem rosas » &c.

Lacrimante por *lacrimoso* é pronunciação que os criticos não sofrem em prosa: em poesia ha exemplos.

Lagea, *lage* e *lagem*: qualquer destas pronunciações tem seus exemplos; porem os melhores são a favor da ultima.

Lageamento melhor do que *lagedo*. Jacinto Freire, Liv. 4. n.º 106: « O *lageamento* de pedras de cores tambem burnidas » &c.

Lagôa e não *alagôa*. Dão-se hoje por antiquados os textos que trazem *alagôa*.

Lagrimosa é pronunciação mais segura do que *lacrimosa*, que só em poesia é recebida sem reparo.

Lamento melhor do que *lamentação*, nome proprio para as tristes profecias de Jeremias. Jacinto Freire, pag. 267: « Os *lamentos* e gritos das mulheres » &c.

Lampada e *alampada*. Por mais que Bluteau faça valer a primeira pronunciação, são muitos e bons os que estão pela segunda. *Lampeda* e *alampeda* é que é erro.

Lanço [acção] e não *lance*, achamos nos melhores Classicos. Vieira tom. 1. pag. 978: « Tenho notado um *lanço* da providencia » &c. Jacinto Freire, Liv. 1. n.º 12: « Referirei um *lanço* da urbanidade » &c. Lobo na Corte na Aldeia. pag. 185: « E' *lanço* muito certo que os que se contentaram com saber pouco latim fallam mais alatinados » &c. De *lance* usa diversas vezes o conde da Ericeira no Portugal Restaurado, e presentemente abraçou o uso esta pronunciação.

Lapidar [estilo] e não *lapidario*, como erradamente temos achado em alguns livros modernos.

Lapis lazuli [pedra] é a genuina pronunciação, que o povo jámais acerta, dizendo uns *lazero*, outros *lazuri*.

Largueza é para muitos o mesmo que *largura*; quando rigorosamente nos bons textos *largueza* val o mesmo que liberalidade, e *largura* é a segunda dimensão dos corpos pertencente á superficie.

Laticlavo [vestidura senatoria] e não *latoclavo*, como vulgarmente se pronuncia.

Laudes [hora canonica do Officio Divino] e não *Laudas* acho em bons Auctores e nos manuscriptos do bispo Jeronimo Osorio, que no portuguez não foi menos correcto que no latim.

Lausperenne e não *lausplene*, á maneira do povo. Acha-se em alguns *lausperennis* sem mudança alguma do latim; mas é antiquado.

Lavadouro e *lavandaria* ambos tem a seu favor bons Classicos. Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 129 disse: «Mais geito tem de *lavadouros* de roupa» &c. Fr. Luiz de Sousa na sua Historia, part. 2. pag. 56 disse: «O lago faz *lavandaria* para os habitos e roupa» &c.

Lenitivo [composição da medicina para abrandar a aspereza da pelle] e não *linimento*, quer Madureira que se diga, trazendo-o para differença de *lenitivo*; porem o que se acha nos livros medicos é *linimento*. Veja-se o livro *Correcção de abusos*, pag. 210: «Oleos, *linimentos*, epithemas» &c.

Lentar por fazer-se lento tem exemplos mais seguros do que *lentejar*, que é termo mais proprio para trigo quando o revolvem e humedecem.

Letradura e não *litteratura* achamos em Vieira no tom. 8. pag. 529; porem *litteratura* é o que prevalece.

Levi, carregando o *i*, e não *Lévi* se deve pronunciar um dos tribus de Israel.

Levidão mais do que *levidade* acho nos bons Auctores para explicarem cousa leve, opposta á grave no sentido physico. Chagas, Obr. Esp. tom. 1. pag. 126: «A

levidão é uma qualidade, que nos leva acima» &c. Achamos *levidade* na Alma Instruida tom. 2. pag. 416; porem não é auctor tão seguro nas propriedades da lingua.

Lezira e não *lisira* ou *liziria*, como hoje dizem, achamos em João de Barros na Decad. 4. pag. 174, onde diz. «A terra, que assim é cercada, e cortada de rios, chamam os persas *ginera*, e os arabes *lezira*, vocabulo, que entre outros muitos nos ficou delles do tempo, em que senhoreavam Hespanha» &c.

Liança e *alliança*. A pronunciação do primeiro modo se acha nas Decadas de Barros, e na Monarquia Lusitana em diversos logares. A do segundo é a que prevalece, e já a usou Vieira, Duarte Ribeiro de Macedo, e outros de igual auctoridade.

Libré: Fr. Bernardo de Brito disse sempre *libréa*. Veja-se da Mon. Lusit. o tom. 1. pag. 393 «e a mesma *libréa* vestiam todos os remeiros» &c. Outros o seguiram.

Lidimo por *legitimo* é inteiramente antiquado, e já o era no tempo de Duarte Nunes de Leão, como elle mesmo affirma. Por isso não se deve seguir o exemplo do tom. 6. da Mon. Lusit., que diz. «Ao maior seu filho *lidimo*» &c.

Lista e *listra* são pronunciações, que os ignorantes equivocam muito, chamando *listra* ao papel, em que por sua ordem estão os nomes de pessoas, ou de cousas; e e *lista* ás riscas, que tem os pannos, e sedas. Nesta segunda parte ainda é mais frequente o erro, do que na primeira, enganando a muitos o chamar-se *listão*, e não *listrão* a uma fita larga, semelhante na figura ás *listras* da seda.

Livel e não *nivel* pareceu melhor a Blutteau, por trazer a sua origem da palavra latina *libella*, e apontou alguns exemplos de Serrão no Methodo Lusitano. Não obs-

tante este Auctor ter sua auctoridade, temos a *nivel* por pronunciação mais portugueza derivada do francez *niveau*. Assim o achamos em Vieira em diversos logares, e por não apontar todos, recorremos só ao do tom. 7. pag. 497 onde diz. « O ponto, a que se *nivella* o tiro » &c. Seguiu-o Brito na Guerra Brasilica pag. 349. « *Nivellando* pela treição a atrocidade do supplicio » &c.

Lobishomem e não *lubishomem* ou *lupishomem*, como traz um moderno nas suas Cartas impressas em Hollanda. Sá de Miranda, Dialog. est. 26 diz. « Que ahi cem mil *lobishomens* » &c.

Locotenente e não *lugartenente*, como hoje se diz, achamos em Vieira. « Adão em quanto senhor do mundo, com o governo de todos os animaes, era *locotenente* do mesmo Deos » &c. tom. 7. pag. 353. item. « Era em Judea *locotenente* de Cesar » &c. tom. 8. pag. 307. *Lugartenente* já o achamos em Marinho nas suas Antiguidades de Lisboa, part. 1. pag. 370, e no tom. 3. da Mon. Lusit. pag. 81. Porém os exemplos de Vieira são mais respeitaveis, pois seguiu com leve alteração a Ordenação do Reino, que no Liv. 5. tit. 87. §. 2 diz. « *Logotenente.* »

Loja dizem uns, outros *loge*, e outros *logea*; porem Bluteau só tem por segura a primeira pronunciação.

Loucura e não *louquice*, cuja palavra ainda não podemos descobrir em bom Auctor; nem no mesmo Bluteau a achamos.

Lugarinho, *lugarejo*, e *lugarete*. O primeiro modo de pronunciar é de Barros na Decad. 3. pag. 184. « Queimando as terradas, e o *lugarinho* » &c. O segundo modo é de Godinho na sua Viagem pag. 177. « *Lugarejo* de poucos visinhos » &c. O terceiro é de Marinho no Apologetico Discurso 140. « Estando Julio Cesar em um *lu-*

garete de França» &c. Qualquer destas pronunciações é portugueza; mas a terceira tem a seu favor menos exemplos, e de menor auctoridade.

Lumiar [entrada da porta] e não *liminar*, de que usou Serrão no Methodo Lusitano, pag. 149. *Lumiar* é de Barros na Decad. 3. pag. 21. Onde este Auctor não é claramente antiquado, nenhum outro lhe prefere.

Lumioso por *luminoso* achamos em Camões, cant. 10. est. 4. «Em quanto isso passar cá na *lumiosa* Costa de Asia, e America sombria» &c. Não approvamos hoje esta pronunciação, posto que Faria no Commento lhe chame *linda voz portugueza*.

Luscofusco e não *lusquefusque*, como dizem muitos, achamos em D. Francisco Manuel, Cartas, pag. 450. «Entre o *luscofusco*, que não é máo para o auditorio» &c.

Lustre e não *lustro*, na significação de luz, que reflecte de materias mui polidas, e lizas. *Lustro* é o espaço de cinco annos segundo a antiga conta romana.

Machiavel é pronunciação mais portugueza do que *machavel*, ou *machavello*, posto que esta ultima se chegue mais á genuina italiana.

Maciço e não *mociço*. Chagas, Cart. tom. 2. pag. 21, diz. «Ouro *maciço*, seguindo a Barros, que na Decad. 1. pag. 161 traz. «Como o baluarte não era *maciço*» &c. Barreiros na sua Corograf. pag. 107 segue o mesmo.

Madurecer melhor do que *amadurecer*. *Madurar* é só usado dos medicos, e cirurgiões.

Mameluco e não *mamaluco*, como alguns escreveram. Barros, Decad. 2. pag. 192 diz. «Cincoenta *mamelucos*» &c.

Manchêa e não *mãochea*, como ignorantemente pronunciam muitos presados de fallar bem.

Manear confundem muitos com *manejar*. Pronuncía mal quem diz. «Não posso *manear* as armas, o caval-

lo» &c. deve dizer *manejar*. Tambem diz mal quem pronuncia. «Não me posso *manejar*:» deve dizer *manear*; assim como, ganho pelo meu *manéio*, e não *maneja*.

Manjadoura melhor do que *mangedoura*. Assim o achamos em Auctores seguros, e em manuscriptos correctos.

Marcação e *marcagem*: qualquer destas pronunciações tem exemplos da primeira classe. Vieira tom. 3. pag. 76. «Tão politica é como isto a arte do pescador na *marcação*» &c. «Cuidando mais na penitencia de seus pecados, que na *marcagem* das velas» &c. Barros, Decad. 1. pag. 65.

Maremoto [tremor no mar] mais seguro do que *marimoto*: Lucena Vida de Santo Xavier, pag. 241. «Por um quarto de hora durou o *maremoto*» &c.

Marinhagem e *marinharia*: de qualquer dos modos se pode usar. A primeira pronunciação é de D. Francisco Manuel nas suas Epanaforas, pag. 251. «Confundio-se de sorte a *marinhagem*» &c. A segunda é não menos que de Jacinto Freire, Liv. 2. n.º 181. «Temos a vantagem dos vasos, e *marinharia*» &c.

Mariscal e não *marechal*, diziam communmente os nossos classicos: hoje é pronunciação entiquada, e o uso acceitou *marechal*, ou *marichal*, talvez com o respeitavel exemplo de Duarte Ribeiro de Macedo, que assim o traz no seu Panegirico Genealogico &c. seguindo a alguns antigos, que já usaram de *marichal*. Vejam-se os antigos genealogicos, fallando da familia dos Coutinhos.

Marôma e não *maromba*, como erradamente pronunciam muitos, concordando com o vulgo.

Masto e não *mastro*, achamos nas edições mais correctas dos nossos melhores Auctores, assim como *mastea-ção*, e não *mastreação*; *emmastear*, e não *emmastrear*.

Hoje pertendem alguns, que se diga *mastro*, mas para hirem coherentes porque não pronunciam tambem *mastraréo?*

Matadouro: nos bons textos acha-se *matadeiro*, para significar o logar, onde se matavam as rezes. Qualquer destes modos não será estranhavel, mas o primeiro tem a seu favor o uso.

Maternal, postoque mais antigo do que *materno*, ainda tem algum uso: o mesmo dizemos de *paternal*, a respeito de *paterno*, e *fraternal* em vez de *fraterno* &c. Não apontamos exemplos, porque são triviaes.

Mato e *mata* são pronunciações, que segundo alguns, andam sem razão confundidas, como se fossem o mesmo. Com effeito quem observar os nossos escriptores mais puros, e exactos na linguagem, achará pela maior parte, que chamavam *mato* áquelle logar inculto, em que nasce multidão de plantas agrestes, espessas, e baixas. *Mata* pelo contrario era para elles o bosque de arvores silvestres, onde se criam feras, e caça grossa. Mas em fim esta regra [segundo outros] não é tão certa, que não padeça uma ou outra excepção, talvez por erro de copistas, ou de correctores das impressões, confundindo nas edições de alguns livros as duas sobreditas palavras. Quem observar manuscriptos originaes de Auctores clasicos, ha de estar pela distincção, que apontamos.

Medianeiro, *mediator*, e *mediatorio*. De qualquer destas pronunciações ha exemplos em Vieira. No tom. 5. pag. 34, chama a Nossa Senhora *mediancira* entre Deus, e os peccadores. No tom. 9. pag. 103 chama a Christo *mediatorio*. No tom. 6. pag. 73 chama ao pontifice *mediator* publico entre Deus, e os homens. Osorio parece que escolheo *medianeiro*, ou *mediator*, que alguns pronunciam *mediador*.

Melancolia e não *melencolia*, ou *merencoria*, segundo a pronunciação muito antiga; pois já o era, quando Camões disse *merencorio* por *melancolico*.

Melena [gadelha comprida de cabello] e não *melenia*, como vulgarmente se pronuncia. «Cobria os olhos com a *melena* de ouro» &c. Galhegos, Templ. da Memor. cant. 13.

Melhoria, mais seguro do que *melhoras*; postoque desta segunda pronunciação se descobrem alguns exemplos em Vieira, que os criticos escrupulosos tem por erro da impressão, ou do amanuense. E' certo que o costume deste Auctor era pronunciar *melhoria*.

Menagem e não *homenagem*, disse D. Francisco Manuel na sua Carta de Guia de Casados pag. 165, e o Padre Lucena na Vida de Santo Xavier, pag. 474. Era então o usado: depois delles *homenagem* teve mais seguidores, e é a pronunciação que domina.

Mendacissimo superlativo de *mentiroso*, disse Marinho no seu Apologet. Discurs. pag. 3, mas não basta este exemplo.

Mendicidade ou *mendiguidade*, melhor do que *mendiguez*, pronunciação, a que ainda não podemos descobrir bom exemplo; mas o uso parece que a admittiu.

Mensura e não *medida*, disse João de Barros na Decad. 3. pag. 42 fallando de geographia. *Mensurar* é do mesmo Auctor, e devemos segui-lo, assim porque nos dá muitos exemplos destas pronunciações, como porque estas não estão ao presente antiquadas.

Mensura por *medida* vimos estranhar a um critico moderno condemnando-a por palavra puramente latina. Assim é, mas usou-a não menos que João de Barros na Decad. 3. pag. 42. Donde se vê que é portuguezissima, se bem que hoje sem fundamento pouco usada.

Mentecauto por *mentecapto* é erradissima pronunciação do vulgo, pois uma é o contrario da outra. *Mentecauto*, segundo a sua derivação, deve significar homem *acautelado*, prudente e judicioso. *Mentecapto* é que é homem privado de juizo. Porem de *mentecauto* na significação sobredita ainda não achamos exemplo.

Mercadejar e não *mercancear* achámos na Carta de Guia de Casados, pag. 173. « *Mercadejava* a mulher, e ganhava sempre » &c. Porem a segunda pronunciação é a que está mais em uso, e já a achamos em Brito na Guerra Brasilica, pag. 395, livro escripto com alguma propriedade de linguagem.

Mercancias e *mercadorias*, tem ambas bons exemplos, se bem que são mais os que trazem *mercancias*. O que é liberal por natureza muitas vezes faz *mercancia* da liberalidade » &c. Corte na Aldeia, pag. 272. « Dar com esperança é *mercancia* » &c. Brachilog. de Princip. pag. 144. Porem criticos ha, que tem *mercancia* por cousa diversa de *mercadoria*. Do primeiro modo chamam á fasenda que cada um compra, e do segundo á fasenda que vem no navio, ou está na loja para se comprar: e assim dizem. « Das vossas *mercadorias* esta é a minha *mercancia* » isto é, do que tendes para vender só isto compro. *Mercimonia* é que se não pronuncia, postoque se lêa no Vergel de Plantas, pag. 203.

Mercante dizem alguns em logar de *mercador*, e allegam diversos exemplos de Vieira. No tom. 3. pag. 168. « Zacheo, que era um *mercante* rico » &c. e no tom. 8. pag. 298. « o *mercante*, que tomou os assentos » &c. Porem nestes dous logares *mercante* não val o mesmo que *mercador*, mas sim *negociante*, á maneira dos italianos, que chamam *mercante* ao homem de negocio. Quanto a nós nesta accepção é que o tomou Vieira, e estamos er-

tos que chamaria a Zacheo *mercador* e não *mercante*, se unicamente o contemplasse por homem de loja aberta com trafico mercantil.

Merito e *merecimento* ambos usadissimos. A muitos parece moderna a pronunciação de *merito*, quando é tão antiga, que Fr. Bernardo de Brito nas suas obras o escreveu muito mais vezes do que *merecimento*. Foi seguido por D. Francisco Manuel, Jacinto Freire, e outros.

Miliciano e não *miliciar*, se diz de cousa pertencente á milicia. E assim de pouco importa o exemplo do livro *Commentario da Guerra do Alemtejo*, que na pag. 203 traz *miliciar* como nome.

Miniatura [modo de pintar] e não *migniatura*, como escreveo Varella no seu Numero Vocal, pag. 360, sendo aliás Auctor de bastante propriedade na locução. Já que queria aportuguezar a palavra franceza *minhard*, devia para bem escrever *minhatura*.

Minimo: é erro dizer *o mais minimo*, como disse certo escriptor, que ainda vive, e presume de fallar com propriedade a sua lingua, dizendo: *a mais minima* particula &c.

Miraculoso por *milagroso*, se acha entre outros classicos em Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 24, e em outros muitos logares.

Mirto por *murta* só se admitte em poesia. « Ruas de verdes *mirtos* enredados » &c. Ulyssea, cant. 1. est. 76.

Misero e *miseravel* tem a seu favor exemplos da primeira auctoridade; porem são mais os dos bons poetas a favor de *misero*.

Miude e não *miudo* diziam os classicos, quando tomavam este termo, como adverbio. Ainda os seguio modernamente o Padre, Contador de Argote, no seu livro *Ar-*

te da Lingua Portugueza &c. dizendo sempre *minde* com o exemplo de Barros, e outros semelhantes.

Mobil e *movel*, por aquelle que dá movimento a alguma cousa. Uma, e outra pronunciação tem bons Auctores, dizendo uns: Deus primeiro *mobil*; outros primeiro *movel*. Porem são melhores os exemplos dos que dizem *mobil*, e estes segue Bluteau, parecendo-lhe mais coherente esta pronunciação, visto dizer-se *mobilidade* e *immobilidade*. *Movel* é hoje mais usado para explicar as alfayas de uma casa do que para exprimir cousa, que se move. Por isso os nossos antigos usavam mais de *immobil*, do que *immovel*, como concordará quem bem os tiver observado.

Modorra, *madorna*, e *madorra*. O primeiro modo de pronunciar é de D. Francisco Manuel nas Epanaforas, pag. 513. O segundo é de Chagas nas Cartas tom. 2. pag. 447. « No meio destas ondas durmo, não sei se é *madorna* de Jonas » &c. Do terceiro ainda não achamos exemplo. De qualquer dos dous primeiros se pode usar, se bem que muitos seguem hoje mais a pronunciação de Chagas. E' certo que elle tem muito menos archaismos do que D. Francisco Manuel.

Moéda com assento circumflexo no *e*, pronunciavam sempre os nossos bons classicos. Ainda hoje alguns veneradores da antiguidade instam na mesma pronunciação, e defendem-se com a de *macdeiro*, que constantemente domina com o *e* circumflexo. Porem é certo, que hoje prevalece o *e* agudo, e o contrario tem-se por viciosa pronunciação do Minho. Tanto pode o uso!

Mogol e não *mogor*, segundo a errada pronunciação do povo, a qual não sei como Madureira approva, chamando-lhe mais usada. Este Auctor para a sua Orthografia consultou bem pouco os nossos classicos.

Moldar e não *moldear*, como se acha em alguns: « O official que *molda* ouro » &c. Vieira, tom. 7 pag. 48.

Molesto de uma enfermidade, em logar de *molestado*, é pronunciação da qual ainda não achámos bom exemplo.

Molleza e *mollidão*: de tudo ha exemplos; porem *mollidão* parece que se vai antiquando, não obstante serem melhores os seus patronos. *Mollura* não tem bons exemplos.

Mollicia entre os Auctores que são textos não era o mesmo que *mollicie*. Com esta pronunciação denotavam o peccado torpe, e com aquella o muito mimo e demasiado melindre. Por isso Barros na Decad. 1.ª pag. 57 disse: « Com a abastança e *mollicias* » &c. Hoje não poderá usar-se desta auctoridade, porque não quer o uso.

Momia ou *mumia*, cadaver secco. A primeira pronunciação tem melhores exemplos.

Monicordio melhor do que *manicordio*, porque é mais chegado á origem grega de *monos* e *cordi*. Seguimos a Barreto na sua Orthographia, pag. 270.

Monir facilmente se confunde com *munir* entre os que não sabem pronunciar. *Monir* na pratica forense val o mesmo que *admoestar*, e vem do verbo *moneo*. Pelo contrario *munir* é o mesmo que *fortificar*, e vem do *munio*; por isso dizemos *municionado*, *munição* &c.

Monopolio e *monopolo*. Severim nas Noticias de Portugal, pag. 300, disse *Monopolo*, seguindo aos antigos. Achamos a mesma pronunciação em alguns manuscriptos de bom seculo. Duarte Nunes de Leão na sua Orthographia já traz *monopolio*, e é o que hoje prevalece. *Monopodio*, como diz varias vezes o Padre Lucena na vida do Santo Xavier, é erro, creio, que dos amanuenses ou dos impressores.

Morangão e *morango* achamos no Padre Bluteau, exemplos de uma ou outra pronunciação. *Morango* ce que é hoje a usada.

Mordicação e *mordificação* se acha nos livros de me- mas, mas não *mordificar* em vez de *mordicar*.

Mosaico [pintura] e não *moisaico*, como já adverte adre Bluteau.

Mosarabe e não *mosarabico* achamos na Mon. Lu- tom. 3. pag. 243, e na Historia dos Bispos de Lis- part. 2. pag. 80.

Moscada [noz] e não *noscada*, como de ordinario di- até os que não são povo.

Mosqueteiro e *mosquiteiro*. O primeiro é soldado ar- lo com *mosquete*. *Mosquiteiro* é armação de leito pa- vitar o incommodo dos mosquitos.

Mostra [de panno, seda &c.] acho sempre nos bons tores, e não *amostra*.

Moto e não *mote*, como hoje se diz, chamou sem- João de Barros e outros antigos áquellas breves sen- as que punham nas Empresas os cavalleiros. Em D. ncisco Manuel já achamos *mote* na mesma accepção entença na divisa.

Movedor por *motor* traz Barros na Decad. 1.ª pag. : «Principal *movedor* desta guerra» &c. Não tive- os duvida a usar ainda hoje desta pronunciação.

Mugiganga. A pronunciação genuina é *bugiganga*, endo talvez a sua origem dos gestos ridiculos dos bu-

Murena [peixe] e não *murcia*, como hoje se diz, o Padre Bluteau que se pronuncie. Como não al- exemplo, não basta que em latim se diga *murena*.

Mussulmão e *mussulmano* [nome turco] se acha nos os Auctores, viageiros do oriente.

Nazaréo por *nazareno* se acha no poema da Destruição de Hespanha Liv. 2. est. 7: «E que professa a lei do *nazaréo*» &c. Não se deve usar.

Negridão e *negrura* são pronunciações que estão em uso; porem *negridão* tem mais ancianidade na Lingua.

Negrume e não *negregume*, como erradamente se diz. Vieira, tom. 4. pag. 310: «Que *negrume* é aquelle?»

Nephritica [dor] e não *neufritica*, como vulgarmente se diz.

Nonnada [cousa de nada] diziam os bons antigos. Hoje pronunciamos *nónada* com accento agudo no o.

Nudeza e não *nudez* disse Fr. Antonio das Chagas nas Cartas Espirituaes, tom. 2. pag. 43: «Pondo-se com *nudeza* de espirito, despida de tudo o que é creatura e não é Deus» &c. Fr. Luiz de Sousa na Vida do D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 258, usou de *nueza*: «Lastimado de sua miseria e *nueza*» &c. Hoje parece que *nudez* ou *desnudez* é a pronunciação dominante; mas eu não me opporia a quem tambem dissesse *nudeza*.

Nutritico por *nutritivo* dizem alguns, especialmente medicos, que tambem usam de *nutrimental*. Vid. a Recopil. de Cirurg. pag. 150, e Curvo nas suas Observações pag. 362. Não os devemos seguir. Os modernos dizem, v. g., succo *nutricio* ou *nutritivo*.

Obsequias por *exequias* achamos em Fr. Bernardo de Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 30: «O grande acompanhamento com que celebram as *obsequias*» &c. O uso já não soffre esta pronunciação.

Oceáno, com o *a* longo e não breve, como affectadamente pronunciam alguns. Em poesia poderá a penultima fazer-se breve.

Oda e não *ode* diz Bluteau quasi sempre que falla nesta especie de poesia. Não sabemos em que bons exem-

plos se fundou para tal pronunciação, a qual, se a houve, era certamente já muito antiquada no seu tempo. Se se fiou na auctoridade de Filippe Nunes, que na sua Arte Poetica escreveu *oda*, muito menor peso lhe devia fazer o exemplo de tantos poetas, aos quaes imitando Severim nos seus Discursos pag. 104 sempre disse *ode*.

Oleroso por *cheiroso* apenas se sofre em poesia.

Olivel por *livel* é pronunciação viciosa, que só na plebe se ouve.

Olmo e *ulmo*. Este segundo modo de pronunciar era dos antigos Classicos; o primeiro é o que prevalece nos que melhor escrevem. Serrão, Meth. Lusit. pag. 134: « Barrotes de carvalho e *olmo* » &c.

Omistiquio por *hemistiquio* traz D. Francisco Manuel nas Obras metricas, tom. 2. pag. 158: « Numeros, *omistiquios* e sizuras » &c. Não percebemos o bom fundamento para esta pronunciação.

Ondado, cousa que imita ondas, e não *ondeado* diziam aquelles que melhor fallaram. Cabello *ondado* e louro se acha em Camões, na canç. 14. est. 3.

Opinavel por *opinativo* achamos atéqui só em Auctores de pouca nota na propriedade da lingua. Crysol. Purificat. pag. 422. « Inda que não fôra mais que provavel, ou *opinavel* sua filiação » &c.

Oppresso e não *opprimido* achamos diversas vezes no tom. 1. da Mon. Lusit. « Como desagravava os *oppressos* » &c. pag. 21. Hoje esta pronunciação mais se ha de sofrer em poesia, do que em prosa.

Orladura por *orla* já se não diz; e só se poderá usar como termo da armería, dizendo á maneira dos antigos a *orladura* do escudo &c.

Ostaria [por caza de pasto] e não *ostearia*, diz sempre Gaspar Barreiros na sua Corograf. e é mais confor-

me á pronunciação italiana de *osteria*. Outros muitos seguiram a este Auctor, que não é da mais inferior nota.

Ousia por *ouzadia* se acha em algum antigo poeta. D. Francisco Manuel na Çanfonha de Euterpe pag. 94 diz. «Sabeis quem me dá a *ousia* contra esta fera malvada? Não é certo a valentia» &c. Não se deve usar de tal pronunciação.

Oveiro melhor do que *ovario*, pronunciação que entrou a valer com a moderna introducção da physica experimental; porque antes parece-nos que só em algum livro medico se achará *ovario*.

Pactar, *pactuar*, e *pactear*; todas estas pronunciações achamos em escriptores de boa nota; porem *pactear* é a de que usou Vieira em diversos logares.

Padar e não *paladar* era pronunciação quasi frequente do seculo decimo sexto. Hoje está inteiramente antiquada, e devemos dizer *paladar*, derivado de *palatum*, como já fez Brito na Mon. Lusit. tom. 2. pag. 339 dizendo. «Conjecturas sonhadas ao som do *paladar*» &c. Nos livros de medicina achamos *palato*.

Padrinhar se acha escripto em não poucos Auctores do seculo passado; mas *apadrinhar* é hoje pronunciação mais segura.

Pairar e *parar*, tem grande differença, que muitos conhecem, e nem por isso a praticam, se não são nascidos na Corte. Postoque *pairar* signifique em rigor o mesmo que *parar*, com tudo não se deve dizer náo *parada*, mas *pairada*, quando não faz viagem; nem relogio *pairado* mas *parado*, quando não tem corda.

Palavrorio e não *palanfrorio*, como diz o vulgo. Assim o escreveu por vezes D. Francisco Manuel principalmente no seu *Hospital das Letras*.

Pallor por *pallidez* se acha em algum poeta, e esse

de inferior nota, como é o que escreveu o Poema da Destruição de Hespanha dizendo no Liv. 5. « *Pallor* funesto » &c.

Paniguado, melhor do que *apaniguado*. Os nossos classicos mais antigos diziam *paniguado*, e os seguiu o Auctor do Repertorio das nossas Ordenações, não obstante achar-se nellas *panigado*, e *apanigado*.

Paracleto sendo na sua origem o mesmo que *paráclito*, nome attribuido ao Espirito Santo, não se deve dizer se não *paraclito*, como prova em uma Dissertação o abbade Thiers, theologio parisiense. *Paráclito* entre nós é aquelle, que está suggerindo ao orador as palavras, que lhe esquecem.

Paralisía e não *parlesia*. Assim o achamos nos nossos Auctores medicos, encostando-se á origem do latim *paralisis*.

Paramentar e não *aparamentar*, postoque esta segunda pronunciação fosse sempre a de João de Barros, como sabem os que tem lição das suas obras; prevaleceu pronunciar-se *paramentar*.

Pardozo por *pardento* achamos em escriptores, que não são despresados. Pimentel na sua Arte de Navegar pag. 330 diz. « Passaros grandes com os cotos das azas *pardosos* » &c. Barbosa no seu Vocabulario usa da mesma pronunciação. Nós disseramos, que de uma e de outra se devia usar, mas com esta distincção: que se chamasse *pardosa* á côr que rigorosamente fosse parda, e *pardenta* á que se assemelhasse ao pardo; assim como dizemos *amarelento* &c.

Parentear por *aparentar* traz o Crysol Purificat. pag. 163. Não se deve seguir.

Parpados por *palpebras* ainda lhes não achámos bons exemplos. Em poesia é soffrivel.

Parricida. Não só é aquelle que matou a seus pais, mas aos seus parentes mui chegados, ou ao prelado ecclesiastico, que tambem é pai espiritual. Com tudo achamos em portuguez *fratricida* por matador de irmão; *reicida* por matador do rei, e *deicida* pelos judeus, que matáram a Christo. Exemplos destas palavras se achaõ em muitos, especialmente em os nossos juristas, os quaes para irem coherentes dizem tambem *fratricidio*, *reicidio* e *deicidio*. Não impugnamos estas deducções; mas só dizemos, que bastava dizer *homicida* para significar o matador de qualquer homem, e *parricida* o dos pais, irmão, rei, e Deus, porque se verifica nelles a razão, ou de parentes estreitos, como v. g. os irmãos, ou de pai, como por exemplo o rei, e Deus, segundo acima dissemos. *Matricida* ainda o temos por pronunciação mais estranha, porque é mais escusado, visto denotar *parricidio* morte de pais.

Parvidade e *pravidade* facilmente se confundem na pronunciação, tomando *pravidade* por cousa pouca, e *parvidade* por cousa má: o contrario é que é acerto.

Pascer por *pastar* se acha em Vieira no tom. 1. pag. 568. «Os sabores de quanto nada no mar, e *pasce* na terra» &c. Lucena, Vida de Santo Xavier, pag. 269. «*Pasceriam* apar o lobo, e o cordeiro» &c. Em Camões, e Barros tambem se encontram exemplos.

Pasquim [satira] e não *pesquim*, como diz o vulgo. Vem de *pasquino*, famosa estatua em Roma, na qual é costume pregar satiras.

Pastorear, mais seguido do que *pastorar*, de que usou diversas vezes Vasconcellos na sua Arte Militar, pag. 18, 80 &c. Seguiu a Barros, que na Decad. 1. pag. 19 disse. «Seu certo comer é leite do gado, que pastoram» &c. Está antiquado, segundo os mais escrupulosos.

Patamar da escada, ou *patarão* e não *patamal*, como erradamente pronunciam muitos.

Paternal por *paterno* é pronunciação que ainda está em uso; o que não succede a *maternal*, que se vai antiquando.

Pecureiro e não *pegureiro*, diz Bento Pereira no Thesouro da Lingua Portugueza.

Pedrneira mais seguro do que *pedernal*, que só entre os poetas está ainda hoje bem recebido.

Pegajoso por *pegadiço* traz o Padre Lucena na Vida de Santo Xavier, pag. 419. «E quam *pegajoso* mal é este» &c. Hoje commummente usa-se de *pegadiço* para explicar doença que facilmente se communica: e de *pegajoso* para denotar cousa humida, e crassa, que com facilidade se pega a outra.

Pendulo por *pendente* não é pronunciação segura, postoque Bluteau allegue com o livro de Canonisação da Rainha Santa Isabel, que diz na pag. 360. «Não cabia o concurso nas janellas, e nas praças estavam *pendulas* dos telhados as pessoas» &c. *Pendulo* entre nós outros é palavra facultativa da phisica.

Penitenciario; temos por mais portuguez *penitenciario*, mas de qualquer dos modos se pode pronunciar.

Pentem do cabello: sempre assim pronunciaram os bons antigos: hoje diz-se *pente*. Estão os criticos ainda pela pronunciação antiga.

Peoria mais seguido ao presente do que *peoramento*, não obstante dar Bluteau a entender que acha o contrario.

Perda e não *perca*, como erradamente diz a plebe.

Perennal por *perenne* já se não pronuncia, não obstante o exemplo de Camões na Ode 1.ª «Oh quanto melhor fôra, que dormissem um somno *perennal*» &c. Fr.

Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres pag. 231 diz tambem. «Fazem *perennalmente* os espiritos angelicos» &c.

Periferia [termo geometrico] com a penultima longa, e não breve, como erradamente fez Nuno Barreto no seu Poema ao Evangelista, cant. 6. est. 18. «A *periferia*, de que é centro a terra» &c.

Peripecia [termo poetico] com a penultima longa pronuncía Bluteau. Nós como não podémos ainda descobrir esta palavra em bom poeta portuguez [porque só os versos tiram bem taes duvidas] estamos pela auctoridade do douto vocabulista.

Perlenga [voz familiar]. Os antigos diziam *perlongas*. Assim o achamos diversas vezes em Sá de Miranda. Na Eclog. 2. diz. «Tu cançaste de fallar, não quero gastar *perlongas*» &c. E nos Dialogos traz igualmente. «Mas em quanto te respondo, e estamos nestas *perlongas*» &c. Dizer *perlenda*, como alguns dizem, é mais erro, do que voz antiquada.

Perpetana de peixe, e não *barbatana* disse Barros na Decad. 3. pag. 103, mas é pronunciação inteiramente antiquada.

Perpetuizar, e *perpetuizado* em vez de *perpetuar*, e *perpetuado*, só o achamos em Auctores taes como Manuel Tavares no seu Ramalhete Juvenil, Lyra 1.ª pag. 59., e 82.

Personal em logar de *pessoal* disseram muitos dos nossos classicos. Ainda o uso o não desamparou.

Persuadivel mais do que *persuasivel* acho nos textos de auctoridade.

Pesadumbre, e *pesadume*. A primeira pronunciação achamos em Chagas dizendo nas Cart. Espir. tom. 2. pag. 131. «Com gravidade, e sem *pesadumbre*» &c. O

segundo modo de pronunciar lemos na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 126. « Nenhum genero de *pesadume* sentia » &c. Muitos hoje nem uma nem outra pronunciação admittem, tendo a palavra por antiquada.

Pestanear e não *pestanejar*, se acha em Vieira no tom. 3. pag. 125. « Se olham de fito em fito para o sol sem *pestanear* » &c.

Pestifero: melhor é pronunciar *pestilencial*, ou *pestilente*, porque a terminação em *ifero*, e em *igero*, de que usam os latinos é pouco propria da indole da nossa lingua, se bem que algumas palavras tem por necessidade admittido com tal pronunciação. Mais proprio della é dizer *saudavel*, que *salutifero*; fructuoso, que *fructifero*; mortal, que *mortifero*; cheiroso, ou fragrante, que *odorifero*; guerreiro, que *belligero* &c. Estas terminações alatinadas só tem bom lôgar na linguagem poetica.

Pelitorio tem melhores exemplos do que *petitorio*, que hoje commummente dizem todos.

Phatiosim e *emphyteusim* tem bons exemplos, mas D. Francisco Manuel, seguindo o uso dos nossos melhores juristas, preferiu *phatiosim*, dizendo galantissimamente nas suas Cartas, pag. 750. « Lá sou em *phatiosim* lançado para esse Brasil » &c.

Philomela e *philomena* achamos nos poetas. Camões diz sempre *philomela*, e Sá de Menezes duas vezes *philomena* na sua Malaca conquistada. Liv. 1. est. 81. e Liv. 8. est. 11. Mas não se deve seguir, porque não ha para que mudar a terminação latina, que Camões e outros abraçaram.

Pientissimo e não *piadosissimo* disse Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 245. Col. 3.; mas não se deve nesta palavra seguir a este classico, porque se oppoem o uso.

Pilastra, termo de architectura, e não *pilastre* [illegible] seram aquelles que melhor fallaram desta arte.

Pilula [palavra medica] com rasão diz Bluteau, que não ha palavra na nossa lingua, que se pronuncie com mais variedade, por que uns dizem *pilora* outros *piro* outros *pildora*, e outros *pilola*. Nos nossos livros de medicina, escriptos com mais correcta propriedade, como [segundo Bluteau] as *Observações de Curvo*, a *Correcção dos Abusos* &c. e outros, achamos *pilula*, e esta pronunciação temos por melhor, como mais conforme á latina *pilula*.

Pintacilgo e *pintaxilgo*. O primeiro modo de pronunciar é de Vieira, dizendo no tom. 6. pag. 242. «Porque me hei de contentar de dar a Deus a alvorada, como um canario ou *pintacilgo*, se o posso fazer como uma serafina». *Pintaxilgo* é de Manuel de Galhegos, Auctor respeitavel, dizendo no seu Templo da Memoria. Liv. 4. Sext. 12. «O *pintaxilgo* que é do ar serêa» &c. Seguimos a Vieira e reprovamos a pronunciação daquelles, que dizem [como Madureira na sua Orthographia] *pintaxilgo*, terminando assim, porque os castelhanos dizem *xilguero*.

Pipitar e *pipilar* [voz das aves quando pequeninas]. Não sabemos o fundamento, porque alguns criticos, segundo Bluteau, pertendem que nas aves o *pipitar* seja voz com queixa, e *pipilar* voz com alvoroço. O que temos observado é, que ellas em quanto pequeninas não passam de dizer *pi pi*, e já mais lhes ouvimos o pertendido *t*, e *l*; motivo porque muitos tem para si, que não *pipitar* nem *pipilar*, mas *pipiar* é a onomatopea mais genuina. Como a Arte da Caça nas pag. 7., e 90 diz *pipitar*, não dirá mal quem seguir este bom exemplo, que tem mais peso que o da Insulana de Manuel Thomas, onde achámos *pipilar*. Liv. 6. est. 64.

Planicie e *planura* são pronunciações de que usou João de Barros: « Em o cume della faz uma *planicie* em redondo » &c. Decad. 3. pag. 26. « Uma terra sobre outra, que no cimo faz uma *planura* » &c. Decad. 1.ª pag. 154.

Pleuris e não *pleoris*, como achamos no Castrioto Lusitano, pag. 401: seu auctor é de tão pouco credito em linguagem, como em estilo.

Plural ou *plurar*, como achamos no excellente livro, *Regras da Lingua Portugueza*, em que jámais se usa da terminação *em al*. Para assim dizer, achou seu auctor bons exemplos em João de Barros e outros. Como as palavras latinas que acabam em *alis* terminam em portuguez em *al*, e não dizemos *pluraridade*, mas *pluralidade*, não é tão seguida a terminação em *ar*.

Poente [parte occidental do mundo]. Barros na Decad. 1.ª pag. 2. disse *ponente*, e em outros muitos logares da sua Historia se acha a mesma pronunciação. Foi seguida por outros Classicos, mas antiquou-se sem fundamento.

Polícia dizem uns com a penultima breve, outros *policía*, á maneira dos italianos, carregando no segundo i. Os bons modernos seguem a primeira pronunciação.

Polypo [termo medico] com a segunda breve, porque assim a tem no grego e latim. Vulgarmente faz-se longa, seguindo-se sem fundamento a pronunciação franceza.

Portacollo [termo forense] e não *partacollo*, como erradamente pronuncia o vulgo.

Prantada por *plantada* é pronunciação que já hoje se não admitte, sendo eliás de Vieira no tom. 2. pag. 3.

Prazenteiro [por alegre] e não *presenteiro*, como todos dizem. *Presenteiro* é quem faz presentes.

Precito e não *prescito*, como alguns dizem, achamos

em diversos logares das Obras de Vieira. «Muitas vezes sáe despachado o pretendente, porque é *precito*» &c. tom. 1. pag. 349.

Pregoeiro e *apregoador* ambos tem exemplos em Vieira. De *apregoador* [que é em que póde haver duvida] usou elle no tom. 10. pag. 86, onde diz: «*Apregoador* de suas grandezas &c.

Prematica e não *pragmatica* diz Jacinto Freire no Liv. 1. n.º 69: «Com a severidade que dispozer a *prematica*» &c. Não faltam mais exemplos.

Prenhe mais seguro do que *prenhada*. *Prenhez* e não *prenhidão*, posto que seja de bons auctores antigos.

Prenome e *pronome*: apenas vejo praticadas estas duas diversissimas pronunciações, antes a cada passo as observamos confundidas. *Prenome* é aquelle titulo que precede ao nome, v. g., *dom*, que precede ao nome de muitos fidalgos. Barros na Decad. 4. pag. 238 diz: Entre os de Maluco ha um *prenome* de honra, que é *cachil*, como entre nós *dom*, e dizem *cachil* Daroes, *cachil* Vaidua» &c *Pronome* [termo grammatical] é uma dicção que se põe em logar do nome proprio e appellativo para evitar repetição» &c.

Preposição e *proposição* tem entre si uma differença que está pedindo não equivocar na pronunciação o *pre* com o *pro*. *Preposição* é termo grammatical de vozes que se prepõem a outras: e *proposição* é termo logico, ou cousa que se propõe.

Preposito é o prelado de qualquer casa religiosa. *Proposito* é deliberação de fazer alguma cousa, e assim não se confundam [como a cada passo succede] estas pronunciações, porque é erro substancial.

Presepio tem exemplos mais seguros do que *presepe*. Observe-se a Fr. Luiz de Sousa em infinitos logares da

sua Historia, e a Vieira, Classico em que jámais achamos *presepe*.

Prestadio e não *prestativo*, como erradamente pronunciam muitos que não querem ser contados no numero do vulgo.

Pretensor por *pretendente* dizia Brito. Entre outros logares veja-se no tom. 2. da Mon. Lusit. a pag. 230: « Dizendo ao *pretensor* que não era justo » &c. Ainda hoje o seguem os que melhor fallam.

Previdencia e *providencia* equivocam muitos, como se fosse uma mesma cousa. *Previdencia* é a acção de prever as cousas; e *providencia* é o conhecimento que Deus tem *ab æterno* dos meios com os quaes a creatura se ha de dirigir ao seu fim com vontade do mesmo Deus de dar a seu tempo estes meios para conseguir o seu fim &c. Em um logar de Vieira no tom. 8. pag. 107 vemos observadas estas duas diversas pronunciações, dizendo: « Aqui se vê a *providencia* e a *previdencia* do nosso divino defensor. » Com esta differença não se confundirá tambem *prover* com *prever*, nem *previsão* com *provisão*.

Previsto e *prevenido* pela maior parte não significam o mesmo, postoque alguns Auctores o confundam. *Previsto* é o prudente que se prepara para o que póde succeder. Chagas, Cart. tom. 2. pag. 196: « Que vos custa não serdes já muito destra e muito *prevista* » &c. Commummente ainda que *prevenido* signifique tambem *prever*, toma-se por *preparado* para fazer determinadamente uma cousa. Vieira tom. 1. pag. 456: « Fez a sua confissão como a trazia *prevenida* » &c.

Primacia e *primazia* não é o mesmo. *Primacia* é prioridade ou vantagem em ser primeiro. Esta definição é de Vieira no tom. 1. pag. 438. *Primazia* é a dignidade de primaz, ou excellencia em alguma cousa.

E' definição tambem do mesmo Classico no tom. 1. pag. 169.

Primogenitor em logar de *progenitor* se acha em Vieira no tom. 1. pag. 348, onde diz: «David, Salamão e outros reis seus *primogenitores*» &c. Porem *progenitor* tem mais exemplos de igual auctoridade.

Produzidor e não *productor* é de Duarte Ribeiro de Macedo, escriptor de correctissima linguagem, no seu Panegyrico á Casa de Nemurs, pag. 23: «Virtudes facilmente *produzidoras* de acções reaes» &c.

Profetar por *profetizar* é de João de Barros em diversos logares das suas Decadas, e foi seguido por bons Auctores assim no verso como na prosa. Não tiveramos duvida a usar tambem desta pronunciação.

Profundar e não *profundear*, que se acha na Vida do Irmão Beato da Companhia de Jesus pag. 383.

Prolixidade e não *proluxidade*, assim como *prolixo* e não *proluxo*, salvo se for na accepção de *impertinente*, porque em tal caso o uso fez passar o i para u.

Propôr e *prepôr* é para muitos o mesmo, quando *propôr* é representar com razões, e *prepôr* o mesmo que *preferir*. Fallará com acerto quem disser: *propus* para o officio a Paulo e a João, mas *prepus* a Paulo.

Prosecução achamos sempre em Fr. Luiz de Sousa, querendo exprimir a acção de proseguir em alguma cousa. *Proseguimento*, que se acha em varios livros, é erro.

Provimento e *provisão* [fallando-se em cousas competiveis] ambas as pronunciações tem exemplos. Hoje neste sentido já alguns duvidam dizer *provisão*, mas, segundo outros, sem fundamento.

Prurido ou *pruido* é o que achamos nos Classicos, e não *prurito*, como dizem alguns modernos com pronunciação inteiramente latina.

Pulverisar e *pulveroso* dizem uns; outros *polverisar* e *polveroso*. Os que pronunciam do primeiro modo, como é o auctor da Polyanthea Medica, buscam a pronunciação latina de *pulvis*: os que dizem do segundo modo seguem a derivação do castelhano *polvo*. Um destes foi Sá de Menezes na Malaca Conquistada, Liv. 9. est. 127: «Cançado, *polveroso*, horrendo e feio» &c.

Puridade por *pureza*, que se lê nas Antiguidades de Lisboa, pag. 91, não se deve usar. *Puridade* entre os melhores Classicos era o intimo segredo de pessoa real. Donde vinha chamar-se *escrivão da puridade* ao primeiro ministro de quem os reis fiavam os seus intimos segredos.

Quadrupeado ou *quadruplicado*, e não *quatropeado*, como dizem muitos, enganando-se com algum fundamento, visto ser palavra que significa cousa multiplicada quatro vezes.

Quadrupede e não *quadrupe*, postoque se ache em Barros, Decad. 1.ª pag. 164, porque a desapprovou o uso das idades que se seguiram.

Quarteto [especie de poesia] e não *quartete*, ainda que se ache muitas vezes em Filippe Nunes na sua Arte Poetica, porque o não temos por auctor seguro.

Quebrantador das leis, pazes &c. melhor do que *quebrador*, como se dizia em outro tempo.

Queixume: postoque usassem desta palavra Francisco Rodrigues Lobo e Jacinto Freire em diversos logares das suas Obras, o uso moderno a deu por antiquada, e prevalece dizer-se *queixa*.

Querellar e *querella* [termo forense] e não *crelar* e *crela*, como vulgarmente dizem os ignorantes.

Querenar e *querena* e não *crenar* e *crena*, á maneira do vulgo. Barros, Decad. 1.ª pag. 13: «deu *querena*

á caravella» &c. Vieira, Palavr. de Deus Empenh. pag. 23. «Saíu do Tejo a armada *quereuada* de ouro» &c.

Quiçá e não *quiçái* ou *quiçais*, como diziam os antigos. Não sei o fundamento com que os modernos antiquaram esta palavra, usando della tantas vezes o polidissimo Jacinto Freire, Classico moderno, de cujas palavras entendia eu que ninguem poderia duvidar, e que só na pronunciação de alguma é que entraria duvida, por ter prevalecido outro uso.

Quigila [antipathia ou especie de odio] é não *quigilha*, como diz o vulgo, do qual é propriamente esta palavra.

Rabalde diziam commummente os antigos: hoje prevalece a pronunciação de *arrabalde*.

Rabeca, rabecão, rabequista é pronunciação mais segura do que *rebeca, rebecão* e *rebequista*, por ser a que com outros seguiu Bluteau. Porem ao segundo módo de pronunciar não faltam tambem patronos, dando a este instrumento musico a derivação de *rebet*, que na lingua celtica val o mesmo que *rebeca*.

Raciocinio [segundo o P. Bento Pereira] é mais seguro do que *ractocinação*.

Ralo e não *raro* chamam muitos a um panno de fio delgado e de tecedura transparente. Creio que se pegam ao exemplo de Plauto, que no mesmo sentido disse — *tunica rala*. — Em Portuguez os bons exemplos que com frequencia achámos são de *raro*, v. g., barba *rara*, materias *raras* &c. Até ao bicho vulgarmente chamado *ralo* chamam os Auctores Classicos *raro*. Mas todavia com a auctoridade de Fr. Luiz de Sousa não censuramos aos que dizem *ralo*.

Ramalhete e não *ramilhete*, como dizem alguns cul-

los. Para assentarmos nesta pronunciação, consultámos a Bluteau, porque não achámos exemplo classico; quando não duvidamos que se descubram muitos.

Ranger melhor do que *rangir*. Ulyss. cant. 3. est. 69.: « *Ranger* os duros ossos que estalavam », &c. *Ringir* é erro crasso.

Ranunculo [flor] e não *rainunculo* ou *reinunculo*. Varel. Num. Vocal pag. 227: « Como o *ranunculo* de Sardenha » &c.

Rapasia e não *rapasiada*, como vulgarmente se pronuncia, se acha nos versos jocosos de D. Francisco Manuel, e nos Romances de Antonio da Fonseca Soares. De *rapasiada* ainda não achei algum exemplo.

Rapinar e não *rapinhar*, que traz Bluteau, sem allegar outro exemplo senão o do livro *Successos Militares*, pag. 71, cuja auctoridade não é de peso.

Rareza em logar de *raridade* traz a Corte na Aldeia no Dialog. 7. pag. 150: « A *rareza* do ouro lhe dá maior valia » &c. Não está hoje em muito uso.

Rasgão dizem os modernos, mas os bons antigos diziam concordemente *rasgadura*, e não falta ainda quem os siga.

Rasoar e *rasoado*, que se acha em bastantes Auctores, segundo os frequentes exemplos da Ordenação do Reino, está hoje antiquado, e deve-se dizer *arresoar* e *arresoado*.

Rastear, *rastejar* e *rastrear*. De qualquer dos modos se poderá dizer, porque cada uma destas pronunciações tem exemplos da primeira auctoridade. *Rastear* é de Vieira no tom. 3. pag. 441: « Quando querem *rastear* de algum modo a realeza do banquete da gloria » &c. *Rastejar* é de Brito na Mon. Lusit.: « *Rastejou* uns longes desta batalha » &c. *Rastrear* é de Jacinto Freire,

pag. 155: « Sem que os nossos podessem *rastrear* no intento » &c.

Rasto e *rastro*. Barreiros na sua Corographia, pag. 197 disse *rasto*: a mesma pronunciação acho em Barros, Decad. 3. pag. 252: « Determinou ir pelo *rasto* delles, e assim o fez » &c. O mesmo seguiu Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 302: « Descubrir por todas as vias algum *rasto* de conjuração » &c. Pelo contrario D. Francisco Manuel nas suas Cartas, pag. 71 disse: « Taes e tantas obras sem *rastro* algum de merecimento » &c. Serrão no seu Methodo Lusitano, que escreveu [segundo muitos] com linguagem correcta, seguiu a mesma pronunciação, a qual parece que tambem favorece Jacinto Freire, visto dizer *rastrear*, como acima mostrámos.

Raz [panno de armação]. Não seria talvez reprehensivel quem ainda, imitando a alguns dos nossos Classicos, pronunciasse *Arraz* por ter sido fabricada na Cidade de Arraz a primeira tapeçaria que appareceu neste reino. Mas em fim o uso sincopou esta palavra, e deve-se fugir á affectação de fazer valer pronunciações antiquadas.

Razoavel, *rasonavel* e *racionavel*, tudo achamos com exemplos, porem temos por mais seguros os que patrocinam *rasoavel*. Com tudo não duvidamos que tambem os achem bons os que pronunciarem pelos outros dous modos.

Rebeldia e *rebellião*, segundo alguns criticos, não se devem pronunciar indifferentemente. Querem que *rebeldia* se applique com mais propriedade ás paixões que se rebellam contra a rasão; e que *rebellião* sirva para o levantamento de um ou muitos vassallos contra o seu legitimo senhor. Eu não sei que haja exemplos para prova desta differença; o que sei é que ella se acha a ca-

da passo alterada pelos bons escriptores no sentido figurado.

Rebentar: outros pronunciam *arrebentar*. Esta segunda pronunciação, não sendo a que tem os melhores exemplos, é a que hoje domina entre muitos.

Reção e não *ração* acho em alguns Classicos. Vieira no tom. 2. pag. 335: «Lançam-lhe ao tubarão um anzol de cadeia com a *ração* de quatro soldados» &c. Lobo, Corte na Aldeia, pag. 147: «Levantava-se de noute a furtar a *ração* a seus proprios cavallos» &c.

Receado em logar de *receoso* não se diz. Achamo-lo na Vida de S. João de Deus, pag. 85: «Não espera timido ou *receado*» &c.

Recoolo em logar de *recozido* traz Barros na Decad. 3.ª pag. 142: «No cume das montanhas viam jazer a neve, e alguma declinava a côr celeste, de mui antiga e *recoeta*» &c. Porem o uso antiquou esta pronunciação.

Recoleição em vez de *recolhimento* é de Fr. Luiz de Sousa em diversos logares da sua Historia de S. Domingos: «*Recoleição* das potencias, dos sentidos, da alma» &c. *Recolhimento* está mais em uso.

Recreação é muito mais seguro do que *recreio* entre aquelles que estudam em ter boa pronunciação, seguindo os textos da Lingua.

Recruta e não *recluta* quer o Padre Bluteau que se diga, porque este termo militar, que não tem entre nós muita antiguidade, foi tirado do francez *recrue*. O trazer o Portugal Restaurado *Recluta* e *reclutar* diz o mesmo Padre que são erros da impressão. A mesma sentença dá a favor de D. Francisco Manuel, attribuindo a erro alheio o dizer este nas Epanaphoras, pag. 181: «Sobre *reclutar* o antigo mandou levantar um novo terço» &c.

Rectitude em vez de *rectidão* é pronunciação que não

teremos por portugueza, em quanto a não acharmos em auctor de mais auctoridade do que a que tem o Padre Fernandes, que usou della no tom. 2. da Alma Instruida, pag. 89.

Recurvar o corpo, por *encurvar*, traz diversas vezes o Agiologio Lusitano; mas não é pronunciação seguida, postoque se chegue á origem latina mais do que *encurvar*.

Redemir em logar de *remir* não tem [a meu ver] exemplo classico. Em Vieira são muitos os logares em que achei *remir*. Imitou-o Jacinto Freire na pag. 20: «As praças do Estreito, as quaes sempre *remiriam* em ambos os successos» &c. Item, Liv. 1.: «Vieram offerecer as vidas que lhes havia *remido* com a nova indulgencia do tributo» &c. Até na Ordenação do Reino sempre se acha *remir*. Veja-se entre outros o Liv. 4. tit. 13. §. 7.: «Póde o devedor *remir* o penhor» &c.

Reditos e *rendimento* tem sua differença, porque não obstante significarem ambos *renda*, *reditos* tem uso e propriedade em bens que são da igreja; e *rendimento* nos que são meramente do principe ou de seus vassallos. Veja-se a Brito no tom. 2. da Mon. Lusit. pag. 327 col. 3.

Redomoinho, *rodomoinho*, *redemoinho* e *remoinho*. De qualquer destes modos se acha escrito. *Redomoinho* tem Bluteau por melhor que *rodomoinho*, mas não dá rasão que convença. *Redemoinho* tem a seu favor João de Barros na Decad. 3.ª pag. 122: «Por toda a corôa daquelle monte havia uns *redemoinhos*» &c. E porque se não ha de seguir esta pronunciação, tendo um exemplo tão classico, e que o uso ainda não antiquou? *Remoinho* é do vulgo.

Rodopio e não *corropio*, como pronuncia o vulgo nos seus particulares modos de fallar; v. g., andei n'um *corropio* &c.

Refidò e *rafião* são pronunciações erradas: *rufião* é a genuina com as auctoridades de Lobo na Corte na Aldeia, Dialog. 5., e de D. Francisco Manuel em diversos logares das suas Obras. Vem da palavra italiana *rufiano* e não do *rafeiro*, como alguns sonharam; e talvez que pelos seguir dissesse *rafião* o Padre Bento Pereira na sua Prosodia. No plural deve-se dizer *rufiães* e não *rufiões*, postoque se ache no Dialog. 15 da Corte na Aldeia, porque foi erro da impressão, pondo-se *o* em logar de *a*.

Reflexar em vez de *reflectir* se acha em Faria na Fonte de Aganippe, centur. 5. sonet. 20: «Empregavam a chamma luminosa, que nelle *reflexava* pressurosa» &c. Não se deve seguir.

Refrega e *Refega*, que muitos confundem, segundo outros não é o mesmo. *Refrega* é briga e conflicto. Na Malaca Conquistada, Liv. 2. est. 125: «E a seu lado nas bellicas *refregas*, o valor do seu braço eternisára» &c. *Refega* é pancada de vento breve e rija. Insulan. Liv. 2. est. 91: «As *refegas* do Ethesias apressadas nas implacaveis ondas atrevidas» &c. Porem na opinião de alguns criticos, não obstante a variedade da pronunciação, *refrega* val o mesmo que *refega*, e essa pancada de vento breve e rija é no sentido figurado o mesmo que *briga* e *conflicto*.

Registro e não *registo* é o que se acha nos Auctores de boa nota. Vieira, tom. 1. pag. 308: «No livro estão *registradas* as mercês» &c. Da mesma pronunciação usa Lobo na Corte na Aldeia pag. 302: «Ninguem traz as paixões mais *registradas* que o pretendente» &c.; e na pag. 104. Dialog. 5. diz: «Deixar passar esta mercadoria sem *registro*» &c. Do mesmo modo se deve pronunciar a chave da bica, fonte, tanque &c. Vieira, no

tom. 1. pag. 865: «São os nossos olhos duas fontes, cada uma com dous canaes e com dous *registros* &c. Temos por erro da impressão achar-se *resisto* no tom. 4. pag. 309, onde diz: «O *resisto* no açude» &c.

Relampaguear: outros dizem *relampejar*, e outros *relampear*; porem nós só da primeira pronunciação achamos em Bluteau exemplo, postoque não classico, qual é o do livro, Escola das Verdades, verdade 7.ª §. 7.: «*Relampaguee* a estes olhos com mais claras luzes a verdade» &c.

Relevo e não *relevedo*, como erradamente pronuncia o vulgo.

Relinchar e *relincho* dos cavallos diz por vezes Manuel Thomaz na sua Insulana: «*Relincham* os cavallos animosos» &c. Liv. 7. est. 39. «Que de egoas sem *relinchos* pareciam» &c. Liv. 3. est. 48. Porem deve-se pronunciar *rinchar* e *rincho*, como se acha em Brito na Chronica de Cister, pag. 164: «Temendo que se sentisse o tropel dos cavallos, ou os *rinchos* que alguns podiam dar» &c. Rego na Arte da Cavallaria, em que os criticos o reconhecem por texto nas palavras facultativas, diz sempre cavallo *rinchão*, e não *relinchão*; como pronunciam os imitadores de Manuel Thomaz.

Relogeiro e não *relojoeiro* parece pronunciação mais conforme ao genio da nossa Lingua. Segue-o Bluteau, e allega um exemplo tirado dos Estatutos da Universidade de Coimbra, pag. 18. Presentemente *relojoeiro* é o mais usado.

Remador e *remeiro* achamos em diversos Classicos: a primeira pronunciação tem a seu favor a Barros, e a D. Francisco Manuel nas Epanaphoras, pag. 468: «Diligentes *remadores*» &c.; a segunda a Vieira no tom. 5. n. 186, onde diz: «e os *remeiros* tão robustos» &c.

Remanescente, melhor do que *remanente*, ainda sem ser em termos forenses.

Reinidor em vez de *redemptor* é pronunciação antiquada, posto que fosse de Barros, como se lê em suas Decadas.

Remoedura: outros *rumiadura*. Esta segunda pronunciação parece a alguns mais propria, por vir da voz latina *ruminatio*. A outros parece melhor a primeira, visto dizer-se *remoer* e não *rumiar*, que só achamos em Gabriel Pereira, Ulyss. cant. 7. est. 58: «E quando *rumiando* o manso gado» &c.

Renunciação de officio, beneficio &c. diziam os nossos antigos, e é o que se lê na Ordenação do Reino em muitos logares. Porem já Vieira no Sermão dos Annos da Rainha &c. disse *renuncia* na pag. 22. Esta pronunciação é a que hoje prevalece, mas ainda sem total exclusão da primeira.

Repertorio e não *reportorio*, como ignorantemente pronuncia o povo. Val o mesmo que *achar*, e por isso se deve dizer *repertorio* das Ordenações do Reino, *repertorio* dos tempos &c.

Reposta e não *resposta* é a pronunciação que seguiram os melhores Classicos, não obstante dizer-se *responder* &c.

Represaria e não *represalia* diz Barros na Decad. 1.ª pag. 80: «Seraquillo mais *represaria* pelos seus homens» &c.; porem esta pronunciação está de todo antiquada.

Resabio é mais seguro do que *resaibo*. Em Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 257 achamos: «Haver em animo dedicado ao culto divino *resabio* de cousas terrenas» &c. A Arte da Caça, livro de pronunciação correcta, diz tambem na pag. 13: «Sempre lhe fica aquelle *resabio* de natureza brava» &c. Galvão no Tratado

da *Gineta* segue igualmente em diversas partes a mesma pronunciação.

Resfolegar e não *resfolgar*, assim como se deve dizer *Folego* e não *folgo*.

Resoluto e não *resolvido*. Entre os muitos exemplos que poderiamos apontar, bastará em palavra de pouca controversia só o de Fr. Bernardo de Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 229: «*Resoluto* em lhe responder com as armas» &c. Maior erro é dizer *resolto*, como achamos em Faria no tom. 3. da Fonte de Aganippe, pag. 304: «Pois tanta vida já *resolta* em fumo» &c. Do mesmo modo diz *revolto* em logar de *revolvido*; mas nesta parte não tem tanto contra si o uso dos modernos escrupulosos, porque «*revolta* a terra até o centro» disse Sá de Miranda na Satyra 4.ª

Retractar e *retratar*: deve-se pôr grande cuidado em exprimir estas duas pronunciações, porque a sua significação é entre si mui diversa. *Retractar* é desdizer-se do que se tem dito ou escripto. Vieira, tom. 3. pag. 132: «Recolher porem e *retractar* aquelles erros» &c. Pelo contrario *retratar* é fazer em pintura a semelhança de qualquer pessoa ou objecto bem ao natural. Esta advertencia parecerá a muitos inutil, mas nós frequentemente estamos ouvindo dizer: *retratar* erros; eu me *retrato* do que disse &c. em logar *retractar* e de *retracto*.

Revedor tem mais e melhores exemplos do que *revisor*. De maneira que é mais seguro dizer *revedor* do Santo Officio, do que *revisor*, assim como a Ordenação do Reino chama sempre *revedor* ao que revê as contas em juizo.

Revelia [termo forense] e não *reveria*, como diz o povo ignorante.

Revindicação e não *reivindicação*, como escrevem al-

guns juristas pouco correctos; e assim mesmo *revindicar* e não *reivindicar*. D. Francisco Manuel nas suas Epanaphoras, pag. 576: «Podiam *revindicar-se* movendo-nos guerra» &c.

Revindicta é a pronunciação dos cultos que respeitam aos nossos Classicos. *Rebendita* é a daquelles pouco escrupulosos que seguem erradamente ao povo.

Revolução e não *revolvimento*, porque já está antiquado. E' mui frequente confundir-se com *revulsão*, ainda entre aquelles que sabem que *revolução* val o mesmo que perturbação, mudança, ou circulação, v. g., *revolução* dos ceus, dos tempos, dos humores &c.; e que *revulsão* [termo de medicina] é uma attracção e apartamento do humor, levando-o para outra parte. Esta palavra vem de *revello*, e a outra de *revolvo*.

Reysete e não *reysinho* disse Brito para explicar um rei pequeno. Mon. Lusit. tom. 1. pag. 155: «O *reysete* Tago» &c., e na pag. 189: «O favor de certo *reysete* de Celtiberia» &c.

Ribeira e *ribeiro* não é o mesmo em significação rigorosa, e por isso a não confundem os que tem pronunciação correcta. *Ribeira* em termos proprios é terra baixa e fresca, por estar junto a rio ou corrente. Galhegos, Templo da Memoria Liv. 3. sext. 137: «Filha de outro Fernando, que coroado pisou do Rheno as humidas *ribeiras*» &c. Algumas vezes se toma por um rio caudaloso. D. Francisco Manuel nas Epanaphoras pag. 322: «Procediam deste valle do Funchal ao mar tres caudalosas *ribeiras*» &c. *Ribeiro* é a agua de um manancial, que corre pelo caminho que se tem aberto. Chagas, Obras Espirituaes, tom. 1. pag. 280: «O *ribeirinho*, que na fonte não teve brios de regato, em começando a ser *ribeiro*, ensaia as aguas para *rio*» &c.

Rhinocerote [animal], *rhinoceronte* e *rhinóceros*. De qualquer destes modos o achamos pronunciado por graves Auctores. O primeiro, mais chegado á origem grega, é de Damião de Goes, e seguido pelos academicos das *Conferencias Eruditas*, que se faziam na livraria do conde da Ericeira. O segundo é do Padre Lucena na Vida de S. Francisco Xavier pag. 208, fundando-se na pronunciação castelhana, e no uso, que muda o incremento. O terceiro é de João de Barros na Decad. 2. pag. 218. Esta pronunciação está antiquada, por nimiamente latina: a segunda ainda póde ter uso. A primeira é a seguida pelos que melhor fallam.

Risa em logar de *risadá* traz Lobo na Corte na Aldeia, pag. 91: « Levantaram tão grande *risa* que desauctorisaram de todo o sentimento do nojo » &c. Não está já em uso.

Risca [por linha que se lança] tem melhores exemplos do que *risco*, que tem mais uso para denotar perigo, ou desenho de pintor.

Rocío, e *recío*, segundo Duarte Nunes de Leão na sua Origem da Lingua Portugueza, cap. 16, tem grande differença. *Rocío* é propriamente o orvalho, e *recío* praça ou especie de prado. Como o não prova, não o seguiremos. Verdade é que na Historia de S. Domingos usa Fr. Luiz de Sousa de *recío* na significação de praça, ou prado, dizendo: « *Recíos* do concelho, que por ali havia » &c. Ainda com estes exemplos devemos chamar *rocío* á praça de Lisboa, porque o uso constante dos sabios é auctoridade mais classica.

Rodar e *rodear* tem a differença que poucos lhes dão na pronunciação. *Rodar* é mover-se circularmente como roda, ou tambem cahir de alto para baixo. Vieira, tom. 9. pag. 119. « *Rodou* do monte a pedra » &c. *Rodear* é

andar ao redor de alguma cousa. Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 223. «Que mudanças traz o *rodear* dos annos?» &c.

Rogações melhor do que *rogativas*, fallando-se das publicas ladainhas de maio. Assim o achamos em escriptores de auctoridade, postoque não da primeira ordem.

Rompido em logar de *roto* só o diz hoje a plebe ignorante.

Rota de exercito, e não *derrota* [como diz o povo] achamos nos melhores classicos, e não são poucos os exemplos, que se acharão em Vieira. Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 291 diz. «Tal pavor poz esta *rota* nos animos» &c. Segue-o sempre Vasconcellos na sua Arte Militar, como v. g. «E não menos se vê na rota de Cassio» &c. pag. 24. *Derrota* só serve para explicar caminho, e jornada, que se fez por terra ou viagem por mar.

Rotundidade em logar de *redondeza* é de Vieira na sua *Historia do Futuro*, pag. 262. «Desta *rotundidade* do ceo inferiam» &c.

Rubí e não *Rubim* achamos em Vieira tom. 4. pag. 191. «O quinto de *rubí*, o sexto de Sardo» &c. Porem no plural diz *rubins* e não *rubís*; donde parece que não desapprova a pronunciação de *rubim*.

Rubrica com o i longo, imitando a pronunciação latina, *excepto siquid Masuri* rubrica *notavit*. Persio na satyra 5.ª

Rude e não *rudo*, que se acha em alguns Auctores, especialmente poetas por causa do consoante.

Ruinar e não *arruinar* disse Faria na Fonte de Aganippe, centur. 6. sonet. 23. «A fabrica, que já se vê *ruinada*» &c. Pode-se soffrer vistas as liberdades, que amam os poetas.

Rumo e não *rumbo*, de que barbaramente usou Barreto na sua Pratica entre Democr. e Heracl.

Saco [termo militar] e não *saque*, como diz o vulgo ignorante.

Sacristia e *sacristão*: parece que assim se devia constantemente pronunciar, por vir do latim *sacer*; porem em Auctor da melhor nota, qual é Jacinto Freire, achamos *sancristia* e *sancristão*: Liv. 4. n.º 106. «Outra porta para o serviço da *sancristia*» &c. E não o temos por erro da impressão, porque em manuscriptos originaes, e correctos da mesma idade achamos o mesmo. O Padre Bento Pereira segue igualmente a mesma pronunciação, a qual nós hoje não podemos desprezar.

Salobra [agua] e não *salobre*. Esta segunda pronunciação parece, que é hoje a dominante, mas nós sempre seguiremos aquelles que disseram poço *salobre*, e corrente *salobra*, porque entre nós não é este dos nomes com genero commum de dous, como v. g. *funebre*, *lugubre*, *celebre*» &c.

Salvateco e *selvatico*. Os que pronunciam do primeiro modo seguem a Camões, que no cant. 10, est. 93 disse. «De *selvatica* gente negra, e nua» &c. Vasconcellos na Arte Militar, pag. 14 diz tambem. «Rustica, e *salvatica* vida» &c. Os que pronunciam do segundo modo encostam-se ao castelhano *selva*, palavra que alguns dos nossos poetas admittiram, e até na prosa a achamos em Barreiros na sua Corografia, pag. 235. «Nas *selvas* hercinias» &c.

Sanfonha [instrumento musico dos rusticos] e não *sanfona*, achamos nos bons Auctores. Lobo na sua Primavera part. 3. pag. 223 diz. «Tocando uma rustica *sanfonha*.» Vem da palavra italiana *sampogna*, a qual adoptou D. Francisco Manuel nas suas poesias. Porem pelo

contrario achamos *sanfonina* e não *sanfoninha* em diversos poetas, especialmente em Camões na Eclog. 6. est. 4. « Ouvi da minha humilde *sanfonina* » &c.

Sanguesuga ou *sanguxuga*. De qualquer dos modos o achamos escripto em livros correctos de medecina e cirurgia. Parece a alguns criticos, que pronunciam melhor os que dizem *sanguesuga*, por se compor esta palavra de *sanguis*, e *sugo*; porem o uso ainda não decidiu.

Sanhoso disseram alguns Auctores; porem *sanhudo* é pronunciação dos melhores.

Sarabanco e não *salabanco*, quer Bluteau que se chame áquella agitação violenta, que se sente nas carruagens, que dão saltos; mas não produz exemplo, para mostrar ser errada a pronunciação reinante.

Sarnento e não *sarnoso*, que hoje quasi só se pronuncia nos adagios da lingua sobre *sarna*.

Sede Apostolica querem alguns que não se deva dizer, mas *Sé* Apostolica. Não duvidamos que esta pronunciação seja mais segura; porem Vieira no tom. 2. pag. 143 disse. « Offerecendo á S.ta *Sede* a mesma obediencia de filhos » &c. Em outros logares se acha o mesmo.

Sedento em logar de *sequioso*, é não menos que de Camões e Vieira. O primeiro no cant. 3. est. 116. « Fez beber ao exercito *sedento* » &c. O segundo no tom. 6. pag. 461. « Se os filhos *sedentos* e famintos » &c. Depressa se antiquou esta palavra! Na mesma accepção achamos *sedêdo* em Leonel da Costa, Eclog. de Virgil. pag. 28. « A cabeça de um javali *sedeúdo* » &c. Esta pronunciação é que é muito bem antiquada.

Sediço é o que achamos nos bons livros; *seidiço* é o que achamos no vulgo.

Seguito e não *sequito*, diz Bluteau, allegando com o tom. 6. da Mon. Lusit., pag. 363, e com o Auctor da

Guerra do Alemtejo, pag. 46. Não obstante sigo a segunda pronunciação, da qual já usava Varella, escriptor de linguagem mais correcta, dizendo no seu Num. Vocal, pag. 486. «Parecendo-lhes obrigação o *sequito*» &c.

Seguridade por *segurança*, não tem melhor exemplo que o de D. Francisco Manuel nas Cartas, pag. 300. «E se logram com maior *seguridade*» &c, *Segurança* é de todos os classicos.

Semana e não *somana*, postoque assim se ache em Camões.

Semblea por *assemblea* traz o livro Escola das Verdades, pag. 441. Ha muito que é pronunciação viciosa. Nem em poesia sem admittirá.

Semelhar por *assemelhar* achamos em Lobo na Corte na Aldeia, Dialog. 16. pag. 16. Não é seguido nem ainda na linguagem poetica.

Semelhavel por *semelhante* disse João de Barros na Decad. 3. pag. 70. Está antiquado.

Senhoria por *senhorio* tem bons exemplos, mas prevaleceu o uso de dizer *senhorio*.

Sequestro [termo forense] e não *secresto*, como se acha nos livros antigos.

Sestruoso [pessoa que tem sestro] melhor do que *sestroso*, não obstante ser pronunciação quasi commum.

Sevandilha por *sevandija* traz D. Francisco Manuel na sua Carta de Guia de Casados, pag. 36. «Estas *sevandilhas* pequenas, estes argueiros» &c. Não está em uso.

Sezão e *sazão* tem exemplos, porem Fr. Bernardo de Brito seguido depois por muitos, dizia *sezão*, Mon. Lusit. tom. 1. pag. 387. «Não deixava chegar a *sezão* de amadurecer» &c. Visto não pronunciarmos já como os anti-

gos *sasonado*, mas *sasonado*, melhor será para irmos coherentes que digamos *sasão* e não *sadio*.

Sesudo e não *simudo* achamos em Brito no tom. 1. pag. 161. «Damnos que custam a vida são os mais *sesudos* conselheiros, que dá o tempo» &c. Porem *sisudo* é pronunciação de todos aquelles, que derivam esta palavra de *siso*, e não do castelhano *seso*, donde o derivaram os antigos, dizendo *sesudo*.

Sibillina [cousa das sibillas] melhor do que *sibillica*, de que usou D. Francisco de Portugal nos seus Divin. e Human. Vers. pag. 146. «Emula dos *sibillicos* alentos» &c.

Silharia e não *enxelharia*, como ignorantemente dizem os pedreiros. «Derrubando a primeira ordem de *silharia*, deitando as pedras abaixo» &c. Brit. Mon. Lusit. tom. 2. pag. 26. Os cultos ainda hoje estão por esta pronunciação.

Simpleza por *simplicidade* é de Barros na Decad. 3, pag. 255. «*Simpleza* da primeira idade» &c. Lobo na Corte na Aldeia, pag. 15, tambem usou do mesmo. «Os outros ajudavam a sua *simpleza*» &c. Ainda não temos por antiquada esta pronunciação.

Simplices, por plural de *simples*, ainda o não podemos descobrir em algum Auctor classico, senão em termos medicos, e farmaceuticos, significando hervas medicinaes. O que achamos é «homens *simples*, corpos *simples*, qualidades elementares *simples*» &c.

Simulcadente [figura da rhetorica] ou *simulcadencia* e não *simulcadens*, como escreveram alguns com pronunciação puramente latina. *Simuldesinencia* disse o Auctor do Systema Rhetorico pag. 124. Não tivera-mos duvida a segui-lo e não dizer *simuldesinente*.

Sinalar e *sinalado* e não *assinalado* e *assinalar* é de

todos os bons textos da lingua. Em Vieira o achamos muitas vezes nas suas Cartas: em Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 110. « Duas cidades mui *sinaladas* naquelle tempo » &c. Em Jacinto Freire pag. 24. « Donde a *carta* não *sinalava* baixos » &c. E na Brachilogia de Princepes, pag. 281. « Imprudencia será lançar mão de *sinalados*, havendo outros sem defeito. » Estamos ainda por este modo de pronunciar.

Sinceiro por *salgueiro* já se não pronuncia; nem o que não estiver por esta sentença queira defender-se com a auctoridade de D. Francisco Manuel, que nas suas obras metricas usou de *sinceiro* e *sinceiral*; porque dos logares em que este Auctor se valeo de tal pronunciação, bem se vê que foi muito a proposito para o assumpto o uso de vozes antiquadas.

Singradura e não *sangradura* chamavam antigamente ao que anda um navio no espaço de um dia natural. Os livros facultativos que nesta materia fazem grande texto, deste modo é que o trazem. Manuel Serrão Pimentel na sua Arte de Navegar pag. 81 diz. « E' necessario traçar todas as *singraduras* antecedentes » &c. Seguiu o exemplo do famoso Pedro Nunes, que no seu Tratado em em defensa da Carta de Marear disse tambem. « As *singraduras* de um dia natural com vento prospero não passam de mil estadios » &c. Verdade é, que em João de Barros, Decad. 1. pag. 6. se acha *sangradura*, mas tem-se por erro ou da impressão ou do copista. Foi imitado por alguns, especialmente pelo conde da Ericeira no Portugal Restaurado, tom. 1. pag. 184, onde diz. « A poucas *sangraduras* experimentaram o tempo contrario » &c. Porem segundo os criticos mais escrupulosos, ainda hoje devemos dizer *singradura*, assim como os castelhanos dizem *singladura*, por ser palavra que vem da franceza *sin-*

gler, que val o mesmo que *navegar*. *Sangradura* diz Bluteau que parece cousa de sangria, appropriação que nada se accommoda ao navegar.

Sino [por seio, estreito ou golpho] usou Vieira no tom. 2. pag. 140. «Passou a Arabia, entrou no *sino* persico» &c.

Sirena por *sereia* não se admitte senão em poesia, por isso justamente accusam de affectado a certo escriptor vivo, em cujas obras historicas se acha *sirenas*.

Sitar por *situar* é hoje antiquado, não obstante ter usado deste verbo João de Barros na Decad. 1. pag. 154, onde diz. «Tolomeo *sitou* em quinze gráos.

Sito por *situado* tem Vieira a seu favor, que no tom. 1. das Cartas, pag. 94, disse. «Outra capitania *sita* entre o Maranhão e Pará» &c.

Sixel, *sinxel*, e *sinxel* acho em bons Auctores; porem alguns criticos querem que *sixel* e *sinxel* tenham melhores exemplos; concordamos com elles.

Sobaco e não *sovaco*, como erradamente diz o vulgo. Querem alguns que esta palavra se derive das duas latinas *sub arcu*; porque *sobaco* é a concavidade, que debaixo do nacimento do hombro, entre o braço e o corpo se forma a modo de *arco*.

Soborno melhor do que *sobornação*, que se acha em alguns Auctores. «Contra o *soborno*, e intercessão de gente poderosa» disse Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 156.»

Sobrexcellente e *sobrecellente*. A primeira pronunciação é de Vieira tom. 2. pag. 409. «Esta união da verdade com a misericordia é tão *sobrexcellente*» &c. A segunda é de João de Barros na Decad. 1. pag. 38. «Os navios e a gente *sobrecellente*» &c. Pode-se usar.

Socedimento por *successo* se acha nas poesias de Antonio Ferreira, pag. 129. «Não louvamos já bons *socedimentos*» &c. Este Auctor é mais para imitar nas belleras

da sua poesia, do que na correcção da sua linguagem; pois sendo posterior a Camões, não estudou em o imitar nesta parte.

Soletrar e não *soletrear* á maneira do vulgo ignorante. Chagas, Obras espirituaes, pag. 259. «Muitas vezes *soletraria* v. m. no a, b, c, do amor divino, que o avesso da nossa vontade é o direito da vontade de Deus.» &c.

Somma e *sommar* [termo arithmetico] e não *summa* e *summar*, como erradamente pronunciam muitos. Vieira tom. 1. pag. 126. «*Somma-os* a vida, diminue-os a morte» &c. Lobo, Corte na Aldeia pag. 214. «Bem sei que me *sommaes*, para me diminuir» &c. *Summariar*, como se lê em alguns, já se não diz.

Sotterrar por *enterrar* não é pronunciação tão antiga que não usasse della Jacinto Freire no Liv. 2. n.º 160, dizendo: «Ficou nas ruinas do baluarte um basilisco *sotterrado* de maior grandeza» &c. Deveria este verbo ter uso, porque exprime o metter alguma cousa debaixo da terra, muito melhor do que o *enterrar*, especialmente dizendo nós, *subterraneo*.

Suasorio e *persuasorio*, querem alguns que se pronuncie com auctoridade de D. Francisco Manuel, que nas suas Cartas, pag. 61, escreveu. «Sua graça e virtude *suasoria*» &c.

Subcessivas [horas] não é o mesmo que *successivas*. A primeira pronunciação val o mesmo que horas roubadas a outra occupação. A segunda significa o mesmo que *continuado*. Da palavra *subcessiva* usou Lavanha na Dedicatoria do Nobiliario do infante D. Pedro, e seguio a Sá de Miranda, que usou do mesmo termo na satyra 1.ª n.º 83; postoque erradamente escreveu *succesinas*.

Submerso por *submergido* não se admitte em prosa. Os poetas talvez ainda tem esta licença com o exemplo

de Camões no cant. 7. est. 8. «Comtigo, Italía fallo, já *sumersa*» &c.

Submissão e *submisso*, melhor do que *summissão* e *summisso*, que trazem alguns livros.

Suborno ou *soborno* e não *subornação*, como diz o povo, e se acha em não poucos escriptores da infima classe.

Substancial por alimento, que tem substancia, não se acha tão usado pelos classicos, como *substancioso*. *Substancial* é cousa concernente á natureza da substancia, e essencia de alguma cousa.

Subtilidade de engenho dizem muitos, mas *subtileza* é pronunciação mais corrente.

Subuersão e *submersão* é para muitos o mesmo, assim como *subverter* e *submergir*; ignorando que *subversão* só se dá na terra; e *submersão* no mar.

Succo por *sugo* ou *sumo*, além dos exemplos de Auctores medicos da melhor nota, tem a auctoridade de Vieira, que no tom. 6. pag. 344 disse: «E todas as outras hervas, flores e *succos*» &c. Com a mesma segurança se pode usar de *succoso* em logar de *sugoso*, que se acha no livro *Correcção de Abusos* &c.

Sudorifico não é pronunciação tão segura, como *sudorifero*, segundo observámos nos livros de medicina, escriptos por professores de pura linguagem na sua faculdade.

Superno por *superior* só é pronunciação de poetas. Ulys. cant. 1. est. 15. «Conselho quer fazer no ceo *superno*» &c.

Supito em logar de *subito* foi pronunciação de Brito na sua Mon. Lusit. tom. 1. pag. 294. «E derá de *supito* sobre o exercito contrario» &c. Seguio-o Chagas nas Obras Espirituaes tom. 2. pag. 110. «Tendo grande resguardo nos *supitos*, e nas impaciencias» &c. Na Insula-

na de Manuel Thomaz tambem se acha *supitamente*. Liv. 2. est. 127, mas se não tiveramos os exemplos referidos não bastára o deste poeta.

Suppresso querem muitos que seja melhor pronunciação do que *supprimido*. Nós de uma e outra achamos exemplos, que posto não sejam classicos, não são para desprezar. Outros criticos ha, que fazem differença [mas não o provam] entre *suppresso* e *supprimido*, dizendo, que este val entre nós o mesmo que *sopêado*, e aquelle o mesmo que *escondido*, v. g. nome *suppresso*, e máo genio *supprimido*. Não estámos por esta differença em quanto a não acharmos em bons textos.

Surcar, contra a opinião do Padre Madureira, tem melhores exemplos do que *sulcar*, não obstante esta segunda pronunciação trazer sua origem do latim *sulcare*. Jacinto Freire na pag. 7 diz. « O maior galeão dos que até aquelles tempos *surcaram* nossos mares » &c. Chagas nas Obras Espirituaes tom. 2. pag. 288. « Estas tempestades *surca* quem neste penedo busca o porto » &c. Vieira dá copiosos exemplos desta pronunciação.

Surprezo ou *sorprezo* e não *surprendido*, dizem os modernos que mais cuidam em fallar com pronunciação correcta.

Suscitado em logar de *resuscitado* se acha em um Poema á Santa Magdalena, cant. 7. est. 38. « Nascido, vivo, morto e *suscitado*. » Neste sentido só em poesia epica se poderá soffrer tal pronunciação.

Tal qual e não *tal e qual* achamos nos nossos escriptores mais puros em linguagem. São muitos os exemplos em Fr. Luiz de Sousa, que provam esta pronunciação.

Tangedor de instrumentos musicos e não *tocador* achamos commummente nos melhores classicos. Só Fr. Luiz

de Sousa alguma vez disse. « *Tocador* de orgãos » &c. porem o maior numero de exemplos são a favor de *tangedor*.

Tarima e *tarimba* pronunciam muitos indifferentemente, querendo significar uma mesma cousa, quando segundo os criticos, *tarima* é hoje aquelle estrado alto em que se poem os cadaveres de pessoas conspicuas antes de se enterrarem, e no acto de se lhes fazerem exequias; *tarimba* só se chama ao estrado mais alto da cabeceira que dos pés em que se deitam os soldados nos seus quarteis. Porem não duvido que até nesta accepção se deva dizer *tarima*, porque esta é a geral pronunciação, que achei atéqui nos melhores Auctores.

Tataro e não *tartaro*, se deve chamar áquelle que por impedimento da lingua pronuncia mal as palavras e troca algumas letras em *t* como v. g. *Catharina* em *tatarina*: o Padre Madureira quer que tambem haja *tartaro* para significar ao que quasi mudo tarda em pronunciar as palavras. Não sei em que exemplo se fundou, porque eu o que tenho achado é só *tartamudo* e não *tartaro*, palavra que em tal sentido nem em Bluteau se acha.

Terçado [arma] e não *traçado*, porque era espada com menos da 3.ª parte da de marca.

Terçar v. g. a capa e não *traçar*, quer Bluteau que se diga, mas não aponta exemplo, nem nós ainda o achámos.

Termentina e não *tormentina*, como diz a plebe, se deve pronunciar a resina, que sahe do terebinto. Leonel da Costa: Eclog. de Virgil. pag. 29. « A arvore que dá a *termentina* » &c.

Terneza por *ternura* usou Chagas nas Obras Espirituaes tom. 1. pag. 374 dizendo. « Caricias com que affagam, *ternezas* com que animam » &c. Leonel da Costa, Eclog. de Virgil. pag. 34 diz tambem. » Fazendo-o amar

com *terneza.*» Porem hoje a pronunciação mais seguida é *ternura.*

Terrapleno e *terraplenar* [termo de fortificação] tem mais e melhores exemplos do que *terraplano* e *terraplanar.* Nós seguimos contra o parecer de alguns, que esta palavra se compoem de *terra* e *plenus*, e não de *terra* e *planus.*

Terremoto e não *terramoto* ou *terramote*, como dizem os idiotas, e se acha impresso em alguns papeis modernos sobre o terremoto de 1755.

Theriaga e não *triaga* acho nos nossos bons Auctores de medicina, seguindo ao grande João de Barros, que na Décad. 2. pag. 142 disse. «A cura quizeram fazer a alguns com *theriaga*» &c.

Tibieza e não *tibeza*, que trazem alguns livros, uns dos quaes são os dos Sermões do Bispo de Martiria, onde achamos no tom. 3. pag. 162. «Não se pode chamar amor senão *tibieza*» &c.

Tingidura por *tintura*, já se não pronuncia, posto que se ache nos textos antigos.

Titubear é hoje mais seguido do que o antigo *titubar* porem não se diz com tanta propriedade *titubeante* como *titubante.* O uso com o seu despotismo é que tem approvado esta incoherencia.

Traje mais usado do que *trajo*, se bem que esta terminação em *o* tem a seu favor os textos mais graves, porem o uso antiquou-a.

Transe [ocasião perigosa] e não *tranze*, como pronunciam os castelhanos. Camões na canç. 10. «Emfim não houve *transe* de fortuna» &c.

Trasmontado e *trasmontar*, se bem que na Corte na Aldeia, pag. 224 se lê. «Galante como estava *trasmontado*» &c.

Trava e não *trave* chamavam bons antigos á viga atravessada, cujas extremidades descançam em duas paredes ou pilares.

Trefo quer Bluteau que se chame ao homem maliciosamente esperto ou bulhento, e não *trefego*, como vulgarmente se diz.

Treição e *treidor* e não *traição* e *traidor* disse sempre Vieira, e os bons do seu tempo. Presentemente está pouco em uso.

Tremelar e não *tramalear* ou *trambalear*, como ignorantemente pronuncia o povo. Tambem não é seguido usár de *tremolar* por *tremelear*. O proprio é *tremolam* as bandeiras, e *tremelca* a embarcação. Muito se hallucinou um grande academico do nosso tempo, quando disse em uma oração — a minha *tremolante* lingua; querendo dizer *tremula*. Já em outro papel tinha escripto. — As *tremolas* quinas portuguezas; querendo dizer as nossas *tremolantes* bandeiras.

Trença e não *trança* disse Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 258. «Em cujos calções e vestidos se não vissem *trenças* de ouro.» Está antiquada esta pronunciação que tambem foi de Sá de Miranda, e do insigne Barros.

Tresvariar e *tresvariado* e não *trespaliar* e *tresvaliado*, como ignorantemente diz o vulgo, porque vem de *tresvario*, a que tambem o povo chama com erro *tresvalio*.

Troar por *trovejar* disse D. Francisco Manuel na Çamfonha de Euterpe, pag. 95. «*Trôa* o ceo, arde o horizonte» &c. Não é usado.

Trombeta e não *trompeta*, porque não obstante ter sido pronunciação dos bons antigos, hoje não tem uso nem ainda em poesia.

Troncar mais seguro do que *truncar*, postoque se deri-

ve do latim *detruncare*. Jacinto Freire, pag. 14: « Por não *troncar* a historia » &c. Manuel de Galhegos no Templ. da Memor. Liv. 2. est. 157: « *Troncou* tantas cabeças, tantos braços » &c. E no mesmo Liv. est. 215: « Que acabe esse discurso assim *troncado* » &c.

Ugonoto e não *ugonote* disse o insigne Auctor da Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 105: « Ficou em pé, apesar dos *ugonotos* » &c. Deve-se seguir.

Unicornio e não *unicorne* ou *licorne*, como muitos escreveram, e já Duarte Nunes de Leão faz na sua Orthographia esta emenda.

Usso e não *urso* achamos constantemente nos nossos Auctores Classicos: hoje ainda os querem seguir alguns escrupulosos modernos, justos adoradores da antiguidade; porem o uso está declarado contra o seu partido, e já Galhegos no Templ. da Memo. Liv. 4. est. 8. disse: « O *urso* não temia o ferro agudo » &c.

Usurario e *usureiro*: ambas as pronunciações tem bons exemplos de Vieira e outros Classicos. Os antigos diziam tambem *onzeneiro*, derivado de *onzena*, que val o mesmo que *usura*.

Vagabundo e não *vagamundo*, como erradamente escreveram alguns, sendo um delles Godinho na sua Viagem da India, dizendo na pag. 40: « Com gente *vagamunda* » &c. De *vago* na mesma accepção usou Barros, Decad. 1.ª pag. 172: « Gente *vaga*, sem natureza nem assento » &c.

Vaguear com o pensamento, e não *vagar*, como pelo commum impropriamente se pronuncia. Vieira, tom. 6. pag. 323: « Interrompe com o *vaguear* de outros pensamentos » &c.

Varrer e não *barrer*, como diz erradamente a plebe.

Varzea tem melhores exemplos do que *vargem*. Bri-

to na sua Mon. Lusit. tom. 2. pag. 110 diz *varsea*, e seguiu a Barros, que na Decad. 2.ª pag. 180 usa da mesma pronunciação: «O fim da qual planicie é quasi como *varsea*» &c. Os que pronunciam *vargia* erram muito mais do que os que dizem *vargem*.

Vasto e *basto* confundem muitos, principalmente os nascidos em algumas das nossas provincias. *Vasto* é cousa grande na extensão, e delle vem *vastidão*. Pelo contrario *basto* é um agregado de cousas espessas e juntas; e assim se deve dizer bosque *vasto* por extenso, e *basto* por cerrado.

Venturina [pedra] e não *viturina*, como ignorantemente pronunciam até os prezados de cultos.

Verdejar é mais seguido do que *verdear*, como diziam os antigos. «Se vires *verdear* o prado» diz Diogo Bernardes nas suas Eclogas.

Verendo por *veneravel* só o diz um Auctor tal como o do poema, Destruição de Hespanha, Liv. 1. est. 122: Logo que fallar poude o rei *verendo*» &c.

Verisimel, *verosimel* e *verosimil*. Qualquer destas pronunciações tem bons exemplos. A primeira é de Lobo na Corte na Aldeia, pag. 17: «O auctor que compõe livros seja *verisimel*» &c. A segunda é de Vieira em diversos logares das suas Cartas. A terceira é do uso, porque hoje todos commummente dizem *verosimil*. O que se não póde dizer é *verisimilitude* ou *verasimilidade*, como alguns pronunciam em logar de *verosimilhança*.

Vespera e *vespora*. A primeira pronunciação é a corrente. A segunda era de muitos Classicos do seculo passado. Observem-se as Cartas de Vieira.

Viador e *viandante* confundem muitos para significar o que caminha. Os criticos pretendem que *viandante* se applique precisamente só áquelle que caminha, co-

mo bem provam antigos e modernos epitaphios; e que *viador* sirva só para denotar aquelle homem, que vivendo em corpo mortal se encaminha para a eternidade. Por isso Vieira no tom. 3. pag. 285 disse: «Na mesma alma de Christo só em quanto *viador*» &c. Bluteau approva esta differença.

Vice-Rei e *Viso-Rei* tem exemplos da primeira classe; porem os muitos que se acham nas Cartas de Vieira, juntos com os de Jacinto Freire, que sempre diz *Viso-Rei*, fazem com que muitos prefiram esta pronunciação. A de *Vi-Rei*, que acho em alguns livros, é que não sei tenha exemplo de boa auctoridade.

Vigairo é pronunciação que não está em bom uso: devia sofrer-se, visto ter muitos textos a seu favor, e dizer-se *vigairaria*. Não damos por antiquado o exemplo de Brito na Mon. Lusit. tom. 2. pag. 114, onde diz: «Ordenou um *vigairo* do imperio» &c. porque são ainda hoje mui poucos os que usam da mesma pronunciação; e em tal caso ainda os Classicos não perderam a sua auctoridade. Esta mesma regra dá com prudencia o moderno Diccionario da Lingua Castelhana, seguindo ao celebre da Crusca.

Vigia por *insonolencia* é mais seguido dos bons auctores medicos, do que *vigilia*. Luz da Medic. Trat. 3. capit. 3.: «Quando a *vigia* proceder de copia de humores» &c. Outros muitos exemplos se poderiam apontar.

Villôa ou *villãa* se póde chamar á mulher do campo, porque uma e outra pronunciação tem bons exemplos. A segunda é que está mais em uso entre os cultos.

Vingativo e *vindicativo*, que muitos disseram, talvez porque João de Barros na Decad. 1.ª pag. 3. disse: «Sem os poderem *vindicar* por lei de armas» &c. Hoje

vindicativo só se applica bem á justiça, quando se diz: «Justiça *vindicativa*, *distributiva* &c.

Viscondè, *viscondeça*, *viscondado*, e não como vulgarmente se pronuncia, *bisconde*, *biscondeça* e *biscondado*, cuja pronunciação só se deve dizer quando alguem tiver este titulo, por ser duas vezes conde.

Vistoria [termo forense] e não *vestoria* quer Bluteau que se diga, e o segue Madureira na sua Orthographia; mas contra o uso universal que diz *vestoria* não ha que teimar, ainda que seja com rasão, como nesta palavra; porque significando uma acção que se faz com a vista, se devia chamar propriamente *vistoria*.

Volantim e não *bolantim* ou *borlantim*, como diz a plebe ignorante. Alguns não despresam a pronunciação de *bolantim*, deduzindo-a do castelhano; pois que desta nação é provavel que fossem os primeiros que viram os portuguezes fazer habilidades na marôma.

Volcão e *vulcão*. Do primeiro modo pronunciou Varella no Num. Vocal, pag. 522, dizendo: «*Volcão* abrazador» &c. Do segundo disse o Conde da Ericeira no Portug. Restaurado, tom. 1. pag. 455: «Com terremotos e *vulcões* de fogo» &c. Estamos pela primeira pronunciação, postoque, a buscar a etymologia, seja mais propria a segunda.

Voltar querem muitos que tenha differença de *voltear*, dizendo que *voltar* é propriamente fazer volta, ou ir e vir de novo para algum logar &c.; e *voltear* é fazer dar voltas a alguma cousa á roda, v. g., *volteam* os corpos celestes, *voltêa* a bandeira, *voltêa* na marôma &c.

Volto em logar de *voltado* achamos em D. Rodrigo da Cunha na sua Historia dos Bispos de Braga, pag. 96: «Com a bocca torcida e *volta* a uma orelha» &c. Em Vasconcellos no Sitio de Lisboa, pag. 120 achamos

o mesmo: «Sitios altos e *voltos* ás partes do ceu mais temperadas» &c. Mas não obstante não serem para desprezar estes exemplos, o uso não quer que valham.

Voluntarioso por homem *voluntario*, que em tudo quer fazer a sua vontade, achamos em João de Barros na Decad. 4.ª pag. 490. Quanto a nós não deve estar antiquada esta pronunciação, porque *voluntario* não a substitue bem.

Xabregas e tambem *Enxobregas* achamos no tom. 1. das Cartas do Padre Vieira. A primeira pronunciação é hoje a mais seguida.

Xergão e não *enxergão* pretende o Padre Bento Pereira que se pronuncie. Fr. Luiz de Sousa na sua Historia de S. Domingos, e Fr. Bernardo de Brito na Chronica de Cister, estamos certos que seguiram o mesmo. Esta era a pronunciação dos antigos, como se póde ver no Diccionario de Cardozo, e em Amaro de Roboredo na declaração da palavra *tomentum*. Nós ainda seguimos a estes Auctores, porque não vemos que se opponha o uso universal.

Zafira fez D. Francisco Manuel do genero masculino. Obr. Metr. Tuba de Caliope, sonet. 96: «*Zafiro* singular, que foi vendido» &c.

Zangão [homem atravessador] mais seguro do que *zangano*. Chagas no tom. 2. das Cartas diz: *Zangãos* da sãa gloria» &c. pag. 414.

Zanolho e não *zarolho* [como vulgarmente se diz] se deve chamar áquelle que atravessa os olhos.

Zizania e não *sizania*. Barros, Decad. 4. pag. 384: «Metter entre elles *zizania*» &c. E' seguido por Vieira e por todos os bons.

Zorrague e não *azorrague* achamos em Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 98: «*Zorragues* com que os casti-

gar» &c. Pretendem os que melhor fallam que ainda não esteja antiquada esta pronunciação.

Zunido melhor do que *zonido* ou *sonido*. Fr. Heitor Pinto, Auctor recommendavel, onde o uso o não fez antiquado. diz nos seus Dialog. pag. 79: «Os ventos que *zuniam* nas concavidades das rochas» &c. Na pag. 90 se acha a mesma pronunciação, que provêm da figura onomathopea. Ao zunido das abelhas chama Leonel da Costa *zumbido*, nas Georgic. de Virg. pag. 121: «As abelhas com um certo *zumbido* que lhes serve de trombeta» &c. Não foi seguido.

FIM DA SEGUNDA PARTE.

NOTAS.

Á Reflexão 2.ª — *Sobre os nomes que só tem singular ou plural.*

Nada temos que dizer sobre a 1.ª reflexão, porque o A. no paragrapho 4.º enuncia a rasão de não engrossar o volume com extensas listas das palavras viciadas na pronunciação. E com effeito seria illimitado e indefinido o catalogo, que se fizesse, ao passo que delle não resultaria proveito; a gente que pronuncía e escreve *carapinteiro*, *pelengrino*, *brabas* por *barbas*, e outros que taes barbarismos, é tão incorrigivel e incapaz de doutrina, como o areal tisnado que não recebe cultura: e os indoutos, que tem desejo de emendar similhantes defeitos, facilmente se corrigem com o auxilio dos diccionarios, estudada lição, e frequencia de pessoas mais instruidas. Como porém a pronunciação incorrecta desfeia e obscurece o discurso, e de ordinario é causa de adulterações na oração escripta; e ha erros que, ou pelo não parecerem ou por inveterados, se perpetuam entre os menos advertidos; diligenciou o nosso P.e Freire mostra-los e desfaze-los, ao que destinou o presente tratado. Mas porque algumas de suas observações são menos bem fundadas, e por isso podem gerar erros em sentido contrario, ou suscitar demasiados escrupulos, seremos um poucó mais minuciosos no exame desta 2.ª Parte do que o fomos na primeira.

Não merecem o labeu *d'ignorantes modernos* (vide a pag. 8)

os que admittem o singular de certas palavras, a que o A. só consente plural jurando pelo testemunho de Barros; fiou-se inteiramente nesta auctoridade, porque se recorresse aos Classicos acharia em Fr. Luiz de Sousa *passim* o singular *alforge* e assim mesmo em outros escriptores. *Farello* tambem tem abonação Classica, e alem disso o uso commum; por exemplo, quando de um homem de muitas palavras, e muita basofia de têres, amisades e protecções, se diz: — tudo aquillo é farélo. A voz correspondente n'outras linguas tem singular: *furfur* em latim, *son* em francez, *bran* em inglez, *salvado* em hespanhol. — *Sêmea* está no mesmo caso; e no singular se acha nos Diccionarios. — *Papas* é verdade que nos livros e no fallar quotidiano tem mais geralmente plural: mas tambem é certo que o auctor esqueceu-se da *papa* dada ás creanças. — Não podemos soffrer que se negue o singular aos nomes de vegetaes e de seus fructos, embora lho não dessem os antigos: todavia sabemos que o estilo de *mandar á fava em quanto a ervilha enche* é muito antigo; e que nas corporações onde se votava por favas, muitas occasiões se offereceriam de mencionar *uma fava* branca ou preta. *Grão de bico* diz toda a gente, até para o differençar dos grãos cereaes.

E' falso que se não use o singular de *bófes*, porque os exemplos são frequentes nos Classicos. — *Tenazes* e *tesouras* não devem ser privados do singular: um instrumento ou utensilio, por ser composto de duas ou muitas peças, não se hade exprimir exclusivamente com a voz do plural.

Pode o leitor confrontar a doutrina desta reflexão com o § 1.º do Cap. 4.º do *Epitome de Gramm. Port.* por Moraes, e seguir este ultimo. Mas porque o nosso A. seguiu Barros sem mais reflexão, não queremos deixar de transcrever o n.º 7 do § que acima citamos, por vir muito ao nosso caso. — « Nós dizemos os azeites, méis, oleos, assucares, manteigas, especiarias, pimentas, vinhos; leites; dar incensos; famas; os trens dos exercitos; as memorias; os quaes alguns grammaticos dizem que só se usam no singular. Pelo contrario usamos no singular uma fava, um grão de bico, um tremoço, uma lentilha, a papa, o farello, o alforge &c.; os quaes Barros ensina que só se usam

no plural: « todas as forças de Sansão levou uma *tesoura*: » diz elle contra a sua regra. » —

Á Reflexão 3.ª — *Sobre o genero dos nomes.*

Quando os generos dos nomes não foram assignalados pela natureza das cousas, determinou-os o uso arbitrario das Linguas, e tão arbitrario (quando applicado aos objectos inanimados e sem sexo, e ás entidades moraes e metaphysicas) que de uma lingua para outra varía o genero de uma mesma cousa: é obvio o exemplo na palavra *mar*, que temos masculina, bem como os italianos, v. gr. no seu adagio, *loda il mare e tienti alla terra: gaba o mar, mas fica em terra*; já não é assim no idioma francez em que *la mer* é feminino; os hespanhoes fasem esta voz ora masculina ora feminina, é frequente dizerem *está la mar mui alta: o mar está muito empolado.* — Ha portanto muitas irregularidades na concordancia dos nomes, porque os adjectivos, que tem variações indicativas de genero, modificam-se forçosamente pelo substantivo: neste assumpto é geralmente juiz o uso, alem de servirem de norma as regras que se encontram nas grammaticas. — A primeira palavra que o nosso A. cita — *personagem*, é dos dous generos, posto que a praxe ordinaria só lhe dê um, tendo por si a regra, que passa por geral, de que os termos acabados em *gem* são femininos: igual genero tem pelo uso corrente *epigraphe*, *pyramide*, *catastrophe*, e do mesmo modo as figuras de rethorica apontadas neste artigo.

Não atinâmos com a rasão que moveu o A. a ir d'encontro aos Classicos, que escreveram *agua commum*, porque nada mais natural que fazer este adjectivo *commum de dous* negando-se-lhe a variação de genero feminino; ao passo que dizer *agua commua*, *casa commua*, são desagradaveis e pouco delicadas expressões; e não cremos que seja rasão bastante para as acreditar a analogia de *algum e nenhum*, mesmo porque ninguem hoje diz *algua*, *nenhua*. — Aos nomes acabados em *or* dão os modernos a variação feminina respectiva, no que o A. concorda, mas esqueceu-se de mencionar que sempre fasemos commum dos

dois generos os comparativos, *superior*, *inferior*, *ulterior*, *citerior*, *anterior*, *posterior*.

Quanto ás pertenções de Bluteau, citadas a pag. 11, a pratica constante dos doutos só adoptou *pilastra*, *escandalo*, e este ainda mais por ser *escandula* um plebeismo. — Quer o mesmo erudito theatino que se diga *anecdoto*, sem duvida fundado no adjectivo latino *anecdotus*, *a*, *um* (cousa que não está divulgada: que tal é o sentido restricto de anecdota), mas esta voz de origem grega passou do francez para a nossa lingua, e todos pronunciam *anecdota*. — *Scisma* usa-se no masculino quando designa *separação da unidade da igreja por diversidade de opiniões*, posto que haja exemplos antigos do contrario: só o fazemos do genero feminino no estylo familiar, querendo exprimir a apprehensão erronea de algumas pessoas, que é o primeiro grau da doudice.

Os nomes apontados no ultimo paragrapho da pag. 11 foram empregados pelos Classicos ora n'um ora n'outro genero; porem a mais seguida pratica decidiu-se pelo genero masculino, em rasão da indole dos significados dessas vozes, e sem lhe faltar nos escriptores de nota abonações seguras: exceptuaremos todavia *infante*, de que temos o feminino *infanta*, (designando pessoa real) igualmente com auctorisação classica.

Assim como o A. lembra ser *arvore* antigamente do genero masculino, podia tambem trazer á memoria *fim* que era do feminino, exemplo — «a morte de outro velho de igual idade parecia-lhe espias os sinaes de sua fim.» *Palmeir. d'Ingl.* p. 2.ª cap. 136.

Syrtes se chamavam os bancos d'areas movediços que tornavam mui perigoso um golpho do mar da Lybia, tão infamado por naufragios que o seu nome generalisou-se a outros similhantes baixos. — *Scylla* é um rochedo no estreito de Messina, fronteiro á voragem chamada Charybdes, dois grandes perigos para os navegantes n'aquelle passo; do que nasceu a phrase proverbial «fugir de Scylla, cahir em Charybdes. Empregaram os nossos escriptores muitas vezes estes nomes, mas sempre no feminino como no latim donde os tiraram: não val portanto o

exemplo do P.e Chagas (citado a pag. 12) que contra todos os exemplos latinos e das outras linguas deu a Syrtes o genero masculino: do mesmo modo não seguiremos o P.e Godinho, que na Relação de sua viagem, cap. 28 *in princip.* escreveu :—«. . . passageiros, que escapando a poder de dinheiro do Scylla de Alepo iam dar no Charybdys de Alexandreta, onde o vice-bachá tinha logo aviso de quanto passára em Alepo, e sabendo que lá se tinha dado dinheiro não os deixava cá embarcar sem lhe darem outro tanto.—»

Não podemos negar que *torrente* tomando-se como substantivo é masculino; mas para dizer *a torrente*, como é vulgar, ha a desculpa dos participios substantivados, que allega Moraes, vide a palavra no seu Dicc.; em hespanhol e no italiano é substantivo masculino, e nesta ultima lingua ha o diminutivo *torrentello*.

Não assentimos á censura com que termina esta reflexão. *A moral* é a doutrina dos costumes: theologia, ou sciencia, moral. Podem-se addusir sobre este ponto exemplos pró e contra; mas deve prevalecer o raciocinio. Entendemos que *moral* é um adjectivo substantivado. Dizemos *a moral*; subentende-se sciencia, ou acção &c. dizemos *o moral*, subentende-se procedimento, habito &c. — Se não concordarem com este nosso pensar, não seremos tão pertinazes como os propugnadores das formulas aristotelicas.

Á Reflexão 5.ª — *Sobre o uso de alguns adverbios &c.*

A respeito dos adverbios *nunca* e *jámais*, cumpre esclarecer os principiantes mais do que o A. fez, e mostrar o como se enganou notavelmente reprovando o uso dos dois reunidos.

Nunca traduz o latim *nunquam*, em nenhum tempo. *Jámais* é o latim *unquam*, em tempo algum, vez alguma. — *Nunca* leva comsigo mesmo a negação: exemplo, este homem *nunca* me tratou mal: *Jámais* pede regularmente a negação expressa, para fazer a preposição negativa: exemplo, não farei *jámais* o que me pedis. — *Nunca* usa-se mais ordinariamente nas pro-

posições que exprimem um juizo positivo: *jámais* tem particularmente logar nas que exprimem interrogação, duvida, incerteza &c. — Algumas vezes ajuntam-se ambos os vocabulos na mesma phrase para dar mais energia á expressão: exemplo, *nunca jámais* vos deixarei. Estes adverbios usam-se ás vezes um pelo outro, como se as suas significações fossem identicas. Vid. *Ensaio sobre os Syn.* part. 1.ª pag. 189.

A auctoridade dos Classicos, que o nosso A. tanto venera, levanta a censura de pleonasmo que elle impoz ao ajuntamento desses dois adverbios na mesma frase, porquanto vê-se que assim os empregaram para dar mais vigor á expressão: outro tanto praticam os hespanhoes: lê-se no Diec. hespanhol, francez e latino de Gattel. « *Nunca jamas*, o mesmo que *nunca* porem com mais força. » — Vejam-se os exemplos que deste e outros usos dos mesmos adverbios traz o illustre A. do *Glos. de palavras e fr. da Ling. franc.* pag. 80 e 81: accrescentaremos comtudo os seguintes. — « *Nunca jámais* n'aquelles claustros se experimentou nem sentiu ar contaminado &c. » Fr. Luiz de Sousa, *Hist. de S. Dom.* part. 1.ª liv. 1.º cap. 26 pag. 59. — « O' candidissima formosura da Santa Fé! Vem e entra no meu coração, e n'elle estabelece teu assento immovel, para que *nunca jámais* te desempare &c. — P.e Man. Bernardes, *Paraiso dos Contemplativos*, pag. 58.

Cabe neste logar adduzir os *exemplos seguros*, que o A. não achou, das outras formulas adverbiaes, *mas porem* e *mas comtudo*, stygmatisadas tambem nesta reflexão, e a pag. 16, com a marca de *erro de pleonasmo*, apesar de usadissimas e bem auctorisadas. — Se o A., tão lido nas obras de Vieira que as cita a cada passo, não viu *nunca jámais* na carta 33, vol. 3.º, d'este mestre da lingua, muito menos achou as seguintes passagens de Camões.

Mas porem quando as gentes mauritanas, &c.
Lus. cant. 3.º est. 99.

Mas porem de pequenos animaes, &c.
Lus. cant. 6.º est. 18.

Mas comtudo não nego que Sampaio
Será no esforço illustre e sinalado,
Lus. cant. 10.º est. 59.

Mas comtudo com seu pensamento, quando lhe vem á vontade accarreta mil pensamentos vãos, que tudo para com ella é um lume de palhas, &c. — *Carta* 2.ª escripta da India a um amigo.

Encontrámos portanto os exemplos em livros que não são de *inferior nota*.

O adverbio *acaso* com interrogação é correspondente a *por ventura* contra o sentir do A. Notai nas obras do veneravel P.e Chagas, 1 — 10, esta phrase. — «*Acaso* é o trazer plumas? . . isso deu a natureza á uma ave.» E em Brito, *Chronica de Cist.* liv. 1.º cap. 3.º «Mas se *acaso* a communidade fôr tal que em logar da modestia se veja nella dissolução &c.» — Consultai tambem Moraes verb. *porventura*.

Na mesma pag. 16 que vamos analisando inculca-se uma opinião a respeito de *assás* que não se acha convenientemente justificada. Confronte-se o que ahi se lê com as seguintes citações. — «A náu de Affonso de Alboquerque esteve sete relogios de mar em traves com *assás trabalho*, sem querer dar pelo leme.» *Comment. d'Albuq.* 1.º cap. 8.º — «O que ella muito de ordinario fazia e com *assás liberalidade*:» Fr. Luiz de Sousa. *Vid. do Arceb.* liv. 1.º cap. 2.º Entre outros, temos estes adagios: — *Assás* caro compra, quem roga. — *Assás* escaço é quem das palavras tem dó. — Conclue-se que se ajunta *assás* aos nomes e na accepção de *muito*, embora não se tome então por adverbio, mas como adjectivo significando *bastante*.

Reparâmos em que o A. incluiu nos adverbios as frases conjunctivas *posto que*, *ainda que*, que entram na classe das conjuncções *adversativas*, isto é, que modificam as sentenças *por opposição*: os antigos grammaticos lhes chamavam *condicionaes*.

Aqui d'elrei. A respeito desta expressão vegam opiniões diversas: dizem alguns que é uma phrase ellyptica, que a phrase por inteiro deve ser — *acudam aqui os da parte d'elrei*; e que

por consequencia *áque d'elrei* é erro do vulgar. Com effeito escrever *áque d'elrei* será defeito, mas não sabemos se errará quem disser e escrever *ah que d'elrei*, que pode ser phrase ellyptica da mesma maneira, começando pela interjeição *ah*, e abbreviando, por exemplo, *ah que venham aqui os homens d'elrei!* Não nós decidimos, como o diccionarista Moraes, a taxar de erronea a expressão *ah que d'elrei*; ao contrario (alem do uso constante; que per si só não seria sufficiente) ha seguros exemplos não só della, como de identicas formulas de pedir auxilio, v. gr. *á que do povo! á que de Deus!* Vejam-se os exemplos no Diccionario publicado pela Academia das Sciencias, entre outros os de Ceita no plural, e tambem neste numero o unico de *aqui d'elreis*, de D. Francisco Manuel. — Ahi mesmo se declara ser esta uma formula adverbial com que se invoca e implora o favor d'elrei: — e n'outros casos uma interjeição de quem se admira: exemplo. «A' que d'elrei! vós vêdes aquellas meninas.» — *Jorg. Ferreira*, — *Ulysipo*.

Nos *Sermões genuinos* do P.e Chagas, 9, 225, encontra-se o seguinte periodo — «Se os mesmos peccados são gritos, são brados, são *á que de Deus* tamanhos, que rasgam a região das nuvens.»

Á Reflexão 6.ª — *Sobre a terminação dos nomes diminutivos.*

Os diminutivos e os augmentativos são variações dos nomes que modificam para mais ou para menos os significados sem alterar na substancia as ideas que representam: são poderosos auxiliares do discurso, principalmente em linguas tão harmoniosas, como a nossa, a hespanhola e a italiana, sobretudo tendo empregados com parcimonia e a proposito. — Ha casos em que os diminutivos dão muita graça á expressão nas phrases fluentes e naturaes; outros em que n'um estilo, ou affectuoso ou pathetico, em qualquer modo de dizer delicado e suave, não poderiam omittir-se sem desfalque do mimo e agrado da elocução, e ás vezes dos movimentos oratorios. — Peremos para exem-

plos: o remate da celebrada oitava de Camões, 20.ª do canto 4.º

E as mães, que o som terrivel escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

Outro logar de tão insigne poeta; nas Rimas, Soneto 30, que principia:

Está o lascivo e doce passarinho,
Com o biquinho as pennas ordenando,
O verso sem medida, alegre e brando
Expedindo no rustico raminho, &c.

No estilo familiar o comico é de muito apreço o uso elegante dos diminutivos, e entram felismente nas ironias e motejos. Garcia de Resende, o chronista de D. João 2.º, mofando (na *Miscellanea*) das extravagancias de trajos do seu tempo (a) accumulou todos estes diminutivos:

Agora vemos capinhas,
Muito curtos pellotinhos,
Golpinhos e çapatinhos,
Fundas, pequenas mulinhas,
Gibêsinhos, barretinhos,
Estreitas cabeçadinhas,
Pequenas nomiasinhas,
Estreitinhas guarnições
E muitas mais invenções
Pois que tudo são cousinhas.

Para sermos mais explicitos que o nosso texto, continuaremos aproveitando algumas cousas do que nesta materia expendeu, em sua Grammatica philosophica, o sabio philologo Jeronimo Soares

(a) Note-se de passagem ha que tempos isto vai, e o como em todos os seculos se alevantaram brados de censura contra as modas no vestuario &c.

Barbosa. — Os augmentativos são os que com mudança na terminação augmentam a significação de seus primitivos, ou quanto á quantidade ou quanto á qualidade: de ordinario acabam em *ão*, como *santarrão*, *beberrão*, ou em *az* como *velhaco*, *villanaz*, ou em *aço*, como *bichaço*, *mestraço*; isto os masculinos; que os femininos tem pelo commum a terminação em *ona*, exemplo, *mocetona*, ou em *aça*, exemplo, *ricaça*. — Os diminutivos são os que mudando a terminação de seus primitivos lhes diminuem mais ou menos a significação: acabam em *inho*, ou *inha*, como de *peixe*, *peixinho*; de *casa casinha*; em *zinho* quando os primitivos rematam em dithongo, para se evitar o hiato pelo concurso de tres vogaes; v. gr., de *leão*, *leãozinho*, de *páu*, *páuzinho*; igual terminação tem os nomes que acabam em consoante, posto que algumas excepções se notam em que ha dois diminutivos da mesma palavra por diversa terminação: exemplo, de *casa* tambem ha *casinhola*, de *peixe* tambem ha *peixezinho*. Ha-os findos em *ête*, como *pobrête*, de que temos igualmente *pobretinho*: em *éta*, *ote*, e *ota*, exemplo, *ilhéta*, *ilhote*, *ilhota*, que todos significam o mesmo, podendo alem delles ajuntar-se *ilhéu* na mesma accepção: de *arca* se tem feito *arquinha*, *arquéta*, *arquilha*, e *arquête* masculino. Vemos que os ha em *ilha*, como de *cama*, *camilha*, de que é mais vulgar *caminha*: raros são os em *ôto*, exemplo *perdigôto*.

Em summa, em tal assumpto só a muita lição, e atilado ouvido para attender á euphonia do periodo, podem ser guias prudentes. E' reprehensivel o abuso popular de faser a cada passo diminutivos em *ito* e *ico*, mais proprios do idioma hespanhol que do nosso.

Não tem rasão o nosso A. em diser (pag. 17) «— *abanico* e não *abaninho*» — porquanto se o primeiro é mais frequente, o segundo tambem se usa e o traz João Baptista Lavanha, na Viagem de Filippe 2.º, fol. 69. — Não a tem, onde, na pag. immediata, escreve «— de *pastor pastorsinho* e não *pastorinho* como alguns dizem» — bons escriptores, entre elles Vieira e Fr. Luiz de Sousa, usam ora d'uma, ora de outra modificação. De *flôr* tambem ha *florinha*, e de *monte*, *montinho* e *monticulo*. De

grão é mais natural e commum dizer-se *grãosinho*; e de *verão* tambem muitas vezes se faz *verãosinho*. — De *rio* alem de *riacho* achâmos a miudo *riosinho*.

A nossa lingua é mui rica neste genero de derivação, que faz com que a significação de um primitivo tome um augmento enorme, e delle vá descendo gradualmente até o contrario extremo de pequenez, como se vê nos derivados de *velhaco*; *velhacão*, *velhacaz*, *velhaquete*, *velhaquinho*; e de *soberbo*; *soberbão*, *soberbaço*, *soberbete*, *soberbinho*.

Á Reflexão V.ª — *Sobre os participios viciados na pronunciação.*

A doutrina do A. neste capitulo não nos parece inteiramente admissivel; estriba-se elle no uso dos Classicos; e dá a entender que na distincção de participios regulares ou participios contrahidos só havemos de acceitar as formas com que os antigos escriptores os modificaram. — Parece-nos que o participio contrahido sincopando syllabas abbrevia a palavra, e pode ser com vantagem empregado na dicção poetica, tão sujeita ao numero e harmonia, tão obrigada a empregar as vozes mais curtas e rapidas na pronunciação, pois que nisto vai muito para o seu effeito; porque de prosa alivanhada em forma de versos estamos nós de sobejo fartos. Disse Bocage, poeta de natural inspiração;

« Europa, curva, *opprêssa*, e quasi escrava. »

Pelo dictado do nosso A. *opprimida* era a palavra segundo os Classicos, porem *oppresso* vem naturalmente do latim como outros muitos adjectivos que temos, por exemplo *ignoto*, *prompto*, *mixto*, &c. Todos nós sabemos, como da indole da conjugação, da raiz do verbo, se formam os participios: de *reprimir* teremos *reprimido*, de *supprimir*, *supprimido*. *Oppresso*, *represso*, &c. não são termos tão communs; mas quem negará que muito contribuem (abstrahindo agora dos versos) para a concisão e vehemencia de um discurso oratorio, maiormente quando a par da locução ferida for necessario concentrar as ideas em bre-

cipio *despido* ou a sua terminação femiaina. E se o verbo *medir* é anomalo, porque o não serão os compostos de pedir, cuja variação aquelle segue?

Pelo que se lê enunciado de um modo absoluto a pag. 28, poderá presumir-se que *dôer* é tão sómente neutro, quando muitas veses é tão activo como neste rifão: — quem não dá o que dóe não alcança o que deseja.

Sumir: vendo-se que o A. adopta as variações irregulares deste verbo se conhecerá a justiça com que acima fallámos a respeito do uso actual de outras variações de *destruir* e *construir*, e de *consumir*, que d'envolta com aquelles o A. intromette, vindo depois quasi a contradizer-se no paragrapho do verbo *sumir*, acceitando-lhe expressamente a divergencia da regular conjugação. Se os antigos diziam *consumes*, *consume*, é porque na rais deste verbo composto diziam igualmente *sumes*, *sume*. — Nos derivados do latim *sumo, is*, é que dizemos *assume*, *resume*.

Titubiar. — Devia o A. mencionar que nos Classicos é frequente o uso de *titubar*, verbo immediata do infinito do verbo latino, *titubo*, assim como empregaram o participio do presente *titubante:* mas se lhe escapou aqui, lá reparou esta ommissão no vocabulario, com que finda este tratado; vide a palavra a pag. 146.

Valer. — Claro está que os exemplos são para se pronunciar *val*; mas não é exacto que *vale* se confunda com o substantivo seu homonymo *valle* que se escreve com dois *ll*. Não fazemos caso, por desusada, da voz do imperativo, que usavam os latinos como formula de despedida, e que de raro se tomava por substantivo, v. g. como em Virgilio, *vale æternum*, adeos eterno: a mais ordinaria significação de *vale* corresponde ao nosso trivial cumprimento *passe bem; tenha saude;* e dahi nasceu que ainda não ha muitos annos era appendiculo obrigado em todos os prologos, que não findavam sem essa costumada saudação ao Leitor, que era tambem por força ou *pio*, ou *benevolo*.

São mui justos os reparos sobre as abusivas pronunciações, que se reprehendem no fim da reflexão 9.ª; a doutrina, que as corrige deve ser quotidianamente exposta nas aulas, pois que ve-

mos muitos prezados de bem fallantes, que todavia pela força irresistivel do habito, cahem em erros tão torpes. A falta de attenção, que ou confunde as segundas pessoas do plural dos preteritos perfeitos do indicativo com as segundas pessoas do singular dos mesmos, ou estropia aquelles, é tão commum que a notâmos em obras impressas; é vergonhosa mancha na pureza da dicção, e que o escriptor deve sempre desveladamente evitar: por exemplo, *tu amastes*, *vos amasteis*, é vicioso modo de conjugação que muito cumpre desterrar. Igual censura merece o erro no futuro do conjunctivo, tambem nas segundas pessoas do plural, quando pronunciam *amares*, que é a voz do singular, ou *amareis*, que é solecismo, devendo dizer-se *amardes*; contra ella insiste o A. na immediata reflexão, a pag. 33, mostrando quando é louvavel o uso da syncope.

Ampliando e acclarando o texto do nosso A. (Reflexão 10.ª) poremos por ordem as figuras da dicção. São estas as mudanças que se fasem nos vocabulos sem lhes alterar a significação: umas se empregam no uso geral, outras em escriptos de certa natureza e em determinadas occasiões, e todas procederam de se querer evitar o concurso de consoantes que produz som aspero, e as cacophonias, &c.: contribuem portanto para fazer mais harmoniosa e fluente a linguagem. — Tem logar similhantes alterações por tres fórmas e cada uma destas no principio ou no fim ou no meio dos vocabulos: a saber —

1.º Por accrescentamento de syllaba ou letra: e são tres as figuras desta especie. — Prothese, ou apposição, quando o accrescentamento é no principio das palavras, por exemplo, ajuntando-se ás seguintes a vogal *a*; *avôar*, *achegar*, *alembrar*, *assocegar*, *acredor*, *amostrar*, e outras, que no principio usaram os nossos antigos, e ainda agora usam alguns poetas por causa da medida do verso: e mais as usa a gente rustica, que é a que mais conserva a antiga pronunciação, ateimando v. gr. a dizer *relampado* como antigamente se escrevia. — Paragoge, ou posposição, accrescentando-se alguma syllaba no fim da palavra: exemplo, *felice*, *Joanne*, *Isabella*, *pertinace*, *produsse*, *veluse*: e o caso é que pelo que toca aos verbos, (como os dois

ultimos nestes tempos e pessoa) outr'ora amiudadas conjugavam por figura ou sem ella. — Epenthese ou interposição (usada poucas vezes) intercalando-se uma syllaba no meio do vocabulo, como quando os poetas em vez de *Marte* dizem *Marcorte*.

2.º Por subtracção, de que resultam outras tres figuras. — Aphérese ou abstracção, tirando-se ás palavras algumas syllabas no principio: exemplo, *bóbedas*, *tiança*, por *sóbedas*, *allíança*; e mais vulgarmente *ante*, em logar de *adiante*; *inda* por *ainda*; *té* por *até*; *tras* por *atrás*, &c. — Apocope, ou mutilação, supprimindo alguma syllaba no fim dos nomes; como quando dizemos *guarte lá* em vez de *guarda-te* &c. — A esta especie de alteração pertence tambem a synalefa ou elisão: exemplos vulgarissimos: *do*, *da*, *deste*, *lho* por *de o*, *de a*, *de este*, *lhe o*; outros querem que se refira á metathese (de que trataremos) porém a nosso vêr com menos razão. — Syncope, ou concisão, supprimindo syllaba no meio da palavra; exemplo, *tempo vado*; *pera*, *tenho*, *cuidoso*, *desparecer*, *mór* &c.; e tambem na pronuncia corrente *dir-te-hei*, *far-te-hei*.

3.º Por transposição e transformação das lettras ou syllabas, figura, que chamamos metathese, isto é collocando as em ordem differente da em que se acham no vocabulo primitivo. Pratica-se na preposição *em* quando se troca *m* em *n* e elide-se o *e*, ficando *n*, *neste*, encorporando-se com o artigo, ou com o demonstrativo: — nos infinitos dos verbos pela causa da euphonia substitue-se *r* por *d*; exemplo, *dispôdo*, *vendido*, em vez de *dispor*, *vender*, quando com o artigo fórma a ultima syllaba; motivo porque não gostamos de escrever *dispol-o*, ainda que alguns (mestres respeitaveis) assim o assignam, estribando-se em que *l* está substituindo o *r* nestas modificações dos verbos *fazer*, *dizer*, *fa-lo*, *di-lo* em vez de *faz-o*, *diz-o*, mas essa identifica, ha a metathese que converte o *m* em *n*, não queremos (humilde opinião) em logar de escrever a *nuvem fal-o sobre*, por correntemente *a nuvem o faz sobre*, perdissemos a segunda pronuncia, que parece falta de logar ou de preciosismo nestes, nesta correcção de *m* em *n*, não poderem ainda achar a guisada euphonia. A mesma figura se emprega a cada pas-

transformando a preposição *per*, v. gr. *pelo* em vez de *per o*; mas não se pratica o mesmo (como antigamente) com a preposição *por*: exemplo, *pôlo* em vez de *por o*. A metathese tambem muda *amam-o*, *temem-o* em *amam-no*, *temem-no*.

Finalmente, para evitar hiatos nascidos do concurso e collisão das syllabas finaes e iniciaes de duas palavras consecutivas, frequentemente fazemos a *crase* ou mistura do artigo feminino *a* com o demonstrativo *aquelle*, contrahindo-se n'um só a os dois v. gr. *áquelle* em logar de *a aquelle*. — Sobre o assumpto que temos tratado lea-se com attenção a Grammatica philosophica de Barbosa, estampada em 1822 pela Academia das Sciencias de Lisboa.

As breves noções, que ficam expostas, parecerão a alguns leitores mais proprias de uns elementos grammaticaes que de uma nota: considerem porem que nem todos estão habilitados com estudos que as dispensam ou com os livros que as podem ministrar; vejam que por ellas se hade affezir e rectificar todo o confuso contexto desta Reflexão 10.ª — D'ellas se collige o nenhum fundamento das primeiras quatorze linhas da pag. 35 quasi no fim da mesma Reflexão. — Quem ha de ir com o A. quando affirma que «dizer antes d'hontem é falar com o exemplo tirado do vulgo?» — *Antes* é adverbio e não preposição. *Antontem*, que o A. approva, é que devemos ter por plebeismo, porque já notámos (com Soares Barbosa) que a gente rustica é a mais afferrada aos modos de pronunciar antiquados. — Que desnecessidade empregar o apostrophe, para dizer «o sentido nisto», quando é naturalissimo preferir «com o sentido?» — *N'isto* em vez de *em isto* é pela figura metathese, que já explicamos. — Pertender que é mais seguro *n'alguma occasião* do que *em alguma occasião*, *n'algum sitio* do que *em algum sitio* é (alem de cousa desarrasoada) contradicção com o que fica escripto neste mesmo capitulo, pag. 23 in fin. — «Hoje, não sei o porque, não vejo tão usada a preposição *em* junta aos articulos *o*, *os*, *a*, *as*, como os articulos *no*, *nos*, *na*, *nas*. — Verdade é que o A. não affirma positivamente que é mais seguro o uso do que elle chama naquelles casos apostrophe, e nós metathese; mas como

a maneira porque se exprime póde suscitar varias interpretações, não quizemos metter no escuro este reparo. Apostropho ou virgula é o signal da synalepha; tão escusado para indicar na prosa esta figura, como para a metathese.

Pelo que respeita á excepção, em os nomes de Santos que principiam por consoante; dos nomes Santo Thomaz, Santo Thomé, confessâmos que a temos visto estabelecida, ignorâmos porém o fundamento, salvo se o formos buscar ao uso cégo d'alguns; não se podendo allegar a razão d'euphonia, porquanto bem desagradavel ao ouvido é o dissonante concurso das syllabas *tó tó*. — Sempre os escriptores das nossas cousas da Asia chamaram *São Thomé* á moeda de ouro que fôra mandada cunhar por Garcia de Sá. — Os Jesuitas abbreviavam o nome do apostolo do Oriente dizendo o Santo Xavier.

Á Reflexão 12.ª — *Vocabulario de palavras, que correm com pronunciações diversas.*

Postoque em materia de pronunciação ha opiniões, que apesar de contrarias se podem de parte a parte defender já com as armas da etymologia e da analogia, já com o auxilio das autoridades classicas, termos ha em que será capricho não seguir o uso bem fundado. Ao uso confessa o nosso A. que se sujeita, chamando-lhe o *arbitro tyranno das linguas vivas*: comtudo ás vezes se desviou deste bom proposito, assim como n'alguns logares adoptou pareceres destituidos, a nosso vêr, de justificado fundamento: — Sobre esta Reflexão 12.ª fizemos tambem alguns reparos, que poremos segundo a ordem de vocabulario que o A. empregou.

Abestruz — Abetarda: nomes de duas aves. — Não vemos razão para se reprovar *avestruz*, que tem exemplos classicos, e visos de ser derivado de *avis struthio:* nos livros hespanhoes lemos *avestruz*. — Uns escrevem *abetarda*, outros *batarda*; destes ultimos é o capitão José Monteiro de Carvalho no *Diccion. Portug. de plantas, arbustos, animaes*, &c. a pag. 79: ediç. de 1765. — Observamos que o nosso A. estriba-se muito na *Arte da Caça*,

mas esta obra sempre nos parecea suspeita, em pontos de linguagem, por ser mal e incorrectamente impressa, crivada d'erros, até de regencia da oração: não queremos dizer que não abunda em muitos termos de falcoaria.

Abominoso por abominavel já se não diz, &c. — Nós aconselharemos que se diga opportunamente, assim como *abominando*: — tres variações, imitando o latim, as quaes contribuem para a riqueza da lingua.

Absolução: não obstante vir immediatamente de *absolutio*, tem querido o uso que *absolvição* se derive de *absolver*, ao passo que de *resolver* se tira *resolução*. — Não ha para que se reprove o participio *absolvido*, passivo de que *absolto* é contracção: *absoluto* é que deveremos evitar por causa da homonymia com o adjectivo que significa independente, livre, &c.

Abundoso: como rejeita-lo, citando só o exemplo d'auctor d'inferior nota, o do Poema da Destruição d'Hespanha? — E' de muitos e bons, inclusive Barros: tem carta de natural da nossa terra, e como tal cumpre recebê-lo. Da-se porem outra rasão: a do valor deste vocabulo comparado com o seu synonimo, *abundante*. Para identicas variações sirva de regra a seguinte observação. — « A terminação em *ante* do participio do presente denota a acção actual ou o estado da cousa no momento de que se falla; o que acontece e se faz de presente; o facto ou as suas circumstancias, &c. — A terminação em *oso* denota a qualidade ou propriedade natural, a força, a inclinação, a paixão, o habito; emfim ás vezes a plenitude, perfeição, excesso, &c. de alguma qualidade ou accidente. — A colheita v. gr. é *abundante*, o terreno é *abundoso*; se alguma vez dissemos colheita abundosa, é para significarmos o excesso, a plenitude da abundancia. Os pastos são *abundantes* quando queremos exprimir a actual producção de um pais relativamente aos rebanhos que alimenta; e são *abundosos*, quando queremos exprimir a fecundidade da terra, que os produz em grande abundancia, ou a plenitude da actual producção. » — Vide, com mais exemplos, o *Ensaio sobre Synonimos*.

Abusão, nem corresponde exclusivámente a *abuso*, nem é

Aspergido: tem Madureira razão para admittir *aperso*, que é immediata versão do latim *aspersus* e como tal participio do preterito do verbo *aspergir*. A' cerca de participios similhantes veja-se o que escrevemos a pag. 165.

Assegurar: *assoprar*: podiamos a respeito destes verbos referir-nos ao que dissemos da figura prothese a pag. 169, ou meramente ao gosto que tinham os antigos de juntar a apposição *a* a muitos vocabulos que começam por consoante: — não devemos, porém ommittir que *segurar* é dos melhores Classicos, entre elles Barros, e tambem o usou o mesmissimo Vieira, cuja auctoridade o A. cita em contrario: *soprar* abona-se igualmente com auctores seguros. O A. logo na pag. immediata *in fine* nos dá um exemplo na suppressão da primeira syllaba *a* da palavra *avantagem*.

Bombear. Temos que fazer neste paragrapho um grande reparo: dá o A. a entender que não se ha de usar o verbo esbombardear, postoque seja de Camões: com effeito este principe dos nossos poetas assim o traz na est. 90.ª do Canto 1.º

> Não se contenta a gente portugueza,
> Mas, seguindo a victoria, estrue e mata;
> A povoação sem muro e sem defeza
> Esbombardêa, accende, e desbarata.

Como poderia dizer-se que o Camões quiz fazer mais cheio o verso, accrescentando aquella syllaba, vejam-se no Dicc. de Moraes os exemplos de tres preclarissimos prosadores, Barros, Goes, e Fr. Luiz de Sousa. — E' cousa singular que muitas vezes convém e allegam-se as auctoridades dos que são tidos por mestres da linguagem; n'outra occasião não fazem peso na balança de alguns criticos; não nos parece justa esta rejeição, quando o exemplo não fôr manifestamente contra razão, ou se não possa reputar erro typographico.

Berjaquete: se o vulgo chama a esta casta de figos vermelhos *berjaquetes* tem por si a auctorisação do Padre Lucena, e do sabio antiquario André de Resende, qualquer delles de maior valia que o verificador Manuel Thomaz.

Cancro: no sentido em que o traz o auctor, não acceitamos a sentença. — *Cancer* é um signo do Zodiaco, e por tanto um termo astronomico que se reputará technico, devendo conservar-se a feição latina. Quem quizer traduzir chame-lhe o signo do caranguejo. — Em Classicos, talvez que no citado Vieira, se acharão exemplos de *Cancer*. Vid. Fr. Bernardo de Brito. *Monarq. Lusitana*.

Carabina: não pode seguir-se a etymologia, porque a palavra *clavina* está por assim dizer-mos decretada, por ser a de que usa o Regulamento de Cavallaria.

Cavalkéro: é acastelhanar de mais a palavra *cavalleiro*, de que os escriptores antigos usaram: pestoque, fazendo liquido um dos *ll*, queiram alguns com esta modificação denotar o homem bem creado e de bizarro porte, para differença do *cavalleiro* que servia no exercito.

Cerce: como diz o A. (applicando o verbo) *cortar cerce*, é frase genuina; mas neste caso é *cerce* um adverbio; se dissermos *cortar as pernas cerceas*, teremos um adjectivo que é de todos os Classicos.

Churma: o uso tem feito prevalecer *chusma*, que tem por si a auctoridade de Lucena, ainda quando se quizesse desprezar a onomatopea, que é mais significante na palavra *chusma*, para designar gente confusamente amontoada. Se a tomarmos para entender a tripulação dos navios, mais nos auctorisam os historiadores da India com o verbo *chusmar*, que se acha bem exemplificado no Diccionario de Moraes.

Constituente: verdade é que temos *paciente* de *patiens*, *penitente* de *pœnitens*, mas tambem pronunciamos *pedinte*, *ouvinte*, que se derivam de *petens*, e *audiens*. — *Constituinte* é termo forense; ha logo a faculdade juridica que o auctorisa.

Cossario: os antigos tambem disseram muitas vezes, e por ventura com melhor derivação, *andar a corso*: logo *Corsario* é voz mais pura: *cossario* ou *cossairo* só diz hoje a plebe.

Curvidade: não vemos razão para usar esta em vez de *curvatura*; empreguem-se ambas segundo convier: e baste para defeza da segunda a palavra *quadratura*. Não me lembra encon-

trar em livros modernos de mathematica *curvidade*; e ha de se notar que nesta materia são os livros modernos os textos genuinos.

Decurso; *discurso*: com qualquer destas palavras exprimiam os Classicos o espaço ou successão de tempo: a maxima parte dos modernos só empregam nesta accepção a primeira, reservando *discurso* para *serie de raciocinios*: distincção em nosso entender bem adoptada.

Demostrar: hoje dizemos *demonstrar*, como exige o rigor da etymologia latina.

Dependurar: engana-se o A. neste §, porque *pendurar* acha-se escripto pelos Classicos, assim em verso como em prosa, sem excepção de Vieira n'alguns logares.

Derrubar: são ainda mais numerosos os bons exemplos de *derribar*: baste um de Camões: Lus. cant. 6.º est. 37: —

> Começam novas forças a ir tomando,
> Torres, montes e casas derribando.

O nosso A., grande apaixonado de Vieira, olhou só para as paginas deste grande escriptor, sem consultar outros igualmente illustres e benemeritos da lingua.

Desapegar: admira que se diga que não sabe fallar quem pronuncia *despêgo*! Então não soube fallar Vieira; veja-se este A. citado em Moraes na palavra *despêgo*. — Igualmente são Classicos *desprazer*, *despereeber* &c. E quando mais rasão não houvesse, tinhamos a liberdade de fazer a syncope, como deixamos notado a pag. 170. Combine-se o que escrevemos ahi com o que dissemos da Prothese na pag. 169, e na 176 verbo *assegurar*. — Igual é a semrasão a respeito do vocabulo *ajuntar*, a pag. 96.

Despedaçado: não é exacto que seja termo mais puro que *espedaçado*: abonam este muitas citações de bons prosadores, que os Dicc. trazem.

Desvariar: Temos por fim apontar os descuidos, escusamos accumular citações: veja-se esta palavra, e tambem *desvairar* nos Dicc. da lingua, e conhecer-se-ha que o ultimo verbo não é phantasia do vulgo.

Dissimulação: Aqui fortificaremos o juizo do A. com a sen-

tença do *Ensaio sobre Syn.* a pag. 192 tom. 2.º — « A *dissimulação* não é odiosa como a *simulação*. A *simulação* é sempre um vicio; a *dissimulação* é muitas vezes util e pode ser dictada pela prudencia. Ninguem pode ser obrigado a manifestar a todos e em todas as occasiões os seus sentimentos; mas todos tem obrigação de não usar de falsas apparencias, com o presupposto de enganar os outros e de os indusir em erro. »

Empossar: apossar-se é tambem Classico: vid. as differenças entre este e *usurpar*, *invadir*, &c. a pag. 194 da 2.ª part. do *Ens. sobre Synon.*

Encavalgar: não prevalece o dizer do A. contra os Auctores que disseram *cavalgar:* muito aborrecemos palavras estiradas por maior numero de syllabas; fuja-se de as empregar quanto fôr possivel; usem-se porem parcamente se a euphonia, a medida metrica, ou outra qualquer rasão imperiosa as requerer. Tal é nossa norma, que os prudentes seguirão.

Enojado: — que audacia chamar expressão plebea *anojado*, de que estão cheios os livros Classicos! Nós temos que o mais acertado (uma vez que não possuimos systema philosophico de linguagem, e que talvez se não possa obter completo) será citar as auctoridades, á maneira dos compiladores dos vocabularios, e deixar a escolha ao gosto litterario do escriptor: — nunca proferir sentenças que as provas desmentem. — Já temos repetido que onde a força da inducção e analogia não obrigar, o melhor será consultar o uso; quando não, fique livre o prudente arbitrio.

Epitéto: a fraca auctoridade se encostou o A., não por ser de Jacinto Freire, mas porque a citação é de verso, onde a medida violentou talvez o poeta. Melhor fundamento teria achado em João de Barros, que na sua Grammatica frequentemente diz *epitéto;* mas ainda assim ha de predominar o uso constante dos doutos que (ao menos modernamente) dizem á uma *epitheto*, que na lingua grega significa o mesmo que na latina *adjectivo*, isto é o *apposto* ou *ajuntado* ao substantivo para modificar-lhe a significação.

Escuridade: cegou tanto ao A. a *escuridade* que não pôde lêr em Camões na Canção 3.ª estrophe 3.ª:

Esta é a luz, que arreda
A negra *escuridão* do sentimento
Ao doce pensamento.

Pela mesma cegueira rejeitou *obscuridade*, termo de bons escriptores, e que diz ainda mais que *escuridade*; abonado aliás pela filiação latina.

Exacção: reprova-se *exactidão*. Lemos no *Gloss. de Gallicism.* o seguinte. — « *Exactidão* do francez *exactitude:* d'antes diziamos *exacção*, que é mais Classico, e mais conforme com a analogia. Comtudo *exactidão* parece não desmerecer a preferencia, que hoje tem alcançado no uso vulgar, se quizermos evitar o encontro das differentes idéas que offerece o vocabulo *exacção* com o qual exprimimos a cobrança ou arrecadação de tributos, e talvez o rigor das cobranças fiscaes, assim como aos encarregados destas chamâmos *exactores*. »

Genebra: pouco pode a razão do A. contra o universal uso em contrario. — Não podemos deixar de notar aqui um erro torpe, em que frequentemente cáe o vulgo dos nossos traductores do francez, que são como Deus sabe. Se pelo texto francez encontram a palavra *Genève*, vertem-na por *Genova*, em vez de dizerem *Genebra:* e quando acham *Gênes*, que é a verdadeira *Genova*, como não sabem o que façam, parece-lhes sair airosamente deste embaraço, não traduzindo, mas repetindo na sua chamada lingua portugueza a mesma palavra *Gênes*.

E' verdade que o erudito Joaquim José da Costa e Sá no seu *Diccionario Francez e Portuguez* — Lisboa 1784, caíu n'uma equivocação, talvez ainda mais reprehensivel, vertendo *Gênes* por *Genebra*, e a *Genève* por *Genova*. Mas que não passou de equivocação, ou lapso de penna se colhe do outro seu *Diccionario Portuguez, Francez, e Latino*, Lisboa 1794, aonde verte exactamente *Genebra* por *Genève*, e *Genova* por *Gênes*; á 1.ª das quaes corresponde no latim *Geneva*, e á 2.ª *Genua*.

Genuflessorio: a verdadeira orthographia desta palavra, e em que todos concordam, por ser derivada do latim, é *genuflexorio*.

Humillimo: veja-se o que o A. deixou escripto na Reflexão 4.ª a pag. 13.

Illuso: ninguem com bom fundamento pode reprovar o participio passivo deduzido da indole da conjugação de seu respectivo verbo: neste caso está *illudido*, que procede do verbo *illudir: illuso* tambem é muito aproveitavel. Vid. o que dissemos nestas notas a pag. 165 e 166.

Iman: os cultos hoje pronunciam *íman*, accentuando a ultima syllaba só quando designam certos ministros do Alcorão.

Imigo: este § fica respondido a pag. 170.

Impunido: acabâmos de ver que não consente *illudido*, que é bem derivado; e agora quer *impunido*, quando não usamos *impunir*; e ao passo que rejeita *impune*, vocabulo latino, mui expressivo, necessario, e por isso frequente. Se tivesse rasão, deveriamos dizer *immunido* e não *immune*.

Inexhausto; inexhaurivel. Como o A. não recebe a este ultimo, citaremos o seguinte logar do *Glossario* pelo Sr. D. Francisco de S. Luis. — « Os nossos Classicos disseram sempre *inexhausto*; mas *inexhaurivel* conforma com a analogia, é adoptado pelo uso geral, e já vem nos *Estat. nov. da Univ. de Coimb.* t. 3.º c. 1.º n. 1, aonde diz: — ainda que as sciencias mathematicas são tantas, e cada uma dellas de tão grande vastidão e *inexhaurivel* fecundidade &c. » — E pouco antes na mesma pag. fallando de *inesgotavel*, diz a mesma respeitavel auctoridade que — « é innovação, imitada por ventura do francez *inépuisable* . . . . . Comtudo se parecer necessario, não é contra a analogia. *Nós preferiremos sempre inexhaurivel.* »

Jesu: cremos que o Sagrado Nome do Redemptor se ha de escrever como se lê na Biblia, e por isso diremos *Jesus*. O sabio P.e Antonio Pereira de Figueiredo deu á luz um opusculo intitulado — *Breve demonstração de como em portuguez se deve escrever e pronunciar o nome de Jesus quando immediatamente se lhe segue o nome de Christo* — 1784 *in* 4.º

Justiceiro, justiçoso: vejam-se estes dois vocabulos em Moraes, e ao mesmo tempo o *Ensaio sobre Syn.* no artigo 240, onde vem as citações de Vieira e Arraes que aclaram a materia.

Locotenente: adduz o A. o exemplo de *lugartenente* que tirou da *Monarq. Lusit.* e poderia citar outros, mas por demasiado aferro a Vieira prefere a primeira expressão. Os hespanhoes tambem escrevem *lugartenente*, e nós temos o mesmo habito, com a differença de substituir o *u* por *o* em rasão da etymologia latina, *locum tenens.*

Lumiar: muitos Classicos chamaram *limiar* á entrada ou soleira das portas, e por certo com bom fundamento no latim *limen, inis*, de que se fez o verbo expressivo *eliminar.* Outros com menos rasão escreveram *lumear.* Que antigamente se escrevia tambem *lumiar* não padece duvida, até porque assim é de ha muito nomeado um logar na estrada septentrional de Lisboa, a pouca distancia dos arrabaldes; como significando a palavra a entrada da cidade por este lado.

Mancheia: diz-se por maior facilidade de expressão; porque coherentemente deve dizer-se *mão cheia:* é o mesmo que *punhado.*

Manear: o mais seguro, quanto a nós, é pronunciar *menear* em qualquer das duas accepções apontadas, porque nos não parece, á vista dos auctores, bem estabelecida a differença que neste paragrapho se aponta.

Mensura: é termo puramente latino; pode servir n'algumas occasiões á disposição do escriptor habil, mas na linguagem corrente temos *medida*, adoptada pelo uso geral, e repetidissima nos Classicos; assim como o verbo *medir* que nasce do infinito *metire.* Foi um accesso de enthusiasmo antiquario no A. a força com que pertende a esmo e atravez rehabilitar o verbo *mensurar*, e o substantivo analogo.

Miude: é necessario notarmos neste logar que os antigos diziam *a miude* por modo adverbial, e que tambem empregavam a cada passo o adjectivo *miudo*, bem como os adverbios *miudamente, miudissimamente* (que é de Vieira) o superlativo *miudissimo*, e o diminutivo *miudinho.* — «Moraes na traducção do Compendio da Historia Portugueza usa do verbo *miudear* em logar de detalhar ou referir *pelo miudo.*» D. Francisco de S. Luis. *Glos.* verbo *Detalhar.*

Madêrra: o exemplo do P.e Chagas, de pronunciação viciosa

não é para se antepor aos melhores escriptores antigos, que sempre disseram *modôrra: madorna*, como aquelle escreveu, é erro da plebe.

Movel: seguindo a exacta derivação de *mobilis*, e a analogia de *mobilidade*, devia dizer-se *mobil:* o não seguir-se este preceito procede da pratica constante, que adoptou a primeira pronunciação. Applicaremos o epiphonema do A. na mesma pag. 107, linh. 29: *tanto pode o uso!*

Monicordio: pertende o A. seguindo Barreto achar uma das raizes deste nome no grego *monos, (um)*; suspeitâmos que se engana redondamente, porque o instrumento assim chamado (hoje em desuso) não tem uma corda só, senão muitas. Alem de que o mesmo em frances é *manichordion*, em hespanhol *manicordio* e *monacordio*. Em latim acha-se *monochordum*, immediatamente tirado do grego, mas significando um instrumento com uma só corda estendida, e escala, para se conhecerem os intervallos dos sons; por consequencia não é a especie de espinhêta a que chamavamos *manicordio*.

Mostra: amostra é igualmente Classico; é até de Vieira que o A. muito cita e acata.

Olivél: leam os curiosos os artigos *livel* e *olivél* no Diccionario de Moraes, e conhecendo a derivação deste ultimo termo e os muitos e bons exemplos em seu favor, pasmarão do como o A. o arremeçou para o entulho dos erros vulgares.

Ondado: e porque não ha de ser *ondeado*, se o verbo é *ondear* e não *ondar*? — Se Camões na canção 14.ª disse «cabello *ondado*» fez uma syncope; já no cant. 10.º est. 132 dos Lusiadas poz o contrario.

> Vê Tidore e Ternate, c'o fervente
> Cume, que lança as flammas *ondeadas*.

Se tivesse dito *ondadas* ficava-lhe errado o verso.

Oppresso: a citação da auctoridade de Brito, neste paragrapho, robora o que dissemos a pag. 165.

Pardoso: achamos justa a observação do A. Note-se que o Dicc. de Moraes não traz *pardento*, sendo aliás palavra necessaria.

Prematica: não concordamos com o A.; quem sabe se erraria Jacintho Freire ou o seu impressor? — A lei sumptuaria, applicada a coarctar as demasias do luxo, chama-se em todas as linguas que conhecemos *pragmatica*; só os italianos lhe tiram o *g*, segundo usam em outras palavras.

Presepe: é de boa derivação; e quer deste modo, quer *presepio*, tudo significa manjadoura e estabulo de animaes, como pode ver-se nos auctores latinos e em alguns dos nossos: hoje não se diz senão para denotar o logar descommodo e humilde, agasalho de animaes, em que para começar seus soffrimentos quiz nascer o Deus Menino.

Paternal e *paterno:* a differença entre estes dois vocabulos acha-se devidamente estabelecida, segundo os principios ideologicos, que devem ser os reguladores das linguas, no *Ensaio sobre Synon.*, artigo 36.

Pretensor e *pretendente:* assentâmos que é melhor seguir o uso moderno, que adoptou *pertendente*, por ser mais etymologica, e naturalmente tirada do verbo respectivo, assim como de *pertencer* tiramos *pertencente*, de *produzir*, *producente* &c. E' um participio de presente; ninguem o pode contestar.

Primacia e *primazia:* não podemos assentir á distincção do A.: nem o exemplo de Vieira, que segundo o máu costume do seu seculo fazia jogo de palavras, vem para o caso.

Produzidor: não é por certo melhor palavra do que *productor*; para nós basta ter esta menos uma syllaba. — Observemos de passagem que tem havido quem repare em se diser *producto:* olhem os reparadores para o *Ensaio sobre Synon.* (que nos poupa citar outras auctoridades) e acharão a pag. 230 do 1.º vol. — Os *productos* das artes não são mais que combinações differentes dos materiaes, que cada uma dellas emprega &c.

Prosecução: é termo genuino; tambem *proseguição* tem auctoridade a seu favor, mas que ninguem segue. Dizer porem que *proseguimento* é erro, não pode tolerar-se, quando nos Diccionarios vulgares achamos exemplos em contrario: é nem mais nem menos o mesmo que desapprovar a palavra *seguimento*, absurdo em que ninguem cahirá.

Reção: *ração* é como deve escrever-se; o termo obsoleto, tirado da lingua callaica, era *raçom*.

Rédito: tanto val como *rendimento* ou *renda*; a distincção aqui apontada não tem fundamento.

Reposta: verdade é que antigamente assim escreviam: mas o destempero é tão manifesto, escrevendo-se *responder*, que ninguem depois de emendado o quererá resuscitar: — fique *reposta* para a variação feminina do participio do verbo *repôr*; e não se cogite de renovar archaismos sem tom nem som.

Sedento: ha neste § um engano mui notavel. — *Sedento* disse do que tem sêde; *sedeúdo* é o animal que tem sêdas como o porco &c.: — portanto nesta ultima accepção disse Leonel da Costa, na versão de Virgilio: — *cabeça de um javali sedeúdo*, e não podia pôr o adjectivo na significação de sequioso.

Sinalar, e não *assinalar*. Tantas vezes se nos offereceu occasião de fallar na apposição do *a* a certas palavras, que seria importunidade repetir o que dissemos: pelo que limitar-nos-hemos a dizer que *assinalar* tem por si (ao contrario do que affirma o A.) a abonação dos melhores Classicos: crêmos que para prova bastará o seguinte exemplo do escriptor mais aprimorado na lingua, Fr. Luiz de Sousa. — «Assim *assinalou* (Deus) o nascimento de S. Carlos Arcebispo de Milão &c.» — *Vida de D. Fr. Barthol. dos Mart.* liv. 1.º cap. 1.º

Surcar: é voz antiquada: devemos dizer *sulcar*, e o A. nos dispensou de apontar a etymologia.

Termentina: assim ordinariamente se pronuncia, segundo escreviam antigamente: mas não ha duvida que deve dizer-se *terebinthina*, por ser a resina que dimana do *terebintho*.

Troncar: parece que em rasão da etymologia, que o A. cita, devia ser *truncar:* mas tem prevalecido a primeira pronunciação, talvez porque dizemos *tronco* e não *trunco*.

Záfira: nem deste modo, nem com o genero masculino e começando tambem com *z*, como fez D. Francisco Manuel no logar citado, se deve escrever esta palavra: significa ella uma pedra preciosa, os antigos escreviam *çafira*; porem a sua recta orthographia é *saphira* ou *safira*.

INDICE.

Pag.

Reflexão 1.ª — *Sobre a verdadeira pronunciação de alguns nomes, que corre viciada pelo povo* 5

Reflexão 2.ª — *Sobre alguns nomes que só tem singular ou plural, segundo os exemplos dos melhores Classicos* 8

Reflexão 3.ª — *Sobre nomes que tem genero commum de dois ou duvidoso, ou que tendo-o certo não se lhes dá o verdadeiro.* 9

Reflexão 4.ª — *Sobre a terminação de alguns superlativos* 12

Reflexão 5.ª — *Sobre o uso de alguns adverbios e interjeições* 14

Reflexão 6.ª — *Sobre a diversa terminação de alguns nomes diminutivos.* 17

Reflexão 7.ª — *Sobre alguns participios, cuja pronunciação corre viciada* 19

Reflexão 8.ª — *Sobre a pronunciação breve, ou longa, de algumas palavras, e nomes proprios.* . . . 20

Reflexão 9.ª — *Sobre os erros que se commettem na conjugação de alguns verbos* 26

Reflexão 10.ª — *Em que, tratando-se de algumas figuras da dicção, se responde a algumas objecções que se porão á doutrina da Reflexão antecedente* . 32

Reflexão 11.ª — *Em que se discorre sobre as pronunciações sordidas e obscenas, procedidas da Cacophonia, das quaes muitos advertidamente não querem hoje fazer caso.* 36

Reflexão 12.ª — *Vocabulario de palavras, que correm presentemente com pronunciações diversas.* . . 38

Notas 155

ERRATA.

				Erros.	*Emendas.*
Pag.	17	lin.	21	sabem	se bem
»	36	»	8	*cacephaton*	*cacophaton*
»	87	»	pen.	*Gradulem*	*Gredelim*
»	75	»	antepen.	estortor	estertor
»	78	»	23	*Fartum*	*fartem*
»	113	»	11	theologio	theologo

COLLECÇÃO DE INÉDITOS

PUBLICADOS

PELA

Sociedade Propagadora

DOS

Conhecimentos Uteis.

2.º

REFLEXÕES

SOBRE

A

LINGUA PORTUGUEZA,

ESCRIPTAS

POR

FRANCISCO JOSÉ FREIRE,

PUBLICADAS COM ALGUMAS ANNOTAÇÕES

PELA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

PARTE TERCEIRA.

Comprehende illustrações e additamentos ás Partes 1.ª *e* 2.ª

LISBOA.

Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.
Rua Nova do Carmo N.º 39 — D.

1842.

REFLEXÕES

SOBRE

A

LINGUA PORTUGUEZA.

REFLEXÃO 1.ª

Em que se dá a ler um copioso Catalogo de antigas palavras portuguezas, para instrucção do principiante no estudo da nossa historia e litteratura dos primeiros seculos da Lingua.

Bem longe estavamos de acrescentar 3.ª Parte a este livro, pois que já o tinhamos prompto para as licenças dos tribunaes; porem dando-o a rever a um sincero amigo, que tem uma profunda erudição da nossa linguagem, reparou-nos em algumas faltas que por omissão tinhamos commettido, e rogou-nos que, por serviço do mesmo escriptor principiante, para quem só escrevíamos, quizessemos acrescentar á Obra uma 3.ª Parte, que servisse de illustração e additamento ás duas precedentes.

As faltas em que elle reparou dilo-hão as Reflexões seguintes: nesta só diremos que o seu primeiro reparo foi não termos feito menção de um grande numero de vozes antiquadas dos nossos primeiros seculos, tendo aliás

feito memoria de algumas que se antiquaram desde João de Barros até o Padre Vieira: que este catalogo, que elle pertendia, era necessario aos principiantes, pois que até o presente nenhum Auctor nosso tinha tomado tal empreza, exceptuando Bluteau, se bem que até o seu Vocabulario corre bem falto de semelhantes vocabulos.

Nós conhecendo o bom fundamento com que discorria na sua carta o nosso amigo, resolvemo-nos a acrescentar a Obra, e satisfazer aos seus reparos, illustrando com mais exemplos e doutrinas varios pontos, que nas Reflexões das duas Partes ou se tinham omittido, ou levemente tocado. Vamos a satisfazer ao primeiro reparo, mendigando pelos Auctores do tempo dos primeiros seculos da nossa Lingua, os quaes hoje ignora a maior parte da gente quando os encontra nos nossos livros antigos, e nisto faremos a muitos não leve serviço, especialmente aos que acrescentarem o Diccionario de Bluteau.

Abarca, calçado rustico dos nossos antigos montanheses. Na Malaca Conquistada se acha usado, Liv. 6. est. 3. diz o poeta: « Igualaes as tiaras co'as *abarcas*.

Abarregado, *abarregamento* e *abarregar-se* significava o mesmo que hoje *amancebado*, *amancebamento*, e *amancebar-se*.

Abarroada. Usavam os antigos deste nome para significarem *teimoso*, *pertinaz* e *fixo na sua opinião*.

Abbadada [igreja] se dizia antigamente aquella freguezia, cujo parocho era abbade.

Abbade até o tempo d'El-Rei D. João 1.º significava o mesmo que hoje *confessor*, e assim se deve entender a Gomes Eannes de Azurara quando usa desta palavra.

Abesso o mesmo que *sem ratão*. Egas Moniz nos versos á sua dama: « Nom farom estes meus olhos tal abesso

Abilhar, que se acha em escripturas antigas, significava o mesmo que significou depois *ataviar*, e hoje *enfeitar*.

Abolar: o mesmo que hoje *amolgar*. Acha-se em varios livros antigos, e ainda Camões usou deste verbo no cant. 3. est. 51. Não o duvidou seguir Gabriel Pereira na sua Ulyss. cant. 6. est. 44.

Abrego: assim chamavam ao vento do meio-dia, que vem de Africa e corre para o poente. Ainda usou deste termo o Auctor da Malaca Conquistada, Liv. 2. est. 78.

Abutamar: *esconder* e *afogar*. Aulegraphia de Jorge Ferreira, pag. 29: «Tendes logo outro para *abutamar* todos esses» &c.

Açaoal: cousa que servia de acarretar agua. Usou desta palavra Barros na Decad. 2. pag. 48, dizendo: «Bois *açaoaes*» &c.

Acarão: o mesmo que *junto* ou *á par*. Acha-se na Grammatica Portugueza de Fernão de Oliveira, cap. 36.

Acarrar: *empregar*. Carta de Egas Moniz: «Mei jazigo e mei amar ambos *acarrè*» &c.

Acatar: o mesmo que hoje *honrar* com respeito. *Acatamento* ainda presentemente se usa.

Acatasol: tecido fino e lustroso de que usavam os antigos. Delle vem a palavra *acatasolado*, que se acha na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 262, col. 3, dizendo: seda *acatasolada*.

Aceiro: o mesmo que hoje *aço*. Usou-a Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 179 col. 3.

Acendalha: valia o mesmo que hoje aparas de carpinteiro, garavatos, palhas, e outras semelhantes materias combustiveis. Acha-se nos Dialog. de Fr. Heytor Pinto, part. 2. pag. 250.

Acendrado: o mesmo que *apurado* e *afinado* no fogo: acha-se em antigos poetas: hoje diz-se *acrisolado*.

Acepilhar: o mesmo que *alisar* ou *bornir* alguma materia. Diziam tambem *acepilhador* e *acepilhadura* no significado de *raspadura*.

Achadégo: o mesmo que *achado*: acha-se nas Ordenações do Reino.

Achadégo: o mesmo que *alviçaras* ou premio por alguma cousa achada.

Achanar significava o mesmo que *fazer facil* e *alhanar*. Usou-a Brito na Monarchia Lusit. tom. 1. pag. 134.

Acimar acha-se em muitas escripturas antigas, e significava *acabar*.

Acintemente ou *cintemente*, que se acha em muitos antigos, diz Duarte Nunes de Leão que significava o mesmo que *scientemente*.

Açodado: o mesmo que *muito apressado*, ou tambem *perseguido*. Ainda João de Barros usou desta palavra na Decad. 3.ª pag. 214, e com o seu exemplo não teve duvida D. Francisco Manuel de usar tambem della na Carta de Guia de Casados, pag. 4. Desta voz deduziam igualmente os antigos *açodamento* por *pressa* ou *perseguição*.

Açodar-se: o mesmo que *anhelar* e apressar-se. Usavam tambem de *açodamento* e de *açodadamente*.

Acompadrado: o mesmo que *amigo intimo*. Acha-se em Fernão Lopes, e ainda em Fr. Bernardo de Brito no tom. 1. pag. 159.

Acontiado em ampla significação valia antigamente o mesmo que *subdito* ou vassallo d'El-Rei. Depois significou tambem *fidalgo*, que por mercê regia possuia castellos ou villas. No reinado de D. Affonso 5.º chamava-se vassallo *acontiado* a todo aquelle que recebia d'El-Rei uma certa contia de dinheiro para o servir em tempo de guerra.

Açorado: *summamente desejoso*. Usou-o Faria na Font. de Aganip. Liv. 1. cant. 5. sonet. 68. Os antigos diziam *açodado* tambem neste sentido.

Acoroçoado e *acoroçoar*, que se encontra nas nossas antigas chronicas, significava o mesmo que *animado* e *animar*.

Acossar-se: o mesmo que andar um tanto como o seu companheiro. Esta significação é de Barbosa no seu Diccionario.

Acostamento. Achamos em escripturas antigas *acostamento* de fidalgo, e valia o mesmo que *soldo*, *salario* ou *moradia*.

Açotea: o mesmo que *eirado*. Usou-o Sá de Miranda nas suas Eclogas, e ainda o traz Cardoso no seu Diccionario.

Açoutar: o mesmo que *infamar* e *tachar* de infamia, segundo Cardoso no seu Diccionario Vulgar. Diziam tambem *açoutamento* e *açoutador*.

Adail: cabo dos nossos exercitos antigos, que encaminhava a soldadesca por caminhos encobertos e não trilhados. Governava aos almocadens e almogavares, gente destinada para conduzir com segurança o exercito por terras inimigas.

Adarvado: o mesmo que *murado*; e *adarve* o mesmo que *fortaleza* ou castello. Neste sentido os usou um nosso antiquissimo poeta, dizendo: « E Gibraltar maguerque *adarvado* » &c.

Adentado [termo de armaria] é tudo aquillo que leva ao redor algumas pontas: e assim dizem: banda de prata *adentada* &c.

Adestro: cousa que os grandes senhores levavam por estado em sua comitiva; e assim diziam os antigos, cavallos *adestro*, e não *adestra*, como hoje dizemos; andas *adestro*, andor *adestro* &c.

Adiantado: antiga dignidade em Portugal e Castella, assim militar como civil. Na milicia valia o mesmo que hoje *General*, e nos tribunaes o mesmo que *regedor das justiças*. Na 3.ª part. da Mon. Lusit. pag. 83 se diz que os antigos tomavam tambem a palavra *adiantado* por *triunfador*.

Adoba: especie de grilhão ou prisão de ferro feito á maneira de um *ladrilho*. Acha-se esta palavra na Chronica d'El-Rei D. João 1.º pag. 78, e ainda a usou Fr. Luiz de Sousa na sua Historia, dizendo *adobe* e não *adoba*.

Adrede: o mesmo que *de proposito*. Acha-se a cada passo nos Auctores antigos.

Adregar valia o mesmo que *acontecer*. Achamo-la em varias escripturas do reinado d'El-Rei D. Diniz.

Adua: certa gente plebea, que era em tempos antigos obrigada ao reparo de muros e castellos de villas e cidades do reino.

Adur: o mesmo que *velhacaria* ou mal. Usou-a Fernão Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.º part. 2. cap. 198.

Aduxar: o mesmo que *trazer*. Acha-se nos antigos versos que transcreveu Miguel Leitão na sua Miscellanea: «De Cepta *aduxeron* ao solar de Espanha.»

Afan: o mesmo que *trabalho*. Veja-se a Duarte Nunes na Origem da Lingua Portugueza, onde prova que deste termo é que se formou o verbo *afanar-se*, e o participio *afanado*.

Afanar valia o mesmo que *trabalhar* com demasiada ancia, força e cuidados. Era verbo deduzido de *afan*, que significava *mimio trabalho* e lida.

Aficamento: o mesmo que *rasão forçosa* ou aperto. Lopes, Chron. d'El-Rei D. João 1.º part. 2. cap. 150. Havia tambem o verbo *aficar*, que se acha na antiga Vi-

da do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, pag. 73. col. 2.

Aforcada [cousa] o mesmo que *opinada*. Ainda se acha em Fr. Luiz de Sousa.

Aforrado: o mesmo que *á ligeira*. Acha-se em Damião de Goes, Chron. cap. 64: « Partiu El-Rei de Lisboa *aforrado*, &c.

Afforrado parece que era o mesmo que *apressado*, pelo que se colhe da Vida do Condestavel, pag. 56.

Afreimado: o mesmo que *colerico*, e não *fleumatico*, como deveria significar, e assim diziam: Está mui *afreimado*, por *está muito colerico*.

Agorentar: o mesmo que *arredondar* alguma cousa. Allegr. na pag. 5. *Agorentada* o cerzida. Tambem significava *diminuir*, e diziam: « Familia *agorentada*.

Aguião: o mesmo que *vento norte*. Acha-se com esta significação em Sá de Miranda, e tambem lhe dá Jeronimo Cardoso.

Agupa: o mesmo que *presa*. Diversas vezes se acha na antiga Vida do Condestavel, pag. 64, 65 &c.

Agumia: faca revirada na ponta á maneira de fouce. Ainda se acha em Barros na Decad. 2, pag. 81.

Al: o mesmo que *outra cousa*. Hoje ainda o usam os escrivães nos depoimentos das testemunhas. Em Sá de Miranda é mui frequente o uso desta palavra.

Alagar: o mesmo que *dissipar*; e assim diziam: *alagar* os bens, as rendas &c., como diz Cardoso no seu Diccionario.

Alámia: ornato pertencente aos jaezes do cavallo. Ainda se acha na Historia dos Bispos do Porto, pag. 22.

Alardo o mesmo que *resenha* de soldados. Hoje ainda o dizemos no sentido figurado, servindo de synonimo a ostentação.

Alarve: davam este nome a todo o homem montanhez, e neste sentido é que se ha de entender o uso que fez Gil Vicente deste termo.

Alçar-se: algumas vezes valia o mesmo que *rebellar-se*, como diz Zurara na Tomada de Ceuta, segundo Leitão na sua Miscellanea.

Alfagem: cirurgião. Foi vocabulo que tiramos do antigo castelhano, e deixado pelos arabes.

Alfageme: aquelle que guarnecia as espadas. Acha-se em muitas escripturas antigas.

Alfaqueque: significando o mesmo que *paisano* ou correio. Lê-se na Chronica d'El-Rei D. Duarte pag. 28.

Alfaiado: o mesmo que *ornado* com ricos moveis. Acha-se em Damião de Goes na Chron. d'El-Rei D. Manuel, pag. 43.

Alfoncim: moeda de prata, que mandou lavrar El-Rei D. Affonso 4.º Valia nove soldos.

Algara: certa partida de soldados de cavallo, que sahia a fazer correrias. E' termo que se acha em as nossas antigas Ordenanças.

Alhur: antigo adverbio, que valia o mesmo que *em outra parte*. Veja-se o tom. 5. da Mon. Lusit. Liv. 16. cap. 35. pag. 69.

Alhurhuquerque: o mesmo que *onde quer que*. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 5. pag. 69.

Alifase: cousa pertencente a cama, segundo se colhe do Testamento da Rainha Santa, que anda na *Alcobaça Illustrada*.

Alhivar: o mesmo que *socegar*. Usou-o Sá de Miranda no sonet. 24.

Allemanisca: cousa de *Allemanha*. Foi muito usado por Damião de Goes, e o traz tambem Cardoso no seu Diccionario.

Allí: o mesmo que *lá*. Veja-se o tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 198 e 300, col. 2.

Almexia: no poeta Affonso Giraldes se acha que era um certo signal que traziam em Portugal os mouros nos vestidos, quando não usavam do seu traje, e isto por lei d'El-Rei D. Affonso 4.º

Almilha: véstia, que se trazia debaixo do jubão e sobre a camiza. E' palavra frequente nas escripturas anteriores ao reinado d'El-Rei D. Manuel.

Almocovar: antigo cemiterio dos mouros em Lisboa no bairro da Mouraria. Acha-se nas nossas antigas Chronicas, especialmente na d'El-Rei D. Pedro 1.º

Almofreixe, de que ainda usou Barros na Decad. 4. pag. 331, era uma especie de *mala* ou *saco*, em que se levava a cama.

Almogavere, segundo Zurara no livro, Tomada de Ceuta, cap. 15, tambem significava *ladrão* salteador dos que fugiam da guerra.

Alquebrar é termo de marinhagem, e significava o entrar a render-se e a dobrar-se as cintas do costado da nau, ou por peso demasiado, ou por força de tormenta. Ainda João de Barros usou desta palavra na Decad. 2. pag. 86.

Alquicé: panno de filete branco, com que se cobrem os mouros. Os antigos tambem escreviam *alquicer*, e desta pronunciação usou Fr. Luiz de Sousa na sua Historia, Liv. 4. pag. 211.

Abrotar: o mesmo que *escarnecer*. Lê-se em muitos livros antigos, e ainda se acha na Vida do Irmão Basto, pag. 99.

Altamia: cousa á maneira de vaso, em que antigamente se lançava qualquer liquido. Usou-o o Auctor da Arte da Caça, pag. 62.

Altirna: vestidura de alguns sacerdotes da India. Mendes Pinto, pag. 207.

Amadigo era o mesmo que familia de lavradores, patrocinada por algum fidalgo, e por isso livre de muitos tributos. Provinha este privilegio e patrocinio de terem os ditos lavradores creado em sua casa algum filho legitimo do tal fidalgo. Este mesmo nome davam tambem os antigos áquellas herdades ou casaes que estavam debaixo da protecção de algum senhor de terras visinhas, pelo mesmo motivo da creação de algum filho seu. El-Rei D. Diniz tirou por especial Decreto estas honras de *amadigos*. Veja-se o tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 158.

Amiga: o mesmo que *amaça*. Acha-se nas poesias de Gil Vicente, e no Cancioneiro de Resende em diversos logares.

Amalhar valia o mesmo que *domesticar*. Aulegraphia, pag. 43: «Anda tão de levante, que não a posso *amalhar*.»

Amamentar: o mesmo que *dar de mamar*. Usava-se este verbo até o reinado d'El-Rei D. João 2.º Era termo popular.

Amantelada [cidade]. O mesmo que cercada de muros. Hoje ainda usamos do seu contrario *desmantelada*.

Amercear-se: o mesmo que *compadecer-se*. Acha-se na Vida d'El-Rei D. João 2.º cap. 16.

Ano: o mesmo que *cio*. Acha-se em muitos papeis antigos do Reinado d'El-Rei D. Diniz.

Amornetado: o mesmo que *frouco* ou *descontiado*. Aulegraphia, pag. 1.ª verso: «Ando de rebuço, e nú de galantes *amornetados*» &c.

Amouco: homem desprezador da vida, expondo-a a certo e evidente perigo. Usaram deste termo os escriptores das cousas da India.

Anaçar [as aguas]: o mesmo que *revolve-las* com força. Barros na Decad. 2. pag. 187 disse: «Quando os nortes tezos lhe *anaçam* as aguas de baixo para cima.»

Andido: o mesmo que *fraco*. Achamos este termo tirado do antigo castelhano em uma instrucção feita para o infante D. Luiz.

Andrajo: o mesmo que *farrapo* ou pedaço velho de algum panno. E' usado por Fernão Mendes Pinto e outros da mesma idade, que tambem diziam *andrajoso* por *esfurrapado*.

Andurriaes: logares trilhados por onde anda muita gente. Acha-se em Sá de Miranda na Eclog. 2. n. 9.

Annojo: animal de um anno. E' termo mui frequente em os nossos antigos escriptores.

Anta com ante, que traz Cardoso no seu Diccionario, queria dizer o mesmo que *mui ligeiramente*.

Antevisо valia o mesmo que *advertido*. Achamo-lo em uma carta, escripta pelo bispo D. Garcia de Menezes.

Anuduva: serviço que antigamente se fazia, trabalhando nas cavas e muralhas dos castellos. Mon. Lusit. tom. 5. liv. 16. cap. 19.

Aosadas: o mesmo que *abundantemente*. Acha-se em uma carta do duque de Bragança, D. Fernando, para El-Rei D. João 2.º Usou-a tambem Jeronimo Cardoso.

Apostemar-se: o mesmo que *agastar-se*. Anda no Diccionario de Barbosa.

Apostoligo valia o mesmo que *Papa*, como bem prova a Mon. Lusit. no tom. 5. pag. 148.

Apremar: o mesmo que *opprimir* e *sujeitar*, segundo Barbosa e Cardoso em seus Diccionarios. Diziam tambem os antigos *apremador* por *opprassor*.

Aquecer: o mesmo que *succeder*. Lopes na Chron. d'El-Rei D. João 1.º part. 1.ª cap. 184.

Arandela: defensa de que usavam os antigos soldados na mão direita. Era á maneira de funil, e pregavão-a no grosso da lança ou massa.

Aravia: aos termos e expressões que não se entendiam chamavam os antigos fallar por *aravia*. Aulegraphia, pag. 79: « Ninguem me falle *aravia*.

Arbim: tecido rustico de que usavam os antigos plebeus. Acha-se na Historia dos arcebispos de Braga, part. 2. pag. 334.

Ardego: o mesmo que *fogoso*. Acha-se muitas vezes na Chronica d'El-Rei D. João 1.°, e no Cancioneiro de Rezende.

Argel, segundo Barbosa no seu Diccionario, dizia-se de pessoa com pouca ventura.

Argulhoso: o mesmo que *industrioso*, e tambem *diligente*, segundo os nossos antigos vocabulistas.

Arimono, conforme o Auctor da Vida do Condestavel, pag. 102, responde a *cadeira* coberta e fechada, de que se serviam os antigos.

Armatoste: engenho de que usavam os antigos para despedir as béstas. Veja-se a Brito na Mon. Lusit. tom. 1. liv. 7. cap. 28.

Arminhado [termo de armeria] é o campo do escudo, composto de pelle de arminho.

Arnez em rigorosa significação antiga era toda a armadura de ferro, que cobria ao soldado desde a cabeça até os pés. Veja-se a Faria, commentando o cant. 6. da Lusiada, est. 58.

Arraial: palavra festiva, com que antigamente os soldados acclamavam aos reis de Portugal, e valia o mesmo que hoje *Real! Real!* Monarchia Lusitana, tom. 7. pag. 214.

Arraiar: o mesmo que *ornar*. Acha-se em alguns

poetas do Cancioneiro de Rezende, os quaes diziam tambem *arraiado* por *ornado*.

Arraiaz: o mesmo que *raiano*, isto é, que vive na raia de algum reino. Era termo mui usado no tempo d'El-Rei D. Diniz.

Arredo: o mesmo que *longe*, e della vem *arredio*, que ainda hoje se usa.

Arrefentar: o mesmo que *embruxar* alguma criança. Usou-o Sá de Miranda nas Eclogas, pag. 43.

Arremeção: chamavam á *lança de arremeço*. E' termo mui frequente em nossas Chronicas. « Quatro *arremeções* lhe pregou na porta » diz Zurara na Tomada de Ceuta.

Arremangar: o mesmo que *cingir por baixo*. Diziam tambem *arremangado* por *cingido*.

Arrepeso: o mesmo que *convertido*; e daqui vem dizermos nós ainda hoje *arrependido*.

Arrevezar: o mesmo que *vomitar*. Ainda se acha em Barros na Decad. 1.ª pag. 49.

Arriel: ornato de ouro com que antigamente as mulheres baixas ornavam os dedos e tambem as orelhas. Formava-se de varios anneis de fio de ouro, que davam muitas voltas, e tomavam metade do dedo.

Arruela [termo de armeria]. Na figura redonda é o mesmo que *besante*; na materia não, porque *besante* é sempre de metal, e *arruela* não é preciso que seja desta materia. Tambem diziam *roel* e *rocis*.

Arteiro: homem *enganador* e *doloso*. Acha-se nas poesias do Cancioneiro de Rezende.

Ascuso: o mesmo que *segredo*. Só o achamos em Zacuto Lusitano.

Asinha, adverbio: o mesmo que *ligeiramente* e *com pressa*: é mui frequente assim na prosa como no verso do seculo 16.º

Asmar: *pensar* ou *amar*. Egas Moniz na Carta á sua Dama: « *Asmade-me*, se quereides » &c. Tambem diziam *asmamento* por *consideração*.

Asso: bom geito para alguma cousa. Diziam tambem *asseoso* e *asseosamente* por *geitoso* e *geitosamente*, isto é, habil e apto para algum ministerio.

Assomada: o mesmo que *logar muito alto*. Usou-o Sá de Miranda na Satyra 5. n. 12.

Assomo: o mesmo que *apparencia*. Assim o achamos nesta significação na Malaca Conquistada, Liv. 7. est. 85.

Atagantar, que tras Cardoso no seu Diccionario, dá-lhe elle em latim a significação de *obtundo* e *fatigo*.

Atempar [antigo termo forense]: o mesmo que *conceder tempo* para as appellações se metterem no Juizo superior. Vid. Orden. Liv. 3. tit. 69. cap. 5.

Atermar [palavra forense]: o mesmo que *fazer termo*. Duarte Nunes já dá este verbo por pouco usado.

Atimar era o mesmo que *emprehender*, segundo Faria na Introducção ás Odes de Camões, pag. 82.

Atimar: o mesmo que *acabar*. Acha-se em uns antiquissimos versos allegados por Miguel Leitão na sua Miscellanea: « Uma *atimarom* prasmada façanha » &c.

Atiramar: o mesmo que *atinar*. E' termo mui frequente no Cancioneiro de Rezende.

Avir: o mesmo que *acontecer*. E' mui vulgar nos escriptos do seculo 15.º e 16.º

Aviventar, que hoje significa *prolongar a vida*, significava antigamente *espertar* e dar viveza a alguem.

Bacinete: antiga armadura de ferro, defensiva da cabeça, e semelhante a um chapeu. Acha-se na Chronica d'El-Rei D. João 1.º

Bailheiro: o mesmo que *ligeiro*, como se acha em

Fernão Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.º, part. 2. cap. 135.

Baixas: o mesmo que *más rasões*, ou tambem *desigualdades*. Aulegraphia, pag. 112 verso: «Passamos grandes *baixas*; eu ás *boas*, e elle ás *más*» &c.

Balona, segundo Bluteau, era um ornato no homem, semelhante ao que hoje chamamos *bacalhau* ou *volta*. Cahia para traz sobre os hombros. As antigas mulheres usavam tambem della com guardinfantes. Chamavam tambem *balona* a uns calções com folhos largos e franzidos, que se atavam por baixo do joelho.

Banco de pinchar [termo de armeria] todos sabem que é divisa dos infantes de Portugal, mas muitos ignoram a rasão desta *divisa*. Antigamente só os reis e o principe se assentavam em cadeiras nos actos publicos, e os infantes em bancos, cujo assento era distinctivo de precedencia aos mais senhores e nobreza do reino, por isso o poseram por divisa em suas armas. Nos infantes e principes o banco era de ouro, e nas infantas e princeza de prata. *Pinchar*, em antiga linguagem, valia o mesmo que *expulsar com violencia*; e para denotarem que os infantes precediam por direito nos assentos a qualquer vassallo, e o expulsavam de toda a precedencia, disseram os antigos *banco de pinchar*. Veja-se a Francisco Soares Toscano na Dedicatoria ao livro, Paralello de Principes.

Banda [termo de armeria] é uma peça que representa o talim de cavalleiro, que se lança do alto do angulo direito do escudo á parte esquerda que lhe fica opposta ao fundo do *escudo*. Veja-se a Bluteau, verb. *Escudo bandado*.

Bandeiró, de que usa o Auctor da Aulegraphia, significava o mesmo que hoje *parcial*. Foi tambem tirado do antigo castelhano, que dizia *bandero*.

Barafustar, verbo de que ainda usou diversas vezes João de Barros, quer Duarte Nunes que significasse o mesmo que *reluctar*. O Padre Bento Pereira diz que val o mesmo que no latim *præripere*.

Barbote: parece que era a parte do capacete que cobria as barbas. Esta é a intelligencia que dá Bluteau a esta palavra, que se acha na Chronica d'El-Rei D. João 1.º pag. 349.

Barbuda: moeda antiga d'El-Rei D. Fernando, da qual trata Severim nas Noticias de Portugal, pag. 179, e o Padre Sousa na sua Historia Genealogica da Casa Real Portugueza.

Bargante: o mesmo que *vadio*, *vagabundo* e *ocioso*. Acha-se muitas vezes nas Comedias de Gil Vicente.

Baroil: assim pronunciavam os antigos *varonil*, e ainda Barros na Decad. 3. pag. 85 usou desta pronunciação.

Barrachel: antigo official da milicia, que tinha a seu cargo buscar pelos caminhos os soldados desertores, e traze-los presos ao preboste general.

Barrado [termo de armeria]: assim chamam ao escudo atravessado de *barras*, isto é, de peças contrarias ás chamadas *bandas*. Vide *Banda*.

Barregão: o mesmo que *amancebado*; e *barregã* o mesmo que *concubina*; porem em tempos mais antigos significava homem *esforçado*, e mulher que estava na flor dos annos, como diz Duarte Nunes no Tratado da Origem da Ling. Portug. pag. 49.

Barruntar: o mesmo que *imaginar* ou *suspeitar*, e não *basofiar*, como querem alguns pouco instruidos na nossa antiga linguagem.

Barruntes: o mesmo que *espias*. Diz Barganza nas suas Antiguidades de Hespanha, que tambem os antigos portuguezes usavam deste termo.

Bastida: uma como torre de madeira, igual ou mais alta que o castello, da qual se atiravam as béstas na antiga milicia. Usou-a Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.º part. 1. cap. 64.

Besante [termo de armeria]: peça de ouro ou prata, redonda e chata, como moeda que não é cunhada.

Betar: o mesmo que hoje *matizar*. Sendo esta palavra mui antiga, ainda se acha na Corte na Aldeia, pag. 241.

Betar: o mesmo que *imitar*, ou fazer uma cousa conforme a outra. Aulegraphia, pag. 17: «Não é possivel *betarmos* cores tão differentes.

Bisdono se acha em Sá de Miranda, e, segundo Bluteau, parece que valia o mesmo que *bisavô*.

Bocete: peça pertencente ás antigas armas brancas. Era palavra inda usada no tempo de João de Barros, que diversas vezes a traz nas suas Decadas.

Bragueiro: compostura das mulheres humildes, a que hoje chamamos *manteu*.

Britar: o mesmo que *quebrar*. «*Britou* a verdade» disse nesta significação Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.º part. 2. cap. 151.

Brivia: o mesmo que hoje *Biblia*. Veja-se o Prologo do tom. 1. da Mon. Lusit., onde diz: «Uma *brivia* de mão, ganhada a El-Rei de Castella» &c.

Broslar: o mesmo que *bordar com agulha*. Diziam tambem *broslador* e *broslādura* por *bordador* e *bordadura*.

Burato: panno de seda fina, de que antigamente usavam as mulheres para mantos &c.

Bux: o mesmo que *calla-te já*. Usou-o Sá de Miranda e Gil Vicente.

Cá: o mesmo que *porque*. E' usadissimo em nossas Chronicas até o reinado d'El-Rei D. João 2.º

Caçapo e *caçapinho*: o mesmo que *laparo*. Della formavam o verbo *caçapar*, por caçar ás lebres, ou apanha-las com engenho.

Cacha: o mesmo que *engano* e fingimento. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 1. pag. 222.

Cachar; *enganar*. Aulegraphia, pag. 6 verso: «Não quer ella mais para *cachar* a seu salvo» &c.

Cadimo: o mesmo que *velho* e *exercitado* no seu officio: commummente applicava-se a ladrão, mas tambem ha exemplos de se applicar a outras pessoas.

Caimão: segundo o Auctor das Antiguidades de Lisboa, pag. 100, chamavam os antigos ao *crocodilo*.

Cainho: o mesmo que *parco*. Diziam tambem *cainheza* por *parcimonia*.

Cajam; *desgraça* ou *occasião perigosa*: acha-se esta palavra na Chronica d'El-Rei D. João 1.º pag. 348. Tambem a usou Barros na Decad 1. pag. 27. col. 4.

Candil: antiga moeda de Ormuz, dez dás quaes valiam 150 réis portuguezes. E' palavra que se acha frequentemente na Historia da India.

Capapelle: especie de vestido, de que se usava no principio do reino, como diz Oliveira na Grammatica Portugueza, cap. 36.

Capellina: era uma armadura de cavalleiro. Acha-se na Mon. Lusit. tom. 6. pag. 197.

Capirote: cabello pequeno de que usavam antigamente as donzellas e meninos. Não ha muito que se antiquou esta palavra, pois ainda se acha nas Obras de Francisco Rodrigues Lobo.

Caroavel: o mesmo que *amado* ou *amigo* de alguma cousa.

Carrega [nome]: o mesmo que *carga*, segundo Cardoso no seu Diccion. Achamo-la usada por Damião de Goes.

Carulha: gralha. Carta de Egas Moniz, que transcreve Leitão na sua Miscellanea: « *Carulhas* me fagaom cego » &c.

Castival: o mesmo que *alcaide* de um castello. Acha-se em Faria no tom. 3. da Europa Portugueza, pag. 378, dando-lhe esta significação.

Castcval: o mesmo que hoje *alcaide-mór*, e não *castelão*, como alguns entendem. Veja-se a Miscellanea de Leitão, pag. 456: « *Da Betica* almina, e o seu *castival*.

Cata: o mesmo que *busca*. Usou-a João de Barros, e ainda hoje em algumas provincias do reino se não anda.

Catar, alem da significação de *respeitar*, significava tambem *attender* e ver com reflexão, como nos diz Duarte Nunes de Leão.

Catasol: antiga droga de lãa, á maneira de camellão, porem mais fino e lustroso.

Cava: o mesmo que *manceba* de algum homem. Leitão, Miscellanea, pag. 456: « O rouço da *cava* emprio de tal sanha » &c.

Cavidar-se: o mesmo que *acautelar-se*. Do mesmo modo diziam os antigos *cavidoso* por *acautelado*.

Celada: especie de elmo ou capacete, segundo Severim nas Noticias de Portugal, pag. 179.

Centafolho valia o mesmo que *interior*, segundo se colhe da Anlegraphia na pag. 3, onde diz: « Eu revolvo melhor o *centafolho* do mundo » &c.

Chapim: não era nas mulheres calçado delicado, como muitos entendem, mas calçado de quatro ou cinco solas de sobreiro, a fim de parecerem mais altas. Veja-se a Duarte Nunes na Origem da Lingua Portugueza.

Chefe, como termo da armeria, é a parte superior e cabeça do escudo. Veja-se a Nobiliarchia Portugueza.

Cinquinho: antiga moeda do valor de cinco réis, como diz Severim nas Noticias de Portugal, pag. 184.

Claveiro: dignidade na ordem militar de Christo: era o cavalleiro que tinha as chaves do convento, quando os cavalleiros viviam em communidade. Depois significava o que tinha a chave do cofre dos votos.

Cocedra acha-se no testamento da rainha santa, e parece que significava peça pertencente a cama.

Codo: o mesmo que *geada*, segundo Agostinho Barbosa no seu Diccion. Tambem a achamos no Auto dos Pastores.

Coita: o mesmo que *pesar* e afflicção. Acha-se em Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.º part. 2. cap. 151.

Compegar: o mesmo que *comer pão* com alguma outra cousa, segundo diz Oliveira na Grammatica Portugueza, cap. 36.

Compoedor: o mesmo que *auctor* de algum livro. Ainda usa desta palavra João de Barros na Decad. 3. pag. 11.

Condessilho: o mesmo que *deposito*, segundo Duarte Nunes na Origem da Ling. Portug. pag. 112.

Contia: o mesmo que *porção*, que davam os nossos reis aos cavalleiros que serviam no paço ou na campanha. Veja-se a Chronica d'El-Rei D. Pedro, cap. 10.

Contracotiado [termo de armeria] diz-se quando no escudo a cotíca, que é mais estreita que a banda, se lança da parte esquerda para a direita.

Contrafazedor: aquelle que sabe *arremedar* a alguem ou a alguma cousa. Foi termo usado por Sá de Miranda e por Gil Vicente em suas comedias.

Corrego: *regueiro de agua*. Ainda se acha esta palavra em Barros na Decad. 1. pag. 165.

Cossolete: era peito de armas de cobre ou de latão. Tambem lhe chamavam *couraça leve*. Veja-se a Arte Militar, onde trata desta arma.

Costeiro: o mesmo que *ladeira de monte*. E' palavra mui frequente nos nossos Auctores mais antigos.

Cota de armas: era uma como capinha, que nas batalhas ou torneios vestiam os cavalleiros sobre a couraça, e chegava até meio corpo. Era esta vestidura aberta pelas ilhargas, com mangas curtas, e ás vezes com mangas entresachadas de diversas cores, cozidas umas ás outras, sobre as quaes punham os cavalleiros os escudos das suas armas, bordados de prata ou ouro, ou esmaltados em metal. Tambem os antigos chamavam *cota* a um certo jubão de que usavam as mulheres, unido á saia, com cauda e mangas compridas.

Cotica [termo de armeria] é uma peça semelhante á banda, mas mais estreita, e lança-se, como a banda, do canto do escudo em travez, cujo escudo se chama *coticado*.

Cozcito: o mesmo que *cozido*; e assim diziam os antigos: *cozcito* com a terra, em logar de *cozido* com a terra.

Crimeza: o mesmo que *severidade* e rigor, segundo diz a Historia de S. Domingos, part. 2. pag. 85. Chamavam os antigos tambem *criminal* ao homem *severo* e agastado.

Crisada: ferida feita com uma especie de adaga chamada *cris* entre os Malaios. Acha-se esta voz em Barros na Decad 2. pag. 91.

Cubilheira: mulher velha e nobre, que cuidava do aceio, gala e perfumes dos vestidos dos nossos antigos reis. Os infantes tambem a tiveram em algum tempo.

Cuscuzeiro: antigo chapeu com copa alta e aguda.

Cuspido: o mesmo que *esculpido*. Veja-se a Duarte Nunes na Origem da Ling. Portug.

Darandella: antigo traje de mulher, do qual tra-

ta D. Francisco Manuel na Çamfonha de Euterpe, pag. 96.

Dar-se de rosto: o mesmo que ser um contra si mesmo. Aulegraphia, pag. 2. verso: Porque tem a mesma incrinação esta manqueira, com que *me dou de rosto.*»

Davandito: sobredito. Mon. Lusit. tom. 5. pag. 248. Sá de Miranda e Gil Vicente.

De grado: o mesmo que *com boa vontade.* Sendo esta palavra muito antiga, e não se usando já no tempo de Vieira, ainda se acha neste Auctor no tom. 1. pag. 137.

Degredos: o mesmo que *decretos.* Mon. Lusit. tom. 5. pag. 148, em que transcreve uma Lei d'El-Rei D. Affonso 2.º, que diz: «Degredos *apostoligos*» &c.

Denodado: o mesmo que *resoluto, atrevido, livre e impetuoso.* Acha-se na Chronica d'El-Rei D. João 1.º, pag. 193: «Votos *denodados*, isto é, *atrevidos*, quaes os que faziam os cavalleiros daquella idade.

Departição: o mesmo que *pratica familiar*, segundo Zurara na Tomada de Ceuta, cap. 57. Formavam tambem desta palavra o verbo *departir* por *conversar.*

Dependença: o mesmo que *penitencia.* Mon. Lusit. tom. 5. pag. 73, ao mostrar que *abbade* significava antigamente *confessor.*

Depoer: o mesmo que *jurar em depoimento.* Traz este verbo Cardoso no seu Vocabulario Vulgar.

Depraça, adverbio, que valia o mesmo que *em publico.* Acha-se em Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.º part. 2. cap. 160.

Derrocar: valia o mesmo que *destruir* e *derrubar.* Usou deste verbo muitas vezes Fernão Lopes e Damião de Goes. O Padre Vieira, grande adorador da antiguidade, não teve duvida a usar tambem delle no tom. 6. pag. 259, e no 7.º pag. 259.

Desaguisado e *desaguiso*, como substantivo significava *aggravo*, *sem-razão* e *cousa mal feita*. Como adjectivo se acha nas antigas Chronicas com a significação de *mal intencionado*. Julgador *desaguisado* se acha em alguns papeis manuscriptos do Sr. D. Alvaro, escriptos de Castella a El-Rei D. João 2.º

Desanciado: o mesmo que *desconfiado* de conseguir algum bem. Acha-se em alguns escriptos do famoso bispo Jeronimo Osorio.

Desgavar: o mesmo que *vituperar*. Diziam tambem *desgavado* por cousa que não merecia louvor.

Despeado valia o mesmo que *maltratado dos pés*. Ainda o usou Barros na Decad. 4. pag. 160.

Despeito: o mesmo que *a pesar de alguem*. Posto ser palavra antiquissima, acha-se ainda em Vieira no tom. 3. pag. 284.

Despelhar: *resplandecer*, segundo Leitão na Miscellanea, pag. 458 no verso de Egas Moniz: «Grenhas tendes *despelhar n* &c.

Desvairo: o mesmo que *discordia*. Usou-o Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.º part. 2. cap. 193.

Devesa: campo de ervagem para apascentar o gado. Tambem aos campos cerrados e defendidos de arvores chamavam os antigos *devezas*.

Devido: palavra de que usavam e usam ainda os nossos reis, para denotarem o parentesco que tem com algum vassallo.

Dia adiado: o mesmo que *dia prescripto*. Era modo de fallar mui frequente até o reinado d'El-Rei D. João 3.º

Dinheiros: até o reinado d'El-Rei D. João 1.º doze *dinheiros* valiam em Portugal um soldo daquelles que vinte faziam a libra mais antiga. Veja-se a Chronica d'El-Rei D. Fernando no cap. 55.

Doairo, que se acha em escripturas antigas, diz Cardoso no seu Diccionario, que significava em latim o mesmo que *vultus*.

Dolos: o mesmo que *dores*, segundo Leitão na Miscellanea, pag. 459, no verso de Egas Moniz: «Que gravisem os mais *dolos*.

Dorsel: o mesmo que hoje *espaldar* ou parte posterior de uma cadeira em que se encostam as costas.

Ei na infancia da Lingua valia o mesmo que *eu*, como prova o verso de Egas Moniz: «Mas se *ei* for para o Mondego.» Alguns erradamente entendem que *ei* significava *elle*.

Embaimento: o mesmo que *mentira* ou *engano*. Havia tambem o verbo *embair*, como já mostrámos em outro logar.

Embetesgar: o mesmo que *metter-se em logar embaraçado* ou sem sahida. Ainda se acha em Barros, Decad. 2. pag. 81, Fr. Heytor Pinto pag. 15, e outros.

Embude: o mesmo que *funil*. Acha-se no Cancioneiro de Rezende, e na Aulegraphia de Jorge Ferreira de Vasconcellos.

Em erre: o mesmo que *em pontos*. Aulegraphia, pag. 14: «Estive *em erre* de levar-lhe as toucas nas unhas.»

Emmenta: significa o mesmo que *lembrança*. Acha-se na Comedia *Ulyssipo* de Jorge Ferreira de Vasconcellos.

Emmentes [adverbio]: o mesmo que *em quanto*. Acha-se em escripturas dos reinados d'El-Rei D. Diniz, D. João 1.º e outros.

Empado: o mesmo que *sustentado* e *arrimado*. Neste sentido o usou ainda D. Francisco Manuel nas Cartas, pag. 269.

Empantufar-se, isto é, *calçar pantufos*, para pare-

cer mais alto. Por metafora se dizia do soberbo e vaidoso, que queria parecer o que não era.

Empegar-se: o mesmo que *engolfar-se* e navegar em mar alto. Nesta significação o usou Barros na Decad. 1. pag. 87.

Empezar: acha-se em Fernão Mendes Pinto, pag. 110, e segundo parece, significava *untar* ou cobrir com algum ingrediente para preservar da corrupção carnes &c.

Empofia, palavra que se acha em a nossa Historia Oriental, e então muito usada na Costa de Melinde, significava *trapaça*, *demanda* e *quixa* sem fundamento, para roubar os bens alheios.

Emprir: o mesmo que *encher*, segundo Faria na Introducção ás Odes de Camões, pag. 81, interpretando um verso de um nosso antiquissimo poema.

Emsembra: *juntamente*. Leitão na Miscellanea, pag. 456: «*Emsembra* co os netos de Agar fornezinhos &c.

Encarentar: o mesmo que *crescer*, segundo Barbosa e Cardoso nos seus Diccionarios. Tambem achamos este verbo em Gil Vicente. Diziam os antigos: *encarentou* o preço, v. g. do trigo, em logar de subiu ou cresceu o preço. Hoje dizemos *encareceu*.

Encartado: o mesmo que *banido* em a nossa antiga linguagem. Outras vezes tambem significava aquelle a quem ia dirigida uma carta, e neste sentido ainda se acha na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 143.

Ende: o mesmo que *dalli*, *por isso* e *aqui*. Foi termo muito usado até o reinado d'El-Rei D. Diniz, como se póde ver no tom. 5. da Mon. Lusit.

Enfanar-se: o mesmo que *agastar-se*. Usou-o Gil Vicente em suas Comedias.

Engafecer: o mesmo que *encher-se de lepra*. Acha-

se está palavra em Sá de Miranda na Eclog. 1. est. 65, e em Barros na Decad. 2. pag. 213.

Engrecer, que se acha no Cancioneiro de Rezende, valia o mesmo que *augmentar-se em fortuna*. E' termo metaforico, tirado do antigo amanho das vinhas, segundo Alarte na pag. 65.

Ensejar: o mesmo que *observar* ou *espreitar*. Diziam tambem *ensejo* na significação de *opportunidade*.

Entaliscado, que traz Barros na Decad. 3. pag. 219, parece que significava caminho ou logar cheio de penedos, pelo qual se não podia passar.

Entejo: o mesmo que *aversão* a cousa comestivel. Hoje dizemos *antojo* ou *entojo*. Tambem significava *odio* a alguma pessoa, e neste sentido o usou Barros na Decad. 3. pag. 140.

Entrecambado [termo de Brazão] diz a Nobiliarchia Portugueza: «Leão rompente *entrecambado* de ouro e vermelho»; isto é o que cáe do leão no ouro de vermelho, e o que cáe no vermelho do ouro. Em termos mais intelligiveis val o mesmo que cousa entresachada e mettida uma na outra.

Entrida, especie de *papas* que antigamente comia a gente do campo, segundo Barbosa no seu Diccionario.

Entrez: o *avesso* de alguma cousa. Acha-se frequentemente no Cancioneiro de Rezende, e em Sá de Miranda.

Enxaravia: antigo toucado de seda, como consta da Ordenação velha ou Extravagante 4.ª part. 112 n. 7.

Enxeco: o mesmo que *damno*. Usou-o Sá de Miranda na Eclog. 1. est. 76.

Enxequetado [termo de armeria]: o mesmo que cousa feita em xadrez. Tambem se dizia *empequetado* e *jaquetado*.

Enxequias em tempos muito antigos significava *exequias*: no tempo de Damião de Goes pronunciava-se *obsequias*.

Ervodo [arvore]: o mesmo que *medronheiro*. Assim interpreta Manuel de Faria o verso do Cancioneiro de Rezende: «Jussu d'um *ervodo* jazes» &c.

Esbarrondadeiro: logar ingreme donde é facil o cair. Lê-se em Fernão Mendes Pinto.

Esbulho: despojo tomado ao inimigo. Lopes, Chronica d'El-Rei D. João 1.º part. 2. cap. 147.

Escandir: o mesmo que *medir*. Cardoso no seu Diccionario ainda diz *escandir* versos, por medir versos.

Escarias: o mesmo que *manjares*. Usou-o Gil Vicente em suas Comedias.

Esclavagem: antigo adorno do pescoço das mulheres, á maneira de cadeia, com varias voltas de perolas, ou pedras preciosas.

Escorchar: umas vezes significava *esgotar*, outras *mugir*; e assim diziam *escorchar* as tetas ao gado, e metaforicamente *escorchar* dinheiro, como disse Barros na Decad. 4. pag. 494.

Escozer: o mesmo que *magoar*. Achamos ainda em D. Francisco Manuel, *escozer* o coração. Vid. Vida de Thalia, pag. 207.

Escudeiro em nossas mais antigas Chronicas é titulo de nobreza antiga de pessoas, que não tinham jurisdicções nem terras, de que se nomeassem senhores. Veja-se a Maria no Dialogo 3. cap. 5. Tambem se chamavão *escudeiros* aquelles que serviam os ricos homens, levando-lhes na guerra o escudo. Havia igualmente escudeiros cavalleiros, que eram aquelles que por alguma distincta acção militar armavam cavalleiros os reis ou principes, ou os ricos homens por commissão real.

Escudo em lizonja é o que pertence só ás infantas de Portugal antes de cazarem. E' em figura de quatro angulos, um para cima, e outro para baixo, e partido em palla de angulo a angulo. No lado esquerdo desta divisão se poem as armas reaes, e o direito fica em branco por lizonja, mostrando que a infanta está aparelhada para receber as armas do marido. *Escudo ovado* só pertence a ecclesiasticos, e não devem usar nelle da figura, que convem aos escudos dos seculares.

Esguardar: o mesmo que *considerar*. Lopes, Chron. del-Rei D. João 1.º Part. 2. cap. 151.

Esmar fazer estimação da quantidade, governando-nos pela vista. Este verbo vem de *esmo*, e um e outro era antigamente mui usado. Hoje ainda o substantivo não está antiquado.

Espassar: o mesmo que *gastar tempo em divertimentos*. Acha-se na Chronica del-Rei D. João 1.º Part. 2., cap. 147. Barbosa no seu Diccionario da-lhe a significação só de *passear*.

Esquaques [termo de armeria] são as cazas, ou quadrados do xadrez, alternados em duas cores.

Esquivar em tempos muito antigos valia o mesmo que *reprehender*. Ainda se acha em Lopes, Chronic. del-Rei D. João 1.º Part. 2. cap. 193.

Estrías: o mesmo que *bruxas*. Usou-o Sá de Miranda na Eclog. de Gonsalo, pag. 43.

Eychão: o mesmo que hoje *despenseiro*. Guardava antigamente tudo o que pertencia á ucharia real.

Fadado o mesmo que *fatal*. *Fadada* ruina de Troia, ainda disse Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 64.

Faraute traz Cardoso em seu Diccionario por *lingua*, ou por interprete. E' o unico livro, em que temos achado tal palavra.

Favoritas eram no antigo toucado das mulheres dous canudos de pouco cabello cahidos sobre a testa.

Ferropêa: o mesmo que *grilhão*. Alem de outros Auctores acha-se em Fernão Mendes Pinto, pag. 141. col. 3.

Filhar, que se acha em escripturas muito antigas, significava *tomar*, como prova Duarte Nunes na Orig. da Ling. Port. pag. 113.

Fiuza o mesmo que *fé*, e *confiança* em alguem. E' palavra que se acha em escriptos do principio do reino.

Floreteado [termo da armeria] o mesmo que *ornado de flores*. Leão *floreteado*, cruz *floreteada* &c.

Foçado cava, ou *cova*. Leitão, Miscellan. 456, allegando uns antigos versos.

Fojo: cova funda e redonda. Acha-se em Barros, em Fr. Bernardo de Brito e outros.

Folia: o mesmo que *ufania*. Leitão, Miscellan. pag. 457. «Guedaram com farta soberba e *folia*» &c.

Foreá: o mesmo que *caderno*. Acha-se na Doação del-Rei D. Fernando a Alcobaça.

Forgicado: o mesmo que *forçado*. Aulegrafia, pag. 29. «Aceitam de boamente toda a desculpa *forgicada*» &c.

Fornezinho: o mesmo que *bastardo*. Leitão, Miscell. pag. 456. «Emsembra e os netos de Agar *fornezinhos*» &c.

Fota: veo fino, tecido a listras, e com cadilhos, de que antigamente se usava, tomando-se dos mouros, e asiaticos a moda, como diz Damião de Goes na sua Chronica. Havia tambem na antiga linguagem o adjectivo *fotado*.

Fouveiro: cousa de côr, que tira a ruivo. Cavallo *fouveiro* se acha em diversas Chronicas antigas.

Frágueiro: o mesmo que *incançavel*, *impaciente*, e *inquieto*. Nestas significações o traz Barros na Decad. 2. pag. 238, e Decad. 3. pag. 259. e Fernão Mendes Pinto na pag. 196.

Franchado [termo da armeria] é o escudo partido em aspa, isto é, dividido diagonalmente em duas partes iguaes da mão direita para a esquerda.

Fretado [termo da armeria] guarnecido de cousas dispostas á maneira de grades ou gelozias. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 3. pag. 59.

Frontaleira: o mesmo que a *sanefa*, que se poem na parte superior das cortinas.

Fusco: o mesmo que *triste*. Egas Moniz, escrevendo á sua dama, «se naom torvo me acharedes, e mui *fusco*.»

Gafaria: hospital de leprosos, a quem os antigos chamavam *gafos*, e á lepra *gafeira*, sendo de uma certa especie.

Gafeira, e *gafo*: o mesmo que *lepra*, e *leproso*. Estes termos são mui frequentes na Comedia Aulegrafia de Jorge Ferreira de Vasconcellos.

Galilé: assim se chamavam as sepulturas nos portico, e alpendres das igrejas. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 5. pag. 156.

Gardinga: em tempos antiquissimos era [segundo parece] officio de justiça, e como que correspondia a desembargador do paço. Acha-se na Mon. Lusit. tom. 2. pag. 230.

Gargantão; o mesmo que *fallador*. Aulegrafia, pag. 3. «Por morder outrem, me mordo a mim mesmo de *gargantão*» &c.

Gargantoice; de que usa Sá de Miranda na satira 3. est. 62., parece que quer dizer achaque de garganta.

Garita: o mesmo que hoje *casa de jogo*, e ao que a dava chamavam os antigos *gariteiro*.

Garrucha; om o mesmo que *polé* de tratos. Ainda em Vieira se acha esta antiga palavra no tom. 10. pag. 76.

Gazú: *matança*, segundo os antigos versos, que trans-

creve Leitão na sua Miscellanea, pag. 457. « O *gumí*, e assalto, que os da aleivosia » &c.

Gineteiro: o mesmo que hoje *picador de cavallos*. Tambem alguma vez significava *cavalleiro á gineta*.

Goarina: uma veste, que chegava até o joelho fechada de todas as partes, e só aberta por diante.

Gomia: uma especie de punhal. Acha-se em Barros na Decad. 4.

Grado: *vontade*: ainda hoje dura o modo de fallar que diz, máo *grado* a quem lhe pezar.

Grevas: armadura das pernas á maneira de botas, de que usavam os soldados na antiga milicia.

Gris: côr *cinzenta*. Anda com esta significação na antiga Vida do Condestavel, pag. 63, e ainda usou deste termo D. Francisco Manuel na Viola de Thalia, pag. 290.

Guadamecins: antiga tapeçaria feita de couros invernizados, e sobre folhas de estanho ou prata. Hoje este ornato ainda está em uso, mas com diverso nome.

Guardapatas: certo toucado antigo de que usavam as mulheres nobres.

Guarecer: o mesmo que *valer alguma cousa*. Neste sentido se acha em Fernão Lopes, Chron. del-Rei D. João 1.º Part. 2.ª cap. 34. Outros dizem que tambem significava *fazer numero uma cousa pequena á vista de outra maior*.

Guarida: o mesmo que *refugio*, amparo e soccorro. Ainda o usaram Barros, Decad. 1. pag. 186, e Brito na Mon. Lusit. tom. 2. pag. 272.

Guete: palavra que se acha só tom. 6. da Mon. Lusit. pag. 19. significava o instrumento publico, com que o judeu convertido repudiava a sua mulher, se dentro de um anno se não fazia tambem christã.

Gyrão [termo da armeria] é um pedaço de panno cortado em triangulo. E assim escudo com *gyrões* é aquelle, que está dividido em seis, oito, ou dez partes triangulares, com as pontas unidas no centro do escudo.

Haz, que se acha varias vezes nas poesias de Francisco de Sá de Miranda, diz Bluteau, que em sentido literal significava *ala do exercito*, e metaforico *aves*, e *animaes que andam em ordem.*

Helche significava *renegado.* Aulegrafia, pag. 107. «Hirmehey fazer *helche*» &c.

Homem segundo o Auctor do tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 123. significava *procurador*, e *agente* de algum fidalgo.

Homologar [antigo termo forense] o mesmo que *ratificar* e confirmar alguma cousa com auctoridade publica.

Hu: adverbio, que significava *onde.* E' frequente em Fernão Lopes na Chron. del-Rei D. João 1.º Part. 2. cap. 156.

Imprir: *encher*: «O rouço da cava *imprio* de tal sanha» &c. Leitão, Miscellan. pag. 456.

Infanção o mesmo que hoje *fidalgo.* Duarte Nunes na Origem da Lingua Portugueza quer contra a opinião de outros, que *infanções* eram moços fidalgos, que ainda não tinham passado a cavalleiros, aos quaes os castelhanos chamavam *donzeis.*

Infançôa: nome com que distinguiam as ricas donas, e senhoras principaes do reino, do mesmo modo que aos antigos e grandes fidalgos chamavam *infanções.*

Infunado: o mesmo que mettido em vaidades. Acha-se em Fr. Heytor Pinto, Dialog. pag. 215.

Inha: o mesmo que *minha.* Acha-se frequentemente em escripturas desde o principio do reino até o tempo del-Rei D. Diniz.

Insibidade: o mesmo que *ignorancia*, e *estulticia*. Acha-se em uma antiga escriptura de que faz menção a Alcobaça Illustrada, pag. 179.

Jaca: o mesmo que *bolça*. Acha-se nas Comedias de Gil Vicente, pag. 18. Bento Pereira no seu *Thesouro* tambem lhe dá a mesma significação. Usou deste vocabulo Sá de Miranda em suas Eclogas.

Jazeda: o mesmo que *desembarcadouro*, e tambem *jazigo*. Acha-se nestas significações [ao que parece] em João de Barros, e outros.

Jayão: o mesmo que *gigante* na nossa mais antiga linguagem, como diz Leitão na Miscellan. pag. 83.

Joanne era nome que antigamente se dava em Portugal a todo o que despresando o mundo, vivia penitente em logar solitario. Veja-se a Chronica dos Loios no Liv. 2. cap. 5.

Jogral: o mesmo que *chocarreiro*, e tambem gracioso adulador. Só achamos este termo em Jeronimo Cardoso.

Jouver: o mesmo que *jazer*. Acha-se ainda em Barros na Decad. 2. pag. 236.

Jouver: o mesmo que *estar*. Veja-se a Fernão Lopes na Chron. del-Rei D. João 1.º Part. 2. cap. 153.

Juso: o mesmo que *debaixo*. Veja-se a Faria na Introducção ás Odes de Camões pag. 82.

Jussu: o mesmo que *abaixo*. Foi adverbio mui usado até o reinado del-Rei D. Fernando.

Justo: antiga moeda que mandou lavrar El-Rei D. João 2.º Era de ouro, e pezava 600 réis.

Juzante significava ás vezes a vazante da maré, assim como á enchente chamavam *montante*. Veja-se a Damião de Goes na Chronica, pag. 70, e n Barros na Decad. 2. pag. 186.

Laidar segundo Faria na Europa Portugueza, part. 3., significava lidar, e allega com varias escripturas do principio do reino.

Lambel: antigo panno de lãa grosseiro, e quasi sempre listrado. E' palavra que ainda se usa na Beira.

Lampinho: os moços que não tem ainda penugem de barba. Sendo voz antiga, de que usa Gil Vicente, ainda se acha no livro *Eva e Ave* part. 1. pag. 246.

Lazeira: o mesmo que *pobreza*. Era muito usada em tempo de Fr. Bernardo de Brito, achando-se na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 229. Hoje ainda se usa em frase vulgar, especialmente o verbo *lazerar*.

Lealdar-se: verbo usadissimo no reinado del-Rei D. João 3.º, e significava *dar alguem juramento* pesante o provedor da alfandega ou seus officiaes, de que alguma fazenda era para gasto annual de sua caza, e não para negociar com ella. Tambem significava habilitar-se alguem para ter o privilegio de morador de Lisboa, como consta da Ordenação Liv. 2. tit. 11.

Ledor: o mesmo que *leitor*, ou pessoa que lê. Usou-o Sá de Miranda no sonet. 3., e em outros logares.

Levantisco: o mesmo que *nascido em partes do levante*. Assim se deve entender o dizer João de Barros na Decad. 1. pag. 81. *Levantiscos arrenegados*.

Ligio, homem *ligio*, termo que se acha em escripturas antigas, era aquelle vassallo, que estava mais atado a seu senhor do que o outro, que só lhe tinha prestado preito e homenagem.

Linda: significava o mesmo que hoje *limite*. Havia tambem o verbo *lindar*.

Lindo [christão] valia o mesmo que christão *velho*, segundo Damião de Goes na sua Chronica, part. 1. cap. 21.

Linhagista: o mesmo que *genealogico*. D. Francisco

Manuel nas Epanaforas, pag. 440, ainda usou desta palavra.

Logo: o mesmo que *logar*. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 5. pag. 192.

Luseo significava *luz*, segundo Leitão na sua Miscellanea, pag. 459., transcrevendo a Carta de Egas Moniz, que diz. « Asmademe, se queredes, como *luseo* » &c.

Macaya: antigo tecido, e o havia de seda, e de lãa. Acha-se muitas vezes em Diogo do Couto.

Macho: o mesmo que *grilhão*. Ainda usou desta palavra o Auctor do Agiologio Lusitano tom. 2. pag. 315.

Madraço: na antiga linguagem valia o mesmo que *velhaco*, ou *namorador*, ou [como se diz] *quebrasquinas*. Aulegrafia, pag. 57.

Maguer que o mesmo que *aindaque*. Leitão, Miscellanea 456. « E Gibraltar *maguerque adarvado* » &c.

Mainel da escada, o mesmo que hoje *corrimão*. Acha-se ainda em D. Francisco Manuel na Carta de Guia pag. 4.

Maleza é termo antiquissimo, que significava *maldade*, e tem exemplos nos poetas mais antigos. Leitão, Miscellan. pag. 457. « Por ter a *maleza* cruenta sabudo » &c.

Manadeiro, *fonte*, *manancial* de agua, segundo Amaro de Roboredo na palavra *scaturigo*.

Manda: *legado* em testamento. Era termo usadissimo nos primeiros seculos da lingua. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 5. pag. 273.

Manilha: especie de bracellete, antigo ornato das mulheres.

Maninha, e *maninhez* o mesmo que cousa *esteril*, e *esterilidade*, e assim diziam, mulher *maninha*, e a *maninhez* da mulher. O mesmo applicavam tambem á terra.

Manjua: o mesmo que *manjar*. Dava-se este nome a qualquer cousa de comer ou propria de homens ou de animaes.

Mantas: uma sorte de panno, que vinha de Cambaya. Acha-se em Barros na Decad. 3. pag. 61.

Manteler [termo de armeria] é uma figura formada de duas linhas, á maneira de asna, não rectas, mas curvas, com as duas pontas viradas para os dous lados inferiores do escudo, formando dous meios escudos.

Marcado: o mesmo que *igual* ou proporcionado. Era voz muito usada no seculo 16.° por Fr. Bernardo de Brito e outros.

Marteiro: o mesmo que *martyrio*. Acha-se diversas vezes em Sá de Miranda e em Gil Vicente.

Martimenga: especie de carapuça pequena sem luas. Usou-o Sá de Miranda em suas Eclogas.

Marulho: inquietação das ondas do mar, causada pelos ventos. Veja-se a Barros na Decad. 3. pag. 212.

Matalote; tampa de areia ordinaria e pequena, de que se servia a gente pobre. Esta significação é de Fr. Luiz de Sousa na sua Historia, part. 1. liv. 6. cap. 6.

Matinar: *inquietar*. Aulegraphia, pag. 50: «Quem me mette em *matinar* ninguem?» &c.

Maia: o mesmo que *dama* e *donzella*, como prova Leitão na sua Miscellanea, Dialog. 17. pag. 481.

Meadade: o mesmo que *metade*. Acha-se em escripturas mui antigas.

Mealha: metade da moeda chamada *dinheiro*, cortada com a tesoura. Valia meio dinheiro, ou metade do mais infimo dinheiro.

Meco: o mesmo que *invencioneiro*, segundo se colhe da Aulegraphia, pag. 44: «Nunca fui desses *mecos*, que fazem saudades antre vallados.

Medes: *mesma*. Leitão, Miscellanea, pag. 457: «Sãa besta Mafoma, *medes* maldade» &c. Acha-se tambem em muitos papeis do principio do reino.

Menestreis: antigos tangedores de frautas, charamelas, trombetas, e outros instrumentos de assopro.

Mesurado: o mesmo que *grave* e *modesto*. Usou-o Andrade na Chronica d'El-Rei D. João 3.º Tambem diziam os antigos *mesurar-se* e *mesuradamente*.

Mó: *ruido de cavallos*, como se colhe da Comedia Aulegraphia, pag. 4 verso: «Antre *mó* de cavallos» &c.

Mogí; antigo vestido de que usavam assim homens como mulheres.

Moimento; o mesmo que *sepulchro* e *jazigo*. Alguns escreviam *muimento*.

Molinhar: valia o mesmo que *moer*, e adverte Duarte Nunes que com dous *ll* é que significava *choviscar*.

Mordomear: o mesmo que *manejar* ou *governar*. Acha-se na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 52.

Morfanho: homem que falla pelos narizes, ao qual nós hoje chamamos *fanhoso*.

Mungil: vestidura de mulher, que trazia luto, mas não era viuva.

Nado: o mesmo que *nascido*: foi termo tirado do antigo castelhano, e acha-se em alguns adagios portuguezes.

Ninmigalha, que se acha em escripturas antiquissimas, valia o mesmo que *nada*.

Novel [cavalleiro]: o mesmo que *bisonho*. Veja-se a Barros na Decad. 1. pag. 11.

Oganho: o mesmo que *neste anno*, conforme Duarte Nunes de Leão na Origem da Ling. Portug. pag. 67. Cardoso diz *oganno*, e acrescenta *anno superiore*.

Oniídos: o mesmo que *christãos*. Leitão, Miscellanea, pag. 457: «Hostes sedentos do sangue de *oniídos*» &c.

Oparlandar: vestido de homem largo e comprido. Acha-se em Barros, Decad. 1. pag. 94, e em Fernão Mendes Pinto, pag. 91.

Orada: logar em que se ora a Deus. Leitão, Miscellanea, pag. 457. «O templo e *orada* de Deus profanaram» &c.

Ornear: o mesmo que *zurrar*. Acha-se no Cancioneiro de Rezende, e confirma Bento Pereira esta significação no seu Thesouro da Lingua Portugueza.

Ortar: o mesmo que *cultivar* a terra. Usou-o Barros na Decad. 1. pag. 88.

Ourado e *ourar*: o mesmo que *enganado* e *enganar*. Ainda se acham, sendo aliás termos muito antigos, no Poema Virginidos, cant. 4. est. 124.

Ourivezaria chamavam a todo o logar onde trabalhavam ourives de ouro ou prata. E' palavra de Fernão Mendes Pinto, pag. 128.

Oussia: o mesmo que *capella*, e *oussia principal*, *capella-mór*. Veja-se o tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 329.

Ouliva, segundo Duarte Nunes de Leão na Orig. da Ling. Portug. cap. 19, significava em rigor não o fallar sem fundamento, mas o fallar *desentoadamente*.

Ouvença: o mesmo que *avença*, conforme o Auctor do tom. 5. da Mon. Lusit. pag. 330.

Oxamala: era interjeição de sentimento e compaixão. Acha-se no Cancioneiro de Rezende e em Gil Vicente.

Oxo: o mesmo que *bater meio*. Usou deste termo Leitão nos seus Dialogos, pag. 62, e parece que neste sentido.

Paçaio-mór: antigo officio na casa real, que tinha a superintendencia das fabricas do paço e casas reaes. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 6. pag. 103.

Pacigo: o logar onde pastava o gado. Acha-se em Sá de Miranda na Eclog. 1. est. 74 e 76.

Paços: o mesmo que solar de fidalgo de grande e antiga nobreza, como prova nas Notas ao Nobiliario do conde D. Pedro o marquez de Monte-Bello.

Padeira: a verga da porta. Acha-se em escripturas antigas, e ainda usou della Gaspar de Barreitos na pag. 222.

Palaçêgo: homem *cortezão*, e que servia em palacio. Usou-o Sá de Miranda e Gil Vicente.

Palafrem: o cavallo *manso* e *ricamente ajaezado* em que andavam as princezas e damas da corte. Neste sentido o traz entre outros o Auctor da Chronica d'El-Rei D. João 1.º na pag. 243.

Palanciana [mulher] segundo Miguel Leitão na sua Miscellanea, pag. 560, valia o mesmo que *cheia de presumpção* e *vaidade*.

Palla [termo da armeria] peça á maneira de barra, ou faxa, lançada do alto até o fundo do escudo, ou continua, ou de varias peças uma sobre outra.

Palmeiro: o mesmo que *romeiro* e *peregrino*. Veja-se a Duarte Nunes na Origem da Ling. Portug. pag. 58. Daqui vem chamar-se hospital dos *Palmeiros* a uma albergaria que havia em Lisboa para hospedar peregrinos, o qual se conservava antes do grande terremoto de 1755.

Pannos sesgados, segundo o Auctor da Aulegraphia, valia o mesmo que *vestidura grave*: a mesma significação lhe dá Braganza na antiga Lingua Castelhana.

Paquifa [termo de armeria] são as folhagens e plu-

magens que sahem do elmo, e são sempre das mesmas *cores e metaes do escudo*, e não de outras.

Paragana: valia o mesmo que *feudo* de fidalgo, cujos vassallos tinham obrigação de servir na paz e na guerra. Neste sentido achamos esta palavra em Barros na Decad. 4. pag. 525 &c.

Pardelhas: uma especie de vulgar juramento, de que usavam os antigos para affirmar alguma cousa. Diziam tambem *bofé* e *bofelhas*.

Pareas: o mesmo que *tributo* em reconhecimento e obediencia. Veja-se a Barros na Decad. 1. pag. 146. Ainda o usou o Padre Vieira, grande adorador da linguagem antiga.

Parrada: cousa estendida á maneira de parreiral. Nesta significação é que parece a usou Barros na Decad. 1. pag. 155.

Passador: adereço feminil, composto de pedras preciosas. Era tambem um genero de seta ou dardo, que passava o escudo.

Passamento: o mesmo que *artigo de morte*. Ainda o usou Fr. Luiz de Sousa diversas vezes na sua Historia de S. Domingos.

Passante [termo de armeria]. Diz-se do animal posto em pé no escudo, de maneira que pareça que anda.

Pavez: escudo largo que cobria todo o corpo do soldado, por onde podia ter damno. Delle nasce *pavezar* e *pavezado*, que se acha na Chronica d'El-Rei D. João 1.º pag. 234.

Peça de armas: o mesmo que armação de todas as peças, com que se armava o cavallo de ponto em branco.

Pêco [homem]: o mesmo que *nescio*, segundo Duarte Nunes na Origem da Ling. Portug., pag. 83.

Pedigonho: aquelle que pede muito: hoje dizemos *pedinchão*. Acha-se no Cancioneiro de Rezende.

Peita: o mesmo que *tributo*, como consta de Fernão Lopes na Chronica d'El-Rei D. João 1.º, part. 2. cap. 193.

Pejar: entre outras significações tambem valia o mesmo que *occupar*. Aulegraphia, pag. 111: «Não lhe *pejarei* o tempo, que quem dous senhores serve» &c.

Pellote: antiga vestidura rustica de panno grosso com mangas e abas grandes. Segundo o poema da Malaca Conquistada, liv. 1. est. 65, havia tambem *pellotes* de panno fino.

Pequice: o mesmo que *parvoice*. Aulegraphia, pag. 8: «Que grande *pequice* é ser affeiçoado!» &c. Tambem significava *desventura*.

Percudir: o mesmo que *ferir*. Lopes, Chronica d'El-Rei D. João 1.º, part. 2. cap. 151.

Perigalhos: as pelles que por magreza ou velhice pendem debaixo da barba ou pela garganta. Nesta significação se acha nas Prisões e Solturas &c., que compoz D. Francisco de Portugal, pag. 20.

Piar: um certo genero de traje, do qual só se sabe que diziam os antigos *calças de piar*.

Pincaro: a parte superior de alguma cousa; e assim diziam os antigos *pincaro* da arvore, do monte &c.

Pinchar: *lançar fóra* com violencia e estrondo. Usou-o Barros na Decad. 3. pag. 163, e outros do seu tempo, como Damião de Goes &c.

Pirnalto: é termo de que usa o Auctor da Aulegraphia na pag. 1. Entendo que será erro da impressão, e que devia dizer *pernalto*, porque esta voz significava antigamente *alto de pernas*.

Pogeja: antiga moeda, a que tambem chamavam *mealha*. Vid. *Mealha*.

Polheira: antiga saia de mulher, que cobria immediatamente o guardinfante.

Pontas: jogo dos antigos cavalleiros, correndo uns contra os outros com armas de ponta, como lança &c. Veja-se a Chronica d'El-Rei D. João 1. part. 2. pag. 112.

Porpoem: gibão com bicos de barba de baleia. Pouco ha que se antiquou este termo.

Portuguez: moeda de prata e ouro, que mandou lavrar El-Rei D. Manuel. O de prata valia 400 réis; e havia tambem *meio* portuguez do valor de 200 réis; e *quarto* da valia de 100 réis. Portuguez de ouro tinha de valor 4$000 réis. Veja-se a Historia dos Bispos de Lisboa, e as Noticias de Portugal.

Postrimeiro: o mesmo que *derradeiro*. E' mui frequente em escriptos até o reinado d'El-Rei D. João 2.º

Potentêa [cruz], termo da armeria, é a que no escudo tem a hastea de alto a baixo mais longa que a outra que atravessa de parte a parte.

Poyar: o mesmo que *desembarcar*. Leitão, Miscellanea, pag. 456: «*Poiaram* a saa grado» &c.

Prasmado e *prasmar*: o mesmo que *admiravel* e *admirar*. São termos que se acham a cada passo na linguagem dos principios do reino.

Prasmar: o mesmo que *vituperar* e *abominar*, como prova Faria na Introducção ás Odes de Camões, pag. 32.

Prasmo: o mesmo que *injuria* ou *nota*. Delle formavam o verbo *prasmar*. Veja-se a Chronica d'El-Rei D. João 1.º part. 2. cap. 193.

Prebosta: capitão reformado da nossa antiga milicia, que corria o campo acompanhado dos capitães de campanha e seus barrachéis, a ver se achava soldados fugitivos ou mal procedidos.

Precação: o mesmo que *colheita*, segundo se entende de um logar da Mon. Lusit. tom. 4. pag. 117.

Precalçar: o mesmo que *adquirir* e *ganhar*. Acha-se na Vida do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, pag. 11.

Preitejar: fazer concerto com alguem. Tambem diziam *preitejamento* por ajuste.

Preites: pessoa ou cousa *bonitinha*. Acha-se em Sá de Miranda, e ainda traz este termo Bento Pereira no seu Thesouro da Lingua Portugueza.

Pres: o mesmo que *logo*. Leitão, Miscellanea, pag. 457: «Metteram o cutello a *pres* de rendudos» &c.

Prestamento, que se acha a cada passo em escripturas antigas, valia o mesmo que *utilidade*.

Prestes: o mesmo que *bispo*. Leitão, Miscellanea, pag. 456: «*Prestes* malino de Cepta.»

Preto: moeda que mandou lavrar El-Rei D. Duarte. O seu valor era infimo, porque dez pretos faziam um real branco. Veja-se a Benedictina Lusitana, part. 1. pag. 385.

Prol: o mesmo que *proveito*. E' termo mui frequente em Escripturas antigas, e se acha na Ordenação do Reino, liv. 3. tit. 18. §. 10., onde diz: «Feito em *prol* commum ... não tem ferias.»

Prouguer: *approvar* e *consentir*. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 5. pag. 44 verso.

Pruir: o mesmo que *fazer comichão*. Em sentido metaforico ainda o usou D. Francisco Manuel, grande amador da antiguidade. Veja-se nas Epanaph. a pag. 182.

Puger: o mesmo que *pôr*. Conjugavam os antigos este verbo, dizendo: Eu puge, tu puges, elle puge, nós pugimos, vós pugis, elles pugem &c. &c. Observem-se as escripturas até El-Rei D. Diniz.

Pujança: *força*, *poder* e *valor*. E' palavra que estava em uso até o principio do seculo passado, dizendo-se igualmente *pujante* por *poderoso*. Alguns Auctores tambem o usaram na accepção de *abundante*.

Pulmella [termo da armeria], que a Nobiliarchia Portugueza na pag. 292 applica á cruz, que trazem os Leites em suas armas, dizendo. «Uma cruz de prata *pulmella*, e vazia do campo.

Puridade: o mesmo que *segredo*. Por isso chamavam escrivão da *puridade* ao primeiro ministro de estado, de quem os nossos antigos Reis fiavam os intimos segredos da politica.

Quejanda: o mesmo que *porque tal?* E' mui usado no Cancioneiro de Rezende, e nas Comedias de Gil Vicente.

Querençoso: *dezejoso*. Aulegraphia, pag. 111. «Vós senhoras da vossa vontade, e nós *querençosos* de vola fazer» &c.

Raca: homem *sandeu*, e *sem miollo*, diz Duarte Nunes de Leão na Origem da Lingua Portug. pag. 93.

Rafes, de que usam alguns livros antigos de familias, significava *homem de baixa esfera*: foi tirado do antigo castelhano.

Raparte [termo da armeria] diz-se do Leão representado no escudo com garras e unhas sahidas, como rapando o chão. Outros disseram *rompente*.

Raso: escudo [termo da armeria] diz-se daquelle, que não tem ornatos exteriores, como manteler, timbre, paquife, folhagens &c.

Raxado [vestido] o mesmo que *de varias cores*, porque *raxa* era panno com listras de diversas cores. Inda hoje conserva este nome.

Rebeçar: o mesmo que *vomitar*. Acha-se no livro Correcção de abuzos, em diversos logares.

Rebem: o mesmo que *açoute*. Ainda hoje tem este nome o instrumento, com que o Comitre da Galé açouta aos forçados.

Rebique, segundo Duarte Nunes de Leão, era a postura que antigamente as mulheres punham na cara para fazerem as faces vermelhas.

Rebo: o mesmo que hoje *cascalho* de pedras ou telhas quebradas.

Recacho: o mesmo que *Desabrimento*. Aulegrafia, pag. 100. «E passado este *recacho*, recolho minhas magoas» &c.

Reçaga: valia o mesmo que *detraz*. O Auctor dos Cercos de Malaca a usou em vez de *retaguarda*, e Damião de Goes tambem a dá no mesmo sentido pag. 68.

Recolheito: o mesmo que *modesto*. Diziam tambem mulher *recolheita* por mulher *recolhida*, e de bom procedimento.

Recramar: o mesmo que fazer alguma cousa em *prégas*, ás quaes chamavam *recramo*.

Recruzetado [termo da armeria] diz-se da cruz, quando na extremidade dos braços ha outra pequena cruz, que atravessa, ou que vem a formar quatro pequenas cruzes, como se vê nas armas dos Lucenas.

Recudar: valia o mesmo que *recusar*, como se lê na Mon. Lusit. tom. 5. Liv. 16. cap. 56.

Recudir: o mesmo que *tornar a achar alguma cousa*. Acha-se entre outros livros no da Vida do Condestavel, pag. 10. col. 3.

Referta: o mesmo que *porfia*, *repugnancia*, e *contenda*. Acha-se ainda em Barros na Decad. 2. pag. 84. Diziam os antigos tambem *referteiro* por *teimoso*, e porfioso. Usavam igualmente de *refertar* e *referteiramente* por *porfiar* e *porfiadamente*.

Refestelo: o mesmo que festa de baile, e folia, como mostra a Historia dos Bispos de Lisboa, Part. 2. pag. 130.

Relé: entre outros significados tomava-se tambem por *geração* e sangue.

Rengo: panno fino de algodão, que vinha da India, e servia para vestiduras de mulheres.

Repas: o mesmo que *barba mal povoada*. Aulegrafia pag. 20. « Por estas *repas*, que me apontam » &c.

Réptar: o mesmo que *desafiar*. Vem de *repto*, que significava *desafio*, palavras que ainda se acham na Ordenação do Reino Liv. 5. tit. 43.

Respingo: o mesmo que *couce*. Acha-se no Cancioneiro de Resende, e deveria tornar a usar-se para servir no estilo grave.

Retouçar: o mesmo que *espojar-se*, como fazem alguns animaes. E' palavra de que usou o antiquissimo poeta Egas Moniz Coelho.

Revel: o mesmo que *contumaz*. E' termo usado hoje na pratica forense. Os antigos tambem diziam *revelam* em logar de desobediente.

Reveso [mar] o mesmo que *alterado*. Acha-se em Barros na Decad. 3. pag. 136.

Riigo parece que era o mesmo que *apressado*. Acha-se na Vida do Condestavel em diversos logares.

Roaz: animal que rouba, e come reizes. Usou-o Sá de Miranda na Ecloga 1.ª n.º 8., fallando do lobo.

Roçagante: vestido mui comprido, que arrastava pelo chão, e por isso muitas vezes os antigos chamavam *roçagante* sómente á cauda dos vestidos.

Rodello: o mesmo que *remendo* em bota, ou çapato. Acha-se nas Obras de Gil Vicente.

Rojado: o mesmo que *assado* ou *torrado*. Acha-se

nas Comedias de Gil Vicente. Aos torresmos chamavam *rojons*, segundo Bento Pereira.

Roldão: entrar de roldão em alguma parte significava o mesmo que entrar *confusamente*, e todos juntos; porque á ronda chamavam os antigos gente de *rolda*; isto é em montão, sem ordem e toda junta em um corpo.

Ronca: o mesmo que *valentão*. Aulegrafia pag. 22. «Diz que sois *ronca*» &c.

Rouçar: o mesmo que *forçar*; e assim diziam mulher *rouçada*.

Rouço: a acção de forçar uma mulher. Leitão na Miscellan. pag. 456. «O *rouço* da cava imprio de tal sanha» &c.

Rouçom: o forçador da mulher. Leitão na Miscellan. pag. 457. «Ao *rouçom* do rei, que em Toledo sia» &c.

Sabor: o mesmo que *desejo*. Acha-se nos versos do infante D. Pedro, e no Cancioneiro de Resende.

Safáro: o mesmo que homem *agreste*, rustico ou mal morigerado. Nesta significação o traz ainda Fr. Luiz de Sousa, na sua Chronica, e na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 121., col. 3., João de Barros na Decad. 1. pag. 158. parece que dá a este termo a significação de cousa *livre* &c.

Saga: o mesmo que *retaguarda* no exercito, segundo a Chronica del-Rei D. João 1.º part. 2. cap. 32. ensinando-nos tambem que á vanguarda se chamava *dianteira* e ás alas *costaneiras*.

Sagaçaria: *ardil*, e *astucia*. Lopes, Chron. del-Rei D. João 1.º part. 2. cap. 192.

Sageira: o mesmo que *sabeduria*. Acha-se em escripturas antigas dos principios do reino, que andam copiadas nos tomos da Mon. Lusit.

Sagião: em tempos antiquissimos significava o mes-

mo que *alcaide*, juiz ou outro ministro de justiça, professor de letras.

Sainho: traje antigo de mulher, talvez diminutivo de outro chamado *sayo*.

Samicas: o mesmo que *por ventura*. Veja-se o mais que diz sobre esta palavra Duarte Nunes na Orig. da Ling. Portug. pag. 141.

Sandeu: o mesmo que *mentecapto* e tolo. Chamavam tambem á falta de juizo *sandice*.

Saquetaria: logar onde antigamente se guardava o pão cozido, que davam os reis de Portugal aos seus criados. Ao que tomava conta delle chamavam saquiteiro.

Sarambeque: antigo toucado de cabello á banda, partido para um lado da testa. Acha-se no Cancioneiro de Resende.

Sarangue: piloto, e guarda da prôa, segundo o Padre Bento Pereira no seu Thesouro da Lingua Portugueza.

Sarrim: antigo panno muito fino que vinha de Bengala. Acha-se frequentemente nos nossos escriptores da Historia Oriental.

Sartagem: o mesmo que *frigideira*. Miguel Leitão na sua Miscellanea, pag. 628, traz estampada a figura. Depois entrou-se a chamar-lhe *certãa*.

Sayão: o mesmo que *algoz*, segundo Leitão na sua Miscellan. pag. 457; onde transcreve uns antigos versos em que vem esta palavra.

Sayo: antigo vestido de mulher, semelhante a colete com mangas perdidas. Os homens tambem uzavam de *sayo*, que era como um cazacão, ou gibão com grandes abas.

Segra: o mesmo que *seculo*, ou espaço de cem annos. Acha-se em Fr. Heitor Pinto no tom. 2. dos Dialog. pag. 74.

Seleiro: o mesmo que *ligeiro*. Aulegraphia pag. 48. « Anda já *seleiro* nestes recontros » &c.

Sendas: de que ainda usa Barros na Decad. 4., pag. 662, val o mesmo que dar de uma cousa uma a cada pessoa.

Sengo: o mesmo que homem *dissimulado*, e que callando vai obrando. Já Duarte Nunes dá esta palavra por antiquada; porem D. Francisco Manuel ainda usou della nas Obras Metricas part. 2. pag. 249.

Senior: diziam os antigos em vez de *senhor* de alguma terra. Veja-se a Brandão no tom. 3. da Mon. Lusit. pag. 236, onde faz algumas uteis reflexões sobre esta palavra, e a de *dom*.

Sevosos: assim chamavam antigamente os castelhanos aos portuguezes, por serem quasi todos descendentes dos *suevos*, e devendo dizer *suevosos* por corrupção diziam *sevosos*. Veja-se a Brito na Mon. Lusit. tom. 2. pag. 155.

Sina: bandeira real. Acha-se com esta significação no livro dos Regimentos del-Rei D. Diniz no titulo de *alferes-mór*.

Singel: o mesmo que uma *junta de bois*. Acha-se na Orden. do Reino, Liv. 2. tit. 33. §. 17.

Sobrejuiz: o mesmo que *corregedor*, mas com mais ampla jurisdicção. Veja-se a Mon. Lusit. tom. 5. pag. 54. Depois valia o mesmo que *juiz* na casa do civel.

Soidade: o mesmo que *saudade*. Ainda foi usada por Camões na Eleg. 2. est. 3., e por Barreiros na Censura a Fabio Pictor pag. 18.

Soláo, que traz Sá de Miranda na Eclog. 1.ª n.º 67, significava *gosto*, *alivio*, e *consolação*.

Solariego: fidalgo de *solar*. Diziam tambem os antigos casa *solariega*, linhagem *solariega* &c.

Solaz: o mesmo que *alivio*, *desenfadamento*, como diz Brito na Mon. Lusit., tom. 1. pag. 391.

Soldo: moeda de cobre, de ouro, e de prata, segundo D. Rodrigo da Cunha na Historia dos Bispos de Lisboa. No reinado de El-Rei D. Duarte vinte *soldos* valiam uma libra; conforme a opinião de Severim de Faria um soldo valia um real, quatro seitis, e quatro quintos de seitil.

Solia, de que usa Sá de Miranda, era certo tecido, com que os antigos se vestiam.

Soqueixo: antigo toucado das mulheres. Era uma toalha na cabeça, cujas pontas passavam por baixo dos queixos.

Sortija: adorno dos dedos á maneira de anel. Acha-se em diversos testamentos antigos, e no Cancioneiro de Rezende. Nos jogos de cavalleiros correr *sortija*, ou *sortilha*, era o mesmo que correr argolinha.

Sosquinar: o mesmo que *inclinar*; e ser propicio a alguem, segundo Bento Pereira.

Sropilargo: era em tempos antiquissimos um genero de calçado, como diz Ruy Fernandes [segundo Bluteau] no Tratado, em que trata da cidade de Lamego.

Stafil: o mesmo que *azorrague*, mas composto de correas, ou segundo outros de varas.

Succedenho: o mesmo que *successo*, ou *incidente*. Acha-se nas poesias de Gil Vicente.

Surtido: termo de esgrima, de que usavam os antigos, mas não sabemos o que significava ao certo. Acha-se na Farça do *Fidalgo Aprendiz*.

Suso: adverbio, que significava o mesmo que *acima*, e era o contrario de *jusu*.

Suxo: o mesmo que cousa *alargada*, desapertada e solta, v. g. corda *suxa*, como traz Damião de Goes na

Chronica, pag. 63. Deste nome nascia tambem o verbo *suxar*.

Tabardilha: diminutivo de *tabardo*, antiga vestidura de homem, mas não sabemos ao certo em que consistia. Acha-se na Chronica d'El-Rei D. João 1.º pag. 106. Segundo Leitão na sua Miscellanea, parece que era uma especie de capa curta, conforme o antigo adagio: « *Tabardo* e botas cobrem as costas.

Tabolagem: o mesmo que casa publica de jogo. E' palavra da Ordenação do Reino, liv. 5. tit 82. §. 4.

Taburno: um *pequeno estrado*, sobre que se punha a cama. Ainda o usou Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 204.

Talante: o mesmo que *vontade*. D. Francisco Manuel nas suas Cartas, pag. 100, diz que esta palavra era da moda em seu tempo. Seria renovada, porque é certo que é muito anterior ao seculo deste Auctor, como consta de diversas escripturas antigas. Verdade é que diziam *talhante* mais do que *talante*.

Talar: o mesmo que *assolar*, *destruir*, *arrasar*. Ainda usou Vieira deste verbo no tom. 5. pag. 451.

Talha: o mesmo que *finta* ou *tributo*. Acha-se em algumas escripturas antigas.

Talisca: o mesmo que *greta* e *fenda* nos penedos, em cujas aberturas se recolhem mariscos. Ainda parece que tem este termo algum uso nas provincias.

Tambeira: a madrinha da noiva, segundo o Padre Bento Pereira, o qual não sabemos onde achára esta palavra. Deduziu-a de *tambo*, que diz era a camara ou leito dos noivos.

Tauxia, de que usou D. Francisco de Portugal em suas poesias, significava aquelle matiz de branco e vermelho, que faz formoso o rosto.

Tavanes: o mesmo que *ousado*, *determinado* e *resoluto*. Aulegraphia, pag. 80: « Quereis rapariga careira, fazendeira, *tavanes* » &c.

Tavolado: antigo jogo de cavalleiros, que consistia em derribar com tiros de atremeço um castello de madeira, em que se uniam as taboas por tal ordem, que nem por si podiam cair, nem deixar de vir ao chão, sendo movidas com grande força.

Tenente: titulo honorifico, o qual se dava aos ricos-homens, e valia o mesmo que *senhor* e *governador*, a cujo cargo estava commettida a defensa de alguma terra.

Tepes: o mesmo que *contumaz*, segundo Duarte Nunes de Leão na Origem da Ling. Portug. pag. 116, dando este termo já por antiquado no seu tempo.

Testudaço: o mesmo que *obstinado*. Acha-se em Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 163. col. 3.

Toral: cabeção sem mangas na camiza das mulheres. Usou-o Sá de Miranda em suas Eclogas.

Tornadiço: injuriosa palavra que se dizia ao judeu ou mouro que, tendo-se convertido, tornava á sua primeira religião. Tambem chamavam *tornadiço* ao que largava a sua lei por se fazer christão; e os que diziam esta injuria eram severamente castigados com pena pecuniaria.

Tornezes: moeda de prata que mandou lavrar El-Rei D. Pedro I.º Valia sete soldos de dez seitis e quatro quintos de seitil. Havia tambem meios *tornezes*, chamados *pelites*.

Tortão [termo da armeria]: são umas figuras redondas como moedas, e semelhantes ás arruelas.

Tosquenejar: o mesmo que *dormir levemente*, já abrindo, já fechando os olhos. No uso de alguns ainda esta palavra não está de todo antiquada.

Trabuco: maquina de guerra, que teve uso antes da artilheria. Constava de uma grande trave, que, desandando com força, arrojava pedras em longa distancia. Acha-se este termo em algumas Chronicas antigas.

Tramposo hoje tem significado totalmente diverso. Em tempos antigos significava *enganador*, e especialmente *trapaceiro* em demandas, como se colhe de Barros na Decad. 5. pag. 402.

Trebelhar: o mesmo que *brincar* ou *bulir* com alguma cousa, ou *correr* de uma parte para outra. Acha-se em uns versos mui antigos que transcreve Brito na Chronica de Cister pag. 347. Deste verbo nascia *trebelho*, que significava *brinco*, como se colhe de escriptos antigos, segundo Duarte Nunes de Leão na Origem da Lingua Portug. pag. 114.

Tredo e *tredor*: o mesmo que *traidor*. Ainda o usou Barros na Decad. 2. pag. 226, e Sá de Miranda na Eclog. 1. n. 43.

Tredorice: o mesmo que *traição*. Era mui frequente este vocabulo com uma tal pronunciação até o tempo em que Jeronimo Cardoso escreveu o seu Vocabulario, seculo em que se dizia *tredor* e não *traidor*. Em tempos mais antigos pronunciava-se *tredo*.

Trefo: o mesmo que maliciosamente *dissimulado*, ou homem *sagaz*, conforme o antigo adagio: «Teu amigo é o *trefo*, se te encobre teu segredo.

Treito: o mesmo que *sujeito*; v. g.: «Sois *treito* a desconfiar.» Ainda hoje se usa em algumas terras do reino.

Tremisses: moeda antiga do valor da terça parte de um soldo. Usou desta palavra Brito na Mon. Lusit. tom. 2. pag. 199.

Trasandar: o mesmo que *tranfigurar* e *transformar*. Acha-se em Sá de Miranda na Satyr. 4. est. 47.

tambem chamavam *xagaia*. E' termo mui frequente em João de Barros.

Por conclusão deste catalogo advertimos ao principiante, que os nossos antigos pronunciavam *ma, ta, saa*, em logar de *minha, tua, sua*: que diziam *mei, tei, sei*, em vez de *meu, teu, seu*: que em muitas dicções usavam de *r* onde nós usamos de *l*; v. g. diziam *excrâmar, apracar, apranar, prantar* &c., e não como hoje, *exclamar, aplacar, aplanar, plantar* &c. Tambem os participios que nós terminamos em *ido*, acabavam elles em *udo*, dizendo *sabudo, rendudo, unudo* &c., e não *sabido, rendido, unido* &c.

Naquelles tempos, onde os verbos terminam em *ão* acabavam elles em *om*, dizendo *som, tirom, forom, faziom, criarom* &c., em vez de *são, tirão, forão, fazião, criarão* &c. Nos tempos em que os verbos acabam hoje em *aes*, terminavam elles em *ades*, e diziam, v. g., *façades, hajades, sejades, mettades, possuiades* &c., em logar de *façaes, hajaes, sejaes, mettaes, possuaes* &c. Nos tempos que terminam em *eis*, acabavam elles em *edes*, pronunciando *enviedes, formedes, devedes* &c., em vez de *envieis, firmeis, deveis* &c. Nos tempos que acabam hoje em *ei* ou *ai*, terminavam elles em *ede* ou *ade*, e diziam *sabede, fazede, amado, recusade, firmade* &c., em logar de *sabei, fazei, amai, recusai, firmai* &c. No verbo *ser* ou *estar* tinham tambem os nossos antigos pronunciações mui diversas das nossas, porque diziam, v. g., *esté* por *esteja*, *sia* por *estava* &c. Lêa-se a Sá de Miranda, que destas e outras pronunciações, que por brevidade omittimos, se fará copioso catalogo. Observe-se tambem o tom. 5. da Mon. Lusit., onde copía escripturas do reinado d'El-Rei D. Diniz.

REFLEXÃO 2.ª

Sobre a falta que temos de muitos verbos, de que usavam os nossos antigos, e hoje injustamente se dão por antiquados.

O Auctor do livro, Antidoto da Lingua Portugueza, espirito presumido, e critico de poucos cabedaes, desejou muito que a nossa linguagem de cada nome formasse um verbo, para não mostrar pobreza em muitas occasiões, em que a não podemos chamar rica. Queria elle que, imitando nós aos inglezes, formassemos v. g. de *idoneo* *idonéscer*; de *enorme* *enormescer*; de *virtude* *virtudescer*; de *prudente*, *prudentescer*; de *fetido*, *fetidir*; de *placido*, *placidir*; de *astucia*, *astuciar*; de *severo*, *severar*; de *humano*, *humanear*; de *menino*, *meninar*, &c. Prouvera a Deus que houvera estes verbos, porque crescêra a riqueza da nossa linguagem; mas o que eu mais quizera era que injustissimamente se não dessem, por antiquadas, muitas palavras de seculo para seculo, sem mais rasão que a de um cego capricho, inspirado pelo espirito da novidade, que anima aquelles que, pelo estudo das linguas estrangeiras, desprezam a propria.

Deixando por ora infinitos nomes que já não vogam, apontarei sómente alguns verbos que me forem lembrando, dos quaes usarão os nossos bons antigos, deduzindo-os dos seus substantivos, fazendo com elles mais copiosa do que hoje a nossa linguagem. Sim, mais copiosa; e quem tiver isto por paradoxo, lêa com reflexão aos nossos Classicos, e confessará que não fui desmedido no epitheto, se entrar a fazer catalogo dos infinitos termos, que elles tinham e nós não temos.

Elles de *abobada* formavam *abobadar*; de *alarde*, *alardear*; de *aldrava*, *aldravar*; de *alfaias*, *alfaiar* [por adornar uma caza] de *aljofres*, *aljofrar*; de *almagra*, *almagrar*; de *anamentar*, por *crear ao peito*; de *amarello*, *amarellecer*; de *amigo*, *amigar-se*, [em sentido honesto]; de *arpa*, *arpar* por *tanger*; de *arroba*, *arrobar*, [isto é tomar o pezo]; de *atalaia*, *atalaiar*; de *balraventa*, *balraventear*; de *barba*, *barbar* [isto é apontar a barba]; de *bastardo*, *bastardear*; de *bolina*, [termo marítimo] *abolinar*; de *bonança*, *abonançar*; de *brusco*, *embruscar-se*; de *caramello*, *encaramellar*; de *ceira*, *enceirar*; de *chocarreiro*, *chocarrear*; de *confeição*, *confeiçoar*; de *cume*, *encuminar* [porpôr uma cousa no logar mais alto] de *dar nó*; *desdar* [isto é desatar]; de *desatento*, *desatentar*; de *desatino*, *desatinar* [por enfurecer-se]; de *desgabador*, *desgabar*; de *embeleco*, *embelecar*; de *enxame*, *enxamear*; de *escudo*, *escudar*; de *esquerdo*, *esquerdear*; de *esquivo*, *esquivar*; de *ethico*, *entiquecer-se*; de *extremo*, *extremar*; de *facecia*, *facetear*; de *faisca*, *faiscar*; de *fama*, *afamar*; de *fidalgo*, *enfidalgar*; de *fralda*, *desfraldar*; de *goloso*, *golosear*; de *grenha*, *engrenhar* [por atar os cabellos]; de *hastea*, *hastear*; de *inferno*, *infernar*; de *jogo*, *joguetar*; de *jubilo*, *jubilar* [por alegrar-se muito]; de *justas*, *justar* [por correr justas]; de *latim*, *latinar*; de *linguagem*, *linguajar* [por compor em lingua vulgar]; de *luzidio*, *aluziar*; de *marido*, *maridar*; de *matinada*, *matinar*; de *meda*, *emmedar* [por fazer uma meda]; de *medicina*, *medicinar*; de *meigo*, *ameigar*; de *mezinha*, *mezinhar*; de *miollo*, *desmiollar* [por deitar os miollos fora]; de *molle*, *amollentar*; de *nedio*, *anediar*; de *ninho*, *desninhar*; de *ousena*, *ousenar*; de *ortiga*, *ortigar* [por fustigar-se com ortigas, ou por dar a terra muito desta erva]; de *palma*, *palmejar* [isto é

bater nas palmas por applauso] ; de *parvoice*, *parvoejar* ; de *paschoa*, *empaschoar* ; de *patranha*, *patranhear* ; de *pêa*, *despear* [isto é tirar as prisões dos pés] ; de *pégo*, *empégar* [por cahir nelle] ; de *pejo*, *pejar-se* [por envergonhar-se] ; de *perjurio*, *perjurar* ; de *prêa*, ou *preza*, *prear* [isto é fazer preza] ; de *prenhe*, *desemprenhar* [por parir] ; de *quinhão*, *aquinhoar* ; de *rabo*, *rabear* [por mover a cauda] ; de *rhetorica*, *rhetoricar* ; de *sabudo*, *sabadear* ; [isto é guardar o sabbado] ; de *saraiva*, *saraivar* ; de *sorte*, *sortear* [por buscar fortuna, ou tirar por sorte alguma cousa] ; de *tartamudo*, *tartamudear* ; de *tonto*, *estontar* ; de *tratos*, *tratear* ; de *tromba*, *trombejar*, [isto é fazer a alguem carranca] ; de *velhaco*, *velhaquear* ; de *vicio*, *vicejar* [por ser vicioso] ; &c.

Não nos occorrem por ora mais verbos perdidos ; do uso delles em outras idades não apontamos exemplos, por não fazermos um processo infinito ; facilmente os achará o leitor, que for dado á lição dos nossos antigos, e quando não queira tomar este trabalho, aquelle que for ignorante da nossa antiga linguagem corra os vocabularios portuguezes de Jeronimo Cardoso, Agostinho Barbosa, e Bento Pereira, porque nelles achará a justa razão com que sentimos esta perda, e affirmamos acima que a nossa lingua já foi mais copiosa do que é hoje. Parece que esta perda é hoje irremediavel, porque não está presentemente em uso, e vigor a regra de Horacio. « *Multa renascentur, quæ jam cecidere* » &c. pelo contrario o « *cadentque, quæ nunc sunt in honore vocabula* » isso [inda mal] que está tanto em uso, antiquando-se termos e expressões excellentes, proprios da nossa linguagem, sem mais razão que a vontade dos sectarios do francezismo.

REFLEXÃO 3.ª

Em que se trata das redundancias no fallar.

Na reflexão 6.ª da primeira parte reparou o critico nosso amigo, em que sendo tão frequentes as redundancias no estilo dos principiantes, e não menos o improprio uso dos epitetos, nos contentassemos só com fazer um unico paragrafo sobre tão importante materia. E assim aconselhou-nos, que dessemos aos principiantes mais exemplos deste vicio da redundancia, e que os extrahissemos de algum Auctor de boa nota em a nossa linguagem, para que vissem os ignorantes, o quanto é facil cahir, e peccar nesta materia. Nós, que havia pouco tinhamos lido com muita reflexão a *Ulyséa* de Gabriel Pereira de Castro, e notado diversas redundancias em seu estilo, facilmente nos resolvemos a condescender com o reparo do amigo, illustrando nesta reflexão o §., em que elle reparou na 1.ª Parte. Cremos que ficará satisfeito, porque o Auctor cujo estilo observamos, não é dos inámos no catalogo dos nossos Clássicos. Não duvidamos que alguns dos nossos reparos se possam defender com exemplos de poetas latinos do bom seculo; mas tambem não duvidamos, de que só os pouco instruidos na lingua portugueza serão os que alleguem com taes exemplos. Os doutos esses bem sabem que nas linguas vulgares constantemente se dão por claras redundancias aquellas que entre os poetas latinos se defendem com os nomes de figuras.

No cant. 1. est. 20. diz o poeta «*Pallas armada valerosa entraria.*» O *valerosa*, tendo dito *armada*, todo o bom critico terá por uma redundancia.

No mesmo cant. est. 26. «O Indo do *oriente.*» Es-

oriente é superfluo, porque não ha outro Indo que não seja oriental.

No mesmo cant. est. 99: «*Vendo-se o claro engano manifesto*»: bastava dizer *engano manifesto*. O epitheto *claro* é de sobejo.

Est. 70 do mesmo canto: «*Por um jardim entravam passeando.*» A. Manuel de Faria e Sousa pareceu o *passeando* cousa de sobejo.

Est. 92 do mesmo canto: «*Soam os instrumentos e as suaves frautas.*» Aqui ha clara redundancia, porque frautas tambem são instrumentos musicos.

No cant. 2. est. 88: «*Aonde a luz vacillante parecia sobre as tremulas ondas que tremia.* Se as ondas estavam *tremulas*, era inutil o *tremia*.

No cant. 3. est. 47: «*Do filho esposa, e de Neptuno nora.*» Ou o *esposa* ou o *nora* é superfluo, porque ser esposa do filho de Neptuno é ser nora de Neptuno; e ser sua nora é ser esposa de seu filho. Faria e Sousa queria que dissesse: «*E do ceruleo Jove illustre nora.*»

Est. 71: «*Essa alma tua assim castigar sabe o grão Tonante*»: fallando com o mesmo castigado o *tua* é redundancia.

Na est. 90 do mesmo canto 3.: «*Por entre os largos mares que cortámos, entre as ceruleas ondas somergidas.*» Qualquer conhecerá esta clara redundancia, porque o segundo verso diz o mesmo que o primeiro.

No cant. 4. est. 20: «*Vendo que tarda, um circulo e figura em roda pinta*», &c. Depois de dizer *circulo*, não devia accrescentar *figura em roda*.

Na est. 49: *Tendo os rostos por mascaras fingidas*. Bastava dizer *mascaras*: o *fingidas* é de mais, porque toda a mascara é fingimento.

Na est. 96: « *Em corpo gigantêo, alto e membrudo.*» Quem diz *gigantéo* diz *alto*.

No cant. 5: « *Thetis as chama, e ellas que as ouviam, todas a obedece-la concorriam.* Por causa do consoante é que disse superfluamente « *e ellas que a ouviam.* »

No cant. 7. est. 4. diz: « *Do rei da lua a bella embaixadora*, e logo *a roxa aurora*», como se uma e outra não fôra o mesmo. A um poeta como Camões não obrigaria a rima a escrever esta puerilidade.

Na est. 10 do mesmo canto: « *Terror mortal dos javalis montezes.* Sobeja este epitheto, dizendo-se *javalis*.

No cant. 8. est. 91: « *Aquelle da encurvada lua a corda sacode porque o fira.*» Se se despediam sêtas do arco, escusado era dizer *por que o fira*. O que fazem dizer consoantes!

Na est. 155 do mesmo canto: « *O ar na lua das armas se inflammava, onde o sol, quando as fere, scintillava.*» E' redundancia dizer *quando as fere*.

No cant. 10. est. 15: « *Das lagrimas da aurora o congelado orvalho*» &c. Bastava dizer «lagrimas congeladas da aurora» sem acrescentar *orvalho*.

Na est. 21 do mesmo canto: « *A cauta lhe pergunta, por que vinha do alto olimpo á terra onde caminha.*» Este *onde caminha* é de mais.

Poderamos escrever outros reparos; mas estes bastam para conhecer o escriptor principiante o grande cuidado que é preciso ao compôr, para não se caír no vicio da redundancia, pois que não falta em uma Epopea, que tantas vezes seria revista, assim por seu auctor, como por outros muitos engenhos do seu tempo. Temos mais outros reparos em pontos de grammatica, e de in-

propriedades de expressões e epithetos, mas guardamo-los para a Reflexão seguinte, como logar mais proprio.

REFLEXÃO 4.ª

Em que se recommenda a propriedade nos epithetos e expressões.

Fez-nos o critico amigo novo reparo, estranhando que nós depois de fazermos na Reflexão 6.ª da 1.ª Parte um largo catalogo da rigorosa significação de muitos termos, a qual ignoram os escriptores principiantes, não os instruissemos igualmente assim na propriedade dos *epithetos* e *expressões*, em que muito se erra, como na graduação das palavras, conforme o diverso estilo em que se escreve. Posto que lhe achassemos rasão, e conhecessemos a nossa ommissão, estivemos muito tempo resolutos a não executar esta idea, não só porque pedia largo estudo, mas porque eram fracos os nossos hombros para tanto peso. Porem em fim considerando na grande necessidade que havia de executar este projecto para soccorro dos que começam a escrever em portuguez, resolvemo-nos a emprehender a idea, se bem que não com toda aquella extensão, que desejára o amigo. Discorreremos pois sobre a impropriedade com que vulgarmente se usa de epithetos e expressões, e para isto nos tornaremos a servir do que notámos sobre este ponto no mesmo poema da *Ulyssea*. Depois em outra Reflexão daremos um catalogo de muitos vocabulos que a critica frenetica desta idade não quer já admittir em composição magnifica

e sublime; e que só lhes dá logar em discursos familiares, comicos, jocosos e outros semelhantes. Começando pela impropriedade de *epithetos* e *termos*, continuemos a reparar na celebrada Epopea de Gabriel Pereira, para que deste grande poeta aprendam os ignorantes a conhecer a facilidade com que nesta materia se erra.

No cant. 1. est. 29 dá a Marte o epitheto de *airoso*, que nunca ninguem deu a uma tal divindade, e muito menos em occasião em que *revolvia mil pensamentos*. Em Apollo poderia soffrer-se este epitheto.

Na est. 30 chama a Jupiter só *poderoso*, devendo chamar-lhe em principio da falla *omnipotente*, como fizeram todos os bons epicos. Tambem o epitheto de *sempiterno* ao mesmo deus é raquissimo, porque é commum, como o de *poderoso*, a qualquer dos deuses.

Na est. 79 do mesmo canto: «*Uma estatua de porfido luzente*»: mais abaixo tambem chama a esta pedra *cristallina*. Nem este epitheto, nem o de *luzente* convêm ao porfido, porque é um marmore macio sem algum resplendor.

Na est. 90: «*Ali junto se vem, donde assistiam com polidos ministros que serviam*» &c. Dos que *servem* não se diz com propriedade que *assistem*, como bem ponderou Manuel de Faria e Sousa, notando este logar. Uma cousa é assistir a uma mesa, e outra servi-la.

Na est. 94 do mesmo canto: «*Cirvo a taça formosa e coroada.*» Tão poetico é o epitheto de *coroada*, como baixo e vicioso o de *formosa*, porque só em estilo humilde se diria *formosa* taça por *grande* taça.

No mesmo cant. est. 93 chama a Ulysses *capitão valente*. Ainda não achamos poeta que lhe désse tal epitheto; o que lhe é [digamos assim] caracteristico é o de *astuto*, *fingido*, *eloquente* &c., assim como a Achilles o de *valente*, *iracundo*, *inexoravel* &c.

No cant. 2. est. 1. dá á lua o epitheto de *alegre*, não sabemos a rasão; chama-lhe tambem *vagarosa*, sendo um planeta mui veloz. Em que bom epico acharia estes epithetos! Nós ainda os não descobrimos, nem Manuel de Faria, notando esta estancia.

Na est. 4. diz: « *Soltando a redea ás naus* » &c. Parece impropria, ou ao menos atrevida esta frase; mas algum exemplo tem que a patrocina.

Na est. 12 dá o epitheto de *barbara* á uma cadeia, que servia de enfeite e adorno feminil, dizendo: « *De barbara cadeia refulgente cahindo ao seio as voltas se enredavam* » &c. Não sabemos a rasão que teve para usar de tal epitheto.

Na est. 17 do mesmo canto 2.: « *Dando Eolo nó caminho força ao cançado lenho, vida ao linho* », isto é ás velas. Não seria maldizente quem chamasse a está *vida* uma atrevidissima impropriedade.

Na est. 51 diz que os deuses do mar vinham em cavallos *maritimos*. Este epitheto foi bem escusado, tendo o poeta já dito que eram os deuses *humidos* os que vinham nos taes cavallos.

Na est. 59 diz que *sobre o mar* recebe a concha a agua congelada em puras gotas. No fundo do mar [diz a isto Manuel de Faria] e não sobre elle é que se faz a geração das perolas. Dizer dellas o poeta na mesma estancia, que o ceu *as namora* não é menor absurdo.

Na est. 63 chama á pedreneira *pedra congelada*. Não entendo a propriedade deste epitheto. Manuel de Faria claramente lhe chama mau.

Na est. 64 chama *asperas* ás fadigas do mar, em occasião em que o epitheto proprio era *doces*, porque se occupavam os companheiros de Ulysses em enxugar o fato ao fogo, e descançavam sãos e salvos da passada tormenta.

No cant. 3. est. 8. impropriamente [diz Manuel de Faria] chama ás bebidas nevadas *artificiosa neve*, sendo ellas realmente a mesma neve, e não consistindo o artificio senão no saber usar della para esfriar licores e frutas &c.

Na est. 62 dá a uma estaca o epitheto de *fera*, isto é, grande, do mesmo modo que o vulgo no seu fallar humilde diz *fera* mentira, *fero* desproposito &c.

Na est. 75 dá ao remo o epitheto de *grave*. Não duvidamos que se possa defender com algum exemplo; mas os epithetos usados pelos bons poetas eram os de *agilis*, *citus*, *levis* e *velox*.

Na est. 97 diz que Ulysses estava « *entre tantos cuidados ocioso, entre enganosos bens tão mal perdido.* Perguntára eu ao poeta: e quem foi jámais bem perdido?

No cant. 4. est. 9. diz: « *Troncos hirsutos pelo ar se erguiam.* A um critico severo não póde agradar o *hirsutos* applicado a troncos. Mais proprio era que dissesse *robustos*, imitando a Gongora em semelhante sentido.

Na est. 112 diz impropriissimamente que a Parca em *tear de ouro* tece a vida d'El-Rei Filippe 3.º Não sei que os antigos dessem tear ás Parcas; roca, fuso e tesoura sim. O seu officio era fiar, e não tecer os fios da vida.

No canto 6. est. do Argumento diz sem observar decoro, que « *A's Nymphas Thetis sae favor pedindo:* » A primeira deusa do mar não podia *pedir favor* ás suas nymphas; devia mandá-las. Por isso Camões em caso semelhante disse: « *Em quanto mandal-as nymphas* » &c.

Na est. 13 chama ao mez de agosto *idade juvenil do anno*. E que será então a primavera, da qual disse [alem de outros muitos poetas] o famoso Guarini no seu Pastor Fido: « *O' primavera, gioventù dell'anno* » &c.

Na est. 14 dá ás proas o epitheto de *levantadas*; diria bem se dissesse *agudas*, e guardasse o *levantadas* para as pôpas, como fez Camões.

Na est. 43 diz: « *Manda arribar Ulysses, e varrendo o negro pinho os mares socegados* » &c. Quem toma porto [como, segundo o poeta, tomava Ulysses] não arriba estando os mares socegados. Não é menor impropriedade dizer que a nau ia *varrendo* os mares. Se dissera *cortando* ou *surcando*, diria como os bons antigos poetas, que só usavam da metafora de *varrer*, applicando-a aos ventos ou aos remos, porque o imitam na acção de assoprar ou de cortar as ondas, a qual não fazem as quilhas, antes só imitam ao *arar*, e dahi é que vem o *surcar*.

Na est. 44, pintando o mar socegado, diz que o gado de Protheo *se esconde nas cavernas mais guardadas*. » Aqui ha uma grande impropriedade, porque só com o mar bravo é que se escondem os monstros marinhos.

Na est. 49 do mesmo canto 5. ha uma expressão bem estranha e impropria, e vem a ser, dizer que Ulysses media os mares com *ligeiras plantas*. Supponho que por terra é que navegava. Deste absurdo foi causa a rima. Veja o curioso esta celebre estancia.

Na est. 68, fazendo ao seu heroe todo amedrontado por uma visão horrorosa, conclue dizendo: « *Pegada a voz ás fauces, levantava a vista ao ceu, e a Jupiter fallava.* » Se a voz estava pegada ás fauces, como poude Ulysses entrar a fallar, formando uma arenga, em que gasta tres estancias, cheias de mil brinquinhos?

Na est. 82, fallando dos companheiros do heroe, diz: « *Assentam-se contentes na verdura, onde o prado lhe faz verde almofada.* » Para homens e soldados vem mui impropria a *almofada*, a qual só diria bem em damas ou nymphas.

No canto 6. est. 58 diz impropriamente, que o *sol cahe sobre os montes*, devendo dizer *sobe*, segundo o reparo de Manuel de Faria e Sousa a esta estancia. Nella diz tambem que o sol *sobe aos abrazados horisontes*, sendo estes á nossa vista a parte baixa do ceu. Na opinião do sobredito critico transtornou o poeta os dous verbos, pondo *descer* onde havia de pôr *subir*, e *subir* onde havia usar de *descer*.

Na est. 89: « *Viu começar o sol este duello, e já então inclinava a luz phebea* » &c. Esta *phebea*, tendo antes dito *sol*, é o maior absurdo em que podia caír um poeta principiante.

No cant. 7. est. 91 diz que o *mar crescêra* com o sangue de uma ferida. Que excellente hyperbole para agradar a Aristoteles e a Longino!

No canto 8. est. 64 suppõe *bandeiras* no tempo de Ulysses. Ou foi descuido, ou ignorou o poeta as insignias da milicia grega.

Na est. 88 dá ao ariete [instrumento bellico] o epitheto de *mortal*, devendo dar-lhe o de *fatal*. Suppõe tambem uma porta mal *segura*, e logo na estancia seguinte a faz *firme* e *possante*. Ainda que a este reparo se possa dar um sentido favoravel ao poeta, no sentido natural sempre ha uma forte contradicção.

Na est. 115 chama com grave absurdo a um cadaver *nobre sepultura da alma*. Ao corpo [e muito menos morto] não se póde dar sem grande erro um tal epitheto.

Na est. 130, pintando a um capitão, diz: « *Açoutando co'a pluma azul o puro ar, que a vai meneando brandamente*. Depois de usar do verbo *açoutar*, contradiz-se em dizer que o ar *brandamente a meneava*; porque se ella *açoutava*, como se movia com brandura?

Na est. 137 diz: « *Tras de ouro o elmo erguido da*

viseira.» E' erro claro, porque a vizeira é que se ergue no elmo, e não o elmo na vizeira.

No cant. 9. est. 2. ha uma grande contradicção dizendo o poeta, que o sol vinha *no seu carro veloz, e a passo lento.* Não sei como se possa unir a velocidade do carro com o vagaroso movimento dos cavallos do sol.

Na est. 71 diz, que Gorgoris soltara o *grave loro*, e deixava o carro em que vinha. Não sei como possa convir a *loro* o epiteto de *grave.* O que lhe deram os antigos poetas foi o de *flexile, undans, tenax, solutum, strictum, nodosum* &c.

Na est. 102 diz. « *Fazendo de homens vivos vivo muro.*» Por conta da pueril anthitese disse superfluamente *homens vivos*, bastando dizer *homens.*

No cant. 10. est. 14 diz que á vista de uns cabellos louros o ouro de enfiado, e de corrido *sem cor fica amarello.* Não reparamos em mais de uma puerilidade, que se inclue neste conceito; mas só em dizer que o ouro *fica amarello*, como se elle teria outra cor, a não estar *enfiado.*

Na est. 50 diz: « E's alfange nú, que tanto sangue bebe. Summamente improprio, por não dizer atrevidissimo; está aqui o verbo *beber*, dirá até o poeta que for do mais depravado gosto.

Na est. 84 diz que as espadas com os fortissimos golpes estavam *feitas nos fios serras de embotadas.* Este *embotadas* é aqui improprio, tendo dito antes, que estavam *serras*; porque espada embotada é a que unicamente perdeo o fio, e o estar feita *serra* é muito mais, porque val o mesmo que gastada, e quebrada no ferro.

Creia o leitor que outros muitos reparos se poderiam fazer a esta epopea, semelhantes aos antecedentes; mas bastarão estes para conhecer o escriptor principiante e

summo cuidado, que é preciso ao escrever, empezar bem os termos, os epithetos, e as expressões, de que usar, para não cahir em impropriedades, e absurdos. Foi Gabriel Pereira de Castro um escriptor de grande merecimento, e com tudo claudicou tantas vezes em obra, que foi o empenho da sua penna, e que seria escrupulosamente revista por elle, e por seus amigos. Mas que muito [dizem neste caso os criticos mais severos] cahisse em taes erros um escriptor nosso da segunda classe, se tambem ás vezes dormiram os da primeira ordem, cahindo em muitas impropriedades do mesmo genero dessas, que se censuram na Ulyssea?

Por ventura [proseguem elles] faltarão em Camões muitos exemplos que provem esta verdade? Contem-se os que lhe descobrio Ignacio Garcez Ferreira em seus Commentarios, e não se despreze tambem a Manuel de Faria e Sousa, postoque seu apaixonadissimo defensor. Por ventura Vieira, oraculo da propriedade, elegancia e pureza da sua lingua, não chamou impropriamente no tom. 2. pag. 165 *Comedia* á Historia de José? Tal não havia de dizer se reflectisse na rigorosa significação de *comedia*; mas seguio aos comicos de Hespanha, que de taes historias formavam impropriamente comedias. O mesmo nome dá o dito classico á resurreição de Christo, dizendo no tom. 4. pag. 396. « *Tão tragicos como isto foram os dous primeiros actos ou aparencias desta famosa comedia.*» Aqui ainda é mais notavel, e digna de censura a impropriedade da palavra *comedia*. Igualmente no mesmo tom. 4. pag. 396 chamou *tragicomedia* ao sacrificio de Isáac, e isto pela razão de acabar com fim alegre. Se este eloquentissimo homem, que tanto cuidava em fallar com a mais escrupulosa propriedade, tivesse presente na memoria o que diz sobre tragicomedia o seu Padre *Delrio* com-

mentando a Seneca Tragico, certo estou, que não usaria de tal vocabulo, mas sim do de *tragedia*. Porem estas impropriedades julga leves a critica prudente compasadas com as de chamar á Santissima Trindade *Triumvirato Divino*; e *gentilhomem* a um serafim. Veja-se o tom. 12. pag. 6.

Um grande escriptor deste seculo, que faz honra á lingua portugueza, não obstante a especial lição que tinha de Vieira, escreveu tambem *Apologia em defensa*, não reparando no pleonasmo, e o *buril, que lavra o diamante*, não advertindo na impropriedade. Porem aos Auctores desta classe defende-os Horacio no *quandoque bonus dormitat Homerus*; e sirva tambem esta defensa ao insigne Jacinto Freire, por cahir na redundancia de dizer *medir a altura da elevação do polo* &c.

REFLEXÃO 5.ª

Sobre muitos vocabulos, que presentemente sendo admittem em estilo magnifico, e sublime, mas só no familiar, comico, ou jocoso &c.

Satisfazendo ao que promettemos na reflexão antecedente, em cumprimento do conselho do critico nosso amigo, faremos um catalogo de diversos termos, que hoje não admittem os criticos em discurso grave, e oratorio; não obstante terem muitos delles a seu favor os melhores textos da lingua. Donde se vê o quanto pode o uso nas linguas vivas, como bem ponderou Horacio na sua poetica. *Cadentque, quæ nunc sunt in honore, vocabula,*

si volet usus; quem penes arbitrium est, et jus, et norma loquendi.

Abalar, por *fugir*, ou retirar-se para outra terra, só se diz em estilo jocoso, não obstante ter sido usado no serio pelos nossos bons antigos. Em frase militar é que se pode dizer *abalou* o exercito, isto é, levantou o campo, como disse Brito na Mon. Lusit. «Mandou *abalar* os batalhões» &c.

Abalroar com alguem, ou com alguma cousa, não querem os criticos, que tenha hoje uso, senão como termo maritimo. «Quando vio despedir de si os bateis, quiz *abalroar*.» Barros Decad. 2. pag. 136.

Abocanhar por *detrahir*, de que usou D. Francisco Manuel, hoje só querem que tenha uso em estilo tal, como o da *Carta de Guia de Casados* do mesmo Auctor não obstante usa-lo diversas vezes Vieira em seus sermões.

Acabado por *fraco*, ou debilitado de forças por causa de doença, só tem bom uso em discurso familiar, não obstante usa-lo mil vezes Fr. Luiz de Sousa.

Achegas por *conveniencias*, postoque seja de Barros na Decad. 2. pag. 33. serve só hoje em estilo familiar. O mesmo dizemos na significação de *auxilio*, *soccorro*, *ajuda* &c.

Acinte, ou como adverbio, ou como nome, pouco uso pode ter hoje em estilo oratorio, postoque se ache mais de uma vez em Vieira.

Acossar por *perseguir*, tem mais uso, applicando-o a féras, que a homens; postoque se ache em alguns antigos *acossado* da fortuna, das tribulações, dos inimigos &c. Porem *acossador* por *perseguidor* não se diz.

Actuado por *affecto* á alguma cousa não se diz em nenhum estilo, porque não se lhe acha exemplo. Em sentido forense é que tem uso, mas a significação é diversa.

Adega, que se lê em alguns Sermonarios, traduzindo-se o *cella vinaria* dos cantores, não se admitte em discurso oratorio. Os cultos usam de alguma circumlocução.

Adjectivar por *costumar-se* não se deve usar, senão [quando muito] no estilo familiar. Como termo grammatical, significando *concordar* não pode haver duvida no seu uso.

Afazer-se por *costumar-se* é termo popular, e os criticos não querem hoje usa-lo em composição grave se bem que tenha muitos exemplos em Fr. Luiz de Sousa.

Afigurado: pessoa bem afigurada. E' muito proprio do fallar familiar. Em discurso de maior eloquencia querem que se diga *a pessoa de boa figura*.» Parece-nos demasiado escrupulo, postoque só lhe achamos exemplo na Corte na Aldea Dialog. 11., pag. 219. Em Vieira não o podemos descobrir.

Afogo por *oppressão* não tem o uso, que tem o seu contrario *desafogo*. Em obras familiares admitte-se com os exemplos de Chagas em muitos logares.

Agarrar por *pegar bem*, ou por *furtar* não é termo oratorio, só sim quando se applica a ave de rapina, porque então é propriissimo assim como *empolgar*.

Agoacenta [terra] melhor será dizer de *humida natureza*, por não usar de um termo que é hoje popular, se bem o não era no seculo passado.

Agoado: gosto *agoado* não é frase de orador. Apenas hoje se soffre no livro *Dominio sobre a Fortuna* de Antonio de Sousa de Macedo, que usou desta metafora na pag. 69, e 177.

Agoniar não tem tanta nobreza, como tem *agonia*, termo que não despreza o estilo grave. No familiar tem bom uso a *agoniar*, *agoniar-se*, e *agoniado*.

Aguantar por vencer caminho, ou poder com algu-

ma dificuldade é metafora humilde. Só é propria como termo nautico. Errasa os que pronunciam *aguentar*.

Ajuda por *soccorro*, e auxilio, é termo de que não querem usar os oradores nimiamente escrupulosos, reservando-o só para discurso familiar, apesar de infinitos exemplos dos melhores Classicos. Temos a estes criticos por excessivos.

Alagamento, postoque se ache em oradores do seculo passado, os do presente dizem *inundação*, ou *cheia*, ou *alluvião*.

Alar por *adiantar-se* em fortuna é um excellente verbo metaforico, usado por Vieira no tom. 7. pag. 207, mas hoje tem mais uso no estilo familiar.

Albergar: no estilo grave tem uso *hospedar*. *Albergaria* por *hospedaria* é que está inteiramente antiquada.

Alcouce casa de *alcouce*. Assim chamavam sem escrupulo os nossos antigos oradores ás casas, que dão commodos para commercios lascivos. Hoje em discurso grave foge-se de pronunciar este termo por ser popular.

Alcoviteiro: com muito decoro, e elegancia lhe chamou o Padre Bluteau, *torpe medianciro, e ministro infame da luxuria alheia*. O orador poderá descobrir outra semelhante circumlocução.

Alegrão: rumor alegre, e repentino, não tem logar hoje em discurso oratorio como o tem no familiar.

Alcijão: tem-se por palavra popular, e não querem os criticos impertinentes que se use della em estilo magnifico, bastando que se diga achaque de membros alcijados, ou outra semelhante frase.

Alforria: serve para o estilo familiar com o exemplo de Chagas nas Cartas tom. 2. pag. 24: *manumissão* para o forense, e *liberdade* para o oratorio.

Alporcas é termo, que já não admitte o estilo gra-

ve, não obstante ter usado delle o Padre Vieira no tom. 7. n. 168; porque no seu tempo não causavam muitas palavras a nauzea, que hoje causam em paladares nimiamente delicados.

Alto: *passar por alto*; é termo proverbial, que só tem bom uso em discurso familiar, ou em historia, com o exemplo de Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 10. col. 3.

Amarrado, e *amarrar* por *preso*, e *prender*, são vocabulos, que tem alguma baixeza: só applicando-se a embarcação tem toda a propriedade.

Amigo: não é hoje decoroso servimo-nos deste termo para explicar amisade com mulher, dizendo v. g. Pedro é *amigo* de Maria, isto é, tem com ella sincera amisade.

Anão, por homem de brevíssima estatura só tem bom logar em estilo jocoso, ou familiar; e é justamente censurado Manuel Thomaz de usar deste termo em um poema. Veja-se a sua Insulana Liv. 10. est. 90.

Antigualhas por *antiguidades*, posto que seja vocabulo usado muitas vezes por Fr. Luiz de Sousa, e Fr. Bernardo de Brito, usa-se hoje só em discurso familiar, e jocoso.

Apalavrada a casar. E' mais usado em estilo grave dizer-se *contratada*, ou *concertada*, como diziam os nossos Classicos. Com tudo fallando de mulher inferior não duvidaremos dizer *apalavrada*, e *apalavrar-se*.

Apanhar em algumas accepções tem baixeza. Não é elegante dizer *apanhar* flores, mas sim *colher*; apanhar alguma cousa a alguem, mas sim *tirar*; apanhar no argumento, mas sim *convencer* &c.

Apiadar por mover a piedade, sendo de Camões na Eclog. 5. est. 38, e *apiadar-se* por compadecer-se, sendo de todos os Classicos, hoje não tem uso senão em es-

tilo familiar: *apiedar* um doente, isto é, i-lo alimentando.

Apodrecer e *podre* não são termos proprios da elegancia oratoria. Deve-se dizer *corromper-se* e *corrupto*.

Arankel já se não diz no estilo em que o disse Vieira, tom. 3. pag. 108: «Fez um grande *aranzel* de todas as suas virtudes» &c.

Arcar, por perder o tino ou pasmar, sendo de Vieira no tom. 4. pag. 348, não quiz o uso que se seguisse a este Classico, usando-se do estilo de que elle usou.

Arrenegar, ou por *apostatar* da Religião, ou por *ter grande raiva*, ou por *detestar*, só no estilo infimo, [ou quando muito medio] póde ter uso.

Arrotar em sentido metaforico; v. g. *arrotar* fidalguia, sciencia, animo &c. não se deve dizer senão no estilo comico, satirico ou jocoso.

Arrufado e *arrufar-se*, posto que os usasse Barros na Decad. 1. pag. 94. col. 4, já não tem logar em escriptura grave. Servem para o comico, e para os discursos familiares.

Assanhado e *assanhar*, por *enfurecido* e *enfurecer*, não se admittem hoje em estilo oratorio, tomando-se em significação metaforica. Applicados estes termos a fera, poderão ter logar proprio.

Assar e *assado* são termos que não mantêm a gravidade da linguagem oratoria; e hoje um culto pregador não dirá v. g.: S. Lourenço *assado*, mas antes *torrado* no fogo.

Assoalhar, por *manifestar* e fazer patente a todos, só tem bom uso no estilo em que o usou D. Francisco Manuel na Carta de Guia, pag. 86 verso.

Atanazar, por tirar pedaços de carne com tenazes encendidas, não é verbo que admitta um orador deste

seculo, e se os annos e o conceito do publico lhe não derem licença, como deram a Vieira, para usar deste e outros muitos vocabulos, que hoje se estranham ouvidos no pulpito.

Atarantado e *atarantar-se*, por *perturbado* e *perturbar-se*, serve só para o estilo infimo, e nelle tem energia.

Atassalhado, sendo termo de que usou Vieira no tom. 4. pag. 153, hoje não se sofre no estilo em que elle fallava, porque assim o quer o uso, tiranno das linguas vivas. Diz-se com menos energia *despedaçado*, *lacerado* &c.

Atolado, assim em sentido natural como metaforico, querem muitos que se fuja delle em discurso de eloquencia sublime, não obstante acharem este termo em a nossa maior epopea, cant. 8. est. 39. Parece-nos demasiado o escrupulo, e não tiveramos duvida a dizer, v. g., peccador *atolado* em vicios &c., mas não diriamos, *mettido* em um lamarão, como ouvimos a um moderno orador de grande fama.

Avelhentado e *avelhentar-se*, por *envelhecido* e *envelhecer*, serve para o comico e para qualquer discurso familiar, quaes os da Corte na Aldeia, que traz estes termos no Dialog. 11. pag. 225.

A's avessas, em vez de *pelo contrario*, pertence hoje ao estilo infimo, não obstante acharem-se bons exemplos deste adverbio em estilo medio, e ainda magnifico no seculo 16.º

Azafama por *pressa* ou ruido popular para alguma cousa, hoje só tem uso no familiar ou comico, se bem que os antigos o usavam no fallar grave.

Azedar-se e *azedo* no sentido metaforico, por *agastar-se* e *agastado*, só tem bom uso no estilo que convêm ás cartas, ás comedias, aos dialogos &c.

Barriga é termo que não sofre a elegancia sublime, e só admitte *ventre*, fallando-se de homem, e *utero* ou *ventre*, sendo de mulher. Homem de grande *bojo*, disse Vieira em logar de grande *barriga*.

Bebedice e *bebado* nenhum culto duvida que não se deve dizer, senão no estilo infimo: deve-se usar com os exemplos de Vieira ou de *embriaguez* e *ebriedade*, ou de *ebrio* e *embriagado*.

Beiços em frase sublime não querem os criticos que se diga, mas sim *labios*, ainda que seja voz alatinada, ou que por figura [podendo ser sem impropriedade] se use de *lingua* ou de *boca* em logar de *beiços*; v. g., os meus *labios* louvarão ao Senhor: melhor será dizer [por fugir ao alatinar] a minha *boca* e a minha *lingua* louvarão ao Senhor: porem onde for precisamente necessario usar de *beiços*, como na traducção de alguns passos dos Cantares, então deve-se dizer *labios*, por não abater o estilo.

Beijo não é termo decoroso em grave, não obstante achar-se nos nossos melhores oradores do principio do seculo passado. Deve-se dizer *osculo*. O verbo *beijar* esse admitte-se em todo o estilo.

Besta chamavam constantemente os nossos Classicos a todo o animal bravo e terrivel, ou por sua crueldade ou por sua grandeza. Hoje injustamente se foge de usar desta palavra em estilo grave, e dizem os cultos *fera*, reservando *besta* para animal de carga.

Bicho pela maior parte faz baixeza no fallar sublime. Diga-se *insecto* ou *gusano*, que é termo de João de Barros, e o epitheto que se lhe applicar com propriedade declarará o mais que este termo por si não exprime, como fez Vieira, dizendo: «os ascarosos *insectos*, que já em vida se alimentam da nossa carne» &c.

Bochechas é termo baixo em discurso grave. Deve-se dizer *faces grossas*, *carnosas* ou *inchadas*, segundo o pedir o sentido.

Bojo, tomado metaforicamente por animo capaz de dissimular e de sofrer tudo, querem muitos que tenha mais logar no estilo medio que no sublime.

Borra de algum licor: sendo preciso usar deste vocabulo em discurso que não for familiar e comico, diga-se *fezes*, v. g., de vinho, de azeite, do sangue por melancolia &c. Este termo já não tem a gravidade que conservava quando o Padre Lucena, escriptor muito culto, usou delle na Vida de S. Francisco Xavier, pag. 481, chamando *borra* ao barbilho da seda.

Borrar um papel, por *apagar* ou *riscar* o que nelle estava escripto, dizia-se sem escrupulo em tempos menos reparativos: hoje pertendem muitos que não se deva dizer no fallar sublime.

Bostella é termo que tem baixeza; sendo preciso usar delle em linguagem elegante, diga-se antes *pustula*, palavra facultativa dos cirurgiões, posto que latina.

Boubas ou *mal gallico* não se admitte por baixeza quasi em nenhum estilo. O Padre Bluteau disse elegantemente em seus sermões: « Aquelle torpe e vicioso mal que é o açoute da luxuria » &c. De semelhante circumlocução decorosa deveremos usar instando a necessidade.

Burro e *burra*. Poderá ter uso no fallar familiar e comico, assim como *asno* no satirico. Em estilo grave diga-se *jumento* e *jumenta*, como sempre disse Vieira.

Cagalume: é cousa assentada que só no estilo jocoso poderá este termo ter uso. Os criticos dividem-se na escolha de novo nome: uns dizem á latina *perilampo*, outros á portugueza *bicho luzente* ou *noute-luz* &c. Veja-se a Bluteau nas prosas, referindo uma das sessões das

conferencias eruditas, feitas em casa do conde da Ericeira.

Calcanhar. Para muitos esta palavra tem aquella baixeza que não sofre a polida elegancia, e estranham aos oradores que com ella traduzem o *calcaneum*, que se encontra muitas vezes na Sagrada Escriptura, podendo dizer *pé* ou *planta*.

Campar, por levar vantagem, ou presumir de exceder em alguma cousa, foi antigamente usado no fallar grave com a pronunciação de *campear*; porem hoje só no familiar tem uso, dizendo *campar* por sabio, valente &c.

Canalha, que se acha na epopea, Malaca Conquistada, Liv. 10. est. 90, já não se admitte senão no comico, no familiar ou no satirico.

Carranca por *aspecto carregado* é hoje objecto de critica, ainda no estilo medio, em que o usou o culto Auctor do livro, Escola das Verdades, dizendo na pag. 155: «Nenhuma cousa é mais alheia do principe que aquella *carranca* que o faz monstruoso e não grande» &c. No estilo familiar pode-se usar metaforicamente, sendo com aquella propriedade com que o usou Chagas no tom. 2. das suas Cartas, pag. 59, 71, 213 e 445.

Chapado por *consummado* em alguma sciencia ou arte só se admitte no estilo familiar, comico e jocoso, com o exemplo de D. Francisco Manuel nas suas Cartas, pag. 523, e na Carta de Guia de Casados, pag. 82.

Cioso é termo que não agrada a alguns escrupulosos, quando se applica a Deus, dizendo-se «Deus *cioso* da sua honra», e querem que se diga *zeloso* ou que *zela* a sua honra &c. A verdade é que a auctoridade de todos os Classicos está contra os escrupulos desta critica; mas emfim a practica dos que vivem deu baixeza a este vocabulo no estilo oratorio. Do mesmo modo pretendem

que se diga antes *zelos* que ciume; mas em argumento que não seja sublime, não póde haver duvida no uso, assim de *ciume*, como de *cioso*.

Coçar estranha-se em alguns oradores, quando ao tratar do santo Job dizem que *coçava* [em logar de *raspava*] com um pedaço de telha as suas leprosas chagas.

Cocegas: é termo humilde para estilo grave. Quando seja preciso usar delle, querem os criticos que se diga antes alatinadamente *titilação que provoca ò riso*, ou outra semelhante circumlocução, que não abata o estilo.

Codea no sentido moral, por *superficie* ou casca de alguma cousa, contraria ao amago e interior della, é termo que se acha em o nosso insigne Barros na Decad. 3. pag. 90. col. 2., mas não se admitte já no estilo em que elle escreveu a sua Historia. Porem muitas occasiões ha em que *codea* no sentido natural não fica bem substituida com *superficie* ou *casca*, porque, v. g., não se ha de dizer *casca*, mas *codea* de pão.

Coitado, não obstante ter a seu favor uma epopea tal como a de Camões no cant. 5. est. 70, hoje não se sofre senão em discurso familiar, apesar da gravidade que lhe quer dar Manoel de Faria, commentando a dita estancia.

Comichão não se admitte senão na linguagem popular, comica ou satirica. Estranhou-o a critica quando o leu em um sermão impresso de S. João Nepomuceno, onde diz seu auctor: «*coçar a borbulha é signal de comichão.*»

Comilão serve só para o estilo jocoso; *grande comedor* póde-se dizer no medio, porem no sublime é preciso usar de alguma nobre circumlocução, qual foi a de Vieira, quando disse: «*Homem devorador de mesas.*»

Couce em nenhuma accepção se deve já usar em dis-

curso serio; e assim não se póde já dizer, como diziam os bons antigos, *couce* da porta e da procissão, mas *couceira*, e *fim* da procissão. Accrescenta a critica que, sendo preciso usar deste vocabulo em estilo grave, se use de alguma circumlocução decorosa, v. g., morreu Pedro dos golpes de um cavallo calcitroso; e não, morreu dos *couces* de um cavallo *escouceador*.

Cursar: com nimio escrupulo não admittem hoje alguns criticos o uso deste verbo em discurso oratorio. Não podemos concordar com elles, e diremos sempre [não obstante a sonhada baixeza] *cursar* as aulas e as balas; *cursam* os ventos; *cursou* no mar alguns annos &c. O mesmo dizemos de curso, a que igualmente se oppõem os ditos criticos com os mesmos fundamentos de indecencia e baixeza.

Dares e tomares: posto que se ache este modo de fallar em Fr. Bernardo de Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 401. col. 4. já se não admitte senão no familiar ou comico: no estilo medio, e muito mais no sublime, querem que se diga *debates reciprocos, contendas alternadas* &c.

Debalde querem muitos modernos que seja mais proprio da linguagem sublime dizer-se *em vão, inutilmente* &c., e que se reserve para o estilo medio e familiar o uso do *debalde*. Todos os bons Classicos e até os melhores modernos estão contra este parecer. Para nós é tambem excessiva esta critica.

Debruços: é termo pouco nobre em discurso oratorio: eu antes dissera *com o rosto em terra* &c.; porem em estilo que não fosse magnifico teria por demasiado este escrupulo.

Deflorar uma virgem, sendo em si expressão não só decente, mas elegante, hoje por muito vulgar não se so-

fre bem em linguagem sublime, e os escrupulosos descobrem frase que diga o mesmo, mas exprimido com cores mais honestas. Com tudo não censurariamos ao orador que usasse deste verbo, e muito menos ao historiador.

Desadorar, por *impacientar-se* ou *enfurecer-se*, não se quer hoje admittir senão no estilo familiar: nós acrescentamos que em nenhum discurso se deve usar, porque não achamos tal verbo em algum dos Classicos.

Desalmado: homem que não teme a Deus, como se não tivera alma, é termo bastantemente expressivo, mas por andar muito na boca da plebe, raras vezes lhe querem dar uso os escrupulosos da linguagem da alta eloquencia, e substituem a sua falta com outros vocabulos que nunca chegam a ter igual energia.

Desapoderadamente sim é adverbio que tem a seu favor Vieira no tom. 2. pag. 181; porem o uso já o não admitte em estilo oratorio, e quer que se diga antes *violentissimamente* ou *com vehementissimo impeto.*

Desaventurado, por *desgraçado* ou *perverso*, por ser termo mui popular raras vezes se admitte em discurso que não seja familiar ou comico.

Desavesado e *avesado*, *por descostumado* e *costumado*, se tem hoje logar, é só no fallar infimo, ou quando muito no comico.

Desfeita, por *desculpa*, é, alem de outros Classicos, de Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 12. col. 2. Hoje só se usa em discurso jocoso; porem com significação diversa, valendo o mesmo que logração ou descortezia.

Desmarcado tem mais nobreza: *desmedido*, se bem que em Vieira são tantos os exemplos de um como de outro vocabulo na mesma accepção. Em Fr. Luiz de Sou-

sa, seguindo a João de Barros, achamos muitas vezes *desmesurado*; porem é termo que o uso já antiquou.

Desquerer por não querer bem: parece que o uso tem tirado ao orador a liberdade que lhe dera Vieira no tom. 1. pag. 535. A mim o que me parece é que elle em nenhum estilo é hoje termo dominante.

Deveras por *verdadeiramente*, ou *seriamente* é termo vulgar, que só não recusa o estilo familiar, e comico, apezar dos muitos exemplos classicos, que se acharão deste adverbio em discurso sublime. Com tudo não somos daquelles muitos, que hoje o reprovam.

Diabo por *demonio* não tem bom uso no caracter grave; no familiar, e comico admitte-se sem reparo: o mesmo dizemos em discursos asceticos com os infinitos exemplos de Vieira, e outros. Porém *diabolico* em todo o estilo tem uso corrente, o que não succede a *diabrura* que só tem logar no familiar, comico e jocoso.

Doudo serve só para o estilo de Cartas, Dialogos, Comedias &c. para o sublime, e oratorio serve *louco, fatuo* &c. Nelle igualmente se diz *loucura* e não *doudice*, *loucamente* e não *doudamente*, *fazer loucuras* e não *doudejar* &c.

Embaçado e *embaçar*, por *ficar atonito*, ou *perder a falla*, são termos que por via de regra não pertencem ao caracter sublime, nem ainda ao mediano, mas só ao infimo.

Embigo não é voz oratoria. Quer a critica que sendo preciso usar delle por indispensavel circumstancia, se caia antes no defeito de alatinar, dizendo *umbilico* com o exemplo de alguns poetas, e medicos; porque é menos defeituosa esta liberdade, que a de usar de um termo, que mancha a elegancia do estilo oratorio.

Empurrão é termo plebeu. Vieira e todos os da sua

escola disseram *empuchão*, e *baldão*, postoque este segundo vocabulo não fosse synonimo legitimo.

Encarrego v. g. asssim pronunciavam os nossos bons antigos; mas hoje é termo popular, e deve-se dizer *encargo*, fallando-se em discurso grave.

Endemoninhado serve só para o comico, familiar, ou jocoso. Diga-se *energumeno* ou *obsesso* á imitação de Vieira.

Enfadonho tem baixeza por ser termo muito popular. *Enfadoso* se acha em alguns Classicos; e deste vocabulo, como mais nobre usou o polido Auctor da Corte na Aldea, pag. 178, não obstante ser obra toda escripta em estilo familiar.

Enforcado: não tem nobreza este termo, e deve-se usar de alguma frase; v. g. *morrer suspenso em um patibulo*, ou *de um laço* &c.

Engeitado: criança engeitada é mais proprio do fallar familiar que do elegante: diz-se *exposta*. Engeitado em outros sentidos não tem baixeza, v. g. viagem *engeitada*, serviço real não *engeitado* &c. porque o usou Jacinto Freire no Liv. 2. n. 92, e Fr. Bernardo de Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 25. col. 2.

Engulhos só se admitte na linguagem medica. Use-se de alguma frase decorosa, v. g. *inuteis esforços* da natureza para provocar vomito &c.

Engulir em sentido metaforico, significando *soffrer*, *simular*, e *occultar*, postoque se ache em Vieira no tom. 4. pag. 235, hoje só é proprio do estilo familiar, dizendo-se nelle *engulir odios*, enfados, afrontas, lagrimas &c.

Entrudo é certo que não se deve usar em composição, que não pertença ao estilo jocoso. Vieira por evitar baixeza, disse sempre *carnaval*, já com o exemplo de outros seus anteriores.

Enxadada sendo preciso dizer-se em discurso elegante, por evitar a baixeza, que provem deste termo popular, será melhor dizer *golpes da enxada*, como disse o Padre Vieira em um dos sermões de Cinza.

Enxergar, postoque seja verbo muito mais expressivo do que *ver*, não se admitte hoje em estilo grave, e apenas tem logar no familiar, não obstante os exemplos dos melhores Classicos que usavam delle em todo o discurso. Em seu logar valemo-nos de *discernir*, ou de *divisar*.

Escapulir: era na idade de João de Barros termo tão nobre, que usou delle este polidissimo historiador na Decad. 1. pag. 25. col. 4 significando com elle o fugir occulta, e apressadamente. Hoje é termo chulo, que só tem logar no jocoso.

Escarmento por *desengano* tem já raro uso por causa da nimia delicadeza de alguns criticos que estranham dizer o Padre Bernardes «tira da desgraça alheia *escarmento* proprio.» *Pão partido* pag. 227.

Escarneo não tem logar tão amplo no estilo elegante cómo tem *escarnecer*. Alguns com demasiado escrupulo fogem de usar delle, e dizem *irrisão*. Não duvidâmos em que seja termo mais seguro para evitar criticas.

Escarro: quando se faça preciso usar deste vocabulo, querem os cultos modernos que o orador se valha de alguma circumlocução decorosa, v. g. *purgação da boca*, quando *saliva* não poder ser synonimo; pois que rigorosamente o não é, mas sim de *cuspo*.

Escrofulas e não *alporcas* querem os modernos que se diga não obstante poderem-se defender com o Padre Vieira no tom. 7. n. 168 os que dissessem alporcas. A razão já a deixamos ponderada na part. 1.ª desta obra.

Esmagar tem pouca nobreza para se usar em estilo

elegante, e por isso são reparados aquelles oradores que se valem deste verbo ao traduzir alguns logares dos psalmos. Querem os criticos que nesta necessidade se use de alguma nobre circumlocução. Não sou tão reparativo, que concorde com os escrupulos desta critica.

Espetar especie de castigo que dão os turcos, e varios povos orientaes. E' mais nobre dizer *empallar*, por ser de páo agudo o espeto com que debaixo até á cabeça espetam ao miseravel, a quem igualmente se chamará *empallado.*

Estalagem não se diz, senão em estilo familiar, e sendo escripta neste caracter a Corte na Aldeia, ainda assim disse seu Auctor. « *Casa publica de agasalho aos passageiros.* » Vieira no tom. 8. pag. 175 por evitar fastidiosas frases, e baixeza no fallar, disse *diversorio*: hoje está introduzida a palavra *ostearia*; mas não a temos por termo oratorio antes só concedida no estilo, em que a usou Gaspar Barreiros.

Estrebaria é vocabulo da plebe: diga-se *cavallarice*, ou *estalla*, se for necessario em discurso sublime; pois que no familiar o disse sem necessidade D. Francisco Manuel, Cart. pag. 332.

Faca, e *facada*: em discurso sublime é mais nobre dizer *punhal* e *punhalada*, ainda que a ferida fosse verdadeiramente de faca. Porem ocasiões haverá em que será preciso por força de circumstancias não usar dos sobreditos synonimos, pois não se pode dizer v. g. com o *punhal* da meza [mas sim com a *faca*] matou ao convidado &c.

Fadario serve só para o estilo, em que o usou Lobo na Corte na Aldeia, Dialog. 5. pag. 412. Em Vieira não se encontra este termo, mas acha-se *fadar* no tom. 7. pag. 45.

Feder quasi em nenhum estilo se deve usar, se se exceptuar o jocoso. Use-se de alguma frase decente, v. g. cheirar mal, ou cheiro, que offende o olfato, ou exhalar um cheiro corrupto &c. Igualmente em vez de *fedor* e *fedorento* diga-se *fétido*.

Feiticeiro: é mais elegante dizer *mago*, *magico*, *encantador* &c. Do mesmo modo em logar de *feiticeria* diga-se *magica*, *encanto*, ou *fascinação*, segundo o pedir a propriedade. Porem no comico e familiar tem bom uso *feiticeiro*, e *feiticeria*, assim como *feitiço* em todos os estilos.

Femea por *mulher* dizia-se sem reparo em qualquer estilo nas idades dos nossos Classicos; hoje não se admite senão como correlativo de macho nos animaes, ou como termo *genealogico*, e forense.

Fradesco, não obstante ter servido este termo a Fr. Luiz de Sousa na gravidade do seu estilo, hoje não basta o seu exemplo porque o não quer o uso, e já Bluteau deixou escripto que deste vocabulo se usa em accepção de despreso.

Fralda do monte, é mais decoroso dizer *falda*, imitando a Vieira e Camões na Ode 7.ª, e Galhegos no Templo da Memoria Liv. 2. est. 133.

A furto querem que em algumas accepções tenha baixeza no estilo nobre, v. g. jornada *a furto*, casamento *a furto* &c. Será mais elegante, jornada *furtiva*, casamento *furtivo* &c., mas antes se diga *a furto* do que *ás escondidas*, porque é termo notavelmente humilde e censurado no Auctor da 6.ª part. da Mon. Lusit.

Gago, *gaguejar* e *gagueira* é só para o estilo infimo: em qualquer outro deve-se dizer *balbuciente* ou *tartamudo*, *balbuciar*, e *balbuciencia*, se bem que a estes dous ultimos termos não achamos exemplos classicos; po-

rem em tal caso menor defeito será usar delles sem patrono seguro do que fallar com baixeza em discurso grave.

Gallicado, sendo preciso por forçosa circumstancia usar deste termo, descubra-se alguma frase decorosa como v. g. *inficionado do humor* ou *contagio venereo* &c.

Garrote, morrer de *garrote*: é mais elegante dizer *de baraço*, ou *laço*, como se acha em muitos logares dos Sermões do Padre Vieira dizendo: afogado com *baraço*, e lançou-lhe o *laço* ao pescoço &c.

Golodice, postoque o usasse Vieira no tom. 2. pag. 337, não basta hoje o seu exemplo no estilo, em que elle o disse. E' termo que só tem logar no jocoso: no grave diz-se *golotonaria* e no familiar *golosina*.

Goloso tambem pertence ao estilo baixo: no elegante use-se de alguma nobre circumlocução, como fez o Auctor da Arte da Galantaria, dizendo. «Homem perdido por bons bocados &c. Tentado com manjares exquisitos &c.

Gota tem mais nobreza do que *pinga*: e assim deve-se dizer *gota* de agua, ou sangue ou vinho; *gota a gota* &c. e não *pinga a pinga* de agua, de sangue, e de vinho &c. Do mesmo modo é mais elegante dizer *gotejar* do que *pingar*.

Gritar tem baixeza em discurso sublime, e é melhor dizer *chamar*, ou levantar com vehemencia a voz &c. Dizemos isto por via de regra porque circumstancias haverá em que este verbo terá particular energia. Tambem se deve dizer *gritos* e não *gritada* que é termo antiquado, ou *gritaria* que é palavra popular, usada muitas vezes por Fr. Rafael de Jesus.

Guedelha era termo que nas idades dos nossos Classicos entrava em discursos graves e sublimes; e ainda Jacinto Freire deo este nome aos cabellos da barba que em-

penhára D. João de Castro. Hoje porem é vocabulo que não conserva a mesma nobreza, e só tem bom uso no fallar jocoso.

Gucla se achará muitas vezes em João de Barros; mas hoje no estilo em que elle escreveu, e muito mais no oratorio, querem os cultos que só se diga *garganta*.

Hombridade, por altivez varonil e nobre, tem bom uso no estilo em que D. Francisco Manuel escreveu a Carta de Guia de Casados, usando deste termo na pag. 117. Com tudo a critica não lhe nega alguma vez logar no discurso sublime, se o pedir a energia.

Impudencia é o synonimo que em estilo grave tem *desaforo* e *desavergonhamento*. Usou-o Vieira no tom. 4. pag. 11, e no tom. 3. pag. 476.

Inchação: querem os criticos modernos que se diga *inflação*; inchaço *tumor*; e inchado *tumido* ou *inflado*, que é não menos que de Barros na Decad. 3. pag. 226. Do verbo inchar, no sentido metaforico, por *desvanecer-se* póde o orador usar delle, com o exemplo de Vieira no tom. 5 pag. 54.

Indesatavel não é termo de que se valha o discurso grave, contra o parecer do Auctor do livro, *Escola das Verdades*, que o usou na pag. 149. Deve-se dizer *indissoluvel*, com os muitos exemplos de Vieira. Vid. tom. 5. pag. 261.

Investida. Por se tomar hoje este termo em accepção popular e quasi chula, sei de um critico muito erudito, que o censurou em certo elogio, servindo como termo militar. Nenhum culto haverá, por mais escrupuloso que seja, que approve esta critica, muito mais sendo o dito vocabulo usado por Jacinto Freire no Liv. 3. n. 21, onde diz: «Sustentou o inimigo o campo na primeira *investida*» &c., e não *acommettimento*, como o critico pertendia.

Jocoso: temos por mais nobre *jovial* e *facelo*: os bons antigos diziam *prazenteiro*. *Jocosidade*, de que muitos usam; é termo que não achamos em Auctor de boa nota, mas só o de *jovialidade* e *faccia*. Homem *gracioso*, por engraçado não se admitte em estilo grave, porque se tomará como termo de despreso.

Iscado e *iscar* são vocabulos de que se valiam os nossos Classicos em seus elegantes discursos, dizendo, v. g., *iscado* da peste em vez de *ferido*. Veja-se a Fr. Luiz de Sousa em muitos logares, e a Barros na Decad. 1, pag. 51. col. 2. Hoje porem apenas se admittem estes termos em estilo que não seja jocoso.

Labutar: não obstante o exemplo de Camões na canção 15, só tem hoje uso no estilo familiar: no grave diz-se *lidar*, *trabalhar* &c.

Lado tem mais nobreza do que *ilharga*, quando estiverem em termos de poderem ser synonimos. Na linguagem popular é muitas vezes *ilharga* termo bastantemente expressivo, e por não se perder a energia, deve-se usar delle; v. g., tem más *ilhargas* [isto é maus conselheiros]; arrebentava de riso pelas *ilhargas* &c.

Ladroice: serve este termo só para o estilo infimo: em qualquer outro deve-se dizer *latrocinio* ou *roubo*.

Lagrimejar no sentido metaforico e tambem no natural tem pouco uso em linguagem elegante. No familiar, em que Chagas escreveu as suas Cartas, poderá usar-se, como o usou este Auctor na Part. 2. pag. 288, dizendo *lagrimejar* os montes, por lançar algumas gotas de agua.

Lama: hoje só no genero de fallar infimo poderá não se estranhar: nos outros estilos deve-se dizer *lodo*, ou por frase *terra ensopada de aguas* &c. Tambem não se deve usar de *lamacento*, mas de *lodoso*, nem de *lama-*

çal ou *lameiro*, mas de alguma circumlocução decente, v. g., *lagoa lodosa* &c. Os exemplos dos bons antigos a favor destes vocabulos não tiram nesta parte os justos escrupulos aos cultos modernos.

Lamber é verbo que não conserva hoje em discurso elegante a nobreza que conservava quando Fr. Luiz de Sousa usou muitas vezes delle, dizendo: « *lambia-lhe* as chagas » &c. Hoje conformando-se com o paladar delicado dos criticos, diria *chupava-lhe* as chagas, ou limpava-lhe com a lingua as chagas, ou usaria de outros modos ainda mais nobres. Applicando-se este verbo a algum animal, então diz a mesma critica que não póde haver duvida no seu uso, com os muitos exemplos de Vieira. Nós temos estes reparos por excessivos, e não deixaremos de seguir nesta parte aos Classicos, especialmente usando deste verbo em sentido metaforico, porque então até a linguagem poetica o não recusa. Pelo contrario *lambugem*, sendo aliás do insigne Barros na Decad. 1. pag. 13, não o admittiremos senão no familiar e comico.

Largas: dar *largas*, isto é, muita liberdade a alguem, só tem bom uso no estilo familiar, como lho deu Chagas nas suas Cartas, dizendo: « As *largas* na pobreza » &c.

Latrina: usou Brito justamente deste termo latino no tom. 2. da Mon. Lusit. pag. 119, por fugir em estilo grave ao baixo vocabulo, a que no portuguez corresponde, o qual em nenhum discurso deve ter uso.

Lazeira por *pobreza*, se bem que tem a seu favor o exemplo de Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 229, o uso presente já o não admitte nem no estilo medio. *Lazerar* por *mendigar*, de que usou Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 169. col. 3. tambem não tem hoje logar em discurso grave.

Leigo, por falta de instrucção, é termo, de que hoje os nimiamente escrupulosos duvidam usar no estilo em que o usou Vieira, tom. 1. pag. 403. Não temos tanto escrupulo.

Lerdo: é certo que tem a seu favor a auctoridade não menos que de Vieira no tom. 3. pag. 346. col. 1.ª, e de Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 130. col. 3.; porém os que hoje só querem usar deste termo no discurso familiar tem a seu favor maior Classico, qual é o uso. Presentemente dizemos *inhabil*, *simples* e *rustico* &c.

Madre do rio: assim chamavam os nossos Classicos ao espaço de qualquer rio de margem a margem: annos ha que não vemos usado este termo por escriptores cultos; contentam-se com dizer em prosa *canal*, e em verso *alveo*.

Males [plural de mal] querem os criticos que em algum sentido abata a elegancia do fallar oratorio, e faça a oração indecente, porque *males* por antonomasia é a enfermidade gallica. E assim não approvam que hoje se diga, v. g., vou-me curando de meus *males*; cura-te de teus *males*; vivo consumido de *males* &c., tomando este termo na significação de *trabalhos*, *desgraças* &c. Temos esta critica por demasiadamente escrupulosa, não obstante ser de um dos escriptores mais cultos deste seculo, que illustrou com muitas obras de puriſsima linguagem a nossa Academia Real da Historia.

Mama é termo que dá muita baixeza a qualquer estilo, exceptuando o jocoso. O mesmo dizemos de *teta*. Por onde de nada valem os exemplos dos Classicos antigos, que diziam criança de *mamá*, dar de *mamar* &c. Hoje dizemos criança de *peito*, dar o *peito* ao filho &c., quando discorremos em estilo grave. *Teta* é proprio pa-

ra animaes, e não duvidam usar deste termo os poetas bucolicos.

Mancebia chamavam os nossos antigos Classicos a muitos mancebos juntos, sendo solteiros. Um exemplo nos occorre de Barros na Decad. 1, pag. 86. col. 4. Hoje a significação deste termo é totalmente contraria, perdendo a antiga innocencia.

Manhas: os antigos tomavam esta palavra em bom e em máu sentido, e como não era termo baixo, como hoje é, davam-lhe uso em todo o estilo: presentemente serve só para o familiar e jocoso, e sempre significando vicio ou defeito, excepto em alguma especial accepção, como v. g. «Tu *manhas* tens para conseguir o negocio» &c. Aqui val o mesmo que *esperteza*, *juizo* e *prudencia*.

Manjadoura, não obstante ter a seu favor os exemplos de alguns oradores, hoje tem-se por termo humilde para o pulpito, servindo em discurso ao Nascimento de Deus Menino: deve-se dizer *presepio*.

Mantença é hoje palavra popular que já se não admitte em linguagem elegante, como a admittia na vida de Fr. Luiz de Sousa, que muitas vezes usou della na sua elegantissima Historia. Porem o verbo *manter* se ainda não perdeu o seu uso em qualquer estilo.

Maranha: de termo grave que era algum dia, usado por Fr. Bernardo de Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 158. col. 2. na significação de *astucia*, passou hoje para vocabulo popular e jocoso, e que em nenhum outro estilo deve ter uso.

Mastigar palavras. Este modo de fallar é hoje admittido só em composição familiar, tem que baste ter usado delle o Padre Vieira, dizendo: «Palavras que pronunciavam ou *mastigavam* a seu modo». *Xavier dormido*, pag. 165. col. 1.

Matraca [por *espanta*]. Justamente é accusado o Auctor do chamado poema da *Insulana*, usando deste termo no Liv. 4. est. 88, e no 3. est. 118, quando no seu tempo já delle se não usava, por ser palavra indigna de prosa grave, quanto mais da linguagem poetica.

Mão por *mediano* não tem bom uso em composição elegante, e muito menos em poesia, de cujo defeito é reo Manuel Thomaz na Insulana Liv. 5. est. 136.

Membro: querem alguns criticos, que mais esquadrinham, maliciosas equivocações de palavras, que seja este termo menos decente no singular que no plural, quando se usa delle sem especificar que membro seja.

Mensegem é termo mais nobre que *recado*, o qual só tem bom logar no genero epistolar, comico &c. *Mensagem* é de Jacinto Freire na pag. 156.

Meretriz ou *prostituta* são os termos decentes com que, á maneira de Vieira em muitos logares, deve o escriptor grave declarar o officio da mulher que faz venda o seu corpo a muitos. Ao bairro onde vive tal gente devemos chamar *lupanar*.

Mimos ou *carinhos* tem mais nobreza em discurso grave do que *meiguices*, que só póde ter algum uso no familiar, especialmente applicando-se a mãi afagando o seu filhinho.

Mingoadas [horas ou annos] posto que tenha a seu favor a autoridade de Vieira em diversos logares, comtudo hoje é termo que pertence mais ao genero familiar e comico.

Miolos tem ainda menos nobreza do que *miólo*. Os nossos antigos Classicos usavam deste termo em todo o estilo, porque então não era popular, como é hoje. Diga-se *cerebro*, se o pedir o sentido, e se não use-se de *le-*

ou deu-lhe *opio*; mas diz *receitou-lhe opio*, ou *mandou-lhe tomar opio* &c.

Orates. Casa dos *orates*. Querem os cultos modernos que se reserve para o comico, familiar, e jocoso, e não para o caracter grave, e oratorio; não obstante o exemplo de Vieira no tom. 10. pag. 306. col. 1.; porque este orador por conta da summa auctoridade do seu magisterio e dos seus annos usava de vozes e modos de fallar, de que certamente não usaria em sua mocidade.

Orelha apesar da apologia de Manoel de Faria por esta palavra ao commentar a est. 6. da Canc. 9. de Camões, não querem hoje os polidos, que se use deste termo em alguns modos de fallar, de que estão cheias as obras dos nossos Classicos. Por exemplo, não admittem que hoje á imitação delles se diga. *Orelhas* divinas ou reaes; applicou as *orelhas*; deu-me benignas *orelhas* &c. mas pertendem justamente que em taes accepções se diga sempre *ouvidos*.

Outiva fallar de *outiva* &c. Já Duarte Nunes de Leão no cap. 19 do seu livro *Origem da Lingua Portugueza* chama plebea a esta fraze. Hoje ainda a soffremos no estilo familiar, e comico; porem no elegante deve-se usar de alguma circumlocução, que não tenha baixeza, v. g. fallar sem reflexão &c.

Palrador por *loquax*, ou fallador, e *palrar* por fallar com muita loquacidade, é certo que não são termos, que pertençam á linguagem elegante, como antigamente pertenciam, usando até Camões do verbo *palrar*, e de *palreiro* o Auctor do poema Insulana, podendo dizer *garrulo* em boa linguagem poetica.

Pancadas é termo, para o estilo humilde; no grave deve-se usar de alguma frase nobre; v. g. *golpes de páo, de bastão* &c.

Pareds em nenhum estilo se deve usar: imitaremos por decencia a linguagem medica, dizendo *secundinas*. Tambem já hoje não tem uso na significação de *tributo*, especialmente em discurso tal, como o em que o usou Vieira no tom. 3. pag. 92.

Parida, mulher parida, diga-se *mulher de parto*, porque é modo de fallar menos popular; assim como *pejada* é mais decente, do que dizer *prenhe*, ou *prenhada*, como diziam os antigos. Com tudo nenhum destes termos approvamos no caracter sublime; pois que apenas admitte o verbo *parir*, querendo que se diga *dar á luz*, se é que houvermos de estar pela sentença de alguns criticos modernos.

Parola e *paroleiro* são termos que não merecem censura, usando-se delles no estilo, em que os usou o polido Auctor da Corte na Aldea, pag. 178 e 186.

Partes; boas *partes*, em vez de boas *qualidades* ou prendas pessoaes, ou dotes da natureza, é modo de fallar, que já começa a desagradar aos escrupulosos em delicadeza, que fazem estudo em envenenar palavras.

Parvoice; apenas ha estilo em que hoje se soffra este vocabulo, exceptuando o jocoso. Diga-se *fatuidade*, ou *inepcia*, ou estulticia, termos que não são destituidos de exemplos seguros.

Peçonha, e *peçonhento* foram vocabulos de que usou Vieira. Hoje quem não tiver tanta auctoridade, como elle, deve dizer [fallando em estilo oratorio] *veneno*, e *venenoso*, se quizer agradar aos delicados ouvidos da critica inexoravel.

Pedreira por *valia* só se admitte em discurso grave, para formar algum nobre equivoco, qual foi o que disse Vieira com felicidade no tom. 1. pag. 669.

Pejado por modestamente envergonhado não tem lo-

gar tão nobre em composição grave, como tinha em outro tempo, e tem ainda hoje *pejo*, de que é composto. Tambem na significação de *embaraçado* tem só uso no fallar popular, não obstante achar-se em Barros na Decad. 2. pag. 190.

Piolho; pode ser preciso em assumpto grave ou ainda em qualquer outro estilo usar deste tesmo, e como a sua vileza não lhe dá logar a entrar em composição de qualquer caracter, que ella seja, merecerá muito louvor aquelle escriptor, que souber dar nobreza a este vocabulo por meio de alguma frase decorosa; v. g. *asqueroso insecto*, *molesto companheiro dos pedintes*, ou outras semelhantes que não deixarão de lembrar a um engenho fecundo. E' com rasão censurado um moderno escriptor de uma vida de certa religiosa do Convento de Santa Anna desta cidade, dizendo della, que por grande mortificação comia *piolhos* &c.

Podre e *podridão* não tem defensores entre os cultos modernos como o tem entre os antigos. Não sabemos que haja outra rasão mais que o tiranno despotismo do uso, que quer se diga *corrupio* e *corrupção* ou *putrefacção* &c.

Poeira tem boa logar no estilo familiar, e ainda no medio; porem no sublime sempre se deve dizer *pó* com o epitheto que a necessidade pedir.

Porco e *porca* não entram no discurso polido. O Padre Vieira, veado se precisado a fallar deste animal, usou de varias frases sempre decorosas ao estilo, em que fallava. Por conta da mesma decencia, que pede a linguagem elegante não quer a critica, que se diga *porco montez*, mas *javali*, nem *porco* na significação de *sujo*, mas sim *immundo*; nem *porqueiro*, mas *guardador do gado immundo* &c.

Porta traseira chamavam sem reparo os nossos an-

tigos á porta falsa, que fica por detraz da casa, e ainda Bluteau não teve difficuldade de usar deste termo; porem já Vieira por evitar baixeza no fallar disse *porta travessa*.

Posilga é termo plebeu, indigno de se ler, como temos lido em escriptos graves, segundo nos ensina Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres pag. 211, onde adverte *choupanas* (por não dizer *posilgas*.)

Potro (antigo instrumento de atormentar aos martyres e tambem aos facinorosos.) Achamos com pouca nobreza usado este termo em obras de elegancia. Os antigos classicos diziam *cavallete* e Vieira por fugir á indecencia, disse *eculto*, como já mostramos em outro logar.

Praga é mais nobre dizer *imprecações*; mas occasião haverá em que o admitta o fallar sublime. *Praguento* é que é inteiramente vocabulo particular, não obstante achar-se em Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 196. col. 2.

Preguiça pertendem alguns cultos, que esta palavra convenha só ao estilo familiar, ou quando muito ao medio, e que no sublime se diga por frase. «*Negligencia no que ha obrigação de fazer*, ou outra semelhante circumlocução. Tenho especies de que Vieira disse *accidia*.

Privada por *valida* tem a seu favor todos os Classicos, assim como *privança* por *valimento*, mas hoje como lhe deram significação indecente, não se admitte, senão no jocoso, como fez Antonio Serrão de Castro em um Romance ao Carnaval.

Punhada é vocabulo da plebe, de que não querem usar os cultos modernos em discurso elegante. Usam de alguma frase decente, v. g. *golpe de punho*, ou *de mão cerrada*, ou outra semelhante.

Pustula. Deve-se usar com os exemplos de alguns

Classicos deste termo latino, para evitar a baixeza, que ha no de *bostela*.

Quebra no sentido literal não tem tanta nobreza, como *rotura*: no metaforico significando *perda* ou *damno* em todo o estilo tem bom uso. *Quebrado* por *desavindo* pertence mais ao discurso familiar, que ao elegante. Na significação de *quebrantado* de trabalho tem a seu favor não menos que a Jacinto Freire na pag. 152. No significado de *fallido* não lhe faltam bons exemplos. *Quebradura* por achaque querem os criticos, que o escriptor grave peça aos medicos emprestado algum termo decente; v. g. *hernia intestinal*.

Quebranto: sendo preciso usar desta palavra em linguagem elegante diga-se *fascinação*; na familiar póde-se dizer *olhado* ou *quebranto*.

Quitar por *impedir* não agrada hoje aos criticos nimiamente escrupulosos; pois que para usarem deste verbo em composição grave não lhes basta o exemplo de Vieira no tom. 1. pag. 43.

Rabo de animal. Nas idades de mais innocencia para a nossa lingua usava-se deste termo sem nota de indecente: hoje só no jocoso se deve usar, e no serio ha de se dizer *cauda*; mas de modo que não haja affectação. Fuja-se de varios modos de fallar, que tem a nossa linguagem, nos quaes entra a palavra *rabo*, porque sempre fazem baixeza em todo o estilo, que não for jocoso; v. g. deitar-lhe o *rabo do olho* &c.

Raiva com o seu verbo, e compostos são termos, de que fogem hoje em estilo elegante os escriptores escrupulosos, não obstante os exemplos de Vieira. Querem que se diga; v. g. *ira impetuosa*, *furor*, *furia* &c. escolhendo-se destes vocabulos o que approvar a propriedade.

Ralhar e *ralhos* servem para o familiar, e comico:

para o grave e elegante usem de alguma frase, que não se opponha á gravidade, e elegancia; v. g. *fazer vãs ameaças* &c. ou *palavras vãas soberbamente proferidas* &c.

Rebotalho: todos sabem que é voz plebea, que só mente terá logar no comico. Em discurso serio deve-se dizer *refugo*.

Recebimento por *casamento* é mui proprio no estilo familiar; mas no grave tem este vocabulo alguma baixeza, e será mais nobre dizer *bodas*, *nupcias* ou *desposorios*. Sirva *recebimento* para o acto de receber visitas, ou para a recepção de principes em alguma cidade.

Retuar querem os modernos que seja verbo proprio só para bestas, e *retroceder* para homens. *Tornar para tras* é modo de fallar, que hoje convem mais ao discurso humilde, que ao elevado.

Redór [adverbio] tem bom uso no estilo familiar, e medio; no sublime será mais nobre dizer; v. g. com o exemplo de Jacintho Freire na pag. 46. « Tinha *em torno* humas letras antigas » &c. do que dizer, tinha *em redor* &c. Quem tambem dissesse *á roda*, teria em sua defensa aos melhores Classicos.

Regatear favores e honras por *difficulta-las* ou concede-las com difficuldades parece a muitos verbo pouco elegante, e só proprio da linguagem familiar. Se valem em tudo os exemplos classicos, nenhuma rasão tem estes escrupulosos.

Remeloso não basta o grande exemplo de um Vieira no tom. 7. n. 168. para se usar hoje deste termo em estilo semelhante ao que pediam os seus Sermões. Reserve-se para o comico e satyrico.

Requebrado por *amante*, usou-o Fr. Bernardo de Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 63. col. 3. porem nenhum culto historiador desta idade se quererá valer do

exemplo. No estilo familiar e comico pode ter bom uso, como o tem *requebrar*, e *requebros*, termos usados por D. Francisco Manuel em sua Carta de Guia, pag. 88 verso e pag. 116. Em poesia lirica ainda estas palavras tem logar mais proprio; porem tal será a occasião, que até não as regeite um discurso grave, e oratorio. *Requebros* como termo musico, v. g. *requebros* da voz, em toda a composição será palavra elegante.

Retrete, de que usavam no seculo passado escriptores polidos em discursos graves, significando *aposento secreto*, já no tempo de Francisco Rodrigues Lobo era termo indecente, por se lhe ter apropriado uma vil significação. Veja-se a Corte na Aldea Dialog. 9. pag. 87. onde diz. «Servidor já se passou das Cartas para os *retretes*» &c.

Reves [ao revez] menos baixeza tem do que *ás avessas*; porem o seguro será usar em assumpto grave de alguma circumlocução mais nobre; v. g. succedeo isto *ao contrario* do que se esperava &c. e não *ao reves*, ou *ás avessas*.

Risadas é termo, que hoje os polidos não querem admittir senão no comico, no familiar, e no satyrico. No grave dizem — *Riso solto*, *descompassado*, *estrondoso* &c. *Caquinada* serve só para o jocoso, do mesmo modo que *riso á boca cheia*.

Ronca por *grande valente* tem a seu favor o exemplo de Vieira, que no tom. 10. pag. 119 não só usou deste vocabulo, mas tambem do de *valentão*. Hoje porem nenhum orador tomará tal liberdade, e da-la-ha só aos escriptores comicos satyricos ou graciosos. Muito menos usará de *roncar* e *barbatear*, em vez de *jactar-se com arrogancia*, porque o acha no mesmo Classico, tom. 2. pag. 133. Tanto é o escrupulo dos criticos modernos no

uso destes termos em assumpto grave, que nelle nem quenem dizer *roncos do mar*; mas sim *brancidão*, ou outra vos metaforica de igual nobreza. E demasiada impertinencia. *Ruço* não é epitheto, que se applique a homem, cujos cabellos se tornaram em cans, ou que começam a embranquecer. Admitte-se porem no estilo familiar, e muito mais no satyrico, e jocoso.

Ruma por grande quantidade de cousas amontoadas ou umas sobre outras, pertence hoje só ao vocabulario das palavras familiares, não obstante ter dito o Padre Vieira no Sermão da Visitação, prégado na Bahia. « Aquellas *rumas de façanhas* » &c.

Saltabilis é termo mais decente ao orador do que *dançadeira* ou *bailadeiras* ou [como hoje dizem] *dançarina*; assim como *sarão* é vocabulo mais nobre do que *baile publico*. Quem quizer exemplos busque os nossos bons oradores antigos; onde fallaram da filha de Herodias.

Sevandija por *insecto asqueroso* pode-se usar em discurso familiar, e jocoso, mas muito mais no satyrico. No grave não tem hoje os defensores, que tinha em outras idades, assim no sentido natural, como no metaforico.

Simo pelo cume de alguma altura tem logar em todo o discurso, que não pertencer á linguagem sublime. Muitos querem, que se pronuncie *cima*, porem nós amos *simo* nos discursos varios de Severim pag. 100.

Siso em logar de *juizo* raríssima vez poderá ter logar decente no caracter sublime. Em qualquer outro estilo não se pode reparar com razão no uso deste vocabulo. O mesmo dissemos de varios modos de fallar, em que entra este termo; v. g. perder *o siso*, de que usou baixamente na sua Epopea Francisco de Sá de Menezes Liv. 3. est. 99: *de siso* em logar de *seriamente*, e outros semelhantes modos.

Sobejidão por *sobejo*, ou superflua abundancia de alguma cousa, se bem que o nosso Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 124. col. 2., e Lobo na Corte na Aldeia, Dialog. 7. pag. 145, hoje só se admite em linguagem popular. *Sobeja* por *demasiado* ou excessivo ainda parece que póde sofrer-se hoje em estilo grave, pois que até foi usado pelos nossos melhores epicos, dizendo *sobeja dor*, *valor sobejo* &c.

Sodomia e *sodomita* não são termos que entrem hoje em discurso oratorio. Os mais cultos dizem por antonomasia o *peccado nefando*, e o *peccador nefando*, ou *homem pelo vicio descendente da nefanda Pentapolis*, como decorosamente disse em suas Prosas o Padre Bluteau.

Sofrego e *sofreguidão* tem bom uso no estilo em que o usou Francisco Rodrigues Lobo na Corte na Aldeia, Dialog. 8. pag. 171, e Dialog. 12. pag. 249. Em discurso mais elevado não póde ter logar, que não abata a oração.

Sujar, *sujidade* e *sujo* são termos em que não reparavam os nossos antigos, não digo eu já em discurso popular, mas tambem em grave. Hoje pede a elegancia que se diga *manchar*, *immundicie*, e *immundo* ou *sordido* em qualquer estilo que não for jocoso ou satirico.

Tamanho por *tão grande*, não obstante ser de todos os Classicos, duvidam os escrupulosos de usar delle no genero sublime, por se ter feito mui popular este termo, passando dos poetas para a plebe. Parece-nos desnecessario este escrupulo, e o mesmo parece tambem a muitos modernos, usando deste vocabulo sem receio de abater a oração elegante.

Tanger instrumentos musicos &c. Entram já alguns criticos a terem por indecente o uso deste verbo em linguagem elegante, não obstante ter a seu favor todos os

Classicos, desde João de Barros até o Padre Vieira, não sentindo deformidade alguma em dizerem *tanger o instrumento*, e *tanger a viola* &c. Em muitas cousas é demasiadamente escrupulosa a critica de alguns modernos.

Teso por *aspero*, severo, ou constante em condição ou proposito, tem hoje uma baixeza indecente, que não tinha em idades menos maliciosas, as quaes sem reparo diziam em discurso grave = Juiz de grande *teson* no administrar a justiça, = Religioso de espirito *teso* para não afrouxar em penitencias = &c. &c. Estes exemplos são de Barros e de Fr. Luiz de Sousa. Hoje porem de nada valem, porque assim o quiz o uso, que para envilecer palavras serve a malicia alheia. O adverbio *tesamente* é o que hoje conserva menos baixeza, e se póde usar em composição familiar.

Talo, *tolice*, e *tolamente* não temos que se admittem no comico, familiar e jocoso: no grave e serio deve-se dizer *decão* ou *fatuo*, *fatuidade* ou *necedade*, *fatuamente* ou *necciamente*.

Torto: só no satirico não terá baixeza. Sendo preciso usar-se deste termo em assumpto que pega gravidade, use-se de alguma circumlocução, ou diga-se: *homem de olhos atravessados*, ou *de olhar obliquo*, ou *de vista em tortos*, como diziam os antigos. Para o estilo jocoso é que se podem descubrir frases muito engenhosas.

Tragador não é absolutamente vocabulo humilde em estilo elegante; porem tem mais nobreza *devorador* e *voraz*, especialmente em poesia; e por isso a critica frenetica, não approvará [mas sem razão] nos versos de D. Francisco de Portugal um que diz: *do tempo tragador, qual buitre a Ticio* &c. Tambem em sentido metaforico é pouco nobre *tragar* por soffrer com paciencia; e por isso é censurado o Auctor do tom. 7. da Mon. Lus.

vit. por dizer na pag. 320: «O rei de Castella, que não podia *tragar* este casamento &c.

Traque, especie de foguete, não tem logar senão no jocoso; e com rasão é censurado o Auctor da Vida de S. João de Sahagum, por usar deste termo na part. 2. pag. 106 verso. *Traquejar* por *perseguir* é verbo que só no jocoso não aboliu o uso, sendo aliás não menos que de João de Barros na Decad. 1.ª pag. 15. col. 2.

Trastes de casa: admite-se em assumpto familiar; no elegante deve-se dizer *moveis*, *alfaias* ou *adorno* da casa, não obstante *trastes* significarem alfaias de menos conta. Com a auctoridade de D. Francisco Manuel nas Epanaphoras, pag. 111, póde-se usar de *utensilios*, se der licença a critica severa, pois que este termo só significa em rigor os moveis de guerra, que pertencem ao soldado.

Treta em sentido metaforico por *subtileza* e artificio não tem logar decente no estilo em que devia fallar o poeta que escreveu a Vida de S. João Evangelista, usando deste termo mais comico que epico, quando disse: «Mil *tretas* arma ao outro accommettendo» &c. Melhor dissera *traças*.

Tripas é vocabulo que não conta a linguagem elegante, e pede emprestada á da medicina a palavra *intestino*.

Trisavô e *trineto* não tem hoje a nobreza que tinha quando os usavam os nossos Classicos. Diz-se em composição grave: 3.º *avô*, 3.º *neto* &c. Deveriam estes vocabulos tornar a resurgir, e usar-se delles, já que dizemos *bisavô* e *bisneto*.

Valentão já não tem uso senão no jocoso, e justamente é estranhado o Corvo por chamar a Deus *Valentão*, nas suas Observações Medicas, pag. 281. Se dissera *campeão*, usaria da palavra decente que convinha á séria materia que escrevia.

Valhacouto sim póde ter uso em discurso grave com o exemplo de Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 347; porem será hoje muito mais culto usar de *asylo* ou *refugio*, e guardar *valhacouto* para o estilo familiar e ainda para o comico.

Valia é termo mais nobre em composição elegante, do que *padreira*, palavra que tem hoje muito de popular; não obstante os diversos exemplos classicos que a podem deffender.

Vexame é voz popular, e não lhe achamos exemplos seguros para se poder usar em obra que não seja jocosa; Os cultos dizem *vexação*.

Vivenda por *domicilio* tem bom uso em todo o estilo que não for o sublime, e por isso é censurado o auctor do *Affonso Africano*, usando deste termo popular em uma epopea.

Vomitar é vocabulo que tem os melhores exemplos, assim na prosa como no verso; mas a critica desta idade é tão delicada, que recommenda se fuja deste termo o mais que puder ser na linguagem elegante, excepto no sentido metaforico, porque nelle, commummente fallando, conserva este verbo mais alguma nobreza. *Vomito* ainda é palavra mais popular.

Talvez desejaria o leitor principiante mais copioso numero de vocabulos, mas estes foram os que nos occorreram para satisfazer ao reparo do critico nosso amigo. E' certo que ha outros muitos termos e modos de fallar em o nosso idioma, que raro ou nenhum uso devem ter no estilo magestoso, oratorio e sublime; mas se de todos elles quizessemos fazer menção, não bastaria para elles só este livro. Apontámos os que nos lembraram, e os que omittimos, esses lembrará ao leitor a lição dos bons livros modernos, e a pratica com as pessoas mais cultas na Lingua.

Advertidamente não quizemos fazer menção de termos infinitos, que claramente são tidos por populares, comicos, jocosos e chulos, porque não quizemos encher papel com cousa que não ignoram nem ainda os mesmos escriptores principiantes. Estou certo que nenhum haverá que não fuja do uso de taes vozes em discurso grave e elegante; e quando ao compor succeda cahir nelles por inadvertencia, depois ao limar peze com toda a reflexão se o tal vocabulo, ou fraze, ou modo de fallar são ou não decorosos, isto é, sem baixeza, por serem muito populares, ou se despertam algumas ideas sordidas, impuras e satiricas; e no caso que assim seja, cuide em emenda-los de modo que não fiquem sujeitos á moderna critica, que em todos os escriptos quer que não falte aquella cultura e polimento que Cicero tanto recommendava no seu idioma.

REFLEXÃO 6.ª

Illustração á Reflexão 3.ª *da* 2.ª *Parte, que trata dos nomes que tem commum de dous o seu genero &c.*

Satisfeita a critica do nosso amigo, pelo que respeita á 1.ª Parte deste Tratado, resta agora pelo que toca á 2.ª satisfazer a novos reparos ou escrupulos. Visto concedermos na Reflexão 3.ª genero commum de dous a alguns nomes, pertende elle que o provemos com exemplos classicos, para que os principiantes saibam os defensores que tem ao usar de qualquer dos ditos generos, sem os obrigar a folhear Auctores, que talvez não terão.

Satisfazendo a este reparo, dizemos que a palavra *tribus* se acha em Vieira tantas vezes com o genero feminino como com o masculino. No tom. 2. pag. 44 se encontra: « Ministros maiores *das* doze *tribus*. » No mesmo tom. pag. 121 diz: « Porque *das* doze *tribus*. » Ibidem, pag. 852 se acha: « Concorreram *as* doze *tribus*. » &c. Pelo contrario no tom. 3. pag. 108 lhe dá o genero masculino. Item no tom. 6. pag. 136 cum seq. se acharão muitos exemplos; porem muitos mais nos tomos do Rosario, que passam entre os criticos pelos que foram escriptos em mais pura linguagem.

Tambem de *espinhos* e *espinhas* são no mesmo Classico iguaes os exemplos. No tom. 2. pag. 12 lemos: « Uma rosa entre as *espinhas*. » No 6. pag. 74 disse: « Tira do panno cheia de *espinhas* » &c. Em fim leia-se o tom. 2. dos Sermões do Rosario, que se enfastiará o leitor de contar exemplos deste vocabulo feito feminino. Mas tambem em outros tomos o achará muitas vezes masculino. No tom. 2. pag. 232 disse: « Corôa de *espinhos* »: em fim são tantos os exemplos, que por muitos nos dispense o leitor do trabalho de os copiar.

Catastrofe fazem hoje todos os modernos do genero feminino. Não nos oppomos ao uso; só dizemos que Vieira dizia *o catastrofe*. Alem de outros logares veja-se o do tom. 2. pag. 271, onde diz: « Tal foi o maravilhoso *catastrofe* » &c.

Apostrofe, a que hoje dão quasi todos o genero masculino, deu Vieira o feminino, tom. 2. pag. 35, dizendo: « Fazendo uma *apostrofe* a Theodosio » &c.

A *Hiperbole* umas vezes deu o genero masculino, outras o feminino, subintendendo a palavra *figura*. No tom. 4. pag. 202 disse: « Falla Seneca *da hiperbole* tão

usada» &c. Exemplos de o fazer masculino ainda são mais frequentes.

Fenix: pertendem hoje muitos cultos que se lhe dê o genero masculino; e com effeito assim o usam em seus escriptos. Porem nós em Vieira o achamos sempre com o genero feminino, subintendendo a palavra *ave*. Veja-se no tom. 4. só a pag. 450; e achar-se-hão tão multiplicados exemplos, que por muitos não transcrevemos.

Torrente: quasi que ninguem ha hoje que faça masculino a este termo, quando os Classicos quasi sempre lhe deram este genero. Vieira no tom. 5. pag. 16: «Vistes o *torrente* formado» &c.

Diadema: palavra a que nenhum culto moderno quererá dar o genero feminino, deu-lho Vieira em muitas partes. Lembra-nos que no tom. 10. pag. 500 se acha duas vezes: «Tirou da cabeça *a diadema*» &c.; se Christo tirára *a diadema*» &c. O mesmo se acha sempre no poema *Ulyssipo*.

Fantasma: parecerá a alguns cousa estranha dar a este termo o genero masculino: pois saibam que lho deu Vieira no tom. 10. pag. 356. «Por meio de *um fantasma* cahido da forca.» Não é unico este exemplo.

Personagem: com alguns exemplos que não são da infima nota dão muitos modernos a este nome o genero masculino, imitando aos castelhanos; porem em Vieira ainda lhe não achámos senão o feminino. No tom. 2. pag. 217 diz: «Todas *as grandes personagens* das tres jerarchias» &c. No 5. pag. 226: «Convidou *as maiores personagens* do seu reino» &c., e na pag. 489: «*Personagens feridas e despedaçadas*» &c. No 7. pag. 222: «Comparando-o *ás maiores personagens* do mundo» &c. Veja-se tambem o tom. 10 pag. 486, e 494 col. 2.

Domingo e *dominga* tem sua differença. Como termo ecclesiastico é do genero feminino, e diz-se *Domingas* e não *domingos* da quaresma: resar da *dominga* e não do *domingo* &c. Como termo privativo dos seculares é do genero masculino, e diz-se: ouvir missa ao *domingo* e não á *dominga*: trabalhar ao *domingo* e não á *dominga* &c. De maneira que os ecclesiasticos dizem sempre *domingas* do anno, e os seculares *domingos*. Por sabida de todos escusada era esta Reflexão, mas servirá para os estrangeiros que não quizerem errar em a nossa linguagem.

REFLEXÃO 7.ª

Em que se addicciona a Reflexão 4.ª da 2.ª Parte que trata dos superlativos.

Nesta materia pouco nos resta que acrescentar. Diremos só que o Padre Vieira no tom. 3. pag. 17. fez de *supremo* o superlativo *supremissimo*, e no tom. 4. pag. 51. duas vezes de *immenso* formou *immensissimo*. Talvez que tentado com estes exemplos é que se animou um academico real da nossa historia a usar arrojadamente do superlativo *unissimo*. Os modernos criticos estranham como barbaros e improprios taes superlativos; porem se Catão disse *perpetuior*, e *perpetuissimus*; Cicero *infinitior*; Seneca *proximior*; e Ovidio *vacuissimus* &c. Porque se ha de extranhar a um Classico como Vieira que use tambem da suprema auctoridade do mestre?

Não nos esqueceremos tambem de dizer, que frequentemente ouvimos formar superlativos de outros superla-

tivos, v. g. de *grandissimo*, *grandississimo*; de *importunissimo*, *importunississimo*; de *bonissimo*, *bonississimo* &c. Não se devem admittir estes excessos, senão no estilo jocoso, em que o mesmo errar é uma graça elegante, á maneira dos antigos comicos, em quem se acha *pessimissimus*, e *minimissimus*. Em qualquer outro estilo dar-se-ha por erro.

Advertimos por ultimo, que só tambem no jocoso, no familiar, e no satyrico é que devem ter uso aquelles nomes, que com a terminação em *ão* ou em *asso* tem força de superlativos, como v. g. *altarrão*, *velhacão*, *poetasso*, *gigantasso* &c. Damos esta advertencia, fallando por via de regra, porque occasiões haverá, em que estes termos augmentativos terão bom logar em discurso grave, assim como o tem alguns diminutivos em *ete*, [que costumam servir só para o jocoso, e satyrico] como v. g. *reisete*, de que usou Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 155. em logar de dizer *reisinho* ou *pequeno rei*.

REFLEXÃO 8.ª

Addiccionamento á Reflexão 9.ª da 2.ª Parte.

De varios descuidos na Reflexão 9.ª nos argue o critico nosso amigo. Censura-nos primeiramente ter-nos esquecido nella o verbo *hir*, devendo fazer-se delle especial memoria; pois que são raros os que acertam na conjugação da primeira pessoa do plural no indicativo.

A verdade é, que communissimamente se conjuga *nós vamos*, *vós hides*, *elles vão* &c. devendo-se dizer *nós*

himos, e guardar o *vamos* para o imperativo &c. Como sei, que a muitos se faz estranha esta linguagem, apontaremos de Vieira mais exemplos do que é nosso costume. No tom. 2. pag. 137. « Já *himos* no terceiro movimento » &c. No tom. 3. pag. 57. « Nós *himos* pelos passos de Christo » &c. No tom. 4. pag. 528. col. 3. « Nós *himos* em serviço da fé » &c. e na col. 2. « Nós somos os que *himos* a servir a elles » &c. No tom. 5. pag. 21. « Todos *himos* embarcados na mesma náo » &c. Item pag. 338. « Em bem clara prova do que *himos* dizendo » &c. No tom. 6. pag. 288. « Todos *himos* caminhando para a futura » &c. Item, pag. 499. « Devoção que ategora *himos* louvando » &c. Item, pag. 539. « *Himos* áquella portaria » &c. Item pag. 542. « Nos *himos* dispondo, e habilitando » &c.

O segundo reparo do critico é não termos fallado nada sobre a natureza de alguns verbos, de que usa Vieira por modo diverso do que praticam alguns modernos. Nesta materia não poderemos satisfazer com extensão ao amigo, porque é ponto em que não temos feito particular observação. Com tudo escreveremos o que nos occorrer, que por pouco que seja, não deixará de ser util ao escriptor principiante.

No uso do verbo *arrastar*, diz-se commummente *arrastando-se*, e Vieira dizia *arrastando* sem a particula *se*. Veja-se além de outros logares o do tom. 2. pag. 18. onde diz. « Uns *arrastando*, outros sem pernas, outros sem braços » &c.

Ao verbo *assentar*, querem muitos, seguindo a D. Francisco Manuel, que se ajunte sempre que significar *resolver* os termos *comigo*, *comtigo*, *comsigo*; porem do contrario são muitos os exemplos em Vieira. « Depois de *assentar* que a maior obra de Julio Cesar » &c. tom. 2. pag. 32.

O verbo *partir* na sua significação passiva erradamente conjugam muitos: eu *parti*, tu *partiste*, elle *partiu* &c. devendo conjugar: Eu *parti-me*, tu *partiste-te*, elle *partiu-se* &c. para assim imitarem no grande mestre Vieira, que em todos os tempos sempre acrescentava a particula *se*. « *Partindo-se* Christo para o Ceo » &c. tom. 2. pag. 109.

No verbo *sobir* diz-se commummente *sobir pela parede*, *sobir ao monte*, e Vieira dava-lhe caso activo dizendo *sobir a parede*, *sobindo o monte* &c. Veja-se o tom. 2. pag. 280. Os modernos, que não fallam assim, não procedem com coherencia, porque dizem *sobir a escada*, e não *pela escada*.

Ao verbo *callar* acrescentam quasi todos as particulas *me*, e *se*, dizendo *callo-me*, *calle-se* &c. Em Vieira pelo contrario acho mil exemplos, em que diz *callo*, e *calle*; *calleva*, *callavam* &c. No tom. 2. pag. 349. « No consistorio de Deus os interessados *callam*, [e não *callam-se*, como hoje se diz.] No tom. 3. pag. 70. « Se elle *callar* como costuma » &c. Item, pag. 267. « Aprenda, e *calle*. No tom. 4. pag. 202. « Assim *callou* o maior prégador do Mundo &c. Item pag. 312. « Deus lhe mandou que *callasse* &c.

Gozar: sempre os Classicos ao caso deste verbo acrescentavam a preposição *da*, ou *de*, ou *do*, dizendo, *gozar do Ceo*, *da gloria*, *de delicias*; e não [como hoje escrevem muitos] *gozar* o Ceo, a gloria, as delicias &c.

REFLEXÃO 9.ª

Em que se discorre sobre o uso de algumas particulas, que se ajuntam a verbos e nomes.

Por occasião da reflexão passada nos occorreo discorrer um pouco em serviço do escriptor principiante sobre o uso errado, que muitos dão a algumas particulas, que acompanham aos verbos em suas conjugações, e aos nomes em suas declinações. Alguns criticos superficiaes, e que dos nossos Classicos tem levissima noticia, persuadem-se que sendo-lhes necessario usar; v. g. da linguagem *amaram-no*, *leram-no*, *ouviram-no*, devem dizer *amaram-o*, *leram-o*, *ouviram-o*; porque é uma posposição, que val o mesmo que o *amaram*, o *leram*, o *ouviram*, conjugação certamente genuina da lingua portugueza.

Porem não diriam assim estes criticos, se tivessem lição dos nossos Classicos, especialmente do Padre Vieira, que sempre ajuntou a particula *no*, e *na* aos verbos naquelles tempos, em que ellas tem logar. Produzir todos os exemplos seria um processo infinito; transcreveremos só alguns para desengano destes modernos grammaticos, cujos escriptos não declaramos por não sermos odiosos.

No tom. 2. pag. 109. diz este Auctor: « *Fizeram-no* assim recolhidos &c. e na pag. 228 se acha « *Quiseram-no* aclamar por seu rei . . . *aclamaram-no* . . . *haviam-no* de prender » &c. No tom. 3. pag. 352 disse tambem « *tinhum-na* elles com merecimento &c.

Não ha hoje igualmente cousa tão commum, como dizer-se v. g.; *ha de se*, em não *ha sede*, quando em Viei-

era a fazenda do pai de familias do evangelho » e entenderia, que bastaria dizer. *A vinha de Naboth era sua — era de Miphiboset a herança de seu pai Saul. — A fazenda do pai de familias do evangelho era sua*; porem saibam os que assim diriam, que o primeiro modo de fallar é do grande mestre da nossa lingua no tom. 5. pag. 450.

Nelle achamos igualmente que nunca dizia, como hoje dizem quasi todos, reino, ou provincias *da Europa*, mas *de Europa*; nem toda *a Europa*, mas *toda Europa*. Veja-se no tom. 6. a pag. 50. onde diz: confusão da christandade *de Europa*, e na pag. 526. « Todas as provincias *de Europa* » &c. e na pag. 110. « *Toda Europa* a servisse á Meza » &c. Jacintho Freire de Andrada constantemente seguiu o mesmo na Vida de D. João de Castro, onde são infinitos os exemplos.

Não despreze o escriptor principiante o que dissemos nesta Reflexão, e pelo que apontamos cuide muito em observar nos Classicos [especialmente em Vieira] outros diversos modos de fallar, nos quaes consiste uma grande parte dos misterios, e delicadezas da nossa pura, e genuina linguagem, as quaes muitas vezes ignoram, ou esquecem aos mesmos cultos.

REFLEXÃO 10.ª

Em que se mostra quanto é facil cahir em erros de grammatica, e prova-se com exemplos do poema Ulyssea.

Ora se tanto é estranhavel ignorar os segredos de uma lingua, quanto mais será censuravel cahir em erros cla-

ros na grammatica della, e muito mais se for de grande nota o Auctor que os commetter?

Rematemos pois este livro, lançando outra vez mão da *Ulyssea* de Gabriel Pereira de Castro, e nesta epopea geralmente applaudida, guiados pela critica que lhe fizera Manuel de Faria e Sousa, mostremos bem aos olhos do escriptor principiante o quanto é facil cahir em erros indesculpaveis da grammatica da sua mesma Lingua, uma vez que claramente os commetteu um Auctor que tem seu logar no catalogo dos nossos Classicos. Dos exemplos que apontaremos tire o leitor por fructo *polir* escrupulosamente os seus escriptos; observando uma e muitas vezes se está errada ou correcta a grammatica delles, para assim evitar a justa critica dos cultos modernos.

Logo na estancia 1. do cant. 1. commetteu este epico uma falta de grammatica, quando disse:

» . . . . . Se eu podesse tanto
» A' patria, ao mundo, á eternidade canto. »

Uma vez que diz *canto*, devia dizer *se eu posso tanto*; e só se dissesse *cantára* é que teria bom logar o *podesse*.

Na est. 73 do mesmo canto ha tambem uma concordancia grammatical, que não passaria hoje sem reparo. Diz o poeta:

» N'outra parte o jardim se vê partido,
» Que uma fina alcatifa representa,
» De que a formosa Chloris, e o marido
» De ser seu jardineiro se contenta » &c.

Para a linguagem ser exacta, uma vez que disse

Chloris e o marido, devia pôr no plural o *contenta*. Os exemplos dos poetas latinos, que talvez o poderiam defender, de nada valem em uma epopea portugueza, cuja Lingua jámais admittiu semelhantes liberdades; antes a mesma concordancia grammatical, que quer na prosa, manda tambem observar no verso, exceptuando algumas especiaes licenças, que concede só á poesia, em cujo caso não estamos por ora.

No mesmo cant. 1. est. 30 ha outra falta de grammatica semelhante á antecedente, e causada tambem por força de consoante.

» Que os diaphanos ceus, e escuro inferno
» Vês a teu grão poder *ajoelhado*. »

Devera dizer em pura linguagem *ajoelhados* concordando com *ceus e inferno*, que reverenceam o grande poder de Jupiter.

No cant. 2. est. do Argumento diz o poeta que «*A grega antena vira*» &c. Este modo de fallar não agradará aos de paladar delicado, assim como não agradou a Manuel de Faria e Sousa, dizendo que as antenas não veem nem ouvem.

No cant. 3. est. 25 usa do participio *esperdiçando*, e censura-lho Ignacio Garcez Ferreira, querendo que dissesse *desperdiçando*, uma vez que no poema pronuncia *desperdicios* e não *esperdicios*. Este critico estranha tambem ao poeta dizer *cónsume* e *prosigue*, dizendo-se já no seu tempo, como pronunciação mais culta, *conséme* e *prosegue*. Não achamos a esta critica mui polido fundamento; e se este poema não tivesse outros erros de grammatica, não teriamos duvida a dizer que não tinha defeito.

No mesmo canto est. 73 faz com que Polifemo, queixando-se de Ulysses, diga:

» Mas como não te *estimo*, nem te *temo*,
» Vendo-te em tal miseria, e tal estado,
» Te agasalhei infame peregrino,
» Que a tudo acha caminhos o destino. »

Supposto dizer *agasalhei*, fallando do passado, não poderá agradar aos escrupulosos o *não te estimo, nem te temo*, posto no presente, e quereriam que o poeta tivesse dito com mais correcta grammatica: *« Mas como não te estimava, nem te temia . . . te agasalhei. »*

Na est. 82 do mesmo canto ha uma falta grammatical, que não póde ter boa defensa, por mais que se empenhem as licenças da syntaxe figurada. Diz Polifemo a seu pai Neptuno:

» Aqui teu filho tens de furia insano,
» Que em tuas aguas lava o sangue immundo,
» De que banhado *estou*, e quasi exanguc » &c.

Bem se vê que devia dizer *está* e não *estou*, visto fallar em terceira pessoa de filho.

No canto 4. est. 53 parece-nos que a critica severa não approvará usar o poeta de *obedece-lo* em logar de *obedecer-lhe*, que é o que pedia já a grammatica do seu tempo. Apontemos os versos.

» Vês as netas belissimas de Belo,
» Que o iniquo mandado executaram
» Do pai, e por melhor *obedece-lo*,
» Os miseros esposos degolaram » &c.

Com tudo nós ainda estranhamos mais a pueril e ridicula antithese de *bellissimas* e *Bello*, e a redundancia do *mandado executaram*, e depois vir a *obedece-lo*.

A est. 108 do mesmo canto não póde passar sem reparo grammatical. Qualquer leitor bastará a julga-lo.

» Que saudoso pranto, e magoas *vejo*
» *Dizer* sem fruto á Lusitana gente » &c.

Não sabemos como pranto e magoas *se vejam dizer*, especialmente o *pranto*, ao qual só compete o verbo *ouvir*. Se dissera «que saudoso pranto e magoas *ouço* sem fructo á Lusitana gente», então entendia-se.

No cant. 5. est. 92 diz *desejar de ve-lo* em vez de *desejar ve-lo*. A particula *de* é certo que no seu tempo era já usada só pela plebe dos escriptores.

» D'um delgado cendal andam vestidas,
» Que accende mais a desejar *de ve-lo* » &c.

isto é, o corpo das nymphas. Para bem devia dizer como Camões: « *Que o desejo de vê-lo mais accende* »; porem a força do consoante o fez cahir em tão empeçada e defeituosa grammatica.

Na est. 87 do mesmo canto usa de um *veio* em logar de um *foi*. E' claro o erro, não estando em Italia quem assim fallava:

» D'aqui Perseo nasceu; Danae cortando
» C'o filho o mar por desusada via
» A Italia *veio* » &c.

Porem eu quasi que antes perdoára esta falta do

que a fastidiosa genealogia em que se cança o poeta nesta estancia, do mesmo modo que o faria o conde D. Pedro.

No cant. 6. est. 12 põe diversos verbos em uns taes tempos, que os não approvam as regras de uma grammatica exacta.

» Ordena-se que o grande Heitor *tomasse*
» A redea, e capitães comsigo *eleja*,
» Que repartisse as hostes, e ordenasse
» O campo, e désse o modo da peleja:
» Que os de Dardania Eneas governasse,
» E acompanhado neste officio *seja*» &c.

Visto dizer *ordena-se*, devia continuar «que o grande Heitor *tome*, *reparta*, *ordene* e *dê*: que Eneas *governe*» &c. E querendo usar de *tomasse* e *governasse*, devia dizer *ordenou-se*, e proseguir dizendo *elegesse* e *fosse*, e não *eleja* e *seja*. Nenhum ouvido haverá que não estranhe esta confusão de linguagens.

Na est. 77 do mesmo canto, fallando de dous capitães peleijando, e comparando-os a dous leões, commette uma grande falta grammatical.

» *Qual* dous leões famintos sobre a presa» &c.

Bem claro está que devia dizer *quaes*, sendo os leões dous, e dous tambem os capitães, dos quaes diz na estancia antecedente que as *espadas levantam refulgentes*.

No cant. 10. est. 32 diz *estava*, pedindo o sentido que dissesse *está*:

» Vejamos o que o fado nos consente,
» E o que por elle decretado *estava*.»

Para exemplos bastem estes reparos, pois que o nosso fim é só avisar ao escriptor principiante, e não esquadrinhar exactamente todos os defeitos grammaticaes que se encontram nesta celebre epopea, que a ser este o nosso assumpto, cresceria em muitas paginas esta Reflexão.

FIM DA TERCEIRA PARTE.

NOTAS.

Additamento e retoques á Prefação anteposta á 1.ª parte.

O espaço que medeou entre a impressão da 1.ª e das 2.ª e 3.ª partes desta obra deu logar a se offerecerem occasiões de haver noticia de mais algumas composições do nosso A., e de se rectificarem algumas inexactidões: — com o presente addicionamento ficará o mais completo, que nos foi possivel, o catalogo estampado em seguida ao Prologo da parte primeira.

Primo: — A pag. VI da Prefação, linha penultima do texto, onde se marca o anno de 1828, deve ler-se 1829.

A pag. IX quasi no fim, onde está «*que todavia se saiu á luz em 1784, annos depois do seu fallecimento*» — substitua-se — «*que saiu á luz em 1758*».

A pag. XV lin. 1.ª onde se menciona o anno de 1758 lêa-se 1759 — e accrescente-se — «*na mesma officina, 2 vol. de 8.º*».

Na mesma pag. *ad finem*, em logar da data da impressão da *Arte Poetica de Horacio traduzida* &c. 1784 — lêa-se 1758.

Secundo: — a pag. XXII vai incluida nas ineditas uma obra com o titulo — *O Mentor de Fidelmo*, escriptor principiante. — *Acha-se porem impressa sob o titulo seguinte* — «O Mentor de

Philandro. Epistolas a um escriptor principiante, por Candido Lusitano. Coimbra: na imprensa de Trovão e Comp.ª 1826. 12.º fr. — São dez epistolas em verso: e consta de 59 paginas ao todo.

Tertio: Accrescentem-se ao catalogo das impressas as obras seguintes: — « *Arte historica, por Candido Lusitano.* Coimbra: na imprensa de Trovão e Comp.ª 1826. 12.º fr. — Consta de dois livros em verso solto, e tem ao todo 47 pag. de impressão.

— « *Santos Patronos contra as tempestades de raios, invocados em devotos hymnos publicados por Candido Lusitano.* Lisboa na officina Sylviana. 1768. 8.º — Alem de muitos hymnos do A., comprehende esta pequena collecção outros compostos por varios socios da Arcadia. Consta ao todo de 82 paginas.

— « *Memorias das principaes providencias que se deram no terremoto que padeceu a côrte de Lisboa no anno de* 1755. — 1758. folio; sem o nome do Impressor. Sahiu este livro com o supposto nome de « Amador Patricio: » porem o Catalogo da Real Livraria das Necessidades dá como auctor destas Memorias o P.e Francisco José Freire.

Ás Reflexões 1.ª e 2.ª — *Sobre palavras antiquadas.*

No catalogo que o A. ordenou dão-se como obsoletas e fóra de uso muitas palavras que no sentido proprio quotidianamente se empregam, ou porque são necessarias e porventura unicas em seu significado, ou porque nunca se proscreveram e só os escrupulosos seiscentistas as refugavam, ou porque a influencia da lição dos Classicos, hoje louvavelmente renovada, as tornou a pôr em voga. Incluiu tambem o A. no mesmo vocabulario os nomes de armas antigas, os termos de brasão, os que designam cargos civis ou militares, hoje abolidos: todavia não se podem considerar antiquados, porquanto todas as vezes que nos fôr necessario indicar os objectos por essas vozes designados havemos lançar mão dellas: logo só podemos dizer que entram ellas com menos frequencia no discurso, e só em certos casos, mas nunca se mette-

remos no rol das palavras desusadas. — Das que no tracto commum ainda hoje correm, fasemos a seguinte lista.

Acatar.	Caimão.	Novel.
Acendrar.	Denodado.	Palafrem.
Acendalha.	Derrocar.	Páreas.
Acepilhar.	Despeito.	Passamento.
Acintemente.	Embaimento.	Pejar.
Acodado.	Embetesgar.	Pequice.
Açotea.	Esbulho.	Pincaro.
Adentado.	Fôjo.	Prol.
Áfan.	Fouveiro.	Rebiques.
Alquebrar.	Guarida.	Relé.
Arteiro.	Infunado.	Retouçar.
Assomada.	Levantisco.	Roaz.
Barafustar.	Mainel.	Roçagante.
Betar.	Maninho.	Sáfaro.
Britar.	Marulho.	Sandeu.
Cadímo.	Nado.	Talar.

Ainda no mesmo catalogo, encontramos palavras que pedem algumas breves adverteneias, que escreveremos seguindo sempre a serie alphabetica.

Acontiado: alem das significações que lhe dá o A. tinha outra, talvez mais commum que todas ellas. Por *acontiados* se entendiam aquelles individuos, não que recebiam quantia, mas sim que tinham de seu *quantia (contia* ou *conthia)* de bens sufficientes para poderem servir na guerra com cavallo e armas. Esta significação é tão frequente nos documentos antigos, que mais que tudo admira escapasse não só ao nosso A.; mas tambem ao P.e Viterbo no *Elucidario*, a Moraes nas primeiras edições do Diec. e até ao proprio Diccionario da Academia. A' vista deste silencio allegaremos as auctoridades, que nos abonam.

Consulte-se o chamado *Regimento da Guerra*, que se attribue a ElRei D. Diniz, e que de certo tem determinações muito posteriores; impresso pela primeira vez no tom. 3.º das

Provas da Histor. Genealog. da Casa Real, Lisboa 1744 ás fol. 304; se bem que enormemente mutilado e incorrecto; e ao depois impresso com muita correcção no 1.º liv. das *Orden. Affonsinas*, Coimbra 1792, por se achar nellas incorporado; neste *Regimento*, se manifesta e confirma a cada passo aquella significação de *acontiado*. E para não accumularmos citações, que enfadarião pela sua invariavel conformidade, bastar-nos ha abrir o dito 1.º liv. daquellas ordenações, no seu tit. 71, que trata = *Dos Coudees e Regimentos, que a seus officios pertencem* = cujo 1.º cap., que se inscreve = *Das Conthias, per que hamde seer lançados cavalos, e armas em todos nossos Regnos* = começa assim:

« Na cidade de Lixboa, e em toda a Estremadura os que
» teverem bẽes, que valham quarenta marcos de prata avaliados
» segundo nós mandamos, ou mandarmos que valha, teerem
» cavallos recebondos, e estas armas, que se seguem, &c.
» e posto que lhe do dito avaliamento falleça hũm marco de
» prata, de guisa, que nom sejam mais de trinta e nove, nom
» lhes leixem de lançar o dito cavalo e armas. »

E assim continua todo o cap. determinando differentes *quantias* conforme as Comarcas, &c.

No *Inventario* do Cartorio da Comarca de Evora, feito no tempo do reinado d'ElRei D. João 1.º, o qual *Inventario* está no Livro grande de pergaminho, da mesma Camara, vem a fol. ix o summario dos *artigos especiaes*, que os Procuradores desta Cidade deram nas Cortes, que ElRei D. Affonso (4.º) fez em Santarem; e um destes *artigos* falla:

» que os desta Cidade erom agravados em seerem costranjidos
» em teerem cavallos de quinhentas libras, porq̃ as gentes erom
» moi pobres e menguadas, e q̃ lhe pediam por merçee q̃ nõ
» foram costranjidos pera os teer saluo de quantia de mill li-
» bras. ElRey respondeo q̃ já sobre esto mandara, e lhe fe-
» zera merçee q̃ lhe nõ avaliasem em a dita contia as casas,
» nẽ as roupas, e alfaias; e q̃ lhes nũca fezera nẽhũu Rey,
» q̃ ante elle fôra. »

E no mesmo liv. a fol. xiiij, fazendo menção de *artigos*, que foram dados per os Concelhos nas Cortes, que ElRei D. João

1.º fez em Coimbra, era de 432, de Christo 1394, ha um *artigo*, que falla;

» q̃ algũus forom costrãjidos pera teerem cauallos e armas; e
» q̃ algũus perderom per necesidades e auenticias parte dos
» beens, e q̃ lhe pediam por merçee q̃ lhe mandasse auallar
» nouamente seus beẽns, e q̃ das contias, q̃ lhe forem achadas,
» q̃ daquellas fosem costranjidos. ElRey respondeo q̃ lhe pra-
» zia que aquelles q̃ casasem seus filhos, ou lhes morressem as
» molheres, q̃ a estes aualiem seus beñs, e outros nõ sejam
» auallados, saluo se ouuerem suas cartas.»

Concluiremos fazendo um leve reparo, e é que os nossos modernos legisladores, não sabemos se por fugirem, se por não terem noticia da antigualha portugueza de *quantia* (contia), e *aquantiados* (acontiados), adoptaram para exprimir a mesma ideia outra antigualha, ainda mais velha, e romana, naturalisando as palavras *censo*, *recenseado*, &c.

Adestro. Lê-se no *Elucidario* pelo P.e Fr. Joaquim de Santa Rosa, verb. *adextrado* o seguinte — « Hoje dizemos *cavallo á destra* por cavallo acobertado, e que só por ostentação e grandeza d'estado vai na comitiva. Das cousas que vão de mais, ou só por recreação e allivio, dizemos que vão *adestro*. » — Vid. tambem o Dicc. da Acad. na palavra *A destro*, como formula adverbial.

Adáa; significa tambem — pastagem commum para os bois dos singelleiros, e outros lavradores, que á não tinham sua — E' frequentissimo nos arestos antigos da Camara de Arrayolos, até ao meado do seculo de seiscentos. Foi desconhecida esta significação assim ao A. do *Elucidario*, como aos do *Diccion. da Acad.*

Em um Alvará dado por ElRei D. João 3.º em Santarem a 8 de Julho de 1546, registado ás fol. 60 do liv. competente das vereações da dita Camara, se lê no principio;

« Eu ElRey faço a saber a quantos este meu alvará vy-
» rem que entre os capitulos particulares, que . . . . . a vylá
» d'Arrayolos por seus procuradores, q̃ enviou ás cortes, q̃ fiz
» na vila d'Almeirim o anno de 544, veio um capitulo, de

» que o teor tal he — Primeiramente que por ser esta vila de
» muitas vynhas, e olivaes, e outras bemfeitorias, e os mo-
» radores dela os mais honrados ordenarem lavoyra, pera a
» qual tem bois, q̃ danão as ditas bemfeitorias, por não ha-
» ver *adua*, em que se recolham: que sua Alteza haja por bem
» que se tomem as herdades pertencentes pera ella; e que os
» senhorios os não tolhão, ainda que pera ello tenham posse,
» e privilegios; e sejam avaliadas as herdades por tres ou qua-
» tro homens, pera se pagarem; e se pagará como ora estam
» arrendadas; e que toda pessoa, que tiver bois dentro na vil-
» la, seja carreteiros, como lavradores, vam lá pastar, sob
» pena de pagar de vazio, e mais da pastura da camara o que
» fôr ordenado. »

E mais adiante

« Ey por bem, e me apraz que na dita vila haja *adua* pe-
» ra os bois, a qual se fará na herdade de Santana, que he
» do Espritall da ditta villa, e será pera isso dada ao Conce-
» lho della d'arrendamento por tempo de nove annos por de-
» zanove moios de pam em cada hũ anno, convem a saber qua-
» tro de triguo, e os quinze de cevada, que he mais hum moyo
» de cevada, do que ora a dita herdade rende; com tal de-
» craração que os Juizes e officiaes do Concelho da dita vila
» ordenem e dem dous homens seguros e abonados, que to-
» mem sobre si o arrendamento da dita herdade, e pagamento
» della; os quaes se obrigarão por si e seus bens, como princi-
» paes pagadores, de dar, e pagar ao Esprytall os ditos de-
» zanove moios de pam em cada hum anno, durando os ditos
» nove annos, ao tempo da novidade, ou sua justa valia: não
» lhos pagando que sejam por ello executados em seus bens e
» fazenda, sem o Concelho, nem outra alguma pessoa pera
» ello mais serem citados, nem requeridos, &c. »

Pela continuação de ser a adua na herdade de Sant'Anna, se veio a mudar o nome da herdade, que ainda hoje se chama da Adua.

Adueiro, era o guardador dos bois, e das pastagens da Adua. — Como se vê da Postura feita pela Camara e Governança da

da Villa de Arrayolos em 20 de Agosto de 1528, e está ás fol. 92 a 94 do liv. das Posturas daquelle anno, no seu Cartorio.

Aforada: no logar citado de Fr. Luiz de Sousa parece ter a significação de *tida em valia, privilegiada*: diz assim — «confesso não me atrevia a sobir a este logar, porque estando tão bem *aforado*, como tendes estes dias visto, arreceava que perdesse por mim o que por elles tem ganhado.»

Alhurkuquerque: na passagem allegada de Fr. Francisco Brandão, (que é um documento de 1285) não vem escripta como uma só palavra. É a seguinte. «Assi daquillo que eu hei em Portugal e em Leon, como em Galiza, como *alhur hu quer qie* eu o haja...»

Amornetado: não nos parece que tenha a accepção que lhe dá o A., mas tambem não temos por exacta a que lhe aponta o Dicc. de Moraes: o caso é que o Dicc. da Academia traz o mesmo logar da Aulegrafia e não o interpreta.

Aosadas: segundo o Diec. da Academia significa *ousadamente, affoutamente.*

Atimar: o Diccionario da nossa Academia fundando-se na auctoridade de Faria e Sousa dá a este verbo o significado de *emprehender, commetter um feito:* porem o P.e Santa Rosa no *Elucidario* diz expressamente que a sua equivalencia é *concluir, executar, levar a cabo alguma empreza, obra ou façanha.*

Mó: é notavel o engano do A. fazendo corresponder a esta palavra no sentido methafórico *arruido:* não é assim, porque da *mó* do moinho, de figura circular, veio a expressão *mó de gente* para denotar *roda de gente.* As eguas que andam com as crias nas serras quando presentem lobo fazem um circulo, mettem os filhos no meio e defendem-se a couces, jogando por tal fórma esta artilharia de garupa que as mais das vezes o acommettedor erra os pulos e retira-se com o focinho partido e sem poder empregar as garras: aquella roda das eguas é a *mó*, e neste sentido se explicou Jorge Ferreira na passagem citada.

Oniudo: deve ser *onjudo:* o *Elucidario* diz o seguinte: — «Convem este nome a todo o christão; pois verdadeiramente são

ungidos com a Graça do Senhor, que no Baptismo receberam. Acha-se no Poema da Destruição d'Hespanha *apud* Facis.»

Na segunda Reflexão desta parte terceira queixa-se o A. com muita rasão de nos esquecer-mos de certos verbos, cuja falta obriga a circumloquios e a quebrantar-se o vigor da frase: a este respeito dizemos o mesmo que no principio da presente nota; ha muitos que novamente correm, como boas moedas de lei; ha outros que a necessidade da materia tratada introduz algumas vezes no discurso; e outros que por não terem autoridade e parecerem de estranha pronunciação ninguem ousa admittir. Faceis são de conhecer, ao lançar os olhos pelas pag. 62 e 63, e por isso os não resumimos em listas.

Á Reflexão 6.ª — *Sobre as palavras que o estilo grave rejeita.*

Geralmente são verdadeiras as observações do A., porque ha termos, que alguns denominam rasteiros, e poluem um discurso nobre; mas tambem occasiões se offerecem em que *é* forçoso emprega-los. O bom juizo do escriptor é a lição que elle tiver dos modelos de eloquencia e linguagem o desviarão de usar vocabulos que trazidos fóra de proposito façam ridiculo qualquer periodo. No seculo passado, como por vezes temos observado, reinava a mania de gastar palavras em demasia, e por isso alcunharam de plebeus certos nomes, que todavia podem convenientemente entrar na oração sem a desfeiarem. Porque se não hade chamar a um porco *um porco*, se o caso o pedir?... Porque se não hade dizer *porqueiro*?.. *guardador de gado immundo* como o A. aconselha a pag. 104, alem do estirado da frase é ridicula affectação. — Desta mania felizmente estamos curados, sem que por isso faltemos ao *decóro oratorio*.

Daremos comtudo alguns exemplos para mostrar que certas palavras condemnadas neste capitulo, e só consentidas pelos contemporaneos do A. no estilo familiar ou escurril, tem todo o cabimento em grave discurso. O A. guiado pelo seu juizo claro como que tem pezar de pôr de parte muitas palavras, temendo

porem encontrar abertamente o seu seculo, contentou-se com a indicação dos Classicos mais conhecidos que as usaram: — de Classicos tambem de irrefragavel auctoridade serão os poucos exemplos, que vamos apresentar.

Abocanhar: D. Francisco Manuel, *na Carl. de G.*, disse-o das damas que abocanhavam linguas estranhas sem nenhuma saberem: porem ha occasiões em que se pode usar em serio assumpto, e com elegancia, como fez Brito, *Mon.* p. 1.ª l. 2.º cap. 19 — "Como homem que vinha deliberado a conquistar rasamente toda a Hespanha, e não queria *abocanhar* muito, para no fim da jornada se achar sem cousa nenhuma.,, —

Acabado por *debilitado:* empregou-o muito convenientemente o P.e Chagas. *Romilh. Expir. Sermão* 12 n.º 25. — "E agora apenas vos conheço, segundo vos vejo velho, *acabado* e consumido.,, —

A'cinte: como substantivo, o temos nos sermões de Ceita nesta phrase — "Um peccador affrontado mais se entrega então aos *acintes* da vida torpe que não em os braços da emenda e penitencia.,, — Como adverbio, lê-se em Fr. H. Pinto. tom. 1.º dial. 3.º cap. 5.º — "E por aqui vereis quão grave peccado é eleger *ácinte* homens indignos, por affeição, ou particular interesse.,, —

Aleijão: no sentido natural ha tambem *lesão*, *deformidade*; porem o polido Barros usou-o no sentido figurado, Decad. 4.ª liv. 4.º cap. 18. — "Natural *aleijão* dos avarentos que sempre tem mais conta com a fazenda que com a honra e vida.,,

Anão: Vieira disse: — "a arvore mais *anãa* é maior que herva gigante.,, E Lucena. Vid. do Santo Xav. liv. 8.º c. 18. "Quem diz homem, não diz se é pequeno ou grande, *anão* ou gigante.,,

Arrenegar.—Em verso bastará o exemplo de Camões: cant. 4.º est. 40.

> Os Pereiras tambem arrenegados
> Morrem, arrenegando o céu e os fados.

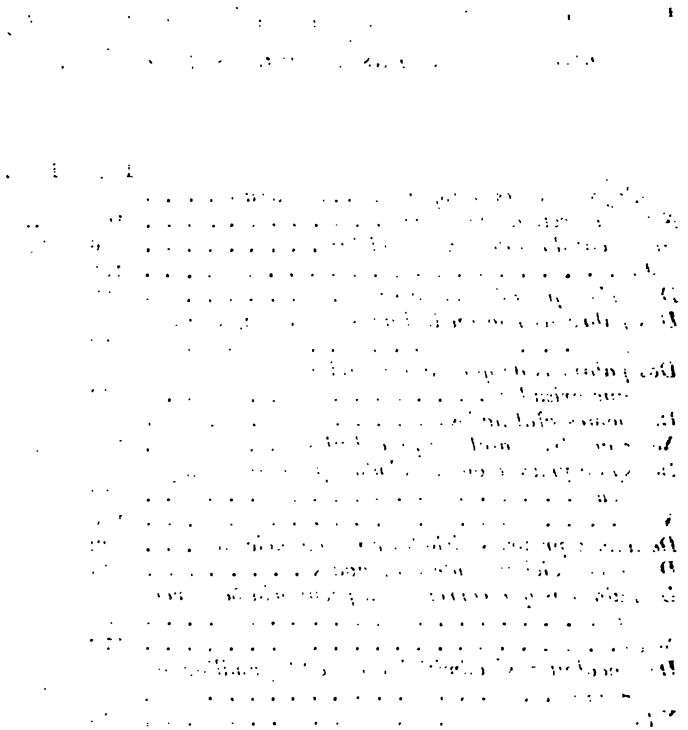
Em prosa citaremos D. Francisco Manuel nos *Apol. dialogaes*

f. 136. — " Arrenego das virtudes exprimidas do artificio. ,, Todavia este exemplo pertence ao estilo familiar. Mas o eloquente Vieira disse n'um Sermão. — " Quantos précitos estão no inferno arrenegando dos seus despachos! ,,

Atanazar: daremos dois exemplos no sentido metaphorico; porque não admira que se use quando exprime o tormento dado pelo algoz. — " Bem é que lhe dessem um algoz familiar e interior que o andasse perpetuamente assombrando e *atanasando* com a memoria da injustiça, que com seu irmão tinha usado. ,, P.e Barthol. Guerr. — *Gloriosa Corôa* &c. part. 4.a cap. 87 pag. 722. — " O amor de todas estas temporalidades devia continuamente *atazanar* a Nicodemos que se não pusesse em risco de as perder. ,, Fr. Antonio Fêo. Trat. 1.o folh. 3.a col. 3.a

Indice dos vocabularios, ou catalogos de palavras, comprehendidos nas tres partes desta obra.

	Pag.	Part.
Catalogo de vozes antiquadas . . . . começa a	23	1.ª
Notas respectivas ao mesmo	164	,,
Outro catalogo de vozes obsoletas	6	3.ª
Notas	132	,,
De verbos que estão em desuso.	62	,,
Das palavras não auctorisadas por exemplos Classicos	33	1.ª
Das palavras de que muitos duvidam, mas que são auctorisadas	38	,,
Dos nomes alatinados	45	,,
Notas aos tres catalogos precedentes	166	,,
Dos synonymos e dos vocabulos que entre si differem	77	,,
Notas	170	,,
De nomes proprios viciados na pronunciação . . .	22	2.ª
De verbos viciosamente conjugados	26	,,
De palavras que correm com pronunciações diversas	39	,,
Notas	172	,,
Dos vocabulos só admittidos em estilo familiar ou jocoso	76	3.ª
Notas	138	,,



INDICE.

Pag.

Reflexão 1.ª — *Em que se dá a lêr um copioso Catalogo de antigas palavras portuguezas, para instrucção do principiante no estudo da nossa historia e litteratura dos primeiros seculos da Lingua* . . . 5

Reflexão 2.ª — *Sobre a falta que temos de muitos verbos, de que usavam os nossos antigos, e hoje injustamente se dão por antiquados* 61

Reflexão 3.ª — *Em que se trata das redundancias no fallar* 64

Reflexão 4.ª — *Em que se recommenda a propriedade nos epithetos e expressões* 67

Reflexão 5.ª — *Sobre muitos vocabulos, que presentemente senão admittem em estilo magnifico, e sublime, mas só no familiar, comico, ou jocoso &c.* 75

Reflexão 6.ª — *Illustração á Reflexão 3.ª da 2.ª Parte, que trata dos nomes que tem commum de dous o seu genero &c.* 114

Reflexão 7.ª — *Em que se addicciona a Reflexão 4.ª da 2.ª Parte que trata dos superlativos* 117

Reflexão 8.ª — *Addiccionamento á Reflexão 9.ª da 2.ª Parte* 118

Reflexão 9.ª — *Em que se discorre sobre o uso de algumas particulas, que se ajuntam a verbos e nomes* 121

Reflexão 10.ª — *Em que se mostra quanto é facil cahir em erros de grammatica, e prova-se com exemplos do poema* Ulyssea. 124

Notas 131

Erratas para maior correcção da 1.ª *Parte.*

			Erros.	*Emendas.*
Pag.	7	lin. penult.	*mille*	*melle*
»	9	» 6	D. Fr. Manuel	D. Francisco Manuel
»	23	» 7 e 10	*anojo*	*annojo*
»	39	» 5	pag. 171 col. 3.ª	pag. 172 colleç. 1.ª
»	68	» 22	supprima-se: *somas*	lêa sómente: *rimas sonoras*
»	81	» 6	*geamancia*	*geomancia*
»	89	» 8	pag. 256 v.º	pag. 256 v.º da Hist. de S. Dom.
»	»	» 20	*Cantoria*	*Cantôra*
»	94	» 30	exterior	interior
»	98	» 21	vigorosa	rigorosa
»	99	» 14	*Doador*	*dador*
»	132	» 18	presa	prosa

Erratas da 3.ª *Parte.*

			Erros.	*Emendas.*
Pag.	13	lin. 28	*Abrotar*	*Alrotar*
»	17	» 17	Arrevezar	*Arrevessar*
»	22	» 26	cabello	capêllo